

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE DE  
RIBEIRÃO PRETO  
DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CONTROLADORIA E CONTABILIDADE

CARLA MILENA GONÇALVES FERNANDES

Entre Prismas Teóricos, Metodológicos e Pedagógicos: reflexões sobre os futuros doutores  
em contabilidade

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriana Maria Procópio de Araujo

RIBEIRÃO PRETO - SP

2024

Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior  
Reitor da Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Fabio Augusto Reis Gomes  
Diretor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto

Prof. Dr. Carlos Alberto Grespan Bonacim  
Chefe do Departamento de Contabilidade

Prof. Dr. Marcelo Botelho da Costa Moraes  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade

**CARLA MILENA GONÇALVES FERNANDES**

Entre Prismas Teóricos, Metodológicos e Pedagógicos: reflexões sobre os futuros doutores  
em contabilidade

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Ciências. Versão corrigida. A original encontra-se disponível na FEA-RP/USP.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriana Maria Procópio de Araujo

RIBEIRÃO PRETO - SP

2024

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA  
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA  
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal  
de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

### FICHA CATALOGRÁFICA

FERNANDES, Carla Milena Gonçalves

Entre Prismas Teóricos, Metodológicos e Pedagógicos: reflexões sobre os  
futuros doutores em contabilidade. Ribeirão Preto, 2024.

394 p.: il.; 30 cm

Tese de Doutorado, apresentada à Faculdade de Economia, Administração e  
Contabilidade de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Controladoria e  
Contabilidade.

Orientadora: Araujo, Adriana Maria Procópio de.

1. Futuros doutores em contabilidade. 2. Prisma Teórico. 3. Prisma  
Metodológico. 4. Prisma Pedagógico.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: FERNANDES, Carla Milena Gonçalves.

Título: Entre Prismas Teóricos, Metodológicos e Pedagógicos: reflexões sobre os futuros doutores em contabilidade.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Ciências.

Aprovado em: 04 de julho de 2024.

### Banca Examinadora

Prof. Dr. Ermani Ott

Julgamento: aprovado.

Instituição: Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr<sup>a</sup>. Silvia Pereira de Castro Casa Nova

Julgamento: aprovado.

Instituição: Universidade de São Paulo

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Alexandre Costa Quintana

Julgamento: aprovado.

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande

Assinatura: \_\_\_\_\_

Dedico esta tese aos meus pais pela oportunidade da vida.

## AGRADECIMENTOS

Até este momento essa é uma das escritas mais importantes que fiz, pois quando estamos na fase de agradecer é porque algo importante está acontecendo. Pois bem, chego ao final da escrita de minha tese com muita gratidão e a certeza de que todos os sonhos podem se concretizar.

Valdaci e Luiz Carlos, meus pais, com humildade, honestidade e coragem completam em 2024, 42 anos de casados, dois filhos e um neto, jamais imaginariam a algumas décadas atrás ter uma filha doutora na família. Hoje vocês têm. Mérito nosso.

Nesse percurso há muito o que e a quem agradecer. Minha fé em Deus, na vida, nas energias positivas que emanamos e recebemos. Agradeço a minha família, especialmente ao meu marido, Rodrigo, pelo amor, respeito aos meus sonhos e apoio incondicionais nesses 17 anos de convivência.

Agradeço aos meus mestres, Professores que nas diversas fases da vida foram exemplos para mim e fizeram com que esta vontade de ser Professora falasse ainda mais alto. Nesse meu percurso acadêmico, meu respeito e gratidão a minha orientadora Adriana, a minha banca composta por Professores de tão alto gabarito, aos amigos da vida e aos que fiz na academia.

Agradeço especialmente aos colegas, futuros doutores e doutoras em contabilidade, que gentilmente participaram da pesquisa. Saibam que suas trajetórias e contribuições foram fundamentais para a composição desta tese.

Por fim, agradeço ao Programa de Pós-Graduação da FEA-RP/USP, a CAPES pelo fomento da bolsa e a todos que direta ou indiretamente torceram para que esta etapa importante de minha vida fosse concluída com êxito.

**“Há épocas na vida do homem em que as dificuldades e contradições se acumulam por tal forma que é preciso ter valor e coragem a toda prova para não sucumbir ao desânimo”.**

Sebastião Ferreira Soares



## RESUMO

Fernandes, C. M. G. (2024). *Entre Prismas Teóricos, Metodológicos e Pedagógicos: reflexões sobre os futuros doutores em contabilidade* [Tese de Doutorado]. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo.

A existência de proximidades construídas ao longo da trajetória acadêmica e profissional é um dos elos principais para compreender o modo como os sujeitos interpretam e ressignificam suas ações, como por exemplo, ao ingressar em um programa de pós-graduação *stricto sensu*. Um programa de doutorado é um local de socialização, conectado a outras áreas, cujos alunos (re)constróem o processo de produção de conhecimento. Nesse contexto, o objetivo da tese foi analisar as implicações teóricas, metodológicas e pedagógicas compreendidas por doutorandos em Ciências Contábeis no que compete a construção da tese, bem como do ser profissional. Para a investigação de tal objetivo, a sustentação teórica foi composta pela Teoria do Apego de John Bowlby e Mary Salter Ainsworth, além do suporte do Interacionismo Simbólico na perspectiva de George Herbert Mead, Herbert Blumer e Kathy Charmaz. Para a composição metodológica, a tese constitui-se sob a posição ontológica subjetivista a partir de um viés epistemológico interpretativista. Além disso, para a análise das 105 entrevistas semiestruturadas realizadas entre outubro de 2023 e janeiro de 2024 utilizou-se como método a *Grounded Theory* a partir da vertente sociológica de Kathy Charmaz. As análises permearam (i) trajetória profissional e acadêmica de estudantes que escolheram ser doutores em Contabilidade; (ii) o processo de proximidade nas relações orientador/doutorando; (iii) implicações teóricas e metodológicas na construção de uma tese; (iv) implicações pedagógicas do ser profissional na ambiência de um doutoramento em Contabilidade; e a (v) construção de uma *Grounded Theory* que culminou no desenvolvimento de três dimensões adjacentes e uma dimensão central. Alguns dos principais resultados suscitaram reflexões como: (1) o ingresso em um programa de doutorado, em sua maioria, é influenciado pelas proximidades construídas desde a graduação, principalmente com Professores que julgam ser ‘docentes que inspiram’; (2) predominância de pesquisas positivistas-funcionalistas decorrentes de influências recebidas desde a formação inicial; (3) primazia pela coleta de dados utilizando-se de informações disponibilizadas em meio digital pelas empresas; (4) quase nula a existência de disciplinas obrigatórias que tratem da preparação docente; (5) disciplina de Metodologia do Ensino Superior e Estágio Docência como únicos meios na promoção de discussões didático-pedagógicas e preparação docente; (6) ênfase na formação de pesquisador e uma incipiente formação docente nos programas de doutorado em Contabilidade; e (7) intenções profissionais direcionadas ao exercício da docência em Instituições Públicas de Ensino. As contribuições sinalizaram sob o Prisma Teórico a predominância da formação *mainstream*, porém com uma tendência a integração de epistemologias tradicionais com epistemologias alternativas (Dimensão de Matriz Conceitual Relacional), sob o Prisma Metodológico uma predominância por métodos estatísticos com menor ênfase a métodos qualitativos, além de uma ênfase significativa de coleta das informações, por meio de dados secundários (Dimensão de Matriz Procedimental Tradicional) e sob o Prisma Pedagógico uma ênfase na formação de pesquisadores em comparação a formação docente, bem como um predomínio pela intenção de

entrada e/ou continuidade na carreira docente em universidades federais com menor ênfase para atuação em outras atividades profissionais contábeis (Dimensão de Matriz Atitudinal Comportamental). A partir das três dimensões adjacentes construídas conclui-se que há necessidade de realizar, minimamente, algumas reflexões. Primeiro sobre a entrada de novas concepções epistemológicas no cerne de um doutoramento em Contabilidade. Segundo o desenvolvimento de conexões entre os programas de doutorado no Brasil e terceiro uma reflexão mais pormenorizada a respeito do processo de direcionamento profissional dos futuros doutores em Contabilidade tendo em vista que a maioria dos entrevistados atuam ou atuarão nas universidades brasileiras como professores e pesquisadores (Dimensão de Matriz Direcional Transacional).

**Palavras-chave:** Futuros doutores em contabilidade; Prisma Teórico; Prisma Metodológico; Prisma Pedagógico.

## ABSTRACT

Fernandes, C. M. G. (2024). *Between Theoretical, Methodological and Pedagogical Prisms: reflections on future doctors in accounting* [Doctoral Thesis]. School of Economics, Business Administration and Accounting at Ribeirão Preto. University of São Paulo.

The existence of proximities built up over the course of an academic and professional career is one of the main links to understanding how subjects interpret and re-signify their actions, such as when they enter a stricto sensu postgraduate program. A doctoral program is a place of socialization, connected to other areas, where students (re)construct the process of producing knowledge. In this context, the aim of this thesis was to analyze the theoretical, methodological and pedagogical implications understood by doctoral students in Accounting in terms of the construction of the thesis, as well as being a professional. In order to investigate this objective, the theoretical framework was composed of John Bowlby and Mary Salter Ainsworth's Attachment Theory, as well as the support of Symbolic Interactionism from the perspective of George Herbert Mead, Herbert Blumer and Kathy Charmaz. In terms of methodology, the thesis is based on a subjectivist ontological position from an interpretivist epistemological perspective. In addition, for the analysis of the 105 semi-structured interviews carried out between October 2023 and January 2024, the Grounded Theory method was used, based on Kathy Charmaz's sociological approach. The analyses permeated (i) the professional and academic trajectory of students who chose to become PhDs in Accounting; (ii) the process of proximity in supervisor/doctoral student relationships; (iii) theoretical and methodological implications in the construction of a thesis; (iii) theoretical and methodological implications in the construction of a thesis; (iv) pedagogical implications of being a professional in the environment of a PhD in Accounting; and (v) the construction of a Grounded Theory that culminated in the development of three adjacent dimensions and one central dimension. Some of the main results touched on reflections such as: (1) the majority of students entering a doctoral program are influenced by the proximity they have built up since graduation, especially with professors they consider to be 'teachers who inspire'; (2) the predominance of positivist-functional research resulting from influences received since initial training; (3) the primacy of data collection using information made available digitally by companies; (4) almost no compulsory subjects dealing with teacher preparation; (5) Higher Education Methodology and Teaching Internship as the only means of promoting didactic-pedagogical discussions and teacher preparation; (6) emphasis on researcher training and incipient teacher training in doctoral programs in Accounting; and (7) professional intentions aimed at teaching in Public Teaching Institutions. From a theoretical perspective, the contributions indicate a predominance of mainstream training, but with a tendency to integrate traditional epistemologies with alternative epistemologies (Relational Conceptual Matrix Dimension). Under the methodological prism, a predominance of statistical methods with less emphasis on qualitative methods, as well as a significant emphasis on collecting information using secondary data (Traditional Procedural Matrix Dimension) and under the pedagogical prism, an emphasis on training researchers compared to training teachers, as well as a predominance of the intention to enter and/or continue a teaching career at federal universities with less emphasis on working in other professional accounting activities (Behavioral Attitudinal Matrix Dimension). Based

on the three adjacent dimensions constructed, it can be concluded that there is a need to make some reflections. First on the entry of new epistemological conceptions at the heart of a doctorate in Accounting. Second the development of connections between doctorate programs in Brazil, and third party a more detailed reflection on the process of professional direction of future doctors in Accounting, given that the majority of interviewees work or will work in Brazilian universities as professors and researchers (Transactional Directional Matrix Dimension).

**Key-words:** Future doctors in accounting; Theoretical Prism; Methodological Prism; Pedagogical Prism.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.....	33
Figura 2.....	36
Figura 3.....	40
Figura 4.....	43
Figura 5.....	51
Figura 6.....	63
Figura 7.....	70
Figura 8.....	77
Figura 9.....	100
Figura 10.....	204
Figura 11.....	238
Figura 12 e Figura 13 .....	265

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 .....	27
Tabela 2 .....	58
Tabela 3 .....	65
Tabela 4 .....	73
Tabela 5 .....	79
Tabela 6 .....	158
Tabela 7 .....	200
Tabela 8 .....	215
Tabela 9 .....	235
Tabela 10 .....	256
Tabela 11 .....	294
Tabela 12 .....	297
Tabela 13 .....	300
Tabela 14 .....	301
Tabela 15 .....	303
Tabela 16 .....	308
Tabela 17 .....	315
Tabela 18 .....	317
Tabela 19 .....	319
Tabela 20 .....	326
Tabela 21 .....	335
Tabela 22 .....	337
Tabela 23 .....	339

## LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
GT	<i>Grounded Theory</i>
FUCAPE-SP	Fucape <i>Business School</i> São Paulo
FUCAPE-ES	Fucape <i>Business School</i> Espírito Santo
FURB	Universidade Regional de Blumenau
MEC	Ministério da Educação e Cultura
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPB-JP	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UNB	Universidade de Brasília
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
USP	Universidade de São Paulo
USP/RP	Universidade de São Paulo Ribeirão Preto

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>19</b>
1.1	Contextualização	19
1.2	Lacuna e problema de pesquisa	22
1.3	Objetivo geral, específicos e a justificativa para a pesquisa	24
1.4	Delimitação da pesquisa	26
1.5	Propositura da tese	28
1.6	Contribuições esperadas	28
1.7	Percurso pessoal e profissional da pesquisadora	29
1.8	Estrutura da tese	30
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>32</b>
2.1	Teoria do Apego	32
2.1.1	<i>Teoria do Apego em adultos</i>	34
2.1.2	<i>Teoria do Apego na área de negócios</i>	37
2.2	Interacionismo Simbólico	40
2.2.1	<i>Interpretação: o impulsionar do eu</i>	43
2.2.2	<i>Ressignificação: o (re)criar das interpretações e interações sociais</i>	44
2.2.3	<i>Novas ações: resultantes da resignificação</i>	46
2.3	O percurso doutorando-doutor: a tese nesse entremeio	48
2.3.1	<i>Prisma Teórico</i>	51
2.3.2	<i>Prisma Metodológico</i>	53
2.3.3	<i>Prisma Pedagógico</i>	54
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>56</b>
3.1	Caracterização da pesquisa	56
3.2	Caracterização dos sujeitos da pesquisa	57
3.3	Construção das evidências	59
3.3.1	<i>Construção da História de Vida Profissional</i>	59
3.3.2	<i>Construção da História Oral</i>	61
3.3.3	<i>Construção da Entrevista</i>	62
3.4	Processo de análise das evidências: o uso da <i>Grounded Theory</i> como método de pesquisa qualitativa interpretativa	67



<b>4</b>	<b>ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>72</b>
4.1	Breve panorama da situação acadêmica dos doutorandos em contabilidade ingressantes nos anos de 2020 e 2021 .....	72
4.2	Breve percurso da trajetória profissional e acadêmica de estudantes que escolheram ser doutores em contabilidade .....	78
4.2.1	<i>Trajетória profissional e acadêmica até o momento de decidir cursar o doutorado em contabilidade.....</i>	<i>79</i>
4.2.2	<i>Mudanças positivas e negativas que ocorreram desde a aprovação no doutorado .....</i>	<i>101</i>
4.2.3	<i>As escolhas no decurso de um doutoramento em contabilidade .....</i>	<i>112</i>
4.2.4	<i>As demandas que um doutorado exige e as possibilidades de lidar com elas .....</i>	<i>120</i>
4.2.5	<i>A descrição do (eu) pesquisador e do (eu) profissional .....</i>	<i>128</i>
4.3	O processo de proximidade imbricado nas relações orientador/doutorando ..	142
4.3.1	<i>As lições a partir da experiência de um doutorado e os desafios impostos na construção de uma tese .....</i>	<i>142</i>
4.3.2	<i>O entremeio das relações diádicas – Orientador/orientando .....</i>	<i>149</i>
4.3.3	<i>As adaptações a partir da escolha de uma linha de pesquisa.....</i>	<i>158</i>
4.3.4	<i>A existência de (não)proximidade em momentos de incertezas .....</i>	<i>162</i>
4.4	Implicações teóricas na construção de uma tese .....	178
4.4.1	<i>A (des)conexão entre a construção teórica e o problema de pesquisa .....</i>	<i>178</i>
4.4.2	<i>A intencionalidade na escolha de uma teoria e sua relevância em uma tese .....</i>	<i>190</i>
4.4.3	<i>O uso dos termos ontológicos e epistemológicos em uma tese .....</i>	<i>199</i>
4.5	Implicações metodológicas na construção de uma tese .....	205
4.5.1	<i>Aspectos metodológicos na construção da tese: o que deve ser considerado como mais importante ou mais apropriado?.....</i>	<i>206</i>
4.5.2	<i>Método(s) predominante(s) nas pesquisas em contabilidade e a intenção por trás das escolhas .....</i>	<i>214</i>
4.5.3	<i>O uso de métodos quantitativos e qualitativos em pesquisas da área contábil ...</i>	<i>222</i>
4.5.4	<i>O predomínio na coleta das informações em pesquisas da área contábil.....</i>	<i>234</i>
4.6	Implicações pedagógicas do ser profissional na ambiência de um doutoramento em contabilidade .....	239
4.6.1	<i>A promoção de discussões sobre as implicações pedagógicas no cerne de um doutoramento em contabilidade.....</i>	<i>239</i>
4.6.2	<i>Experiências e intenções quanto ao mercado de trabalho .....</i>	<i>256</i>
4.6.3	<i>O ‘poder de voz’ de um doutor em Contabilidade: uma compreensão quanto profissional e ser social.....</i>	<i>266</i>
4.6.4	<i>Perspectivas futuras e recomendações para os novos ingressantes .....</i>	<i>278</i>

<b>4.7</b>	<b>Construção das categorias adjacentes e da centralidade teórica segundo a <i>Ground Theory</i></b> .....	<b>293</b>
4.7.1	<i>Categoria adjacente ao Prisma Teórico</i> .....	293
4.7.2	<i>Categoria adjacente ao Prisma Metodológico</i> .....	303
4.7.3	<i>Categoria adjacente ao Prisma Pedagógico</i> .....	319
4.7.4	<i>Formulação da centralidade teórica: conexão entre os Prismas Teóricos, Metodológicos e Pedagógicos</i> .....	339
<b>4.8</b>	<b>Discussões adicionais: uma agenda de pesquisa</b> .....	<b>343</b>
4.8.1	<i>Agenda de pesquisa associada ao Prisma Teórico</i> .....	344
4.8.2	<i>Agenda de pesquisa associada ao Prisma Metodológico</i> .....	346
4.8.3	<i>Agenda de pesquisa associada ao Prisma Pedagógico</i> .....	349
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>369</b>
5.1	<b>As principais descobertas e suas conexões com a fundamentação teórica</b> .....	<b>369</b>
5.2	<b>Recomendações práticas</b> .....	<b>373</b>
5.3	<b>Reflexão pessoal</b> .....	<b>376</b>
5.4	<b>Limitações e Recomendações para pesquisas futuras</b> .....	<b>378</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>379</b>
	<b>APÊNDICE A</b> .....	<b>390</b>
	<b>APÊNDICE B</b> .....	<b>392</b>

## **1 INTRODUÇÃO**

Essa tese tem em sua primeira seção os seguintes elementos introdutórios que a compõem: (i) contextualização; (ii) lacuna e problema de pesquisa; (iii) objetivo geral, específicos e justificativa; (iv) delimitação da pesquisa; (v) propositura da tese; (vi) contribuições esperadas; (vii) percurso pessoal e profissional da pesquisadora; e (viii) estrutura da tese.

### **1.1 Contextualização**

Um dos primeiros movimentos realizados desde o nascimento e que persiste na fase adulta das pessoas consiste na busca de proximidade de forma não intencional (relação do bebê para com a mãe ou seu cuidador principal) (Bowlby, 1977) ou intencional (relação do subordinado para com o chefe e/ou mentor) (Yip et al., 2017). Nessa perspectiva, um dos autores que iniciou tal discussão acerca da necessidade dos comportamentos relacionais desde o nascimento foi o psicanalista John Bowlby (1907-1991) em sua Teoria do Apego (1969).

Considerado um dos teóricos-empíricos mais influentes nesse campo traz em sua teoria alegações que buscam retratar como e por que a formação, qualidade e a influência das relações afetam o comportamento das pessoas, principalmente em momentos de incertezas (Hudson, 2013). Além disso, Mary Salter Ainsworth (1913-1999), psicóloga do desenvolvimento humano socioemocional, também é referenciada por suas pesquisas. Estas, alicerçadas na Teoria do Apego que busca compreender as formas pelas quais os sujeitos têm necessidade de buscar por um ‘porto seguro’, ou seja, alguém em que possam confiar (Dalbem & Dell’Aglia, 2005).

Para Bowlby e Ainsworth a possibilidade de fazer fortes laços emocionais com sujeitos particulares é um dos elementos básicos da natureza humana (Yip et al., 2017). Assim, a Teoria do Apego compreende um corpo teórico que principia com a formação e qualidade dos relacionamentos entre os indivíduos, principalmente em momentos de estresse, incerteza e medo. Uma característica central da referida teoria é a noção de que, biologicamente, os seres humanos têm uma tendência inata de criar e manter laços com pessoas que julgam ser significativas (Bowlby, 1969, 1980).

Particularmente, na infância, essa relação se forma entre os bebês e suas mães (ou outro cuidador principal) e os padrões de comportamento estabelecidos por esta relação atuam no que foi intitulado por Bowlby de Sistema Comportamental de Apego (SCA) (Hudson, 2013), que consiste na ativação ao longo da vida de algumas características particulares, oriundas das

influências sofridas nesse decurso, como: (i) o indivíduo procura proximidade (real e/ou psicológica) à sua figura de apego; e (ii) a figura de apego atua como um porto seguro ou suporte em momentos de necessidade (Bowlby, 1969, 1973, 1980).

Neste ínterim, a Teoria do Apego amplia-se ao longo dos anos e chega ao final da década de 1980 com o trabalho seminal de Hazan e Shaver (1987) e Popper e Mayseless (2003). Tais autores incluem nesse arcabouço teórico a forma como o Sistema Comportamental Relacional (SCR) atua em relacionamentos adultos, em especial, na ambiência de equipes de trabalho.

Na área organizacional foi somente a partir de 2012 que estudos começaram a explorar as relações situacionais tomando como direção de pesquisa a referida Teoria (Yip et al., 2017). Tais avanços oferecem novas direções para a pesquisa do comportamento organizacional, particularmente, a respeito das lentes do Sistema Psicológico Inato (SPI) que pode predizer por que os sujeitos buscam apoio e são influenciados por outras pessoas, bem como de uma visualização das consequências/implicações dessas influências.

Assim, ao tangenciar os esforços para a influência dos aspectos relacionais na fase adulta e a possibilidade em compreender o modo como os sujeitos interpretam situações e como esse movimento pode internalizar em futuros comportamentos configura-se como um dos pontos basilares da perspectiva teórica desenvolvida por George Herbert Mead (1863-1931) e expandida por Herbert Blumer (1900-1986), intitulada de Interacionismo Simbólico (Carvalho et al., 2010; Correa, 2017).

Intrínsecos ao Interacionismo Simbólico encontram-se três eixos: (i) interpretação, (ii) ressignificação e (iii) novas ações. O eixo interpretação diz respeito ao julgamento que impulsiona para uma mudança na compreensão. O segundo eixo, ressignificação, tange a reconstrução do sentido a partir das interpretações e vivências. Já o terceiro eixo, novas ações, condiz com a perspectiva dos resultados alcançados a partir do eixo anterior, isto é, da ressignificação (Carvalho et al., 2010; Charmaz, 2008, 2014).

Por meio de experiências repetidas que começam na infância, os indivíduos desenvolvem e agem de acordo com modelos mentais baseados em expectativas e suposições sobre como os relacionamentos se formam e funcionam. Tais relacionamentos, por exemplo, surgem durante a formação acadêmica e, mais particularmente, os vínculos relacionais que ocorrem no decorrer da pós-graduação, a exemplo, da proximidade que ocorre entre o orientador (mentor) e seu orientando para a construção de significado que será externada, por exemplo, na construção e desenvolvimento de uma tese de doutorado (Baker & Pifer, 2011; Fogarty, 2018).

Menciona-se que a transição para qualquer nova atividade profissional como o percurso de estudantes no doutorado requer o desenvolvimento de novos relacionamentos. Assim, a ruptura e a renovação das relações de apego se fazem importantes. Adiciona-se que tal percurso tem como duração mínima dois anos (Brasil, 2022).

Como forma de exemplificar, os programas de doutorado são, segundo Fox (2018), semelhantes aos programas de treinamento profissional, cujo estudante (doutorando) está de fato assumindo um tipo de transformação para se tornar um cientista. Nessa perspectiva, o relacionamento com o supervisor/orientador é um forte ambiente de socialização para os futuros doutores.

Menciona-se que, particularmente, os programas de pós-graduação em contabilidade no Brasil têm nas últimas décadas discutindo a respeito de “incentivar, interna e externamente, a integração do rigor com a utilidade prática do ensino e da investigação” (Verschoore, 2021, p. 3). Assim, comenta-se que um programa de doutorado é um local de socialização, conectado a outras áreas, cujos alunos (re)constroem o processo de produção de conhecimento (Fox, 2018; Magrini et al., 2024).

Assim sendo, há a necessidade de compreender as experiências e os desafios enfrentados por acadêmicos de doutorado no processo de estreitamento da prática acadêmica com a prática profissional (Baker & Pifer, 2011). Além disso de que forma os comportamentos relacionais entre orientador/orientando influenciam e são influenciados no decurso do desenvolvimento de uma tese do doutorado.

Nesse sentido, os interesses dos doutorandos como um resultado de um processo de socialização não são estáticos. Ressignificar um conjunto de tópicos que são endossados pelos alunos pode sinalizar atributos que melhoram a utilidade desses programas, pelo menos em termos de relevância e alcance (Fogarty, 2018). Um dos atributos existentes diz respeito aos conhecimentos e inquietações adquiridos, por exemplo, no decurso do mestrado.

Este ponto torna “normal” a influência exercida do orientador para com seu orientando em virtude do segundo ainda não estar, em um sentido geral, familiarizado com pesquisa e tudo que envolve o campo científico. Nesse sentido, a influência acerca de certos questionamentos por parte do acadêmico, como por exemplo: o que preciso saber como mestrando? O que é profundidade temática? Como alinhar o problema de pesquisa ao método científico? Que método utilizar? O que é positivismo? Existem outras correntes epistemológicas? O que é epistemologia? Ontologia? e Técnicas qualitativas?

A falta de domínio sobre profundidade de pesquisa, bem como dos mais variados métodos, limita na percepção de Khosa et al. (2020) e Magrini et al. (2024) uma diversidade de

conhecimentos e que, por exemplo, em sua maioria, os orientadores de contabilidade no contexto acadêmico do século XXI, buscam em suas pesquisas por alicerces teóricos imbuídos do paradigma positivista e por métodos quantitativos, reconhecendo, assim, dificuldades com métodos qualitativos que consomem mais tempo. Ratifica-se o exposto, pois em uma das entrevistas realizadas em sua pesquisa Khosa et al. (2020, p. 19) destacaram o seguinte relato:

Especialmente para a maioria das minhas pesquisas, e meus alunos faziam trabalho de campo qualitativo, e isso realmente não se encaixa nesses ‘marcos’. É tudo muito linear, não funciona assim (Supervisor G). Da mesma forma, um aluno sentiu-se pressionado: Ele [o supervisor] queria que eu usasse dados secundários para escrever todo o meu doutorado e eu sabia que não estava certo e acabei de descobrir que ele estava cuidando de si mesmo e do que era mais fácil para ele do que investir seu tempo no desenvolvimento de algo que eu estava interessado em conhecer (Aluno M) (Khosa et al., 2020, p. 19).

Reconhece-se que “o processo de tese inunda alunos de doutorado em uma literatura teórica e empírica”, porém muitos deles são “deficientes em seus conhecimentos sobre outras tradições epistemológicas, além de sua própria forma de conhecimento” (Marrais et al., 2018, p. 85). Intrínseco a isso, encontra-se o fato de que os conhecimentos basilares de futuros doutores, em particular de contabilidade, pertencem a uma área carente quanto à exploração de novas acepções teóricas, metodológicas (Fogarty, 2018; Magrini et al., 2024) e pedagógicas (Cao et al., 2024; Guntari & Jatmika, 2023; Marrais et al., 2018). Um dos pontos convergentes a isso é o *mainstream* de pesquisas positivistas, predominantemente presentes em estudos da área contábil (Fox, 2018; Magrini et al., 2024).

Nessa perspectiva, “a literatura sobre ensino de pesquisa qualitativa para acadêmicos de doutorado vem crescendo ao longo dos anos”. No entanto, “há uma literatura limitada abordando como esses doutorandos percebem como implicações o processo de aprendizagem como cientistas” (Marrais et al., 2018, p. 86). Além disso, há a necessidade de expor que tais acadêmicos ao conquistarem o tão sonhado título de doutor(a) carregarão consigo, a partir desse momento um ‘poder de voz’, ou seja, a capacidade de influenciarem outros sujeitos.

## **1.2 Lacuna e problema de pesquisa**

Assim como no campo biológico é necessário considerar as conexões entre “o sujeito e seu ambiente, o homem e suas circunstâncias” torna-se relevante compreender que esse movimento requer a adoção de abordagens de desenvolvimento (Bowlby, 1977, p. 201). Assim, na fase da educação para o doutorado, um dos primeiros passos para o desenvolvimento de uma identidade acadêmica profissional é considerar que tais conexões são relevantes e que merecem ser conhecidas e estudadas.

Fogarty (2018) sugere que pesquisas futuras possam ser dirigidas às questões mais básicas, como por exemplo, de que forma as pessoas se tornam mais interessadas em determinados tópicos? como os aspectos relacionais (socialização/formação) são conduzidos? ou, ainda, de que forma essa construção doutorando/doutor influencia na prática profissional/docente? Complementa-se, ainda, que o estudo eficaz da socialização (orientador, doutorando) e uso de pesquisas e novos métodos exigirão técnicas, por exemplo, qualitativas pouco respeitadas na literatura contábil (Magrini et al., 2024; Marrais et al., 2018).

Nesse ínterim, estudos que envolvem a educação para o alcance do grau de doutor(a) em contabilidade demonstram a existência de muitas influências entrelaçadas, tais como: a universidade/estudante, periódicos acadêmicos/estudante e particularmente a relação orientador/orientando. Uma perspectiva a ser considerada é sobre as influências da pesquisa contábil norte-americana como sendo “autoperpetuante e dominante”. Ademais, essa visão sugere que o *mainstream* das pesquisas contábeis ainda tem como base pesquisas positivistas, cujos desenhos metodológicos são quantitativos (Fox, 2018, p. 3; Magrini et al., 2024).

Roulston et al. (2013) arguem que a própria pesquisa de doutorado sinaliza a continuidade de trabalhos, quando já doutores. Tal prerrogativa faz com que se possa argumentar que os reflexos recebidos na condução e estruturação do processo de tese poderá, futuramente, também ter implicações quando estes (já doutores) exercerem suas orientações. Sob esse viés de condução de pesquisas, seja em nível teórico e/ou metodológico, o estudo de Magrini et al. (2024) ressalta a necessidade em (re)conhecer pesquisadores que optam por pesquisas além do *mainstream* contábil.

Nesse sentido, a realização desse estudo parte, inicialmente, da proposição de que se faz necessário o incremento na literatura sobre o que norteia as concepções teóricas, metodológicas e pedagógicas no desenvolvimento de uma tese na perspectiva de doutorandos de uma área (Ciências Contábeis), que ainda no século XXI é majoritariamente preconizada pelo paradigma positivista e conseqüentemente quantitativo.

Em um contínuo, as universidades e os docentes atuam no desenvolvimento dos alunos de doutorado, ao mesmo tempo em que possibilitam a partir de métodos científicos direcioná-

los para o objetivo final que compreende a condução de pesquisas e que estas possam ser publicadas em periódicos de ‘longo alcance’. No entanto, os futuros doutores precisam aprender a navegar pelas influências epistemológicas a fim de que as práticas científicas sejam incorporadas para além de esquemas positivistas (Fox, 2018; Magrini et al., 2024). A partir do exposto, o problema de pesquisa é: **Como se encontram os futuros doutores em contabilidade quanto aos Prismas Teóricos, Metodológicos e Pedagógicos no tocante a construção da tese, bem como do ser profissional?**

### **1.3 Objetivo geral, específicos e a justificativa para a pesquisa**

Aprender como conduzir pesquisas, relatar descobertas e, assim, se tornar um pesquisador (Delyser et al., 2012; Marrais et al., 2018), requer conhecimentos múltiplos como saber se relacionar, interagir, dialogar, esboçar argumentos (escrita científica). Para tanto, o uso de métodos de pesquisas não tradicionais também compõe esse arcabouço de descobertas para que o campo das áreas de conhecimento avance. Assim, esses são alguns dos elementos condutores para a formação de profissionais que recebem ao final do percurso de um doutoramento o título de doutor (Marrais et al., 2018).

Nesse preâmbulo, tem-se como objetivo geral analisar as implicações teóricas, metodológicas e pedagógicas compreendidas por doutorandos em Ciências Contábeis no que compete a construção da tese, bem como do ser profissional. Assim, traça-se como objetivos específicos:

- i) Conhecer a trajetória de vida profissional desse sujeito que escolhe ser doutor em contabilidade;
- ii) Entender o processo de proximidade imbricado nas relações orientador/doutorando;
- iii) Investigar as implicações teóricas na construção da tese;
- iv) Investigar as implicações metodológicas na construção da tese;
- v) Compreender as implicações pedagógicas do ser profissional na ambiência de um doutoramento em contabilidade.

Algumas das justificativas que compõem a realização da tese, levam em conta, pelo menos, três motivações. A primeira com ênfase em observar que muitos estudantes de doutorado, cujas áreas relacionam-se com comunicação de massa são "deficientes em seus conhecimentos sobre outras tradições epistemológicas além de sua própria forma de conhecimento" (Marrais et al., 2018, p. 85).



Assim, tais acadêmicos podem não se utilizar de todos os conhecimentos que julgam relevantes, como por exemplo, compreensões que podem ser geradas a partir de epistemologias e metodologias alternativas. Nessa perspectiva, sinaliza-se que há a necessidade em entender de que maneira acadêmicos de doutorado conhecem as arenas teóricas que emanam de suas pesquisas (Magrini et al., 2024; Marrais et al., 2018).

A segunda motivação trata da relação orientador/orientando que consiste na hipótese de que quando os estudantes não percebem em seu mentor interesse em temas que se conectem e dialoguem sobre perspectivas semelhantes, o ambiente relacional pode se mostrar estressante. Assim, pode não haver certeza das expectativas associadas a esta fase (construção da tese) e isso pode tornar o processo de desenvolvimento desse futuro profissional (doutor) em uma construção difícil de administrar.

Dentre algumas entrevistas realizadas na pesquisa de Baker e Pifer (2011) um estudante perguntou: “Se [o corpo docente] não investir em mim, quem o fará?” (p. 11). Nesse sentido, os autores inferem que estudos que viabilizem compreensões a respeito das relações que envolvem a ambiência de um processo de doutorado surgem como premissa importante a ser investigada.

Já no estudo de Hample (2008) o autor convidou três pesquisadores para contribuir com perspectivas sobre o que os novos doutores em suas respectivas áreas devem saber. O autor observou que ensinar os futuros cientistas a se especializarem e aprofundarem seus entendimentos a respeito de um determinado tema é uma das tarefas mais fundamentais a ser incorporada no seio da educação para o doutorado. Dessa forma, parte integrante do desenvolvimento de um doutoramento, de forma internalizada, é compreender as concepções teóricas e epistemológicas as quais encontram-se incutidas no decurso de qualquer pesquisa (Hample, 2008; Marrais et al., 2018).

Já a terceira motivação converge com os argumentos de Fox (2018), no qual relata que o *mainstream* das escolhas de pesquisas realizadas para a composição da tese de doutorado pode influenciar uma visão de mundo funcionalista-positivista com base em métodos/modelos matemáticos e estatísticos. Esta influência é guiada pelo modelo americano positivista de educação para o doutorado (Pelger & Grottke, 2015).

Da mesma forma, Raineri (2015) sugere que o processo de educação para o doutorado na América do Norte consiste em uma formação “tecnicista”, ou seja, em como escrever para se adequar às exigências de periódicos, dos orientadores, dos grupos de pesquisa, etc. Assim, a influência de tais perspectivas pode sinalizar que o processo de socialização da educação para

o doutorado, em especial na área contábil, encontra-se entrelaçado com tais influências (Fox, 2018).

Embora pesquisas anteriores tenham considerado a importância da relação entre doutorandos e orientadores (Roach et al., 2019), pesquisas recentes em educação para o doutorado no Reino Unido, Austrália, Suécia e Holanda (Bastalich, 2015; Khosa et al., 2020) ressaltaram a necessidade de uma ênfase na aprendizagem de conteúdos, contextos, construções sociais, os quais encontram-se intrínsecos às pesquisas e práticas em torno da educação, principalmente, para o doutorado.

Além disso, há uma literatura limitada abordando "como os pesquisadores novatos descrevem em detalhes o desenvolvimento de tópicos para estudos de tese de doutorado?" (Roulston et al., 2013, p. 254). À medida que passam pelo processo de aprendizagem para se tornarem pesquisadores, pode haver implicações que possam externar a essência da transição de acadêmico/doutorando para doutor. Tais implicações podem ser externadas quando as lentes se voltam para as construções de conhecimentos relacionados às escolhas teóricas, metodológicas (Fogarty, 2018; Magrini et al., 2024) e pedagógicas (Cao et al., 2024; Guntari & Jatmika, 2023; Marrais et al., 2018) dos referidos acadêmicos.

Assim, menciona-se que "ainda há informações limitadas sobre o processo pelo qual os alunos de doutorado passam à medida que aprendem conceitos relevantes para guiar suas pesquisas" (Marrais et al., 2018, p. 85). Além disso, torna-se, no mínimo instigante, compreender os potenciais teóricos e epistemológicos de um grupo seletivo da área acadêmica (doutorandos), quando confrontados a partir de suas pesquisas com paradigmas na área contábil intitulados como não tradicionais.

#### **1.4 Delimitação do tema**

Qualquer tema que se pretenda pesquisar pode apresentar diversos caminhos e/ou abordagens. No caso dessa tese o tema foi abordado unicamente sob o ponto de vista de doutorandos em contabilidade, em particular, aqueles que se encontram na fase de construção de suas teses de doutorado, ou seja, os pós-graduandos ingressantes nos anos de 2020 e 2021.

Assim, ficam fora do escopo doutorandos ingressantes antes e após o período delimitado. Importante comentar que os anos escolhidos não são em virtude do cenário pandêmico vivenciado a partir do final do ano de 2019. No entanto, cabe mencionar que pelo fato dos cenários econômico, ambiental, social e etc. terem sido afetados alguns dos argumentos presentes nas falas dos orientandos podem permear tal situação.

Nesse sentido e a partir da conjuntura proposta para a problemática da tese, têm-se dois eixos como delimitadores. O primeiro diz respeito a um olhar para os doutorandos em contabilidade vinculados a programas de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil e, principalmente, aqueles que se encontram no processo de construção e desenvolvimento de suas teses. Já o segundo eixo delimitador é acerca da escolha dos períodos considerados na coleta dos dados.

De forma inicial, há a necessidade de identificar onde estão alocados tais sujeitos. Nesse sentido, a Tabela 1 expõe o total de 15 programas de doutorado em contabilidade existentes em âmbito nacional e localizados geograficamente em 9 Estados brasileiros e 1 no Distrito Federal. Dentre os programas considera-se tanto em âmbito acadêmico como profissional.

**Tabela 1**

**Programas de doutorado em Contabilidade (acadêmico e profissional)**

Instituição	UF	Programa	Início	Curso	Nota
FUCAPE	ES	Ciências Contábeis e Administração	2019	DP	5
FUCAPE	ES	Administração e Ciências Contábeis	2009	DO	6
FURB	SC	Ciências Contábeis e Administração	2008	DO	5
UFES	ES	Ciências Contábeis	2019	DO	4
UFMG	MG	Controladoria e Contabilidade	2017	DO	4
UFPB-JP	PB	Ciências Contábeis	2015	DO	4
UFPE	PE	Ciências Contábeis	2016	DO	4
UFPR	PR	Contabilidade	2014	DO	5
UFRJ	RJ	Ciências Contábeis	2014	DO	5
UFSC	SC	Contabilidade	2013	DO	5
UFU	MG	Ciências Contábeis	2016	DO	4
UNB	DF	Ciências Contábeis	2014	DO	4
UNISINOS	RS	Ciências Contábeis	2013	DO	5
USP	SP	Controladoria e Contabilidade	1978	DO	6
USP/RP	SP	Controladoria e Contabilidade	2013	DO	5

Nota. Fonte: DO = Doutorado Acadêmico; DP = Doutorado Profissional

Fonte: CAPES (2022) [Plataforma Sucupira \(capes.gov.br\)](https://capes.gov.br)

A Tabela 1 contempla a população, ou seja, a totalidade de programas brasileiros que têm a incumbência de formar profissionais que recebem ao final de seu doutoramento o título de doutor em contabilidade. Foram considerados os anos de 2020 e 2021, ou seja, estudantes que ingressaram a partir destas datas. Isso em virtude de dois motivos: (i) o processo de seleção, na maioria dos programas, ocorrer de forma anual; e (ii) considerar que tais acadêmicos já

iniciaram a construção de suas teses. Ratifica-se a escolha dos anos pelo fato do processo de doutoramento ter como duração o período de quatro anos, e conseqüentemente, a ideia de que acadêmicos que ingressaram antes do ano de 2020 já tenham concluído seu doutorado.

### **1.5 Propositura da tese**

O *mainstream* de pesquisas realizadas na área contábil por pesquisadores brasileiros ainda pertence ao paradigma positivista, devido à influência significativa norte-americana que ainda é predominante no século XXI (Magrini et al., 2024). Isso faz com que outras concepções ontológicas e epistemológicas sejam pouco utilizadas em trabalhos realizados por pós-graduandos, que têm como responsabilidade ao final de seu processo de doutorado o recebimento do título de doutor.

Tal titulação, nas reflexões de Marrais et al. (2018) é concedida a um profissional que ao iniciar sua carreira terá, impreterivelmente, ‘poder de voz’ e por isso condições significativas de influenciar outros sujeitos, a partir de seus discursos e argumentações. Esta reflexão gera a inquietação de que a predominância de trabalhos, particularmente, teses de doutorado, sigam esse mesmo caminho dominante, o que implica que novas arguições, descobertas e refutações não sejam externadas por outras lentes do conhecimento, tornando-as encobertas.

Nesse âmbito, a tese tem em seu escopo a propositura de que elos como trajetória profissional, relações de proximidade entre orientando/orientador e as construções teóricas, metodológicas e pedagógicas incutidas em um processo de doutoramento são eixos convergentes para a compreensão de como doutorandos em contabilidade interpretam, ressignificam e tornam-se capazes de ser profissionais independentes e influenciadores de outros sujeitos, quando já doutores.

### **1.6 Contribuições esperadas**

Ao considerar as possíveis implicações advindas da pesquisa, argumenta-se que ao construir o percurso de sua vida profissional, qualquer sujeito dispõe de um barômetro que pode demonstrar, por exemplo, quais as aspirações que fazem com que opte por certas escolhas sendo elas profissionais, relacionais, etc. (Fogarty, 2018). Além disso, trazer à tona proximidades e influências é um dos processos que contextualizam a trajetória escolhida (Dalbem & Dell'Aglio, 2005) pelo sujeito que optou por determinada profissão.

Intrínseco ao exposto “esses apegos, portanto, não devem ser renunciados ou superados em nome da maturidade, embora a maneira particular que assumem possa continuar a evoluir

ou mudar de forma através do desenvolvimento adulto” (Sorenson, 1997, p. 534). Ademais, ao adentrar no âmbito profissional e particularmente acadêmico no que tange, por exemplo, proximidades entre aluno/professor, orientando/orientador têm-se que “as proposições de pesquisa afirmam que muito pode ser aprendido sobre os programas de doutorado em contabilidade pela forma como os interesses dos alunos são expressos ao longo do tempo” (Fogarty, 2018, p. 41).

Infere-se, ainda, que tais acadêmicos no decurso de seus doutoramentos são treinados para que possam identificar lacunas em sua área de conhecimento e, assim, de forma pormenorizada, encontrar contribuições que possam ser externalizadas não somente em um formato reflexivo, mas também e, principalmente, de maneira empírica. Além disso, Khosa et al. (2020) comentam que a averiguação da educação para o doutorado implica em conhecer, por exemplo, as ações que estão sendo realizadas pelos futuros doutores da área de negócios a partir de seus conhecimentos, bem como das orientações recebidas de seus mentores.

## **1.7 Percurso pessoal e profissional da pesquisadora**

Minha história de vida começa no interior do Rio Grande do Sul. Já aos 10 anos de idade pensava em fazer faculdade (provavelmente ouvi alguém comentar, pois mal sabia o que significava). Era um desejo um pouco distante de minha realidade, visto que ainda não tinha na família ninguém que tivesse alcançado tão alto grau. Os anos passaram e aos 18 anos de idade na intenção de custear o chamado ‘cursinho pré-vestibular’ precisava de uma ideia para o levantamento desse recurso.

A ideia logo surgiu e fui tentar me aventurar como “Professora” particular para dar aulas de reforço de matemática. Conquistei alguns alunos e percebi algo, no mínimo, curioso, nos momentos em que me via ensinando sentia uma satisfação que não conseguia compreender, pois o intuito daquela ideia inicial era dinheiro e não a busca da satisfação profissional. Aos 25 anos consigo aprovação em um curso superior, minha primeira graduação em Administração. Nessa idade já estava no mercado de trabalho há alguns anos, mas por vezes aquele pensamento de quando era “Professora” permeava meus pensamentos.

Concluída a graduação em Administração, meu próximo objetivo era ingressar na graduação em Ciências Contábeis, pois estaria realizando meus dois sonhos acadêmicos. Já em outubro de 2017 me deparo com um lançamento de um edital para ingresso no Mestrado em Contabilidade na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), no qual uma das linhas de pesquisa é Educação e Pesquisa em Contabilidade. Ao ler o intuito da linha, meus pensamentos

foram levados para dentro de sala de aula. Percebi naquele momento que aquela menina “Professora” do passado queria voltar.

Em fevereiro de 2020, já Mestre em Contabilidade minhas reflexões voltam-se para um novo desafio, a busca pelo doutorado. Nesse mesmo ano, somos assolados pela Pandemia Covid-19 e esse sonho se tornou um pouco distante, visto a necessidade de isolamento social que aquele momento exigia. No ano seguinte, a vontade em cursar um doutorado novamente vem à tona. Meu objetivo, experienciar esse tão alto grau acadêmico (doutora) na Universidade de São Paulo (USP). Com o projeto construído participei da seleção para ingresso em 2022 e para minha alegria, ajuda do destino e de meu esforço, sou aprovada na USP no campus de Ribeirão Preto. Além disso, com o privilégio que meu percurso fosse com a orientadora que fiz a sugestão e que acabou me aceitando como orientanda.

Novos desafios são postos, pesquisas, construção da tese, mudança de Estado, distância dos que amamos, incerteza do que estaria por vir, mas a alegria vinculada a cada desafio supera todas as inquietações e dúvidas. Sentimentos que, por vezes, carregam duros questionamentos ‘será que conseguirei?’, ‘será que estou indo bem?’, mas ao ponderar todas as alegrias que foram proporcionadas quando tomei a decisão de seguir a carreira acadêmica, digo que sim. No momento, com 39 anos de idade e com o prenúncio de minha defesa de tese de doutorado, me deparo com uma mulher, filha, esposa e profissional que entende suas limitações, mas que tenta sempre com fé e esforço superá-las.

## **1.8 Estrutura da tese**

A tese tem como percurso de construção as seções de introdução, referencial teórico, metodologia, análise dos resultados, conclusão e as referências utilizadas para o desenvolvimento dos tópicos mencionados.

A primeira seção trata dos elementos introdutórios delineados a partir das subseções que abordam sobre: (i) contextualização; (ii) lacuna e problema de pesquisa; (iii) objetivo geral, objetivos específicos e justificativa do estudo; (iv) delimitação do tema; (v) propositura da tese; (vi) contribuições esperadas; e (vii) percurso pessoal e profissional da pesquisadora.

Com relação à segunda seção, referencial teórico, há a divisão em três subseções que explicitam o arcabouço de literatura explorado no decurso dessa tese. As subseções tratam sobre a Teoria do Apego com explanações acerca da Teoria do Apego em Adultos e a Teoria do Apego nas áreas de negócios. A subseção seguinte aborda o Interacionismo Simbólico com vistas a elucidar sobre três pontos: interpretação, resignificação e novas ações. Já a terceira

subseção discorre a respeito do percurso doutorando-doutor com ênfase para os Prismas Teóricos, Metodológicos e Pedagógicos.

Em referência a terceira seção, ou seja, o caminho metodológico percorrido optou-se pelas seguintes subseções: (i) caracterização da pesquisa; (ii) caracterização dos sujeitos da pesquisa; e (iii) construção das evidências as quais encontram-se subdivididas em História Oral e História de Vida. Já a seção quatro aborda sobre o processo de análise das evidências e trata do uso da *Grounded Theory* (GT) como método de pesquisa qualitativa interpretativa.

A quarta seção dessa tese destinou-se as análises dos resultados a partir das subseções: (i) breve panorama da situação acadêmica dos doutorandos em Contabilidade ingressantes nos anos de 2020 e 2021; (ii) breve percurso da trajetória profissional e acadêmica de estudantes que escolheram ser doutores em Contabilidade; (iii) o processo de proximidade nas relações orientador/doutorando; (iv) implicações teóricas na construção de uma tese; (v) implicações metodológicas na construção de uma tese; (vi) implicações metodológicas do ser profissional na ambiência de um doutoramento em Contabilidade; (vii) construção das categorias adjacentes e da centralidade teórica segundo a *Grounded Theory*; e (viii) discussões adicionais: uma agenda de pesquisa.

A quinta seção destina-se ao fechamento dessa tese, ou seja, a conclusão. Optou-se por subdividi-la em quatro subseções, sendo elas: (i) as principais descobertas e suas conexões com a fundamentação teórica; (ii) recomendações práticas; (iii) reflexão pessoal; e (iv) limitações e recomendações para pesquisas futuras. Por fim, constam as referências utilizadas, bem como os apêndices.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Nesse tópico se aborda a Teoria do Apego, Interacionismo Simbólico e o percurso de doutorando/doutor com ênfase aos Prismas Teóricos, Metodológicos e Pedagógicos.

### **2.1 Teoria do Apego**

Trata-se de uma teoria de cunho empírico que tem seu nascedouro na área de conhecimento da biologia e mais particularmente, o foco no comportamento humano interpessoal. Idealizada no entremeio do século XX pelo biólogo John Bowlby (1907-1991) traz em seu escopo teórico a tendência inata que os seres humanos têm em criar e manter relacionamentos com pessoas particulares (Bretherton, 1992; Hudson, 2013).

Bowlby concretiza sua formação na Universidade de Cambridge em 1928 onde também intentou adentrar na área da psiquiatria a partir de um treinamento realizado no Instituto Psicanalítico Britânico com a intenção de desenvolver suas pesquisas a respeito da psicologia do desenvolvimento, inserindo-se como voluntário no instituto para ampliar seus conhecimentos acerca das vivências e interações humanas. Assim, algumas das experiências advindas desse trabalho foram determinantes para o decurso profissional escolhido por Bowlby. Um de seus focos concentrou-se na relevância em conhecer as experiências das primeiras relações familiares, pois estas atuam de forma significativa na formação da personalidade e de futuros comportamentos oriundos das vivências com outrem (Bretherton, 1992).

Considerado como um dos mais influentes pesquisadores empíricos, Bowlby buscava nortear suas pesquisas a respeito da ação do indivíduo e do contexto que este estaria vinculado (Hudson, 2013). Além disso, seus conhecimentos teóricos advindos de fontes como desenvolvimento humano, etologia, as ciências cognitivas de Piaget, a biologia de Darwin e a psicanálise de Freud tecem a construção da Teoria do Apego com vistas a elucidar o sujeito, suas relações e interações sociais (Bretherton, 1992; Dalbem & Dell’Aglia, 2005; Sorenson, 1997).

A percepção do sujeito e do ambiente o qual está imerso, na perspectiva da Teoria do Apego tem como eixo central a reflexão de que a relação que cada sujeito constrói na infância impacta suas ações ao longo da vida e, conseqüentemente, as interações sociais que este terá (Bowlby, 1977). Nesse sentido, mesmo Bowlby sendo reconhecido como o precursor da Teoria do Apego, sua ênfase era o olhar para a primeira infância e o vínculo desse sujeito com entes próximos, em especial, o contato com o vínculo materno (Bretherton, 1992).



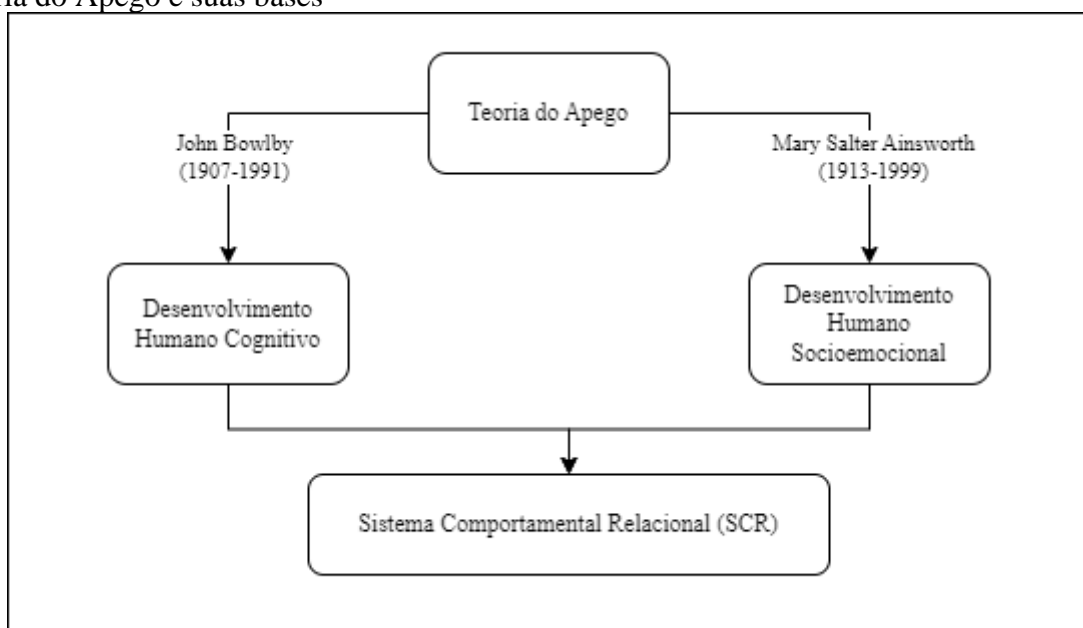
Intrínseco a esse contexto de percepções acerca de vínculos, Mary Salter Ainsworth (1913-1999) também é referenciada por suas pesquisas sobre a Teoria do Apego com ênfase para a segurança, ou seja, a partir da prerrogativa de que se busca proximidade com pessoas afim de alcançar/conquistar um vínculo seguro. Pelos pontos elencados tem-se na conjuntura da Teoria do Apego o entendimento de um trabalho conjunto entre Bowlby e Ainsworth (Bretherton, 1992; Dalbem & Dell’Aglío, 2005).

Para Dalbem e Dell’Aglío (2005) Ainsworth e seus estudos acerca do “desenvolvimento socioemocional durante os primeiros anos de vida evidenciam que o modelo de apego que um indivíduo atribui durante a primeira infância é profundamente influenciado pela maneira como os pais ou pessoas substitutas o tratam” (p. 14). Assim, uma das ideias que norteiam a Teoria do Apego diz respeito a formulação de modelos mentais a partir das experiências que os sujeitos desenvolvem ao longo da vida, ou seja, as formas como eles se constroem e conseqüentemente funcionam (Hudson, 2013).

Nessa perspectiva de vivências e experiências infere-se que “o movimento individual de uma pessoa em direção a várias outras converge para que a Teoria do Apego também seja considerada uma teoria relacional das interações sociopsicológicas” (Dalbem & Dell’Aglío, 2005, p. 14). De forma a sintetizar os argumentos discorridos a respeito da Teoria do Apego, a Figura 1 apresenta os pontos que norteiam a referida teoria.

### Figura 1

Teoria do Apego e suas bases



Nota. Fonte: Elaborada pela autora com base em Bowlby (1977) e Dalbem e Dell’Aglío (2005).

Como se observa na Figura 1 a incursão pela teoria possibilita uma compreensão dos mecanismos psicológicos que atuam nas experiências tanto positivas quanto negativas direcionadas aos aspectos relacionais tanto na infância quanto na fase adulta. Assim, “a necessidade de figuras de apego que proporcionam uma base segura não se limita absolutamente às crianças” (Dalbem & Dell’Aglia, 2005, p 17).

Nesse sentido, ao tangenciar por vínculos na fase adulta, a tendência é que haja uma concentração mais pormenorizada em aspectos relacionados a aprendizagem, flexibilidade e nas formas de adaptação frente a contextos diversos e que fazem com que os sujeitos precisem renovar seus laços relacionais e emocionais afim de promulgar seu desenvolvimento humano.

### **2.1.1 Teoria do Apego em adultos**

No início do século XXI, mais especificamente em 2003 a partir de um artigo seminal intitulado *Back to basics: applying a parenting perspective to transformational leadership*, escrito por Micha Popper e Ofra Mayseless continuam a discussão proposta por Hazen e Shaver (1987) no que compete a Teoria do Apego em adultos. Tal foco proposto pelos autores era investigar as relações que envolviam os processos de liderança, bem como aspectos vinculados ao fomento das relações comportamentais de apego nessa fase (Davidovitz et al., 2007).

A ideia central e inicial da Teoria do Apego proposta por Bowlby e Ainsworth era a compreensão do que está imerso nas relações no período da infância e mais precisamente a formação, qualidade e relação mãe e bebê (Hudson, 2013; Mathes et al., 2020). A partir desses estudos houve a visualização que tais relacionamentos encontram-se intimamente associados aos reflexos de relacionamentos na fase adulta. Sendo assim, Hazen e Shaver (1987) e Popper e Mayseless (2003) ampliaram as pesquisas acerca da teoria com o intento de propiciar conexões entre ela e a fase adulta com ênfase na formação e qualidade em torno de equipes de trabalho.

Mathes et al. (2020) acrescentam que um dos pontos atribuídos ao vínculo da teoria com a fase adulta é que mesmo nesta fase quando sentimentos de angústia, medo e estresse surgem há uma tendência inata do ser humano buscar algum apoio que traga uma sensação de segurança. Nesse sentido, Bowlby (1977) também compartilhava a ideia de que “[...] o comportamento tem até agora apenas sido cuidadosamente estudado em crianças. O que é dito, no entanto, aplica-se também a adultos e a quem está agindo por eles [...]” (p. 204).

Ressalta-se, ainda, que os sentimentos mencionados existem tanto em crianças quanto em adultos, porém a diferença está nas dimensões que são alcançadas em cada grupo de sujeitos

(Dalbem & Dell’Aglío, 2005). Em outras palavras, a intensidade com que cada sentimento é externado difere em virtude da idade e um dos pontos relevantes, segundo Bretherton (1992) é “delinear mais completamente as distintas qualidades de criança-criança, criança-adulto e adulto-adulto” dos impactos existentes nos comportamentos e relacionamentos interpessoais (p. 769). Davidovitz et al. (2007, p. 632) corroboram o argumento de que:

[...] a Teoria do Apego pode ser aplicada a qualquer relacionamento adulto que cumpre três critérios: a manutenção da proximidade (porque as pessoas preferem estar perto de uma figura de apego, especialmente em tempos de estresse ou necessidade), a provisão de um porto seguro (uma figura de apego muitas vezes alivia a angústia de um indivíduo apegado e fornece forte encorajamento e apoio) e a provisão de segurança (uma figura de apego aumenta o sentido de um indivíduo apegado de segurança, que por sua vez sustenta a exploração, tomada de risco e auto desenvolvimento (Davidovitz et al., 2007, p. 632).

Embora a Teoria do Apego tenha como eixo principal não somente as relações e vivências na infância, mas também na fase adulta, Hudson (2013) pontua a respeito das possibilidades de compreender tais fases e complementa que “os dois principais tipos de avaliação de estilos de apego são entrevistas e medidas de autorrelato” (p. 150). Ademais, menciona-se a existência de dois modelos teóricos intitulados unidirecional e bidirecional. O primeiro toma como ênfase as relações de apego na infância a partir das relações com sujeitos particulares, como por exemplo, os cuidadores responsáveis (Riley, 2013).

Já o segundo modelo vincula-se a fase adulta onde há uma (re)construção de novos relacionamentos, bem como a formação desses sujeitos para tornarem-se ‘cuidadores’, e por conseguinte, que também possam em algum momento serem influentes para outras pessoas. Incutido a isso, Dalbem e Dell’Aglío (2005) introduzem que é relevante “[...] pensar que as relações relacionadas na infância afetam o padrão de apego do indivíduo, ao longo de sua vida e que processos de rompimento de vínculos de apego, tanto na infância e adolescência quanto na vida adulta, acarretam transformações nas imagens do *self*” (p. 15).

Outro ponto a ser destacado ao considerar a Teoria do Apego na fase adulta, tange a compreensão de que ao argumentar acerca dos cuidadores principais existentes na infância e fazer tal menção (cuidador) para a fase adulta, pode-se substituir o referido termo por mentor. Em outras palavras, alguns dos mentores existentes na fase adulta são em nível organizacional coordenadores, supervisores, diretores, etc. (Popper & Mayseless, 2003). Já em nível

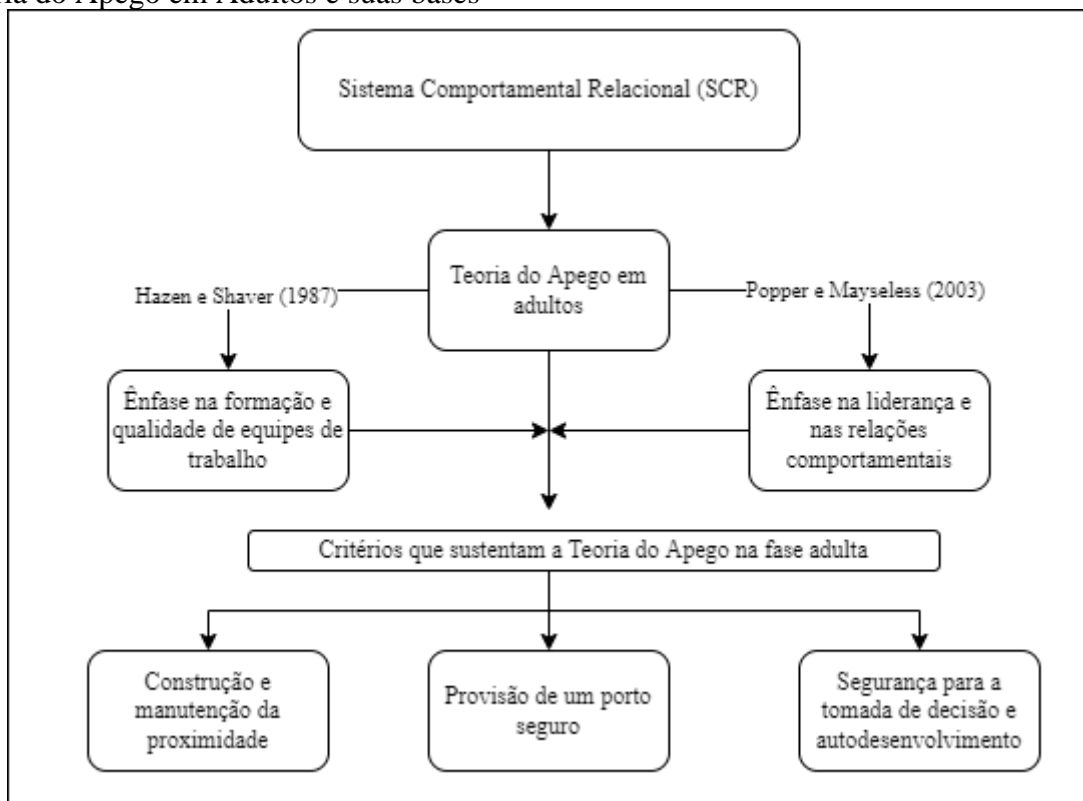
acadêmico menciona-se, por exemplo, Professores, coordenadores, orientadores, etc. (Riley, 2013; Sorenson, 1997).

Nessa perspectiva de Professores e orientadores, Riley (2013) comenta que há uma tendência das pessoas em “buscar por figuras de apego (anexo) ao longo da vida como uma espécie de apólice de seguro. Alguns dos mais importantes anexos são derivados de relacionamentos com Professores que fornecem os ingredientes essenciais de proximidade e apego” (p. 113). Além disso, leva-se em consideração que a incipiência de estudos que vinculem a Teoria do Apego à fase adulta (sujeitos maduros) faz com que implicações associadas às relações interpessoais, principalmente na ambiência organizacional e educacional tornam-se brechas a serem descobertas (Mathes et al., 2020).

De forma a demonstrar os argumentos elencados a respeito da Teoria do Apego na fase adulta, a Figura 2 explana os pontos que norteiam essa perspectiva.

**Figura 2**

Teoria do Apego em Adultos e suas bases



*Nota.* Fonte: Elaborada pela autora, com base em Davidovitz et al. (2007), Hazen e Shaver (1987) e Popper e Maysseless (2003).

Na Figura 2 pode-se observar um movimento que encaminha a Teoria do Apego e sua proposta de Sistema Comportamental Relacional (SCR) para a fase adulta visando propiciar a

visualização de que a referida Teoria traz evidências não somente para descobertas acerca da formação, qualidade e influência no que tange os aspectos relacionais, mas também a convergência destes na ambiência organizacional.

### **2.1.2 Teoria do Apego na área de negócios**

Desde a Teoria do Apego de Bowlby e Ainsworth até o foco da teoria em adultos (Hazen & Shaver, 1987; Popper & Mayselless, 2003) alguns estudos foram realizados (Davidovitz et al., 2007; Mathes et al., 2020; Riley, 2013). No entanto, pesquisas intrínsecas a área de negócios que tomam como norte teórico a referida teoria teve seu ápice com investigações científicas a partir dos anos 2000.

Uma dessas investigações foram as pesquisas realizadas por Popper e Mayselless (2003) que possibilitaram um exame a partir do momento em que focam seus estudos na dimensão líder-seguidor. Cabe mencionar que os termos líder e seguidor associam-se e podem ser entendidos como as relações entre sujeitos que buscam por relações de proximidade (Davidovitz et al., 2007).

Pondera-se que imbuído no papel dessas relações encontra-se a alegação que “os seguidores querem se sentir próximos de um líder que pode protegê-los e dar conselhos, orientações e recursos necessários para um desempenho pessoal eficaz” (Davidovitz et al., 2007, p. 633). Nessa linha de raciocínio, Hinson et al. (2019) pautaram seus estudos na perspectiva do que leva um consumidor a engajar-se por um produto e além disso em expor esse produto em suas próprias redes sociais. Assim, um dos pontos traçados pelos autores foi acerca dos traços de envolvimento desses usuários, bem como em considerar como elemento mediador o engajamento desses clientes nos momentos em que antecede a escolha, assim como as consequências da referida escolha.

Além disso, uma das proposições arguidas por Hinson et al. (2019) foi que o cliente ao envolver-se com um produto atribui a si uma identidade, ou seja, o cliente imbuído de suas experiências e vivências precisa enxergar no produto algo que movimente seu emocional e, assim, optar por não somente adquiri-lo, mas também em divulgá-lo como a melhor opção de compra. Nesse sentido, assim como o estudo de Hinson et al. (2019) objetivou investigar o engajamento dos clientes e as suas ações pós aquisição, além de trazer como proposição que as escolhas realizadas se associam as questões de vínculo e identidade, a pesquisa realizada por Wu e Parker (2017) também seguiu um foco semelhante no tocante a linha de negócios e comportamento, porém direcionando-a para o aspecto de liderança.

Wu e Parker (2017) optaram pela perspectiva de que a proatividade de funcionários advém da liderança exercida pelos seus supervisores. Os autores também ancoraram a pesquisa com base na Teoria do Apego e mencionaram que “dentro de um panorama raramente explorado, adotamos uma perspectiva interacionista para entender como a liderança pode trabalhar junto com o estilo de apego de um indivíduo” e de que forma esses pontos podem delinear um comportamento pró-ativo Wu e Parker (2017, p. 5).

Tanto Hinson et al. (2019) quanto Wu e Parker (2017) tratam o apoio, o suporte de alguém significativo para o alcance de um comprometimento do sujeito que, inevitavelmente, precisará de uma figura de apego, uma base para a continuidade de exploração/descoberta. Nesse viés da área de negócios, Yip et al. (2017) objetivaram explicar acerca das possibilidades e vínculos existentes entre a Teoria do Apego e estudos organizacionais.

Uma das proposições levantadas é a de que estudos relacionados a dinâmicas de grupo, relações diádicas, influências na ambiência de trabalho, fenômenos organizacionais, conexões entre líder e liderado, bem como diferenças individuais relacionadas a experiências e expectativas ainda não atingiram o ápice da investigação científica, ou seja, ainda há brechas a serem desvendadas. Sob essa égide de novas descobertas, Yip et al. (2017) destacaram que a Teoria do Apego é um dos arcabouços teóricos que pode fornecer essas perspectivas relacionais no intento de trazer à tona *insights* e componentes empíricos para as ciências sociais.

Não obstante, Simpson e Rholes (2015) também declinaram suas argumentações acerca da relevância em pensar a Teoria do Apego em ambientes organizacionais. Sendo assim, em seu livro intitulado “*Attachment Theory and Research: New Directions and Emerging Themes*” inserem uma sessão denominada “*Attachment Theory in Organizational Settings*” desenvolvida por Ramona Paetzold.

Simpson e Rholes (2015) pontuam acerca de tópicos emergentes com potencial de tomarem notoriedade por sua relevância, como por exemplo, questões relacionadas a trabalho, como saúde, engajamento, satisfação, desempenho, comportamentos (busca por aprimoramento e manutenção dos conhecimentos já construídos). Ademais, estudos convergentes aos temas expostos vinculam-se, de forma íntima, as carreiras das áreas de negócios como a administração, citando-se campos como marketing (Hinson et al., 2019), comportamento organizacional (Wu & Parker, 2017) e a contabilidade mencionando-se o campo acadêmico (Muhamad et al., 2009).

O estudo de Muhamad et al. (2009) elucidou a respeito dos treinamentos práticos (estágios) para estudantes de graduação. Os autores trouxeram à tona a necessidade de uma preparação prática profissional levando-se em conta que a transição do ambiente acadêmico

para o campo corporativo é uma das opções mais buscadas por acadêmicos de contabilidade. Assim, o objetivo foi relatar de forma exploratória os reflexos, bem como as interações (vínculos) entre os acadêmicos e profissionais do mercado utilizando-se para isso dos pressupostos estabelecidos pela Teoria do Apego.

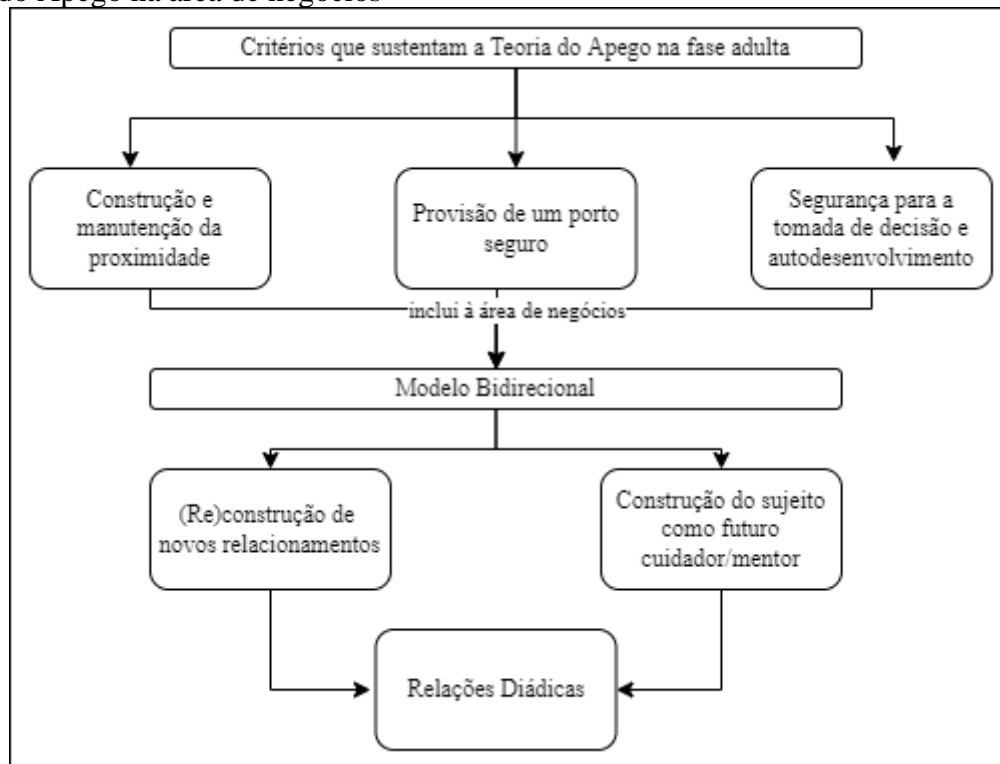
Os resultados apontaram que mesmo o período de estágio sendo considerado curto (em torno de 12 meses) houve por parte dos acadêmicos um acréscimo no desenvolvimento de conhecimentos profissionais, como por exemplo, proximidade (interações) com profissionais da área, bem como percebe-se também que o apego é capaz de melhorar a habilidade interpessoal (Muhamad et al., 2009). Assim como Muhamad et al. (2009) vincularam a Teoria do Apego a área de negócios e particularmente a contabilidade, Furnness (2020) delineou sua pesquisa com o objetivo de investigar os fatores que promovem a adaptabilidade de carreira.

Furnness (2020) ancorou o seu estudo utilizando-se da Teoria das Metas de Realização e da Teoria do Apego como fontes para desvendar as características psicossociais atreladas a essa adaptabilidade. A partir de um questionário de autorrelato respondido por 210 sujeitos de três organizações, os resultados foram: (i) a necessidade de domínio para o autodesenvolvimento; e que (ii) a ação dos supervisores impacta a adaptabilidade de carreira do sujeito (Furnness, 2020). Nessa direção, tais achados corroboram os resultados da pesquisa de Wu e Parker (2017), pois mesmo os estilos de apego sendo moldados há indícios de que os supervisores se constituem como figuras de apego de relevância frente a seus liderados.

Assim, a Figura 3 possibilita uma visualização dos eixos que permeiam a Teoria do Apego e em particular quando intenta-se incliná-la para o âmbito dos negócios.

**Figura 3**

Teoria do Apego na área de negócios



Nota. Fonte: Elaborada pela autora, com base em Furness (2020), Hinson et al. (2019) e Wu e Parker (2017).

A partir da Figura 3 expõe-se que uma das convergências existentes entre a Teoria do Apego e a área de negócios diz respeito a possibilidade de analisar as relações diádicas. Estas que podem aglutinar tanto as questões direcionadas a (re)construção de novos relacionamentos quanto a construção e interação de sujeitos como futuros mentores.

## 2.2 Interacionismo Simbólico

A capacidade de compreender, de forma efetiva, as informações recebidas, somente é possível a partir do momento em que se captura seu significado, ou seja, o sentido pelo qual a informação está sendo transmitida (Cabanas, 2020; Oliver, 2011). Tal reflexão tem suas raízes teóricas na Escola de Chicago em 1934, a partir das reflexões do filósofo americano George Herbert Mead que conecta noções de mente, *self* e sociedade (Ardini & Dewi, 2016; Carter & Fuller, 2016).

Tais noções e ideias vinculadas a filosofia, sociologia e psicologia concatenada em uma teoria pragmática traz à tona a compreensão da forma como os atores sociais são influenciados e, por sua vez, qual o impacto dessa influência na ambiência social (Panicker et al., 2020). Uma



das premissas atribuídas a tal inferência está contida na abordagem teórica intitulada Interacionismo Simbólico. Abordagem esta cunhada pelo sociólogo Herbert Blumer no ano de 1937 e que se torna conhecida a partir da publicação do livro *Symbolic Interactionism: Perspective and Method* (Cabanas, 2020; Carvalho et al., 2010; Oliver, 2011). Além disso, Carvalho et al. (2010, p. 153) adicionam que:

[...] a fundação da Sociedade para o Estudo do Interacionismo Simbólico (*Society for the Study of Symbolic Interactionism*) pode ser considerada o ponto de partida da consolidação e da tomada de consciência de sua importância, e hoje conta com revistas próprias, como *Symbolic Interaction*, órgão da mencionada associação, *Studies in Symbolic Interactionism* e *The Sociological Quarterly*, assim como com publicações periódicas de compilação como *An Annual Compilation of Research* (Carvalho et al., 2010, p. 153).

Considerado como uma das vozes mais influentes desde a década de 1950, Blumer, crítico do empirismo lógico, incorpora o behaviorismo social, base dos estudos da filosofia de Mead, trazendo-o para um enfoque sociológico (Carter & Fuller, 2016; Serpe & Striker, 2011). Enfoque particularmente alicerçado em descrever um método pragmático que buscasse conhecer e interpretar o entremeio das interações sociais (Alver & Caglar, 2015).

Assim, o interacionismo simbólico vinculado a preceitos da Psicologia Social e sustentado por vieses pragmáticos tem em seu escopo o conceito de papel social, e mais especificamente, nas formas pelas quais as pessoas interagem no ambiente social e como consequência a construção de significados (Alver & Caglar, 2015; Cabanas, 2020; Oliver, 2011; Panicker et al., 2020). Nesse sentido, atribui-se a um interacionista simbólico sua capacidade de, minuciosamente, capturar o que, o porquê e como as pessoas interagem (Charmaz, 2008).

Neste ínterim, outros pontos imbricados a abordagem interacionista dizem respeito aos processos de criação de significados, como por exemplo, autoavaliações no sentido de comportamentos, relacionamentos, vivências, experiências e emoções (Cabanas, 2020), bem como a consequência de suas ações (Alver & Caglar, 2015). Panicker et al. (2020) comentam que a junção dessas múltiplas percepções causa inquietações e por vezes o que se denomina ‘conflito de papéis’, ou seja, dificuldades no cumprimento de tarefas que possuam expectativas, principalmente, de pessoas influentes.

Dessa maneira, uma das ideias centrais do interacionismo é que a construção de um “mundo simbólico é um antecedente da mente e do eu individual de uma pessoa” influenciado

pela sociedade (Panicker et al., 2020, p. 434), ou seja, parte-se de construções psíquicas, a partir de influências externas, o processo de interpretação para a formação de significados. Formação esta, atrelada de forma íntima no gerenciamento da comunicação como fator relevante para o desenvolvimento social (Alver & Caglar, 2015).

Na intenção de construir uma teoria interdisciplinar, Blumer alicerçava seus argumentos com ênfase no desvendar problemas inerentes as interações sociais (Blumer, 1986; Oliver, 2011). Incutido a essas interações, entende-se as diversas formas de comunicação como um fenômeno intrinsecamente social. Nesse viés, os processos de interação social, ou seja, é a interação que “caracteriza uma orientação imediatamente recíproca – ao passo que o exame desses processos se baseia em um conceito específico de interação que privilegia o caráter simbólico da ação social” (Carvalho et al., 2010, p. 153).

Nessa perspectiva, há a necessidade de desvencilhar-se de compreensões positivistas que tinham como prerrogativas um exame de ‘cima para baixo’, ou seja, a partir de um foco macro nas estruturas sociais. No entanto, devem-se buscar visões de ‘baixo para cima’ na intenção de compreender o funcionamento social a nível micro, isto é, nas particularidades dos sujeitos face a face, interação a interação, interação a ação (Carter & Fuller, 2016).

Assim sendo, atribui-se ao interacionismo simbólico três pilares para a abertura de discussões: interpretação, ressignificação e novas ações. O elemento ‘interpretação’ vincula-se a um movimento do impulsionar do eu, ou seja, é o momento em que o sujeito atribui um significado a um objeto que ele entende ser importante. Assim, a orientação de seus atos será estimulada a partir da construção desse objeto significativo (Alver & Caglar, 2015; Ardini & Dewi, 2016; Carter & Fuller, 2016; Carvalho et al., 2010).

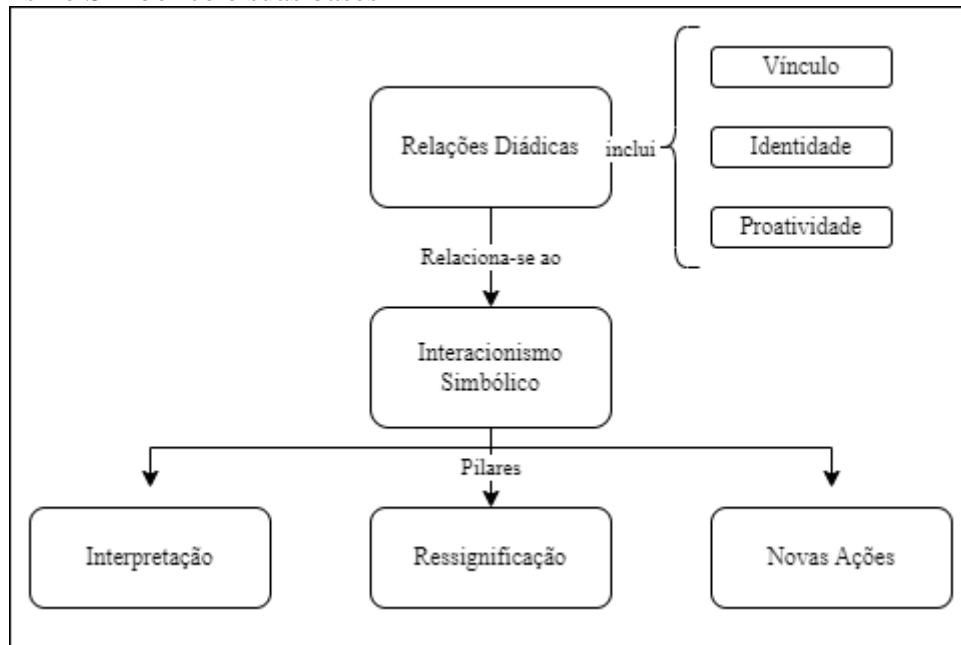
O pilar ‘ressignificação’ diz respeito à consequência das interações sociais, ou seja, é uma reconstrução do significado. Tal reconstrução não no sentido de substituir o que anteriormente foi construído, mas a partir da referida interação/processo social compreender de que forma os posicionamentos pessoais (comportamentos, relacionamentos, sentimentos, etc.) são moldados por acontecimentos e sujeitos particulares (Alver & Caglar, 2015; Ardini & Dewi, 2016; Carter & Fuller, 2016; Carvalho et al., 2010).

Já com relação ao terceiro pilar do interacionismo simbólico ‘novas ações’ encontra-se a consolidação do objeto ressignificado. Entende-se nesse estágio que o sujeito tem condições para além de moldar suas acepções também a capacidade de construir significados para outros sujeitos os quais possa influenciar (Alver & Caglar, 2015; Ardini & Dewi, 2016; Carter & Fuller, 2016; Carvalho et al., 2010). Carter e Fuller (2016) acrescentam, ainda, que essas novas ações não são estáticas, ou seja, estão em constante movimento de interpretação para a

ocorrência de novas ressignificações a partir de novos processos de interação, experiências e vivências. A Figura 4 sintetiza o que se encontra contido ao Interacionismo Simbólico.

**Figura 4**

Interacionismo Simbólico e suas bases



*Nota.* Fonte: Elaborada pela autora, com base em Carter e Fuller (2016) e Carvalho et al. (2010).

Com relação à exposição da Figura 4 seu intuito é elucidar os principais pontos atrelados ao Interacionismo Simbólico. Assim, torna-se relevante comentar que um dos eixos centrais da referida abordagem tange as interações sociais a partir, por exemplo, das relações diádicas para a compreensão de construções como identidade, vínculo e proatividade e contido nisso as possibilidades de interpretá-las, ressignificá-las e constituir novas ações.

Ao tangenciar, de forma sintética, acerca das três premissas básicas que norteiam o interacionismo simbólico, há a necessidade de que sejam percorridas de maneira mais pormenorizada a fim de que suas particularidades e similitudes sejam compreendidas. Nesse sentido, as três próximas subseções tratam dos elementos compreendidos como interpretação, ressignificação e novas ações.

### **2.2.1 Interpretação: o impulsionar do eu**

O pilar ‘interpretação’ incutido na abordagem do Interacionismo Simbólico é representado pelo comportamento de cada sujeito, ou seja, refere-se aos símbolos construídos a cada interação com outros sujeitos (Alver & Caglar, 2015). Assim, é nessa primeira fase que

“as pessoas se envolvem ativamente na formação de quem são e decidem o que fazer ao negociar os significados transmitidos através das relações sociais” (Lee, 2014, p. 455).

Nessa perspectiva, o papel da interpretação dependerá da forma de condução que o sujeito adotar. Ademais, há a necessidade de compreender a existência de um fluxo de troca contínua entre os sujeitos e a sociedade. Ressalta-se, assim, que o que faz isso acontecer é o processo de dialética imbricado nas interações sociais. Parte-se então para o entendimento de que a interpretação dos significados e a comunicação simbólica não são estáticos e imutáveis (Oliver, 2011).

Outra propositura associada a esse pilar é a ideia de gerenciamento de impressão que diz respeito a construção de significado que o sujeito realiza a partir das ações de outros sujeitos (Lee, 2014). Oliver (2011) comenta que o foco está nas circunstâncias que o sujeito decide tomar no decurso de suas ações. Nesse sentido, Lee (2014, p. 457) acrescenta que:

[...] a interpretação dos indivíduos sobre o significado das ações da outra pessoa em uma situação particular é importante para a compreensão do comportamento humano por meio do conceito de desempenho. Especificamente, o desempenho se refere a indivíduos e ações estratégicas, pelas quais eles tentam forjar imagens ou impressões que desejam dar a outras pessoas (também chamado gerenciamento de impressão) em uma situação ou ambiente específico (Lee, 2014, p. 457).

Em adição, tal gerenciamento existe para que haja um controle nas interações sociais, por exemplo, a maneira como um estudante interage com um Professor é diferente da interação que ocorre com pessoas mais íntimas (amigos, familiares, etc.). Este é o ponto em que o gerenciamento de impressão faz com que o sujeito possa muitas vezes apresentar um comportamento tacitamente ‘aceitável’ (Lee, 2014).

Nesse viés, parte-se da ideia de que a interpretação a partir da criação de significados faz parte do escopo denominado ‘produto social’ e que este produto se atrela a posição que os atores ocupam em determinadas situações (Carvalho et al., 2010; Oliver, 2011). Situações, estas, por exemplo, conectadas a importância que denotamos aos diferentes grupos de referência que conhecemos ao longo da vida (Oliver, 2011), os quais corroboram para o chamado movimento de ressignificação.

### ***2.2.2 Ressignificação: o (re)criar das interpretações e interações sociais***

A proposição de que os seres humanos têm a capacidade de formular ideias, raciocínios e que essas formulações se desenvolvem a partir das interações sociais é um dos cerne do interacionismo simbólico, principalmente no estágio denominado ‘ressignificação’ (Ardini & Dewi, 2016). Resignificar na compreensão interacionista significa criar e recriar significados a partir de experiências, vivências, contatos com pessoas que se julga serem relevantes dentro do contexto de cada sujeito (Carter & Fuller, 2016).

Ademais, para Blumer (1986) as instituições sociais apenas existem pelo fato de poderem interagir, ou seja, “o caráter peculiar e distinto da interação social que ocorre apenas entre seres humanos” (p. 179). Leva-se em consideração a inferência de que a sociedade não é uma estrutura estática e sim dinâmica feita de processos contínuos de ações e reações (Carter & Fuller, 2016).

Todavia há a necessidade de ponderar que os espaços onde ocorrem essas interações precisam ser significativos para os sujeitos em ação, ou seja, que esses sujeitos consigam experimentar a influência que os espaços exercem para a construção e desenvolvimento pessoal (Cabanas, 2020). O autor, ainda, insere que os espaços além de significativos precisam ser afetivos, no sentido de aflorar nesse sujeito novos sentimentos de proximidade, novas ações e, por conseguinte, novas experiências.

Tais espaços entendidos como contextos particulares, a exemplo, de lembranças de infância, da fase adulta, espaços escolares como universidades, contatos com pessoas que se julga ser importantes como Professores, orientadores, etc. que também estão imersos no contexto simbólico onde se molda, influencia-se, cria-se e (re)criam-se conhecimentos (Cabanas, 2020). Um dos pontos atrelados aos símbolos são os significados que estes possuem que fazem parte do chamado ‘processo social’ (Carvalho et al., 2010).

Ao adentrar na esfera de ‘processo social’ pondera-se que o pesquisador que opta por esse viés contido no Interacionismo Simbólico precisa levar em consideração a existência de se apoderar pelos significados em seu contexto particular que será compreendido, analisado e interpretado (Carvalho et al., 2010). Sendo assim, Markham e Lindgren (2014) complementam que “o Interacionismo Simbólico se concentra no conteúdo do significado dessas relações à medida que são promulgadas e constantemente negociadas nas interações comunicativas do dia-a-dia” (p. 8).

Em adição, mesmo havendo a ideia de que sujeitos particulares (influentes) são atores sociais não necessariamente as ações promulgadas por eles resultam em situações transformadoras (Serpe & Stryker, 2011). Nesse sentido, Cabanas (2020) menciona que a relevância de narrativas que possam externar o passado, ou ainda, o implícito nos discursos dos

sujeitos que estão sendo ouvidos surge como uma possibilidade de ‘reconstruções iterativas’, ou seja, vislumbra-se o passado e o presente com vistas a capturar futuras expectativas e/ou experiências.

Intrínseco ao processo social encontra-se o comportamento social e por meio deste há condições de compreender o que se transforma em cada troca social (Carter & Fuller, 2016). Blumer (1986) traz em suas alegações que o estudo das formas de interações, comportamentos e experiências precisam ser concatenados na forma de ação, ou seja, que o transcorrer da vida dos sujeitos participantes devem ser estudadas em suas ações independentes. Assim, declinar sobre a experiência de cada membro em suas unidades particulares de desenvolvimento torna-se salutar pelo fato de aferir que cada sujeito dentro de sua capacidade de ressignificação, age de maneira independente na geração de novas ações.

### ***2.2.3 Novas ações: resultantes da ressignificação***

O sujeito ao tomar consciência dos símbolos que fazem sentido para ele e que percebe nestes, possibilidades de novas compreensões e ações, na perspectiva interacionista, recebe a denominação de ‘conduta social’. Tal conduta coexiste com os processos mentais e atua no controle da linguagem (Carvalho et al., 2010). Essas menções sinalizam a necessidade de que cada sujeito seja coautor e corresponsável por suas novas ações.

Ademais, há a necessidade de ponderar também que a capacidade de ação é construída a partir de atos sociais que levam a conduta social e esse movimento diz respeito à linha que vincula os símbolos aos significados. Tal convergência faz com que significados sejam compartilhados, pois os processos de reflexão e de ação nascem e são externados, por intermédio das interações simbólicas que são compartilhadas, em especial, pela influência de grupos de referência (Carvalho et al., 2010; Oliver, 2011). Oliver (2011) insere que “cada grupo de referência estimula, por meio da interação diária, um repertório compartilhado de significados ou uma perspectiva compartilhada” (p. 411).

Outrossim, infere-se, a respeito de três implicações existentes no estágio ‘novas ações’. Primeiro que problemas sociais, institucionais, econômicos, etc. se modificam, se ampliam, tornam-se cada vez mais complexos e com o passar do tempo são exigidas novas formas de tratar tais problemas e a partir disso, novas percepções de alternativas de soluções se fazem necessárias (Serpe & Stryker, 2011).

Em segundo lugar, compreender que a mente e o eu agem a partir de processos comunicacionais e que com base nisso surgem os símbolos e inerente a esses são externados

significados. Tais menções são efetuadas para discorrer que o gerenciamento dessa comunicação também é um fenômeno social e que, portanto, precisa ser tratado com cautela e profundidade (Serpe & Stryker, 2011) pelos sujeitos instigados pela lente teórica interacionista.

Já a terceira implicação diz respeito às relações e experiências vivenciadas pelos atores sociais, que por vezes imersos na resolução dos problemas sociais negligenciam aspectos emocionais. Tal menção e reflexão se fazem relevantes, pois como comentam Carvalho et al. (2010) “essa capacidade de refletir sobre si mesmo é que permite que ocorra o processo de se perceber e/ou sentir-se no papel do outro, habilitando ao ser humano desenvolver o sentido de *self* social” (p. 151).

De forma sintética, as implicações mencionadas encontram-se imbricadas na perspectiva tanto de Mead quanto de Blumer os quais trazem à tona pontos convergentes entre a ação humana e as interações sociais (Carvalho et al., 2010). Ademais, essas ideias descrevem as formas como os discursos são compartilhados, bem como as consequências causadas pela influência de grupos sociais e/ou sujeitos particulares.

“O interacionismo simbólico afirma que os indivíduos obtêm significado de memórias e retém esse conhecimento que forma novos significados”. Toma-se como exemplo, as memórias afetivas de infância que fazem com que as pessoas possam lembrar momentos particulares e assim (re)criar novos sentimentos e emoções (Panicker et al., 2020, p. 438). Esses mecanismos de consciência de momentos relevantes não apenas são importantes em um caráter de captura afetiva familiar, mas também atuam no desenvolvimento pessoal para convívios múltiplos, seja construção da própria família, no ambiente de trabalho, na forma de compartilhamento de experiências, etc. (Carvalho et al., 2010).

Além disso, uma das prerrogativas do Interacionismo Simbólico é o distanciar-se de concepções reducionistas, pois o que provoca a construção e desenvolvimento de novos significados são as interações sociais. Tais significados ganham forma a partir do contexto social em que este sujeito está imerso, bem como das experiências relevantes que podem ser relatadas (Cabanas, 2020). O autor, ainda, insere que:

[...] o interacionismo reconhece o valor das narrativas para explicar a complexa inter-relação entre espaços e experiências emocionais. Narrativas capturam melhor as tensões e relações entre normativo e idiossincrático, objetivo e subjetivo, racional e irracional, fundamento e figura, quando se trata de experiências emocionais. Eles também capturam melhor o dimensional, situado e natureza mista dessas experiências (Cabanas, 2020, p. 3).

Em um contínuo, a visão metodológica propiciada pelo Interacionismo Simbólico tange uma compreensão a partir do percurso de vida dos sujeitos a serem investigados. Tal percurso que traga à tona suas experiências, vivências e emoções com sujeitos particulares e uma das formas de visualização são a construção de narrativas que possam propiciar um caráter valorativo para a investigação científica (Carter & Fuller, 2016).

Imbricado ao exposto, comenta-se que tais narrativas atuam no entendimento do mundo empírico dos sujeitos analisados e que estas possibilitam um entendimento das histórias individuais, bem como das experiências coletivas. Assim, Charmaz (2008) comenta que “nossas representações precisam primeiro refletir as histórias individuais e coletivas, não a história que desejamos contar” (p. 55).

Em síntese, as novas ações simbolizam a posicionalidade dos sujeitos frente aos significados capturados ao longo da vida, bem como seus reflexos no decurso das interações sociais. Ademais, “a força do interacionismo simbólico reside em sua perspectiva de teorizar o processo ativo produzido por indivíduos em interação” (Charmaz, 2008, p. 57), ou seja, descobrir e supor realidades externas e suas implicações nas futuras experiências é um desafio tanto na forma empírica quanto teórica.

### **2.3 O percurso doutorando-doutor: a tese nesse entremeio**

A partir do fornecimento de evidências empíricas sobre a prática de orientação do ponto de vista de orientadores e doutorandos, o estudo tem como uma das lacunas a ser preenchida, nesta tese, a limitação de corpo teórico que trate sobre os efeitos dos padrões de comportamentos relacionais entre orientador, doutorando e a aplicação de pesquisas/métodos utilizados no processo de tese (Khosa et al., 2020; Wichmann-Hansen & Herrmann, 2017).

Os referidos estudantes e suas interações no decurso do doutorado dependem de oportunidades e de apoio durante essa fase. Argumenta-se que a compreensão dessas relações é parte integrante da educação para o recebimento do título de doutor. Assim, estudos podem auxiliar os envolvidos a reconhecerem a necessidade de vislumbrar novos componentes críticos, ou seja, que possam experimentar as diversas concepções epistemológicas e assim se estruturar não apenas como pesquisadores e sim como sujeitos que mostram que os relacionamentos são um componente igualmente legítimo da educação de doutorado, socialização e da preparação para a carreira profissional/acadêmica (Baker & Pifer, 2011).



Além de uma literatura limitada sobre "como os pesquisadores novatos descrevem em detalhes o desenvolvimento de tópicos para estudos de doutorado" (Roulston et al., 2013, p. 254), pesquisas a partir de perspectivas de tais acadêmicos, bem como uma averiguação do processo de aprendizagem para se tornarem profissionais pesquisadores podem ter implicações no que diz respeito às estratégias de apoio que possam melhorar a transição de doutorando para doutor. Rubinstein-Avila e Maranzana (2015) e Marrais et al. (2018) argumentam que um dos aspectos mais desafiadores para a entrada na ciência é ensinar futuros doutores/pesquisadores/profissionais de que maneira incorporarem suas subjetividades no decurso de suas pesquisas.

Outrossim, a literatura que embasa ensino de pesquisa para alunos de doutorado tem crescido ao longo dos anos, com ênfase, principalmente, no rigor metodológico (Preissle & Marrais, 2015). No entanto, há uma premência por pesquisas que externem de que forma esse grupo acadêmico seletivo conduz suas pesquisas, relata suas descobertas e, por conseguinte, se torna pesquisador (Delyser et al., 2012) a partir do uso de métodos de pesquisa, por exemplo, não tradicionais que possam fazer com que a área das ciências sociais avance (Marrais et al., 2018).

Esse movimento de tornar-se a ser expõe que quando alguém adota para si mesmo ou para com outras pessoas formas idênticas na adoção de comportamentos sem internalizar que tais atos são, mesmo que não intencionalmente incorporados por aqueles que as recebem, pode, mesmo que invariavelmente ocasionar reflexos, como por exemplo, de que a referida adoção é a única útil e válida (Bowlby, 1977). Nessa lógica, a construção da tese "inunda os alunos de doutorado em uma literatura teórica e empírica de seu campo, ensinando-os a se envolverem em diálogos acadêmicos e, conseqüentemente, a contribuir com estudos através de sua própria voz" (Marrais et al., 2018, p. 85).

Para Bowlby (1977) pessoas que exercem certas influências acabam por realizar pressões para que seus 'dependentes' procedam (agir) da mesma forma. Tal atitude denominada por Bowlby de "incentivo inconsciente" encontra-se externado no estudo de Fox (2018, p. 5) que menciona:

[...] se olharmos para o processo de produção de conhecimento em detalhes suficientes, descobriremos que os cientistas constantemente relatam suas decisões e seleções para a resposta esperada de membros específicos desta comunidade de "validadores" ou para os ditames da revista em que desejam publicar, ou, ainda, contra quem eles irão se confrontar e com quem eles terão que se associar (Fox, 2018, p. 5).

Ressalta-se que estudos que tratam do papel das relações na transição do aluno de doutorado para um pesquisador/profissional independente são limitados, principalmente com relação a essa transição crítica da 'dependência' para a 'independência'. Assim, compreender a preparação e explorar o papel dos relacionamentos diádicos (orientador-orientando) como pontos fundamentais para a experiência destes acadêmicos e sua preparação profissional, surge como um norte que pode sinalizar os principais desafios, implicações e questões que estes alunos enfrentam durante o processo de elaboração de suas teses (Baker & Pifer, 2011; Fogarty, 2018).

Em um contínuo, explicar tais relações pode servir de fontes críticas de modelagem comportamental durante este percurso, pois essas relações informam a aprendizagem que ocasionam em mudanças de identidade e desenvolvimento profissional (Baker & Pifer, 2011). Assim, há uma preocupação com a trajetória de interesse dos alunos de doutorado ao longo do tempo (Fogarty, 2018) e tão somente busca por instigar a investigação, não somente dos discentes doutorandos como também das tradições epistemológicas que guiaram o percurso acadêmico de seus orientadores (Baker & Pifer, 2011; Khosa et al., 2020).

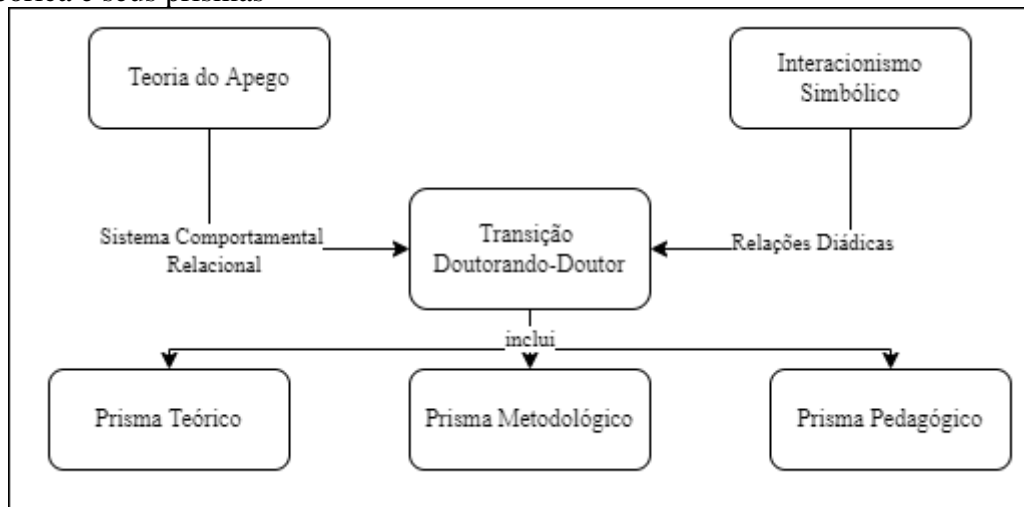
Khosa et al. (2020) mencionam que esse foco duplo (orientador/orientando) constitui e é intrínseco também a educação contábil, bem como a formação de estruturas de habilidades que guiem tais profissionais a questionarem-se como emitentes de conhecimentos para seus futuros alunos. Além do que investigar as influências e o desenvolvimento na formação de futuros doutores, ou seja, as suas construções teóricas, metodológicas e pedagógicas são pontos basilares a serem descobertos empiricamente.

Dessa maneira, a tese argui na ótica de que há uma conexão entre os comportamentos relacionais de doutorandos e das práticas científicas que estes aprendem ao longo do doutoramento e que essa cinesia tem como ponto de partida as concepções epistemológicas de seus orientadores (Fox, 2018). Tais ideias, na busca por contextualizar o estado atual dos futuros doutores em contabilidade, bem como prováveis implicações atribuídas aos Prismas Teóricos, Metodológicos (Fogarty, 2018; Magrini et al., 2024) e Pedagógicos (Cao et al., 2024; Guntari & Jatmika, 2023; Marrais et al., 2018) imbricados a esses sujeitos.

De forma a explicar a respeito do arcabouço teórico identificado para a proposta de investigação a Figura 5 demonstra tais conexões.

**Figura 5**

Base teórica e seus prismas



Nota. Fonte: Elaborada pela autora, com base em Araujo (2017), Fogarty (2018), Fox (2018), Marrais et al. (2018), Laffin e Gomes (2014) e Slomski et al. (2020).

De forma a discorrer sobre tais implicações há a necessidade de um entendimento do que se encontra no escopo de cada prisma, além das conexões demonstradas pela Figura 5. Assim, as três subseções seguintes têm essa incumbência.

### 2.3.1 Prisma Teórico

Uma das principais articulações quando pesquisadores decidem se debruçar sobre suas dúvidas, inquietações, percepções e externá-las, por meio de estudos tangem o uso de teorias (Bazeley, 2018). Jonker e Penink (2010) comentam que “os dados só podem ser interpretados quando se aplica a teoria pelos olhos dos envolvidos” (p. 94). Nessa perspectiva, se faz relevante definir o que é e quais aspectos envolvem uma teoria.

O uso de teorias se faz necessário pelo fato destas influenciarem diretamente as interpretações após a coleta das evidências. Assim, a construção de argumentos existirá de forma mais consistente se junto a eles estiverem atrelados uma base teórica que tenha condições de responder ao objetivo pretendido e, por conseguinte, auxiliar na composição das interpretações (Bazeley, 2018). Além disso, “a teoria diz onde procurar, o que procurar e como procurar”. Tais procuras refletem um dos pontos basilares de uma teoria, ou seja, demonstrar as relações existentes a partir de uma realidade e fenômeno particulares (Jonker & Penink, 2010, p. 46).

A ação de teorizar implica na compreensão do que é observável no mundo, em outras palavras, surge em um movimento de identificar o contexto que será abordado, o problema a

ser investigado, as hipóteses que nortearão o estudo. Com isso, a teoria atua como suporte de relevância significativa para que o pesquisador compreenda o que já é sabido, o que ainda falta saber, bem como que tipo de contribuições ele poderá evidenciar a partir da ótica do problema a ser resolvido (Jonker & Penink, 2010; Magrini et al., 2024).

Em adição, tem-se que imbricada a qualquer escolha de teoria encontra-se a intencionalidade do pesquisador (Ahrens, 2009). Ademais, na área das ciências sociais menciona-se que uma “boa” teoria precisa ter elementos coerentes com o problema de pesquisa. Além de ser útil e composta por um escopo que evidencie qual lente epistemológica será adotada (Jonker & Penink, 2010).

Bazeley (2018) argumenta que uma das ações para a escolha da teoria tange a construção de um mapeamento conceitual. Mapear é delinear as suposições externadas por uma teoria. Serve também para que estudiosos, pesquisadores, teóricos, etc. possam anteceder a construção e desenvolvimento de suas indagações a respeito de determinado fenômeno trazido pela teoria e que irá nortear todo o percurso de posicionamento do pesquisador (Ahrens, 2009; Jonker & Penink, 2010). Jonker e Penink (2010, p. 44) adicionam:

Estamos todos muito familiarizados com modelos, não apenas na vida cotidiana, mas também nas ciências naturais e sociais. Arquitetos, consultores, *designers*, acadêmicos, gerentes e enfermeiros usam vários modelos. A maioria dos modelos serve para visualizar ideias, trazer à tona propriedades-chave de um fenômeno e ajudar a orientar um padrão específico de ações ou como as coisas se unem para ilustrar relacionamentos (Jonker & Penink, 2010, p. 44).

Por conseguinte, a escolha de qual teoria será a mais propícia para o estudo demanda por um conjunto de conhecimentos por parte do pesquisador, como por exemplo, as escolhas ontológicas e epistemológicas (Bazeley, 2018; Jonker & Penink, 2010; Magrini et al., 2024). Como ontologia entende-se o conjunto de suposições baseadas na realidade percebida pelos teóricos que compuseram a teoria, em conexão com a realidade do pesquisador a partir, por exemplo, de sua construção social.

Para Magrini et al. (2024) “a essência ontológica nos estudos contábeis é compreender a realidade de forma objetiva, construindo, a partir dessa compreensão, pesquisas teórico-empíricas baseadas em teorias que tenham aceitação na comunidade científica” (p. 117). Já a epistemologia, compreende a filosofia do conhecimento, ou seja, as formas que ocorre a

construção do conhecimento. Em outras palavras, “diz respeito à investigação do que distingue a crença justificada da opinião” (Jonker & Penink, 2010, p. 61).

Além disso, espera-se que uma fundamentação teórica consistente resulte em melhores proposições e conceituações do(s) fenômeno(s), bem como melhor alinhamento dos elementos ontológicos, epistemológicos e metodológicos incutidos no estudo e compreendidos pelo pesquisador (Coates, 2020). Assim, a subseção seguinte aborda a respeito do que está envolto no Prisma Metodológico.

### **2.3.2 Prisma Metodológico**

A partir de 1960, um dos embates atrelados as ciências sociais envolviam as “guerras de paradigmas”. Por um lado, a predominância de métodos quantitativos sobrepuja o uso de teorias, por outro lado existia, mesmo que de forma módica, o uso de métodos qualitativos, os quais tentavam ganhar legitimidade na comunidade científica (Coates, 2020; Magrini et al., 2024). Bazeley (2018) comenta que “nas décadas de 1980 e 1990 era muito comum que os escritores das ciências sociais, e especialmente aqueles que escreviam sobre métodos qualitativos ou mistos, listassem tabelas comparativas [...]”, indícios de um forte aparato quantitativo existente (p. 335).

Nesse limiar entre quantitativo, qualitativo e misto, a capacidade de organizar a forma pela qual a pesquisa será conduzida, a partir da natureza da questão abordada pelo pesquisador recebe a denominação de metodologia. Assim, cabe ao pesquisador levar em consideração a partir da base teórica escolhida quais serão os passos a serem adotados para que, ao final do percurso do estudo, as interpretações sejam além de coerentes com o problema inicialmente apresentado também provoquem implicações legítimas em âmbito científico, econômico e social (Bazeley, 2018; Coates, 2020; Jonker & Penink, 2010).

Ao se tratar sobre a metodologia leva-se em consideração que seu campo tem legítima complexidade no universo acadêmico, porém ainda há brechas a serem descobertas quanto a sua implicação na prática acadêmica (Jonker & Penink, 2010). Prática que pode ser interpretada como os meios de pensar e agir a respeito do fenômeno pesquisado, ou seja, a forma como o pesquisador escolherá tratar determinado problema.

Além disso, há um equívoco quando se limita o escopo da metodologia a construção de instrumentos de pesquisa, como por exemplo, questionários (Jonker & Penink, 2010). Bazeley (2018) adiciona que “estão disponíveis várias formas de dados que podem ser analisados e interpretados usando estratégias estatísticas e hermenêuticas; estão disponíveis várias formas

de dados que desafiam a definição de estudos sendo intrinsecamente quantitativos ou qualitativos” (p. 339).

Nesse sentido, o campo metodológico compreende uma atenção pormenorizada no que diz respeito aos fundamentos filosóficos em que primeiramente a teoria está ancorada e, posteriormente no decurso metodológico subjacente a tal teoria (Coates, 2020; Magrini et al., 2024). Jonker e Penink (2010, p. 17) inserem que o pesquisador nessa fase:

[...] deve considerar a maneira como vai lidar com as (pessoas da) organização e estabelecer sua abordagem geral, escolhendo como deseja conduzir a pesquisa. [...]. O método que ele seleciona depende tanto da natureza da questão quanto da visão do que ele considera (implícita ou explicitamente) como "boa" pesquisa. Esse amálgama de considerações (científicas) e condições contextuais são moldadas por preferências pessoais, anteriormente referidas como abordagem básica do pesquisador (Jonker & Penink, 2010, p. 17).

Para Coates (2020) a exposição por parte do pesquisador de um delineamento metodológico claro, bem como dos pressupostos filosóficos estabelecidos configuram-se como elementos indispensáveis a ser externados na escrita científica. Coates (2020) ainda expõe que “se os pressupostos filosóficos são negligenciados na escrita, eles também podem ser negligenciados no pensamento” (p. 13).

Com ênfase nas ciências sociais, a construção de estatísticas para explicar os fenômenos ainda é predominantemente associada a epistemologias positivistas (Bazeley, 2018; Magrini et al., 2024). No entanto, há a necessidade de que previamente a escolha metodológica a ser adotada sejam realizados alguns questionamentos por parte do pesquisador, como por exemplo, que tipo de problemas as organizações enfrentam? qual é o fenômeno a ser pesquisado? o que implica a observância da realidade? (Jonker & Penink, 2010). Estas são algumas das ponderações a serem refletidas levando-se em consideração que o pesquisador tem ciência de seu papel social.

### **2.3.3 Prisma Pedagógico**

Ao se debruçar sobre as compreensões acerca do campo pedagógico intrínseco a quaisquer acadêmicos de contabilidade que estejam imersos em cursos, particularmente, *stricto sensu* se faz necessário delinear o escopo a ser tratado (Laffin & Gomes, 2014). Assim, toma-

se como norte as nove dimensões propostas por Laffin e Gomes (2014), sendo elas: educação, ensino, treinamento, projetos, currículo, docência, ensino-aprendizagem, instrução e metodologia. Tais dimensões compõem, segundo os autores, requisitos necessários para uma formação profissional, particularmente, ao adentrar no campo acadêmico.

Salienta-se que ao ponderar sobre “as práticas pedagógicas contábeis deve-se reconhecer os fatores contextuais dos alunos”, como por exemplo, suas intenções pessoais e profissionais (Cao et al., 2024, p. 7). Além disso, os autores mencionam que “dentro da corrente da pedagogia contábil há um foco predominante nas abordagens de aprendizagem. Ao mesmo tempo um subconjunto menor de artigos investiga a concepção curricular, o desenvolvimento da educação contábil e o papel da educação contábil na profissão” (Cao et al., 2024, p. 12).

Para Nóvoa (1991) a desvalorização da dimensão pedagógica é um dos entraves a serem resolvidos na academia. O autor, pesquisador e educador ainda comenta que preparar-se pedagogicamente é “situar a nossa reflexão para além das clivagens tradicionais [...]” (p. 11). Ademais, demonstrar de que forma ocorrem as implicações desse entrelaçamento torna-se relevante pelo fato de que em todas as dimensões citadas há como vínculo nesse entremeio as relações sociais (Laffin & Gomes, 2014).

Nesse sentido, em um estudo realizado por Abdullah et al. (2016), os autores investigaram a respeito da formação pedagógica em programas de doutorado em contabilidade. Os resultados evidenciaram que há muitas lacunas a serem preenchidas com relação a algumas percepções de cunho pedagógico, como por exemplo, “entender melhor como doutorandos em contabilidade estão sendo preparados para assumir a docência e quais as responsabilidades inerentes ao ser docente” (Abdullah et al., 2016).

Adicionalmente, deve-se levar em consideração que um dos elos para a referida preparação tange a influência que estes recebem em seu percurso acadêmico e, em especial, na imersão de um doutoramento (Laffin & Gomes, 2014; Ramsarghey, 2020). A ideia de que formar profissionais que tenham discernimento quanto as suas limitações, competências e sua atuação como ser profissional é um ponto importante a ser discutido. Tal formação denota preparação (Araujo, 2017).

Para Slomski et al. (2020) construir competências profissionais vincula-se ao fato de “abdicar de sua função secular de formação para atender ao mercado de trabalho, e assumir sua função social de formar profissionais para a cidadania” (p. 3). Já Guntari e Jatmika (2023) corroboram que “conhecimento de pedagogia, tecnologia e conhecimento de conteúdo são competências básicas que devem ser dominadas pelos professores no século XXI” (p. 6).

### **3 METODOLOGIA**

Nessa seção são descritas as escolhas metodológicas adotadas para o alcance do objetivo do estudo. Assim, as subseções dispostas posteriormente têm como incumbência: (i) caracterizar a pesquisa; (ii) caracterizar os sujeitos de pesquisa; (iii) construir as evidências; e, por fim (iv) expor a respeito do processo para a construção da análise das evidências.

#### **3.1 Caracterização da pesquisa**

O processo de construção de conhecimento está vinculado a manutenção de significados, como por exemplo, novas interações e relacionamentos. Assim, tal transição, desde a infância a fase adulta, requer desse sujeito re(ações) que em cada fase apresentam-se, de forma geral, diferentes. No entanto, na perspectiva de Bowlby (1980) algumas características permanecem, como a necessidade de uma figura de apego que simbolize um porto seguro ou suporte em momentos de necessidades e incertezas.

Ademais, as premissas da Teoria do Apego e do Interacionismo Simbólico suportam que cada sujeito interpreta sua realidade e busca promover rupturas para desenvolver-se pessoalmente e profissionalmente mesmo que para isso precise lidar com a renovação das relações de apego e com a perspectiva de tomada de decisão própria. Nesse sentido e tomando-se como norte central as relações de apego na fase adulta com foco nas escolhas profissionais, optou-se por investigar acerca de doutorandos que optaram em construir suas teses e trajetórias profissionais na área das ciências contábeis.

Tal escolha deu-se pelas influências que, geralmente, regem os referidos pesquisadores, ou seja, uma formação “tecnicista” (Raineri, 2015). Uma das possíveis consequências dessa formação é a não promoção de novos conhecimentos e significados oriundos de novas alternativas de fontes de conhecimento, como por exemplo, o uso de abordagens qualitativas (Fox, 2018).

Nesse viés, a natureza do problema desta tese vincula-se a abordagem qualitativa. Tal escolha busca sustentar os resultados encontrados a partir do intuito da tese que é analisar as implicações teóricas, metodológicas e pedagógicas compreendidas por doutorandos em ciências contábeis no que compete a construção da tese, bem como do ser profissional.

Abordar um problema de forma qualitativa compreende a exposição de argumentos que elucidem relatos, histórias, perspectivas e que possibilitem desvendar a complexidade inerente no decorrer de cada construção de significado dos sujeitos (Parker, 2014). Além disso,



desvendar o mundo social de forma mais próxima possível e explorar as conexões existentes nas escolhas e interações que poderão influenciar o decurso pessoal e profissional pertence a um dos pontos basilares para um pesquisador qualitativo (Magrini et al., 2024; Molinari & De Villiers, 2021), bem como para pesquisas qualitativas em contabilidade (Jack & Saulpic, 2019).

Outros pontos atrelados a abordagem qualitativa tangem apresentar as escolhas ontológica e epistemológica preconizadas. Ontologia refere-se a dimensão do que existe, ou seja, a forma como se percebe o mundo real (Martins, 2012). Para Sekaran e Bougie (2016) toda pesquisa é baseada em crenças sobre o mundo ao nosso redor, proposição esta incutida nos estudos filosóficos cuja denominação é ontologia.

Assim, para essa tese se adotou a vertente sociológica de Kathy Charmaz (Charmaz, 2014), bem como pela posição ontológica subjetivista a qual tem como prerrogativa a construção dos significados a partir do que é percebido/capturado por cada sujeito (Martins, 2012). No que tange ao viés epistemológico a escolha diz respeito ao paradigma interpretativista. No Interacionismo Simbólico o referido paradigma traz consigo 3 proposições: (i) a ação do indivíduo depende do significado que ele atribui ao objeto em análise; (ii) o significado atribuído depende da interação promovida; e (iii) a resignificação dos significados construídos parte de um processo interpretativo do que é vivenciado, ou seja, de um processo de atribuição de sentidos (Lye et al., 2006).

Por conseguinte, intrínseco ao uso da abordagem qualitativa encontram-se os aspectos axiológicos adotados para o estudo. Axiologia refere-se à preocupação que o pesquisador, em especial qualitativo, necessariamente precisa ter com as questões éticas que envolvam a pesquisa realizada. Para Wahyuni (2012) tais preocupações dizem respeito a postura do pesquisador em relação ao que pretende explorar. Nesse sentido, “estudar a realidade social na perspectiva das pessoas e si mesmo (o pesquisador), ou seja, as experiências e valores de ambos os participantes da pesquisa e pesquisadores influenciam substancialmente a coleta e análise dos dados” (p. 71).

### **3.2 Caracterização dos sujeitos da pesquisa**

Os participantes da pesquisa compõem-se de acadêmicos de Pós-Graduação *stricto sensu*, mais especificamente doutorandos em contabilidade pertencentes aos Programas de Pós-Graduação localizados no Brasil. De acordo com a CAPES (2022) existe um total de 15 programas de doutorado distribuídos em quatro das cinco regiões brasileiras, sendo elas:

Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste. A Tabela 2 expõe essa distribuição dos programas em suas respectivas regiões.

**Tabela 2**

Programas de Pós-Graduação stricto sensu (doutorado) distribuídos nas quatro regiões brasileiras

<b>Região</b>	<b>Nº de Programas</b>	<b>Programa</b>
Norte	-	-
Nordeste	2	Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis – UFPB-JP
		Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis – UFPE
Centro-Oeste	1	Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis – UnB
Sul	4	Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis e Administração – FURB
		Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis – Unisinos
		Programa de Pós-Graduação em Contabilidade - UFPR
		Programa de Pós-Graduação em Contabilidade - UFSC
Sudeste	8	Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis e Administração – FUCAPE - DP
		Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis – UFRJ
		Programa de Pós-Graduação em Administração e Ciências Contábeis – FUCAPE
		Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis – UFU
		Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis - UFES
		Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade – USP/RP
		Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade – USP
		Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade – UFMG
<b>Total</b>	<b>15</b>	

*Nota.* Fonte: CAPES (2022). [Plataforma Sucupira \(capes.gov.br\)](http://capes.gov.br)

DP = Doutorado Profissional

Nos programas elencados na Tabela 2 foram considerados os estudantes que se encontravam no processo de construção de suas teses de doutorado, ou seja, acadêmicos com mais de 1/3 de seu doutoramento concluído. Para tanto, levou-se em consideração todos os acadêmicos ingressantes nos anos de 2020 e 2021.

A partir dessa seleção, buscou-se nas páginas de divulgação de cada programa a lista com os nomes dos estudantes aprovados nos referidos anos. Após a seleção verificou-se a existência de um total de 226 doutorandos inscritos distribuídos nos 15 programas de pós-graduação.

### 3.3 Construção das evidências

Partindo-se do pressuposto de que refletir sobre algo se encontra conectado a compreender a partir do outro suas trajetórias sejam pessoais e/ou profissionais, buscou-se construir tais evidências, por meio de três subseções, sendo elas: (i) História de Vida Profissional; (ii) História Oral, as quais estão alicerçadas a partir de (iii) entrevistas semi-estruturadas.

#### 3.3.1 Construção da História de Vida Profissional

Contar a história da vida de um sujeito é embarcar na subjetividade das experiências, expectativas, escolhas, negociações que fizeram com que sua construção social fosse influenciada pelo tempo, lugares, conquistas, sensações, decepções, etc. Tais estruturas culminam com a construção sócio-histórica-cultural de cada sujeito (Jaime et al., 2007).

Imersa nas ciências sociais desde 1920 e tendo como pesquisador basilar o sociólogo Robert E. Park, a estratégia de pesquisa denominada como História de Vida surge como um aparato capaz de captar a intersecção do sujeito com o contexto social (Jaime et al., 2007). Assim, para que haja essa composição histórica do sujeito, normalmente a história de vida compõe-se além do discurso do sujeito, fotografias, vídeos, diários, documentos pessoais e o que possa ratificar sua trajetória (Bryman, 2016; Sayed et al., 2017).

Nesse ínterim, a estratégia de história de vida possui, quanto a sua utilidade, além de um valor teórico, o despertar no pesquisador que se propõe a tal recurso de pesquisa, ou seja, a compreensão da complexidade inerente a tal empreendimento científico, não obstante reconhecer sua legitimidade com base no fortalecimento de pesquisas de cunho qualitativo (Jaime et al., 2007). Nessa perspectiva, há a necessidade de evidenciar alguns embates metodológicos existentes quando se depara com a terminologia “biografia”. Pode-se conceber também a biografia como uma estratégia de investigação científica? Métodos biográficos é um termo genérico para um conjunto de atividades que pode incluir: história de vida, história oral, autobiografia e narrativas.

Por vezes são reconhecidos como estratégias interdisciplinares. Para pesquisadores que, à priori, aventuram-se no entremeio de métodos não quantificáveis ´permitir que a subjetividade e as experiências pessoais invadam espaços, como por exemplo nas ciências sociais aplicadas, que ainda no século XXI são majoritariamente postulados por paradigmas positivistas é, no mínimo, desafiador.

A condução de pesquisas qualitativas exige do pesquisador compreensões mais profundas do contexto, em virtude de ser este um dos pontos auxiliares para compreender o fenômeno que se deseja estudar. Além disso, explorar a literatura existente, compor os elementos éticos necessários, coletar, gerenciar e analisar as informações resultantes são itens essenciais de uma pesquisa, em especial, na perspectiva qualitativa (Cypress, 2019).

Nesse sentido, o uso de estratégias de pesquisa como história de vida e história oral buscam por compreender de que forma os sujeitos interagem e assim constroem-se socioculturalmente. Essa construção pode suscitar temáticas como: processos de socialização, práticas de trabalho, estilos gerenciais, etc. (Jaime et al., 2007; Sayed et al., 2017).

A partir disso, compreender os fenômenos que envolvem a referida área de conhecimento é uma tarefa complexa e que demanda noções conceituais, bem como as formas de explorar determinadas situações. Estas, por exemplo, vinculadas aos paradigmas interpretativista, crítico-dialético, etc. e que exige do pesquisador estratégias de investigações e métodos para a coleta e análise das informações (Ngozwana, 2018).

Com isso, o uso da história de vida e história oral como abordagens metodológicas são consideradas como um formato mais livre em comparação ao viés positivista, sendo mais utilizadas em áreas como antropologia, sociologia, psicologia, educação, porém menos explorados em áreas como administração (Jaime et al., 2007) e contabilidade (Stevenson et al., 2018). Apesar dos apelos para o uso da história de vida e história oral na ambiência das pesquisas contábeis, a estratégia pouco tem sido utilizada no contexto contábil (Sayed et al., 2017).

Assim, até que ponto pesquisadores de contabilidade sabem a respeito das estratégias de História Oral e História de Vida para a completude de suas investigações científicas? Estabelecer as diferenças e similitudes existentes, para o uso de cada estratégia, resulta em posicionar as escolhas do pesquisador e assim possibilitar o reflexo das mudanças na trajetória de vida de cada sujeito (Stevenson et al., 2018; Hodge & Costa, 2021). Tanto a história de vida quanto a história oral são métodos biográficos que podem ser entendidos como ferramentas pedagógicas de pesquisas, trazendo à tona sujeitos reais que vivenciaram histórias reais e que lutam por transformações reais, assumindo-se que as vidas se movem ao longo das construções sociais (Jaime et al., 2007).

### ***3.3.2 Construção da História Oral***

Por que você escolheu a contabilidade como profissão? Por que você escolheu trabalhar em um escritório de contabilidade? (Smith, 2019). Capturar a essência de uma experiência individual é o ponto central da história oral. Além disso, compreender o significado de determinados eventos no percurso da vida é o cerne epistemológico e metodológico promovido pela referida estratégia de pesquisa (Haynes, 2010).

A história oral difere de uma entrevista direta. Embora as entrevistas tenham algumas semelhanças com as histórias orais, na medida em que são tipicamente criadas por meio da interação com base em perguntas, elas geralmente se concentram em uma experiência ou fenômeno específicos. Em linhas gerais, as histórias orais lidam com o passado do sujeito (Haynes, 2010).

Nesse viés, o uso da história oral pode ser contemplado, por exemplo, em pesquisas sobre ética profissional e mais especificamente contábil (Stevenson et al., 2018) e responsabilidade social (Smith, 2007), etc. Assim, no intuito de enfatizar as experiências pessoais e diferenças individuais que contribuem para o desenvolvimento ético, bem como ser utilizada com mais frequência em estudos que abordam as transformações na Contabilidade, e principalmente por pessoas que vivenciaram e foram afetadas pelas mudanças na área (Stevenson et al., 2018).

“Ninguém deve ter ilusões de que coletar depoimentos orais é uma forma 'suave' de pesquisa histórica. A história oral adequadamente conduzida envolve substancialmente mais do que registrar uma conversa genial durante o chá da tarde” (Stevenson et al., 2018, p. 9). Um dos principais feitos da história oral é viabilizar que os conhecimentos já consolidados sejam questionados, ou seja, que construções já postuladas como verdades sejam postas “a prova” (Sayed et al., 2017).

Produzir informação implica no desenvolvimento de construções a partir do diálogo. Este principalmente alicerçado por vozes ainda não ouvidas, ou seja, um dos principais cerne da história oral é possibilitar que sujeitos ainda não ouvidos e que foram impactados por determinadas mudanças tenham ‘vez e voz’ (Hodge & Costa, 2021). A história oral tem como intuito recuperar a história das pessoas em suas próprias palavras, bem como ajuda a compreender o futuro construído por elas (Sayed, 2017).

“O apoio acadêmico à história oral evoluiu à medida que complementa os registros escritos com um rico relato verbal de um evento ou eventos” (Smith, 2007, p. 148). Exemplo disso, foi o estudo realizado por Sayed et al. (2017) que a partir de 11 entrevistas com

renomados nomes da contabilidade procurou conhecer os impactos percebidos por tais profissionais que fizeram parte de mudanças significativas na área como a convergência das normas contábeis. Uma das limitações existentes quando da aplicação da estratégia de história oral por parte do pesquisador ocorre no chamado “viés de questionamento” que pode fazer com que as ideias preconcebidas de quem está entrevistando ofusque o ponto de vista que o entrevistado gostaria de ensejar (Smith, 2007).

Para tanto, torna-se relevante explicar de forma cuidadosa a forma como o procedimento de captura dessas informações foi conduzida. Nesse sentido, a subseção seguinte trata da forma como as entrevistas foram construídas.

### ***3.3.3 Construção da Entrevista***

Em pesquisas qualitativas uma das intenções é a busca por significados e uma das ações a priori é a realização de conversas, notas de campo, entrevistas. A compreensão de que as práticas interpretativas colocam o observador no mundo possibilita que os fenômenos em termos de significado sejam buscados em seu ambiente natural (experiências, vivências, limitações) (Creswell, 2007).

Em referência ao uso de entrevistas tem-se a necessidade de que interações sejam realizadas a partir da verificação de alguma situação complexa que foi percebida e que precisa ser averiguada, entendida e/ou solucionada (Charmaz, 2014). Nessa tese buscou-se analisar as implicações teóricas, metodológicas e pedagógicas compreendidas por doutorandos em ciências contábeis no que compete a construção de suas teses, bem como do ser profissional, tendo como cerne para a construção das evidências conhecer esses acadêmicos no que tange suas histórias de vida e escolhas profissionais, relações e interações com seus mentores.

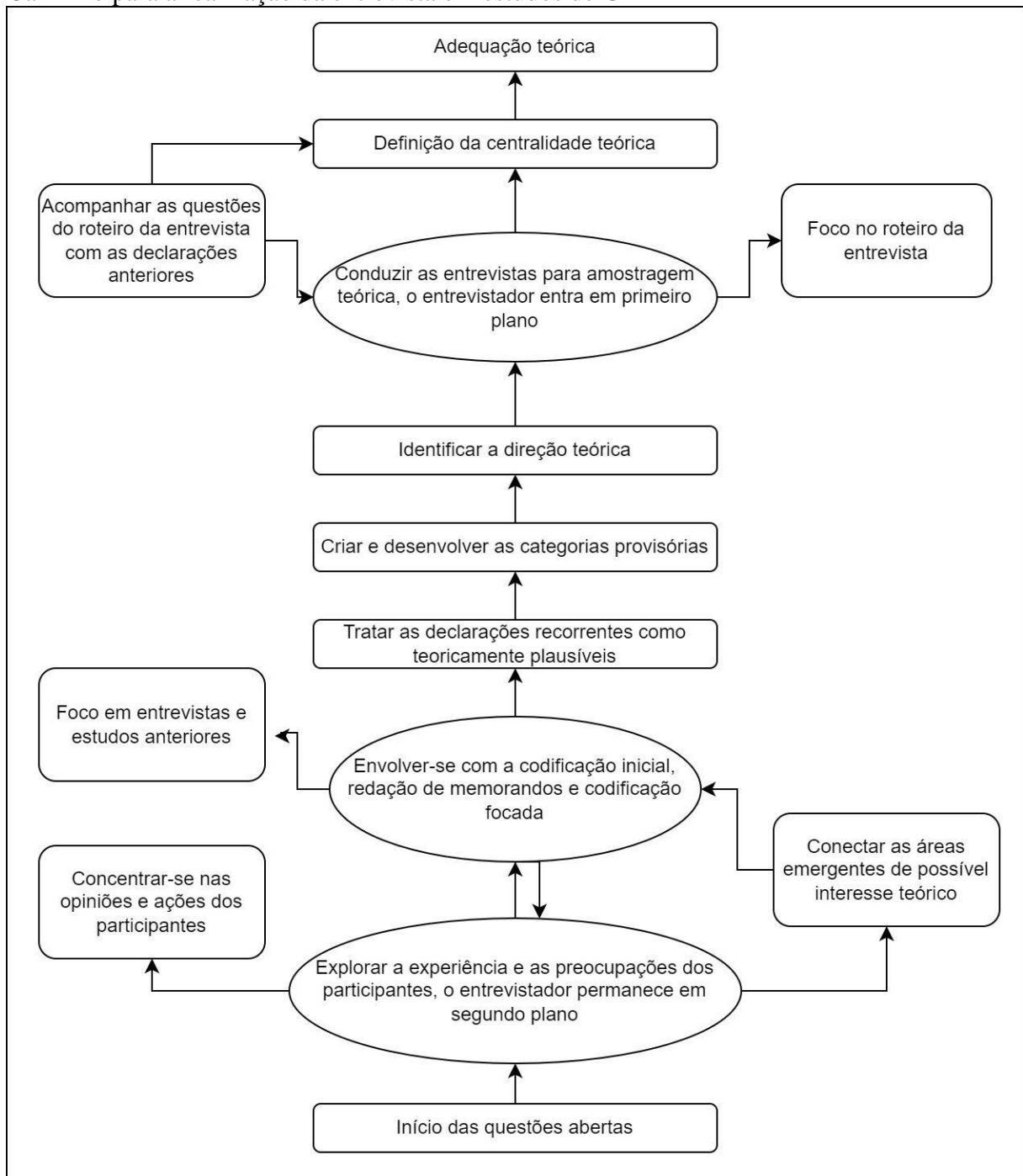
Tais questionamentos demandam por uma estrutura de perguntas que contemple e esteja conectada ao intento dessa tese, ou seja, refletir como se encontram os futuros doutores em contabilidade no tocante a construção da tese, bem como do ser profissional. Charmaz (2014) comenta que o pesquisador precisa propor questões claras e que estejam alinhadas a proposta inicial da entrevista.

Tanto o pesquisador quanto o pesquisado têm os seus anseios e perspectivas, por isso o roteiro a ser construído necessita de um percurso bem definido. Comenta-se que a elaboração das questões constantes no Apêndice A foi feita com base em Bowlby (1977), Charmaz (2014), Nóvoa (1991) e Slomski et al. (2020).

Nesse sentido, partindo-se da escolha pela *Grounded Theory* (GT) também denominada de Teoria Fundamentada, Charmaz (2014) propõe um caminho desde a construção das questões até o objetivo final, ou seja, a construção de centralidade e adequação teórica que sustente o desenvolvimento de uma Teoria Fundamentada. Assim, a Figura 6 tem como premissa trazer à tona o percurso para a construção desta tese.

**Figura 6**

Caminho para a realização da entrevista em estudos de GT



Nota. Fonte: Adaptado de Charmaz (2014, p. 192).

Tomando-se como ponto de partida para a realização do roteiro de entrevista (Apêndice A), conforme explicitado na Figura 6, a construção das questões que nortearam o estudo, Charmaz (2014) sugere que as perguntas sejam divididas em três momentos: (i) questões iniciais (abertas), o pesquisador permanece em segundo plano, ou seja, permite ao pesquisado expor suas primeiras ideias, preocupações, etc.; as (ii) questões intermediárias (aprofunda-se as perguntas com relação as experiências dos participantes); e as (iii) questões finais que buscarão retomar alguns questionamentos anteriores, bem como trazer o entrevistado para uma reflexão a respeito de seu crescimento profissional após todo o seu percurso de vida.

Outro ponto importante a ser considerado diz respeito a realização do pré-teste para a observância da adequação na construção das questões. Nesse sentido, foram realizados três pré-testes. O primeiro com um Professor universitário com quase 30 anos de docência, cujo um dos focos de pesquisa norteia a temática de educação em contabilidade.

O segundo consultado é um docente que em 2022 estava realizando o seu doutorado e atuava como Professor substituto. Logo após sua defesa ingressou em uma universidade como Professor. Por fim, o último pré-teste foi realizado com um doutorando que se encontrava no início da construção de sua tese. Os três pré-testes foram realizados entre os meses de maio e junho de 2023 e tiveram duração de, respectivamente, 52 minutos, 1h29 minutos e 44 minutos.

Ao final de cada pré-teste foi solicitado que cada um colocasse as suas sugestões de melhoria, no sentido de excluir, ajustar ou adicionar algumas informações que percebessem como necessárias. Após as sugestões os ajustes foram realizados. Tais ajustes consistiram apenas em algumas pequenas modificações, como por exemplo, troca de palavras que pudessem trazer mais clareza ao questionamento.

Logo após sua realização o roteiro da entrevista junto com o projeto de tese foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) onde o resultado do parecer foi favorável sob o número 6.320.088 e CAAE: 71154923.7.0000.5407. O próximo passo foi buscar meios de entrar em contato com os doutorandos e, nesse sentido, as informações como, por exemplo, e-mail foram buscados nas plataformas dos programas, buscas no google pelo nome completo, bem como no Currículo Lattes de cada estudante.

Posteriormente, foi enviado um e-mail (individual) com o convite para a participação na entrevista. Foram realizadas três tentativas de contato para aqueles que, no envio do primeiro e segundo e-mail não retornaram. Do total de 226 acadêmicos doutorandos, 105 aceitaram participar ocasião em que os agendamentos foram realizados. No intuito de seguir o protocolo exigido pelo CEP, um dia antes da realização da entrevista foi encaminhado via e-mail o Termo



de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), o roteiro da entrevista (Apêndice A), bem como a data e horário da entrevista, previamente agendados.

As entrevistas foram gravadas, com autorização prévia dos entrevistados, pela plataforma *Google Meet* ([Meet \(google.com\)](https://meet.google.com)) e transcritas pela plataforma TacTiq ([Tactiq | The #1 Live Transcript for Google Meet, Zoom and MS Teams](#)). As 105 entrevistas realizadas totalizaram 1.254 páginas transcritas. A Tabela 3 tem como intuito demonstrar o tempo de duração da entrevista de cada doutorando, bem como a denominação atribuída a cada participante, ou seja, para que não houvesse nenhum tipo de conexão entre o doutorando e sua instituição optou-se apenas por chama-lo(a) de Estudante. Salienta-se que as entrevistas ocorreram de outubro de 2023 a janeiro de 2024.

**Tabela 3**

Tempo de duração de cada entrevista

<b>Identificação</b>	<b>Duração da entrevista</b>	<b>Número de páginas transcritas</b>
Estudante 1	53 minutos	12
Estudante 2	1 hora e 44 minutos	22
Estudante 3	1 hora e 12 minutos	18
Estudante 4	1 hora e 15 minutos	15
Estudante 5	43 minutos	9
Estudante 6	1 hora e 15 minutos	14
Estudante 7	1 hora e 49 minutos	22
Estudante 8	46 minutos	10
Estudante 9	35 minutos	8
Estudante 10	2 horas e 5 minutos	27
Estudante 11	1 hora e 2 minutos	15
Estudante 12	1 hora e 39 minutos	22
Estudante 13	48 minutos	9
Estudante 14	50 minutos	9
Estudante 15	41 minutos	10
Estudante 16	1 hora e 4 minutos	14
Estudante 17	33 minutos	7
Estudante 18	51 minutos	9
Estudante 19	42 minutos	8
Estudante 20	1 hora e 2 minutos	10
Estudante 21	39 minutos	9
Estudante 22	43 minutos	10
Estudante 23	42 minutos	10
Estudante 24	39 minutos	8
Estudante 25	1 hora e 1 minuto	11
Estudante 26	59 minutos	12
Estudante 27	1 hora e 18 minutos	16
Estudante 28	44 minutos	12
Estudante 29	42 minutos	11
Estudante 30	59 minutos	12
Estudante 31	39 minutos	7
Estudante 32	1 hora e 17 minutos	14
Estudante 33	1 hora e 19 minutos	18
Estudante 34	48 minutos	11

Estudante 35	29 minutos	7
Estudante 36	45 minutos	9
Estudante 37	1 hora e 1 minuto	13
Estudante 38	51 minutos	12
Estudante 39	1 hora e 11 minutos	15
Estudante 40	46 minutos	10
Estudante 41	34 minutos*	6
Estudante 42	45 minutos	11
Estudante 43	1 hora e 37 minutos	13
Estudante 44	1 hora e 13 minutos	14
Estudante 45	1 hora	12
Estudante 46	1 hora e 26 minutos	20
Estudante 47	32 minutos	6
Estudante 48	48 minutos	9
Estudante 49	1 hora e 19 minutos	16
Estudante 50	39 minutos	8
Estudante 51	38 minutos	9
Estudante 52	36 minutos	7
Estudante 53	38 minutos	9
Estudante 54	59 minutos	12
Estudante 55	1 hora e 10 minutos	15
Estudante 56	44 minutos	7
Estudante 57	55 minutos	12
Estudante 58	58 minutos	13
Estudante 59	44 minutos	9
Estudante 60	59 minutos	15
Estudante 61	1 hora e 18 minutos	16
Estudante 62	1 hora e 21 minutos	14
Estudante 63	1 hora e 41 minutos	21
Estudante 64	1 hora	13
Estudante 65	49 minutos	12
Estudante 66	1 hora e 4 minutos	13
Estudante 67	1 hora e 21 minutos	20
Estudante 68	1 hora e 16 minutos	15
Estudante 69	1 hora e 14 minutos	16
Estudante 70	24 minutos	6
Estudante 71	1 hora e 5 minutos	14
Estudante 72	48 minutos	11
Estudante 73	50 minutos	9
Estudante 74	1 hora e 8 minutos	12
Estudante 75	48 minutos	11
Estudante 76	53 minutos	11
Estudante 77	1 hora e 12 minutos	16
Estudante 78	1 hora e 15 minutos	15
Estudante 79	44 minutos	12
Estudante 80	44 minutos**	10
Estudante 81	1 hora e 29 minutos**	16
Estudante 82	49 minutos	10
Estudante 83	51 minutos	9
Estudante 84	1 hora e 4 minutos	12
Estudante 85	1 hora e 3 minutos	12
Estudante 86	1 hora e 1 minuto	11
Estudante 87	1 hora	9
Estudante 88	1 hora e 21 minutos	13
Estudante 89	54 minutos	10
Estudante 90	39 minutos	9
Estudante 91	50 minutos	10
Estudante 92	44 minutos	10

Estudante 93	44 minutos	10
Estudante 94	1 hora e 14 minutos	14
Estudante 95	1 hora e 7 minutos	13
Estudante 96	1 hora e 28 minutos	17
Estudante 97	45 minutos	9
Estudante 98	22 minutos	3
Estudante 99	49 minutos	10
Estudante 100	55 minutos	11
Estudante 101	33 minutos	6
Estudante 102	45 minutos	9
Estudante 103	55 minutos	11
Estudante 104	43 minutos	7
Estudante 105	1 hora e 21 minutos	16
<b>Total</b>	<b>101h36min</b>	<b>1.254 páginas</b>

*Nota.* Fonte: Elaborada pela autora. Não foram considerados os segundos.

\*Respondeu 15 perguntas, as últimas 10 perguntas não foram respondidas (motivo: queda de energia elétrica no estabelecimento do entrevistado e, posteriormente, não houve disponibilidade do estudante).

\*\*Foi incluída a entrevista realizada no pré-teste.

Conforme se observa na Tabela 3, houve a participação de 105 futuros doutores em contabilidade, os quais se disponibilizaram a responder as vinte e cinco perguntas, distribuídas em quatro blocos (questões de abertura, questões iniciais, questões intermediárias e questões finais) (Apêndice A), as quais resultaram em 101h36min de entrevistas e 1.254 páginas transcritas. Ressalta-se, ainda, que todas as entrevistas ocorreram de forma online.

### **3.4 Processo de análise das evidências: o uso da *Grounded Theory* como método de pesquisa qualitativa interpretativa**

*Grounded Theory (GT)* ou Teoria Fundamentada é um método que nasce na sociologia. Foi desenvolvida pela primeira vez por Barney Glaser e Anselm Strauss em 1967 e constitui-se na construção de conceitos emergentes a partir de dados empíricos. Sua introdução como instrumento analítico surge quando estudos qualitativos eram criticados quanto ao seu rigor sistemático, bem como de legitimidade (Charmaz & Thornberg, 2021; Sekaran & Bougie, 2016).

Com o passar dos anos, outras áreas do conhecimento como enfermagem e estudos organizacionais a referenciam como uma teoria capaz de tratar de contextos e fenômenos complexos (Lye et al., 2006). Assim, o alicerce epistemológico da GT construtivista alinha-se a tradição interpretativa, cuja busca pelas informações advém das experiências de interação e interpretação tanto do pesquisado quanto do pesquisador (Ralph et al., 2015).

Ademais, a ideia do método é que a teoria deve ser fundamentada em evidências empíricas, ou seja, evoluir a partir de dados, em vez de ser desenvolvida a priori e depois testada (Lye et al., 2006). Para a comunidade qualitativa a GT de Kathy Charmaz é reconhecida como

a mais influente. Sua importância encontra-se no fato de analisar as relações dinâmicas entre significado e ação (Bryman, 2012; Charmaz & Thornberg, 2021). Além disso, Bryman (2012) comenta que a ênfase na teoria está em sua relevância em possibilitar que *insights* teóricos possam emergir dos dados.

Ademais, um eixo importante da GT de perspectiva construtivista é sua estrutura de análise estar intimamente relacionada aos fundamentos interacionistas simbólicos. Estes que possibilitam que o pesquisador a partir da escrita de memorandos, (re)construção de eventos esboce o cenário pelo qual deseja (re)conhecer. Outra consideração a ser feita é a necessidade de ao optar pelo uso da GT, o pesquisador expor de forma transparente o seu posicionamento ontológico e epistemológico, pois as interpretações das informações coletadas precisaram estar coerentes com as perspectivas filosóficas escolhidas (Ralph et al., 2015).

Tomando-se como referência os preceitos estabelecidos por Charmaz e as considerações levantadas por Tie et al. (2019) para a construção de um fluxo direcional da GT, há a necessidade de que a estrutura adotada seja exposta. Sendo assim, optou-se pelo seguinte caminho para desenvolvimento da GT: (i) amostragem intencional; (ii) análise comparativa constante; (iii) coleta das informações; (iv) memorando; (v) codificação (inicial, focada e avançada); (vi) sensibilização teórica; e (vii) centralidade teórica (princípio da GT).

Ao tratar do início do fluxo direcional com base no objetivo elencado na tese tem-se como primeiro movimento o reconhecimento da amostragem intencional. Amostragem intencional refere-se a escolha do público de interesse para o estudo, ou seja, a seleção dos participantes de forma proposital (Sekaran & Bougie, 2016; Tie et al., 2019). Além disso, refere-se também a amostragem teórica, cujo intuito é analisar a concatenação entre a escolha dos envolvidos, bem como da linha teórica que fez sentido para a análise das informações (Charmaz, 2014).

Posterior as escolhas de amostragens iniciais, parte-se para a análise comparativa constante. Para Tie et al. (2019) a análise comparativa constante refere-se ao estágio inicial da análise, ou seja, “é um processo analítico usado em GT para a codificação e desenvolvimento de categorias” (p. 3). Esse processo começa a partir das primeiras informações geradas na amostragem inicial, isto é, ocorre um movimento recursivo para a construção da GT. Adicionalmente, é nesse momento que Charmaz (2014) argumenta que há necessidade do envolvimento entre o pensamento indutivo e, por vezes dedutivo.

Salienta-se, ainda, que esse processo recursivo e iterativo deva ser preservado ao longo de todo fluxo direcional para a construção da GT. Tal processo tem como intuito refinar os conceitos importantes para o processo da pesquisa. Tie et al. (2019) comentam que todas as

informações que façam sentido para a construção da GT precisam ser consideradas relevantes. Um método muito utilizado na GT são as entrevistas, porém outras fontes de informação também precisam ser consideradas, como grupos focais, questionários, vídeos e memorandos, pois “tudo são dados” (Tie et al., 2019, p. 4).

Nesse sentido, além do uso de entrevista semiestruturada, a tese busca, por meio de memorando estabelecer as conexões entre o objetivo pretendido e a construção da GT. Entende-se por escrita de memorando o registro de ideias, ou seja, “os memorandos são peças interpretativas reflexivas que constroem uma trilha de auditoria histórica para documentar ideias, eventos e processos de pensamento inerentes ao processo de pesquisa” (Singh & Estefan, 2018; Tie et al., 2019, p. 4).

Por conseguinte, a próxima etapa consiste na coleta das informações, em outras palavras, é nesse momento que pesquisado e pesquisador estabelecem o que Charmaz (2014) denominada de processo co-construído. Nesse caso, a entrevista surge como um elo e método relevante a ser considerada (Singh & Estefan, 2018).

Após a realização das entrevistas, inicia-se o processo de codificação das informações. Singh e Estefan (2018) destacam como “o principal esforço prático nas abordagens da Teoria Fundamentalada” (p. 5). Além do fato de propiciar ao pesquisador refletir sobre suas escolhas e o impacto delas no seu processo de pesquisa (Charmaz, 2014). A autora expõe, ainda, que a codificação é um processo contínuo, iterativo e recursivo.

Adicionalmente, a fase de codificação é subdividida em três momentos, sendo eles: (a) codificação inicial, fase preliminar em que há “um fraturamento dos dados para comparar semelhanças e diferenças”, bem como a geração de códigos iniciais; (b) codificação focada onde ocorre um avanço nos códigos para a composição dos códigos intermediários; e (c) codificação avançada que tem como intuito a escolha de técnicas que propiciarão a integração com a GT, como por exemplo, a triangulação. Além disso, cabe a esta última codificação a “apresentação de um conjunto de conceitos interrelacionados entre as categorias adjacentes e a categoria central” (Charmaz, 2014; Tie et al., 2019, pp. 4-6).

Na sequência, tem-se uma das etapas cruciais para a construção da GT, a sensibilização teórica ou sensibilidade teórica. Esta é a fase em que o pesquisador, necessariamente, precisa deixar explícitas questões como: (a) rigor (realização de uma trilha de auditoria durante todo o percurso da construção da GT para a geração de categoriais precisas); (b) qualidade, a observância de que a amostragem de participantes da pesquisa e teórica faz sentido quando conectadas a categoria central; e (c) saturação dos dados ou como menciona Kate Charmaz, este item diz respeito a saturação teórica que é quando há um ‘esgotamento’ dos dados, ou seja,

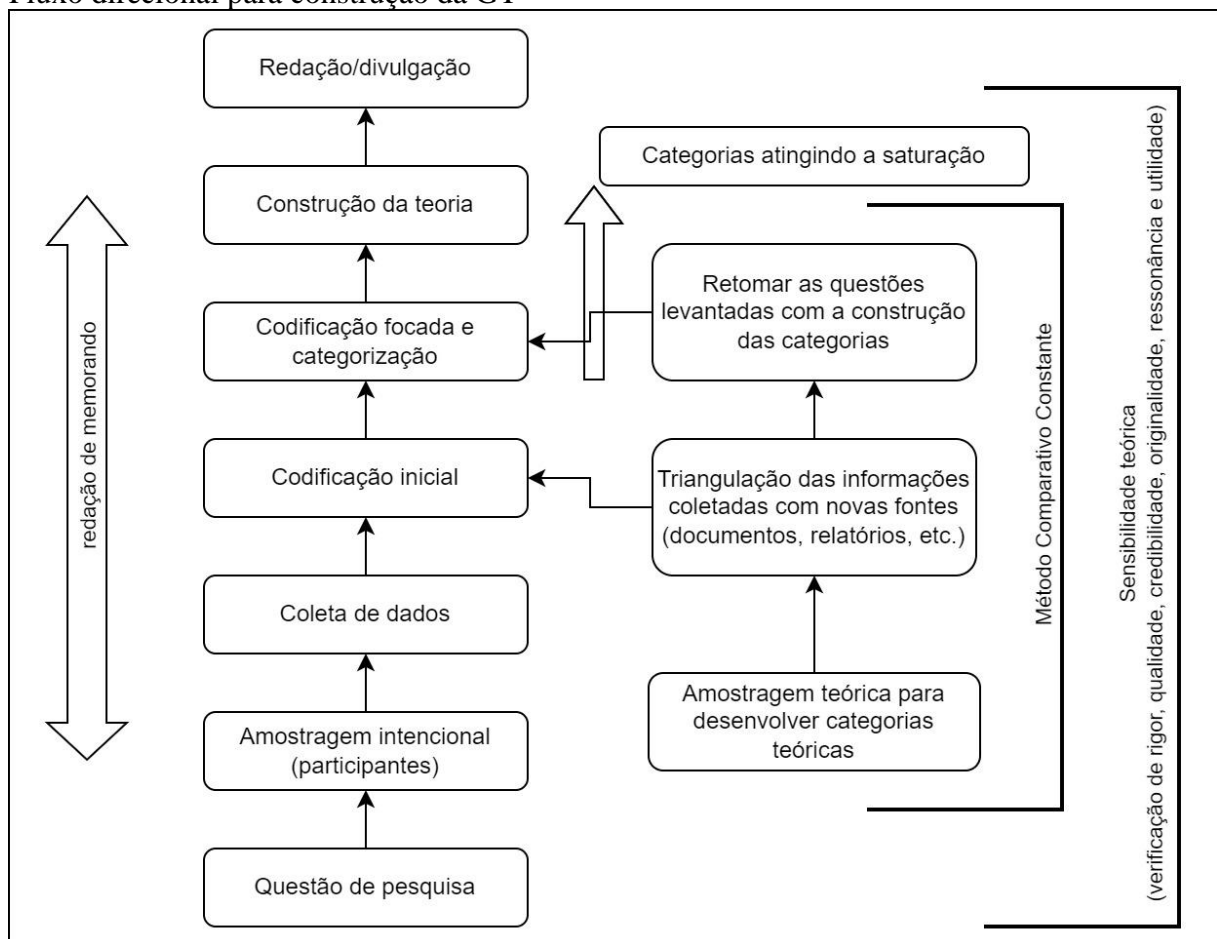
não há o surgimento de novas informações (Charmaz, 2014; Sekaran & Bougie, 2016; Tie et al., 2019).

Além disso, Charmaz e Thornberg (2021) ainda acrescentam que se faz necessária a atenção para quatro critérios importantes ao escolher a GT como abordagem qualitativa para interpretação das informações coletadas, sendo, credibilidade, originalidade, ressonância, utilidade. O terceiro critério, ressonância “demonstra que os pesquisadores construíram conceitos que não apenas representam a experiência de seus participantes de pesquisa, mas também fornecem *insights*” (Charmaz & Thornberg, 2021, p. 316).

Ao término de todo o percurso definido tem-se as categorias teóricas que são o alicerce da construção da GT (Charmaz, 2014; Tie et al., 2019). Com o intento de promover uma visualização mais nítida do que foi discorrido até o momento, a Figura 7 elucida o sequenciamento escolhido para a construção da GT.

**Figura 7**

Fluxo direcional para construção da GT



Nota. Fonte: Adaptado de Charmaz (2014, p. 62) e Tie et al. (2019).

No caminho mostrado na Figura 7 buscou-se capturar histórias, aspirações, incertezas e experiências dos doutorandos em contabilidade, os quais optaram por essa área de conhecimento, bem como questões relacionadas aos processos sociais inerentes, como a relação orientando-orientador e nesse entremeio a tese. Outra intenção adjacente é uma proposta a partir de reflexões que sustente questões relacionadas ao impacto das escolhas, das relações doutorando e orientador e seus prováveis reflexos quando já inserido no mercado de trabalho.

## 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nessa seção, de acordo com o roteiro da entrevista (Apêndice A) são realizadas as respostas dos 105 futuros doutores em contabilidade. Importante ressaltar que o total de participantes entrevistados foram 109, porém quatro destas entrevistas precisaram ser desconsideradas pelo fato das teses mesmo em fase de construção com temas na área contábil não se enquadrarem dentro de doutorados em contabilidade.

Outro ponto a ser comentado, nessa seção de análise, é de que os entrevistados foram denominados como Estudante 1, Estudante 2, Estudante 3 e assim por diante não havendo quaisquer menções às instituições as quais fazem parte. Essa escolha se deu em virtude de descartar quaisquer convergências entre as argumentações dos futuros doutores e suas respectivas instituições.

Além disso, essa seção segundo a *Grounded Theory* refere-se à construção do memorando da pesquisa. “Os memorandos são o depósito de ideias geradas e documentadas, por meio da interação com os dados. Assim, os memorandos fornecem registros detalhados” do que foi extraído dos entrevistados e do que foi percebido pelo pesquisador (Tie et al., 2019, p. 4).

A partir do exposto, as subseções seguintes têm como intuito trazer à tona as reflexões dos futuros doutores em Contabilidade, considerando: (i) breve panorama da situação acadêmica dos doutorandos em Contabilidade ingressantes nos anos de 2020 e 2021; (ii) breve percurso da trajetória profissional e acadêmica de estudantes que escolheram ser doutores em Contabilidade; (iii) o processo de proximidade nas relações orientador/doutorando; (iv) implicações teóricas na construção de uma tese; (v) implicações metodológicas na construção de uma tese; (vi) implicações metodológicas do ser profissional na ambiência de um doutoramento em Contabilidade; (vii) construção das categorias adjacentes e da centralidade teórica segundo a *Grounded Theory*; e (viii) discussões adicionais: uma agenda de pesquisa.

### 4.1 Breve panorama da situação acadêmica dos doutorandos em contabilidade ingressantes nos anos de 2020 e 2021

Esta subseção teve como incumbência apresentar uma breve descrição da situação acadêmica em que os 105 estudantes se encontram em seus doutorados. Tais situações referem-se a: (i) semestre em que se encontram; (ii) o ano de ingresso; (iii) se o mestrado e doutorado foram cursados na mesma instituição e, se sim, se foi com o mesmo orientador(a); e (iv) em



que fase, caso já tenham iniciado da construção da tese os futuros doutores em contabilidade se encontram. Para tanto optou-se por expor as referidas situações na Tabela 4.

**Tabela 4**

Cenário acadêmico dos estudantes respondentes

	Semestre do doutorado	Ano de ingresso	Se o mestrado e doutorado foram cursados na mesma instituição e, se sim, se foi com o mesmo orientador(a)	Em que fase, caso já tenham iniciado, da construção da tese você se encontra
Estudante 1	Último semestre	2020	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Fase de qualificação
Estudante 2	Último semestre	2020	Na mesma instituição e com o mesmo orientador(a).	Fase pós-qualificação (análise)
Estudante 3	Sexto semestre	2021	Na mesma instituição e com o mesmo orientador(a).	Fase de qualificação
Estudante 4	Sexto semestre	2021	Na mesma instituição e com o mesmo orientador(a).	“Ainda não iniciei a escrita, comecei a desenvolver os estudos anteriores”
Estudante 5	Último semestre	2020	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Fase de qualificação
Estudante 6	Último semestre	2020	Instituições diferentes.	Fase pós-qualificação (análise)
Estudante 7	Sexto semestre	2021	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Fase pós-qualificação (coleta)
Estudante 8	Último semestre	2020	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Fase pós-qualificação (coleta)
Estudante 9	Sexto semestre	2020	Na mesma instituição e com o mesmo orientador(a).	Fase pós-qualificação (coleta)
Estudante 10	Último semestre	2020	Na mesma instituição e com o mesmo orientador(a).	Fase pós-qualificação (análise)
Estudante 11	Último semestre	2020	Instituições diferentes.	Fase pós-qualificação (ajustes)
Estudante 12	Último semestre	2020	Na mesma instituição e com o mesmo orientador(a).	Fase pós-qualificação (análise)
Estudante 13	Último semestre	2020	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Fase de qualificação
Estudante 14	Sétimo semestre	2021	Na mesma instituição e com o mesmo orientador(a).	Fase pós-qualificação (ajustes)
Estudante 15	Sétimo semestre	2020	Instituições diferentes.	Fase de qualificação
Estudante 16	Último semestre	2020	Instituições diferentes.	Fase pós-qualificação (análise)
Estudante 17	Último semestre	2020	Instituições diferentes.	Fase pós-qualificação (já depositada para a defesa)
Estudante 18	Último semestre	2020	Instituições diferentes.	Fase pós-qualificação (análise)
Estudante 19	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase pós-qualificação (análise)
Estudante 20	Sétimo semestre	2020	Instituições diferentes.	Fase pós-qualificação (análise)
Estudante 21	Sexto semestre	2021	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Fase pós-qualificação (ajustes)
Estudante 22	Quinto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase pós-qualificação (ajustes)

Estudante 23	-	2020	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Tese defendida
Estudante 24	Sexto semestre	2021	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Fase pós-qualificação (ajustes)
Estudante 25	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase pós-qualificação (coleta)
Estudante 26	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase de qualificação
Estudante 27	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase pós-qualificação (coleta)
Estudante 28	-	2021	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Tese defendida
Estudante 29	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase de qualificação
Estudante 30	Sexto semestre	2021	Na mesma instituição e com o mesmo orientador(a).	“Estou na finalização dos procedimentos metodológicos”
Estudante 31	Último semestre	2020	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Fase pós-qualificação (análise)
Estudante 32	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase pós-qualificação (análise)
Estudante 33	Sexto semestre	2021	Na mesma instituição e com o mesmo orientador(a).	Fase pós-qualificação (análise)
Estudante 34	Sexto semestre	2021	Na mesma instituição e com o mesmo orientador(a).	“Estou na finalização da proposta teórica”
Estudante 35	Sexto semestre	2021	Na mesma instituição e com o mesmo orientador(a).	Fase pós-qualificação (falta realizar o depósito para a defesa)
Estudante 36	Quinto semestre	2021	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	“Estou construindo o primeiro artigo”
Estudante 37	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase pós-qualificação (coleta)
Estudante 38	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase pós-qualificação (coleta)
Estudante 39	Sexto semestre	2021	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Fase pós-qualificação (ajustes)
Estudante 40	Quinto semestre	2021	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Fase pós-qualificação (análise)
Estudante 41	Último semestre	2020	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Fase pós-qualificação (análise)
Estudante 42	-	2020	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Tese defendida
Estudante 43	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase de qualificação
Estudante 44	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase de qualificação
Estudante 45	Quinto semestre	2021	Na mesma instituição e com o mesmo orientador(a).	Fase pós-qualificação (coleta)
Estudante 46	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase de qualificação
Estudante 47	Último semestre	2020	Na mesma instituição e com o mesmo orientador(a).	Fase de qualificação
Estudante 48	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase pós-qualificação (ajustes)
Estudante 49	-	2020	Instituições diferentes.	Tese defendida
Estudante 50	Último semestre	2020	Na mesma instituição e com o mesmo orientador(a).	Fase pós-qualificação (falta realizar o depósito para a defesa)
Estudante 51	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase pós-qualificação (coleta)
Estudante 52	Sexto semestre	2021	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Fase pós-qualificação (coleta)
Estudante 53	Sétimo semestre	2020	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Fase pós-qualificação (coleta)

Estudante 54	Sexto semestre	2020	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Fase de qualificação
Estudante 55	-	2020	Na mesma instituição e com o mesmo orientador(a).	Tese defendida
Estudante 56	-	2020	Na mesma instituição e com o mesmo orientador(a).	Tese defendida
Estudante 57	Último semestre	2020	Na mesma instituição e com o mesmo orientador(a).	Fase pós-qualificação (análise)
Estudante 58	Sexto semestre	2021	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Fase pós-qualificação (ajustes)
Estudante 59	Sexto semestre	2021	Na mesma instituição e com o mesmo orientador(a).	Fase de qualificação
Estudante 60	Último semestre	2020	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Fase pós-qualificação (análise)
Estudante 61	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase de qualificação
Estudante 62	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase de qualificação
Estudante 63	Quinto semestre	2021	Na mesma instituição e com o mesmo orientador(a).	“Esse ano eu comecei a elaborar o capítulo da introdução e do referencial”
Estudante 64	Último semestre	2020	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Fase pós-qualificação (“finalizando o terceiro artigo”)
Estudante 65	Quinto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase de qualificação
Estudante 66	Último semestre	2020	Instituições diferentes.	Fase pós-qualificação (revisão do orientador para realizar o depósito para a defesa)
Estudante 67	Sexto semestre	2021	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Fase de qualificação
Estudante 68	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase pós-qualificação (ajustes)
Estudante 69	Sexto semestre	2021	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Fase pós-qualificação (análise)
Estudante 70	Sexto semestre	2021	Na mesma instituição e com o mesmo orientador(a).	Fase de qualificação
Estudante 71	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase pós-qualificação (falta realizar o depósito para a defesa)
Estudante 72	Último semestre	2020	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Fase de qualificação
Estudante 73	Sexto semestre	2021	Na mesma instituição e com o mesmo orientador(a).	Fase pós-qualificação (análise)
Estudante 74	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase pós-qualificação (ajustes)
Estudante 75	Último semestre	2020	Instituições diferentes.	Fase pós-qualificação (coleta)
Estudante 76	Sexto semestre	2021	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Fase pós-qualificação (coleta)
Estudante 77	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes	Fase pós-qualificação (ajustes)
Estudante 78	Sexto semestre	2021	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	“Está na fase inicial, ainda bem incipiente”
Estudante 79	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase pós-qualificação (coleta)
Estudante 80	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase de qualificação
Estudante 81	-	2020	Instituições diferentes.	Tese defendida
Estudante 82	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase de qualificação
Estudante 83	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase de qualificação

Estudante 84	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase de qualificação
Estudante 85	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	“Já fiz o depósito, estou aguardando a banca”
Estudante 86	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase pós-qualificação (análise)
Estudante 87	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	“Estou partindo para a parte da metodologia”
Estudante 88	Sexto semestre	2021	Na mesma instituição e com o mesmo orientador(a).	Fase pós-qualificação (ajustes)
Estudante 89	Sexto semestre	2021	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Fase de qualificação
Estudante 90	Sexto semestre	2021	Na mesma instituição e com o mesmo orientador(a).	Fase pós-qualificação (ajustes)
Estudante 91	Sexto semestre	2021	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Fase de qualificação
Estudante 92	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase pós-qualificação (coleta)
Estudante 93	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	“Eu estou ainda na fase de construção da ideia”
Estudante 94	Último semestre	2020	Instituições diferentes.	“Vou escrever o terceiro artigo para concluir”
Estudante 95	Último semestre	2020	Instituições diferentes.	Fase pós-qualificação (ajustes)
Estudante 96	Sexto semestre	2021	Na mesma instituição e com o mesmo orientador(a).	Fase pós-qualificação (ajustes)
Estudante 97	Último semestre	2020	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Fase pós-qualificação (falta realizar o depósito para a defesa)
Estudante 98	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	“Estou finalizando o primeiro artigo”
Estudante 99	Sexto semestre	2021	Na mesma instituição e com o mesmo orientador(a).	Fase pós-qualificação (coleta)
Estudante 100	-	2020	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Tese defendida
Estudante 101	Último semestre	2020	Na mesma instituição, mas com orientadores(as) diferentes.	Fase pós-qualificação (“Estou nos últimos 50% do último artigo”)
Estudante 102	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase pós-qualificação (coleta)
Estudante 103	Último semestre	2020	Instituições diferentes.	Fase de qualificação
Estudante 104	Sexto semestre	2021	Instituições diferentes.	Fase de qualificação
Estudante 105	Último semestre	2020	Instituições diferentes.	“Eu já criei o meu instrumento de pesquisa, agora preciso validá-lo”.

*Nota.* Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

Com base no exposto na Tabela 4, algumas constatações foram extraídas. A primeira é que há uma tendência de que o percurso do mestrado e doutorado foram realizados em instituições diferentes. Dos 105 estudantes respondentes, 49 comentaram ter realizado seus mestrados e doutorados em diferentes instituições.

Alguns dos motivos externados foram: (i) mestrado realizado em uma área de conhecimento diferente em comparação com o doutorado; (ii) a instituição não ofertar cursos de doutorado na área contábil; (iii) a realização do mestrado na cidade natal e posteriormente a decisão de buscar novos desafios; e (iv) interesses de pesquisa e de orientador(a) para o desenvolvimento da tese.

A segunda constatação diz respeito a opção por cursar o mestrado e doutorado na mesma instituição, mas com orientadores diferentes. Dos 31 estudantes que mencionaram tal opção comentaram como alguns dos motivos: (i) mudança quanto a linha de pesquisa e consequentemente quanto aos interesses de pesquisa; (ii) mestrado realizado em outra área de conhecimento; e (iii) pouco engajamento com o orientador(a) do mestrado.

Com relação a terceira observação, os 25 estudantes os quais mencionaram que cursaram o mestrado e doutorado na mesma instituição e com o mesmo orientador salientaram alguns pontos: (i) conexão de interesses de temas de pesquisa; e (ii) senso de colaboração estabelecido desde o mestrado entre orientador e orientando. Importante comentar que as diferentes fases (última coluna da Tabela 4) as quais os futuros doutores em contabilidade, ingressantes em 2020 e 2021, se deu pelo fato do reflexo atribuído ao cenário pandêmico ocorrido no início de 2020.

Nesse sentido, a Figura 8 traz uma visualização da ratificação de que mesmo os estudantes que se encontravam nos dois anos de ingressos mencionados há diferenças quanto aos estágios que estes estavam em seus respectivos doutorados. Tal fato em virtude da crise sanitária COVID-19 que no final do ano de 2019 atingiu a população em um nível mundial e afetou não apenas os cenários econômicos e sociais como também o convívio social pelo fato da necessidade de distanciamento, necessário naquela ocasião. Menciona-se que a construção da Figura 8 foi, por meio do *software worldclouds.com* e optou-se pela retirada das palavras que não trariam, de forma isolada, coerência para o contexto da pergunta.

### Figura 8

Diferentes fases em que os estudantes se encontram em seus doutorados.



*Nota.* Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa e com o auxílio do *Worldclouds.com*

Alguns estudantes pontuaram que em virtude das adequações que as instituições precisaram passar em seus calendários acadêmicos, bem como ajustes para a realização dos encontros que tinham como exigência o distanciamento social fez com que os prazos fossem alterados.

Convergente a tal situação pandêmica, outros fatores também fizeram com que os estudantes se encontrassem em fases diferentes de qualificação e pós-qualificação, como por exemplo, questões profissionais, acadêmicas e principalmente questões pessoais (emocionais). “[...] uma semana depois veio a pandemia, no início das aulas, isso me causou uma frustração [...] a pressão das disciplinas e todo aquele contexto que a gente estava vivendo [...] afetou psicologicamente” (Estudante 11). “[...] a gente ainda passou uma fase muito difícil fazendo o doutorado, a gente teve que passar pela pandemia que foi um período muito crítico, um período de muito sofrimento [...]” (Estudante 12). “[...] em 2020 tivemos a pandemia e especialmente meu projeto de pesquisa envolvia a intervenção nas escolas [...] precisei pedir prorrogação de prazo [...]” (Estudante 13).

Os(as) Estudante 14, Estudante 20, Estudante 27, Estudante 41 e Estudante 63 também discorreram: “[...] infelizmente a pandemia bateu em cheio em todas as universidades [...]”; “[...] entrar no doutorado em um período de pandemia foi complicado, porque para além do doutorado existiam vários outros eventos exógenos que a gente no dia a dia não tinha muito conhecimento sobre como dar conta”; “[...] nós estávamos em pandemia e foi aquele caos [...] e o mundo de pernas para o ar e a gente fazendo doutorado [...]”; “[...] comecei a ter aula no mês oficial da pandemia, foi bem traumático [...]”; “[...] teve o baque da pandemia de ter que trabalhar todo mundo isolado lidando com tudo aquilo [...]”.

#### **4.2 Breve percurso da trajetória profissional e acadêmica de estudantes que escolheram ser doutores em contabilidade**

Essa subseção se destina a compreender um pouco da trajetória profissional e acadêmica dos 105 estudantes que optaram por ser doutores em contabilidade. Inerente a quaisquer trajetórias se encontram mudanças sejam elas positivas ou negativas, demandas e, como consequência podem surgir reflexos no tocante a pessoa antes e depois de determinadas escolhas.

Assim, as subdivisões seguintes trazem à tona: (i) breve explanação sobre a trajetória profissional e acadêmica até o momento de decidirem cursar o doutorado em contabilidade; (ii) mudanças positivas e negativas que ocorreram desde a aprovação no doutorado; (iii) as demandas incutidas no doutoramento e as formas de lidar com elas; e uma (iv) breve descrição deste estudante antes e após decidir realizar um doutorado em contabilidade, bem como uma compreensão a respeito de sua performance, após o término, no mercado de trabalho.

#### ***4.2.1 Trajetória profissional e acadêmica até o momento de decidir cursar o doutorado em contabilidade***

Levando-se em consideração a relevância dos participantes e a importância para a pesquisa qualitativa de que exista, minimamente, a descrição dos entrevistados, na Tabela 5 se apresenta uma breve explanação sobre a trajetória profissional e acadêmica na fala dos próprios 105 estudantes que decidiram cursar o doutorado em contabilidade. De forma a cumprir os quesitos de anonimato e sigilo dos entrevistados foram excluídos nomes de instituições, Professores, colegas e quaisquer informações que pudessem identificar o estudante, bem como sua instituição.

Nesse sentido, a referida tabela expõe alguns pontos sinalizados pelos estudantes, os quais foram provocados a refletirem sobre: ‘Conte-me sua trajetória profissional e acadêmica até o momento de decidir cursar o doutorado em contabilidade’. Comenta-se que a quantidade de relatos se deu em virtude do que os estudantes quiseram expor e por esse motivo algumas falas se encontram mais longas e outras mais sucintas.

### **Tabela 5**

#### **Breve trajetória profissional e acadêmica dos estudantes**

Estudante 1	[...] tenho uma trajetória profissional bem longa [...], comecei a fazer graduação já com 30 anos. [...], mesmo com 30 anos, já comecei a fazer estágio, já fiquei nessa área da contabilidade, já me estabeleci, quando terminei a minha graduação já fiz uma especialização em Controladoria e já [...] ingressei na parte da docência. [...], comecei a minha luta pra fazer o mestrado [...], tentei a primeira vez [...], não passei, a segunda vez que fiz já deu certo, consegui entrar. [...]. O primeiro ano foi difícil, porque existia muita dificuldade financeira, dificuldade intelectual [...], tive bastante dificuldade no começo, mas deu tudo certo, graças a Deus. [...], nessa parte do meu mestrado, [...] terminei [...], tem que ter o doutorado [...], não consegui [...]. Comecei a dar aula nas universidades [...] nesse período resolvi fazer [...] doutorado [...], peguei um período de pandemia, [...], distanciamento [...], algo que a gente não estava acostumado, mas, em um nível de motivação, sempre quis ser Professora, desde o começo quando entrei na universidade [...] e pra isso a gente já sabia que tinha que fazer o mestrado, doutorado e assim por diante.
Estudante 2	[...] fiz graduação em Contabilidade [...] e desde a graduação já senti uma aptidão pela carreira acadêmica, [...] sempre tive o entendimento de seguir a carreira acadêmica pra ser Professor, mas teria que me especializar e fazer mestrado e doutorado, [...] assim que terminei a graduação, não ingressei direto no mestrado, porque tinha que sair do meu Estado, então a

	<p>primeira coisa que fiz foi trabalhar, fui para o mercado pra poder juntar uma grana e daí saí do meu Estado pra poder fazer o mestrado e doutorado [...], comecei a trabalhar como Contadora de uma instituição sem fins lucrativos e [...] comecei essa minha saga de entrar em um programa de pós-graduação [...], comecei a procurar as universidades que poderia pleitear uma vaga e comecei a procurar muito por como eu me enquadraria em termos do processo de seleção, por exemplo, eu não tinha inglês naquela época, então fui olhando as universidades, os programas que o inglês não era um critério ou não era um critério de entrada, pelo menos [...], o outro ponto que olhei era se tinha condições de ganhar bolsa [...], comecei a entrar em contato, procurei os programas e comecei a entrar em contato com a galera pelo <i>Facebook</i>, perguntando como que era o programa, se tinha bolsa, como que era o processo seletivo [...], resolvi fazer o processo seletivo em dois programas, [...] as duas se encaixavam nesses meus critérios que eram, não ter como pré-requisito o inglês e tinha também bolsas, fiz o processo seletivo nas duas, passei, mas acabei optando [...] por conta das possibilidades de pesquisa e foi lá que fiz o meu projeto de pesquisa [...], vi uma possibilidade de crescimento de pesquisas nessa área, por isso escolhi ficar, [...], entrei no mestrado. [...] o orientador também dá o <i>feedback</i> [...], a gente já começou a desenvolver uma pesquisa nos primeiros seis meses, a gente se deu bem, então a gente acabou ficando junto o resto do mestrado [...], estava realizando meu sonho de fazer um mestrado [...]. No mestrado eu não consegui dar aula [...] foi um período que passou muito rápido, passei no doutorado, fiz o processo seletivo [...] e aí eu continuei com o mesmo orientador. Em 2020 foi um período atípico pra gente, porque a gente começou com a pandemia e eu já comecei em 2020 com um planejamento de que iria começar a dar aula, precisava da experiência como Professora até pra depois, para os concursos e aí em 2020 comecei com esse planejamento, mas a gente foi surpreendido pela pandemia. [...] a gente começou a ter aula online [...], comecei a fazer alguns processos seletivos para Professora substituta, [...], comecei a dar aula, [...] quando foi em dezembro, vi que a tese não estava andando, porque eu estava 40 horas lá, então dava aula todo dia, já estava sem disciplina no doutorado, então eu conseguia pegar um pouco mais de aula, [...], tinha 5 disciplinas, 5 turmas, tenho que preparar a aula todo dia e muitas disciplinas que você não conhece, a gente só conhece a disciplina quando começa a ministrar, o doutorado a gente acaba focando muito em um assunto específico, às vezes chego a dizer que a gente já nem lembra, [...], porque a gente fica tão imerso no nosso assunto de pesquisa e eu passei o semestre inteiro trabalhando nessa loucura, dando aula, tentando conciliar com a tese, mas só conseguia pegar ela uma a duas vezes na semana, dezembro fui vendo, acho que não vou conseguir, [...] então em dezembro pedi minha demissão dessa universidade, eu disse que não ia conseguir renovar o contrato, porque [...] eu iria me dedicar pra minha tese [...] enfim, quero finalizar esse ciclo para buscar outras perspectivas, [...], comecei a trabalhar na tese pra ver se eu conseguia adiantar esse processo e tentar não prorrogar o prazo, [...] estou agora tentando defender a tese [...] faz falta mesmo essa imersão na tese, a gente sente falta de [...] encerrar o ciclo, [...] não adianta a gente querer ter várias prioridades, [...] a gente tem os nossos propósitos.</p>
Estudante 3	<p>Eu estava fazendo estágio enquanto estava na graduação e [...] consegui uma bolsa, saí desse estágio, consegui uma bolsa de iniciação científica [...], acabei a graduação, [...] e continuei [...], acabei tentando o processo seletivo com a aprovação, [...] eu sempre quis [...].</p>
Estudante 4	<p>[...] quando vi essa pergunta, fiquei refletindo durante alguns dias, nesse momento zero, mas vou contar o que vem na minha cabeça, comecei a trabalhar [...], sou Administrador de formação [...], trabalhei quatro anos [...] na parte administrativa, [...] depois entrei numa empresa [...], depois fui sócio dessa empresa [...] quando comecei a trabalhar com consultoria, não sei porque [...] falei assim, acho que vou fazer um mestrado, refletindo assim a partir da pergunta acho que vem muito da infância, [...], vou fazer um recorte muito pessoal, não sei se vai ser útil pra você, mas quando eu era criança, saindo do ensino fundamental para o ensino médio [...] queria muito estudar numa escola que é muito famosa [...], hoje não existe mais, [...] só que era muito cara, enfim era uma escola particular [...] só que meu pai [...] não conseguia pagar e acabei indo para uma escola pública, [...] acho que naquele momento veio um negócio do tipo [...] vou fazer o máximo que eu consegui sobre educação, [...], aprender o máximo possível, [...] comecei a aplicar um esforço subnormal para ir galgando títulos ou alguma coisa nesse sentido [...], decidi fazer mestrado, [...] tinha muito problema com fala, era uma pessoa muito introvertida [...], achei que um curso de oratória [...] me ajudaria [...]. Na época [...] comecei a dar aula [...] e de repente comecei a dar aula de secretariado em administração [...] assim nasce o meu gosto pela docência [...].</p>



Estudante 5	<p>Nossa! É uma viagem, porque assim, trajetória profissional, sai de casa muito cedo, em um mundo há 30 anos atrás, era muito diferente do que é hoje em termos de tecnologia, acesso à educação, meio transporte e a família morava no interior. A gente tinha do lado de casa uma escolinha, mas era aquelas escolinhas básicas, era a primeira quarta série, todo mundo junto e assim, eu sempre quis ser Professora e sempre quis estudar. [...] continuei estudando e não parei mais [...], terminando a graduação fiz uma pós, [...] sempre com aquela vontade de ser Professora [...] e aí, claro, não tem como não pensar no mestrado, no doutorado. [...] entrei no mestrado, veio a maternidade [...] e atrasei um pouquinho o doutorado, entrei em 2020, [...], e a minha trajetória profissional e acadêmica, [...] comecei a trabalhar e [...] pensando no mestrado e no doutorado que é período integral, comecei a olhar para dar aula à noite, na época, pensei, ah, vou começar, [...] queria voltar a lecionar e a noite pra deixar o meu dia livre, pra então, seguir o meu mestrado, e deu certo [...] e daí pra frente, comecei a dar aula à noite, [...] e agora estou para terminar o doutorado [...].</p>
Estudante 6	<p>[...] quando comecei a dar aulas, inicialmente, pensava em dar aula e acabou que apareceu uma oportunidade [...] em um curso técnico e a partir dessa aula [...], dessa oportunidade, acabei indo fazer o curso de mestrado numa instituição. [...] fiz o mestrado, [...] acabei entrando pra dar aulas nas universidades e depois que terminei o mestrado fui procurar fazer o doutorado e procurei algumas pesquisas que interessasse dentro da área de contabilidade, [...] enfim, acabei prestando processo seletivo, conversei com o orientador [...], sou formada em Administração, acabei depois indo para a Contabilidade por conta de oportunidade mesmo, fui vendo que, pelo menos, aqui na região não tem ninguém que se interessou em dar aulas em contabilidade, eu já tinha experiência, tinha trabalhado em escritório e aí um pouco nessa linha.</p>
Estudante 7	<p>[...] entrei na graduação em 2009 [...] e logo no segundo ano de graduação já tinha interesse na área acadêmica [...], já tinha esse interesse para ter mestrado, doutorado e ser uma Professora, porque a princípio, [...] não tinha intenção da área de Contabilidade, [...], mas acabei optando por algo na minha cidade [...], sou de Economia [...], a ideia foi mais me achar, mas não sabia se eu queria Economia, não sabia se eu queria Contábeis, não sabia nem se eu queria Administração, [...], mas senti uma afinidade com a Contábeis. [...], pensando profissionalmente, [...] gostaria de ser Professora de ensino superior [...], meu objetivo é ser Professora universitária e nesse sentido, já dei aula e gostei muito e tenho mantido esse objetivo [...] desde lá do segundo ano de graduação, pensei nisso e com base nisso fui tentando me identificar na pesquisa [...], fiz uma pesquisa [...] e gostei muito, tentei fazer pesquisa com alguns outros Professores, de algumas outras temáticas, não tive uma proximidade tão forte, fiz iniciação científica depois dessa primeira pesquisa [...] com bolsa CNPQ [...], desenvolvi mais a minha intenção de pesquisar e de estudar e de continuar com isso, fiz o mestrado. No momento do mestrado, já tinha feito duas pesquisas [...], qualifiquei e defendi o meu mestrado, mas não eram as temáticas que eu estava feliz [...], falei com a Professora [...] que queria fazer o doutorado [...], tenho uma liberdade muito grande com ela [...], prestei a prova ANPAD [...], tive minha nota, [...], mas naquele ano não prestei o doutorado, não me inscrevi, acabei me inscrevendo de novo para a graduação, porque ainda não era Contadora [...], tive barreiras de entrada no mercado de universidade, de Professora em particular por não ser Contadora, cheguei a passar pelo processo seletivo [...] e quando entrei com a documentação fui questionada, mas você não é Contadora, [...], vamos selecionar outra pessoa [...], eu estava com tudo pronto para dar aula. [...] Fiz Contábeis [...] e já formada, mestre, precisava agora de um emprego, minha família estava cobrando [...] todos os lugares não me aceitavam, porque não fiz estágio, eu era já mais velha, já tinha formação [...], não tinha experiência. [...] no fim, acabou que [...] me indicaram [...] para trabalhar [...]. Quando cheguei lá, [...] já conversando com as pessoas, [...], tendo intimidade, algumas pessoas [...] que conversei [...], o discurso das pessoas era [...] faça o que você sonha, corra atrás, não desiste, [...], então corri atrás [...] entrei no doutorado em 2020 e veio a pandemia. [...] isso é algo que eu já tinha em mente, que eu queria fazer o doutorado há muito tempo, [...] nisso, eu já estava trabalhando [...] a princípio foi isso, foi um desejo lá de trás, que foi se confirmando ao longo da minha vida profissional, mas, de fato, tive muita dificuldade de entrar no mercado, [...], mas deu certo.</p>
Estudante 8	<p>[...] depois que terminei a minha graduação, [...] alguns Professores me incentivaram a fazer o concurso para Professor substituto e eu fiz, [...] depois de alguns anos decidi fazer o mestrado [...], trabalhei como substituto [...], fiz o meu mestrado, [...] depois de anos voltei a dar aula em faculdade particular e um dia fui pegar o meu diploma, o meu certificado [...] do mestrado pra mostrar na faculdade particular [...], a secretaria falou faz o doutorado, falei não,</p>

	<p>é muito difícil [...], mas depois falei vou ver, [...] e fiz o processo seletivo e entrei no doutorado em 2020, [...] estou terminando [...] essa é a minha trajetória [...].</p>
Estudante 9	<p>[...] minha trajetória profissional, eu trabalhava [...] tive um período que decidi fazer o mestrado e não deu pra conciliar as duas atividades [...], fiquei só no mestrado, [...] uma coisa foi levando a outra, entrei no mestrado e [...] fiquei três anos ministrando aula em faculdade [...] e investi novamente [...] decidi entrar no doutorado.</p>
Estudante 10	<p>[...] costumo dizer que na verdade eu não tive muito bem uma trajetória que me levou a decidir, fui sendo empurrado ao longo desde a minha época de graduação, fiz a minha graduação em 2014, sempre gostei dessa área de pesquisa, sempre gostei muito de ler, então sempre fui levado por esse caminho [...] desde o início da faculdade eu não tinha problema de apresentar trabalho ou outras dificuldades que os colegas tinham, então por isso, [...] fui convidado para ser monitor das disciplinas de contabilidade lá da universidade e acho que por isso fui me envolvendo cada vez mais, tinha uma proximidade com os Professores por causa da monitoria e fui convidado para participar de projetos de pesquisa, de extensão e isso foi me direcionar [...] para iniciar o mestrado. [...] fiz o processo [...] do mestrado, [...], na época, para sentir como que era, porque ainda não tinha terminado a graduação e acabou que passei [...] tive que correr pra conseguir terminar a graduação [...], ainda não tinha nem defendido o meu TCC na época. [...] no final do mestrado acontece a mesma coisa ainda não tinha terminado o meu mestrado, minha dissertação [...], mas vou fazer o processo seletivo para o doutorado e fiz o processo seletivo e acabei sendo classificado e entrei, então fui sendo levado pra essa decisão de fazer o doutorado, óbvio que isso tem intenções por trás, pretendo ser Professor, nem que seja como uma segunda atividade, [...] sempre gostei muito de dar aula, adoro pesquisar, adoro ter contato com os orientandos e tudo mais, sou Professor orientador, isso me motivou a buscar o doutorado justamente por causa dessa possibilidade de diferenciação no mercado de trabalho [...].</p>
Estudante 11	<p>A minha trajetória foi um pouco diferente, porque sempre trabalhei desde o ensino médio, quando entrei na faculdade, primeiro fiz Economia, quando entrei em Economia, sempre gostei de trabalhar, então tinha que fazer noturno, não era aquele aluno que me envolvia muito com a faculdade, não fiz extensão, não participei [...], porque trabalhava [...], só que eu gostava muito de ensinar [...], todo mundo quando ia estudar em grupo eu era aquele que ia para o quadro explicar, sempre gostei disso, enfim, terminei a Economia, continuei no mercado de trabalho, [...] trabalhava com contabilidade mesmo formado em Economia, [...], mas veio a necessidade de fazer Contábeis. Na Contábeis, a mesma coisa, como entrei já era a segunda graduação, era mais velho [...], gostava de apresentar seminário, de ir pra frente, essas coisas assim e uma vez, concomitante a graduação, comecei a fazer uma especialização, [...], era muito difícil achar um doutor em Contabilidade [...] e aí despertou falei vou tentar [...] fiz mestrado. [...] e veio a necessidade de [...] fazer o doutorado, [...] fiquei com a ideia de fazer em Contábeis, passei [...], gosto mais de ensino é muito gratificante você ensinar, é muito gratificante quanto você se faz entender. Agora que o mundo está mudando, as tecnologias, as metodologias ativas, então você procurar isso pra tentar facilitar, gosto disso, me encontrei, tem a dificuldade, tem esse trabalho, mas a dificuldade também é pra gente aprender com elas, de alguma forma, tirar as lições.</p>
Estudante 12	<p>[...] passei por tantas coisas na minha vida que o normal seria que eu tivesse desistido de estudar, mas graças a Deus tenho uma mãe que sempre me incentivou, a gente é de família muito simples, a gente é de uma cidade muito pequena [...], me casei cedo, [...] tive que abandonar a graduação na época [...], tive filho, fui ser dona de casa e de repente, entendi que eu precisava, que eu tinha a oportunidade de voltar a estudar por ter uma universidade na minha cidade [...], ingressei no curso de [...] Contábeis [...], era uma das pessoas mais velhas da minha turma, isso é até uma questão muito complexa, que o curso de Contábeis, geralmente, ele tende a ter uma variabilidade de faixa etária muito grande, isso é muito bom, porque a gente vê que as pessoas estão procurando se graduar, mas [...] às vezes também é muito cruel, porque às vezes a gente sofre um pouco de preconceito [...], me dedico, porque falo o seguinte, sou uma pessoa que nasci pra ensinar, porque com 13 anos já dava aula particular, sempre gostei muito de ensinar e sempre gostei muito de aprender, estar na sala de aula pra mim era uma realização muito grande [...], terminei a graduação [...], fiz um concurso para a área técnica administrativa [...], fui aprovada. [...]. Terminei a graduação [...] já com um sonho de, possivelmente, fazer o mestrado, principalmente, incentivada por um Professor que eu tinha, mas, às vezes, pra a gente que é de cidade pequena, a gente que é de uma geração que a mulher não era criada pra estudar, [...], às vezes, isso pra gente era muito longe, era algo que a gente achava que nunca iria conseguir, mas, [...] tentei o processo</p>

	<p>seletivo do mestrado [...], fiz pra sentir como seria o processo seletivo e acabei sendo aprovada. [...] começo o mestrado [...] foi uma fase também muito difícil, por ter filhos, não conseguia ficar o tempo todo, houve semestres que eu saia de manhãzinha [...] foi um período muito difícil e o mestrado é difícil, porque ele é muito apertado e é muita coisa, você chega no mestrado muito inocente, muito despreparado, então, aquela pressão acaba prejudicando a gente demais [...] no mestrado eu chorava todo dia, porque me achava a pessoa mais burra da sala de aula, só que nessa época, como já tinha passado um período, já estava completando quatro anos de serviço público tive a oportunidade de tirar oito meses de licença pra fazer o mestrado [...] foi uma época difícil, mas pelo menos eu não precisava trabalhar, porque tinha uma licença remunerada para poder estudar, então assim, aos trancos e barrancos, deu tudo certo, fiz a minha pesquisa, terminei [...] e falei, não quero isso nunca mais pra minha vida, vou continuar aqui no meu trabalho [...], aí quando estava terminando o mestrado, saiu uma vaga de um concurso para Contadora [...], eu sou uma pessoa de muita fé, acho que Deus coloca as coisas [...] na hora certa e eu estava com o ritmo muito bom de estudar, então logo que terminei o mestrado, já comecei a estudar para o concurso [...], fui aprovada, [...]. A gente como servidor técnico, a gente tem a possibilidade de poder atuar na docência fora do horário [...], lecionei duas disciplinas [...] foi um período muito bom pra mim, porque tinha a experiência de ensinar, [...], foi fantástica essa experiência [...] e em 2020, a gente começa o doutorado já tinha a possibilidade de pleitear outra licença pra estudar [...] foi uma situação muito diferente na minha vida. [...] na segunda semana de curso, [...] a pandemia e a gente passa um período muito [...] duvidoso, porque a gente não sabia o que iria acontecer [...], a gente começa realmente com as aulas remotas, [...] acho que nós tivemos alguns benefícios pela questão de não necessidade de deslocamento, [...], mas era muito cansativo, [...] reconheço que nós não perdemos em qualidade [...], quando a gente vai para o doutorado, entendo que a gente é preparado para a docência e para a pesquisa, a gente começa a se questionar, [...] o que eu vou fazer? vou continuar no setor, na área prática, apesar que eu amo muito a área prática também. [...], mas o caminho vai se alinhando pra aquilo que a gente realmente, lá no fundo, quer fazer.</p>
Estudante 13	<p>[...] minha trajetória acadêmica [...], minha intenção era ir mais para a área de computação [...] acabou que eu não me identifiquei tanto com a programação e [...] no meio do caminho resolvi que iria fazer Ciências Contábeis, porque tive uma oportunidade de um estágio e que envolvia contabilidade. Acabei achando muito interessante a área [...] fui fazer a graduação em Ciências Contábeis, fazendo a graduação em Ciências Contábeis me inseri no mercado de trabalho nessa área, [...] numa área mais de Contabilidade Societária [...], fui caminhando profissionalmente na contabilidade. Em termos ainda acadêmicos, fiz um MBA [...] e depois fiz o mestrado [...], a área científica sempre teve ali latente, só que como no mercado de trabalho, às vezes é difícil as duas coisas, mas sempre estive ali latente então enquanto estava no mercado de trabalho [...], no mundo corporativo [...] deu pra fazer até o mestrado, com muita conversa, pedindo muito pra conseguir ter um pouquinho de flexibilidade nos horários, consegui fazer o mestrado, mas para o doutorado [...] não daria pra conciliar [...] foi o momento que saí da empresa que trabalhava e foi que falei [...] preciso aproveitar essa oportunidade de fazer o doutorado [...] foi algo que sempre estive ali, um desejo [...] e aí eu falei [...] tenho que fazer e foi quando decidi [...] me inscrever.</p>
Estudante 14	<p>[...] sempre trabalhei em empresa familiar, passei por todos os departamentos, todos mesmos, iniciei no chão de fábrica [...], me graduei em Ciências Contábeis [...], busquei especializações [...] e o ingresso no mestrado [...] e depois o ingresso no doutorado [...].</p>
Estudante 15	<p>[...] me formei em [...] Contabilidade [...] e durante a graduação participei de diversos projetos de extensão e de pesquisa e é na pesquisa que a gente tem esse foco acadêmico, eram pesquisas mais simples, mas cheguei a ir para vários eventos científicos, vários congressos apresentar, [...] sempre foi algo que quis muito, [...] acabei voltando a trabalhar na área, [...] e depois fazendo concurso, [...], porque achava que uma estabilidade financeira iria me ajudar a cursar o mestrado e o doutorado com tranquilidade, diferente da área privada [...], ingressei no mestrado [...] terminei em 2020 e já comecei o doutorado.</p>
Estudante 16	<p>[...] lembro que fiz o Técnico em Contabilidade quando tinha 16 anos e lembro que [...] a escola era muito longe, [...] acabei fazendo o Técnico em Contabilidade [...], me transferei para outra escola, que tinha o ensino médio de manhã, ensino técnico a tarde, [...] gostei da contabilidade e preferi prestar e focar em Ciências Contábeis [...] acabei fazendo a graduação [...], os meus primeiros contatos com a pesquisa foi com alguns Professores [...] eles estavam necessitando de alunos [...], cheguei a fazer alguns projetos de extensão [...] até o momento em que encontrei o meu orientador, [...] ele acabou apresentando pra mim uma possibilidade</p>

	de trabalhar na área de mercados de capitais, achei interessante, [...] e aí [...] teve a graduação e fui para o mestrado. [...] no mestrado acabei passando em três universidades [...], gostei bastante da universidade que escolhi, tenho um carinho muito forte [...] e depois segui o doutorado.
Estudante 17	[...] nessa minha aventura na área do doutorado percebi que ela é importante e interessante também fazer um curso de Contabilidade [...], decidi fazer o doutorado em Contabilidade e, paralelo, também fiz uma graduação, foi mais ou menos o que decidi.
Estudante 18	[...] terminei a minha graduação [...], na sequência tentei o mestrado [...], mas não consegui entrar no mestrado [...], fui para o mercado trabalhar [...] em empresas privadas, [...] depois de ter pego uma boa experiência na área contábil [...], na sequência decidi que não queria mais ficar dentro do mercado queria voltar para a área acadêmica, foi quando fiz a seleção no mestrado novamente, acabei passando [...] e logo após ter [...] concluído o mestrado, comecei a dar aula [...], na sequência também iniciei como Professor substituto [...] entrei no [...] doutorado em 2020, mas foi [...] uma sequência já idealizada, sabia muito bem o que eu queria alcançar em determinado período do tempo.
Estudante 19	[...] iniciei minha graduação [...], depois fiz o mestrado e [...] comecei a docência em 2005, [...] depois fui aprovado em concurso público na área da docência [...], tentei fazer algum doutorado nesse meio tempo [...], mas tem umas questões, principalmente o teste ANPAD, ele atrapalha um pouquinho, porque às vezes você não faz [...] tem que jogar para o outro ano e os programas geralmente cobram o teste [...], não sei se ele é tão adequado pra fazer o processo seletivo, porque acho que ele talvez não é tão adequado, [...] às vezes tem uma pessoa que é muito boa em métodos quantitativos, raciocínio. [...], mas ela não entende nada de contabilidade [...], então me restam dúvidas se exatamente é a ferramenta mais adequada e eu fui tentando, desanimei um pouco [...], cheguei a fazer por volta de 2019 e aí sim que pude tentar entrar no doutorado [...].
Estudante 20	[...] ingressei na graduação [...] e durante a graduação trabalhei [...] foi um momento que tive mais contato com a contabilidade [...], na universidade pude participar de um projeto de extensão [...], cujo objetivo era a gente acessar as informações no Portal da Transparência, processar aquelas informações em uma linguagem mais acessível ou de forma mais compreensível e divulgar isso para a sociedade e nesse meio tempo também comecei a escrever alguns artigos foi um período em que eu trabalhava [...] e participava de um projeto de extensão [...], quando estava no final da graduação [...] surgiu a oportunidade de fazer o mestrado, o meu orientador da graduação na época falou que como eu estava envolvido com pesquisa, com extensão e iniciação científica seria uma boa oportunidade de fazer o mestrado e ingresso no mestrado [...] e continuei pesquisando [...], no mestrado me distanciei da vida profissional [...], termino o mestrado em [...] 2019, durante o ano de 2019 começo a dar aula [...], passo um ano dando aula em instituição particular até ingressa no doutorado em 2020, foi meio que uma fase seguida da outra e no doutorado tenho me dedicado a grupos de pesquisa, projetos de extensão, consultorias dentro da universidade e me distancio dessa perspectiva um pouco mais formal de trabalho, todo trabalho que eu desenvolvo está ligado a universidade.
Estudante 21	A minha trajetória profissional e acadêmica, digo que ela é muito misturada com a pessoal, [...], acho que isso depende de cada pessoa, opinião muito pessoal, foi algo que me deu determinação para insistir naquele sonho [...], via muitas Professoras, que eram exemplo pra mim, falo aqui a questão de ter um Professor [...] modelo [...] foi importante pra mim [...]. A minha trajetória, ela começa na graduação, [...] a Professora na época deu bastante apoio pra eu entrar no mestrado, [...] eu queria muito e deu certo, me formei, [...] quando terminei o mestrado, tive oportunidade de tentar fazer um processo seletivo como Professora substituta [...] e falei, agora quero fazer o doutorado, quero isso como profissão [...], fiz duas vezes, na terceira vez consegui ingressar [...], falo que a minha entrada até chegar no doutorado foi muito sonhada, a minha expectativa pessoal e oportunidade, [...], nesse caminho [...] conheci pessoas, aquilo que foi enchendo o meu olho [...], o olho brilhava [...], a gente tem a profissão de poder conhecer várias e várias pessoas, lugares diferentes, [...] gosto muito disso e isso me motivou a continuar na carreira acadêmica.
Estudante 22	[...] fiz uma segunda graduação, ingressei em Ciências Contábeis, durante o curso [...] trabalhei em escritório, me formei e continuei trabalhando [...], tive uma oportunidade de ingressar como docente em uma faculdade particular [...], tinha essa coisa da docência dentro de mim, então eu falei, [...] vamos encarar esse desafio, entrei e comecei a dar aula e [...] como já estava com o projeto pronto, já tinha feito o ANPAD tentei [...], obtive êxito de entrar no mestrado [...], comecei a gostar de dar aula, falei é isso que quero pra mim, [...]

	<p>durante o mestrado comecei a fazer os processos seletivos para universidade pública [...], para começar a dar aula na universidade pública [...], acabei entrando e comecei a dar aula [...], terminei o mestrado em 2018 [...], tive muito apoio da minha família [...], tive apoio da minha esposa também [...], em paralelo a isso também ingressei na diretoria de uma empresa [...] desde então estou trabalhando [...], surgiu a oportunidade de entrar no doutorado mais ou menos como uma certa pressão do meu chefe, [...], você vai precisar de doutorado e a gente gosta de você [...] então falei [...] vamos encarar e foi muito oportuno, porque como ingressei em 2021 ainda estava nessa questão da pandemia e as disciplinas que fiz, os meus créditos foi tudo de maneira <i>online</i>, as aulas eram remotas isso facilitou bastante, porque meu doutorado [...] é bem longe e [...] digo que foi no momento certo, por mais que a minha vida pessoal, esteja um pouco atribulada, mas essa é minha trajetória basicamente.</p>
Estudante 23	<p>[...] foi quase nula a trajetória profissional, digamos assim, [...] fora da academia, [...] por exemplo antes de entrar no mestrado trabalhei em escritório [...], é um escritório pequeno de comércio, [...] não tinha quase nada de experiência profissional antes do doutorado e na academia foi mais tutoria, [...] fui tutor em MBA, em cursos de extensão, mas só não dei aula, nunca tinha dado aula em nada [...].</p>
Estudante 24	<p>[...] fiz o mestrado, trabalhava numa empresa e dava aula em curso técnico e profissionalizante [...], só que nesses 15 anos migrei para o serviço público como Professor [...] e resolvi fazer o doutorado [...].</p>
Estudante 25	<p>[...] tive uma trajetória na universidade em termos acadêmicos que é mais ou menos o caminho que muitos seguem, fui [...] aluno de iniciação científica, fiz parte de grupos de pesquisa e durante esse período foi que me despertou interesse pela pós-graduação [...], tive experiências de estágio durante a universidade na área privada em escritórios [...], mas basicamente a minha experiência profissional durante a graduação, ela foi limitada a atividade de estágio [...], concluí a graduação [...], já fiz a seleção direto para o programa de pós-graduação no mestrado, obtive aprovação na minha seleção, fui aluno bolsista CAPES durante o programa de mestrado [...], depois fui para a área profissional, fui Professor substituto [...], logo após ter terminado meus créditos [...] enquanto substituto [...], tive um intervalo durante um ano [...] foi então que [...] participei de um processo seletivo para Professor efetivo [...] e obtive aprovação [...], nesse momento [...] minhas atividades [...], minha carreira de dedicação exclusiva na universidade [...] com ensino, pesquisa e extensão [...] foi até o ponto em que na universidade você precisa da titulação [...] para fazer progressão, para desenvolver outras atividades mais diferenciadas dentro da universidade, justamente nesse momento que eu já havia tentado um processo seletivo, não tinha obtido êxito e foi então que tentei novamente em 2020 e obtive aprovação para iniciar minhas atividades [...] no doutorado.</p>
Estudante 26	<p>[...] trajetória profissional [...] comecei ajudando meu pai que tinha empresa [...], depois trabalhei como assistente administrativo [...], comecei a estudar Administração numa universidade particular [...] só que sempre quis passar [...] e estudar na federal [...], fiquei com foco nos estudos e acho que na terceira tentativa passei no vestibular da federal, [...] passei para Ciências Contábeis, durante a graduação [...] trabalhei [...], depois surgiu a oportunidade do mestrado [...] em Contabilidade [...], resolvi fazer, comecei sem bolsa fui indo [...], finalizei [...], fui trabalhar [...] veio a pandemia, [...], depois comecei a trabalhar em um escritório contábil, fiquei lá dois anos [...], enquanto estava trabalhando no escritório contábil já tinha começado o doutorado [...] era bem puxado fazer o doutorado e trabalhar [...], a partir de 2022 fiquei com dedicação exclusiva no doutorado com bolsa.</p>
Estudante 27	<p>[...] iniciei a minha trajetória profissional quando ainda estava na graduação em Contabilidade [...] foi o primeiro contato que tive com a Contabilidade e ao longo do curso entrei no escritório de contabilidade. [...], me interessei pela contabilidade [...] a partir dali algumas portas começaram a se abrir, depois fui trabalhar na indústria na área de contabilidade também [...] e chegou o momento na minha vida que falei assim, olha, sabe quando parece que não vai mais [...], não brilha mais o olho [...], acho que vou tentar uma coisa diferente [...], surgiu uma oportunidade [...] na docência e quando comecei me senti em casa, falei é realmente isso que quero fazer, gostei muito, fiquei muito feliz e a cada ano foram surgindo novas disciplinas, me identifiquei muito bem e estou lá até hoje [...], sou muito feliz profissionalmente trabalhando como docente [...], estou naquela fase de preparação para esse momento de ingressar em uma instituição pública [...], essa é a minha trajetória [...], me encantei também pela pesquisa, gostei muito, tive contato com Professores muito bons [...] e comecei a entender um pouquinho como é esse mundo, porque até você entrar no mestrado, parece que você não tem dimensão, a gente não tem noção até durante o mestrado, parece que a gente ainda demora um tempo até conseguir compreender como funciona e pra</p>

	<p>mim o mestrado [...] abriu a minha mente [...], foi no mestrado que tive o meu primeiro contato com esse negócio de produção científica, de entender o mundo das contribuições que a gente faz, como que elas dialogam em rede e [...] foi o meu momento de contato e a partir dali não parei mais, sempre fiz parte de grupos de pesquisa [...] e fui para o doutorado [...], continuei produzindo [...] isso é importante pra seleção e continuei fazendo pesquisas [...], também orientei alunos nos trabalhos de conclusão de cursos de iniciação científica, isso também acaba deixando a gente sempre com aquele artigo pendente, com aquela revisão pendente [...], nunca mais parei de ter contato com o mundo acadêmico e entrei no doutorado e continuo fazendo pesquisas, agora num ritmo um pouco mais lento, porque a tese ela consome o tempo da gente [...], mas [...] gosto muito do mundo acadêmico [...] acho que é um espaço de muito crescimento e acho que até um pouco de liberdade dependendo de onde a gente escolhe caminhar.</p>
Estudante 28	<p>[...] fiz a primeira graduação em Administração e depois ingressei na Contabilidade [...], fiz estágio e durante o estágio sempre tinha o interesse pela carreira acadêmica [...], era monitora durante a graduação e [...] no mestrado já tinha o interesse na aula [...] e quando estava dando aula veio a pandemia [...] e falei, olha, acho que é uma oportunidade de tentar fazer algumas disciplinas no remoto, porque são muitas obrigatórias que a gente não escolhe o horário [...] e ingressei no doutorado, mas já com interesse pela docência [...].</p>
Estudante 29	<p>[...] sempre tive desejo de fazer o mestrado e doutorado [...], trabalhava como Professor, [...] e houve uma oportunidade de fazer o mestrado [...], fiz o mestrado [...] e logo que cheguei no mestrado comecei a avaliar os processos seletivos para o doutorado, fui avaliando, [...] fui interagindo com o Professor sobre as possibilidades [...], concorri o edital [...] e fui aprovado e aqui estou fazendo o doutorado agora.</p>
Estudante 30	<p>[...] basicamente fiz o Técnico em Ciências Contábeis, graduação em Ciências Contábeis e sentia a necessidade e o desejo na verdade de ingressar na carreira da docência por influência de minha família, dos meus pais que [...] são Professores, [...] ingressei no mestrado logo na sequência, [...] comecei a ter as primeiras experiências no ensino em cursos profissionalizantes, [...] já como Professor e também na sequência comecei a trabalhar no primeiro ano de mestrado em uma universidade particular, [...], fui aprovado no concurso [...] onde sou Professor atualmente. [...], decidi fazer o meu doutorado [...], mas preferia manter esse vínculo com o meu orientador. [...], motivado pelo lado familiar, de vínculo com os meus pais e família, resolvi passar esses quatro anos na instituição na qual me formei [...], peguei um período da [...] pandemia que afetou tanto minhas aulas enquanto Professor, bem como o primeiro ano do meu doutorado, fiz remoto [...], antes eu trabalhei em escritório de contabilidade, tive essa experiência também, mas a parte da docência sempre foi a que mais me encantou e também o sentido da pesquisa, adoro ser pesquisador em meio a esse processo de ministrar aulas.</p>
Estudante 31	<p>[...] tive algumas experiências com monitoria e ao mesmo tempo que estagiava [...], depois que decidi sair do estágio [...], foquei para poder passar no mestrado [...], passei no mestrado [...] e comecei a trabalhar como Professor. [...], em 2020 é o início do doutorado [...] e volto para o mercado, volto a trabalhar em escritório. [...], mais ou menos foi essa a trajetória.</p>
Estudante 32	<p>[...] comecei a graduação em Contabilidade, porque era um curso que oferecia trabalho, basicamente, então era uma forma de ter minha independência financeira [...] e esse era a minha perspectiva no início da graduação, [...], em algum momento no final da graduação [...] tive algum contato com o meio acadêmico [...], tive contato com pessoas desse meio e também comecei a pensar [...] sobre minha carreira e sobre várias coisas e juntou com esse contato que estava tendo e [...] pensei que era perfeitamente possível, era um caminho possível fazer um mestrado, eu não pensava realmente em estar 100% na carreira acadêmica, pensei em fazer um mestrado como uma forma de sair um pouco da rotina de trabalho que estava tendo [...] no escritório de contabilidade desde o início da graduação e estava pensando em uma forma de [...] respirar um pouco, sair um pouco daquela rotina [...] e também uma melhoria salarial em relação ao que estava tendo na época, só que quando entrei no mestrado acho que não demorou mais do que um semestre no máximo dois, já [...] estava 100% certo de que queria ir para o mundo acadêmico que aquilo era pra mim e comecei a me preparar pra isso e inicialmente pensei em dar aula após terminar o mestrado e talvez depois fazer um doutorado, mas acabou que percebi que o doutorado era uma condição necessária e emendei [...] o mestrado e fui para o doutorado direto.</p>
Estudante 33	<p>[...] fiquei pensando, fiquei bem reflexiva sobre as suas perguntas quando li o roteiro, porque penso, [...] quando a gente fala de formação é difícil, [...] no meu caso, começou na iniciação científica na graduação, mas vou tentar ser bem objetiva [...], basicamente o meu primeiro</p>

	<p>contato [...] foi na iniciação científica na graduação em Contabilidade, foi a minha segunda graduação, [...] não tive uma boa experiência em termos profissionais para fazer contato na minha primeira graduação e foi onde conheci a minha orientadora, tive uma experiência anterior com outra Professora, que não vi muito sentido na pesquisa, não gostei, [...] também na iniciação científica e conclui essa pesquisa e parti para outra pesquisa com a minha orientadora atual [...], conclui minha graduação, fui trabalhar, mas acabou que acho que a minha experiência com a academia veio das oportunidades, [...] o meu interesse pela pesquisa, a minha curiosidade e também a oportunidade que via profissionalmente [...] de fazer um mestrado, quem sabe posso tocar com a Professora, ainda que isso não fosse minha pretensão na época [...], ingressei no mestrado e continuei pesquisando [...], conclui o mestrado na época estava atuando como Professora substituta [...] foi uma das experiências mais enriquecedoras e adoráveis [...] profissionalmente, [...], em meio a pandemia, isso era 2020 [...] falei vou tentar prestar o doutorado, porque acho que a única coisa que é possível nesse momento pandêmico, [...] não consegui entrar, mas no final de 2020, [...] meu currículo melhorou com as publicações [...] e passei [...], ingressei em 2021, [...], em resumo, decidi ingressar no doutorado acho que pela falta de perspectiva, onde estou agora morando e a pretensão acadêmica que tenho hoje de continuar tocando como Professora e pesquisadora.</p>
Estudante 34	<p>[...] já tinha vontade de seguir nessa área acadêmica quando estava fazendo minha graduação e já comecei a fazer processo seletivo no finalzinho do último ano da faculdade, só que não entrei de cara para o mestrado, tive que fazer três processos seletivos até conseguir entrar, nesse meio tempo trabalhava no escritório de contabilidade, desde o início da graduação [...] trabalhei [...], fiz uma pós-graduação [...] e agora no doutorado [...] comecei a dar aula [...] e também sou orientadora credenciada de MBA [...].</p>
Estudante 35	<p>[...] a minha formação original não é na área de contabilidade, [...] o que eu fazia tinha a ver com contabilidade, então conheci a contabilidade, gostei e fui fazer a graduação [...] e isso passou a fazer parte, a contabilidade passou a fazer parte da minha rotina total acadêmica [...], depois disso acabou sendo um caminho natural ir para o mestrado e depois ir para o doutorado, hoje dou, inclusive, aula em matérias envolvendo contabilidade e finanças [...].</p>
Estudante 36	<p>[...] sou formada em Administração [...] e desde a época de faculdade sempre me envolvi em atividades de estágio [...], nesse período tive uma oportunidade de entrar numa empresa [...], uma indústria, [...] finalizei a faculdade [...], sempre identifiquei a necessidade de qualificação, de buscar conhecimento, [...], mas também entendendo a necessidade de estar olhando o negócio, como que o negócio funciona para poder trazer políticas e práticas mais assertivas [...] e com esse intuito fiz especialização [...] e também fiz um mestrado que não foi na área da Contabilidade [...] e já mais recentemente entendendo a necessidade também de aprimorar mais a gestão [...], sempre que posso [...] também tenho uma agenda para aulas em cursos de pós-graduação e graduação, porque isso me anima, me revitaliza, consigo conversar com os alunos em relação ao conhecimento adquirido teórico e na prática, porque é o momento da gente coloca isso [...] as nossas experiências e discutir junto com os alunos o processo [...].</p>
Estudante 37	<p>[...] ingressei na faculdade de Contabilidade [...], no mesmo ano passei em um concurso público [...], quando terminei a universidade [...], ganhei uma bolsa no mestrado [...], tive algumas experiências no setor público e privado como docente [...], fiz algumas capacitações, [...], fiz o curso de Professor formador, tenho algumas experiências [...], fui Professor voluntário em duas oportunidades, [...], não havia nenhuma pretensão no começo em cursar um doutorado, [...], mas a minha ideia é que a gente vai avançando e vai saindo dessas zonas de conforto, assumindo novos desafios, você vê as oportunidades de ganhos, tanto em termos de conhecimento como financeiro [...] e meio que você vai sendo convidado, vai sendo disputado por algumas instituições de ensino, pela sua experiência acadêmica, [...] meio que você chama atenção por esse lado, então essa é a minha trajetória [...].</p>
Estudante 38	<p>[...] sempre quis ser Professor, não sei explicar bem o motivo, [...] acabei entrando no curso de Ciências Contábeis [...], aquela vontade de ser Professor nunca saiu, mas entrei no curso de Ciências Contábeis no intuito de seguir a carreira de Contador, mas durante o curso vi que mesmo dentro da contabilidade existia essa possibilidade de me realizar profissionalmente, [...], poderia seguir a profissão como Professor, então tomei essa decisão de terminar o curso, gostei do curso, mas que iria seguir a carreira acadêmica dentro da contabilidade e não iria para escritório de contabilidade, [...], terminei a graduação e já entrei numa especialização, que é o requisito mínimo, que normalmente as universidades privadas exigem para dar aula, [...], comecei a dar aula [...] e realmente me identifiquei, vi que era isso que eu queria, que é a minha área à docência [...] e dentro da contabilidade me realizei como</p>

	docente e acabei dando continuidade aos passos como Professor universitário, [...] essa questão de chegar até o doutorado foi mais uma questão de me realizar profissionalmente e se Deus quiser futuramente, vir a ser Professor efetivo de universidade pública, [...], entrei no mestrado e assim que terminou o mestrado já entrei no doutorado [...].
Estudante 39	[...] fiz graduação em Contabilidade [...], percebi que gostava muito de pesquisa, [...], conheci a minha orientadora, que tinha muitos contatos, ela é uma pesquisadora muito boa e me estimulou muito a fazer o mestrado, acabei emendando a graduação com o mestrado, [...], no mestrado [...] estava sempre procurando aprender na prática, porque quando você emenda tudo na academia, você sente muito falta de prática [...], eu ficava frustrada [...] como profissional de ficar só pesquisando e como eu amo a contabilidade, o que eu queria ver [...] era a prática. [...], entrei no doutorado, [...], então é sempre uma luta [...], o que vou priorizar? como vai ser a minha vida? o que faço primeiro? a agenda tem que funcionar, senão você não faz nada, mas ao mesmo tempo, eu amo pesquisa, [...] então [...] foi essa a minha trajetória.
Estudante 40	[...] antes de terminar minha graduação abro uma empresa [...] e comecei a fazer outras especializações, [...] fui trabalhar em uma universidade [...] e tive interesse de fazer o mestrado, [...] e agora estou no doutorado [...], mais ou menos foi o mais breve da sequência profissional e acadêmica.
Estudante 41	[...] fui bem incentivada [...] onde trabalhava, [...], precisava construir relatórios, fazer realmente pesquisas, produzir evidências e fazer apresentações tinham muitos componentes que são semelhantes da carreira acadêmica e algumas pessoas perceberam e me incentivaram [...] até que resolvi fazer o mestrado, fiz o mestrado, consegui produzir uma pesquisa legal, casando com a minha área de atuação profissional [...] logo em seguida fiz o concurso para Professor temporário da universidade, queria ter essa experiência também da docência e [...] de fato não só à docência, mas pretendo continuar a minha trajetória no mercado também, mas para seguir na carreira da docência o doutorado também é bem importante, [...], preciso de um doutorado e hoje continuo também em sala de aula mais a pós-graduação [...].
Estudante 42	[...] já na segunda fase da graduação iniciei no escritório de contabilidade, [...] ingressei na área contábil, fiquei durante a graduação inteira trabalhando [...] e terminando a graduação, estava com interesse de ir para a área de ensino, a área de educação e [...] sabia que teria que ter a trajetória de mestrado e doutorado e minha tia que era Contadora do escritório [...] me incentivou a fazer o curso de graduação em Contabilidade, ela tinha mestrado e dava aula também, fui conversar com ela [...] e escolhi uma das duas coisas ou ficar no escritório ou seguir na área acadêmica, porque se for fazer as duas junto, acaba que não faz nenhuma nem outra bem feita, [...] fui fazer o mestrado e do escritório. [...] conclui o mestrado, já fui para o doutorado, já que o plano era esse e seguir minha trajetória acadêmica já ingressei direto no doutorado e por isso meu interesse [...] era de dar aula, paixão pelo ensino mesmo.
Estudante 43	[...] sou formado em Administração, [...] iniciei a faculdade em Contábeis, porque trabalhava numa indústria e trabalhava na parte contábil, [...], via o Contador como uma área muito fechada, [...], não era uma contabilidade mais ativa igual a gente vê hoje, [...] questão de investimentos, questão de consultorias, [...] finalizei a graduação, [...], iniciei uma pós-graduação [...] na correria aqui, ali, dando aula, [...], fui trabalhar com supervisão de recursos humanos na parte administrativa de uma empresa, [...], terminei em 2019 o mestrado, essa correria de ANPAD, tem que fazer ANPAD para poder entrar [...], fiz a prova [...] passei [...], fui fazer o doutorado em contabilidade [...] ingressei em 2021 [...] e estou correndo atrás para poder finalizar [...].
Estudante 44	[...] é um pouco confuso, digamos assim, a vida que foi me levando pra esse caminho, quando comecei a estudar para o vestibular na época, como fiz técnico, [...] a minha ideia era fazer engenharia [...], só que eu não gostava muito daquela área, [...] cheguei a fazer o vestibular [...] ainda bem que não passei, [...] quando entrei na faculdade já tinha vontade [...], já pensava em de repente fazer um mestrado, porque queria dar aula em faculdade e ao longo desse período que estava fazendo Administração, comecei a fazer estágio em algumas empresas [...], terminei a Administração e acabei começando a fazer esses contados um ano depois, só que eu não consegui conciliar muito bem a faculdade, a segunda graduação e o meu trabalho, acabei saindo para terminar a faculdade, em 2018 [...] eu falei [...] queria muito fazer um mestrado, [...] vou tentar e na época, quando fui tentar, tentei para Contabilidade, porque estava muito mais próxima do que de Administração [...] e pensando na questão de ser Professora, pensava em fazer mestrado em Administração, mas a vida foi me levando muito mais para o lado da Contabilidade e foi quando fiz o mestrado em Contabilidade, [...] acabei emendado [...] o doutorado em [...] 2021 [...], então foi por força profissional, mas gosto muito também dessa área [...].



Estudante 45	[...] fiz graduação em Ciências Contábeis, fiz uma especialização também, [...] achei interessante a área de ensino, porque até então eu tinha essa experiência como Professor e decidi fazer um extra, também na mesma área de Ciências Contábeis, [...] e quis aprofundar mais, achei interessante [...] a questão da pesquisa, de publicação de artigos e tudo mais, decidi avançar, foi que tomei a decisão de fazer o doutorado, [...] foi basicamente essas motivações que tive no decorrer da carreira, da carreira acadêmica, principalmente, foi que tive a decisão de querer estudar mais, aprofundar mais e fazer o doutorado e também tenho uma empresa, [...] sou empresário, [...], dentro dessa trajetória profissional também exerço outras atividades que, de certa forma, se relacionam à área acadêmica, mas exerço de forma complementar.
Estudante 46	[...] fiz a graduação [...] e na época eu percebia que a maioria dos meus Professores, eles não tinham doutorado ou não eram mestres em Contabilidade, eles eram mestres em outras áreas e eu trabalhava na coordenação do curso, era estagiária, [...] comentava com o meu orientador [...] da época, mas por que eles não têm? [...] ficava com aquilo, mas quero fazer na Contabilidade e fiz a graduação e fiz o mestrado, [...] tinha um Professor que me incentivava muito [...], tive a oportunidade de ver a outra parte da Contabilidade [...], esses eventos grandes que não são pessoas que estão falando apenas de escritório, [...], tinham palestras voltadas para a área da contabilidade, artigos, eu adorei [...], participei [...] de palestras que eles falavam justamente como é o andamento do mestrado e doutorado e falei, [...] vou tentar [...], fiz o mestrado. Na época, meu mestrado foi muito bom, eu adorei, aprendi muito no mestrado, depois fui para o doutorado, [...] foi a minha trajetória até agora. Apesar de ter optado pela carreira acadêmica, é claro que me voltei também para o mercado nos últimos tempos, por necessidade financeira, comecei a ir para o mercado, abri a minha empresa de Contabilidade, hoje atendo alguns clientes. [...] estou nesse processo [...] me dividindo entre dar aula, ter uma empresa de Contabilidade [...] e estou no doutorado [...].
Estudante 47	[...] até ingressar no doutorado [...] em 2019 eu tinha 13 anos na empresa onde trabalho, passei 10 anos na área de contabilidade gerencial, [...], estou atualmente na área de desempenho empresarial, o que tem em comum entre essas duas áreas de atuação, tanto na contabilidade gerencial como no desempenho é o uso da contabilidade como insumo para a tomada de decisão, [...] concluí o mestrado [...], o doutorado foi uma continuidade natural, tanto da formação acadêmica [...] e também para reforçar a atuação profissional [...], tento conciliar as duas atividades buscando os pontos positivos de cada uma, por exemplo, [...] penso na experiência profissional [...] e uma abordagem mais pragmática para abordar os problemas, para identificar problemas, [...] o que fazer? e do campo acadêmico vem mais, o como fazer? é um método eficiente de ver esse problema, avaliá-lo e buscar uma solução [...].
Estudante 48	[...] a minha trajetória, sou formado em Contabilidade, [...] ao fazer Contabilidade, tenho o desejo de voltar como Professora da instituição que fiz Contabilidade [...], também trabalho na área privada, na área de finanças, também sou Professor [...], quando surgiu a oportunidade de ter um doutorado [...], fiz o doutorado [...] e comecei essa jornada, passei quatro anos sem férias na área privada para poder compensar durante as aulas de dedicação para o doutorado.
Estudante 49	[...] vim da iniciativa privada [...] foi meu primeiro emprego oficial de Ciências Contábeis como Contador [...] na parte de contas a receber e Controladoria [...], depois fui fazer concurso, [...] comecei a passar em alguns concursos [...] e consegui entrar no mestrado também [...], terminei o mestrado e automaticamente prestei outros concursos [...] já sabia que teria que ingressar no doutorado mais à frente, [...] deu certo, fiquei na carreira docente.
Estudante 50	[...] quando estava na graduação, no segundo ano, já sabia que queria fazer mestrado, quando finalizei a graduação [...] já prestei o processo e ingressei no mestrado [...], quando entrei no mestrado logo de cara eu só pude dedicar ao mestrado [...] e depois iniciei o doutorado trabalhando [...], falei é melhor já seguir, continuar e terminar, porque imaginei que se eu soubesse, fosse trabalhar, eu não voltaria tão cedo, então já emendei uma coisa na outra.
Estudante 51	[...] quando encerrei a minha graduação, logo em seguida entrei numa pós, numa especialização e quando estava concluindo essa especialização fui chamada numa instituição, fui convidada para fazer parte do corpo docente, [...], desde então não larguei mais a sala de aula, decidi ficar somente na parte da docência, [...] me especializando, depois sendo Professora pesquisadora, fazendo mestrado e doutorado na área de Ciências Contábeis e sempre [...] quis fazer dentro da área de Ciências Contábeis, porque muitas vezes falam assim, ah, por que você não faz uma área de aderência? sempre quis fazer dentro da área de Ciências Contábeis, graduação, mestrado e o doutorado.
Estudante 52	[...] sabe aquela pessoa concurseira, depois que me formei, minha formação não é em Contabilidade, fui para os concursos, [...] passei para Professor [...] tinha na época apenas a

	pós-graduação, [...] e estando lá foi quase que uma obrigação [...], mas desde que me formei, [...] sempre tentei mestrados [...], me chamou atenção o mestrado em Administração [...], fiz e quando fiz na Administração na área de finanças, me voltou uma outra possibilidade, porque posso tentar fazer um doutorado em Administração ou em Contabilidade, [...] prestei o processo seletivo para os dois [...] e fui chamado no doutorado em Contabilidade [...].
Estudante 53	[...] já estava no meu planejamento estratégico fazer o doutorado, um planejamento estratégico pessoal, de construção minha profissional, comecei a trabalhar [...], entrei para o mercado de trabalho, [...] para empresas privadas, [...] durante o dia trabalhava [...] e à noite trabalhava numa faculdade administrando aula, [...] e nessa faculdade [...], na época não se exigia, se você puder entrar somente com uma pós, só que cada vez mais era exigido que tivesse o mestrado e fiz o mestrado, fui crescendo dentro da empresa, dentro da faculdade [...] e depois de fazer o mestrado, acabei assumindo a coordenação do curso onde trabalhava e fui sendo promovido [...] até que chegou o momento, [...] de saí dessa faculdade [...] e fazer o doutorado e [...] fui seguindo em frente [...].
Estudante 54	Trajatória profissional, sou formada em Contabilidade [...], ingressei no mestrado, [...] e em 2020, [...] minhas filhas já estavam maiores eu poderia entrar no doutorado [...], basicamente isso. O doutorado pra mim é uma satisfação pessoal [...], porque do ponto de vista profissional eu não vou ter nenhum adicional no meu salário [...] não tenho nada de gratificação por conta disso é satisfação pessoal mesmo.
Estudante 55	[...] fiz a graduação em Contabilidade [...], tive várias experiências de iniciação científica, [...] sempre gostei também de ser pesquisador, tive sempre um currículo muito mais voltado à academia do que ao mercado, na metade da minha graduação [...] sabia o que queria fazer, seguir uma carreira acadêmica, [...] e enfim, na graduação [...] tive muita experiência de iniciação científica, não tive muito contato com o mercado, fiz alguns estágios, [...] depois da graduação [...] entrei no mestrado, não tive experiência profissional, entre a graduação e o mestrado, praticamente, só foram seis meses, e no mestrado basicamente fiquei em tempo integral dedicado [...], achei que não teria tempo para conciliar, [...], terminando o mestrado, [...] já entrei no doutorado, tentei ingressar no mercado profissional, [...] sentia que não queria entrar no doutorado naquele momento, precisava descansar um pouco, e sentia que precisava colocar meu pé no mercado, mandei meu currículo para vários lugares, não tive resposta nenhuma e a gente sabe que precisa de suporte financeiro, de estabilidade financeira, pensei, não estou conseguindo entrar no mercado agora, então vou ingressar no doutorado, queria entrar no doutorado, mas não naquele momento e nesse momento entrei no doutorado [...], tive que fazer o doutorado e levar a minha função no mercado ao mesmo tempo, paralelo [...], minha experiência profissional, a maior parte da minha vida profissional foi de forma paralela ao meu doutorado, não foi antes do doutorado.
Estudante 56	[...] fiz o meu ensino médio já focado na área da Contabilidade [...], gostei da ideia de elaborar balanços, da ideia de finanças e decidi prosseguir na graduação [...], na graduação participei do projeto de iniciação científica, [...] e percebi que poderia extrapolar um pouco mais [...].
Estudante 57	[...] me formei [...] e já comecei a trabalhar nas empresas, como Contador, como técnico e fiquei uns anos, cinco ou seis anos trabalhando no mercado [...] e resolvi montar o meu escritório [...], senti a necessidade muito grande de que estava muito limitado dentro das minhas questões técnicas e da contabilidade, [...], o dia a dia de trabalho acaba se perdendo nas atividades que eram muito mais fiscais, [...], a coisa mudou bastante, mas, enfim, fiz uma graduação [...] e deu um alcance muito maior em termos de entendimento, conhecimento e aplicação, [...] logo que terminei já fiz a especialização [...] e cheguei numa conclusão de que o Contador, ele tem que saber também da administração, ele tem que conhecer o negócio, o cliente, [...] e percebi um problema, [...] que faltava um pouco de conhecimento prático e de mercado para os alunos, uma grande dificuldade para esse time, [...] e pensei [...] acho que esses alunos precisam ter um pensamento prático, mas com propriedade, só que pra que eu pudesse dar isso [...], precisava ver o outro lado [...] para que eu pudesse também construir as duas bases e resolvi fazer o mestrado, [...] e a partir daí [...] consegui entrar como substituta [...] e chegando nesse ponto estou [...] para terminar a minha tese [...].
Estudante 58	[...] fiz a minha graduação em Ciências Contábeis [...], estagiei [...] logo no terceiro ano, [...] no final da graduação fui efetivada na empresa em que trabalhava e, ao longo desse ano que trabalhei como efetiva na empresa [...], já formada, [...] fui convidada para apresentar um artigo junto com o meu orientador, quem acabou indo foi o meu orientador, acabei não indo, mas [...] ele acabou me incentivando bastante a ingressar no mestrado. Naquele momento não estava muito claro pra mim que eu gostaria de seguir uma carreira acadêmica, mas o que estava claro é que eu também não estava muito satisfeita com o corporativo, que eu gostava de

	<p>pesquisar, gostava de escrever, já tinha dado aula, tinha tido uma experiência com uma aula mais para adolescentes de ensino médio, [...], enquanto estava na faculdade, inclusive, e tinha gostado disso, mas naquele momento ainda não estava muito claro pra mim, acabou coincidindo de ter seguido no processo [...] do mestrado e deu certo. Como tinha aulas, quase que na verdade em períodos bem ruins, no meio do dia, acabei optando por pedir demissão da empresa que estava para me dedicar 100% ao mestrado, [...], mas logo tive que voltar a trabalhar por questões financeiras, não tive muito como pensar, voltei a trabalhar [...] estava fazendo a minha dissertação, [...], enfim, toquei a dissertação junto com o trabalho, foi super complicado, é bem difícil, mas consegui [...] acabei defendendo [...], mas naquele momento não pensei no doutorado, realmente estava satisfeita na empresa que estava trabalhando, estava vendo boas perspectivas de promoção e tudo mais, gostava da área, gostava do trabalho, das pessoas, gostava do meu gestor e fui caminhando, fiquei por três anos nessa empresa, as coisas começaram a estacionar um pouco [...], em algum momento eu vou fazer meu doutorado e isso não estava descartado nos meus planos de vida, mas parei de pesquisar, de fato me afastei e ainda em 2020 na pandemia levei um sustinho, fui demitida do meu trabalho e veio aquele baque inicial, mas o doutorado sempre foi algo que eu gostaria de fazer e [...] esse mundo é grande, mas ele é pequeno ao mesmo tempo, acabou coincidindo de acabar falando com o Professor [...] que foi o meu orientador da dissertação, [...] ele acabou me incentivando a fazer o mestrado, [...], estava procurando emprego no mercado [...] que estava acostumada, estava difícil, também não queria ficar muito tempo parada, não podia ficar muito tempo parada, como acabou surgindo uma vaga [...], depois fiz o processo seletivo para o doutorado, [...] para a turma ingressante de 2021 [...].</p>
Estudante 59	<p>[...] a minha trajetória acadêmica ela começa desde o colegial quando decidi fazer Contabilidade [...], a escola onde estudei promoveu uma [...] feira das profissões onde tive contato com profissional de Contabilidade e falei, [...] vou fazer Contabilidade [...], já no primeiro dia de aula [...] o Professor pergunta o que a gente quer fazer depois que o curso terminar [...], sempre gostei de estudar e [...] durante a minha graduação tive algumas experiências [...] com bolsa [...], tenho uma graduação e vou tentar o mestrado [...], acabei passando [...] consegui me identificar e construir o que tenho hoje, [...] e a partir dali construí uma relação de possibilidade, de parceria com a minha orientadora até que veio o doutorado, [...] e foi mais ou menos essa minha trajetória acadêmica [...] até chegar ao doutorado.</p>
Estudante 60	<p>[...] trabalho [...], sou Contador [...], já dei aula. Atualmente não dou aula [...] e também já tinha o desejo de fazer o doutorado, somando isso [...] foi daí que partiu a minha decisão de fazer o doutorado [...].</p>
Estudante 61	<p>[...] tanto na graduação como mestrado, doutorado são todos em contabilidade [...], fiz a graduação e fui procurar uma especialização na área de contabilidade, [...] iniciei em escritório de contabilidade, porque durante a minha graduação não tive condições [...] tinha a necessidade de ir para a prática contábil [...], surgiu uma oportunidade [...] e depois, surgiu um processo seletivo, [...] para ensinar matemática financeira [...], tinha uma bagagem muito boa em relação a disciplina [...] e fiz [...], depois saí do escritório e vim assumir a vaga do substituto e desde então, não parei mais, [...], de fato, era isso que eu queria. [...], dentro do contexto profissional de sala de aula já tenho quatro anos de experiência, então, eu disse, não, agora eu preciso, de fato, avançar [...] e a única forma de continuar na ciência seria [...] o mestrado e futuramente o doutorado [...], fiz a seleção para entrar em 2018 no mestrado [...], passei, [...] já no primeiro ano do mestrado, logo nas disciplinas iniciais, já sondei os doutorados da região foquei o que seria mais próximo [...], vi que o que tinha em comum era o teste ANPAD, então logo no primeiro semestre do mestrado, eu disse já vou fazer o teste ANPAD [...], já fiz mirando quando terminasse o mestrado, já iria fazer o processo seletivo do doutorado e assim foi feito, [...], em 2020, já no final do ano, fiz o processo seletivo do doutorado, me inscrevo e em 2021 ingressei [...].</p>
Estudante 62	<p>[...] me formei bacharelado em Ciências Contábeis, [...] trabalhei seis anos como Contadora, [...] comecei a perceber que minha profissão ficou muito rotineira, sempre fazia o mesmo, [...], era muito técnico, não me sentia tão cheia [...] me interessei por [...] uma especialização [...], mas tranquei o curso [...], comecei a pesquisar opções de bolsas, programas e [...] fiz o processo para o mestrado [...] comecei, [...] tive [...] ajuda da minha orientadora, [...], dos colegas [...], não era bolsista, no começo foi muito difícil, [...] em março, ganhei a bolsa, continuei os estudos de mestrado, [...], comecei a trabalhar, [...], sou dessas pessoas que acho que você precisa aprender, você precisa começar [...], minha vida pessoal é complexa, [...] terminei o mestrado [...], não pensei em fazer doutorado [...], mas fui conversar com meu colega, [...] e ele comentou como era o processo [...], fiz todo o processo [...], passei [...], foi</p>

	<p>muito bom [...], e algo que quero destacar do processo seletivo é que foi determinante para eu fazer o doutorado, porque o processo seletivo foi remoto, [...], eu disse que iria tentar [...], não perdia nada, [...] passagem, não perdia deslocamento, [...], pra mim foi uma oportunidade [...] e comecei a fazer o doutorado [...].</p>
Estudante 63	<p>[...] sou formada em Contabilidade [...], quando estava no processo de elaboração do meu TCC foi que me deu o estalo [...] em conversa com o orientador [...] e ele veio e perguntou, já decidiu o que vai fazer para que área da contabilidade vai? e até o momento não tinha decidido, estava no último semestre do curso e não sabia o que fazer e fazendo TCC e vendo como funcionava todo o processo da pesquisa foi que me deparei com essa parte acadêmica de perceber que a academia poderia ser um caminho, então depois da graduação comecei a pesquisar, na realidade durante a graduação comecei a pesquisar os processos seletivos de mestrado, como funcionava, o que tinha que fazer, [...] e não tinha como fazer isso sem o auxílio da bolsa, quando consegui a aprovação com bolsa CAPES [...] comecei o meu mestrado [...] e como eu vim nessa coisa da minha intenção seguir à docência e pesquisa, tinha muito bem claro na minha cabeça que o doutorado era um pré-requisito pra isso, só com o mestrado eu não conseguiria atingir esse objetivo, então logo depois do mestrado já saí do mestrado aprovado no processo seletivo do doutorado [...] foi uma correria [...] fazendo os processos seletivos, estudando para prova da ANPAD [...].</p>
Estudante 64	<p>A minha formação, na verdade, foi em tecnologia, [...], sempre trabalhei [...], principalmente em grandes instituições [...] e foi quando fui convidado para participar de um projeto, de gerenciar um projeto de pesquisa [...] foi aí que tive contato com o mundo acadêmico e realmente gostei muito do dia a dia, dos pesquisadores, dos alunos e o que motivou a migrar para a vida acadêmica lembro que eu tinha um contato de um Professor [...], fiz uma aula como aluno, [...], aluno especial, [...] para ver se eu iria realmente me adaptar e em 2018 consegui o ingresso, o que me ajudou também, foi esse conhecimento do Professor, [...] por mais que era uma área totalmente diferente [...] para mim, a contabilidade, mas esse Professor também tinha bastante pesquisa na área de [...] tecnologia dentro da contabilidade [...] foi aí que eu ingressei [...] fiz o mestrado e o doutorado.</p>
Estudante 65	<p>[...] ao final da graduação já comecei primeiro com o estágio, depois como efetivo, [...], conclui a graduação e surgiu a oportunidade de participar do processo seletivo para Professor substituto, [...] tive a sorte de passar [...] e acabei tendo que optar por um ou outro, como já tinha vontade de seguir na área acadêmica, desde o segundo, terceiro período de curso, acabei optando por começar como Professor substituto. Ao final desse primeiro ano, teria até dois anos de contrato, mas ao final do primeiro ano, tive que fazer o mestrado, [...] Professores tinham dado sugestão de correr o quanto antes para fazer o mestrado. Fiz o mestrado [...], fiquei em dedicação exclusiva era bolsista, [...] e no ano seguinte, fui convidado por conta da aprovação para ser Professor substituto, e, novamente, tive uma sorte de, nos primeiros seis meses, surgiu uma vacância, um Professor pediu exoneração e eles utilizaram do concurso que eu estava aprovado para me nomear [...], esperei passar o estágio probatório até para entender como é que funcionava tudo certinho, e fiz o processo do doutorado [...] estou em afastamento para poder terminar o doutorado e basicamente foi assim [...] o percurso.</p>
Estudante 66	<p>[...] primeiro quando a gente nasce em uma classe social diferente, a gente não tem visibilidade e não conhece nada, [...] meu contato com a Contabilidade foi há uns 18 anos que trabalhei de carteira assinada como auxiliar de escritório, [...] e começou a instigar o desejo de começar a Contabilidade porque, onde eu trabalhava, tinha escritório de Contabilidade próximo, então, achava o máximo [...], consegui uma bolsa numa instituição privada, no turno da noite para poder cursar o curso de Ciências Contábeis [...], conciliava o meu trabalho durante o dia e a noite na graduação e na graduação privada, diferentemente de pública eu de forma espontânea, tive um desejo de ser monitora voluntária, de fazer trabalho de iniciação científica, [...] começou a nascer um desejo pela docência, [...], quando terminei a graduação, [...] depois veio uma oportunidade de ser Contadora [...] tive a oportunidade de lecionar uma disciplina, [...] praticamente pagava para trabalhar, mas o meu intuito era justamente de construir essa experiência para no futuro conseguir ser Professora de Contabilidade [...] e nesse processo passei como Professora substituta [...], contrato de dois anos, [...], geralmente pega todas as disciplinas, compra livro e orientar mesmo sem terem me orientado, você aprende a ser [...] apanhando, [...], pra mim foi uma grande escola em relação à docência, na minha construção como Professora, hoje, de Contabilidade, [...], passei no mestrado em Contabilidade [...] e trabalhava [...] quarta, quinta e sexta, o pessoal falava que eu aprendia as coisas por osmose, mas era o horário que tinha para estudar [...], gostava dessa rotina, [...] foi muito intensa, e tive uma outra experiência, ser Professora de uma privada, nesse intervalo,</p>

	<p>passsei no processo [...] do mestrado, [...] sofri muito nesse processo, porque [...] não tive nenhuma base na graduação e o orientador, ele até sugeriu um tema para trabalhar [...], não nasceu de mim, [...], depois o meu orientador na época, me ajudou a rodar os dados, [...], teve uma época que apertou e pedi demissão [...], porque queria me dedicar à docência de forma plena e nesse período quando pedi demissão passei num processo, [...], para trabalhar [...] em um órgão público e o salário era bom [...] foi uma oportunidade que tive para poder pagar as minhas contas, mas não larguei a minha dissertação, nem à docência [...], o pessoal falava que eu era meio maluca, como é que eu conseguia essa rotina, realmente foi uma rotina muito intensa, [...], havia algo em mim que queria mais, principalmente no sentido da pesquisa, porque nunca tive uma base, sempre procurei tudo sozinha, mas no sentido de buscar esse conhecimento para auxiliar os alunos também, [...], depois do estágio probatório mapeei vários programas de doutorado [...] e consegui passar [...] em Contabilidade, [...] o sentido inicial foi pelo dinheiro, aumentar o meu salário, mas depois de cursar [...] Metodologia do Ensino Superior eu voltei à origem e voltei a refletir quem eu sou, quem eu quero ser em meu papel social [...] e isso me tocou, eu até me emociono quando falo [...], a gente tem um papel de muita relevância como Professor [...].</p>
Estudante 67	<p>[...] sou Técnico em Contabilidade, [...], trabalhei [...] e depois tinha que fazer uma pós, [...] fiz o mestrado, [...] terminei [...] e vem o doutorado e a pandemia [...].</p>
Estudante 68	<p>[...] sou, hoje, Professor universitário [...], no último ano da faculdade tive um interesse maior por pesquisa, desenvolvendo o meu trabalho de conclusão de curso, [...], manifestei o interesse de fazer o mestrado [...], caminhei mais para essa área de pesquisa do que para a área profissional, porque nessa época passei por estágio em escritório de Contabilidade, depois trabalhei com CLT, como auxiliar contábil, fiscal, auxiliar de departamento pessoal também, mas quando consegui a bolsa [...], não consegui mais conciliar a parte prática da profissão com a academia [...], acabei deixando a parte prática da profissão, fiz o mestrado, terminei [...] e alguns anos depois ingressei no doutorado [...].</p>
Estudante 69	<p>[...] minha formação é graduação em Administração [...], fiz uma pós [...], trabalhei como consultor [...], passei no concurso da área pública [...], ingressei no mestrado [...] e paralelamente dando aula, trabalhando [...], conclui o mestrado [...]. Quanto ao ingresso no doutorado fiz a prova da ANPAD [...] um pouquinho antes da pandemia, [...] não fui qualificado para fazer o doutorado em Administração e saiu o edital do doutorado em Contabilidade [...] para não perder a prova da ANPAD [...] e acreditando que não fosse ser aprovado [...], acabou que fui aprovado [...], meu projeto estava ruim, mas estava menos pior do que os meus concorrentes e acabei entrando no doutorado em Contabilidade por minha surpresa [...], foi muito surpreendente [...].</p>
Estudante 70	<p>[...] iniciei a graduação na Contabilidade [...] durante esse período de graduação cheguei a fazer alguns meses de estágio [...], dei início ao meu TCC [...], surgiu uma oportunidade não tinha muita ideia do que seria, como seria e muito menos que a partir dali poderia despertar o interesse pela pós-graduação, que foi no caso acontecendo com o passar do tempo, [...] finalizei a graduação [...], fiz algumas disciplinas isoladas nesses meses até ingressar no mestrado [...] a partir dali [...] iniciei na pós-graduação já na sequência no mestrado, fui bolsista CAPES e finalizei o mestrado no início de 2021, quando já engatei o doutorado também, só que daí naquele ano não tinha bolsa disponível para todos, naquele período, acabei fazendo estágio nesse ano, 2021, [...] até eu conseguir a bolsa [...] que tenho até hoje, acho que de modo geral seriam esses os principais pontos.</p>
Estudante 71	<p>[...] sou do interior e me formei em Economia, [...] já tinha experiência profissional, trabalhava na área de planejamento [...] numa indústria, [...] e lá senti a necessidade de fazer Ciências Contábeis, [...], fiz [...], em seguida fiz o mestrado e acabei ingressando na área acadêmica desde 2013 e foi daí que veio a minha vontade de fazer o doutorado, de ir até o fim desses estudos e aqui estou [...].</p>
Estudante 72	<p>[...] já trabalho no mercado há muito tempo, [...], mas não me sentia completa, [...] não conseguia ver como começar, até que me estressei muito com a área corporativa, [...] depois minha filha nasceu, [...], me senti mais madura com essa experiência, porque tinha um problema que achava que o mundo da academia, sem a questão profissional não era muito legal, [...] isso me incomodava, porque acho que a gente, na nossa área, [...] ela [...] realmente é a vivência [...], você precisa ver qual é a necessidade, porque essas leis não funcionam, [...], você tem que olhar o trabalho e ver isso aqui não está funcionando, tive essa [...] inquietação, [...], fiz o meu mestrado [...] gostava muito de um Professor, porque [...] ele conseguia passar a ideia do que [...] era possível, fiquei apaixonada pelo tema e falei [...] quero seguir [...].</p>

Estudante 73	[...] vou começar antes do mestrado, porque foi uma sequência, acabando a graduação e trabalhando na área, sempre gostei dessa área de finanças e tinha um desejo de ser Professor também, [...], estava concluindo a graduação [...] e sabia que com o mestrado [...] seria interessante para ser um profissional mais qualificado [...], ingressei no mestrado em 2019, nesse meio tempo veio a pandemia, segundo ano do meu mestrado, estava em pandemia [...], estava com bolsa [...] e estava sobrando mais tempo [...], estava na dúvida de fazer um doutorado, [...] e a pandemia já deu um empurrãozinho, [...] no segundo ano do mestrado, o trabalho estava bem avançado, [...] concluí [...] e emendei o doutorado, [...].
Estudante 74	A minha trajetória profissional [...] sempre atuei no mercado desde os 17 anos, fui trabalhar em empresa de serviço contábil, depois que me formei [...] acho que fazia uns seis, sete meses [...] montei um escritório contábil com uma colega da graduação e o escritório [...] cresceu [...] depois de alguns anos decidi que não queria mais permanecer como sócia [...] por razões de divergência de valores, de vida e resolvi comunicar minha saída [...] e a partir daí comecei a trabalhar com consultoria [...], tive uma oportunidade de começar a atuar na docência [...], comecei a atuar como Professora na graduação [...], conciliava a academia com a consultoria [...] decidi que queria fazer mestrado e isso significou, pela escolha que fiz mudar de cidade para fazer o mestrado em Contabilidade [...], praticamente me voltei mais à docência [...], porque não conseguia [...] conciliar a consultoria com a academia e ainda com o mestrado, acho que se eu fosse resumir seria assim.
Estudante 75	[...] desde o primeiro ano de faculdade já comecei a trabalhar no escritório diretamente com a contabilidade, [...] nunca fui só específica para uma área, [...] acabei trabalhando durante dez anos no escritório de contabilidade, mas tive diversos interesses [...], fiz um MBA que tinha interesse em contabilidade [...], dentro do MBA conheci um Professor [...], ele me convenceu a tentar o mestrado, me falou das possibilidades e tentei o mestrado e acabei ficando na área de contabilidade financeira [...], não fiz questão de mudar, nem buscar uma outra [...], durante o mestrado tive que parar o trabalho, porque estava em outra cidade, ficou complicado, [...] e acabou ficando um pouco pesado fazendo as demandas do mestrado junto com o trabalho, então comecei a ser dedicação exclusiva. Entre o meu mestrado e meu doutorado estava numa fase bem conturbada e um pouco confusa também, decidi tirar um ano e meio de pausa entre um e outro, [...] fiquei só atendendo na contabilidade os meus clientes que tinha no escritório [...], fui fazer outras coisas em questão de trabalho [...], decidi tentar o doutorado, mas queria buscar uma outra área, porque não fui muito feliz na área de contabilidade financeira [...], decidi buscar uma outra instituição e buscar uma outra área, foi que passei em três universidades [...], escolhi a que tinha a questão de bolsa [...] era garantida [...] e foi assim que cheguei no meu mestrado, no meu doutorado e hoje estou tentando terminar o meu doutorado [...].
Estudante 76	[...] a minha primeira faculdade não foi em Contabilidade, [...], quando saí da faculdade [...] queria fazer pós-graduação, primeiro <i>lato sensu</i> , depois mestrado e doutorado e foi o que segui, fiz duas pós-graduações [...] nesse meio do caminho aconteceu algo curioso, decidi fazer Contabilidade, [...], achava que Contabilidade ajudaria bastante no desenvolvimento profissional, [...] e depois [...] já queria fazer o mestrado [...] em Contabilidade e acabei sendo aprovado [...] e agora estou fazendo doutorado em Contabilidade [...].
Estudante 77	[...] me formei em Contabilidade, Ciências Contábeis e já trabalhava em escritório [...], algum tempo depois fui promovido., [...], logo no final deste mesmo ano, fui promovido a chefe do setor, me pareceu oportuno buscar formação na área que eu estava, [...] pensei já que estou em escritório, estou fazendo aqui um negócio que gosto, vou fazer Contabilidade e fiz todo o curso, continuei em escritório, troquei de escritório no segundo ano para uma mudança para melhor, sempre na mesma área, [...]. Ao longo da trajetória da graduação, [...], a gente começa a se deparar com outras áreas e percebi que a contabilidade não era só a contabilidade de escritório, [...] e a cada disciplina mais específica, mais de formação profissional, eu me encantava, por exemplo, surgiu a Controladoria e me identifiquei literalmente, nossa, isso que quero, aí aparecia a Auditoria, nossa, que legal e sempre com olhos abertos para essas possibilidades, [...] comecei a perceber que a docência poderia ser um caminho, porque apareceram alguns Professores que me inspiravam e desde sempre gostei de estudar e de ler, então foi que comecei a fazer a ponte e repensar a minha carreira, [...] meio que a vida foi me levando até que pensei [...] em me tornar Professor, [...], fui organizando, mirando a carreira de docente, [...], mas como que eu faço essa mudança? [...], teria que reformular a minha carreira, a minha vida, inclusive mudando de cidade, não que o lugar fosse um problema, mas eu teria que planejar bem, [...] terminou a graduação, eu falei, bom, e agora, o que eu vou fazer? [...] fiquei naquela zona de incerteza, resolvi estudar mais um pouco, [...] fiz o MBA,

	<p>[...] fiquei com o mestrado na cabeça, continuava no escritório muito desgostoso, estava sendo uma fase realmente de desmanche, de final de carreira, até com dificuldades de trabalhar, porque o foco estava migrando para outro lugar e havia feito um processo seletivo para Professor, [...] e esse processo valia um ano, então eu fiz, fui aprovado, mas não fui chamado [...], abriu outra vaga de Professor [...] as coisas começaram a se organizar pra mim, [...], quando comecei a dar aula, seis meses depois, ingressei no mestrado, e falei, é isso mesmo, comecei o mestrado e me demiti do escritório, porque tinha que dar conta das viagens, de estudar, de dar aula, ou de uma redução de renda drástica, então, [...] foi realmente um <i>restart</i> e daí pra cá fui me dedicando à carreira acadêmica, [...], tenho intenção de continuar nessa área, como Professor e pesquisador, que tem interesse em ter alguns contatos com o mercado, talvez, por meio de projetos, trabalhando com consultoria, [...], mas é algo que nem pensei em construir, mas hoje, a minha intenção é continuar na área acadêmica.</p>
Estudante 78	<p>[...] sou Contador [...], fiz curso Técnico em Contabilidade [...] já trabalhei com um pouco de tudo, empresa privada [...], órgão público [...], já tive escritório de Contabilidade, mas em termos de carreira profissional o que realmente me identifiquei foi com a docência, sou Professor, embora [...] no início da carreira eu não queira ser Professor, acabei entrando na docência [...] com 25 anos foi onde realmente me identifiquei como atividade e como pessoa também, então nessa carreira toda quando entrei na universidade eram poucos os Professores e os cursos de pós-graduação [...] e entrei na carreira docente meio que por acaso, gostei, acho que todo mundo tem essa trajetória, pelo menos, o pessoal da minha idade, entra meio que por acaso, olha, a gente precisa de um Professor, [...], fiz o mestrado [...] e depois levou alguns anos para pensar no doutorado [...], não passei na primeira tentativa, tive problemas de saúde [...], passei na segunda tentativa muito mais por incentivo de alguns amigos que fizeram doutorado, por insistência deles, por que meio que tinha jogado a toalha [...] do doutorado [...], foi um momento que digo, por que eu decidi? Primeiro porque gosto da área de Contabilidade, sempre me identifiquei, segundo foi um momento que pensei se eu não fizer agora eu não vou fazer nunca mais, porque exige que você tenha distanciamento de casa, enfim tem vários sacrifícios, eu teria que me mudar para outra cidade, abri mão de ganhos financeiros, a questão do emprego também e pelo fato de estar em 2021 que ainda era a pandemia, ainda existia a possibilidade de fazer as disciplinas a distância foi nisso que eu coleí, olha o custo vai diminuir bastante [...] e sendo sincero as disciplinas que tive no doutorado não senti diferença nenhuma, digamos assim, da carga de estudo, da cobrança, dos Professores, da seriedade dos Professores [...].</p>
Estudante 79	<p>Estava na academia e resolvi me candidatar ao mestrado foi um processo um pouco difícil, não foi fácil entrar, acho que foi mais difícil do que entrar no doutorado, mas acabei conseguindo [...].</p>
Estudante 80	<p>Sou formado em Contabilidade, já trabalhei em escritório de Contabilidade [...], decidi fazer o mestrado, por que tenho intenção de ingressar na docência [...], antes de terminar o mestrado comecei a buscar pelas instituições que ofereciam o doutorado [...], participei do processo seletivo e consegui aprovação [...], no momento estou em busca para qualificar a tese [...].</p>
Estudante 81	<p>[...] acho que foi um trajeto normal na minha vida, sempre quis seguir essa trajetória acadêmica para poder ser Professor, depois que entendi a pesquisa, ser pesquisador também, vi que a pós-graduação seria necessária, desde o quinto semestre da graduação comecei a me envolver mais com métodos de pesquisa, com Professores que eram doutores [...] e vi que gostaria de fazer isso, então desde o penúltimo semestre da graduação comecei a me preparar para o mestrado, em termos de conhecer os processos seletivos [...], começo a me organizar quanto a isso, depois no mestrado também foi isso, no último ano também comecei a me organizar para o doutorado para conseguir participar de processo seletivo, para conseguir chegar com um currículo legal, teste ANPAD que também é necessário [...] isso foi como me preparei para chegar até o doutorado [...].</p>
Estudante 82	<p>[...] entrei na graduação em meados de 2013, me formei em 2017 [...] e no meio da graduação já tinha colocado pra mim que queria entrar na pós-graduação e seguir mestrado e doutorado, mas acabei a graduação [...] e tirei uma pausa por um tempinho e depois [...] segui tentado, [...] tentei em 2018 entrar no mestrado, não rolou, 2019 fiz novamente o processo, consegui [...], fiz o mestrado e ao longo do período [...] no mundo acadêmico pensei vou continuar com o doutorado. [...]. Doutorado seria enfim remoto por conta da pandemia na época [...], foi basicamente isso na graduação emendei mestrado e doutorado [...].</p>
Estudante 83	<p>[...] trabalhava na área privada, resolvi largar tudo e fazer o mestrado, comecei a dar aula e não parei mais, fiquei dando aula e acabei decidindo emendar o doutorado.</p>

Estudante 84	[...] fiz a minha graduação de 2010 a 2013 [...] em Contabilidade, [...] trabalhei em escritório desde 2010 [...], sempre trabalhei em escritório em Contabilidade [...], comecei a pensar novas perspectivas, uma amiga minha que estava começando no mestrado [...], ela começou a dar aula, [...] ela rapidinho começou a dar aula e nem tanto pelo salário de Professor, mas pra gente poder conciliar as duas coisas, então foi o que fiz, comecei o mestrado em 2019 e em 2020 [...] continuei no escritório quando no meio do meu mestrado tive um choque de realidade, porque foi que percebi que [...] com o mestrado você vai ser apenas Professor temporário [...], fui conhecendo Professores de outras áreas que dão aula dez anos como temporário, mas acho que é uma vida muito perigosa, você não tem segurança nenhuma no trabalho, então vi que se eu quisesse dar aula teria que fazer o doutorado, [...] comecei a pesquisar sobre o processo de doutorado [...], fiz alguns processos [...] e foi aí que ingressei no doutorado.
Estudante 85	[...] comecei a trabalhar bem cedo, [...] tive algumas outras atividades, mas na Contabilidade [...] comecei após o término do meu curso Técnico em Contabilidade [...], fiz um estágio em Contabilidade foi aí que comecei a pegar a primeira parte prática quando iniciei, depois disso [...] e trabalhando como Técnico em Contabilidade, atuei numa empresa [...] fazia toda a parte da contabilidade, de registro, tesouraria, lançamento, declarações, parte tributária, [...] já estava na graduação, [...], pude vivenciar as diversas áreas da contabilidade, [...], nesse tempo em 2009 entrei no mestrado, [...] tive que me desligar de algumas dessas atividades, porque já no mestrado estava com dedicação exclusiva [...], acabei entrando num grupo de pesquisa [...], em 2012 no contexto da questão do mestrado, [...] já lecionava como Professor colaborador [...], comecei a dar aula de matemática financeira foi daí que comecei a pegar o gosto pela parte de ensino, [...] paulatinamente fui gostando, [...] nunca tinha pensado [...] ser Professor. Na graduação não tinha isso na cabeça, depois no mestrado é que o negócio foi consolidando, fiz o concurso para substituto [...], depois que terminei o mestrado fiz outro concurso pra Professor efetivo, [...] passei nesse concurso e onde estou até hoje [...], não pensava no doutorado em 2012. Quando tinha terminado o mestrado fui pensar que na verdade não sabia se queria continuar ali, apesar de ter sido uma experiência que me deu uma certa estabilidade para atuação como Professor, não pensava em continuar na academia, queria na verdade ir para o mercado, porém comecei a voltar a pensar na academia, mas as propostas para atuar no mercado foram propostas boas, [...], tinha benefícios muito interessantes, só que tinha que mudar de cidade, tinha que ir para uma outra cidade bem distante [...] e fiquei pensando se era aquilo mesmo que eu queria para a minha vida [...], resolvi pensar [...], voltei a pensar na possibilidade de fazer o doutorado, [...], resolvi [...] fazer o doutorado, quando comecei a me preparar, quando fiz a prova, passei, aí veio a pandemia, acabei fazendo o doutorado na pandemia, mas enfim, acho que foi isso [...].
Estudante 86	[...] iniciei a graduação logo depois que concluí o ensino médio, na sequência dei continuidade para o mestrado, logo nos primeiros anos da graduação já decidi que gostaria de fazer o mestrado, que gostaria de seguir nessa área mais acadêmica, [...] logo que finalizei já fiz o processo seletivo [...], ingressei no mestrado e sempre tive o interesse, a vontade de continuar para o doutorado [...], nesse meio tempo fiquei engajada com atividades de pesquisa e também de educação, logo que finalizei o mestrado comecei [...] a dar aula na iniciativa privada como Professora mediadora [...] passei também a dar aula recentemente em [...] instituição pública de ensino superior do curso de Ciências Contábeis [...]. Trajetória acadêmica e profissional acho que seria mais ou menos isso até chegar na fase do doutorado [...], faço doutorado também trabalhando, não sou bolsista e precisei buscar esse vínculo empregatício fora [...].
Estudante 87	[...] me formei primeiro em Administração [...], finalizei o curso e fui fazer [...] pós em Controladoria e Finanças [...], ingressei no mestrado [...], tenho uma carreira profissional também, sou servidora pública [...], em 2018 terminei o mestrado [...] dei uma descansada, depois em 2020 participei do processo seletivo [...], veio a pandemia e em 2021 tentei de novo e quando passei [...] tenho sempre essa questão de estar vendo o lado profissional com meu lado acadêmico, não deixei de atuar como Contadora, mas estou [...] na academia e [...] tenho um pezinho na prática.
Estudante 88	[...] desde a época que estava no ensino médio [...], no terceiro ano do ensino médio precisava decidir o que fazer da vida [...] e nós não temos orientação, a maioria dos locais públicos não há uma orientação adequada com base nas nossas habilidades [...], mas tudo que eu via cálculo era muito apaixonado, mas não poderia ir para um curso [...] nas engenharias, porque era integral e eu precisava trabalhar [...], ajudar minha família, então pensei, gosto de matemática, mas a minha visão naquele momento é que o matemático só daria aula e hoje minha visão é



	<p>muito diferente, [...], então falei [...] vou nesse negócio chamado Contabilidade [...], fiz vestibular [...] fiquei como suplente e [...] então comecei a procurar um emprego aqui outro ali e duas semanas após o resultado inicial, aliás duas semanas após o início das aulas recebi uma ligação dizendo que tinha sido chamado, isso foi extraordinário pra mim, comecei a fazer o curso, [...], tive muita dificuldade também [...] de entender a Contabilidade [...], conseguir tocar até o final [...] e acabei me destacando bastante [...]. Muitos Professores me perguntaram se eu não queria estagiar [...], estava trabalhando como auxiliar de produção numa indústria [...], mas resolvi sair, porque era muito puxado, não conseguia conciliar a questão do estudo e do trabalho. [...], aceitei o desafio como estagiário no escritório [...], fiquei inicialmente cuidando da parte contábil, [...], quando [...] completei dois anos no escritório de Contabilidade [...], estudava à noite então tinha que faltar e fiquei incomodado com isso, decidi fazer concurso público, [...], já tinha me formado nesse período, [...], comecei a fazer aula como aluno especial do mestrado [...] tentei o processo seletivo, não fui aprovado [...] e por que fui buscar o mestrado em Contabilidade? eu tinha um Professor que admirava muito [...] e estava ingressando no doutorado [...], pensei acho que vai ser interessante [...], foi uma fase muito difícil na minha vida, porque precisei tomar decisões muito duras, [...], terminei o mestrado, falei nunca mais quero saber disso [...], não queria de forma alguma isso aí meu orientador me ligou e disse saiu o processo seletivo [...], vou pensar [...] fiquei pensando, [...], aí comecei [...], não é fácil fazer uma pós-graduação [...], essa é a minha trajetória profissional [...].</p>
Estudante 89	<p>[...] fiz faculdade [...] acabei indo trabalhar [...] e lá era fundamental o conhecimento contábil então num primeiro momento tive essa necessidade de trabalhar propriamente vendo [...] demonstração de resultados [...], balanço patrimonial e decidi fazer uma segunda faculdade de Contabilidade [...], conciliei praticamente a faculdade de Contabilidade com esse emprego, [...], mas não tinha essa vontade de seguir adiante academicamente, estava bem tranquilo, mas quando comecei a fazer a especialização <i>lato sensu</i>, [...] gostei pra caramba do aprofundamento que a gente tinha e o contato com os Professores, achei que era um nível bem diferente do que a gente tinha na graduação e [...] fui mordido por essa questão acadêmica, [...] fui fazer mestrado [...] depois emendei o doutorado [...], tive contato [...] para eventos, para projetos, para aulas, fazendo parcerias, foi uma fase muito interessante [...].</p>
Estudante 90	<p>[...] cursei Ciências Contábeis [...] e desde então trabalhava, desde quando ingressei já trabalhava na iniciativa privada [...], comecei a fazer estágio, depois consegui ser efetivada [...], fiquei muito tempo nessa área de Controladoria, principalmente. Posteriormente consegui fazer uma migração da iniciativa privada para o serviço público [...], decidi cursar o mestrado, porque é uma das minhas possibilidades de crescimento na carreira, fiz o mestrado e agora resolvi emendar com o doutorado também incentivado pelas possibilidades de ter crescimento na carreira.</p>
Estudante 91	<p>Sou formado em Ciências Contábeis, fiz o mestrado e o doutorado em Contabilidade, na época da graduação fui bolsista [...] e hoje sou Professor.</p>
Estudante 92	<p>[...] minha trajetória profissional e acadêmica, sempre [...] falava para a minha mãe que eu queria fazer mestrado e doutorado, [...], comecei nessa ideia de querer continuar os estudos, só que a minha mãe na época da graduação ela não deixava eu me envolver com pesquisa, [...], projetos, porque não era bolsista e ela falava que eu teria que trabalhar para conseguir me sustentar [...]. Na época da graduação fui trabalhar no escritório de Contabilidade e quando terminei a graduação, logo em seguida já comecei o mestrado e no mestrado me dediquei mesmo, eu não trabalhava. Depois de um período, no segundo ano do mestrado, comecei a receber a bolsa ficou mais tranquila a situação, só que fiquei talvez um pouco traumatizada com o mestrado, sabe? É um período que a gente está aprendendo a pesquisar e fiquei um pouco assustado. Terminei, claro, com o mestrado no tempo previsto, só que fiquei um pouco traumatizado, não queria ir para o doutorado, eu demorei [...] para começar o doutorado e nesse período de tempo, logo que terminei o mestrado, já passei no processo seletivo [...], já faz um tempo que atuo como Professora e [...] tive uma certa preocupação de que para prestar, fazer outros concursos, eu precisaria do doutorado. Nesse período entre mestrado e doutorado, a partir de 2019, fiquei pensando, preciso fazer o doutorado, mas a minha vida pessoal deu uma atrapalhada nos planos e só em 2020, que falei, [...] agora é a minha hora e deu certo graças a Deus [...].</p>
Estudante 93	<p>[...] ingressei em Contabilidade, naquela mentalidade que a gente, pelo menos, na minha época, a gente tinha que Contabilidade era muito cálculo, [...], mas vi que era uma Ciência Social que tem pouquíssimo cálculo, [...] acabei gostando [...], acabei concluindo o curso, já ingressando no mestrado, defendi o mestrado [...] e já ingressei no doutorado, [...] a trajetória</p>

	foi bem assim, sem pausas, refletindo agora, vi que não foi legal, porque no aspecto psicológico, isso, como você deve saber, vai pesando bastante, então minha trajetória de trabalho, não trabalhei até agora, somente estágio durante a graduação, [...], graduação, mestrado e doutorado tudo direto e sem pausa, o que vi que não é legal, tem um impacto grande [...] hoje se eu fosse aconselhar alguém, iria aconselhar para dar uma pausa entre um e outro, talvez procurar mercado de trabalho e não fazer direto, porque para mim não foi legal.
Estudante 94	[...] quando decidi fazer Contabilidade [...], venho de uma família mais simples e [...] não passei na época do vestibular [...], depois ingressei em Contabilidade [...], me casei antes de concluir a faculdade, [...] trabalhava [...] em escritório [...], nem pensava em mestrado nessa época, [...] depois comecei a pensar no mestrado [...], comecei a entrar em contato com o Professor, [...] comecei a trabalhar [...], comecei a desenvolver outras áreas da minha carreira profissional [...], gostava muito do trabalho, ganhava bem, [...], quando foi em 2017 decidi voltar a estudar, fazer o mestrado, [...], fiz o mestrado, depois que terminei [...] decidi pensar, meu marido me incentivou [...] a fazer o doutorado, [...] só que entrou a pandemia, [...], tive pouco tempo de aula presencial [...] essa minha trajetória, decidi fazer o doutorado, na verdade, já tinha essa ideia, [...], porque quero dar aula, [...] já que tinha essa experiência no mercado e queria mais essa carreira docente e foi assim para eu decidir.
Estudante 95	[...] minha trajetória, [...] precisei fazer uma especialização por causa das exigências do meu cargo [...] fui fazer uma especialização em Auditoria [...], pensava que como estava a muito tempo sem estudar, seria complicado [...], foi exatamente o contrário e isso me incentivou a fazer o mestrado e o doutorado [...].
Estudante 96	[...] a minha trajetória profissional desde o ensino médio faço Contabilidade, sendo honesto não era uma escolha minha no primeiro momento, [...] juro que foi minha mãe que me inscreveu na escola técnica, [...] terminei o técnico, comecei a faculdade [...] comecei a gostar, [...] no final da faculdade, [...] fui para o mestrado, [...] terminei, [...] depois fui trabalhar em escritório de Contabilidade, para ter uma parte mais prática, [...] depois de um tempo não me sentia satisfeito, não me sentia muito feliz [...] trabalhando e tinha que tomar uma decisão, [...] vou continuar [...] e resolvi ingressar no doutorado [...].
Estudante 97	[...] em questão acadêmica no meio do curso de Contabilidade lembro quando fui procurar o orientador para o meu TCC [...], porque ele tinha dado uma disciplina que foi a que mais gostei no curso de Contabilidade [...], ele me chamou para trabalhar com ele com pesquisa [...] de lá pra cá fiz outras atividades também profissionais, cheguei a dar aula, oriento [...] projetos [...] e estou terminando o doutorado [...].
Estudante 98	Depois que terminei a graduação estava trabalhando como assistente administrativo e do nada fui fazer mestrado, gostei e resolvi ir para o doutorado, não teve nada específico que dissesse para fazer o doutorado, gostei de pesquisar, tenho formação em Contabilidade e Administração.
Estudante 99	[...] trajetória profissional e acadêmica [...], comecei a trabalhar com Contabilidade com 14 anos no escritório de Contabilidade da minha cidade na época [...], cobrando honorários, entregando impostos, enfim, fui ficando e fiquei seis anos no escritório. Nesse meio tempo iniciei a faculdade também, graduação em Contabilidade, depois acabei indo trabalhar na parte de consultoria [...], tinha terminado a faculdade [...], nesse meio tempo, acabei me interessando pelo mestrado, iniciei no mestrado em 2015, [...] em março de 2017 comecei na docência e já estava trabalhando na parte de assessoria em gestão na época em um escritório [...] e recentemente acabei entrando no doutorado em 2021 que surgiu uma oportunidade [...] e tinha uma possibilidade na época de fornecer bolsas [...] acabei fazendo o processo, ganhei a bolsa e comecei o processo em 2021.
Estudante 100	[...] iniciei a graduação em Contabilidade e quando iniciei a graduação [...], fiz um curso profissionalizante [...], já comecei a trabalhar no escritório de Contabilidade, durante todo o período da graduação eu trabalhava [...], mas nunca quis continuar no escritório [...] achava que poderia aplicar o conhecimento de outra forma, que poderia ensinar outras pessoas e sempre tive essa facilidade de me comunicar e gostar de compartilhar o conhecimento de alguma forma, foi então que no meu penúltimo semestre da graduação comecei a pesquisar as possibilidades de fazer mestrado onde tinham cursos com conceitos bons [...] e também tem a possibilidade de ter uma bolsa gratuidade para quem é aluno [...] isso me motivou mais ainda a continuar, porque se eu continuar trabalhando no escritório não conseguiria conciliar o mestrado, porque sabia que exigia bastante [...], sempre gostei mais da academia do que o escritório [...], sempre gostei de pesquisar [...], decidi então fazer o mestrado e logo depois que acabei o mestrado fui lecionar [...]. porque sentia que precisava de mais conhecimento e iniciei o doutorado [...], porque achava que precisava aprender um

	pouco mais para melhorar a minha aula, então foi nesse sentido que voltei para fazer o doutorado [...].
Estudante 101	[...] a minha formação eu fiz faculdade de Economia [...], depois fui fazer o mestrado em Contabilidade [...], tinha uma empresa [...] estava muito perdido do que fazer da vida profissionalmente, estava fazendo mestrado, porque sempre gostei de trazer a academia junto [...] e comecei a dar consultoria [...] em [...] 2014 parei [...] com a minha empresa de consultoria [...] e não tinha muita projeção do que seria minha vida, minha nova vida profissional, [...] então voltei para o doutorado para fazer uma reciclagem e ver oportunidades da academia para colocar no meu [...] negócio [...].
Estudante 102	Na verdade, sempre quis ser Professora, [...], mas fui muito desestimulada pelos próprios Professores por questão salarial, de não ter reconhecimento, aquelas questões que a gente já sabe de Professores [...], aquelas lutas que nós conhecemos e fiz um Técnico em Contabilidade no meu ensino médio e como eu tinha 14 para 15 anos não tinha muita noção do que era uma profissão, o trabalho e escolhi justamente por ter essa identificação com matemática, o que acontece muito na graduação, com os alunos e fiz o curso técnico, gostei e fui trabalhar na área e quando fui fazer o vestibular depois que terminei o ensino médio acabei indo pelo mesmo caminho e fiz graduação em Contábeis [...], gostava de trabalhar com Contabilidade, mas sempre quis ser Professora então juntei um pouco esse conhecimento de contabilidade que já tinha [...], estava bem cansada no meu trabalho, já trabalhava há sete anos na mesma empresa [...], terminei a faculdade e decidi mudar e entrei no mestrado [...] pela vontade de ser Professora, [...], me identifiquei muito com a profissão e tenho muito prazer em lecionar, esse foi o motivo, foi o caminho que me levou para a Contabilidade [...], terminei o mestrado [...] fiquei uns dois anos [...] trabalhando, juntando renda para poder fazer o doutorado, porque sabia que iria ter que ir para outro Estado, demorei uns três anos [...], terminei o mestrado em 2018 e entrei no doutorado em 2021.
Estudante 103	[...] fiz graduação em Contabilidade, mestrado em Contabilidade, trabalhava na área já na época, lecionei durante alguns meses [...], defendi o mestrado [...] e fiz o processo seletivo para fazer o doutorado, não foi um tempo considerável entre um e outro.
Estudante 104	[...] entrei na graduação [...] e lá dentro despertou em mim um interesse em ser Professor, porque vi a rotina dos Professores da instituição e isso me interessou, fui monitor por dois anos [...], esses dois anos foram fundamentais para ter certeza que realmente queria ser Professor, me formei em 2015, [...] entrei no mestrado, me formei [...], dei um tempo para relaxar um pouco a mente [...] e também para trabalhar, para pegar uma experiência como Professor [...] e em 2021 decidi ingressar no doutorado.
Estudante 105	[...] quando saí do mestrado eu literalmente tinha percepção de que não queria fazer o doutorado, principalmente pela questão do choque, o mestrado foi bem difícil, [...], não conseguia me ver dentro daquele contexto, então decidi que iria sair da carreira acadêmica, realmente um choque, mas passado cinco anos e também algumas mudanças particulares de Estado acabaram me levando a fazer o processo seletivo [...] eu acabei passando [...] e abri a minha empresa e nesse momento [...] eu realmente consegui me ver dentro da academia [...], pela metodologia, pelos Professores, acho que pela liberdade de escolha de pesquisar [...], então foram muitas novidades positivas que acabaram fazendo com que eu tivesse vontade de ingressar no doutorado [...], acho que muitas vezes a gente, pelo fato, de ser exigido, acho que isso também é um problema da própria CAPES exigir tanta publicação dos programas e é aquele negócio os programas exigem dos alunos e essa é uma metodologia muito forte [...] realmente na minha época muitas pessoas tiveram muitos problemas de ansiedade, justamente por causa dessa cobrança e [...] tinha que pesquisar tudo, porque tinha que publicar [...], mas sem com que eu me sentisse preparada como uma profissional da Contabilidade para atender o mercado, para ajudar os próprios alunos, porque eu comecei a lecionar [...], comecei a dar disciplinas [...], me vi perdida, tinha um título, tinha publicações, mas não me considerava apta como profissional tanto para a academia [...] e nem preparada para o mercado, porque não tinha expertise [...] me vi [...] em um momento de muita confusão profissional depois do mestrado.

*Nota.* Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

A Tabela 5 contempla as falas dos estudantes quanto as suas trajetórias profissionais e acadêmicas. Salienta-se que se optou pelas próprias palavras utilizadas pelos entrevistados no

intuito de que fossem externados os desafios, expectativas, sentimentos, renúncias, motivações e as experiências de cada futuro doutor em contabilidade utilizando-se, assim, de suas próprias narrativas.

Adiciona-se que mesmo o sigilo e anonimato dos participantes terem sido preservados não foi excluída menções quanto questões: profissional (sou Contador) ou pessoal (desejo de ser mãe após o doutorado). Tais especificações trazidas pelos entrevistados representam reflexos em suas experiências e intenções e foram considerados importantes para a coerência da pergunta quanto a trajetória profissional e acadêmica.

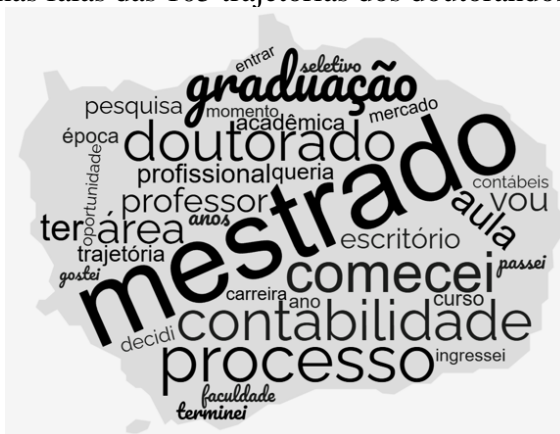
Comenta-se que no momento da realização desse questionamento a pesquisadora manteve-se em segundo plano. Uma das prerrogativas incutidas na perspectiva da *Grounded Theory* é que o entrevistador tem dois momentos importantes no decorrer de uma entrevista denominados segundo plano e primeiro plano. O segundo plano ocorre no início e quando o entrevistador intervém o menos possível na fala do entrevistado. Já o primeiro plano é quando no decurso da entrevista o entrevistador tem condições de explorar um pouco mais a fala do entrevistado, quando perceber necessário (Charmaz, 2014).

A partir das 105 trajetórias também se optou pelo uso de uma nuvem de palavras que pudesse trazer à tona qual ou quais palavras são mais representativas quando se pergunta a respeito da trajetória profissional e acadêmica. Ressalta-se que cada trajetória é única, porém convergem para a mesma escolha acadêmica, ou seja, o ingresso na pós-graduação (doutorado) em contabilidade.

Assim, a Figura 9 elucida que a palavra mais enfatizada pelos estudantes na entrevista foi ‘Mestrado’. Comenta-se que foram extraídas as palavras que não teriam coerência isoladamente como: que, já, gente, isso, pra, essa, dar, até, acho, esse, minha, fiz, fui, depois, era, sempre, acabei, tinha, estava, nesse, entrei, fiquei e só.

### Figura 9

Palavras predominantes nas falas das 105 trajetórias dos doutorandos em contabilidade.



*Nota.* Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa e com o auxílio do *Worldclouds.com*

Importante comentar que uma boa parcela dos entrevistados comentou que optaram após a graduação para a entrada no mestrado muito em virtude da intenção em se tornar Professor como exposto na fala do(a) Estudante 1: “sempre quis ser Professora, desde o começo quando entrei na universidade [...] e pra isso a gente já sabia que tinha que fazer o mestrado, doutorado e assim por diante.” e também mencionado pelo(a) Estudante 2: “sempre tive o entendimento de seguir a carreira acadêmica pra ser Professor, mas teria que me especializar e fazer mestrado e doutorado”.

Menciona-se que a palavra ‘Mestrado’ foi a mais citada nos argumentos dos estudantes. Tal menção pelo fato de alguns benefícios a partir dessa experiência na pós-graduação, como por exemplo, as formas e possibilidades de contribuir com a área da ciência contábil conforme mencionou o Estudante 27: “o mestrado [...] abriu a minha mente [...], foi no mestrado que tive o meu primeiro contato com esse negócio de produção científica, de entender o mundo das contribuições”.

#### ***4.2.2 Mudanças positivas e negativas que ocorreram desde a aprovação no doutorado***

A compreensão de um novo ambiente de socialização associado a um treinamento profissional (Fox, 2018) faz com que quaisquer pessoas inseridas na arte do fazer científico percebam algumas mudanças. Tais mudanças podem estar atreladas a entendimentos mais associados a (1) aspectos positivos ou (2) negativos ocorridos, por exemplo desde a decisão em ingressar em uma pós-graduação e principalmente em um curso de doutoramento.

##### **4.2.2.1 Mudanças positivas**

Duas mudanças importantes de reconhecimento no decurso de um doutoramento são profundidade e maturidade (Khosa et al., 2020 & Sorenson, 1997). O primeiro no sentido de compreender que as reflexões a serem realizadas não serão apenas respaldadas pelo senso comum, mas que serão conduzidas por uma nova formação designada como conhecimento científico.

Já a segunda é quando ocorre o entendimento de uma ruptura no estado de maturação do conhecimento. Esta, por vezes, decorrente de novos aprendizados, experiências, como por exemplo, convívio com os pares (socialização), lidar com as críticas realizadas e recebidas, bem como a compreensão de uma ação mais ativa no decorrer do processo, “acho que positivas,

consigo mencionar que a **maturidade de me posicionar**, de opinar, aceitar críticas, **lidar com críticas**, tanto na perspectiva da maturidade de pesquisa quanto na apresentação de um trabalho, por exemplo” (Estudante 21). Tais reflexões também foram pontuadas por outros estudantes.

[...] sempre que comento quando vou incentivar alguém para o mestrado, doutorado, sempre digo a mesma coisa, todo mundo deveria fazer, pelo menos, um mestrado na vida para entender essa **ruptura**, acho que foi uma ruptura e foi uma mudança de cento e oitenta graus na minha vida profissional [...], a contabilidade me trouxe muitas coisas positivas [...] aprendi a ler, aprendi a escrever, evolui como pessoa, evolui como profissional, hoje **sou muito mais criteriosa no que faço, tenho mais profundidade** [...] a gente vê muito **amadurecimento em pouco tempo** (Estudante 1).

Mudanças positivas, gosto de falar que a gente abre muito a cabeça e isso vale não só para o doutorado, mas vale para esse passo que você dá após a graduação, você **deixa de ter aquela visão mais passiva de aprendizado** em que o Professor vai lá e ensina e você é quase como uma esponja que suga. Quando você passa para esse outro tipo de pesquisa, esse novo nível que é o mestrado e o doutorado você passa a ver a importância da pesquisa [...] o **nível da profundidade** da pesquisa e a **maturidade que você tem no doutorado**, acho que essa é a principal mudança positiva (Estudante 89).

[...] mudanças positivas foi que gostei, [...] me sinto mais realizada profissionalmente, por conta de que exerço uma função que realmente gosto, tenho muito prazer de estar em sala de aula, acredito que seja uma mudança positiva, **amadureci muito em relação à postura de comportamento com essa questão de convivência com os alunos, com a vida acadêmica** [...] (Estudante 102).

Além disso, a própria intencionalidade em ingressar em um programa de pós-graduação (Ahrens, 2009) atrelada a sua aprovação em um doutorado em contabilidade já configura uma mudança positiva e a possibilidade de novas perspectivas. Nesse sentido, o(a) Estudante 35 comentou “[...] a aprovação em si é um evento positivo, para quem gosta ou tem como intenção atuar na parte acadêmica, melhora os convites, melhora a remuneração [...]”.

Assim, as mudanças sinalizadas como positivas encontram-se também ancoradas no que se pode denominar de processo de aprendizagem (Marrais et al., 2018), principalmente para

aqueles que se encontram na fase inicial de reconhecimento como futuros pesquisadores (Roulston et al., 2013). Sob esse viés do processo de aprendizagem o(a) Estudante 6 comentou:

[...] Tenho uma **visão um pouco mais reflexiva, um pouco mais crítica e um pouco mais profunda sobre o processo de aprendizagem** em si, acho que isso foi um ponto muito positivo, um outro ponto positivo que acho que também acaba acontecendo é que você acaba tendo um entendimento maior sobre o processo de pesquisa [...] isso **acaba abrindo bastante o horizonte do que pode ser feito enquanto pesquisador** (Estudante 6).

A respeito do processo de pesquisa e das novas experiências promovidas na ambiência de um doutoramento cabe mencionar a relevância em compreender as conquistas oriundas de tal entrada no doutorado, como por exemplo: (i) renovação da rede de relacionamentos: “[...] acho que evolui muito em termos de pesquisador [...] e também a questão de rede de relacionamentos” (Estudante 19); (ii) a experiência em orientar outros acadêmicos: “[...] positiva teve as orientações que comecei também a fazer e que acho que agregaram bastante no processo de desenvolvimento profissional” (Estudante 34).

Além disso, os (iii) novos horizontes de espaços formativos como a realização de intercâmbios: “[...] fiz um intercâmbio, consegui uma experiência de internacionalização, [...] para mim foi uma conquista pessoal, porque sempre quis ir para lá e conhecer, quanto profissional por ser aceita numa universidade lá fora” (Estudante 50). Além de outras mudanças positivas como a existência de flexibilidade de horários, que viabilizam a construção de novas ideias, criatividade e espaços de liberdade para inovar. Tais menções corroboradas na fala do Estudante 13:

Eu diria que no doutorado tenho uma certa [...] **flexibilidade de horário**. Não é aquele horário das oito às dezoito horas com uma hora de almoço, aquele horário de mundo corporativo, sabe? Então tem um pouco mais de **flexibilidade dos horários**, acho que tem **espaço para liberdade, criatividade, inovação**, porque no mercado, no mundo corporativo até tentei algumas vezes falar vou fazer uma análise do resultado de forma diferente, aí os diretores: não, faz do jeito que está, sempre do jeito que foi feito, tem que fazer do jeito que o pessoal já faz [...]. **Para você criar, para você inovar acho que isso é um ponto positivo que o mundo acadêmico de certa forma traz** (Estudante 13).

Ao experimentar tais mudanças para além de novas experiências profissionais, existe a possibilidade também de construção no processo de desenvolvimento pessoal, como por exemplo, o (re)conhecimento das visões de mundo. Cabanas (2020) menciona que um dos aspectos positivos desse desenvolvimento é a existência de quebras de preconceitos científicos (Cabanas, 2020) que Coates (2020) denomina de quebra de paradigmas.

[...] importante destacar a **evolução de quebra de preconceitos e paradigmas**, porque querendo ou não a gente que é da área da contabilidade, a gente tem uma mente mais preto no branco, parece que a gente foi formatado, mas parece que a gente foi formatado dentro de uma caixinha onde a gente costuma não dá muitas margens de abertura para as coisas [...], a partir de quando entrei no doutorado acho que passei a ter a mente um pouco mais aberta no sentido de ouvir mais versões, de **conhecer novas visões de mundo, novas perspectivas, isso foi uma mudança muito positiva pra mim** e ainda está em construção [...] foi uma mudança muito positiva na minha vida e na minha forma de enxergar as coisas (Estudante 27).

Diante de tais perspectivas profissionais inculcidas em um doutorado, Fogarty (2018) e Muhamad et al. (2009) acrescentam que os aspectos de crescimento pessoal se encontram intrinsecamente conectados a forma como tais perspectivas são orientadas. O(a) Estudante 104 mencionou “positivo, a gente percebe a **evolução na carreira**, então isso fica bem claro. aquela **sensação de estar no caminho certo** para um melhor futuro”. O(a) Estudante 51 também dissertou:

[...] sempre **idealizei pra mim como carreira ter doutorado**, não somente de título, mas na efetividade, porque pra mim antes do título, vem a agregação do conhecimento, da oportunidade que você tem de estudar mais, sempre olho nessa perspectiva, logicamente que na carreira acadêmica, ele ajuda na questão financeira, mas não queria o doutorado para isso somente, [...] queria para **agregar conhecimento**, ter uma **oportunidade de aprofundar estudos** das mais diversas áreas das Ciências Contábeis (Estudante 51).

“As mudanças positivas em relação à obtenção de novos conhecimentos, conhecimentos mais profundos na área de contabilidade, na área de pesquisa que até chamo de verticalização do conhecimento [...]” (Estudante 45). Esses novos repertórios compartilhados (Oliver, 2011)



exercem certos estímulos para que os estudantes possam encontrar sentido frente as escolhas que tomaram, ou seja, ingressar em um doutorado em contabilidade.

Além disso, diz respeito não apenas aos subsídios necessários no reconhecimento de seu papel como um construtor da ciência como também no seu próprio desenvolvimento pessoal no intuito de incrementar novos conhecimentos e ampliar sua rede de relacionamentos. Nesse viés de novos atos de aprendizagens que nascem, os(as) Estudante 47, Estudante 62 e Estudante 66 mencionaram como aspectos positivos, a necessidade de estar em constante aprendizado e a busca por novos grupos de referência.

[...] a gente se coloca numa posição de estar sempre iniciando, **estar sempre querendo aprender e buscando referências**, porque a gente não parte do zero. Reservar tempo para avaliação crítica das coisas, para não tomar tudo como verdade, organizar o lugar comum de onde a gente parte que é justamente a gente conseguir buscar esse ponto comum para poder avançar [...] (Estudante 47).

[...] **analisar, revisar a literatura, fazer uma pesquisa básica**, entender essa parte epistemológica que é importante para a minha área, a fazer pesquisa de verdade. Como é realmente uma contribuição teórica **são coisas que aprendi, mas, pontualmente, de alguns docentes** (Estudante 62).

[...] **ampliar os horizontes, ampliar o *network***, eu tentava aprender mais a ser uma pesquisadora, porque até então eu era muito prática, porque gostava muito de tudo muito prático [...] é uma desconstrução que você faz e constrói. Eu sou agora pesquisadora, nossa! que coisa chique, bacana, eu sou pesquisadora [...] (Estudante 66).

Para Carvalho et al. (2010) e Charmaz (2014) essa desconstrução caracteriza-se como uma (re)construção de interpretações, vivências e expectativas que somente podem ser compreendidas quando o sujeito ressignifica suas próprias ações. Assim, intrínseca a essa ressignificação, principalmente no tocante a futuros doutores em contabilidade a criticidade e os vínculos relacionais são um dos elos importantes percebidos.

[...] **se tornar uma pessoa um pouco mais crítica, você confia menos nas informações**, pelo menos eu estou assim. Antigamente eu era mais suscetível a ver uma notícia e já acreditar, já concordar, acho que hoje sou bem mais crítico, vejo uma notícia, não me empolgo, digo se foi realmente algo impactante, vou analisar, vou ler a fonte,

vou ler outras fontes, acho que a gente se torna um pouco mais crítico em relação às informações que a gente recebe, pelo menos acho que fiquei assim [...] (Estudante 73).

Acho que o doutorado ele **possibilita a gente a ter uma criticidade** muito maior, seja na área acadêmica, seja na área pessoal, acho que o fato de estar em um programa de pós-graduação, de estar discutindo com pessoas, com os colegas de classe, com a orientadora faz com que a gente tenha uma visão diferente de mundo, acho que **pontos positivos a criticidade, a visão diferente de mundo que ele possibilita, sem contar as parcerias que a gente consegue fazer ao longo desse processo**, porque querendo ou não são quatro anos, nesses quatro anos [...] a gente **vai criando redes de relacionamento, vai interagindo, vai criando parcerias, ampliando as discussões**, acho que isso é um ponto positivo [...] acho que a gente cresce pessoalmente [...] (Estudante 86).

Ao tencionar a respeito do aprimoramento crítico propiciado no decorrer de um doutorado, em particular em contabilidade infere-se que é comum, segundo Mathes et al. (2020) que alguns sentimentos como, autoconfiança, resiliência, apoio, segurança e angústia emanem.

[...] **aprimorar o pensamento crítico** é uma coisa que acho uma mudança muito grande, **maior confiança nas nossas conquistas** é sentimento de confiança de autoconfiança, acho que isso é talvez uma das mais importantes mudanças [...], o **aumento na resiliência** já era resiliente, então acho que o doutorado melhorou e aumentei a **capacidade de enfrentamento das dificuldades**, porque a gente se depara com muita limitação [...] e consegui enfrentar essas limitações sem se desesperar [...], uma capacidade de prosseguir, de seguir adiante [...] (Estudante 74).

Acho que do ponto de vista de carreira [...] **comecei a ter muito mais confiança** para entrar em determinado projeto, eu queria muito continuar estudando, mas tinha um certo receio, por exemplo de ir para sala de aula, A pós-graduação meio que força a gente a ter que participar desse processo é por conta disso acredito que tenho muito mais confiança [...] (Estudante 82).

O(a) Estudante 99 comentou sobre outra mudança positiva nesse decurso do doutoramento que diz respeito a possibilidade de um incremento no currículo acadêmico que

acaba por reverberar em melhoramentos em sua expertise profissional frente a concorrência existente no mercado de trabalho. Além disso, a compreensão de realizações profissionais a partir das conexões e possibilidades dentro da Contabilidade.

[...] principal **mudança positiva foi acho mesmo em termos de currículo**, aumenta um pouco mais a tua possibilidade de concorrer para outros processos seletivos embora, eu ainda não tenha terminado já tem uma possibilidade em alguns processos de outras instituições [...] (Estudante 99).

Acho que o doutorado ele te dá uma visão diferente, [...] você começa a ter uma **visão da interligação da contabilidade com outras disciplinas** e que abre um leque e como também quero dar aula, quero lecionar, o doutorado também vai me ajudar a seguir essa parte do meu sonho profissional de poder ser Professora [...] (Estudante 87).

[...] consegui começar a publicar em bons periódicos, consegui **expandir bastante o meu relacionamento, participar mais de congressos com outros pesquisadores** também trocar ideias e assim o doutorado foi bem importante para o **crescimento profissional e pessoal** também e a maioria são pontos positivos nesse sentido de expandir mesmo a mente [...] (Estudante 100).

[...] de maneira geral foi muito motivador, [...] as mudanças após a entrada no doutorado elas foram **muito positivas na parte acadêmica, mas também na parte profissional de abrir a minha empresa**, de me sentir mais apta a desenvolver essas atividades e me **qualificar melhor nas demandas de conhecimento, de expertise** que preciso para desenvolver essas atividades (Estudante 105).

As trocas de ideias também denominadas trocas sociais possibilitam aos estudantes, principalmente aqueles os quais encontram-se em um processo de aprendizagem a exigência de amadurecimento e postura profissional quando forem externar suas reflexões (Popper & Maysless, 2003; Carter & Fuller, 2016).

#### 4.2.2.2 Mudanças negativas

Além das demandas de conhecimento e expertises que se encontram vinculadas ao processo de construção em um doutorado em contabilidade ainda há outras questões passíveis

de serem compreendidas nesse decurso como mudanças negativas, como por exemplo relacionadas a gestão do tempo, prazos, incertezas, bem como o contexto de início do doutorado. Menciona-se o contexto, pois os 105 sujeitos desta pesquisa, ingressaram em suas pós-graduações no período pandêmico (Pandemia Covid-19). Sendo assim, tal situação torna-se parte das ponderações trazidas pelos estudantes quando se referem a pontos negativos.

[...] **todo o meu doutorado foi feito durante o período de pandemia, todas as minhas disciplinas a distância, a gente pegou aquele momento de incerteza** e tudo *online*, nem tudo estava funcionando como deveria, mas no final ocorreu tudo bem, consegui cumprir minhas disciplinas de maneira satisfatória, a gente aprendeu bastante (Estudante 50).

[...] o nosso ingresso no doutorado, nosso primeiro e segundo ano foi ensino remoto, porque **não tem como desvincular o nosso doutorado de quem entrou em 2020-2021** [...], porque foi um marco, **ficamos com a saúde mental muito abalada, alguns com a saúde crítica** [...] (Estudante 33).

[...] acho que o negativo, depois do ingresso do doutorado foi a questão de tempo, **lidar com o tempo, as demandas, cobranças, prazos** acho que isso acaba de tomar conta da nossa rotina, entra na casa da gente, falo que o doutorado não é só a gente que faz, todo mundo da casa faz, filho, marido, todo mundo, acho que isso é um ponto negativo, a questão da gestão do tempo (Estudante 21).

“Negativo foi a falta de tempo e infelizmente no **programa a maioria das disciplinas exige ainda um artigo publicado**, então tinha que conseguir fazer isso [...]” (Estudante 31). Ademais, conectado a questão do tempo também há a algumas questões mais sensíveis e importantes de serem trazidas à tona, principalmente por levar em consideração que o doutorado se configura como a mais alta titulação acadêmica.

Nesse viés, acrescenta-se que para Bowlby (1977) pessoas que exercem certas influências acabam por realizar pressões em seus ‘dependentes’. “[...] **a gente descobre um ambiente de bastante disputa, de poder, de ego, de preconceito**, entre outras questões que particularmente não imaginava existir dentro da academia” (Estudante 37). Os(as) Estudante 38, Estudante 39, Estudante 83, Estudante 90 e Estudante 99 adicionaram:

[...] durante esse processo até aqui, já estive mal, algumas vezes, estive mal mesmo de crise de ansiedade e acho que não sei se é algo particular, acredito que não, [...] quase todos os doutorados passam por isso, existe toda **uma pressão dos programas, por artigo, por publicação, quer melhorar a nota** [...] (Estudante 38).

Acho que negativo **eu encontrei algumas pessoas que me humilhavam muito, me assediavam muito, me comparavam muito com outros alunos** [...], não me senti no meu ambiente, **a mulher com filho não foi feita para esse ambiente, então isso me frustra 24 horas** [...], quero fazer isso, então eu engulo todos os sapos, porque quero permanecer nisso, porque gosto mesmo, não é dinheiro é porque gosto de aprender, de ensinar, eu gosto de pessoas [...] (Estudante 39).

[...] mudança negativa do doutorado, eu não sei se é no doutorado, mas ela já vem desde o início da parte do mestrado em si, abalou totalmente a minha estrutura emocional, desenvolvi várias coisas, desenvolvi **síndrome do pânico**, desenvolvi **depressão**, fui desenvolvendo várias coisas que antes eu não tinha [...] (Estudante 83).

[...] ponto negativo vou colocar a **pressão acadêmica** por escrita, tem que escrever **muitos artigos e muitas publicações**, isso é uma crítica que já percebi desde o mestrado, toda disciplina tinha entrega de artigo, publicar, isso pelo tempo da disciplina é muito curto é uma pressão que achei um pouco exagerada às vezes, e como tem um menor tempo disponível para a vida social, conseqüentemente me trouxe um **desgaste emocional**, sobrecarga de trabalho que tive que conciliar a parte profissional e acadêmica [...] (Estudante 90).

[...] questão mais negativa acho que é o **estresse gerado**, essa pressão que tem, que existe. Existe uma **pressão muito grande para produzir**, é uma pressão até mesmo interna [...] tem que estar sempre produzindo, sempre fazendo [...] enfim, acho que é mais nesse aspecto [...] relacionado ao psicológico, da pressão de que nada pode dar errado (Estudante 99).

Cada sujeito tem uma tendência inata em buscar um apoio ou, pelo menos, alguma sensação de segurança no intuito de amenizar as angústias, estresse gerados no curso de um doutorado que por vezes mascaram até mesmo a visualização dos aspectos positivos do

processo (Mathes et al., 2020). “[...] na verdade positiva nesse momento não estou conseguindo ver muito, mas é mais a perspectiva futura, que acredito que com o título de Doutor as coisas tendem a melhorar” (Estudante 22). O(a) Estudante 58 complementou:

[...] pesquisar e escrever é um tipo de atividade que demanda outros tipos de atenção, é **difícil você conseguir produzir estando cansada**, acho que essa é a parte negativa, ter que conseguir rodar todos esses pratinhos, gera uma carga de estresse um pouco maior, [...] tenho tentado modular um pouco isso, porque o corpo não aguenta e nem quero abraçar tudo, porque quero muito fazer as coisas com qualidade, mas ainda assim tem alguns picos, alguns períodos que são mais difíceis (Estudante 58).

Alguns outros pontos negativos são atribuídos tanto nos movimentos iniciais do doutorado, como por exemplo, o ingresso em programas fora da cidade ou Estado de origem. “**A distância é o principal deles [...]**” (Estudante 63), “[...] **negativa porque fica longe de casa** (Estudante 98)”.

Além disso, aspectos relacionados a dinâmica dos relacionamentos, a exemplo, a formação (ou não) de grupos de pesquisa. Ambos pontos podem ser percebidos nas reflexões realizadas por alguns dos entrevistados:

Os pontos negativos foram certos problemas na universidade, não posso generalizar, mas nessa universidade onde estou estudando não me senti como na outra universidade, onde cursei o mestrado, porque não tinha grupo de pesquisa, por mais que no papel esteja, **não havia grupo de pesquisa, não havia reuniões de grupo de pesquisa, e isso foi negativo pra mim como estudante de doutorado** (Estudante 62).

A negativa que a gente sempre pensa é quando você se afasta para o doutoramento e tem que **mudar de cidade**, porque quando você não mora na capital, você tem que custear tudo do bolso. Então **a questão negativa é justamente esse custo**, até hoje estou pagando empréstimo, porque mudei [...], um ponto negativo seria a questão financeira (Estudante 66).

**A parte financeira talvez seja um pouco negativo**, porque fiquei com bolsa todo esse período, para ser sincero, [...] realmente a gente passa a viver de uma forma mais simples para conseguir viver com a bolsa e também para voltar para o mercado teve

uma dificuldade, fiquei dois anos do doutorado, quase praticamente com bolsa e depois para voltar para o mercado não foi fácil [...] as empresas, talvez algumas, não veem com bons olhos, pelo menos, para alguém que não tem tanta experiência profissional [...] (Estudante 73).

Outros aspectos atribuídos como negativos diz respeito a algumas exigências, como por exemplo: de periódicos, dos orientadores, dos grupos de pesquisa, etc. (Raineri, 2015), bem como as nuances emocionais existentes em um processo de doutoramento (Carvalho et al., 2010 & Mathes et al., 2020). Tais situações não são tarefas fáceis de lidar, porém há a necessidade de que elas sejam não apenas percebidas como também verbalizadas.

“[...] Negativo posso citar que envelheci uns 10 anos [...], fiquei bem cansado, estou cansado [...]” (Estudante 85). Ainda no aspecto emocional não apenas o estresse é pontuado como também outras questões de saúde, “[...] **negativo é a questão psicológica** mesmo [...]” (Estudante 104). Outros estudantes comentaram:

[...] parte negativa que a gente tem, talvez seja um pouco cultural também, mas a gente tem uma **cobrança muito forte por publicação**, a gente tem uma **cobrança muito forte também por causa das agências de fomento** tudo isso, isso também **abalou um pouco meu psicológico durante o doutorado**, mas no sentido também das questões de lidar com orientador, porque a gente pode ter expectativas diferentes, orientando do orientador [...], mas acho que faz parte do processo, mas não colocando culpa em ninguém só no sentido de pela demanda, pela exigência ter essa parte negativa e também emocional e a **saúde ficou um pouco comprometida, tive um Burnout** durante a pandemia [...], na verdade olhando para trás agora tem mais coisas boas do que ruins (Estudante 100).

[...] o lado negativo foi que isso **prejudicou bastante a minha saúde mental**. Quando entrei no mestrado já não estava muito bem e o doutorado acabou sendo uma gota para transbordar algumas questões psicológicas que até hoje venho lutando e me tratando a respeito disso, acho que **o ponto negativo seria essa pressão psicológica que a gente sofre dentro da academia** (Estudante 102).

De forma geral, ao confrontar os aspectos positivos e negativos mencionados pelos estudantes pode-se perceber uma certa ênfase nos pontos negativos, principalmente relacionados a algumas renúncias, como por exemplo, o distanciamento dos familiares e amigos

em virtude das demandas exigidas no decurso de um doutorado. Além disso, pelo fato de algumas pressões basicamente direcionadas a publicações tais aspectos negativos se fizeram presentes.

No entanto, torna-se importante ressaltar que mesmo com alguns pontos negativos sendo evidenciados também há em meio aos argumentos uma fala de que a continuidade no doutorado fez com que os aspectos positivos ficassem ressaltados, como por exemplo, coragem, criticidade e resiliência. Esse último, atrelado a menção de que mesmo diante alguns desafios a decisão de prosseguir com os objetivos tornam-se superiores aos aspectos negativos, conforme mencionado pelo(a) Estudante 74: “[...] capacidade de enfrentamento das dificuldades, [...], uma capacidade de prosseguir, de seguir adiante [...]”.

Nesse ínterim, de mudanças positivas e negativas externadas pelos futuros doutores em contabilidade e na convergência com os argumentos de Bowlby em sua teoria houve uma tendência nos aspectos relacionais e emocionais. Adiciona-se que considerar como primazia tais aspectos pode sinalizar não apenas melhorias no decorrer de um doutoramento como também pontos decisivos para a decisão em realizar ou não tal processo.

Para Popper e Mayseless (2003) e Riley (2013) tanto a nível organizacional como acadêmico os mentores existentes como coordenadores, supervisores, diretores, Professores e orientadores são, mesmo que alguns de forma indireta, uma equipe de trabalho, pois como corrobora Carter e Fuller (2016) os comportamentos sociais encontram-se intimamente conectados as trocas sociais. Citando-se por exemplo, a formação acadêmica (treinamento) como preparação profissional (Rubinstein-Avila & Maranzana, 2015).

Uma das primeiras construções de significado são realizadas, por meio da promoção de estreitamentos. Por se tratar de acadêmicos de pós-graduação *stricto sensu*, o surgimento de proximidades com o orientador, bem como os colegas são importantes para a formação dos modelos mentais que irão orientar a novas descobertas e ao aprimoramento da formação acadêmica e profissional (Fogarty, 2018).

#### **4.2.3 As escolhas no decurso de um doutoramento em contabilidade**

Nesta etapa os 105 futuros doutores em contabilidade foram instigados a responderem a seguinte pergunta: ‘O que levou você a escolher o(a) seu(sua) orientador(a), bem como a escolha de seu tema de pesquisa?’ Tal questionamento vincula-se a prerrogativa de que na perspectiva da Teoria do Apego, na fase adulta, estudada por Popper e Mayseless (2003) a formação de equipes de trabalho preconizada por determinados líderes ou como Bowlby (1997)



denominava cuidadores, tem a intenção de demonstrar que mesmo na fase adulta com foco em ambiências de trabalho há a necessidade da figura destes mentores.

#### 4.2.3.1 As escolhas entre orientador e orientando

Mentores existentes na fase adulta são a nível organizacional coordenadores, supervisores, diretores, etc. (Popper & Maysless, 2003). Em referência a perspectiva acadêmica menciona-se, por exemplo, professores e orientadores (Riley, 2013 & Sorenson, 1997).

Ao tangenciar para o nível acadêmico e mais precisamente com o foco nos mentores/orientadores destes futuros doutores em contabilidade, tem-se que as relações ocorrem principalmente quando há algum tipo de abertura por parte do mentor. “[...] A gente **já tinha uma certa relação no mestrado**, então ficou muito mais fácil [...]” (Estudante 4), ou ainda como alguns estudantes expuseram:

O que me levou a escolher o orientador **foi um interesse pelos estudos recentes que ele tinha**, antes de prestar o processo seletivo acabei perguntando quais pesquisas ele tinha interesse [...] eu não fazia parte da Universidade, isso acabou acontecendo por troca de e-mail, abri o currículo *Lattes*, olhei as últimas pesquisas, [...], tinha uma descrição de projeto de pesquisa que ele estava fazendo [...] e foi uma das pesquisas recentes que ele estava propondo [...] ele mandou alguns artigos, fui lendo e acabei escolhendo tanto o orientador quanto o tema [...] (Estudante 6).

[...] **sempre admirei ela e gosto muito da forma como ela orienta**, ela exige reuniões semanais [...] logo de cara ela fala, que ela quer te ver toda semana, se você sumir, você vai ter prejuízos com isso, ela vai te cobrar em algum momento [...], muita gente não gosta, eu fui adaptada assim então eu gosto, eu preciso de alguém para me cobrar, se me deixar solta eu vou defender meu doutorado na última semana [...], me distraio fácil, então gosto do jeito de trabalhar dela (Estudante 7).

[...] quanto a orientadora fiz uma pesquisa, pesquisadores que estudam o tema e **acabei chegando no nome dela, abri o *Lattes*, os trabalhos que ela tinha**, ela tinha orientado, ela tinha participado de artigos, livros, me chamou bastante atenção e entrei em contato por e-mail com ela e ela me recebeu e foi isso na cara e na coragem (Estudante 22).

[...] **ela participou da minha banca de dissertação** tanto da qualificação quanto da defesa de fato e gostei muito dela [...] e sempre falavam muito bem dela, sempre ouvia as pessoas falando muito bem dela, me pareceu uma pessoa muito aberta, muito tranquila [...] então [...] marquei um café, a gente conversou, tudo foi contribuindo para que no final dessa conversa **eu pedi para ela, se eu passar no processo você me orienta** e ela disse sim (Estudante 23).

[...] **conheci a minha orientadora na graduação e a gente sempre teve uma relação muito boa**, às vezes, refletindo, eu cresci com a minha orientadora em termos literais mesmo, porque a gente começou o processo, acho que eu [...] tinha 26 anos mais ou menos, então tem bastante tempo, **acho que escolhi essa Professora, porque ela é alguém que eu me inspiro**, ela, pra mim, **é uma Professora referência** no sentido de conseguir ser uma profissional extremamente humana e profissional, ela tem uma relação muito boa, não só comigo, mas com os orientados dela de maneira geral, porque eu acompanho também [...] (Estudante 33).

[...] **ela já tinha sido minha orientadora no mestrado** e ela é o tipo de Professora que **ela efetivamente acompanha o processo de desenvolvimento do trabalho**, se precisar sentar contigo e discutir sobre o tema ela faz, eu sei que é uma coisa muito básica, [...], mas tem Professores que não fazem isso [...] (Estudante 34).

**O orientador é o mesmo do mestrado**, considerei a abertura dele tanto que **ele sempre me permitiu pesquisar o que eu quisesse**, fazer as disciplinas que eu quisesse, ele nunca me impôs nada. **Durante as nossas conversas ele dizia o que ele achava que seria melhor, mas ele nunca impôs nada pra mim**, essa abertura eu considerei bastante [...] e também a disponibilidade dele em conversar quando preciso, as respostas rápidas, sempre que eu demando alguma questão a resposta é quase que imediata e acho que **a proximidade também no doutorado foi super tranquila** [...] (Estudante 50).

[...] **o orientador foi por afinidade**, quando ele veio fazer entrevista comigo logo em seguida já mandei uma mensagem para a coordenação do curso que, se possível, eu gostaria de ser orientada por esse Professor. [...], a coordenação acatou isso de certa forma, para minha surpresa, porque não responderam meu e-mail, mas quando veio a

lista dos Professores, de quem estava aprovado, os Professores e orientadores, falei, que bom que me colocaram para esse Professor, porque eu queria (Estudante 51).

Quando entrei no doutorado, tinha feito uma disciplina isolada, inicialmente eu tinha ideia de ingressar com essa Professora no doutorado, mas por conta das demandas dela de carga horária eu não consegui ter ela como orientadora e acabei indo para a segunda opção que também fui muito feliz, porque **o meu orientador apesar de ser bastante exigente, [...] ele é muito solícito, a gente consegue ter boas ideias**, ele me dá liberdade total para desenvolver aquilo que acho melhor, **sempre me direcionando**. Ele não foi a minha escolha inicial, mas acabou sendo a que eu precisava de suporte para conseguir estar onde estou hoje. [...]. **O orientador, ele acaba sendo um suporte [...]**, acho que o fato dele estar segurando a minha mão nesse momento já ajuda bastante (Estudante 105).

Torna-se importante compreender que cabe ao mentor em conjunto com seu orientado encontrar as formas e os direcionamentos mais viáveis para a formação de suas relações (orientador/orientado). Uma das principais lacunas existentes quando se aborda a respeito dos vínculos relacionais existentes no decurso de um doutoramento diz respeito a compreender, por exemplo, como os aspectos relacionais (socialização/formação) são conduzidos? ou ainda, de que forma essa construção doutorando/doutor influencia na prática profissional? (Fogarty, 2018; Marrais et al., 2018).

A ideia de entendimento das escolhas dos vínculos relacionais desde o ingresso no doutorado é relevante, pois nem sempre o orientador e principalmente o acadêmico têm possibilidade de direcionar suas preferências de orientação. “[...] de acordo com o nosso projeto, com o nosso perfil **é o próprio programa que direciona um orientador.**” “[...] nós não temos esse poder inicial de eu quero este ou aquele Professor [...]” (Estudante 18).

O(a) Estudante 1 comentou que “[...] **a partir do momento que nós entramos, nós já temos o orientador.** Você pode indicar uma troca, mas não são muito bem vistas essas trocas [...]”. Outros estudantes também complementaram:

[...] a gente não escolhe o nosso orientador, pelo menos aqui [...] **tem a possibilidade de fazer uma indicação**, mas não é garantia que possa ser. A gente pode, por qualquer momento, se eu quiser, por exemplo, **trocar de orientador, eu poderia, tanto é que**

**acontece**, vários colegas já trocaram é um processo que vejo que é bem tranquilo, a gente pode fazer isso [...] (Estudante 5).

[...] do orientador lembro que no processo seletivo que eu estava fazendo aqui [...] **comecei a pesquisar os currículos dos Professores que mais se adequavam ao que eu gostaria de fazer, o que eu estava fazendo no meu mestrado e o que gostaria de continuar no doutorado**, percebi que dois Professores acabaram chamando a atenção quanto aos currículos e projetos de pesquisa que se encaixavam muito bem, [...] um deles acabou sendo o meu atual orientador do doutorado, foi mais essa situação, **principalmente por causa das pesquisas e a linha de pesquisa [...] e também sei que ele é um bom orientador**, que realmente não iria me deixar, **um orientador que [...] realmente eu conseguiria crescer a partir da orientação dele** (Estudante 16).

Incutida a essa perspectiva de trocas sociais (Carter & Fuller, 2016) o diálogo na formação desses vínculos configura-se de fundamental importância. “[...] **já tinha sido aluno dela desde a época da minha graduação** [...] um pouco talvez pessoal, porque **ela tem muita leveza para conduzir a pesquisa, disponibilidade e levei isso em consideração** e tive a felicidade de ficar com ela (Estudante 90). Outros estudantes também compartilharam suas reflexões:

[...] **nossa primeira conversa já foi muito positiva** só que ele já falou abertamente pra mim, olha você começa a ler e a procurar um tema, ele é do tipo de Professor que não dá temas para a gente, então foi muito sofrido na época, porque eu li muito [...], a gente não tem conhecimento de pesquisa [...], a gente vai se especializando [...] a gente começa a ter uma capacidade de criar problemas de pesquisa [...] (Estudante 12).

[...] já tinha uma pequena convivência, já trocava e-mail, eu tinha interesse em fazer o mestrado lá e não consegui, então quando eu cheguei, ele foi me dirigindo e quando consegui ir para o doutorado ele foi meu orientador, **a gente tem uma grande aproximação muito profissional é alguém que admiro bastante** [...] (Estudante 29).

[...]. No primeiro dia de aula que foi com ela, **a Professora conseguiu abrir a nossa mente e mostrar que a ciência, que o doutorado pode ser feito com qualidade, mas sem essa pressão, sem essa coisa que já está impregnada, é muito**

humilhação, [...], então ela conseguiu construir **no primeiro dia de aula e eu pensei tenho que ser orientando dela**, [...] pouco tempo depois chegou um e-mail onde a gente tinha que solicitar, e escolhi ela e fui aceito. O fato de escolher foi justamente por ela ser uma pessoa muito humana, **ela compreende esse processo e orienta de forma muito humana** (Estudante 38).

No meu caso foi uma coisa bem estranha, porque eu tinha escolhido outro Professor para falar e não sei por que motivo ele não quis me orientar ou se ele estava com a agenda cheia, então **não escolhi o meu orientador, meu orientador foi escolhido, mas hoje sou muito agradecida pela escolha que foi feita**, a designação que foi feita **talvez a minha pesquisa não fosse me alegrar tanto senão fosse com ela** [...] (Estudante 74).

Além das convergências entre orientador e orientando também há situações em que um repertório de significados são compartilhados, ou seja, há a identificação de perspectivas e interesses similares o que refletir em experiências compartilhadas e mais suscetíveis ao sucesso (Carvalho et al., 2010 & Oliver, 2011). “[...] **acabou que a gente alinou junto, mas quem propôs o tema foi eu por conta do perfil do orientador, foi uma decisão pensada, não foi nada imposto**” (Estudante 21). Adicionalmente, os(as) Estudante 20 e Estudante 50 comentaram:

[...] o meu processo, o meu ingresso para submeter o meu projeto para a minha orientadora **foi o meu conhecimento dos trabalhos dela**, eu conheci as coisas que ela escrevia e **percebia que conseguiria conectar os meus interesses de pesquisa aquilo que ela estava desenvolvendo**, a Professora em questão era uma referência pra mim na minha área, eu tinha vontade de trabalhar com ela e produzir com ela e entendia que aquilo que eu pesquisava tinha conexão [...] (Estudante 20).

#### 4.2.3.2 As escolhas de temas de pesquisa

Um dos barômetros para a escolha do tema diz respeito a trajetória profissional já exercida pelas pessoas ou de aspirações futuras que tenham relação, ou seja, que façam sentido naquele momento (Dalbem & Dell'Aglio, 2005; Fogarty, 2018). Assim, há uma tendência, por exemplo, de que a escolha do tema pelo orientador ou pelo orientando venha atrelado a algum

tipo de proximidade prévia estabelecida seja entre ambos ou por afinidade de conhecimento sobre o assunto em questão.

O(a) Estudante 104 fez a reflexão de que **“meu tema foi decorrente de uma aula que o Professor deu [...]”**. **“[...] a escolha do tema [...] é por afinidade,** [...] ele tem uma discussão muito boa [...] e acho que isso me ajudou muito a ter essa leveza nos estudos, nos processos, nas discussões [...]” (Estudante 51). Já os(as) Estudante 25, Estudante 34, Estudante 51, Estudante 90 e Estudante 105 relataram:

[...] o tema de pesquisa, [...] **a gente define até para o próprio processo seletivo [...], minha proximidade com a área pública me fez ao longo do tempo aprofundar minha pesquisa,** o meu interesse na área [...] eu encontrei uma lacuna de pesquisa interessante na época sozinho [...], entendi que seria uma linha tanto é que é a mesma que sigo até hoje. [...]. Com relação ao processo de orientação, [...] dentro da sistemática é um processo de alocação pela própria coordenação do programa [...] não é um processo de escolha nossa, a gente não escolhe quem nos orienta (Estudante 25).

[...] **a gente pesquisa na área de avaliação de desempenho [...]** eu fui lendo sobre alguns *insights* de pesquisa, sobre algumas lacunas que a gente tinha dentro desse processo de avaliação de desempenho e optei por seguir num caminho que **gosto que é uma parte mais voltada ao processo de envolvimento das pessoas nas organizações,** eu consegui defender bem o meu projeto com ela. **Ela aceitou seguir nessa linha do projeto,** mas foi algo que fui vendo a partir das lacunas que encontrei na literatura (Estudante 34).

Outros, ainda, comentaram a respeito da convergência entre o tema escolhido e o orientador nem sempre ser possível. “A gente não tem a opção de fazer a escolha do orientador de fato eles que escolhem a partir do nosso projeto e com base no alinhamento com as nossas temáticas [...]” (Estudante 30). O(a) Estudante 15 adicionou: **“[...] a gente tem sim uma certa sinergia, uma certa convergência ao tema de pesquisa, mas a escolha não foi minha [...].”** Os(as) Estudante 44 e Estudante 46 também externaram suas reflexões:

[...] **ela veio e conversou comigo, falou que ela tinha interesse, só que eu teria que migrar para a área dela,** no início pra mim foi um pouco assustador, porque não era muito a área que eu estava acostumada, era uma área que eu gostava, mas não tinha

familiaridade [...], acabei levando um pouco mais de tempo para poder começar de fato a minha tese, porque eu primeiro tinha que me informar um pouco, estudar um pouco sobre o tema, mas no final, acabei gostando, adoro meu tema, não trocaria hoje [...] (Estudante 44).

[...] **o orientador falou comigo: você não vai trabalhar nesse tema, vocês vão trabalhar outro tema** e já vem o primeiro baque eu não sabia o que era essa temática, [...], **primeiro não escolhi o orientador, segundo não escolhi a temática que eu gostaria de ter trabalhado**, todas às vezes que eu levava a temática [...] era algo complicado, [...] não que a gente não goste, mas não era algo que eu queria, [...], vejo que o doutorado é uma especialização da especialização, você passou pelo mestrado, gostou do tema, aprofunde ele no doutorado e às vezes a gente não vê isso acontecer justamente por essas imposições que são colocadas. As pessoas não conseguem entender que aquele trabalho profundo não é deles, que eles estão ali como um suporte, como auxílio. [...] uma vez ele falou assim: [...] não é o poste que vai até o cachorro é o cachorro que tem que ir até o poste, [...], é óbvio que você fica pra baixo [...] é complicado, vai minando o relacionamento [...] (Estudante 46).

Além das escolhas estarem atreladas aos interesses de pesquisas em comum também tem o que Bowlby (1977) denominou de ‘incentivo inconsciente’. Esse termo diz respeito a existência de uma sinergia por parte do dependente (neste caso o orientando) que percebe em seu orientador alguém de referência para suas aspirações ou ações profissionais.

A observância de uma pessoa se tornar referência para outra em virtude não apenas de seu conhecimento, mas em virtude das interações diárias pode promover um repertório compartilhado de significados e perspectivas similares (Oliver, 2011; Fox, 2018). “**Acredito que a identificação, o interesse, a proximidade pelo tema**” (Estudante 70).

Infere-se, por vezes, que a própria pesquisa de doutorado pode encaminhar para uma continuidade de trabalhos (Roulston et al., 2013). “Em relação ao tema [...] já vinha pesquisando desde o mestrado, a Professora também tem pesquisas nessa área, [...] quando apresentei o tema, ela imediatamente aceitou [...] (Estudante 38). “[...] meu tema de pesquisa veio do mestrado. Na continuidade de pesquisa do mestrado” (Estudante 98). “[...] e **a escolha do meu tema se deu por afinidade minha e dele com essa área de pesquisa**” (Estudante 101).

Tanto o suporte para apoio a construção de significados (Hinson et al., 2019; Wu & Parker, 2017) quanto a identificação desses acadêmicos para com os temas de pesquisa (Khosa

et al., 2020; Wichmann-Hansen & Herrmann, 2017) fornecem subsídios para a compreensão de quais motivos podem estar influenciando a continuidade ou não dos futuros doutores em contabilidade em seus programas de pós-graduação.

O(a) Estudante 93, por exemplo, comentou “[...] mudei de orientador, por causa dos problemas que tive com o meu orientador anterior [...]”, ou ainda “o meu orientador foi escolhido pelo programa, a gente não tinha muita identificação e foi um dos motivos que ele pediu para deixar a minha orientação [...]” (Estudante 102).

#### ***4.2.4 As demandas que um doutorado exige e as possibilidades de lidar com elas***

A adaptabilidade necessária para o exercício do trabalho torna-se prerrogativa básica para quaisquer acadêmicos, principalmente para aqueles imersos em cursos *stricto sensu* (Laffin & Gomes, 2014). Essa compreensão de adaptação, por exemplo vinculada a área de negócios é uma das lacunas a ser preenchida quando o assunto se volta a melhorias desde proximidades e gestão das demandas entre equipes de trabalho ao desenvolvimento de habilidades interpessoais (Muhamad et al., 2009; Furnness, 2020).

Coube, neste tópico, aos 105 futuros doutores em contabilidade responderem ao seguinte questionamento: ‘Quais são as demandas que um doutorado exige e como você faz para lidar com elas na sua rotina diária?’ Para essa pergunta alguns pontos foram expostos, como, por exemplo, compreensões relacionadas às (1) demandas profissionais acadêmicas (2) demandas pessoais, bem como (3) algumas formas de lidar com tais demandas.

##### **4.2.4.1 Demandas profissionais acadêmicas**

Desde os anos de 1970 a Teoria do Apego ressalta a necessidade inata do ser humano em buscar apoio e segurança com aqueles que se encontram próximos a ele (Bowlby, 1977). Particularmente na fase adulta a re(construção) de conhecimentos dá-se por intermédio da socialização (Charmaz, 2014; Fox, 2018).

O processo de aprendizagem para se construírem como profissionais e pesquisadores tem algumas implicações e entre elas encontra-se a forma particular com que cada um se adequa as condições impostas. Nesse ínterim, Roulston et al. (2013) e Magrini et al. (2024) expõem que é importante (re)conhecer a compreensão desses pesquisadores para que assim ocorra a possibilidade em identificar quais as lacunas e/ou desafios precisam ser ajustados as múltiplas realidades.



Uma das principais demandas profissionais acadêmicas mencionadas diz respeito a necessidade de comprometimento, tempo, paciência, persistência e planejamento. “O doutorado ele **requer bastante comprometimento**, ele requer de nós uma carga de **leitura [...], entregar as demandas nos prazos [...]**” (Estudante 9). “As demandas que um doutorado exige, acho que é **paciência, rotina, dedicação, persistência e leitura**, tempo de cadeira e de computador [...]” (Estudante 15). Além disso, os(as) Estudante 12, Estudante 44 e Estudante 60 comentaram:

Eu acho que a principal demanda do doutorado é realmente que **você tem que se dedicar**, não dá para empurrar o doutorado, principalmente se você quiser fazer com excelência, porque eu tive colegas que realmente só ganharam um título, [...] mas eu não queria só passar pelas disciplinas, queria conhecimento, porque eu já sabia que tinha que levar isso para a sala de aula, até o meu orientador mesmo, no início ele falou, dedica as disciplinas a tese a gente vai ter o tempo dela, [...] **eu li muito**, guardei muito material, **pesquisei muito** [...] (Estudante 12).

A minha maior demanda hoje nesse momento é buscar dados, porque como a minha pesquisa é quantitativa, **encontrar dados** de cidades, dados numéricos concisos [...] **buscar dados que sejam iguais em plataformas diferentes, isso tem sido terrível, porque os dados às vezes eles não conferem**, tem sido um desafio [...] (Estudante 44).

As demandas são enormes **tem que produzir, tem que fazer seminários, muita leitura**, a própria produção também, você tem que **tabular dados, buscar dados** tudo isso demanda muito tempo e a rotina fica corrida. **No meu caso eu não peguei afastamento no trabalho então eu trabalho e estudo** [...] (Estudante 60).

As exigências, principalmente com relação a produção mencionada pelo(a) Estudante 60 também são referenciadas por Fox (2018), Magrini et al. (2024) e Raineri (2015) os quais arguem que em virtude da influência dominante norte-americana sobre a produção brasileira há uma propensão para que a produtividade seja expressiva nos programas *stricto sensu*. “No momento estou com uma pressão da tese e tendo todas as questões das **demandas dos artigos** aqui no meu programa, mas acredito que isso deve ser em todos, tem **muita pressão, por artigo, publicação de artigo em periódicos e em eventos** [...]” (Estudante 38). Outros estudantes também expuseram suas reflexões:

[...] acredito que as principais demandas sejam, de fato, principalmente na época das disciplinas, pelo menos aqui é muito sobrecarregado [...], **toda disciplina que você faz tem a exigência de um artigo** [...] que não necessariamente estão ligadas com a sua tese, muitas vezes as leituras não são nem possíveis de serem aproveitadas. [...] acredito que todas as demandas fazem a gente se formar como um profissional multidisciplinar [...], acredito que essa formação é importante, mas essas demandas, elas são um pouco exaustivas [...] (Estudante 10).

[...] a gente tem um impacto muito grande quando a gente entra no doutorado, **compromisso, conhecimento profundo dos assuntos, foco, muita produção de artigos**, quem não tem essa experiência sente bastante, eu não senti tanto, porque já vinha fazendo, produzindo algumas coisas, participação em eventos, é uma demanda bem forte, é submissão para revista, acompanhamento nas plataformas das revistas, do andamento da submissão (Estudante 37).

Hoje as demandas que o doutorado exige é a questão das publicações, as disciplinas eu consegui cursar todas, validar o inglês, validar o espanhol, **tem a questão das publicações dos artigos** a gente só pode qualificar com dois artigos publicados em congressos, a gente só pode qualificar se a gente tiver participado de um consórcio doutoral e a gente só vai poder ir para a defesa, se a gente tiver pelo menos um artigo publicado e um submetido [...], essas são as demandas que a gente tem hoje e **a pressão psicológica para que a gente cumpra essas demandas a qualquer custo** (Estudante 83).

Alguns dos futuros doutores em contabilidade trouxeram à tona as demandas e as subdividiram em duas fases (fase dos créditos/disciplinas e a fase da escrita da tese).

[...] as demandas são muitas [...], para mim foram duas fases, [...] **a fase dos créditos e a fase agora da tese**. A fase dos créditos, ela tem uma desvantagem, que é muito puxada, era muita coisa para fazer, eu tinha disciplinas muito pesadas [...] era muita leitura, era muito seminário, a gente tinha que responder exercícios de um livro inteiro [...], exigia muitos textos de epistemologia, por exemplo, complexos, [...] só que tinha uma vantagem nessa fase dos créditos, que você tinha os colegas, a maioria dos seminários eram em duplas ou em grupo [...], às vezes a gente se ajudava, na tradução

de um texto, em algum resumo, compartilhava com o outro [...], a gente dividia, [...] a gente tinha esse apoio [...]. A segunda etapa [...] é a da tese, é só você e seu orientador, mas muito mais você, ela é totalmente solitária, muitas vezes você fica perdido, muitas vezes dá um desânimo, [...], na minha opinião, a tendência para você procrastinar é maior, mas, dos dois, a demanda é muito grande, **muita leitura** (Estudante 11).

Além disso, a necessidade em compreender que intrínseca as demandas, existe a construção do desenvolvimento do ser pesquisador e Professor (Estudante 24), bem como das demandas alinhadas às perspectivas do orientador (Estudante 34).

**Exige estudar sozinho, aprender sozinho, exige estar aberto as novas possibilidades de aprendizados, desafios e também desenvolver o perfil de pesquisador**, porque eu sou um Professor, gosto de sala de aula, tem gente que ama pesquisa, mas o que me deixa mais feliz é o contato com os alunos, eu acho que é mais transformador do que escrever um texto [...] que nem sempre os textos são lidos, [...] agora se eu construir um diálogo eu posso transformar para o bem ou para o mal uma pessoa em uma sala de aula [...] (Estudante 24).

[...] acho que às vezes um outro desafio, não é nem tanto ligado aos aspectos das demandas do doutorado, mas também de **demandas do orientador** que às vezes a gente tem uma certa **dificuldade de alinhar perspectivas** e acaba sendo um pouquinho mais complicado, mas agora que cumpri todos os meus pré-requisitos [...], tento todo dia fazer um pouco para eu não deixar acumular e também não me sentir mal, porque eu não fiz alguma coisa (Estudante 34).

Algumas das demandas profissionais acadêmicas mencionadas pelos futuros doutores em contabilidade faz menção a atenção quanto a gestão do tempo, dos prazos, da busca prévia pelo alinhamento das perspectivas junto ao orientador. Em adição, demandas relacionadas a produção científica e a construção do ser pesquisador.

#### 4.2.4.2 Demandas pessoais

Em referência às demandas pessoais os estudantes comentaram sobre (re)conhecer que no decurso de um doutorado existirão momentos mais solitários, principalmente na escrita da

tese. Além disso, por vezes, questões relacionadas a saúde também se encontram intrínsecas a esses desafios para quaisquer pós-graduandos os quais estejam nesse processo de produção do conhecimento. Nesse viés, alguns estudantes compartilharam suas reflexões:

[...] é muito comum a gente ver nos doutorandos um consenso sobre o quanto é cansativo, **quanto é solitário**, quanto a gente abandona a família, se a gente for ler os agradecimentos das teses, [...] sempre com um desconforto de ter abandonado a família, de ter abandonado os amigos, de ter passado esse tempo muito sozinho, acredito que essa seja uma demanda que o doutorado exige, que seja um pouco cruel do ponto de vista da nossa formação e da nossa prática [...] acredito que essas demandas e essa estrutura que a gente vive no Brasil, ela nos atrapalha um pouco, a gente está caminhando para se desenvolver, mas eu acredito que isso faz com que a gente tenha demandas que não são comuns, em algumas universidades do exterior, tem colegas que fizeram doutorado no exterior, estão fazendo inclusive e eles acham o máximo, que quando da hora do final do expediente do dia, as pessoas saem do laboratório, elas vão embora para a casa delas, [...] fazem as outras coisas, tem as suas atividades sociais, **cuidar da saúde física, da saúde mental**, [...] (Estudante 10).

[...] **tenho as dificuldades da escrita de uma tese**, você precisa se dedicar, você precisa colocar tempo, esforço, atenção para esse processo, mas não eu não enfrento dificuldades no sentido de articulação teórica e operacionalização do método [...] os meus problemas são os desafios naturais de escrita [...] (Estudante 20).

Os(as) Estudantes 62 e Estudante 74 compartilharam suas experiências e demandas pessoais, principalmente relacionadas a necessidade de cuidar da família, dos filhos. Ademais, mencionam a respeito da busca por resiliência e coragem, bem como saber que existirão momentos de renúncia.

Essa pergunta é bastante complexa, eu vou falar de dois tempos. Quando comecei o doutorado, era remoto e como era remoto, eu consegui alinhar perfeitamente com o meu trabalho, a minha casa, os meus filhos e o doutorado, porque eu não tinha que deslocar-me na universidade, não tinha essas despesas. [...], era bolsista com R\$2.200,00, não alcançava para manter os filhos [...] me deu uma depressão terrível. Enfim, não vou comentar muito isso porque começo a chorar. [...]. Eu **acho que quando você tem**

**crises ou circunstâncias muito fortes que impactam em um esgotamento, você tem que gerar essa habilidade de resiliência [...]** (Estudante 62).

[...] sou uma pessoa corajosa é acho que essa palavra, porque realmente é um desafio muito grande, se eu pudesse dizer uma palavra **coragem** acho que essa seria a palavra, uma outra palavra que descreveria é **renúncia**, porque a gente renuncia muita coisa nesse período e talvez um pouco sonhadora, porque é acreditar que talvez essa formação resulta em algo melhor [...] (Estudante 74).

Além das reflexões sobre as demandas profissionais acadêmicas e as demandas pessoais, os futuros doutores em contabilidade externaram a forma como lidam com tais desafios inerentes em seus doutoramentos.

#### 4.2.4.3 Formas de lidar com as demandas

No quesito de demandas foi perguntado aos pós-graduandos as formas pelas quais as demandas são gerenciadas. O(a) Estudante 17 mencionou: “[...] eu geralmente já tenho mais ou menos **uma rotina de estudos** [...]”. Os(as) Estudante 16, Estudante 39 e Estudante 56 também relataram a necessidade de estruturar uma rotina no intuito de estabelecer prioridades as atividades e um dos primeiros pontos é ter organização e planejamento.

[...] **trabalho com cronograma e faço como se fosse um horário de trabalho**, hoje eu vou trabalhar das 9 e às 5 e meia, com um horário de almoço e eu faço uma lista no Excel [...] pela manhã eu tenho que fazer atividade A e a atividade B, eu tenho que fazer, por exemplo, escrever três parágrafos da introdução do artigo A, eu tenho que fazer uma verificação dos e-mails e eu vou fazendo por atividades [...] e [...] quando está um pouco mais apertado, eu pego algumas horinhas, um ou duas horas à noite, mas eu sempre prefiro trabalhar em um horário específico [...], para que eu também não interfira no meu horário de sono, porque [...] se eu dormir em horários diferentes, o meu rendimento no outro dia é muito ruim [...] (Estudante 16).

[...] eu fazia terapia e a minha psicóloga me ajudava a me **organizar**, dar prioridade, [...] ficava anotando *post-it* na casa inteira [...], porque era muita coisinha para entregar, para fazer, trabalho em grupo também, era bem complexo [...] eu não falo que sou bem

organizada, **eu aprendi a colocar a lista de prioridades**, o que eu tenho que fazer para hoje, o que tenho que fazer amanhã, até que dia eu posso terminar para não perder prazo, e, como tenho filho, trabalho sempre em horários bem complexos [...] (Estudante 39).

Primeiro que eu gosto muito de **planejamento**, tem algumas demandas que realmente elas acabam impactando o nosso plano, que são atividades que extrapolam os limites até que a gente possa conseguir produzir no dia a dia, elas acabam interferindo em algumas atividades que eu não gosto de interferir, que são as atividades familiares, a dedicação da família é minha prioridade [...], tentei fazer um planejamento de interferir o mínimo, então me sacrifiquei bastante com menos sono [...]. Teve um facilitador [...] **enquanto eu fazia as tentativas de entrada no programa, eu persistia fazendo como aluno especial**, isso desafogou um pouco mais em relação aos demais alunos, porque já tinha feito algumas disciplinas [...] (Estudante 40).

Acho que tudo é questão de **planejamento e organização** sem isso, sem montar a listinha de atividades de quais são as demandas é muito difícil. Hoje tenho o doutorado junto com a minha empresa que tenho que fazer gestão, tenho funcionários então controlar tudo isso sem um planejamento e sem uma organização precisa é muito difícil [...]. Montar uma agenda semanal com as demandas e riscando, isso é a coisa mais maravilhosa que tem é fazer esses tiques e eu inclusive [...] vou te dizer que a sensação de prazer que me dá fazer esses riscos diariamente, ela é indescritível [...] (Estudante 105).

Uma das principais formas de lidar com as demandas, com base na reflexão dos futuros doutores é o estabelecimento de uma rotina e que esta esteja alicerçada em prioridades tanto profissionais acadêmicas como pessoais. Tais pontos podem corroborar com a minimização do estresse, ansiedade e etc., como mencionado pelo(a) Estudante 56 e reforçado pela experiência do(a) Estudante 10.

[...] acho que é entender a importância da consistência, ela se resume a você sabe que todo dia você precisa trabalhar, precisa dedicar horas para a tese, para artigos, para a **rotina do doutorado** sem muita pressa, mas também sem muita procrastinação, acho

que o momento de equilíbrio, eu diria, **a pressa leva a consequências como estresse, burnout e ansiedade** [...] (Estudante 56).

A forma de lidar com elas, acho que depende muito, eu passei por uma fase muito crítica durante o doutorado, ainda estou nessa fase crítica, **eu tive um burnout** [...]. O mercado não absorve tão bem os novos doutores, porque justamente a sociedade nos enxerga enquanto pesquisadores e não profissionais que trabalham com pesquisa, acho que essa visão ela nos traz muitas angústias durante o doutorado, isso faz com que a gente tenha que se movimentar para se envolver cada vez mais em pesquisas, grupos de tudo, buscar consultoria, serviços de Professor substituto, [...], buscar uma universidade particular para dar aula, [...] então todas essas questões adicionais que vão surgindo, acho que elas trazem essas demandas e essas demandas podem ir desde um estresse no cotidiano até um caso mais grave, como aconteceu comigo, de ter um *burnout*, chegar em um momento de esgotamento, que sozinho e sem ajuda terapêutica eu não conseguiria mais lidar com todas aquelas questões que eu estava envolvido, [...] e a forma que faço para lidar depende muito do tipo de problema, **na época das disciplinas, era buscar uma parceria que fosse produtiva pra gente conseguir desenvolver os seminários, os artigos** e tudo mais, e no momento que estourou num *burnout*, **num nível de estresse muito grande, é uma [...] médica mesmo para conseguir lidar com essas questões** que foram advindas do doutorado, [...] e que influenciaram nesse adoecimento [...] (Estudante 10).

Os(as) Estudante 15 e Estudante 38 também argumentaram sobre a importância de atividades físicas.

De manhã sempre tento fazer um pouquinho, coloco como agenda, **vou para a academia**, mas quando volto, [...] nem que seja por 40 minutos ou 50 minutos tento fazer alguma coisa relacionada ao doutorado e vou para o trabalho e na volta também tento pegar, às vezes isso não acontece, essa agenda não é sempre executada, então sim gera frustração, porque isso gera uma outra coisa, vem alguma outra prioridade, [...], mas tento colocar aquilo como agenda, como horário, [...] tento deixar escrito, pra mim é bem importante eu riscar depois o que fiz no meu dia [...] desde o início eu tentei fazer um cronograma [...] (Estudante 15).

[...] procuro **cuidar muito da minha mente**, justamente por eu já ter passado alguns perrengues, então hoje eu cuido muito da minha mente, **não abro mão de exercícios físicos** [...], academia ou correr ou algum esporte, me ajuda muito, porque depois que eu consigo ter toda minha atenção no esporte, eu volto e consigo ter um andamento melhor nessas exigências, nessas demandas [...], eu tento cuidar muito da minha saúde, da minha mente e família, sou muito família [...] (Estudante 38).

Algumas outras menções foram com ênfase nas demandas pessoais oriundas do cenário pandêmico, bem como os desafios de compreender esse gerenciamento do tempo. “Acho importante dizer que não lido nada bem, **eu não consigo lidar bem com as minhas demandas do doutorado** [...]” (Estudante 84).

[...] na minha rotina diária [...] na pandemia, eu estava em casa foi o período das matérias, de escrever artigos, de participar de congressos [...] acho que isso facilitou, porque a gente precisa, por exemplo, participar de um congresso internacional e **com a pandemia foi tudo online, eu não precisei me deslocar** [...] (Estudante 5).

[...] **eu não descobri ainda uma melhor forma**, tenho trocado o dia pela noite, literalmente, [...] você não dorme direito, você não dorme bem, você não se alimenta bem [...]. Eu moro em condomínio, minhas aulas começaram **durante a pandemia, então foi bem difícil as aulas remotas**, porque tinha muito barulho, por que era todo mundo, muita criança, até os bichinhos, os pets não tinham esse costume, eles passavam o dia sozinhos, porque as pessoas iam para os trabalhos, as crianças iam para a escola e de repente eles estavam em casa com um monte de gente, [...] era muito barulho [...] foi muito difícil esse período da pandemia [...] (Estudante 37).

Em síntese das demandas e das formas de lidar com elas as menções principais foram a realização de cronogramas, planejamento, organização, compreender que as renúncias existem em quaisquer percursos da vida que demandem por escolhas e prioridades. Além disso, procurar realizar atividades físicas ou atividades que possam promover a saúde e o bem-estar nessa fase importante de construção de um futuro doutor.

#### ***4.2.5 A descrição do (eu) pesquisador e do (eu) profissional***



Bowlby (1977) já comentava a respeito do que cada sujeito vivencia na infância, o apoio que recebe, os vínculos construídos, as observações realizadas que podem impactar e moldar as ações ao longo da vida. Intrínseco a isso, Cabanas (2020) reflete sobre a construção de significados criados e recriados que moldam e fazem parte do desenvolvimento pessoal de aprendizagem e conseqüentemente do processo social.

Nesse sentido, a partir de novas construções e compreensões da aquisição e maturação de novos conhecimentos, os 105 futuros doutores em contabilidade entrevistados foram provocados a refletir sobre o seguinte questionamento: ‘Enquanto doutorando(a), você poderia dizer como descreveria a pessoa que você é hoje? E como você se enxerga no mercado de trabalho após o término do doutorado?’. Os dois tópicos seguintes têm a incumbência de demonstrar sob a ótica dos estudantes, (i) a descrição do (eu) pesquisador e a (ii) descrição do (eu) profissional.

#### 4.2.5.1 A descrição do (eu) pesquisador

As interações sociais acabam por propiciar novos diálogos e curiosidades que originam novos discursos e comportamentos. Essa fase de transformações denominada por Charmaz (2014) de ressignificação compreende a internalização, de forma intencional, de conhecimentos e comportamentos percebidos e/ou dialogados. Nesse sentido, o(a) Estudante 4 comentou: “[...] sou curioso por essência e questionador duas coisas para mim que quando eu olho **desde a minha infância tudo que fiz é por curiosidade ou porque questionei** então nunca tenho certeza absoluta de nada [...] (Estudante 4). Em consonância os(as) Estudante 1 e Estudante 5 complementaram:

[...] acho que no doutorado, como doutorando, tem aquela fase do negacionismo, eu nego quem eu sou, porque tenho dificuldade de entender que agora sou doutorando e **o meu nível de conhecimento e o meu comportamento precisa ser diferente [...]**, os programas exigem que o comportamento do doutorando seja diferente do comportamento do mestrando, é um discurso, desde o início, você não é mais mestrando, você agora é doutorando, [...], as suas narrativas, seu discurso, tem que ser diferente, você tem que dar o exemplo, [...] é importante que você se posicione, **confesso pra você que eu me senti doutoranda mesmo no final do segundo ano, entrando para o terceiro que eu senti que já tinha uma bagagem diferente [...]**. Hoje me sinto quase uma doutora, mas isso foi difícil, [...] entendo esse

posicionamento dos Professores, [...], no sentido de que quando a gente está nesse nível, doutorando, caminhando para esse título, a gente vai ter muitas pessoas que vão olhar pra gente como alguém, uma pessoa que causa uma influência e isso é muita responsabilidade [...] (Estudante 1).

Como que eu me descreveria hoje? **preocupada com a minha tese, com os prazos, com o meu tema, com a minha qualificação**, se vai dar tudo certo devido a esse momento, assim, de estar no final, [...], mas também confiante, tenho percebido bastante apoio tanto do meu orientador como de colegas Professores e de colegas do meu orientador [...] (Estudante 5).

Nesse contínuo, alguns doutorandos refletiram a respeito de particularidades percebidas no decurso do doutorado, a exemplo, a capacidade de resiliência, conforme comentado pelos(as) Estudante 39, Estudante 50, Estudante 58 e Estudante 99:

Eu acho que me sinto muito resiliente, mas acho que os meus pais me ajudam nisso, eles me criaram de uma forma bem firme, eu falo que eu quero que os meus filhos sejam assim também [...], **me considero muito resiliente, pelo tanto de assédio que eu já sofri até aqui e não ter desistido e estar firme para finalizar, querendo finalizar [...]** (Estudante 39).

[...] **acho que hoje por causa do doutorado sou uma pessoa mais resiliente**, busco **resolver os problemas da forma mais rápida** possível, acho que isso também veio um pouco da parte de ser pós-graduando e talvez **um pouco mais crítico**, quando a gente vê alguma notícia, [...], alguém te fala alguma coisa, você fica [...] mais é exatamente isso? dá onde essa informação? (Estudante 50).

[...] vejo que **sou uma pessoa mais resiliente** até por situações de anos de **muito estresse e realmente tensão muito grande que a gente passa no início do doutorado**, eu fiz as aulas *online*, porque entrei em 2021, ainda era pandemia, acabei fazendo duas disciplinas presenciais no ano passado, em 2022, mas o primeiro ano foi bem difícil com as aulas *online* e a gente precisa ser resiliente, porque é pesado, teve algumas disciplinas que exigiram da gente, [...], **sou uma pessoa muito introvertida, tenho dificuldade**, pra mim não é uma coisa muito natural **apresentar**

**trabalho, apresentar seminário**, a gente tem uma série de desafios como esse, eu costumava dizer que às vezes tinha aula que a gente saia parecia que eu tinha apanhado de tanta tensão, porque para algumas pessoas é mais natural você apresentar um seminário e para mim não é tão natural, me exigiu bastante, mas era uma característica que eu precisava explorar, até porque eu gostaria de incrementar a minha dedicação às aulas, eu sabia que precisava passar por aquilo, acho que **me sentiria mais resiliente, mais madura para lidar com algumas situações**, mais madura pra lidar com os percalços da vida, porque eles existem, não tem jeito, as coisas nem sempre saem exatamente como a gente está planejando [...] (Estudante 58).

[...] **sou uma pessoa mais resiliente hoje do que quando entrei**, porque a gente acaba passando por várias situações e tem que aguentar essa pressão e seguir, acho que sou uma pessoa mais resiliente hoje, que **tem um conhecimento maior do que quando entrei no doutorado** (Estudante 99).

Adicionalmente aos aspectos de resiliência há também alguns comportamentos que são moldados a partir de narrativas que os sujeitos ouvem e incorporam (Carvalho et al., 2010; Correa, 2017). Cabanas (2020) comenta a respeito da relevância das narrativas e que estas ganham sentido pelo fato de poderem possibilitar que expectativas passadas sejam experienciadas no presente.

Os(as) Estudante 21 e Estudante 30 mencionaram sobre a realização de um sonho que existia, bem como o(a) Estudante 38 expressou a perspectiva de concretude desta realização.

**Hoje me considero uma pessoa que ainda tem esse sonho de ser doutora**. Antes dos 30, coloquei isso como meta de vida também, [...] acho que vou conseguir. É um sonho [...], acho que daqui a um tempo me vejo **uma pessoa que realmente conquistou o seu objetivo**, uma pessoa que é feliz na profissão que escolheu, no caminho que traçou, das pessoas que conheceu, das experiências que vivenciou, porque acho que consegui **aproveitar muitas oportunidades que o processo acadêmico, o emprego, a participação nos eventos, ter um *feedback* de pessoas durante os trabalhos, das pesquisas**, então tudo isso são experiências, acho que daqui a um tempo vou conseguir olhar para trás e ver o que pude naquele momento da minha vida aproveitar e as oportunidades que apareciam (Estudante 21).

**Eu vejo que de fato foi uma confirmação profissional de um sonho** que eu já tinha desde a inserção no mundo acadêmico que era justamente finalizar esse ciclo mestrado e doutorado como a forma de confirmação profissional, confirmação intelectual [...]. **Por se tratar de um sonho enxergo o doutorado como um divisor de águas na minha trajetória acadêmica** por mais que eu já efetivamente tenho meu concurso existe um aspecto que é válido que é uma motivação que é a progressão da carreira profissional, existe um lado financeiro que a gente pode acrescentar como motivação, mas também no lado acadêmico que me possibilitaria de certa forma fazer todos os elementos desse tripé acadêmico da docência que é a extensão, pesquisa e a forma que eu conseguiria desenvolver projetos de pesquisas [...] e principalmente eu teria possibilidade de ensinar na pós-graduação [...] (Estudante 30).

[...] **me enxergo como um pesquisador iniciante**, tenho plena consciência disso, porque a gente tem muita coisa para aprender, mas sou uma pessoa que tem muita vontade, muita garra, muita força pra aprender, **me descreveria como um adulto jovem de 31 anos, que tem plena consciência, que tem muita coisa para aprender pela frente, mas que não tem medo do que está por vir** (Estudante 38).

Adicionalmente, os(as) Estudante 33, Estudante 60 e Estudante 70 abordaram a respeito do ganho na criticidade além do senso de responsabilidade que o doutorado possibilitou:

[...] em termos de pessoa como sou hoje, **me vejo uma pessoa muito crítica em relação a mim e aos colegas, aos nossos pares** no sentido de que **a gente tem uma responsabilidade muito grande** [...], falo a gente enquanto alunos da pós-graduação, pensando que mesmo que você não vá atuar como docente e como pesquisador, entre aspas, é para isso que você ingressou na pós-graduação, esse é o objetivo da pós-graduação, independente do colega que foi para a pós-graduação buscando a progressão na carreira, [...] ele vai sair **pesquisador docente** mesmo que ele não vá aderir e isso tem um **papel muito relevante pensando na nossa responsabilidade enquanto cidadão, formador e profissional**, me vejo uma pessoa muito crítica no sentido de que é a minha responsabilidade aquilo que eu vou repassar, é a minha responsabilidade porque estou pesquisando e como quero que essas pesquisas impliquem na sociedade, as contribuições delas, eu não vou ficar filosofando aqui em termos de algo bonito, mas é porque realmente acho que tem um dinheiro muito grande sendo investido na gente

para que isso se perca [...], **sou muito crítica comigo no sentido de fazer valer a pena o que está sendo investido em mim e retribuir de alguma forma [...]**, não acho que estou só de passagem na pós-graduação [...], sou uma pessoa muito comprometida com esse processo, [...], **sei que sou uma boa pesquisadora, sei que sou uma boa Professora** e espero que tenha um lugar ao sol para mim daqui a pouco (Estudante 33).

**Eu diria que todo esse processo de pesquisa, ele me ajudou a fazer uma observação maior agora em relação ao meu posicionamento [...]**, uma visão interna de você estar em uma organização, porque muitas vezes quando nós fazemos pesquisas nós avaliamos fenômenos mais amplos [...] eu diria que com o mestrado e doutorado eu consegui ampliar essa visão e hoje consigo me situar melhor quando vejo problemas no meio ambiente até mesmo problemas pessoais **eu consigo observar que muitas vezes são variáveis externas maiores que influenciam nas nossas relações, no nosso jeito de pensar ou nas pressões que sofremos no dia a dia, profissionais, pessoais [...]** (Estudante 60).

Essa é uma pergunta que acho difícil de responder, porque acho difícil de me descrever [...], acho que **uma pessoa responsável, dedicada, com maior autoconfiança, senso crítico e também agora um maior poder de escrita** e em relação ao mercado, gostaria de me ver dessa forma também no mercado de trabalho, sendo capaz também de produzir e transmitir o conhecimento que a gente adquire ao longo dos anos (Estudante 70).

Além disso, a maturidade propiciada no decurso da construção do ser pesquisador em um doutorado em contabilidade também foi refletida nos argumentos dos(as) Estudante 16, Estudante 39, Estudante 57 e Estudante 66:

[...] **acho que me sinto uma pessoa mais madura agora no doutorado**, no fim do doutorado, **acho que como pesquisador, como profissional, mas como pessoa**, talvez não sei se é por causa do doutorado, mas é que entrei muito novo no mestrado, tinha 22 anos, 23. Hoje eu estou com 27, então dá uma mudança muito forte quanto a visão que eu tinha, na visão que tenho hoje, acho que consigo enxergar as coisas mais diretas, [...], mais estratégicas, não quero perder tempo com algumas coisas que acho que talvez não dariam certo [...] (Estudante 16).

[...] **para o mercado de trabalho fora da academia eu não me sinto preparada**, tanto que eu precisaria me reciclar, eu não assinaria nada como Contadora, por um tempo, até me sentir segura para isso, **pelo fato da pesquisa ser diferente da prática, da rotina contábil** [...], eu sei que vou conseguir ser uma boa Professora, porque [...] gosto, amo o que faço, amo pesquisar, amo ensinar, acho que isso vai ser uma questão de realização [...] é uma escolha e é uma escolha particular [...] (Estudante 39).

**Hoje me vejo uma pessoa com um olhar bem mais científico da Contabilidade**, eu tinha um olhar muito prático, [...] vejo a contabilidade com um olhar mais científico e mais teórico como uma estrutura que vai além das ferramentas contábeis tradicionais e **me vejo enquanto doutor pesquisando, contribuindo para o avanço da contabilidade e com a ciência, principalmente** (Estudante 57).

[...] **acho que hoje tenho mais maturidade para lecionar algumas disciplinas, para falar sobre pesquisa, para indagar algumas coisas**, sei que a gente vive um processo de constante aprendizagem, não sei de tudo, mas do eu antes e agora acho que tenho mais segurança para poder tratar com alguns assuntos de forma [...] mais clara, com mais respaldo. O *Network* também que fiz possibilitou trazer essa segurança e como já sou concursada quando voltar **tenho essa mentalidade de entregar o que aprendi a comunidade acadêmica**, seja por meio das disciplinas, seja por meio de projetos de pesquisa e seja também por meio de projetos de extensão [...] (Estudante 66).

De forma a suscitar os pontos destacados pelos futuros doutores comenta-se a respeito do fomento a curiosidade, constante questionar-se, o desenvolvimento de habilidades que propiciam a resolução de problemas, além do entendimento da capacidade de influência gerada dentro (entre os pares) e fora da academia (sociedade). Conectado a isso, Cao et al. (2024) e Khosa et al. (2020) arguem que compreender questões que envolvem a educação contábil com a formação de estruturas de habilidades é fundamental, pois é a partir dessas noções que os futuros profissionais pesquisadores (emitentes de conhecimentos) sinalizarão construções de significados mais consolidadas.

#### 4.2.5.2 A descrição do (eu) profissional

A ênfase na necessidade de aprendizagem faz com que as práticas, principalmente em torno da educação para o doutorado sejam mais densas e impactantes e um dos fatores consiste nesse estreitamento exigido entre a prática acadêmica e profissional (Baker & Pifer, 2018; Fox, 2018; Khosa et al., 2020). Os(as) Estudante 40, Estudante 82 e Estudante 84 contribuíram com suas reflexões:

[...] acho que vivi bastante a parte operacional, a parte técnica e ao entrar no conhecimento científico, ele acaba trazendo uma abordagem mais de qualidade sobre o assunto que estudei, porque **vivenciei de perto, consigo relatar um pouco melhor tanto para os técnicos como para os acadêmicos, porque a gente estudou a parte científica e vivenciou uma parte operacional** [...] inclusive a gente tem feito algumas atividades nesse sentido, chamando a parte acadêmica para participar um pouco mais das atividades técnicas e operacionais para que eles compreendam essas dificuldades e assim possam levar isso mais próximo da realidade, do ambiente que a gente vive atualmente dentro da administração pública [...] (Estudante 40).

**Eu diria que tenho uma qualificação técnica em Contabilidade muito maior do que eu tinha quando simplesmente sai da graduação**, porém também tenho noção de que essa minha qualificação técnica, ela é muito mais acadêmica do que de mercado, se for falar como me vejo no mercado de trabalho hoje **diria que estou muito mais preparada para tratar de questões técnicas contábeis, normas, coisas nesse sentido do que entrar para um escritório e enfim tentar desempenhar alguma tarefa** [...]. Quando eu terminar o doutorado [...] me visualizo muito mais continuando no âmbito acadêmico, em sala de aula, fazendo pesquisa [...] do que indo para uma empresa [...] (Estudante 82).

[...] como doutorando me vejo como um pesquisador Professor, vejo que a gente sempre está dividido entre as duas coisas até porque **vejo um abismo, uma distância muito grande entre o que a gente vê em sala de aula do que a gente vê, principalmente no doutorado** [...], a gente acaba falando de coisas muito diferentes, hoje vejo como se a gente fosse um agente duplo que ao mesmo tempo somos Professores, mas também somos pesquisadores e após o término do doutorado espero me enxergar como concursado, como Professor efetivo, se Deus quiser (Estudante 84).

O(a) Estudante 105 também compartilhou suas reflexões e relatou uma de suas experiências:

Eu sou hoje **acredito que uma boa profissional com habilidades de comunicação, com habilidades de desenvolvimento e autonomia**. A pessoa que eu era saindo da graduação com certeza não existe mais, aquela insegurança, aquele medo, acho que falta de acreditar nela mesmo que quando me formei [...] eu que vim de uma família humilde de uma cidade pequena [...], o doutorado ele me transformou numa pessoa um pouco mais flexível, onde chego consigo me desenvolver sem grandes dificuldades, consigo ter autonomia de desenvolver atividades que posso não ter grandes conhecimentos, mas **acho que as habilidades de você procurar onde está, de se virar sozinha isso com certeza foi todo esse processo do mestrado e do doutorado junto, as disciplinas que você tem que se desenvolver fazendo seminários, toda parte de discussão, essas habilidades hoje no mercado, elas são muito significativas pra mim e também o fato de ser mulher hoje no mercado de trabalho** totalmente masculino, eu sento em mesas redondas com Contadores já muito mais experientes que eu, diretores muito mais experientes que eu que tem grandes empresas faturando milhões anualmente **e conseguir fazer com que essas pessoas me ouçam, isso é muito importante para mim**, inclusive recentemente fui numa reunião de uma grande empresa aqui da cidade [...] e quando cheguei tinha uma mesa com uma secretária fazendo ata, o advogado te coloca de um lado, Contador do outro, uma mesa de Conselho de administração [...] pensei meu Deus, que eu vou fazer agora?, daí você já pensa no seminário, respira e fala o que você tem que falar e a reunião levou uma hora e meia, isso pra mim hoje é muito gratificante por eu consegui conduzir dessa forma e com certeza é **o fato de já ser uma doutoranda em contabilidade isso também me dá um peso, naquilo que falo, naquilo que discurso** é o que torna também interessante para as pessoas o fato de eu ser nova, o fato de ser mulher, isso tudo e a questão da robustez, a questão do impacto ele realmente é bastante positivo (Estudante 105).

Algumas outras reflexões tangenciaram, a priori, a respeito das aspirações profissionais, particularmente vinculadas a área acadêmica. “[...] acho que no mercado de trabalho a **minha ideia sempre foi consegui me colocar numa grande instituição**, seja ela privada ou pública para que eu tenha uma perspectiva de crescimento é isso que espero [...]” (Estudante 99).



Alguns outros futuros doutores também compartilharam suas intenções para com o mercado de trabalho:

[...] **posso dizer que antes de entrar no mestrado eu era um profissional totalmente, me perdoe a palavra, cru**, porque apesar de estar dentro do mercado, mas eu não tinha dimensão do topo da parte de cima, a organização de cima, eu olhava a organização por baixo como todos os outros colaboradores [...], **eu já comecei a pensar a ver as organizações trazendo para o contexto prático de uma forma diferente como gestor**, como alguém que está lá na gestão [...], no doutorado esse leque ampliou [...] de informação e divisão em relação as organizações. Qual a função preditiva de fazer com que as organizações elas já tenham um comportamento prévio as reações que poderão surgir no futuro? as demandas que podem surgir no futuro em relação ao ambiente de negócio e com relação ao ambiente acadêmico? aumentou mais a experiência e [...] eu me vejo hoje como uma pessoa melhor no sentido humano, mas também em termos de conhecimento, porque o curso agrega muito nas disciplinas, agrega muito e isso é muito importante e o mercado de trabalho, [...] eu tenho duas visões, **a visão acadêmica de prosseguir como Professor de uma instituição federal**, esse é o primeiro ponto e o segundo ponto é **usar o conhecimento dentro do mercado e como já estou na área contábil, posso usar o meu conhecimento para fazer projeções, análises e pegar links com grandes empresas**, acho que há espaço para isso também, não é só acadêmica, mas também tem um mercado que é muito amplo para você ingressar (Estudante 18).

Nossa! Essa é bem difícil, como eu me enxergo? [...] **sou um Professor que gosta muito do que faz**, mas que ainda tem algumas necessidades de desenvolvimento que são necessárias para alcançar um outro patamar na carreira, acho que sou determinado, motivado e gosto muito do que faço [...], **me vejo como um Professor de uma instituição pública. um pesquisador da área contábil** mais voltado para a área crítica e socioambiental [...], talvez um pouco mais engajado com os pesquisadores da área, porque hoje acho que não sou tão engajado assim por questões de tempo, espero que no futuro eu consiga ter esse tempo para ter uma relação mais próxima com os pares, acho que é isso, me enxergo como um Professor concursado na área da Contabilidade (Estudante 27).

[...] **me enxergo sendo Professor de uma universidade federal ou estadual**, enfim, uma universidade pública, que é o que sempre almejei [...], é mais uma questão de satisfação pessoal, de conseguir passar no concurso público [...] sendo Professor efetivo de uma universidade pública e sempre dando o meu melhor, **quero sempre ser aquele Professor que eu gostaria de ter**, e que, inclusive, eu tenha oportunidade de ter, na minha trajetória acadêmica **tive Professores bons e me inspiro muito nesses Professores e me enxergo passando isso para os meus alunos, futuramente** (Estudante 38).

[...] **me enxergo sendo convocado em alguns concursos que estou realizando** e conseguir de fato, de forma efetiva, **dar continuidade no que gosto de fazer** e no que eu digo hoje, que é a outra coisa de fato sei fazer e venho a nove anos me dedicando que é de fato **estar dentro de uma sala de aula e [...] discutindo contabilidade**, [...] pode até ser que a vida me mostre outro caminho, mas não consigo me imaginar hoje fora desse contexto (Estudante 61).

[...]. Hoje me vejo **mais disciplinada**, acho que **mais organizada** também e talvez **mais comprometida**, mas, por outro lado, também me vejo mais fechada, porque acabei, assim, às vezes, acho que eu era mais social, e hoje sou menos social, porque fico mais fechada, mas é algo que me encontrei, [...] realmente na área acadêmica e na pesquisa é algo que me dá prazer o que eu gosto de fazer. [...]. Hoje vejo que tem todo o objetivo lá na frente, não é só um conteúdo para eu entregar ali para os alunos [...], embora eu tenha feito apenas uma disciplina voltada para a docência [...], acho que traz esse amadurecimento [...] para minha prática docente (Estudante 28).

Acho que agora estou muito **mais preparado para o mercado de trabalho**, com as vivências diárias [...], vejo o doutorado não só como algo que me ajuda num crescimento intelectual, mas algo que me ajudou muito, na forma de desafiar, pensar e a forma como me enxergo no mundo hoje, tem bastante interferência com o que eu aprendi no doutorado de não aceitar, de criticar, de ter sempre um olhar atento para cada coisa que se fala, para cada passo, para cada decisão, vejo que o doutorado agregou muito na minha carreira [...], vejo um crescimento fenomenal do lado intelectual, de ir para a sala de aula, senti que nada sei, vou lá para aprender e para ensinar, uma troca de ideias, enquanto que um graduado vai com certas convicções,

como se fosse o possuidor de todos os conhecimentos, o doutorado me fez alterar, me fez ver isso, tem muita coisa por detrás do que sei [...], é uma humildade que acho que o doutorado trouxe, uma visão de que a gente tem muito a aprender [...] (Estudante 29).

Intrínseca as realizações profissionais, a palavra felicidade também foi verbalizada por alguns dos futuros doutores em Contabilidade.

[...] **sou uma pessoa feliz [...], feliz pela trajetória, feliz por estar tentando concluir o doutorado, porque essa era a minha perspectiva de vida [...]**, entrei para uma instituição pública faz 10 anos [...], sou bastante feliz [...], apesar da dureza do processo como um todo, logicamente, eu fiz conclusões da disciplina semestre passado, nesse semestre não estou fazendo disciplinas no doutorado, então isso torna um pouco mais leve, mas ao mesmo tempo me traz a obrigação da dedicação maior na tese [...], como era uma coisa que eu queria muito pessoal e profissional, mas muito mais pessoal do que profissional, que **eu queria fazer doutorado, lá em casa é uma família de 12 filhos, vou ser a primeira Professora [...]** e **a primeira pessoa que vai ter doutorado [...]**, espero cada vez mais contribuir para uma comunidade científica da área de Contabilidade, principalmente com esse tema, deixando essa parte dos estudos, mas sabendo que eu gosto muito de trabalhar com a questão de governança. [...], quero cada vez mais contribuir não somente na agregação dos alunos, [...], mas também com a área científica da área de Contabilidade (Estudante 51).

[...] **me considero uma pessoa hoje muito feliz pela realização desse doutorado** ainda não apresentei a tese a banca, mas para mim já estou muito satisfeito, porque o conhecimento que adquiri não tem como mensurar. Um pouco cansado, como eu disse, mas estou muito satisfeito por tudo que aprendi, se eu soubesse que era assim eu teria com certeza estruturado bem antes [...], eu senti que se eu tivesse feito isso uns 10 anos antes, com certeza eu me enxergaria mais confiante, com excelente oportunidade para o mercado de trabalho, mas como **já sou concursado, sou dedicação exclusiva estou bem tranquilo nessas condições, por exemplo para progressão de carreira [...]**, isso te dá um ganho financeiro bem relevante, considerando o ganho que a gente tem como mestre [...], além da questão do conhecimento, além de poder concorrer a outros editais, porque a gente como mestre a gente fica impossibilitado de

concorrer alguns editais, a gente já é desclassificado porque eles pedem no mínimo doutorado [...] (Estudante 85).

Nesse viés de qualificação, alguns dos doutorandos mencionaram sobre a alta qualificação percebida pelo mercado quando já concluído o doutorado como exposto pelo(a) Estudante 11 ou ainda as possibilidades intrínsecas ao alcance desse mais alto grau acadêmico, verbalizado nos argumentos do(a) Estudante 54:

Confesso que estava sentindo um pouco de falta do mercado de trabalho e **tenho um pouco de receio do mercado de trabalho depois**, [...], sempre trabalhei com contabilidade, trabalhei em escritório, trabalhei na parte contábil de algumas empresas e **você chega com o doutorado, a pessoa fala, não, você é qualificado demais para o que eu quero** [...], eu tenho esse receio [...] (Estudante 11).

O doutorado para mim ele veio para quebrar [...], como estou a muito tempo na contabilidade [...], **ele abre a minha conexão com a subjetividade, pensar coisas para além de ser operador da contabilidade**, porque eu trabalho como operadora [...], **o doutorado ele abre a possibilidade de fazer a conexão com os conhecimentos, outra forma de ver a contabilidade**, depois de um tempo no doutorado [...] profissionalmente eu não vou ter um crescimento de grana, zero, só *status*, porém, gosto muito da academia, vou continuar militando na área da academia, que é uma coisa que eu gosto de fazer e é como se fosse um plano de benefício para os empregados, o doutorado tem o benefício [...], vou continuar pesquisando na área por amor a causa (Estudante 54).

Por conseguinte, os(as) Estudante 63 e Estudante 72 abordaram sobre as influências recebidas, bem como as perspectivas percebidas:

[...] **tive Professores que fizeram muito diferença para eu estar aqui hoje** [...]. Elaborar uma tese e consegui defender aquela tese, consegui apresentar um artigo, então tive Professores que fizeram essa diferença desde o momento em que escolhi a academia [...], eu tinha essa figura de **eu quero ser para alguém um dia o que foram para mim**, me vejo como pesquisadora sim, eu amo a pesquisa eu tenho uma paixão, é amor e ódio, me cansa, me esgota, mas eu amo o que faço, amo os artigos, amo debate,

amo a leitura, gosto de cada fase, gosto da docência, gosto da dinâmica de sala de aula, mas acho que de forma objetiva, o sonho é fazer a diferença na vida de alguém em algum momento [...] acho que é assim que mais me enxergo desde que decidi pela academia (Estudante 63).

[...] sou uma pessoa mais planejada, mais cansada, mais decidida, sei mais o que quero, mas me considero uma pessoa melhor do que eu era, me dá mais segurança. [...]. **No mercado de trabalho, eu ainda não sei como é que vou fazer, acho que não vou conciliar 40 horas no meio corporativo e 40 horas como a docência, não sei como vou fazer isso.** Acho que vai ter um momento que vou [...] estar mais com o doutorado. A área de pesquisa para mim é vida. A área de sala de aula é vida, [...], acho que essa paixão, ela vai de novo falar mais alto (Estudante 72).

Os(as) Estudante 32, Estudante 53 e Estudante 60 ponderaram sobre a constância em buscar por conhecimentos e construções de habilidades mesmo quando finalizado o doutorado.

[...] **no mercado de trabalho acho que tenho ainda muito a crescer com relação a parte docente, não tive basicamente experiência docente,** tenho trabalhado para desenvolver essas habilidades, mas entendo que quando entrar **no mercado de trabalho nessa parte docente vou ser um iniciante** independente [...], várias coisas você só aprende fazendo, vou ser um iniciante nesse aspecto. Agora com relação à pesquisa acho que tenho condições perfeitamente de tocar esse aspecto da carreira profissional com uma certa tranquilidade quando eu concluí, quando tiver atuando no mercado [...] (Estudante 32).

Eu acho que hoje, como doutorando já me sinto uma pessoa muito mais qualificada e muito mais independente nesse processo de produção do conhecimento e desenvolvimento de pesquisas [...], **acredito que vou me enxergar no mercado de trabalho uma pessoa mais qualificada para desempenhar mais atividades como Professor, como pesquisador e como gestor da unidade** (Estudante 53).

[...] **a minha meta depois é ingressar na docência e tentar contribuir um pouco do que aprendi** [...] e também lá na área de cursos e treinamentos na área pública a gente precisa muito disso e principalmente na minha área de custos [...] é uma área ainda que

está em desenvolvimento e acredito que posso ajudar e contribuir mais com o pessoal do setor federal nesse sentido (Estudante 60).

Dentre a visualização do (eu) profissional as argumentações tangenciaram a relevância de conexão entre a academia e o mercado, a importância de desenvolvimento das habilidades de comunicação, o peso do discurso de quem está construindo-se como doutor de uma área de conhecimento. Tais ponderações realizadas foram com base nos futuros doutores em contabilidade já atuantes no mercado de trabalho.

### **4.3 O processo de proximidade imbricado nas relações orientador/doutorando**

Proximidade é um dos principais termos trazidos nos argumentos de Bowlby (1997) quando se aborda sobre primeira infância e, posteriormente, tal termo fez parte da literatura trazida por Davidovitz et al. (2007) quando mencionam a respeito de relacionamentos adultos. Este último foi discutido com ênfase nas ambiências de equipes de trabalho no tocante as proximidades entre líder e liderado (Popper & Mayseless, 2003).

Nesse viés de proximidades e formação de equipes de trabalho optou-se por compreender tais proximidades com base (i) nas lições a partir da experiência de um doutorado e os desafios impostos na construção de uma tese; (ii) nas relações diádicas entre orientador e orientando; (iii) nas adaptações a partir da escolha de uma linha de pesquisa; e (iv) no papel do orientador em momentos de incertezas.

#### ***4.3.1 As lições a partir da experiência de um doutorado e os desafios impostos na construção de uma tese***

As experiências adquiridas ao longo do doutorado como por exemplo, a partir do conhecimento de disciplinas que não necessariamente encontram-se no escopo principal da contabilidade, mas que auxiliam na construção dos significados para a maturação da tese é relevante. Marrais et al. (2018) explicitam que questionar implica em buscar, muitas vezes, em outras fontes de conhecimento, como por exemplo, metodologias e epistemologias alicerçados a construção de novos saberes.

Neste tópico os 105 futuros doutores em contabilidade foram instigados a refletirem sobre a seguinte pergunta: ‘Poderia descrever as lições mais importantes que você aprendeu com a experiência do doutorado e principalmente na construção de sua tese? O que ou quem te

ajuda a administrar os desafios impostos nessa construção?’ A respeito das lições, o(a) Estudante 2 comentou: “[...] acho que a lição mais importante que a gente vai tendo durante essa construção da tese, em si, do doutorado é que a gente não tem controle de nada”. Assim como o(a) Estudante 88 comentou:

**A primeira máxima experiência é que nós não sabemos de nada**, absolutamente nada e **precisamos nos ajudar sempre**, é extremamente **importante nós termos um network**, porque você não conhece a metodologia, mas o nosso amigo conhece, alguém que conhece outra pessoa que já mexeu com isso então ter uma rede de pessoas que você conheça, que gostam e que buscam inovações é extremamente importante [...] (Estudante 88).

Já os(as) Estudante 10 e Estudante 45 ponderaram:

[...] acho que dentro da construção da tese, um dos pontos muito importantes que a gente tem aqui no programa são as **disciplinas voltadas para o método científico**. **A disciplina de metodologia em que a gente discute todas as questões que são relacionadas à construção de uma tese, a possibilidade de avançar no conhecimento científico**, essa disciplina de metodologia eu acho essencial para a construção da tese [...], se a gente pudesse trazer ainda mais disciplinas, acho que essa é uma visão não consensual entre os meus colegas de turma, que nem todos gostam dessas discussões, essas discussões são difíceis, pesadas mesmo, muitas vezes, principalmente para a gente, que é da contabilidade, mas acho super interessante, super importante essas disciplinas para a construção da nossa tese [...] (Estudante 10).

**As lições mais importantes que aprendi com a experiência do doutorado, é justamente a questão metodológica e epistemológica**, que eu achei bem interessante **essa imersão no aspecto das teorias** e encaixar uma teoria ao tema de pesquisa [...] e a minha orientadora ajudou bastante nesse sentido, o projeto dela, esse projeto guarda-chuva, ele já tratava de algumas teorias, [...] o doutorado trouxe em termos de experiência no sentido epistemológico, no sentido da construção mesmo de um projeto de tese, **o que é uma tese? Qual é a diferença de uma tese para uma dissertação?** A tese traz essa inovação, esse foi um grande desafio também, **foi uma grande lição conseguir algo inovador dentro de um universo tão grande que é a ciência contábil**

e nessa construção a orientação veio ajudar bastante, a minha orientadora ajuda bastante nesse sentido (Estudante 45).

Além das aprendizagens que envolvem as disciplinas de metodologia e epistemologia outra construção foi mencionada pelos futuros doutores como relevante para o desenvolvimento não apenas da tese, mas de suas próprias construções, sendo eles: os seminários de tese. Reflexão esta trazida pelo(a) Estudante 65:

**Foi um aprendizado muito grande, principalmente na disciplina de seminário de tese**, porque a gente entra achando que sabe e se depara com uma realidade totalmente diferente, tive uma Professora de final de tese que foi muito boa, muito inspiradora, apesar de ser bastante rigorosa, crítica, mas isso ajuda a gente a crescer, aprendi, principalmente, a questão de questionar, será que o que estou propondo é relevante? [...]. **A minha orientadora é uma pessoa muito solícita, sempre tem um canal de comunicação ativo** (Estudante 65).

Cabe mencionar que dos elementos trazidos na fala do(a) Estudante 65 gira em torno da comunicação existente entre orientador e orientando. Alver e Caglar (2015) arguem que um dos fatores relevantes para o desenvolvimento social tange o gerenciamento da comunicação. Em consonância a necessidade de comunicação para o desenvolvimento pessoal e profissional, algumas inquietações com relação a administração do tempo e a possibilidade de experienciar à docência foram explanados pelos(as) Estudante 9 e Estudante 34:

**As lições, as mais importantes é a administração do tempo**, porque [...] tenho dificuldade de foco, então, para a minha lista o mais importante é **conseguir concentrar** e trazer para a pergunta da tese, concentrar principalmente a construção da tese [...] a gente está sempre sendo incentivada a construir isso que a gente escreveu, isso é uma lição importante é administrar seu tempo, focar naquilo e quem me ajuda a administrar, minha orientadora, [...] ela dá o norte das atividades do programa, mas, em especial, também a minha esposa [...] (Estudante 9).

Acho que a questão do doutorado me ajudou muito no sentido de ter paciência, [...], **quando entrei no doutorado, não tinha nenhuma experiência docente, tinha muita insegurança, morria de medo era uma coisa que me incomodava** todo santo dia [...]



**eu vou terminar o doutorado e se eu não tiver uma experiência o que vou fazer?** enfim, mas é um processo de paciência e a construção da tese anda nesse mesmo caminho, às vezes parece que a gente evoluiu um monte de repente a gente vai olhar não evoluiu tanto como esperava ter evoluído, acho que **em termos de lição é esse processo de paciência**, de entender que as coisas vão acontecendo não é à toa que a gente tem quatro anos para fazer o doutorado, porque é tudo um processo [...] (Estudante 34).

Além desse processo de paciência na construção da tese explicitada pelo(a) Estudante 34, o(a) Estudante 15 mencionou acerca de uma das lições mais importantes percebidas no decurso do doutorado em contabilidade: a motivação para não procrastinar.

**Eu acho que as lições mais importantes é não procrastinar [...]**, acho que por mais que seja 40 minutos ou 50 minutos por dia, melhor que nada, acho que o procrastinar é o pior de tudo e quando aquela motivação não volta, **tentar [...] pensar o que te levou a fazer o doutorado?** porque a gente não é obrigado a fazer, é uma escolha, acho que o que me ajuda é voltar a pensar porque estou aqui, porque eu quero, se eu não quiser mais, eu desisto, [...], porque escolhi fazer o doutorado, o que isso vai ajudar na minha vida, o que quero daqui pra frente, isso vai levar ao sonho, acho que sempre o que me volta a experiência é lembrar da motivação inicial disso, as experiências que tenho mais importantes, não procrastinar, [...], **sempre lembrar da motivação que trouxe até aqui, discutir com os colegas, trocar ideias também é bem importante [...]**, o que me ajuda nisso é colocar isso como agenda, [...] e quem me ajuda também é minha família, meu namorado, [...] e meus amigos (Estudante 15).

O(a) Estudante 16 adicionou a respeito das relações interpessoais e da relevância em considerar o autocuidado como uma das lições. Outro ponto destacado, pelo Estudante 41 foi com relação a buscar quaisquer informações que perceba como pertinente com os Professores, os colegas, pois tais discussões podem fomentar uma compreender sobre a profundidade de cada doutorando espera a partir de seu tema.

[...] **as lições mais importantes que acabei aprendendo no doutorado**, que é uma coisa que eu nunca tive problema, mas percebi outras pessoas tendo **são as relações interpessoais [...]**, também acho que **é importante cuidar da saúde**, não é saúde física,

mas a saúde mental também, principalmente [...] tomar cuidado com a sua saúde, porque não adianta ficar muitas e muitas horas, acho que tem alguns momentos em que você ficar um horário, mas não deixar isso ser rotineiro, porque uma hora o corpo dá sinal e você não consegue mais, eu sinto que isso é um aprendizado (Estudante 16).

[...] **talvez uma lição muito importante foi enxergar as pessoas que já passaram por esse processo**, eu precisei conversar com algumas pessoas que passaram por esse processo, precisei extrapolar o meu orientador e buscar outras pessoas também, outros Professores que trabalham mais diretamente com o que quero trabalhar [...]. **Outra lição foi em relação à profundidade**, com a questão em si que a gente quer levar para a tese, precisei parar uns dias e pensar sobre isso, porque às vezes você quer, no imediatismo, você quer encarar a questão da tese como uma coisa mais rápida de se resolver e aquele dilema todo se é uma tese ou não é uma tese (Estudante 41).

Ao conectar as lições com os desafios impostos nesse percurso o(a) Estudante 89 acrescentou:

[...] **a gente tem outros desafios acadêmicos, tenho família, conseguir equilibrar cada um desses pratinhos não é fácil** e quem ajuda no meu caso específico tenho um apoio muito grande da minha família, da minha esposa, tenho um filho pequeno, então ela acaba ficando mais tempo com ele do que eu e também na medida do possível quando a gente tem algo que pode ser delegável também saber repassar seja um trabalho acadêmico, porque, muitas vezes, a gente tem tendência de abraçar o mundo [...] (Estudante 89).

O(a) Estudante 89 ao mencionar sobre o suporte da família acabou por tangenciar sobre o que ou quem ajuda esse futuro doutor em contabilidade no decurso de seu doutoramento. “[...] **tenho muito suporte da minha família**, logicamente que eles não podem fazer o meu trabalho, mas quando estou cansada, estou angustiada é com eles [...] que me dou o privilégio de [...] voltar para a normalidade [...]” (Estudante 51). Alguns dos futuros doutores também corroboraram com suas reflexões acerca do apoio recebido nesse processo.

[...]. **Minha família tem um papel fundamental são o meu alicerce e principalmente minha esposa** que também é acadêmica conhece um pouco dessa

demanda são eles que me sustentam nesse sentido [...]. **Em relação as lições vejo que são parecidas com as que tive no mestrado no tocante a elementos de resiliência, de força de vontade, de um grande acréscimo intelectual** visto que a gente passa a ser dominante de uma área específica, de temas específicos, que efetivamente a gente precisa ir um pouco além do que a gente fez em relação ao nosso mestrado, em relação aos nossos artigos, conseqüentemente vejo que esses foram os pontos principais e também essa busca da tentativa do equilíbrio, da saúde, equilíbrio mental e o equilíbrio intelectual, vejo que a grande lição que tive e venho tendo que não podem andar desconectados na gente precisa ter equilíbrio em todos os aspectos para efetivamente ter uma eficiência no nosso dia a dia e também felicidade (Estudante 30).

[...] **acho que estou aprendendo a ter que aceitar as frustrações da vida, que nem sempre tudo está sob o nosso controle, ajustar as expectativas e mudar o plano no meio do caminho**, acho que são algumas das coisas que aprendi [...] estou tentando dar o meu melhor, mas também **tenho apoio da minha família que me ajuda muito nessa questão de apoio emocional e do que eu preciso**, acho que são peças essenciais também para eu conseguir finalizar, se eu conseguir finalizar (Estudante 75).

[...] quem ou o que me ajuda a administrar os desafios impostos nessa construção? **bastante a família**, apesar de não entender muito como funciona o processo, mas minha mãe sempre buscou muito me fazer entender as questões do doutorado, o meu noivo que sobreviveu comigo todos os quatro anos do doutorado, **ele também sempre me falava para olhar mais os pontos positivos e olhar mais as coisas boas**, [...] mais nesse sentido de ter maturidade e saber que depende bastante da gente para ter o título, mas que as coisas se a gente seguir o que é planejado tudo acontece da melhor forma, talvez não no nosso tempo, mas acontece pode ter certeza [...] (Estudante 100).

Assim como Bowlby (1977) chamou a atenção em sua Teoria do Apego para a necessidade vínculos familiares, Popper e Mayselles (2003) alicerçados pela mesma teoria corroboraram com a ideia de proximidade entre equipes de trabalho. Em consonância Roach et al. (2019) trouxeram à tona que as relações de proximidade entre orientador e orientando são importantes e devem ser levadas em consideração.

Nesse ínterim, além da família como eixo principal de suporte, o vínculo e apoio do orientador, bem como dos próprios colegas do doutorado também se faz de essencial relevância no decurso de um doutoramento. **“Quem me ajuda muito é a Professora [...] ela é minha coorientadora e tenho um contato direto com ela qualquer barreira que encontro ou até uma leitura [...] eu mando áudio e depois ligo [...] é um contato muito direto, muito lindo [...]”** (Estudante 7).

**“O meu orientador me ajuda nesse sentido,** ele fala calma, vai passo a passo. O tempo dele também é curto é um dos fatores que fiquei tranquila também em relação a isso, é que a cobrança dele não é tão grande, exatamente, porque ele também não tem tempo [...] (Estudante 8). Tais sentimentos também foram expostos pelos(as) Estudante 57, Estudante 71 e Estudante 103.

**[...] principalmente o orientador com o seu conhecimento, os colegas de doutorado,** principalmente aqueles que têm uma facilidade maior de lidar com os temas, [...] **eu falo que se esse grupo de doutorandos não se unirem e não compartilharem tanto as suas dificuldades quanto as suas alegrias é difícil de caminhar sozinho [...]** (Estudante 57).

**Os meus amigos me ajudam muito, principalmente os meus amigos virtuais do doutorado,** não conheço todos, mas tenho mais afinidade com alguns e a gente fala todo dia praticamente sobre isso [...], porque quem está fora não consegue entender e às vezes a gente tem uma fala com orientador que é diferente do que a gente tem com as outras pessoas, acho que essas pessoas me ajudam muito [...] (Estudante 71).

**Quem ajuda a administrar os desafios impostos na construção em si, quem ajuda muito e eu não tenho nem como mensurar o quanto é o orientador.** Ele é a pessoa que acho que a gente tem mais parceria da pesquisa realmente para poder caminhar, acho que **um dos grandes desafios é o orientador e orientando pensarem igual,** às vezes a gente tem uma ideia e o orientador tem outra, a gente até chegar em um consenso [...], vamos para outra linha que eu não estou confortável [...] é um grande desafio se colocar no lugar do outro, isso é um ponto muito importante. **Com certeza o orientador, a orientadora é quem está sempre ali no suporte presente e isso é muito importante, o grupo de pesquisa também é importante [...]** (Estudante 103).

Tanto as lições quanto os desafios expostos pelos futuros doutores em contabilidade tangenciaram questões sobre a relevância em construir redes de relacionamento, parcerias, aprimoramento quanto a gestão do tempo e da comunicação. Para tanto, o desenvolvimento desses pontos acaba ser percebido de forma mais tangível quando, segundo Hinson et al. (2019), Wu e Parker (2017) e Yip et al. (2017) há uma base para essa exploração de saberes. Nesse sentido, cita-se, por exemplo o apoio da família e principalmente um alicerce promovido, por meio do orientador e de grupos de pesquisa.

#### ***4.3.2 O entremeio das relações diádicas – Orientador/orientando***

A busca por algum tipo de socialização do decurso de um doutoramento é desafiadora, pois nem sempre é um processo fácil de ser estabelecido. Quaisquer programas de doutorado representam um local de socialização, de conexão e (re)construção de ideias e perspectivas (Fox, 2018).

Torna-se importante adicionar que a referida reflexão parte do princípio em compreender as condições dessa troca, que Carter e Fuller (2016) denominam de troca social. Nesse viés de encontros e trocas, os 105 entrevistados foram instigados a comentarem sobre a seguinte reflexão: ‘Conte-me sobre o primeiro contato com seu(sua) orientador(a) e como é a relação (dinâmica dos encontros, as trocas de conhecimentos, etc.) de vocês.

Nesse contexto de conexão, o(a) Estudante 59 comentou: “[...]. Os encontros, eles acontecem regularmente, **a gente se fala muito, pelo menos três vezes por semana [...]** a **nossa troca de material é constante**, sim, eu vi alguma coisa que interessa, mando pra ela, ela manda pra mim quando a gente vai conversar. **É constante, constante**”.

Mesmo com a proximidade e certa dependência hierárquica (orientador para com seu orientando) possibilitar que este futuro doutor tenha determinada liberdade de optar ou opinar por escolhas que entender ser as mais viáveis para o objetivo de seu estudo também é algo importante a ser compreendido. Essa reflexão de liberdade é compartilhada nas argumentações dos(as) Estudante 1, Estudante 7 e Estudante 65.

[...] meu orientador, ele sempre foi muito receptivo, e **ele sempre me deu liberdade quando estava no período dos créditos**, ele estava mais próximo. Depois, **quando nós entramos na fase já da tese, desenvolvendo a pesquisa, ele também me deu liberdade [...]**. Os poucos encontros que nós tivemos depois disso foram produtivos, ele cobra bastante, mas ele está trabalhando também, está buscando informação, está

contribuindo com a minha pesquisa, acho que a gente está evoluindo nesse sentido. **Ele foi uma grande surpresa. [...]. É aquele Professor que não é o estilo dele, mas ele entende que a tese não é dele, então isso faz diferença** (Estudante 1).

[...] meu primeiro contato foi em um grupo de pesquisa [...] **tenho essa liberdade, a dinâmica de encontros é semanal** agora, então o que faço vou me encontrar com ela três, quatro vezes por semana não só sobre a tese e trocas de conhecimento, conforme vou lendo tudo a gente troca mensagem eu mando áudio todo dia [...] (Estudante 7).

A minha orientadora, o primeiro contato que tive foi na banca de admissão, a defesa do projeto para entrar, inclusive, foi um dos Professores que mais questionou, acho que talvez isso seja um ponto que me fez pensar no nome [...], porque se mostrou interessado, porque acho que quando o Professor não está interessado, ele nem faz nada. Ela mostrou algumas perguntas, achei que foi interessante, só fui ter disciplina com ela um ano depois de ter ela como minha orientadora. [...], depois tive um contato por e-mail, perguntando se ela tinha interesse na orientação, ela se mostrou interessada e a gente começou as conversas, por meus digitais. No começo, **a gente era até mais frequente em reuniões, todas elas também foram virtuais, a gente fez umas três reuniões para a gente alinhar**, efetivamente, os pontos para tirar algumas dúvidas e depois basicamente, o *WhatsApp* e troca de material escrito, **ela me dá muita liberdade** [...] (Estudante 65).

No entanto, às vezes essa liberdade e até mesmo uma visão de proximidade entre orientador e orientando nem sempre é percebida e/ou construída. Os(as) Estudante 11, Estudante 47 e Estudante 83 compartilham as suas reflexões e experiências:

[...] tive que ir para uma área que eu não era acostumada, não entendia [...], quando eu mandei e-mail pra ela fiquei nessa dúvida entre ela e outro Professor, ela demorou acho que um mês para responder o e-mail, para falar se iria aceitar ou não [...]. Aceitou. **Para eu conseguir conversar com ela, foi mais um mês, sempre foi assim, ela se sobrecarrega de muitas coisas na universidade e as nossas conversas são muito distantes** e quando a gente conversa, o tempo está passando, as coisas estão muito atrasadas, a minha relação com ela acabou ficando um pouco problemática por

isso, era pouco contato, **é uma relação distante, é uma pessoa muito humana, não é tão exigente, só que ausente** [...] (Estudante 11).

No doutorado, toda essa interação foi *online*, por e-mail ou conferência, por um lado, ganha agilidade e também de certa forma foi uma **questão prioritária de isolamento ao longo da pandemia e isso traz o ônus que é a perda da convivência**. A gente não tem muito espaço para as conversas um pouco mais aleatórias, um pouco mais pessoais, vamos chamar assim e fica **tudo muito objetivo, tudo muito direto ao ponto que esse é um aspecto que marcou bastante essa troca de conhecimento, ela foi sempre muito econômica**, vamos dizer assim (Estudante 47).

[...] vi ele três ou quatro vezes na vida, desde que entrei no doutorado, **ele é muito bonzinho, muito legal, ele concorda com tudo, mas ele não quer problema para ele, não se envolve com nada**, ele é bem o oposto, eu sofri uma pressão extremamente psicológica no mestrado do orientador que ele dizia você tem que ser bom, você não é bom suficiente, porque você não deu a vaga para outro, queria toda semana ver a minha dissertação como que estava, porque não tinha evoluído, ele estava ali em cima, era uma pressão psicológica que abalava o psicológico de qualquer aluno e no doutorado tenho o oposto tenho um orientador que diz: faz, confio em você eu escolhi você, porque sabia que você não iria me dar problema e isso também é desesperador, então os dois lados são extremamente desesperadores [...] (Estudante 83).

Outros pontos também externados pelos futuros doutores, como por exemplo, (in)dependência e (in)segurança. O(a) Estudante 13 compartilhou sua experiência:

[...] A nossa dinâmica [...] são poucos encontros, a gente não tem aquela agenda de ter encontro semanal, mensal, eu vou solicitando as reuniões e as reuniões acabam sendo de certa forma longas, porque como a gente demora para se encontrar tem bastante pontos para falar então **elas são bem esparsas, mas bastante inspiradoras sempre que eu saio de uma reunião com meu orientador saiu com brilho nos olhos, [...] da aquela renovada na pesquisa** que às vezes vai diminuindo [...] acho que nessa relação tem muito a questão de **ter bastante independência**, [...] tem orientadores que são mais diretivos, faça isso, faça aquilo vão orientando dessa forma e nesse caso eu tenho mais liberdade, mais independência para fazer do jeito que me apetece, por outro lado

esse formato, às vezes gera também insegurança, porque às vezes [...] **sinto falta de ter um pouquinho mais dessas conversas de troca de conhecimento**, de ter essas conversas não tão pesadas, [...] quanto mais independência, mais vai ter que lidar sozinho, quanto mais diretivo você vai ter que fazer o que a pessoa tá falando e você vai ter menos liberdade (Estudante 13).

As possibilidades das relações diádicas (orientador/orientando) trazidas no discurso do(a) Estudante 13 trazem à tona, por exemplo, questões acerca de proximidade, segurança, orientação e formação de vínculos sustentadas por Bowlby e Ainsworth como sendo importantes de ser compreendidas e estudadas. Tais questões ratificadas por Popper e Mayselless (2003) quando o tema tangencia a necessidade de apoio em equipes de trabalho e a relevância em levar em consideração que a necessidade de busca de conexão faz a diferença para aquele que é ‘dependente’, a exemplo, orientando(a).

Assim, os(as) Estudante 10, Estudante 12, Estudante 33, Estudante 38, Estudante 71 e Estudante 104 compartilharam suas compreensões sobre os encontros e as trocas de conhecimentos entre orientador e orientando e explanaram acerca da relevância quando há abertura para proximidades entre ambas as partes.

[...] **a nossa relação é muito boa e a minha orientadora é uma pessoa incrível em que eu me inspiro** e [...] que tem uma fusão com a docência, que é muito parecida com a que tenho [...] em termos profissionais, em termos de desenvolvimento da pesquisa, de orientação, de desenvolvimento de uma afetividade mesmo. Enquanto a construção dessa relação, **a gente tem uma relação muito boa, sempre teve uma relação muito boa, de escuta, de acolhimento** [...], ela sempre foi uma pessoa muito compreensiva, [...] de que eu tinha necessidades extra doutorado [...], tive familiares doentes durante a pandemia [...] isso trazia uma série de problemas para a minha vida pessoal que refletia no meu profissional. Não tem como separar 100% do tempo as duas coisas, ela sempre foi uma pessoa muito humana, sempre muito compreensiva, **ela tem obviamente a rigidez dela com o trabalho, com as pesquisas, com o que está sendo produzido, com o tempo. O tempo pra ela também é um ponto importante, mas ela sempre foi muito flexível, honesta, a gente sempre teve essa possibilidade de sentar, conversar**, [...] e ela acho que nesse momento é melhor isso, melhor aquilo, tente fazer isso, tente outras abordagens de estudo, tente outras questões, [...] **tenho esse privilégio de ter sido possível formar esse carinho de uma forma profissional com ela, [...] foi**



**um ambiente muito seguro**, [...] ela sempre se mostrou uma pessoa muito disponível pra todas as questões, foi muito aberta pra entender a holística do doutorado, o que está por volta desse doutorado que vai muito além de tudo que a gente precisa fazer pra cumprir os créditos de um curso (Estudante 10).

O meu orientador, [...] a gente tem uma relação próxima ao ponto de nossos encontros, a gente falar coisas da vida particular da gente, um para o outro é uma pessoa que respeito muito. [...], **a gente tem uma relação muito próxima**. E uma relação como se fosse mesmo de pai ou filha, nesse ano ele exigiu um pouco mais de mim, [...] nos outros anos ele me deixou mais solta, mas esse ano ele exigiu mais projetos [...], **a nossa relação é muito saudável, porque ele é muito parceiro**, [...] eu falo que fui muito abençoada [...], ele não me ajuda muito na execução da minha pesquisa, mas nas apresentações, ele nos defende muito [...], todas as pessoas que vão perguntar pra gente como que ele é como orientador, [...] se você for uma pessoa que consegue trabalhar bem e sozinha, vai com ele. Agora, se você já é o tipo de pesquisador que já precisa de que o orientador fique toda semana em cima, ele não seria a pessoa ideal. [...] eu passo à percepção que tenho. Ele pra mim é maravilhoso é uma pessoa que quero ter contato o resto da minha vida [...] (Estudante 12).

[...] ela que tomou a iniciativa, porque saiu a lista de aprovados na época, no meu processo seletivo, ela queria verificar se eu tinha interesse em continuar o processo de orientação com ela ou se eu queria partir para outra área de pesquisa, ela até deixou isso muito claro, se você quiser outro Professor, seguir outra área de pesquisa, e eu não a única certeza que eu tenho é que quero continuar com você, não sei o que quero pesquisar, não sei o que vai acontecer [...]. Eu tenho plena clareza do quanto sou privilegiada [...], **nunca estou sozinha, nunca estou desamparada no sentido de que tenho muita autonomia nesse processo**, claro a construção é toda minha, mas é compartilhado no sentido de que **ela está sempre acompanhando aquilo que estou escrevendo** [...] (Estudante 33).

[...] **o primeiro contato foi virtual, mas foi muito caloroso**, porque foi aquele momento que a gente teve a conversa bem aberta, **ela se apresentou com muita calma, com muita tranquilidade**, [...] e contei a minha trajetória, [...], o que fiz durante o

meu mestrado e fui contando as possíveis coisas que eu gostaria de pesquisar, na época do doutorado, [...] e a gente acabou chegando à definição do tema [...] (Estudante 38).

[...] conheci ela como aluno especial e nossos encontros são semanais é uma dinâmica bacana [...] **ela é muito Professora, ela faz todo o papel, ela lê, ela critica, ela pega no pé.** [...]. Não posso dizer que é normal, porque sei que muita gente não tem isso, não posso me queixar, **ela está sempre presente, a gente está sempre conversando sobre a tese** [...] (Estudante 71).

[...]. É uma pessoa maravilhosa, se fosse para destacar até uma segunda pessoa que também **ajuda muito a eu superar esses desafios**, com certeza o orientador. **Ele é uma pessoa extremamente humana, compreensível é de outro mundo.** Não é comum encontrar um orientador como ele e comparo com outros orientandos, outros doutorandos e percebo que tive muita sorte com o orientador (Estudante 104).

Nesse quesito de proximidade também existem situações que fazem com que quaisquer possibilidades de proximidade sejam inexistentes. Os(as) Estudante 44 e Estudante 48 pontuaram algumas de suas vivências:

**O primeiro contato foi totalmente assustador foi exatamente aquele momento que ela foi, falou comigo que eu teria que mudar para a área dela** e pra mim, aquilo ali ficou só remoendo, ficou martelando a cabeça, e **fiquei sem saber o que fazer, como reagir**, [...], **naquele primeiro momento foi traumático**, mas depois foi ficando bem mais leve, e **os nossos encontros eu prefiro que sejam sempre presenciais**, mas eventualmente, acontece alguma coisa e a gente faz *online*, mas normalmente é uma coisa bem informal, praticamente um bate-papo, eu geralmente levo o computador, [...] faço as anotações e a gente vai conversando e às vezes começo a expandir demais e ela vem e fala, [...] olha só vamos diminuir [...] (Estudante 44).

**O meu primeiro contato foi péssimo [...], primeiro ele mal me conhecia, chamou a atenção de mim por nada, sem necessidade, rude e sempre dizendo que eu não iria concluir o doutorado.** [...] no primeiro momento eu disse para a minha família que iria desistir foi bem complicado. A troca e dinâmica de encontros **não tem muita dinâmica e troca de conhecimento**, [...], porque não dá tanta abertura para essa troca de

conhecimento não. [...], eu não vou dizer pelos outros orientados, vou dizer a minha percepção, **é o grupo de pesquisa que eu posso ter uma troca e dinâmica de encontros, as pessoas são mais flexíveis, aberturas, acho que são mais humanas** (Estudante 48).

No tocante as formas de comunicação, ou seja, as vias pelas quais os encontros e as trocas de conhecimentos possam ocorrer, os(as) Estudante 6, Estudante 20, Estudante 35, Estudante 41 e Estudante 92 mencionaram a respeito.

[...] **acredito que a gente se comunicou por um ou dois meses por e-mail** e acabei marcando encontro com ele na faculdade, a gente conversou um pouco sobre interesses que cada um tinha [...]. Em relação à frequência de encontros a gente acaba tendo uma frequência não é exatamente cronometrada, mas dá uma frequência de reuniões praticamente mensais [...], a gente acaba tendo mais contato de forma mais recorrente por *WhatsApp*, **a gente conversa bastante por WhatsApp e a gente acaba trocando artigos** [...] e geralmente tem sido isso [...] (Estudante 6).

[...] **a gente oficializou que ela seria minha orientadora e a gente tinha contato online que a gente já estava na pandemia** e eu ingresso no grupo de pesquisa da qual ela coordena. [...] o meu primeiro contato presencial, acho que vai acontecer depois de um ano, no segundo ano do doutorado quando eu volto presencial e a gente se encontra, conversa e a gente tem uma troca presencialmente, mas durante esse processo a gente já tinha reuniões para a gente pensar pesquisa, pensar projeto e pensar a própria tese [...] (Estudante 20).

A gente tenta conciliar uma série de encontros periódicos presenciais para ir acompanhando a evolução, trocando ideia, e também **a gente se fala muito pelas redes sociais no geral, dividindo artigos, os insights, vídeos de softwares, de testes estatísticos que não funcionam**, e outras coisas do gênero, **a gente tem uma interação muito frequente** (Estudante 35).

Esse é um ponto sensível, o primeiro contato [...] essa questão da dinâmica de encontros, troca de conhecimento, foi algo que foi acertado diretamente **por esse contexto que a gente viveu da pandemia, isso criou uma distância e a gente não**

**conseguiu uma aproximação de fato, uma outra reunião *online*, mas muita coisa por e-mail ou via *WhatsApp*, não tive nenhum encontro presencial com o orientador [...], houve também um distanciamento pela minha proposta de pesquisa, eu não quis abrir mão do que eu queria pesquisar, porque é uma coisa que já venho maturando do ponto de vista de mercado, a gente não pesquisa na mesma linha, isso foi um grande problema, mas ao mesmo tempo ele me deixou à vontade para seguir a pesquisa [...]** (Estudante 41).

[...]. De encontros quando eu preciso dele, já monto uma mensagem, Professor tem um tempo para a gente conversar, se ele não pode naquele momento ele fala, essa semana não pode ser, não é uma coisa marcada, [...], no momento em que eu preciso e se ele estiver disponível, a gente já entra, **a gente se fala muito no *Skype*, [...], se ele está na frente do computador ele já me atende**, não tem muita demora, [...], às vezes a gente leva um sustinho dos Professores no primeiro momento, mas depois eles se mostram mais tranquilos [...] (Estudante 92).

Os(as) Estudante 8 e Estudante 17 também comentaram: “[...] **ele foi bem receptivo e todas as vezes que preciso dele, ele me atende [...]**, ele também é bem compreensivo, **muito boa nossa relação**”; “[...] **a gente conseguiu construir uma boa relação durante esse processo, ele gosta do tema, de debater, é muito acessível, [...]**, nesse aspecto, acho que tive sorte de ter conseguido esse orientador [...]” (Estudante 17). Outros estudantes também compartilharam suas reflexões e experiências quanto aos encontros e trocas de conhecimentos no decurso de seus doutorados em contabilidade.

**É o primeiro contato aconteceu ainda lá em 2019 no mestrado, [...], a dinâmica é muito boa, [...], ele é muito solícito, toda vez que preciso de alguma coisa ou ele me ajuda ou ele indica alguém que me ajude**, tem alguns outros doutorandos orientados dele que também passaram a pesquisar esse tema, **a gente acaba tendo uma troca em um grupo de pesquisa** que ele mesmo tem no programa, mas é muito bom, o nosso relacionamento é muito bom e esse primeiro contato aconteceu ainda lá no mestrado (Estudante 14).

[...]. **Ela dá suporte**, se você não entende de tal coisa fala comigo vamos nos reunir eu te explico e isso é muito bom, sabe isso **eu nunca tive em uma orientação nem**

**nas minhas graduações, em pós-graduação no mestrado, eu tenho um suporte da parte teórica muito grande dela, tenho suporte na minha escrita da tese,** ela é muito boa no que ela faz, ela é excelente. As questões particulares todo mundo tem sua forma de trabalhar, seu jeito de trabalhar, meu jeito de trabalhar não é o mesmo dela talvez por isso muitas vezes, não me sinto à vontade em ter orientação com ela, mas a gente encara porque ela me orienta, porém, todo suporte teórico empírico de trabalho de discussão é excelente [...] (Estudante 22).

O primeiro contato foi positivo, eu já esperava que ela fosse minha orientadora, estava com bastante expectativa de conversar com ela, de delimitar a proposta [...] para a gente desenvolver em conjunto [...], **nós nos encontramos não vou falar para você que tem uma frequência [...] é de acordo com a necessidade [...]** (Estudante 86).

[...]. Ele tinha já na época [...] **uma dinâmica de fazer orientações coletivas,** ele mantém isso até hoje, mas [...] **dá para marcar o horário individual também,** [...] ele fazia meio que uma orientação coletiva e a gente ia trocando ideias com todos os colegas que eram orientando dele sobre as pesquisas era assim que funcionava que funciona até hoje, [...], a gente vai colocando experiências, situações que aconteceram, dúvidas [...] (Estudante 99).

**O primeiro contato fui eu pedindo para ser orientanda, fui recebida de muito bom gosto lembro muito bem disso foi algo que me marcou,** inclusive acho que isso faz muita diferença, você ser reconhecido. [...] **a dinâmica é bem tranquila, a gente não tem aquele cronograma muito formal de todo dia,** [...] ele tem uma certa flexibilidade [...] (Estudante 103).

Em síntese ao abordar sobre os encontros e as trocas de conhecimento ocorridos entre orientador e orientando, os estudantes mencionaram com maior ênfase a importância de ter proximidade seja com o orientador ou em grupos de pesquisa. Tais conexões, promovem a possibilidade na formação de redes de relacionamentos, nos vínculos que propiciam segurança, bem como a existência de perceber no orientador alguma forma de inspiração que guia e sinaliza novas ações tanto na academia como em âmbito profissional.

Importante comentar também que essa relação diádica (orientador/orientando) permeou os argumentos dos estudantes tanto com relação a existência de apego ou desapego, ou seja, há

uma ênfase nesse vínculo em dois aspectos. Primeiro é no apego quando o estudante percebe na figura do orientador alguém em que possa sentir a existência dos vínculos seguros de proximidade, como por exemplo, na afinidade percebida e na abertura para trocas de conhecimentos. Segundo é no desapego quando o orientador também é referenciado, ou seja, lembrado em meio aos desafios no decurso de um doutorado quando não há abertura para proximidades e, por vezes, a depender do relacionamento profissional estabelecido, uma vontade, por parte do estudante em desistir do processo.

#### ***4.3.3 As adaptações a partir da escolha de uma linha de pesquisa***

A partir do momento em que novos desafios são compartilhados há uma tendência para que a capacidade de ressignificação atue de forma efetiva na geração de ideias e novas ações (Blumer, 1986; Carter & Fuller, 2016; Charmaz, 2014). Um dos desafios está relacionado, por exemplo a adaptação tanto dos Professores orientadores que receberam seus orientandos como dos próprios estudantes que serão orientados. Esse movimento de adequações e adaptações dá-se, principalmente pelas visões de mundo serem diferentes (Carvalho et al., 2010).

Nesse ínterim da compreensão a respeito das possíveis adaptações os futuros doutores em contabilidade forem questionados a refletirem sobre a aderência em relação as linhas de pesquisas junto a seus respectivos orientadores. Assim, foi perguntado: ‘Vocês pesquisam na mesma linha ou houve alguma adaptação de sua parte ou da dele(a)?’ Na intenção de possibilitar uma melhor compreensão a Tabela 6 expõe as reflexões externadas pelos estudantes.

**Tabela 6**

#### **Adaptações quanto a escolha de linha de pesquisa**

Vocês pesquisam na mesma linha?		Houve alguma adaptação de sua parte ou da dele(a)?
Estudante 1	Sim	“Só na tese que nós mudamos até então nós estamos no mesmo lado [...]”.
Estudante 2	Sim	
Estudante 3	Sim	
Estudante 4	Não	“[...] Ela não pesquisa especificamente o que eu estudo, o que ela faz é me ajudar no método [...]”.
Estudante 5	Sim	“[...] a gente pesquisa na mesma linha [...], mas, por exemplo, o tema que eu trouxe, ele até então não tinha pesquisado, até porque é um tema novo, começou a ganhar um pouquinho de força desde 2018 [...], mas a gente tenta sempre estar juntos, mas sempre na mesma linha”.
Estudante 6	Sim	
Estudante 7	Sim	
Estudante 8	Sim	
Estudante 9	Sim	

Estudante 10	Não	“[...] houve adaptações da minha parte e da parte dela [...], ela teve que se adaptar nesse sentido de mudar a perspectiva dela que era uma perspectiva muito só positivista e quantitativa do tratamento dos problemas para passar a enxergar a realidade [...] das pessoas, a visão das pessoas, a observação das pessoas sobre aquela realidade que eu estudei, [...], ela teve que se adaptar nesse sentido e hoje em dia ela é muito mais aberta ao qualitativo do que ela era em 2017, quando a gente começou as nossas conversas”.
Estudante 11	Não	“Por minha parte”.
Estudante 12	Não	“Houve uma pequena adaptação [...] apesar de não ser a linha dele, mas ele tem muito conhecimento prático do tema da pesquisa”.
Estudante 13	Sim	
Estudante 14	Não	“[...] ele pesquisa mais controladoria e eu fui mais para finanças públicas”.
Estudante 15	Não	“[...] na ideia inicial, eu queria uma outra coisa daí ele me propôs algumas outras áreas que ele estava pesquisando, posso dizer que houve uma adaptação da minha parte para a área dele”.
Estudante 16	Sim	
Estudante 17	Sim	
Estudante 18	Não	“Da minha parte”.
Estudante 19	Não	“Acho que a mesma linha não, mas tem uma adaptação até porque o nosso projeto de pesquisa ele necessita do que estou fazendo na tese, acho que ela também está ampliando um pouquinho a linha de atuação dela”.
Estudante 20	Sim	“A gente pesquisa na mesma linha, acho que uma diferença entre eu e ela é que as pesquisas que ela produz um pouco mais quantitativo e eu redireciono a minha produção para uma perspectiva um pouco mais qualitativa, mas a gente pesquisa na mesma área [...]”.
Estudante 21	Não	“[...] a gente não pesquisa na mesma linha [...], uma análise mais inicial, ele tem pesquisado, orientado, mas não é o foco dele, acabou que ele conseguiu adaptar a minha proposta, mas eu acabei também cedendo um pouco ao perfil de pesquisa dele [...]”.
Estudante 22	Sim	“[...] o que houve um pouco de adaptação foi na teoria utilizada para a tese, eu gostaria de trabalhar com a Teoria da Agência e ela trabalha mais com a Teoria Institucional [...]”.
Estudante 23	Não	“[...] nós dois tivemos que nos adaptar”.
Estudante 24	Não	“[...] a minha área acaba sendo muito diferente da área de contabilidade, apesar de ter a formação em contabilidade, mas efetivamente as minhas aulas são de administração e a minha linha foge muito do programa da contábeis”.
Estudante 25	Não	“[...] o meu orientador apesar de ter tido também uma atuação na área pública, a linha de pesquisa dele é sociedade privada [...], o desafio que a gente teve foi convergir [...], posso dizer que houve uma convergência dos dois lados [...]”.
Estudante 26	Não	“[...] tive que me adaptar a linha dele”.
Estudante 27	Não	“[...] teve um certo ajuste da parte dele”.
Estudante 28	Não	“[...] a gente meio que uniu uma área que ela é referência e pesquisa, e o meu interesse pelo tema, acho que talvez isso foi uma adaptação, porque realmente foi um interesse que eu tive pelo tema, mas era um tema que ela já pesquisava, isso facilitou muito [...] como eu já tinha interesse, acho que foi mais fácil esse processo [...]”.
Estudante 29	Não	[...] chegamos a uma reflexão eu e meu orientador [...] ao invés de trabalharmos com a linha financeira que é difícil a obtenção de dados porque não trazermos uma abordagem para o campo educacional, então juntos refletimos [...] e vimos que seria o melhor caminho a seguir [...]”.
Estudante 30	Não	“Adaptação da minha parte, esse domínio dele prevaleceu”.
Estudante 31	Não	[...] a parte do método é da linha dela, ela é especialista e acabou tendo que ler também sobre o tema da tese [...]. É a primeira vez que a gente estava olhava a fundo o tema então eu percebi um pouco mais que ela também precisou ler para poder adequar a metodologia ao que a gente estava propondo”.
Estudante 32	Sim	
Estudante 33	Sim	
Estudante 34	Sim	
Estudante 35	Sim	

Estudante 36	Sim	
Estudante 37	Sim	
Estudante 38	Sim	
Estudante 39	Sim	
Estudante 40	Sim	
Estudante 41	Não	“[...] houve um distanciamento pela minha proposta de pesquisa, eu não quis abrir mão do que eu queria pesquisar, porque é algo que eu já venho maturando do ponto de vista do mercado [...] a gente não pesquisa na mesma linha e isso foi um grande problema, mas ao mesmo tempo ele me deixou à vontade para seguir [...]”.
Estudante 42	Não	“[...] houve da minha [...] eu mudei para a área dela durante o doutorado”.
Estudante 43	Sim	
Estudante 44	Não	“Para mim foi totalmente uma adaptação e para ela é a área de pesquisa dela”.
Estudante 45	Sim	
Estudante 46	Não	“[...] eu tive que me adaptar”.
Estudante 47	Não	“[...] houve alguma adaptação por parte do orientador, porque essa era uma área bastante nova para ele, mas ele adotou de forma bem tranquila, sem problemas”.
Estudante 48	Sim	
Estudante 49	Não	“[...] foi mais adaptação da minha parte [...]”.
Estudante 50	Não	“Teve adaptação, tanto minha quanto dele [...]”.
Estudante 51	Não	“[...] eu acabei fazendo adaptação, mas ao mesmo tempo me identifiquei com essa parte econômica [...]”.
Estudante 52	Não	“[...] a adaptação dele, mesmo não sendo a mesma área ele está disposto a me orientar, ele fez uma adaptação [...] desde que fosse finanças, desde que fosse em métodos quantitativos”.
Estudante 53	Sim	
Estudante 54	Não	“[...] tem uma dificuldade de compreensão da parte dela em relação à especificidade que eu quero pesquisar [...]”.
Estudante 55	Sim	
Estudante 56	Não	“Eu diria que houve uma adaptação considerável da minha parte [...]”.
Estudante 57	Não	“[...] a gente teve que alinhar a linha de pesquisa que eu queria com aquela que ele tinha conhecimento e era capaz de contribuir pra que a tese pudesse evoluir [...]”.
Estudante 58	Sim	“[...] a gente pesquisa na mesma linha, o que eu precisei adaptar, [...] é o paradigma, ele é um pesquisador [...] que está dentro de um paradigma bem funcionalista, bem dentro do <i>mainstream</i> , ele faz pesquisa quantitativa, e o que eu quero fazer, primeiro, o que eu sei que é uma metodologia qualitativa [...]”.
Estudante 59	Não	“[...] o alinhamento é incorporar teóricos que eu estudo e ela também nesse sentido, então os dois incorporam coisas um do outro [...]”.
Estudante 60	Sim	
Estudante 61	Não	“[...] acho que teve mais da dele, porque, como eu falei, desde quando apresentei a ideia [...] venho trabalhando a mesma ideia, na verdade, de alguma forma ele que está se adaptando justamente para poder me orientar”.
Estudante 62	Não	“[...] de minha parte [...]”.
Estudante 63	Não	“[...] acho que no doutorado foi uma flexibilização das duas partes, chegou um momento em que [...] ele me ensinou no mestrado grande parte do que sei hoje no doutorado. Eu cheguei para ele disse assim: Olha isso aqui é um tema que dava para trabalhar. Vamos e ele pegou na minha mão e foi dizendo bora [...]”.
Estudante 64	Sim	
Estudante 65	Sim	
Estudante 66	Não	“[...] foi uma adaptação da minha parte”;
Estudante 67	Sim	“A gente pesquisa na mesma linha, mas ele é mais cético em relação à minha pesquisa, [...], acredito mais na minha pesquisa do que ele, nós temos uma visão diferente, [...], mas a gente pesquisa na mesma área [...]”.
Estudante 68	Não	“houve sim adaptação [...], mas houve adaptação no sentido de o meu orientador começar a investigar e participar também de encontros e de cursos, [...] em outras instituições sobre metodologias ativas. [...]”.
Estudante 69	Sim	
Estudante 70	Sim	
Estudante 71	Não	“[...] o meu tema e o jeito que estamos trabalhando na tese é um pouco diferente daquilo que ela está mais acostumada a fazer, ela está mais acostumada a fazer



		pesquisas quantitativas [...] e a minha pesquisa é qualitativa, [...] a gente está tendo que se adaptar a esse desafio [...]”.
Estudante 72	Sim	
Estudante 73	Sim	
Estudante 74	Sim	“[...] não precisou adaptação do macro temas o que houve foi uma adaptação de metodologia de forma de enxergar, mas os assuntos de forma geral são os que foram propostos no começo”.
Estudante 75	Sim	
Estudante 76	Sim	“[...] o tema em si certamente é um tema que ele conhece bastante, a metodologia foge um pouco do padrão daquilo que ele costuma pesquisar, porque a minha metodologia é qualitativa [...]”.
Estudante 77	Sim	
Estudante 78	Sim	
Estudante 79	Não	“Na verdade, a gente não pesquisa tanto na mesma linha [...]”.
Estudante 80	Sim	
Estudante 81	Sim	
Estudante 82	Não	“[...] julgo que teve muito mais concessão dele [...] o ajuste que ele precisou fazer [...] em um ramo de pesquisa, que tradicionalmente não faz [...] eu só tive que incluir algumas demandas de pesquisa que ele tinha interesse e que eu não tinha pensado inicialmente [...]. Alguns acordos ali que os dois fizeram para poder continuar trabalhando [...]”.
Estudante 83	Não	“[...] houve adaptação da minha parte [...] ele resolveu não opinar em nada, ele disse, vai fazendo e na banca a gente vê o que faz, mas fica sabendo que eu não gosto dessa forma [...] e ele não concorda muito e eu acabei fazendo a minha tese, ele só tem o nome lá [...]”.
Estudante 84	Não	“[...] tive que me adaptar, mas eu não vejo isso como um problema, [...] porque eu não tinha bagagem para escolher um tema [...] na época eu gostei de ser conduzido [...]”.
Estudante 85	Sim	
Estudante 86	Sim	“Sim, pesquisamos na mesma linha macro, porém [...] ela me propôs algo que eu não me adaptei muito bem, eu pedi uma mudança [...], ambas cederam um pouco [...], mas no geral, no macro a linha de pesquisa é a mesma”.
Estudante 87	Não	“[...] acho que é muito mais a capacidade dele se adaptar, porque para ele a contabilidade não é algo muito presente, ele tem que acabar se adaptando com a presença da contabilidade dentro dessa área de tecnologia, [...], esse é o grande desafio pra ele”.
Estudante 88	Não	“[...] é na mesma linha do programa, mas em relação aos temas, aos objetos de pesquisa não [...] e eu tive que acaba me adaptando [...]”.
Estudante 89	Não	“[...] acabei me adaptando um pouco mais a linha dele, mas foi por desejo próprio para sair um pouquinho do tema que eu pesquiso bastante”.
Estudante 90	Sim	
Estudante 91	Sim	
Estudante 92	Não	“[...] houve uma adaptação da minha parte, mas eu adorei e vou querer continuar pesquisando [...]”.
Estudante 93	Não	“[...] tive que mudar um pouco a minha perspectiva de pesquisa para se assimilar com a dele [...]”.
Estudante 94	Não	“[...] pesquisamos em linhas diferentes, mas ela aceitou a minha proposta [...]”.
Estudante 95	Não	“A gente não pesquisa na mesma linha, sou de tributária e o meu orientador não é da área tributária [...]”.
Estudante 96	Sim	
Estudante 97	Não	“[...] ele fez algumas adaptações [...]”.
Estudante 98	Não	“Adaptação dele [...] o tópico específico ele não trabalha [...]”;
Estudante 99	Não	“[...] acabei entrando na linha dele [...]”.
Estudante 100	Não	“[...] tive que me adaptar 100% a pesquisa do meu orientador”.
Estudante 101	Sim	
Estudante 102	Não	“[...] tive que me adaptar a pesquisa dele”.
Estudante 103	Sim	“[...] nós pesquisamos na mesma área, mas tem suas abordagens epistemológicas e até então eu vinha pesquisando dentro de uma abordagem diferente [...]”.
Estudante 104	Sim	

Estudante 105	Não	“[...] acho que foi mais da parte dele a adaptação do que da minha [...]”.
---------------	-----	--

*Nota.* Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

A partir da Tabela 6 percebe-se que dos 105 entrevistados, 51 sinalizaram que pesquisam ambos (orientador e doutorando) na mesma linha. Destes 51, apenas 10 comentaram que mesmo pertencentes a mesma linha existem algumas pequenas ressalvas, como por exemplo, diferenças quanto ao uso de paradigmas e abordagens (quantitativo e qualitativo) e adaptações quanto a escolha da teoria.

Em adição, 54 dos futuros doutores em contabilidade mencionaram não pesquisarem na mesma linha de seus orientadores. Deste número, 19 comentaram que houve adaptação por parte de seus orientadores e 14 referiram que a adaptação foi de ambas as partes. Por fim, 21 estudantes trouxeram à tona que houve a necessidade de adaptarem-se a linha de pesquisa dos orientadores.

#### ***4.3.4 A existência de (não)proximidade em momentos de incertezas***

Alguns teóricos como Bowlby (1969), Bretherton (1992) e Popper e Mayselless (2003) estudaram que as relações, a formação e a qualidade das influências recebidas ao longa vida afeta o comportamento das pessoas, principalmente em momentos de incertezas. Assim, com ênfase a fase adulta relacionado a equipes de trabalho (Popper & Mayselless, 2003) e pontualmente ao processo de um doutoramento (Marrais et al., 2018) há uma tendência ao surgimento ou a intensificação de sentimentos como angústia, medo e incertezas (Mathes et al., 2020).

Nesse contexto, intrínseco a essa vivência, a sensação de necessidade de apoio e o elo formado entre colegas e especificamente com orientador(a)/mentor se intensifica. Com ênfase a essa questão de proximidade em momentos de incerteza, os futuros doutores em contabilidade foram provocados a refletirem sobre o seguinte questionamento: ‘Houve algum momento de incerteza, medo ou angústia após a entrada no doutorado? Qual foi o papel de seu/sua orientador(a) nesse momento? Há algum tipo de proximidade entre vocês que tenha abertura quando tais sentimentos e preocupações surgem?’

Nesse preâmbulo de incerteza, medo e/ou angústia com relação a construção da tese, os(as) Estudante 2, Estudante 5, Estudante 11 e Estudante 16 compartilharam suas reflexões e seus sentimentos:

Eu tive vários momentos assim, [...], **tive vários momentos de angústia, principalmente agora com a construção da tese**, acho que duas semanas eu [...] cheguei na sala do Professor, [...], e disse: a gente está a seis anos juntos, eu nunca chorei na sua sala, hoje vai ser a primeira vez [...] de angústia mesmo, [...] de não saber como resolver [...], mas ele sempre foi muito de me tranquilizar, de [...] ver o que a gente pode fazer, [...] o que está acontecendo, ele explica, [...] e eu conto para ele, ele vai também lidando com essas perspectivas, até porque ele já deve ter passado por isso [...], a gente tem uma relação boa, ele consegue me tranquilizar nesse sentido de dizer vamos tentar outros caminhos, a gente tem caminhos, a gente só precisa escolher o melhor o caminho [...] (Estudante 2).

[...] **o que surge na verdade de medo, acho que muito a gente já pensa na tese, qual é o meu tema? como será que vou encontrar esse tema? e como que vou trabalhar isso com o orientador?**, mas às vezes a gente, ali na formalidade, a gente acaba não falando do medo ou das angústias não passando esses pontos para o orientador vejo, porque quando eu lia, a gente vai discutir o tema, a [...] conversa é diferente, quando vou conversar com o colega, estou preocupada com minha tese, [...] com o orientador acho que a atenção que ele dá [...] é direta com o objetivo de tratar do tema, você vê esse apoio, você vê que não está sozinha, que você tem alguém do teu lado, acho que isso é bem importante, é isso que vejo, tenho alguém do meu lado, mas é para construir a minha tese, para chorar um pouquinho e ficar do seu lado é o colega (Estudante 5).

[...]. **Houve momentos que quis desistir, principalmente na questão da tese [...] eu tinha que vir com a proposta da tese e as minhas conversas com a minha orientadora tinha um espaçamento muito grande e isso foi me trazendo muita angústia, foi me fazendo muito mal. Essa relação foi ficando ruim e cada vez mais fui tendo incerteza se iria conseguir concluir [...]**, chegou uma época que eu queria desistir [...] e pedi ajuda psicológica enfim, houve muito e [...] o papel da orientadora nesse momento acabou me trazendo mais angústia [...], quando a gente conversa ela tenta me tranquilizar [...], mas ela não é aquela pessoa de muita cobrança que as vezes também é um defeito se você for ver, mas **a ausência dela sempre causa angústia [...], o papel dela foi muito ausente**, então eu era muito sozinho, quando via meus colegas [...] toda semana [...] no desenvolvimento da tese junto com o pessoal

[...] e o meu não era, sempre sozinho então o papel dela nesse ponto foi sempre muito ausente [...] (Estudante 11).

[...] **acho que só no momento da construção da tese**, teve um momento em que acabei me perdendo, a tese estava muito grande e não conseguia entender onde que eu estava [...] e ele acabou me ajudando [...] com as revisões, para entender quais eram os pontos em que eu tinha que melhorar, [...]. **Quanto à proximidade de abertura, de sentimentos e preocupações não tem nenhuma proximidade quanto a isso, basicamente é uma relação estritamente profissional** (Estudante 16).

Outro ponto ressaltado pelos estudantes permeou as incertezas e angústias logo no início do curso em virtude do cenário pandêmico e conseqüentemente pela falta de construção de laços entre orientador e orientando. Ressalta-se que os 105 entrevistados fazem parte de um grupo de entrantes entre os anos de 2020 e 2021.

Sobre essa situação específica, o(a) Estudante 42 comentou: “Na verdade, incerteza que teve foi no período de pandemia que não voltavam às aulas, ficou aquele período que a gente estava parado e não tinha aula, mas tirando isso não teve nenhum momento”. Além disso, os(as) Estudante 1, Estudante 7, Estudante 18 e Estudante 37 também acrescentaram:

[...] **comentei sobre a Covid, sobre essa pandemia, [...] isso acho que foi uma das partes que não nos aproximaram tanto** quanto no mestrado, por exemplo. No mestrado eu tinha uma relação muito próxima com o meu orientador, estava sempre próxima, sempre acompanhando o processo [...], nesse período eu tinha uma interação maior, uma integração maior com os colegas e a equipe, era mais fácil. **No doutorado nós não tivemos esse acompanhamento, nós não chegamos a criar esse laço** (Estudante 1).

[...] **a incerteza, o medo e a angústia são todo dia**, para as pessoas eu passo essa imagem de otimista mais feliz, mas acho que sou uma pessoa bem deprimida internamente e nesse sentido existe essa angústia todo dia [...], **quem me apoia muito é a Professora** [...], nunca fui uma pessoa que estudava em casa e **a pandemia me fez aprender a estudar** em casa, porque eu estudava na faculdade e eu era comunicativa e [...] o fato de estar em casa acho que está um pouco mais

angustiante e meu apoio tem sido só ela e **infelizmente não surgiram grandes laços no doutorado como surgiu no mestrado** (Estudante 7).

**Eu entrei em 2020 e [...] a pandemia surgiu, houve um momento de incerteza, de medo, de angústia até porque ninguém sabia que aquilo iria acontecer ao certo e os Professores ainda queriam manter as aulas presenciais e a gente teve que cumprir, teve que participar em meio a tudo [...] até que ficasse tudo *online*. Com relação a dificuldade do curso [...] não tive momentos de pensar em desistir, tive momentos de pressão, de angústia, [...] sobretudo nas últimas partes do projeto, [...] tive muita dificuldade, atingi um nível de estresse elevado, nem no mestrado eu tinha atingido esse nível de estresse, porque estava me sentindo muito, de fato, sozinho na caminhada [...]** (Estudante 18).

**É complicado a gente relatar angústias para a orientador**, você tem que estar muito próximo dele [...], a minha principal angústia foi nesse último ano com a saúde, fiquei muito preocupado [...] ele é muito direto, ele é muito objetivo, então a gente conversa, ele, [...], parabéns, abraços, a gente não alonga muito as conversas. **Durante as aulas foram momentos bem angustiantes, por ser remoto, [...], teve também toda aquela dúvida da pandemia**, a gente tinha as mortes, tinha aquela reclusão nossa, tinha a questão da vacina, tinha a questão da política, o bom foi que **nós alunos a gente se ajudava muito, nós fomos muito solidários uns com os outros** não havia competição, que dizem ser comum, eu não percebia, [...] comecei a perceber essa competição já depois que acabou a pandemia. **O meu orientador nessa questão, ele não contribuiu muito, mas também não busquei, não tinha essa liberdade e achei prudente não levar para ele essas angústias**, ele nem sabe dessas angústias que a gente passou [...]. Ao longo da minha trajetória fui muito sozinho, minha mãe se separou cedo com duas crianças, não tinha muito que buscar nas pessoas esses momentos de pressão, de angústias, a gente tinha que encarar, isso, de certa forma me ajudou, mas tive colegas que sofreram muito mais do que eu, que choravam, que ficavam deprimidos com toda essa pressão e essas angústias e eu passei por isso [...] mais seguro (Estudante 37).

Além das incertezas na construção da tese, bem como pelo cenário pandêmico, alguns doutorandos explanaram outras situações que envolverem tais sentimentos no decurso de seus

doutoramentos, como por exemplo, angústias em torno da qualificação. Os(as) Estudante 25, Estudante 30, Estudante 53 e Estudante 99 comentaram a respeito.

[...] **um momento crítico na vida foi o momento da qualificação**, uma definição da linha mestre do problema de pesquisa central, acho que é um momento que você fica mais angustiado porque não tem ponto de retorno, a partir daquele momento você define aquele ponto e segue, é meio que uma decisão que vai ter repercussões até o final do programa, até a defesa da tese, **considero esse um momento de angústia** [...] (Estudante 25).

[...] **nosso contato de fato é mais para fins profissionais, acho que os elementos mais emocionais, as angústias principais vejo que tenho uma linha de contato mais clara com a minha família, esposa ou amigos próximos**, com ele de fato é mais profissional e vejo que **a principal angústia foi após a qualificação**, uma vez que me foi sugerido essa mudança de teoria que não foi pela banca, a banca até acatou, mas foi mais pelo orientador que era a teoria que ele não dominava muito e ele não se sentiu confortável de seguir com ela, foi muito desafiador [...], mas tive uma conversa com ele madura que a gente teria que buscar e isso acho que até falas dele, a gente teria que buscar uma certa maturidade e humildade para fazer as mudanças em prol de um objetivo maior que era além do desejo dos profissionais, meu e dele, era realmente da conclusão do doutorado e eu fiz essa mudança (Estudante 30).

[...] **acho que a todo momento, até o dia da entrega, acho que até ontem, quando estava entregando a qualificação, incerteza e angústia são a todos os momentos**, porque você está construindo um conhecimento novo, está entrando no território que não é de seu domínio, não é de sua comodidade, não é algo que você tem costume, um novo conhecimento, **angústia de você achar que vai desistir, você achar que não vai dar certo, você achar que você não vai conseguir entrevistar ninguém, você achar que ninguém vai lhe responder, que seus dados não vão conseguir rodar, isso é a todo momento** e o papel do orientador é fundamental, **o tempo todo a gente conversa com ela, [...] é de uma proximidade gigantesca, de uma abertura gigantesca, de abrir sentimentos, preocupações e angústia, conversar com ela [...]** e ela posicionar segundo a experiência dela, [...] é fundamental, **essa parceria com o orientador dá mais segurança, principalmente quando a gente vai para a qualificação**, que é o

primeiro embate com a gente convencendo, usando o poder de persuasão para mostrar que efetivamente a gente está propondo uma tese, até o ponto da Professora vir e dizer, olha, não se preocupe, se não tivesse bom, não deixava você qualificar, não mandava você para uma qualificação, [...] então isso dá uma certa segurança de que o trabalho está bom [...] (Estudante 53).

**Houve, com certeza, acho que não tem uma pessoa que vai dizer que não houve,** [...]. Sempre acontece tem aquele **medo de não dar certo e eu sempre tentei trocar essas ideias com ele, e ele sempre foi muito aberto** quanto [...], a gente tem uma relação boa, [...] no sentido de tranquilizar, no sentido de, por exemplo, ali **na banca de qualificação eu pedi para ele me dá uma luz, dá para passar? [...] ele disse [...] tá tranquilo, [...], então foi tudo bem, mas a gente sempre fica com o receio [...]** (Estudante 99).

Para Mathes et al. (2020) os sentimentos de angústias e estresses gerados na fase adulta fazem com que as pessoas procurem por apoio e segurança. Ao passo que, há uma tendência deste adulto pensar na possibilidade de desistir caso a sensação de apoio e segurança não sejam percebidos.

Os(as) Estudante 8, Estudante 22, Estudante 34, Estudante 44 e Estudante 76 compartilharam também as suas reflexões e seus pensamentos de desistir no decurso de seus doutoramentos.

Houve um momento bem crucial no meu doutorado, onde fui reprovada numa disciplina. Reprovada por mérito todo meu, de fato, me distraí nessa disciplina e fui reprovada [...], nunca tinha sofrido tal frustração na vida, nem desde o meu jardim de infância até o mestrado, **não tinha tido essa frustração de ter sido reprovada numa disciplina, aquilo me jogou no chão e naquele momento falei, eu não preciso do doutorado já trabalho, já dou aula para que estou passando por isso? [...] conversei com o orientador, vou desistir [...], quando disse desistir, ele foi me acalmando, ele foi me deixando tranquila e falou vamos tentar mais uma vez, se foi isso mesmo, você desiste, mas vamos mais uma vez, não tome essa decisão por um episódio [...], foi ele que não me deixou desistir naquele momento, foi ele senão teria desistido [...]** (Estudante 8).

**Houve muitos momentos de dúvida, de angústia, [...] muitas vezes me pergunto o que estou fazendo da minha vida? muito mesmo [...]. O papel dela por ter esse jeito um pouco mais enérgico houve um papel não positivo nas orientações, hoje já estou mais acostumado, mas nas primeiras orientações eu saía arrasado, tipo eu quero desistir, quero parar está tudo errado. O que eu faço? não tenho abertura com ela para dividir esses sentimentos, não tenho, infelizmente, gostaria de ter, mas não tenho [...]** (Estudante 22).

[...] tive uma reunião com a minha orientadora onde ela achou que eu não tinha desenvolvido o trabalho como ela esperava, enfim, ela faz, **ela gosta de botar terror na gente é meio que uma tortura psicológica que ela faz, é horrível, ela tem um lado bom, mas ela tem um lado ruim também [...]. Foi um momento que tive vontade de desistir do doutorado.** [...], foi algo que abalou um pouquinho a relação que eu tinha, uma relação de admiração muito grande por ela, depois disso, perdi um pouquinho dessa admiração, porque acho que ela chegou em um nível onde ela não tinha necessidade de fazer, inclusive ela tinha dito que se eu fosse dar aula e não desenvolvesse a minha tese, ela iria me largar [...] ela fez essa tortura, foi um período bem angustiante, bem ruim que [...] eu me senti incapaz, porque foi a maneira como ela fez eu me senti. [...], ter ingressado nesse meio tempo que tive esse atrito com ela e ter começado a dar aula foi algo que efetivamente foi muito positivo para mim, para sentir que não era incapaz da maneira como me senti naquele dia, foi o período mais complicadinho o restante levei tranquilamente (Estudante 34).

**Medo, incerteza e angústia foram todos, principalmente porque cheguei a pensar em desistir da vaga do doutorado e tentar no ano seguinte** e foi uma Professora [...] que falou, não, vai, você já fez o pior que é passar pela banca, [...] e quando tive que mudar o tema, mudar um pouco a área de concentração, fiquei em pânico, mas **não tinha muita proximidade com a minha orientadora na época, a gente não se conhecia**, fiquei meio apavorado, na época eu não contei para ela, contei para alguns amigos meus [...] naquele momento eu não sabia nem como reagi, como a gente não se conhecia, não sabia o que podia falar com ela, [...], é diferente quando você já tem proximidade, quando você já conhece, mas como não conhecia [...] **acabei dividindo esses momentos de angústia, mas não com a minha orientadora** (Estudante 44).



**Eu vou dizer que sim, houveram vários momentos, acho que tiveram momentos que pensei em desistir, me questionar se valia a pena todo esse processo,** acho que também me envolvi em algumas situações pessoais, particulares, que eu não estava me sentindo tão bem e você fica com aquela obrigação e às vezes você fica pensando, será que se eu me livrar dessa obrigação, as coisas também do outro lado não melhoram? [...] **tem sido um processo bem difícil, confesso que não vejo a hora de acabar, várias vezes fiquei pensando, por que será que vale a pena? Tudo bem já qualifiquei, estou na reta final, mas de repente é melhor simplesmente desistir,** acho que vai ser melhor [...], acho que praticamente todo mundo acaba vivendo em algum momento, e isso vai ser mais forte ou menos forte a depender de cada pessoa, **sou uma pessoa bem resiliente, dificilmente alguma coisa me derruba [...]** confesso até que **fiquei bastante surpreso de ter me sentindo assim, da maneira tão forte que me senti, realmente, em alguns momentos pensei mesmo em desistir, mas nunca conversei diretamente com ele sobre isso.** Ele é uma pessoa que várias vezes que a gente conversou, ele fala, faz um doutorado, não esquece dos filhos, não esquece da família, é super importante isso, as crianças crescem, não volta mais, ele sempre se mostrou muito humano nesse sentido, mas nunca me abri diretamente com ele [...] (Estudante 76).

Ainda em relação a (não)proximidade, o(a) Estudante 4 corroborou:

Na escala de um a sete de proximidade pessoal olhando a relação é extremamente funcionalista utilitarista, são aluno e Professora que chega lá tira dúvida e é isso, **nunca conversei nada com ela, assim pessoal ou alguma opinião ou dica, sugestão que venha fora desse âmbito,** por eu ser mais formal que é algo que **tenho que me desvencilhar ao longo do tempo, criar mais vínculos pessoais essa coisa toda, mas é extremamente utilitarista, nunca conversamos nada fora o tema da tese** (Estudante 4).

Algumas vezes o sentimento de angústia perpassa não apenas questões de falta de proximidade, como também as dúvidas pessoais sobre sua própria capacidade intelectual, das questões procedimentais de uma tese e até mesmo preocupações sobre os recursos financeiros para um pesquisador que está no decurso de seu doutorado. O(a) Estudante 13 relatou a respeito de alguns desses pontos.

[...] **incertezas, medos e angústias sim muitas, às vezes angústias, medos e incertezas sobre a minha própria capacidade intelectual que às vezes parece que está muito além do que sei, do que consigo saber, do que consigo adquirir de conhecimento**, quanto a minha capacidade intelectual, **às vezes medos, angústias e incertezas sobre os procedimentos mesmo sobre se operacionalmente vou conseguir realizar a pesquisa** isso surge também e surge também as questões financeiras [...], no começo **não tem uma segurança pra gente que é pesquisador, essa questão financeira, parece que ela sempre fica pairando, será que vai ter dinheiro para pagar a conta do mês que vem?** é algo que sempre está ali. **Sobre o papel do meu orientador nesses momentos não costumo compartilhar muito desses medos e inseguranças com ele, geralmente passo por esses momentos sozinha. Me recupero e quando a gente tem as nossas reuniões já procuro estar restabelecida**, evito ter a reunião nesse momento que estou completamente desestabilizada [...] (Estudante 13).

Na perspectiva da Teoria do Apego a base da proximidade são os vínculos que são construídos ao longo da vida. Bowlby (1977) também compartilhava a ideia de que “[...] o comportamento tem até agora apenas sido cuidadosamente estudado em crianças. O que é dito, no entanto, aplica-se também a adultos e a quem está agindo por eles [...]” (p. 204).

Acrescenta-se a esse raciocínio que o apoio familiar em conjunto com os vínculos formados no ambiente de negócios e/ou acadêmico tende a fortalecer a sensação de segurança e de possibilidade de alcance dos objetivos. O(a) Estudante 12 mencionou:

Eu vou te falar a verdade nunca tive vontade de abandonar o doutorado, às vezes a gente faz pequenos desabafos com colegas por estar cansado, por ficar exausto, às vezes a gente reclama de um Professor X que estava muito exigente, de outro Professor que, às vezes a gente não gostou da tratativa e fala da aula, [...], mas no mestrado, cheguei a sentar com o meu orientador no final do primeiro ano e falei pra ele, vou largar, de novembro para dezembro do primeiro ano, falei, não consigo mais, estou muito cansada, isso aqui não é pra mim, não tenho capacidade, **eu chorava e estava decidido [...] que iria largar**, [...], esse dia eu sentei, falei, depois ele falou você vai para casa, era uma sexta-feira, você vai para casa, você não vai pegar em nada, você não vai fazer nada, se tiver que entregar alguma coisa semana que vem vou conversar com o Professor, mas

essa semana você vai descansar, porque ele sabia que os pedaços do dia que eu tinha para estudar eram poucos, porque os meus filhos eram menores [...] e fiz como ele me indicou, [...] foi quando **fui conversar com a minha mãe**, e ela falou, você não vai largar, porque tudo na vida passa muito rápido, e vai passar, você vai terminar, você já chegou na metade, [...], então foi o conselho dela que me fez conseguir estudar, [...] tenho a minha mãe do meu lado, porque tudo que precisei, ela foi a pessoa que [...] fez de tudo, [...], **tive o apoio dela e o apoio do meu orientador foi essencial**, [...], no dia que terminei o mestrado, ele até lembrou do fato, [...] **o meu orientador, ele tem uma forma, gosto da forma como ele nos constrói, sem mostrar que está nos construindo, ele sempre está mostrando exemplos da vida dele, contando coisas, ele trabalha muito**, [...], **a minha relação com ele foi essencial**, [...], **com certeza eu poderia ter largado ou terminado aos trancos e barrancos e poderia nunca ter pensado em doutorado** [...] (Estudante 12).

A falta de apoio recebido no ambiente de trabalho (acadêmico) externado pelo(a) Estudante 12 é um dos pontos causadores de várias das angústias e ansiedades no seio da pós-graduação. Os(as) Estudante 14 e Estudante 21 ratificaram esse argumento:

**Nossa! Todo dia, toda vez que tinha que apresentar um seminário era um momento de muita angústia**, [...], a gente nunca sabe se é suficiente, se está bom, se está no caminho, as bancas sempre colaboraram muito, mas **os momentos de angústias são diários, quando preciso de algum detalhe que não conseguia encontrar, quando você prepara o material para enviar, toda vez que envia um material para orientador você pensa, nossa o que será que vai voltar?** mas tem sido bem tranquilo, aquela angústia passa logo no retorno, porque **eles sempre trabalharam muito bem o *feedback* comigo** [...], mas a angústia é diária, até um colega comentou [...] sobre essa angústia [...], de insistir nisso [...] e ele me falou uma frase que me marcou e guardo até hoje, ele disse assim, para quem corta o mato, quem derruba o mato sempre é mais difícil, o restante vai passar numa estrada um pouco mais limpa [...] (Estudante 14).

Sim, com certeza, fiquei tentando três anos no doutorado e mesmo assim, apesar de ter certeza de que eu queria muito aquilo, eu ainda não era Professora, [...], imaginava que entrar no doutorado era certeza que tínhamos trabalho depois e não é bem assim, recebi

alguns nãos, fiz alguns concursos [...], **gera uma incerteza, porque é uma dedicação tão grande que a gente tem, uma entrega de tempo, um psicológico, um financeiro,** [...], **a gente depende, sinceramente, de outras pessoas,** gera um desgaste emocional, gera uma ansiedade, uma preocupação se realmente esse é o caminho, mas nesse processo, meu orientador, [...], a gente tem um contato muito amigável, [...], a gente conversa muito, [...] **eu trocava com ele, tinha vezes que ele me achava [...]** **desanimada e falava não fica assim faz uma coisa de cada vez [...]** (Estudante 21).

Nessa linha de relação de diálogo com o orientador, o(a) Estudante 24 comentou: “alguma coisa de proximidade não [...] totalmente profissional, [...] apenas sobre os estudos, pesquisa e apresentações”. Além disso, os(as) Estudante 31 e Estudante 32 mencionaram a respeito de suas angústias após o término do doutorado, mais especificamente, com relação a entrada e/ou continuidade no mercado de trabalho.

**A preocupação surgiu após a conclusão, porque se você for pensar na carreira de Professor no setor privado são pouquíssimas instituições que dão um retorno para o nível de conhecimento que você adquiriu. Outra alternativa seria uma instituição pública, mas a concorrência é muito grande então a angústia que tive foi [...] em relação a isso.** A minha orientadora ela é uma ótima pessoa, ela teve experiência diferente, porque ela cursou o doutorado em outro país, ela não teve, por exemplo que trabalhar durante o doutorado, diferente da maioria, ela teve outra experiência, ela sempre falava em apreciar o momento, a olhar as oportunidades, aqui não dá para fazer isso, porque sempre tem que estar trabalhando e estudando, mas ela entende e sempre tentou adaptar o nível da cobrança com a realidade que estava experienciando, se passo 40 horas semanais trabalhando ela não exige um nível de excelência como se eu tivesse só estudando, só focado naquilo, ela sabe ponderar o que seria adequado para uma tese, mas também ela não fica elevando muito a barra, porque ela sabe que infelizmente não dá [...] só focar na tese [...] (Estudante 31).

[...] no início não houve, no início eu tinha quatro anos para ficar um pouco preocupada [...], **mas a partir desse ano, terceiro ano, foi o ano que todas essas questões começaram a surgir, medo, incerteza e angústia existem desde o mestrado, [...]** e **agora que se aproxima do final do doutorado isso aumenta, porque é o problema de se estar com vínculos temporários. Se tivesse uma coisa que eu poderia escolher**

**que mais reclamo desse período que a gente está vivendo, o acadêmico, é a questão do temporário. Isso gera muita angústia, muita ansiedade, muita dúvida e agora que se aproxima do final tem gerado mais e tem feito eu pensar no que vou fazer, penso muito sobre as decisões que vou tomar nesse momento e todas essas decisões, divido, compartilho, falo com o meu orientador a respeito,** acho que, de certa forma, poderia dizer que a obrigação do orientador é orientar com relação ao doutorado, essas decisões que você faz, a tese que você constrói, porém, muitos dos orientadores e o meu se encaixa fazem muito mais do que isso, que é dar todo o suporte que é necessário para a vida acadêmica e a vida profissional do aluno, sempre tive essa abertura do meu orientador [...] (Estudante 32).

Outros pontos trazidos pelos futuros doutores em contabilidade sobre as incertezas e angústias no decurso de um doutoramento tangenciaram a preocupação com os recursos financeiros (Estudante 33 e Estudante 83) e questões pessoais (Estudante 38, Estudante 50 e Estudante 102).

[...] **houve vários momentos de angústia, incerteza, ansiedade,** [...], sou uma pessoa que [...] tem muito receio e medo de que as coisas não vão dar certo e como **ingressei já como bolsista,** basicamente, **tinha muito receio de não dar conta, de não dar conta e ter que, por exemplo, restituir a bolsa** [...], esse foi um grande receio [...] desde o início [...] (Estudante 33).

**Teve um momento em que terminei as disciplinas e eles cortaram a bolsa [...] fiquei pensando e agora? para que lado vou?** eles meio que me colocaram contra a parede [...] se você quiser continuar com a bolsa, você tem que mudar [...], quando fui olhar o aluguel era dois mil e tanto só de aluguel, só para morar, eu não quis me submeter a morar de favor, morar em quitinete, [...] tive essa incerteza [...], ele não falou nada, ficou quieto [...], fiquei chateado com o programa por ter me tirado a bolsa, porque aquilo **acabou com meu psicológico por vários meses, fiquei seis meses sem conseguir mexer na tese,** porque você fica pensando vou ter que largar tudo, vou ter que abandonar tudo, **porque preciso trabalhar e comecei logo que me tiraram a bolsa, comecei a trabalhar para ganhar um dinheiro** [...] **tinha que ficar o dia inteiro naquilo e sem mexer na tese então ali foi onde gerou a maior angústia da minha vida** (Estudante 83).

[...] sim, muitos, medo, angústia, [...] todas as coisas do doutorado, justamente porque era algo que eu queria, era algo que eu almejava, que ainda continuo querendo, continuo almejando, se Deus quiser vou terminar, só que a nossa vida não está focada só no doutorado, **a gente está fazendo o doutorado, mas a gente tem mãe, a gente tem pai, tem irmão, tem filho, a nossa vida não para e infelizmente, durante esse meu processo de doutoramento, [...] aconteceram muitas coisas na minha vida pessoal [...]** (Estudante 38).

**Acho que eu começaria respondendo, qual foi o momento que não teve insegurança e incerteza, [...], principalmente por causa das questões familiares, a saúde mental ficou bem prejudicada [...].** A gente conversa muito sobre a área acadêmica, porque quando eu entrei tinha algumas ideias meio românticas com relação à academia, ao trabalho na academia e a gente conversa bastante sobre isso e **ele me incentivava muito a buscar outras coisas, tanto não só na academia, mas também na vida profissional,** a gente já conversou bastante, [...] ele me contando algumas experiências e eu falando também do que espero daqui para frente da vida profissional (Estudante 50).

Teve bastante momentos de incerteza, medo e angústia, principalmente no início, acho que no primeiro semestre foi bem complicadinho por esses motivos [...] de algumas questões psicológicas, mas [...] meu orientador, ele foi importante sim, não vou tirar o mérito dele, ele me acalmou, conversou comigo, porque ele tem uma forma de ser bastante rígido no programa, me deu bastante medo, mas ele me acalmou de muitas formas e **durante o primeiro ano a gente tinha proximidade para falar de sentimentos e preocupações, mas eu confesso a você que ao longo do tempo isso foi mudando, a gente foi tendo mais afastamento** (Estudante 102).

No intuito de ratificar a importância do suporte no decorrer de um processo de doutorado, os(as) Estudante 35, Estudante 36 e Estudante 52 comentaram:

Eu não tive esse problema já estava bastante determinado a fazer o doutorado já vinha de uma longa atividade acadêmica, emendei duas graduações presenciais completas, depois um mestrado, o doutorado, para mim já era um passo natural, era algo que eu queria muito, porque não tive nenhum conflito ao longo do processo, mas o

**relacionamento facilitado e aberto com o meu orientador, certamente me permitiu, em muitas vezes, dividir com ele preocupações do campo pessoal, que talvez se tivéssemos um relacionamento mais distante, eu não teria feito, e acho que isso é bastante positivo pra mim (Estudante 35).**

**Incerteza não e medo também não, mais angústia sim por conta do volume de atividades.** Em algum momento a gente tem os altos e baixos também sente um pouco cansado nesse processo, mas em relação a certeza do que estava fazendo sempre tive isso muito claro, sempre quis fazer e amo muito sabe, **nunca cheguei a discutir essa questão de angústia com orientador, mas porque ele sempre foi mais proativo nesse sentido de incentivar, de acompanhar, de ver o que está acontecendo [...]** (Estudante 36).

**[...] não teve essa angústia, essa preocupação, mas um pouco também, porque a gente tem sempre esse contato, o contato nosso a cada 15 dias a gente fala [...] e tem essa liberdade para você falar alguma coisa sem medo, se você quiser, [...], da minha parte sempre fiquei muito tranquilo, bem amparado, então não tive espaço para angústia [...]** (Estudante 52).

Em contrapartida, o(a) Estudante 57 compartilhou parte de sua experiência a respeito da relação orientador/doutorando.

**De certa forma, a gente não tem tanta abertura, o meu orientador percebo que ele é uma pessoa [...] não tão ligada a sentimentos,** para assim dizer, ele é mais focado, ele é mais preto no branco, pega e faz, resolve e em momento de angústia, **talvez seja esse momento agora, esse último em que o tempo, [...] está chegando e às vezes [...] a gente pensa que não vai dar certo, não vai dar conta,** pede prorrogação e sinto que com ele esse tipo de atitude não é bem vista [...] que para ele tem que ser cumprido dentro daquilo que foi programado, **[...] não tem abertura para que a gente possa questionar por questões mais sensíveis, por assim dizer, a gente tem que ser mais maquinado no processo** (Estudante 57).

Os(as) Estudante 58 e Estudante 86 também compartilharam suas experiências.

[...] **tive alguns momentos de angústia, estou atualmente em um deles, inclusive, [...] estou em um momento realmente de decisão que não cheguei a compartilhar [...] com o orientador,** é que o estudo é difícil, não estou conseguindo avançar, trabalhando demais, e ele me ouve e ele entende, porque ele viveu o que vivi [...], sinto que vou ter que ter essa conversa com ele [...], vou ter que tomar algumas decisões, porque o doutorado é importante para mim e sei que ele deve provavelmente apoiar essa minha decisão, [...] por isso que quero muito ter essa conversa, compartilhar essa angústia, mas é uma angústia com uma solução, a solução é de fato tomar algumas decisões que me levem a ter mais tempo pra me dedicar realmente ao doutorado, não quero perder, quero conseguir fazer uma boa tese, fazer um bom trabalho [...] (Estudante 58).

[...] sempre quis fazer o doutorado, isso era um objetivo que queria concluir, comecei, sempre tive na minha mente que iria terminar, o meu objetivo na realidade era terminar antes dos quatro anos, porém, não consegui, estou no último ano e ainda acho que vai demorar um pouquinho de tempo, [...], quando a gente está dentro a visão muda, a gente vê que o negócio não é bem assim, [...], **não sei se senti mais medo ou frustração de não conseguir cumprir determinado prazo ou o medo de não dar conta da carga da atividade [...], sempre pensei comigo que é importante a gente ter também um momento a parte com a família, um momento de lazer não dá para simplesmente fingir que o mundo não existe, porque estou fazendo doutorado, isso não é saudável para o corpo, para mente,** sempre tive essa premissa de dedicar tempo também para o lazer, acho que esse fato de ter internalizado fez com que a carga fosse menor [...]. **Com relação ao meu relacionamento com a minha orientadora nesses momentos de incerteza sempre converso com ela, sempre exponho para ela o que estou passando [...]** ela sempre é receptiva, sempre ajuda tanto na questão teórica da tese em si como na questão pessoal [...] (Estudante 86).

Adicionalmente, o(a) Estudante 89 corroborou a respeito da relevância dentro de um doutoramento de uma rede de apoio, como por exemplo, além do orientador e do programa também o vínculo com os colegas.

[...] essa pergunta é muito boa, mas digo que hoje no doutorado sou muito mais seguro, mas, por exemplo no mestrado que é um rito de passagem que está saindo de uma



graduação indo para o mestrado pesquisar, acho que é um degrau, um passo muito alto que você dá nesse degrau da graduação para o mestrado, [...], **tive vários momentos de incerteza e angústia, será que estou indo no caminho certo?** Até porque a maior parte das vezes a gente por mais que tenha orientador acaba sendo um pouco largado, a maior parte dos orientadores acaba deixando muito nas costas do próprio orientado, tive esses momentos de dúvida muito no mestrado, acabei resolvendo esses problemas com os amigos, que **você acaba fazendo amigos que estão na mesma situação, seja no mestrado, seja no doutorado e essa troca de ideias acho que é fundamental é uma rede de apoio que você acaba construindo com amigos**, tenho particularmente três amigos do mestrado que depois vieram fazer doutorado e que são muito próximos e a gente sempre compartilhou tudo [...]. **O doutorado em Contabilidade ainda que surja alguma incerteza, mas essa rede de apoio para mim, ela já é suficiente para conseguir encarar com certa tranquilidade, nem precisei recorrer ao meu orientador**, se acontece algum momento [...], se tiver necessidade de falar com ele, acho que ele conversaria também de uma maneira tranquila, mas felizmente não foi preciso [...] (Estudante 89).

O(a) Estudante 69 adicionou a respeito de algumas formas para buscar amenizar as angústias e ansiedades vivenciadas no doutorado, como por exemplo, a prática de exercícios físicos.

[...] **penso nisso todos os dias**, [...] meu caso é bem cômodo, porque estou fazendo doutorado na minha cidade com custo zero, a universidade é gratuita, estou morando na minha casa e o que acontece? [...] **todo dia eu ficava pensando, vou desistir**, [...] **não vou conseguir desenvolver um projeto. Procuro fazer atividade física, constantemente**, natação, corrida, musculação, o que for de atividade física, não abandono a atividade mesmo sabendo que tenho muita coisa a fazer, não deixo de fazer atividade física, [...] **para poder ter o mental centralizado** e o que peço a Deus é saúde, fé e paciência [...] (Estudante 69).

Há uma tendência dentro do aspecto de proximidade da relevância que o orientador tem frente aos momentos de incertezas. Tais incertezas que, prioritariamente, geraram em torno da construção da tese, de determinadas dúvidas relacionadas a capacidade intelectual de persistir

no doutorado, além do pouco vínculo entre orientador e orientando pelo fato do cenário pandêmico tendo em vista os anos de ingresso dos entrevistados (2020 e 2021).

Outro ponto sinalizado foi com relação a importância da família e em especial as redes de relacionamentos as quais são construídas no decurso do doutorado. Tais redes de apoio foram suscitadas como de fundamental relevância no sentido de que os doutorandos conseguem compreender que não estão sozinhos no processo.

#### **4.4 Implicações teóricas na construção de uma tese**

Vinculada a quaisquer escolhas de teorias se está em busca de explicações para determinados fenômenos. Estes irão nortear o posicionamento do pesquisador. Além disso, sua compreensão depende da visão de mundo de quem encontra-se como observador do fenômeno (Ahrens, 2009; Jonker & Penink, 2010; Magrini et al., 2024).

Ao tencionar tais pontos para a área das ciências sociais comenta-se que para a composição do que se entende como “boa” teoria há a necessidade de elementos que sejam coerentes com o problema de pesquisa (Jonker & Penink, 2010). Ademais, a composição de um escopo que demonstre as escolhas do pesquisador, como por exemplo, quanto as suas lentes ontológicas e epistemológicas dizem muito sobre a visão de mundo e as formas de construção de conhecimento de cada sujeito para cada fenômeno a ser analisado.

Tomando-se como premissa tais posicionamentos optou-se por compor o entendimento a respeito das implicações teóricas na construção de uma tese tendo em vista três elementos: (i) a (des)conexão entre a construção teórica e o problema de pesquisa; (ii) a (não)intencionalidade na escolha de uma teoria e sua relevância para a tese; e (iii) o uso dos termos ontológicos e epistemológicos na construção de uma tese.

##### ***4.4.1 A (des)conexão entre a construção teórica e o problema de pesquisa***

Ao conectar e relatar conhecimentos e descobertas há uma tendência para que a condução das pesquisas se torne mais sólida. Para Delyser et al. (2012) e Marrais et al. (2018) a partir do momento em que se consegue dialogar, argumentar de forma escrita e relacionar conhecimentos inicia-se o caminho de um pesquisador.

Assim, o intuito do questionamento envolve a compreensão dos vínculos percebidos pelos futuros doutores em contabilidade quanto ao objetivo que pretendem com suas teses em convergência com o arcabouço teórico escolhido. Nesse sentido, foi perguntado aos futuros

doutores em contabilidade: ‘Com relação a construção teórica de sua tese, como você a percebe hoje, foi difícil de encontrá-la, construí-la ou foi algo natural/tranquilo tendo em vista o problema que você busca responder?’

Algumas das argumentações tangenciaram dificuldades em encontrar uma teoria que fosse mais aderente ao objetivo pretendido. Os(as) Estudante 1, Estudante 10, Estudante 52, Estudante 58 e Estudante 87 comentaram a respeito.

**Não foi tranquilo, a construção da minha tese na questão dessa formação do meu corpo teórico, porque até agora, ainda estou em dúvida sobre as teorias que estou utilizando,** trabalho com uma pesquisa construcionista construtivista, esse era o meu foco desde o início, para essa parte mais crítica, mais analítica da pesquisa sobre os enfoques, porque estou pensando no indivíduo e como o indivíduo se vê no local de trabalho e como ele se molda na sua trajetória, nas diferentes fases da sua trajetória, **tive dificuldade para enquadrar uma teoria, ainda não tenho uma teoria específica [...]** (Estudante 1).

**Eu acho que tranquilo é uma palavra que se aplica a muita coisa, mas acho que não a construção de uma tese,** principalmente da escolha, da seleção [...] do aspecto teórico que a gente vai ter por trás da tese, a minha construção da tese, ela surge [...] da minha orientação para o problema, e depois as outras questões vão surgindo, ontologia, epistemologia, a teoria, metodologia e a parte operacional, o método em si, as coletas e análise dos dados [...]. **A construção da teoria da minha tese, ela não foi uma coisa tranquila, não foi uma coisa fácil, justamente por causa das minhas preocupações que surgem de natureza social, a dificuldade de encontrar uma teoria que suportasse essa minha preocupação, ela foi uma coisa um pouco complexa de ser construída, em vários momentos eu me peguei pensando sobre isso, que tipo de abordagem teórica comporta a visão sobre o problema que quero tratar na tese,** porque eu poderia escolher dentro do problema que tenho diversas abordagens, [...] só que a visão que eu queria ter foi muito difícil de encontrar uma teoria que me desse suporte, [...] **depois de ter decidido a teoria, de ter feito a seleção da teoria, todas as decisões que foram tomadas em cada fase foram acompanhando essas justificativas teóricas para a construção da metodologia, mas isso tudo fundamentado nessas minhas preocupações, que chegam nas questões ontológicas e epistemológicas [...] qual é a minha visão de construção de ciência? qual é a minha**

**visão de mundo que quero tratar esse problema? e por que a teoria vai me ajudar nesse sentido? [...], não foi um processo fácil, [...]** essa ligação entre a teoria e o meu problema, ela ainda não tinha sido feita nos trabalhos anteriores que eu li, a dificuldade foi tanta que a teoria não suporta o meu problema, ela chega próximo do meu problema, mas ela não encontra esse problema, essa aproximação do meu problema com a teoria, ela tem que ser feita no meu trabalho, foi uma construção bem difícil e dolorosa ao longo da construção do meu projeto de tese lá no início (Estudante 10).

Ela não tem sido [...] uma teoria fácil de construir, foi fácil de encontrar, [...] agora o como que nós vamos desenvolver dentro dessa teoria é que ainda tá meio confuso, **nós estamos ainda trabalhando como completar a teoria que nós escolhemos dentro da perspectiva de pesquisa que nós optamos** (Estudante 52).

**Zero tranquilo** e ainda estou nessa fase de realmente refinar, com risco de encontrar coisas no meio do caminho, como eu vou a campo, [...], não sei ainda se vou fazer uma abordagem mais abduativa, existe essa opção, mas ainda estou nessa fase, essa fase para mim [...] não é simples, no mestrado me lembro que foi um pouco mais prático, tomei uma decisão de lente teórica, e fui, agora está muito difícil, [...], **depois da qualificação, que vieram algumas sugestões começou a ficar mais claro, comecei a tomar uma decisão e mergulhar nessas teorias para tentar e deixar bem encaixadinho com o meu problema de pesquisa**, minha questão de pesquisa, mas não foi um caminho tranquilo, exigiu muita conversa, muito *feedback*, muito estudo, muita leitura, não foi tranquilo (Estudante 58).

**Essa parte foi extremamente difícil, por que ninguém quase fala sobre isso em contabilidade, achar uma teoria que se adequa a uma questão de pesquisa que ninguém fala e que ninguém estuda é uma lacuna imensa. [...]** foi bem difícil a construção da teoria e hoje vejo que aquela disciplina [...] de epistemologia foi fundamental, porque através daquela disciplina a gente vem fazendo a construção do topo, [...], a gente chega numa teoria que é uma teoria que já foi utilizada várias vezes, mas que agora ela vai ser puxada por um outro lado que **ainda não foi visto** (Estudante 87).

O(a) Estudante 13, ainda, acrescentou:

**Eu achei difícil, porque para mim o meu problema de pesquisa, ele está numa área interdisciplinar**, essa base teórica está um pedaço em cada lugar, está em finanças, em contabilidade, está em economia, está em educação, está em psicologia, como é uma área que tem todas essas pernas achei difícil construir a base teórica [...] (Estudante 13).

Esse ponto da interdisciplinaridade mencionado pelo(a) Estudante 13 é um dos principais desafios externados pelos futuros doutores na construção de suas teses. “[...] tem sido bem complexo, porque é um campo de pesquisa novo, aliás é um tema de pesquisa que têm poucos trabalhos, são trabalhos de psicologia e a gente tem que [...] ter um cuidado muito grande., tem sido absolutamente difícil” (Estudante 88). Os(as) Estudante 86 e Estudante 103 também comentaram:

É foi um pouquinho difícil, [...] é algo que queria trabalhar e também algo que responde meu problema, [...] **comecei a entrar por áreas muito filosóficas, da sociologia e essa leitura ela acaba sendo um pouco mais pesada, um material mais pesado para a gente ler**, algumas fontes difíceis de achar também, a gente tem que recorrer de ajuda para alguém achar para gente, porque senão você não consegue citar o trabalho, você não consegue utilizar, não consegue ler, foi um pouquinho complicado, não foi fácil (Estudante 86).

**Foi muito difícil, tem estágios eu acho que é importante a gente entender que tudo no doutorado ele foi por estágios, começa quando você olha para trás e é [...] um pouco mais complexo, porque você vê um mundão ali e até você conseguir alinhar e encontrar informações parece que você está literalmente [...] não chega na pergunta correta, na abordagem correta**, o começo para mim é desafiador, a minha ideia de pesquisa ela veio de uma disciplina que fiz e foi super legal, porque foi algo que me identifiquei muito, [...] antes eu estava discutindo outras ideias com o orientador e a gente estava naquele processo de chegar num ponto ideal [...] e nesse processo até que **fiz uma disciplina [...] foi tão interessante que nesse processo tive que literalmente sair da minha caixa contábil, eu iria começar a ler coisas em outras áreas e quando comecei a ver as outras áreas tem um mundo muito maior [...], buscar um pouco dessa interdisciplinaridade [...]**, a gente não vai ter resposta

para tudo é por isso que a tese existe e a gente delimitou aquilo e começou a trabalhar com o orientador, com um grupo de pesquisa, com a banca [...] (Estudante 103).

Alguns dos futuros doutores expressaram suas experiências positivas na relação da construção teórica de suas teses. Tais relatos podem ser lidos, por meio das falas do(a) Estudante 2, Estudante 6, Estudante 35, Estudante 41, Estudante 42 e Estudante 82.

**[...] foi mais tranquila a minha construção teórica, em que sentido? As pesquisas que eu ia lendo na hora de definir [...] elas foram me levando para a teoria, elas me conduziram a essa teoria e essa construção teórica, [...], algo muito natural,** foi acontecendo de forma muito natural a partir do momento em que eu ia aprofundando as leituras, fui entendendo um pouco mais de como iria ser essa construção teórica [...] (Estudante 2).

**Pergunta complicada de responder, porque você acaba olhando com os olhos de hoje, então eu já estou mais ou menos caminhando para o final, então olhando para trás tendo a falar que sim que foi tranquilo, porque deu certo, eu passei pela qualificação e tudo mais estou indo para o final [...], mas é claro que não é até a definição, até chegar a definição de algo que parece que vai dar certo que tem mais, pelo menos, aparência de ter uma base mais sólida de trabalho é claro que esse processo ele não é tranquilo. Ele é cheio de incerteza [...].** Ele acaba sendo natural no sentido que pelo menos da maneira como percebo todo mundo acaba passando por isso de alguma maneira, por isso que relatei essas dúvidas, essas incertezas, acho que é algo que acaba sendo comum, uma experiência comum de você fazer uma primeira pesquisa um pouco mais estruturada, um pouco mais pensada, um pouco mais longa, mas acaba que você vai conseguir resolver esse problema, **acho que grande parte desse processo, uma grande contribuição pelo qual acho que esse processo hoje me parece ser tranquilo é que sinto que [...] o processo de orientação teve um auxílio muito grande** (Estudante 6).

**Para mim foi muito natural, porque parti de um problema que já vivenciava na minha experiência profissional,** busquei soluções para um problema real, que era como melhorar os nossos mecanismos de previsão de insolvência para tomar a detecção de investimento e a partir disso, fui atrás de teorias, [...] quando comecei a pesquisa, era

algo bastante recente, do comportamento dos fluxos de caixa nos diversos momentos do ciclo de vida das organizações, esse foi o meu construto teórico, [...], não tive uma grande dificuldade para desenvolver uma linha teórica em cima disso (Estudante 35).

**Na verdade não foi muito difícil, porque já lidava com uma ideia parecida [...], já tinha um pouco de noção de como tinha que estruturar, [...] sabia bem o que queria fazer, precisei fazer um recorte, na verdade, dessa construção teórica, porque pelo que queria fazer existia algumas possibilidades de construção teórica e precisei fazer opções, o orientador me ajudou nesse recorte, porque realmente estava um pouco inseguro em como lidar com essa construção,** mas, no geral, acabou sendo algo tranquilo, algo natural e **acabou casando bem com o problema que busco [...]** (Estudante 41).

**Foi tranquilo, porque me deparei com a teoria em outras leituras de outras disciplinas no decorrer do doutorado, lendo a teoria já entendi quais seriam os problemas que poderiam ser tratados, porque achei em artigos a lacuna, [...],** onde que a teoria está inserida, a construção foi muito mais natural, é claro, teve a parte de identificar quais variáveis, quais construtos, o que a gente vai colocar na pesquisa [...] (Estudante 42).

**A teoria geral [...] da minha pesquisa foi bem tranquila, basicamente a Teoria da Agência que a gente vê em boa parte de pesquisa em contabilidade,** percebi que tinha que buscar alguma base teórica em cima de regulação e **quando fui trabalhar nesse escopo teórico me deu um pouquinho mais de trabalho para poder compreender como conseguiria buscar alguma teoria que me embasasse algumas hipóteses para poder tratar meu objeto de pesquisa [...]** (Estudante 82).

Intrínseco aos aspectos positivos na construção teórica mencionado por alguns dos futuros doutores em contabilidade, os(as) Estudante 92 e Estudante 102, respectivamente, compartilharam suas experiências com relação a construção teórica: “Foi tranquilo, **quando o Professor me passou o que eu poderia estudar e nas leituras já consegui identificar alguma coisa,** então foi tranquilo”; “[...] **foi tranquila, porque foi em conjunto com o meu orientador [...]**”.

Inferese que em virtude de algumas exigências, por exemplo, a depender da área de conhecimento há uma necessidade em desbravar novas teorias, porém essa tarefa nem sempre

é fácil e, nesse sentido, não somente a ajuda do orientador se faz importante como também as atividades possibilitadas no decurso do doutorado, como por exemplo, os seminários de tese.

O(a) Estudante 4 argumentou a respeito:

**[...] fui descobrindo as teorias de base, não tenho certeza dela hoje ainda, me questiono o tempo todo se é exatamente isso que estou fazendo, se dá suporte ou não [...], como suportar metodologicamente,** mas hoje ainda não tenho certeza se é o jeito certo de fazer ou se tem respaldo teórico para fazer isso por mais que eu tenha lido vários artigos ao longo do tempo. **O que me ajudou no processo de pesquisa [...] na minha perspectiva em grande medida, foram os seminários 1 e 2,** mesmo não tendo certeza sobre o que estou pesquisando [...] (Estudante 4).

Outro ponto destacado foi o comentário do(a) Estudante 8 sobre não se reconhecer como uma ‘pessoa acadêmica’ no percurso de seu doutorado.

**[...] não sou aquela pessoa acadêmica, contumaz, que ama ler, pesquisar e aprofundar,** conheci algumas teorias e tentei encaixar uma delas no meu problema, **adotei a teoria que foi sugerida pela banca [...], não foi tranquilo, não foi fácil, porque tive que pesquisar muito mais e entender muito mais para tentar encaixar isso no meu problema [...]** (Estudante 8).

Ainda sobre as dificuldades encontradas na construção teórica e no elo com o problema de pesquisa, um dos comentários suscitados foi sobre a escolha do tema não ter partido do próprio doutorando. Os(as) Estudante 15 e Estudante 100 refletiram a respeito:

Eu acho que foi uma construção, um processo, foi um grande guarda-chuva do tema, depois lapidando para chegar na lacuna de pesquisa e algumas outras coisas que meu orientador gostaria de ver, de entender, de compreender algumas ideias que ele já tinha, **ele só me dava os *flashes*, ler sobre isso, ler sobre aquilo, mas ele deixou comigo o fechamento [...] do problema de pesquisa, acho que foi a base de muita leitura essa construção teórica, até porque não era o tema que estava tão acostumada a trabalhar,** a gente refez com leituras, demandou bastante entendimento teórico do tema para depois chegar na solidificação da ideia, [...] foi um processo um pouco moroso (Estudante 15).



[...] **como eu estava pesquisando era um tema do meu orientador, [...] durante a construção da tese ele não estava preocupado com a parte operacional ele estava mais preocupado com a teoria, com a escrita, tive bastante dificuldade de primeiro convencê-lo, [...] sobre a ideia da minha tese, sobre como iria operacionalizar, foi muito sofrido, [...], foi muito difícil, teve um momento que achei que não tinha tese e até depois quando ele estava com a tese escrita e que eu estava quase defendendo, ele disse olha você vai ter que se virar muito na banca, porque ainda não sei se tens uma tese**, era sempre algo assim, era sempre um terror, mas para alguns colegas [...] é muito mais tranquilo de construir a tese, de encontrar um *gap*, mas para outros foi mais difícil, no meu caso mais difícil ainda, porque tinha que convencer o orientador de que aquilo era uma tese [...] (Estudante 100).

Alguns outros comentários realizados tangenciaram questões sobre a necessidade de muitas leituras previamente a construção efetiva dos elementos teóricos que irão compor a tese. **“A construção teórica foi difícil, foi de muita leitura, não tinha muito contato com a teoria [...]”** (Estudante 22).

Adicionalmente, o(a) Estudante 27 comentou a respeito dos desafios no tocante as leituras que envolvem temas fora do *mainstream* contábil positivista. Em conexão o(a) Estudante 44 salientou a incipiência de temas no contexto brasileiro, outro ponto destacado como desafiador pelo fato de estudos publicados serem em contextos diferentes.

**Foi bastante difícil [...] acho que natural, tranquilo não se encaixa no meu caso, mas ela emergiu dessa profundidade onto-epistemológica e também de contato com a literatura, como mergulhei de cabeça acho que foi difícil nesse ponto de até conseguir mapear tudo, ter essa visão global do andamento das discussões, das conversas e entender essa perspectiva diferente**, a orientadora trouxe esse desafio duplo pra mim, porque se eu tivesse continuado na área *mainstream* não teria que gastar esse tempo para entender essa visão de mundo, essa perspectiva e não é uma construção que você consegue fazer da leitura de um livro, da leitura de um artigo [...], porque é uma coisa que precisa ser consolidada, **acho que foi algo difícil para mim por conta disso, porque mudei de paradigma e também acho que a construção de uma tese ela demanda isso da gente, de fazer você entender qual a contribuição que você consegue dar dentro de um cenário, de um grupo de discussão que já**

**existe há muito tempo**, [...] respeitando o que já existe, mas tentando trazer contribuições adicionais, [...] não tem como dizer que foi fácil, mas ela aconteceu nesse mergulho tanto na teoria como dos trabalhos empíricos (Estudante 27).

[...] **para mim tem sido um esforço hercúleo**, tenho feito muita coisa e a cada três meses, mais ou menos, paro para reler, dar mais uma pesquisada, porque às vezes sai alguma publicação ou alguém me manda ou a minha orientadora me manda e quando vou ver, tem alguma coisinha que [...] alguém, algum autor, comentou, **para mim essa construção teórica tem sido bem complexa, principalmente porque, como não tem nenhum estudo no Brasil como referência, dentro dessa temática que estou estudando, tenho feito vários pedacinhos de várias coisas**, dentro do setor privado, aplicado ao Brasil, dentro do setor público em outros países, e **vou tentando montar algo para a minha tese, já que não tenho uma referência inicial aqui no Brasil**, sempre que aparece alguma pesquisa nova preciso estar revendo a minha, [...] posso dizer que é bem difícil [...] (Estudante 44).

Outro elemento em voga suscitado pelo(a) Estudante 28 foi com relação ao auxílio na busca pelo vínculo entre a construção teórica com o problema de pesquisa. Tal vínculo foi sanado, segundo o(a) estudante, a partir da participação em eventos, consórcios doutorais e pela própria banca de qualificação.

Além disso, o(a) Estudante 51 o desafio quando se opta por temáticas emergentes e complexas ou, ainda, que expressem um caráter de novidade, conforme mencionado pelo(a) Estudante 89.

**Não foi, porque o tema ele era muito complexo ainda é muito complexo, não é um tema novo, o tema ele começa a ser associado na contabilidade há 30 anos na década de 90**, [...], **mas ele tem um nível de complexidade que não tem tantos estudos assim que abordam ele na contabilidade**, [...] a gente foi vendo que a pesquisa foi levando mais para o lado da sociedade e a gente encontra a pesquisa, vai caminhando para uma outra linha, mas a minha tese ela é teórica, o principal capítulo que eu defendo da tese é o ensaio teórico [...] e a minha contribuição é unir duas teorias e desenvolver em cima delas uma outra perspectiva teórica, [...], mas inicialmente foi difícil definir qual caminho tomar [...], **o que ajudou muito foram os eventos que eu participei, as bancas de consórcio doutoral e também a qualificação para definir**

**qual é o melhor caminho** ou qual é o caminho naquele momento para a pesquisa se desenvolver (Estudante 28).

[...] **no contexto geral o assunto é novo no mercado [...], se a gente for olhar uma perspectiva histórica, não só processo de governança, mas muito antes dessa palavra governança ser inserida no mundo do trabalho, a gente verifica que sempre desde lá de trás tem essa pesquisa com esse tema, mas é difícil você identificar literalmente, ele é uma coisa que surgiu de 2014 pra cá, é uma coisa nova, que ainda carece de muitas discussões em determinados segmentos,** principalmente, por exemplo, esse segmento na área da educação que eu estou me propondo a pesquisar, [...] a pesquisa internacional, ela tem uma vivência muito maior nisso e o mercado brasileiro, ele é mais demorado pelo processo, eu sempre uso a base de pesquisa internacional pra dar esse suporte e pra trazer essas discussões mais teóricas sobre o tema, [...] para a construção da tese [...] (Estudante 51).

Como ainda não passei pela qualificação diria que a tese ainda está em construção, mas é sempre difícil, porque na minha opinião [...] acho que é difícil, porque por mais que a gente tenha experiência, **a tese por ter essa questão de ter uma nova abordagem, essa questão da novidade faz com que seja difícil você trazer uma nova abordagem, acho que é difícil e não é tranquilo [...], é desafiador** (Estudante 89).

Esse aspecto desafiador também foi exposto pelo(a) Estudante 98: “Eu ainda estou em fase de realmente construir a base teórica então tá um pouco difícil”. Outros desafios atribuídos a construção teórica da tese dizem respeito a vincular a teoria a parte prática como mencionado pelo(a) Estudante 75.

[...] acho que a parte da teoria não está bem estruturada, porque [...] foi bem fácil de encontrá-la, participei de alguns congressos e é uma teoria que está sendo bem trabalhada e se encaixa muito, mas **estou tendo dificuldade de encontrá-la na prática,** [...] de ligar a teoria na prática, não necessariamente da construção da teoria (Estudante 75).

Um programa de doutorado é um processo de produção de conhecimento (Fox, 2018). Assim, buscar pela profundidade dos temas escolhidos para a construção da tese torna-se

fundamental. Um dos exemplos para o início da exploração e conhecimentos mais solidificados diz respeito as escolhas no sentido de (re)visitar a literatura pertinente e atual ao tema para que assim novas descobertas e/ou refutações sejam promovidas.

Nesse sentido, o(a) Estudante 19 comentou: “A construção teórica a gente fez até uma revisão da literatura, antes dela estava complicado mesmo, mas **depois que a gente fez a revisão da literatura, acho que a gente conseguiu encontrar com mais clareza**”. Em adição, os(as) Estudante 30 e Estudante 36 acrescentaram a respeito da escolha do tema para a construção teórica que pode e deve sinalizar contribuições quando conectada ao objetivo pretendido:

[...] consegui de certa forma aproveitar bastante elementos teóricos que já conhecia [...] para buscar agora contribuições, de fato que **a ideia não é mudar o mundo [...], mas aquele pedacinho na literatura que já é [...] consolidado na área de usuários internos que a gente está conseguindo ter bons frutos [...] e ter essas contribuições que, de fato, podem agregar** a uma área que até então é bastante consolidada (Estudante 30).

**Fácil nunca é, acho que foi difícil pra caramba encontrar [...] os termos do tema, até você achar especificamente [...], de ler, de pesquisar o texto, de poder construir um pouquinho ali de um tijolo do conhecimento nessa questão** não foi fácil, em alguns momentos a gente ainda se pega se é isso mesmo, será que ainda não dá para incluir mais alguma coisa [...] (Estudante 36).

Uma preocupação externada tanto pelo(a) Estudante 76 e compartilhada pelo(a) Estudante 99 diz respeito a uma característica fundamental de qualquer doutorado, compreender se a conexão formada pelo problema de pesquisa e pela construção teórica é realmente uma tese, ou seja, será que minha tese é uma tese?

[...] sempre busco, desde a pós *lato sensu*, [...], alguma coisa que seja um pouco diferente, que sai um pouco do *mainstream*, acho que essa é uma característica própria e acabou surgindo um tema que eu acho interessante, [...], **a dificuldade que sempre tenho, acho que todo estudante de doutorado tem, se daquilo realmente vai sair uma tese, se aquilo é defensável**, como é que vou chegar até as conclusões, a metodologia, acho que isso dá mais dúvida e dor de cabeça, [...] (Estudante 76).

**Não foi muito fácil encontrar, demorei um pouquinho para encontrar a minha tese** [...]. Na época fui pulando um pouco as etapas e querendo achar logo daí um dia até o meu orientador me disse: [...] tem que dar mais uma refletida para conseguir entender o que de fato vai se adequar melhor e comecei a ver outras abordagens e acabei identificando o que seria o melhor para dentro daquilo que queria responder [...], fiz isso basicamente, [...] fiz uma pesquisa, uma revisão sistemática [...] para conseguir identificar de fato o que [...] o pessoal estava usando e conseguir justificar um pouco melhor [...] (Estudante 99).

O(a) Estudante 71 ainda complementou:

[...] **na verdade essa é a minha grande batalha com a Professora nesse sentido, porque a minha pesquisa é diferente não tenho uma teoria de base e não tem nenhum lugar que diz que você tem que ter, mas as pessoas na área de contabilidade, na minha visão, elas têm um certo fetiche com teoria, tudo tem que ter teoria**, então não vou descobrir nada novo, porque tudo já tem, a gente está aqui perdendo tempo, não é uma questão de arrogância, de nada disso, mas eu acho que a gente precisa pensar em desenvolver, de fato, **sair do discurso e trazer para a prática coisas diferentes, coisas novas e a minha tese ela meio que fica nesse limbo, porque é uma pesquisa qualitativa e que não tem uma teoria de base**, não que eu não tenha um arcabouço teórico, [...], mas não tenho uma teoria [...], **talvez esse estereótipo criado para a pesquisa acadêmica na área de contabilidade no Brasil faça com que muitas vezes a gente gaste muita energia tentando convencer os nossos próprios orientadores a confiar naquilo que está sendo feito**, acho que isso é a principal situação, eu vejo, eu acompanho, [...] vi uma apresentação de um doutorando, que o Professor falou, mas você só trouxe a Teoria da Legitimidade, mas você não conversou com ela no seu texto, você não vai conversar sobre seus dados? [...] só para ter, só para falar, já vi gente apresentando cinco teorias em três artigos, fico pensando, nossa vai explicar toda a formação do mundo, [...] enfim, esse é o grande desafio da minha tese e da minha orientadora [...] (Estudante 71).

No tocante as (des)conexões entre a construção teórica e o problema de pesquisa, os futuros doutores sinalizaram alguns desafios. Primeiro, quando as leituras se voltam a temáticas

mais interdisciplinares, o que torna o processo de muitas incertezas, pelo fato, principalmente, de tais temáticas demandarem por entendimentos ontológicos e epistemológicos, os quais, em grande parte acadêmica de pós-graduação em contabilidade, não são discutidos.

Em um segundo momento, a falta de alinhamento com o orientador, muitas vezes em virtude de o tema não ter sido de escolha do doutorando. Assim, torna-se mais moroso encontrar uma aderência entre a construção teórica e o problema de pesquisa. Um terceiro ponto com viés mais positivo foi com relação a essa conexão ser propiciada a partir de discussões em eventos, consórcios doutorais e, pontualmente o auxílio da banca de qualificação.

A partir desses elos facilitadores no processo de um doutoramento a resposta para a pergunta, será que tenho uma tese? pode ser vislumbrada de forma mais assertiva, diligente e com qualidade.

#### ***4.4.2 A intencionalidade na escolha de uma teoria e sua relevância em uma tese***

Conectada a quaisquer escolhas se encontram as intenções. Assim como na pesquisa também se encontra a intenção do pesquisador e seus interesses (Ahrens, 2009). Nesse sentido, voltado a pesquisa menciona-se a existência de duas prerrogativas. A primeira de ‘cima para baixo’ que compreende um olhar para as estruturas sociais a nível macro.

Já a segunda, como explana Carter e Fuller (2016), de ‘baixo para cima’ corresponde a busca por uma compreensão das particularidades de determinado fenômeno, como por exemplo, das funções sociais. Comenta-se, ainda, que a primeira, ou seja, de ‘cima para baixo’ é a predominante em estudos da área contábil, comumente denominada de pesquisas *mainstream*.

Nessa lógica, a construção da tese “inunda os alunos de doutorado em uma literatura teórica e empírica de seu campo” (Marrais et al., 2018, p. 85), porém tal imersão necessita de diálogos acadêmicos que possam contribuir tanto a nível macro como micro. Assim, no quesito de intencionalidade, os futuros doutores em contabilidade foram instigados a refletirem sobre o seguinte questionamento: ‘Entendendo que a intencionalidade faz parte das escolhas, o que levou você a escolher essa teoria? Você pode comentar um pouco sobre a importância dessa teoria para a sua tese?’

Ao direcionar para as intenções no que diz respeito as escolhas, especificamente qual(is) teoria(s) estarão mais concatenadas ao objetivo da tese é importante ter ciência para qual finalidade essa teoria e/ou abordagem foi escolhida. Cita-se, como exemplo, o foco nos elementos contributivos que se espera ao final de um trabalho científico.

Nesse sentido, o(a) Estudante 49 mencionou: “[...] a gente escolheu a teoria por conta das contribuições que tiveram, cada vez que a gente [...] ajustava a teoria [...] para criar justificativas teóricas a gente chegava mais próximo da Teoria da Contingência, então foi essa que a gente manteve [...]”. Os(as) Estudante 1 e Estudante 34 também compartilharam suas reflexões:

Quando penso em tese, por mais que **a gente coloque as nossas impressões na tese, quando você está desenvolvendo uma pesquisa [...] você precisa contribuir de alguma forma**, acho que a escolha da teoria ou de uma abordagem teórica, ela é definitiva, porque se você está construindo uma tese, você vai defender uma tese e essa tese vai crescer e vai dar suporte para outras pesquisas, **qual é a finalidade da sua tese? Qual a contribuição? acho que na tese o foco maior é a contribuição [...]** (Estudante 1).

[...] a questão de ter uma teoria ou uma abordagem usando ela é importante justamente para a gente [...] ter um direcionamento mais específico da nossa pesquisa que às vezes não tem [...] **acho que é bastante importante essa questão da teoria e também para que a gente consiga especificar melhor quais são as contribuições que o trabalho oferece para o meio acadêmico? para o meio profissional?** acho que é bastante relevante a gente se preocupar com essa parte [...] (Estudante 34).

Para o(a) Estudante 87 complementou: “escolhi a Teoria da Agência [...], acho que ela foi a que se adequou mais ao meu tema, acho que ela vai me ajudar a trazer alguns elementos [...] ela vai poder contribuir na construção da minha tese”. Pontua-se que similar a intencionalidade encontra-se o viés do próprio pesquisador que irá sinalizar os seus interesses de pesquisa (Ahrens, 2009). Alguns dos futuros doutores também expuseram alguns de seus interesses os quais guiaram as suas escolhas:

[...] **o que acabou levando a escolha, eu diria que foi adequação, [...] cheguei em um determinado ponto da construção da tese na qual achava que eventualmente não teria um caminho que conseguiria resolver determinados problemas**, porque a minha teoria anterior, a minha fundamentação teórica anterior, ela não estava me ajudando a desenvolver o problema e acabei fazendo leituras além do que inicialmente iria trabalhar, uma sugestão até do meu orientador

justamente para se eventualmente algum problema acabasse surgindo. [...] e **a importância dessa teoria, especificamente, para o desenvolvimento do trabalho é o auxílio que ela vai me dar para tentar responder à pergunta que me interessa [...], dentro do problema que escolhi investigar** (Estudante 6).

[...] vou falar sobre a Teoria Ator Rede que envolve essa parte da situação ora é importante o ator, [...] **a intencionalidade é especial e importante**, a gente tende a pensar que o ser humano é o mais importante e não seria se não fosse essa outra base dos outros elementos ao redor, por isso que essa teoria [...] vai representando ora o humano é mais importante, ora o não humano é mais importante. [...] **ela é importante para minha tese, porque hoje em dia [...] essa rede é muito maior, principalmente, mexendo com a inteligência artificial, essa teoria hoje vindo a construção que fiz tem mais relevância do que a teoria que tinha escolhido inicialmente** (Estudante 8).

Eu acho que quando a gente busca o doutoramento em uma área [...] **a gente já tem alguma forma ou teve uma vivência profissional [...], a gente consegue perceber dentro do mundo dos fatos, dos fenômenos que existe uma possibilidade de problematizar aquilo do ponto de vista acadêmico, houve uma intencionalidade sim de buscar uma expertise nesse processo** de implementação [...] e do impacto disso em termos internacionais para os usuários [...]. Quais são as consequências desse regime? o viés da tese é após a implantação. A partir do momento que implemento, quais são os desafios futuros? e dentre os desafios o que foi além? [...] (Estudante 25).

A teoria que escolhi por enquanto, se não alterar, é a Teoria da Agência, mas o problema é que **gosto muito da parte financeira** e [...] na parte financeira [...] encaixa diversas teorias [...], por exemplo [...] poderia em um artigo da minha tese utilizar a Teoria do Alto Escalão, poderia utilizar a Teoria dos Recursos [...] são teorias um pouquinho mais específicas, só que a Teoria da Agência ela é muito abrangente, ela consegue [...] quase como se essas outras teorias tivessem contidas nela, ela é muito clássica e muito abrangente, se eu ficar dentro dela eu não estou correndo risco de dar muito deslize, agora se eu for para uma teoria mais específica [...] não vou conseguir na hora



de fazer os três artigos [...], por enquanto estou tentando me manter nessa teoria (Estudante 26).

Neste ínterim, alinhado as escolhas e adequações necessárias a construção de uma tese encontra-se a relevância em possibilitar contribuições que conectem a teoria à prática. O(a) Estudante 10 compartilhou sua compreensão a respeito da palavra ‘relevante’, bem como o(a) Estudante 15 comentou sobre o próprio pesquisador se questionar a respeito da importância de sua própria pesquisa a partir da problemática suscitada na tese.

[...] **reconheço a importância da teoria na tese**, mas ela está para servir de fato, essa é a palavra que acredito, um instrumento para personalizar, para visualizar, para abordar aquele problema que tenho da minha pesquisa e acho que esse problema vai direcionar a minha questão de pesquisa, a interrogativa da tese em si, mas **entendo que o problema, ele tem que ser relevante o suficiente para ser tratado por essa ótica teórica que estou escolhendo. E o que é relevante?** [...], porque para mim o que é relevante, para você pode não ser é muito relativo, tem uma subjetividade muito grande, **o ponto de vista que a gente decide adotar para fazer a seleção da teoria, ou para definir o que é relevante, pode ser um ponto de vista da vida política, no seu caso da construção de um conhecimento, de uma área de conhecimento, pode ser social, também está relacionado com a sua ideia de tese, [...], todas essas questões estão relacionadas com a essa escolha da teoria**, com esse tratamento do problema que busco trazer na minha tese e essa possibilidade de o problema ser relevante, dentro da ótica que a gente escolher [...] (Estudante 10).

[...]. A teoria está bem ligada ao objetivo de pesquisa, que é a Teoria Institucional, a gente quer mostrar o lado da instituição, a gente não quer mostrar o lado do investidor, nem do um outro usuário da informação, a gente quer mostrar o lado da empresa, por isso a escolha da teoria está bem ligada ao problema de pesquisa [...] **não consigo ver minha tese dissociada da teoria, porque hoje acho que é a teoria da minha tese** (Estudante 15).

Para além da escolha de teorias há a necessidade, principalmente, imbuído em uma tese que os temas, assim como as discussões para as construções sociais estejam contextualizados. Bastalich (2015) e Khosa et al. (2020) inserem que intrínseco a educação para o doutorado é

fundamental que os pesquisadores tragam à tona o contexto do problema. “[...] **essa teoria que escolhi** [...] são três fatores que influenciam a adoção [...] fatores tecnológicos, organizacionais e ambientais, [...] foi a base da minha tese, [...], **usei para entender o contexto** [...]” (Estudante 64). Os(as) Estudante 22 e Estudante 27 também comentaram a respeito:

[...] gostaria de ter um olhar um pouco mais para a Teoria da Agência para analisar as questões dos stakeholders da importância de haver mulher na diretoria [...] se sentindo mais acolhidas que é um ambiente bem complicado [...] a Teoria Institucional **ela cabe muito bem nesse contexto** [...] **pela construção social que ela explica** [...] e me abriu os olhos [...] para outras visões [...] na construção na tese, **estou tendo que trazer todo o contexto histórico** [...] de toda essa mudança social e cultural da sociedade [...] de toda essa construção histórica [...] vejo que ela casou muito bem com o tema da pesquisa **foi uma indicação muito boa da minha orientadora** (Estudante 22).

[...] enquadrei o meu problema de pesquisa num corpo um pouco mais amplo que é de disseminação de inovações contábeis e para entender a disseminação a gente tem teorias positivistas [...] e tem teoria que é mais aberta que é a Teoria Ator Rede, encontrei o meu trabalho nessa última categoria. [...], porque para **entender um contexto num nível amplo, macro** [...] é diferente de você entender uma organização e como aquilo foi disseminado, difundido em uma organização, [...] a visão dentro de aspectos específicos da teoria, [...] encontrei essa abertura necessária para conseguir interpretar o fenômeno de uma forma ampla e também que me traga âncoras teóricas que sustentam o que quero explicar, a forma como quero, como preciso conduzir o trabalho para responder à questão de pesquisa, para mim **o direcionador da escolha da teoria foi o meu objetivo e a questão de pesquisa** [...] **por se alinhar a essa visão onto-epistemológica que hoje tenho** [...] **essa foi a motivação** (Estudante 27).

Torna-se importante refletir quando se opta por uma teoria em detrimento de outra se ela atuará diretamente como um contributo nas interpretações após a coleta das evidências (Bazeley, 2018). Infere-se isso, pois por vezes seu uso pode não ser relevante, ou seja, não fomentar discussões contributivas.

“[...]. Acho que meio que **a teoria veio, não sei se ela escolheu o meu tema, digamos assim, meio que automático** [...] **acho que é esse caminho**” (Estudante 5). Já o(a) Estudante 13 pontuou que a escolha da teoria perpassa pela visão de mundo do pesquisador.

[...] não sei se essa resposta fica [...] muito filosófica, mas **acho que tem a ver um pouco com a visão de mundo que tenho, da escolha das teorias que estarão na minha tese**, [...]. Quando penso em Paulo Freire, penso numa educação mais crítica [...] voltada na Teoria da Experiência, voltada para o centro de democracia, quando penso em aprendizagem baseado em jogos penso no aluno sendo protagonista, ele tomando decisões enquanto está adquirindo conhecimento então um pouco acho que tem a ver com a visão de mundo que tenho (Estudante 13).

O escopo teórico escolhido para uma tese precisa explicitar, segundo Jonker e Penink (2010) quais lentes epistemológicas o pesquisador pretende explorar. Nesse sentido, para os autores uma “boa” teoria é aquela que contiver elementos coerentes a construção do conhecimento pretendido a partir da lacuna apresentada, assim como das motivações para a realização do estudo.

[...] vejo que alguns colegas tiveram muita dificuldade de escolher a teoria no processo da construção da tese e no meu mestrado, também no início estava um pouco perdida [...] tem um milhão de teorias. Qual mais encaixa? mas agora na tese foi tranquilo e foi uma consequência da própria construção do que estou investigando, [...] estou utilizando a Teoria da Autodeterminação, [...] para mim faz total sentido utilizar essa teoria, [...], **não acho que a gente tem que tornar o processo da construção da tese e do doutorado mais difícil do que já é**, digo isso, porque **tive uma sugestão [...] que as pesquisas que falam de motivação sempre usam essa teoria [...], porque você não utiliza uma outra teoria? poderia acatar essa sugestão [...], mas acho que já estou sendo bastante audaciosa no que estou me propondo, para mim essa teoria foi natural a escolha dela, no sentido de que a própria literatura me sugere [...]** (Estudante 33).

[...] interessante a pergunta, [...] **tenho uma teoria de base dentro do meu referencial teórico, [...], até porque uma das propostas do meu trabalho, da minha tese, é justamente construir uma teoria [...]**, a partir dos meus levantamentos de dados, das entrevistas, do questionário que vou aplicar, uma das minhas propostas é essa, [...] para isso, tive que pegar uma teoria emprestada do mercado empresarial, para que eu pudesse

aplicar no meu trabalho por analogia, **a partir desse referencial teórico vou construir um modelo teórico que atenda aos meus objetivos de pesquisa** (Estudante 45).

[...] **escolhi a que melhor se adequava ao meu objetivo** [...], consegui comprovar ou ter indícios de que a teoria é sustentada também para os dados que coletei, porque normalmente a pesquisa é feita com dados de países desenvolvidos e a gente resolveu testar essa teoria também para as economias emergentes, para também ser um diferencial do trabalho, a tese é importante para os meus resultados, porque ajuda a explicar e com os resultados a gente também consegue afirmar essa teoria [...] (Estudante 50).

[...] **a teoria casou muito bem com o que estou desenvolvendo, [...] entendi que ela causou perfeitamente com a minha tese e que as outras teorias que eu utilizava**, a primeira que utilizei não teve nada a ver, a segunda, quando o Professor falou, ela também era uma teoria que se encaixava, mas a que se encaixava perfeitamente foi a que estou usando agora, que é a Teoria dos Programas (Estudante 79).

O(a) Estudante 74 refletiu a respeito de alguns dos motivos pelos quais escolheu a teoria de sua tese.

[...] **tenho refletido muito sobre isso, talvez essa teoria não tenha importância só para a minha tese, mas para a minha vida**, porque eu talvez vá utilizar uma parte da Teoria da Sinalização, [...] ela fala de emitir sinais daquilo que está escrito, do que não está sendo dito muitas vezes, na forma direta e objetiva, acho que isso responde muitas coisas a nível da tese, [...], mas ela responde muito do meu jeito, porque sou uma pessoa muito literal, interpreto aquilo que está escrito, aquilo que foi falado, mas aquilo que está sendo dito nas entrelinhas, talvez não. **Talvez essa teoria me ajude a perceber isso, entender que existem outras questões por trás de uma fala e de uma escrita, na verdade, é o que estou precisando** (Estudante 74).

Para o(a) Estudante 47 “[...] uso basicamente a **Teoria da Divulgação, que foi o músculo natural**, tendo em vista que [...] minha **linha de pesquisa** é o impacto da divulgação das demonstrações contábeis nas empresas [...]”. Além disso, o(a) Estudante 16 comentou: “[...] estou trabalhando com características de percepções dos gestores de alto escalão [...], já

conhecia, e para mim foi algo natural amarrá-la na minha tese, [...] o que tinha de ideia, casou certinho com a teoria. [...]”.

Ainda sobre os motivos da escolha pelo arcabouço teórico os(as) Estudante 31 e Estudante 38 mencionaram, respectivamente, “o embasamento teórico estou usando a Teoria do Prospecto e a Teoria da Expectância é mais relacionado a tomada de decisão [...] **são teorias já bem consagradas e é por isso que estou usando de base para tese**”; “A Teoria do Alto Escalão é a que fala que a autogestão de uma empresa tem muito impacto no caminho que essa empresa vai tomar, [...] **tive que escolher essa teoria, não faz sentido minha tese sem ter ela**”

Os(as) Estudante 41, Estudante 57, Estudante 83 e Estudante 94 também compartilharam: “[...] escolhi, majoritariamente, duas teorias que foram a Teoria da Regulação Econômica e a Teoria da Sinalização [...]”; “A minha tese envolve a Teoria da Agência e a Teoria da Firma [...]”; “Hoje a minha teoria principal é a Teoria da Agência”; “[...] a teoria que estou usando é a Teoria Institucional [...]”.

Outros pontos levantados pelos futuros doutores em contabilidade tangenciaram buscar informações que possam auxiliar no amadurecimento da escolha do arcabouço teórico, como por exemplo, o (i) auxílio dos membros da banca de qualificação (Estudante 58); os (ii) seminários de teses (Estudante 63); e por vezes (iii) informações que podem parecer aleatórias, mas que provocam reflexões (Estudante 44).

Eu vou responder considerando que tenho uma teoria escolhida, que não é certeza ainda, devo caminhar para essa teoria, essa **foi uma sugestão de um dos membros da banca**, era uma das teorias que estava considerando, mas eu ainda não tinha tomado nenhuma decisão, eu via outras que poderiam ser contributivas também, mas essa é uma teoria que tem sido bastante usada em estudos organizacionais, mas nunca utilizada para estudar o que quero estudar, [...] existe uma intenção de inovar nesse sentido [...] (Estudante 58).

[...] **ela foi definida no seminário de tese** [...] a princípio eu queria trabalhar com a Teoria da Agência que era uma das possibilidades [...], só que quando a gente entra naquela parte de quais são os elementos da Teoria da Agência que estão categorizados na minha tese, eu não tinha como fechar isso com a prioridade e a Teoria da Sinalização ela foi usada [...] na minha dissertação [...], acho que essa foi uma das coisas muito importante na hora de definir. Essa teoria em si foi ter esse pensamento da questão voltada para os elementos dela que inclusive foi um dos questionamentos que me

fizeram [...] quais são os sinais? qual é o sinal, qual é o receptor? qual é o *feedback*? [...], acho que às vezes [...] **falta essa reflexão para gente enquanto acadêmico, essa questão dos elementos a partir do momento em que veio uma Professora e me deu essa provocação** [...] foi quando tudo ficou mais claro, o desenho da minha tese [...], **acho que estar aberta a essa sugestão e entender o tipo da provocação [...] foi muito importante essa troca**, justamente para a gente poder conseguir adequar a teoria que mais cabe e realmente por um lado facilitou muito a minha vida, porque já era uma teoria que eu conhecia, já era uma teoria que tinha escrito [...] (Estudante 63).

[...] **quando comecei a fazer a minha parte do referencial teórico [...] não sabia qual lente teórica eu usava, porque tinham tantas pertinentes e cabíveis com a minha tese que me senti muito perdida** e quando fui tentar entender qual seria a melhor, parece até piada, mas [...] quando **eu estava assistindo um filme [...] alguém falou sobre a Teoria do Caos, [...] parei de prestar atenção totalmente no filme e fiquei pensando na minha tese**, [...], precisou de uma cena, uma questão aleatória [...] para poder perceber o que seria realmente importante, quando [...] tive esse *insight* comecei a [...] tentar buscar algumas referências mais específicas, foi quando começou a tomar forma e foi uma coisa muito pontual, [...], como se alguém tivesse falando uma coisa totalmente fora do contexto, mas que se viu para mim um ponto importante (Estudante 44).

Ao tangenciar, neste tópico, pela intencionalidade incorporada nas escolhas, e em especial nas escolhas teóricas conectadas a uma tese de doutorado, notou-se uma tendência pelo seu uso em virtude (i) das contribuições advindas da teoria em conexão com o problema de pesquisa, (ii) do viés do pesquisador imbuído nas lentes teóricas escolhidas, (iii) do entendimento quanto a contextualização do objetivo proposto, bem como (iv) da conexão entre a teoria e a prática.

Frente a tais elementos, pondera-se, ainda que a respeito do viés do pesquisador a uma tendência para o uso de determinadas teorias. As principais teorias mencionadas foram: Teoria da Contingência, Teoria Institucional, Teoria da Sinalização, Teoria Ator Rede, Teoria do Alto Escalão, Teoria do Prospecto, Teoria da Divulgação, Teoria da Regulação, Teoria dos Recursos, Teoria dos Programas, Teoria do Caos, Teoria da Firma, Teoria da Experiência, Teoria da Expectância, Teoria da Autodeterminação, além da Teoria da Agência como uma das mais citadas entre os estudantes.

#### ***4.4.3 O uso dos termos ontológicos e epistemológicos em uma tese***

A área da contabilidade no contexto brasileiro sofre influência direta das pesquisas norte-americanas que tem como primazia pesquisas positivistas. Carter e Fuller (2016) comentam que a perspectiva positivista é aquela de ‘cima para baixo’, ou seja, parte-se de uma estrutura macro a fim de generalizar o fenômeno em estudo.

Já pesquisas que possuem uma visão de ‘baixo para cima’ buscam compreender as especificidades de determinado fenômeno, por exemplo as particularidades de determinadas interações, intenções e ações sejam elas pessoais e/ou profissionais (Carter & Fuller, 2016). Ao tratar de visões e construções diferentes de mundo e relacionando-as aos pesquisadores da área contábil, com especial atenção aos alunos de pós-graduação torna-se importante inseri-los em um ‘contexto de escolha’

Menciona-se, ainda, que em pesquisas de cunho positivistas é comum, por exemplo o uso de técnicas estatísticas, testes de hipóteses para análise de um fenômeno com intuito de minimizar quaisquer subjetividades o que denota a visão de mundo de cada pesquisador. Para Bazeley (2018) e Jonker e Penink (2010) inserem que a escolhas de quaisquer teorias que o pesquisador venha a escolher depende de um conjunto de conhecimentos e um deles diz respeito as escolhas ontológicas e epistemológicas.

A ontologia com a premissa do pesquisador externar qual a sua visão de mundo diante de algum fenômeno e a epistemologia com o fito do pesquisador explorar quais serão as construções de conhecimentos a partir do fenômeno estudado, em outras palavras, a epistemologia “diz respeito à investigação do que distingue a crença justificada da opinião” (Jonker & Penink, 2010, p. 61).

Ademais, ao tangenciar pela compreensão de ‘processo social’ comenta-se que o pesquisador precisa levar em consideração que para se apoderar de um conhecimento ele precisa entender o contexto particular de cada fenômeno, assim como os significados contidos nas relações e interações do problema que ele pretende compreender e/ou solucionar. Assim, há uma tendência para que ocorra o que Charmaz (2014) denomina de (re)construção de sentidos a partir das (novas) interpretações, ou seja, a partir da ressignificação constrói-se ou solidifica-se novos saberes.

Nesta subseção os futuros doutores em contabilidade foram provocados a refletirem sobre a seguinte pergunta: ‘Em termos ontológicos e epistemológicos como você enquadra a sua tese?’. A Tabela 7 expõe as respectivas reflexões dos estudantes.

Tabela 7

## Enquadramento ontológico e epistemológico incorporados pelos estudantes em suas teses

Estudante 1	“ <b>Construtivista</b> [...] já vai um pouquinho contra o <i>mainstream</i> [...] quando você está na academia você escreve muito aquilo que querem que você escreva e você vai por vezes mais para o quantitativo, porque você precisa de publicação, você precisa de visibilidade [...]”.
Estudante 2	“enquadro a minha tese em termos <b>ontológicos, realista, epistemológico, positivista</b> e isso para mim foi um problema, [...] porque a princípio na construção da tese eu estava no segundo ano do doutorado, a gente ainda é muito imaturo em relação a esses entendimentos e o que acontece? <b>Você acaba seguindo a postura ontológica e epistemológica do orientador</b> , não tem como e quando fui aprofundando nas leituras, entendendo a minha tese, comecei a perceber que estava seguindo uma postura ontológica e epistemológica, mas que conseguiria ir muito mais além se olhasse por outros prismas [...]”.
Estudante 3	“[...] eu esqueci de ver a resposta [...] acaba sendo uma característica mais da introdução, não tanto da metodologia e a gente acaba esquecendo o que é exato [...]. A minha tese ela tem um <b>paradigma funcionalista</b> [...] <b>positivista</b> [...]”.
Estudante 4	“Minha tese, ela é <b>positivista</b> , [...] e vou fazer testes estatísticos [...]”.
Estudante 5	“É <b>interpretativa</b> [...], gosto, já fiz alguns estudos interpretativos [...]”.
Estudante 6	“diria que ela está mais próxima do <b>construtivismo</b> , um pouco mais relacionado ao construtivismo social [...], em relação aos aspectos mais epistemológicos, diria que ela está mais voltada para uma <b>abordagem interpretativista</b> do processo de pesquisa [...]”.
Estudante 7	“[...] ela tem uma epistemologia mais <b>positivista</b> , gosto de outras epistemologias, tenho tentado estudar a disciplina que estou fazendo é de pesquisa crítica, mas não tenho base [...] <b>ainda é uma formação <i>mainstream</i> que a gente tem tido na nossa formação de contabilidade</b> ela é uma epistemologia positivista com esse fundamento de mundo de teoria empírica fundamentalista”.
Estudante 8	“[...] <b>não consigo te responder essa pergunta</b> . [...] não é falta de vontade [...]”
Estudante 9	“[...] é uma <b>visão bem positivista, bem <i>mainstream</i> e ontológico</b> , acho que estou mais próximo do <b>realismo</b> e na visão <b>epistemológica</b> acho que me enquadraria como <b>funcionalista</b> ”.
Estudante 10	“[...] <b>acho que talvez pessoas decidam não participar da sua entrevista por causa dessa questão</b> , porque pela minha experiência, nas discussões [...] desde o mestrado e no doutorado, as pessoas, não sabem [...], não entendem muito bem, [...] sinto essa dificuldade [...] aqui na nossa entrevista [...]. A tese é quantitativa, penso em adotar uma abordagem <b>ontológica mais realista com um pezinho no relativismo</b> [...] e <b>direção epistemológica</b> [...] <b>ela é positivista</b> [...]”.
Estudante 11	“[...] <b>sempre confundo essa questão de epistemológica e ontológica, mas ela é qualitativa, não positivista e ela vai ser interpretativista</b> ”.
Estudante 12	“[...] a minha tese tem uma <b>abordagem quantitativa</b> e é <b>totalmente positiva</b> [...] queria muito ter tempo para me arriscar para o campo mais interpretativo, mas não vai ser agora, [...] não dá tempo, porque entendo que é uma das maiores discussões que a gente tem durante o doutorado essa questão epistemológica, o que é melhor? o que devo usar? o que tem menos limitações? mas acredito que depende do meu problema de pesquisa [...]”.
Estudante 13	“ <b>Essa pergunta aqui para mim é a mais difícil de todas</b> , quando eu estava lendo seu questionário, porque acho difícil colocar essas coisas nos quadradinhos, não sei [...]”.
Estudante 14	“[...] É uma boa pergunta. Positivista pode ser? <b>Positivista</b> ”.
Estudante 15	“Eu tinha que ter pego a cola <b>não estou me lembrando</b> ”
Estudante 16	“[...] eu só <b>não estou lembrando</b> , acho que é objetivista ou racionalista, não estou lembrando o conceito das duas, a diferença [...]”.
Estudante 17	“[...] é uma tese mais <b>analítica</b> [...] <b>pós-estruturalista</b> [...]”.
Estudante 18	“[...] <b>paradigma funcionalista</b> , partindo da observação da realidade para explicar as relações entre as variáveis [...] <b>epistemológica positivista</b> ”.
Estudante 19	“[...] <b>não sei te responder</b> ”.
Estudante 20	“A minha tese em termos ontológicos reconheço que a realidade ela é socialmente construída [...], entendo a minha tese como uma <b>pesquisa crítica</b> no sentido que questiona as relações de poder e as relações interinstitucionais a partir de um instrumento contábil [...]”.
Estudante 21	“Minha tese ela é <b>positivista</b> [...]”.



Estudante 22	“[...] <b>vou pular essa</b> , vou começar a filosofar aqui”.
Estudante 23	[...] não sei se lembro muito bem desses termos, mas o que lembro é que seria <b>positivista</b> dentro de uma <b>abordagem quantitativa</b> [...], pelo que lembro das discussões meu trabalho se enquadraria nisso [...]”.
Estudante 24	“A gente vê parece que foi de outro mundo, quando tá começando a disciplina, a gente pega e escreve a tese, coloca eles na tese [...] detalhado [...], mas meia hora que olhei as suas perguntas. Nossa! será que vou saber responder? [...] seria <b>objetivo dentro da caixinha funcionalista</b> [...] trabalho <b>quantitativo positivista</b> [...]”.
Estudante 25	“[...] o meu pólo ele é <b>funcionalista</b> [...]”.
Estudante 26	“não me lembro [...] escrevi lá, mas era um momento bem corrido da minha vida, não me lembro exatamente [...], <b>não me lembro</b> agora para te dizer como é que eu encaixei”.
Estudante 27	“A minha tese, ela era crítico-interpretativista comecei a escrita dela com uma visão mais radical e ao longo da construção, fui migrando para uma visão mais <b>interpretativista</b> [...] do que crítica, porque preciso entender as visões de mundo das pessoas antes de construir uma crítica [...]”.
Estudante 28	“A tese é do paradigma <b>construtivista</b> , utilizei também <b>análise mais interpretativista</b> , olho para a teoria, olho para a parte empírica, vou para a realidade, [...] das empresas e depois volto para a teoria [...] faço essa discussão [...]”.
Estudante 29	“[...] acho que a gente está em um campo mais realista [...], queria utilizar uma visão um pouco mais normativa, <b>ainda tenho essa perspectiva positivista bastante forte nos meus argumentos, na forma como escrevo, na forma como apresento a minha metodologia</b> [...]”.
Estudante 30	“[...] A ideia é o paradigma <b>positivista</b> [...], também paralelo a isso diria que ela tem uma classificação de um paradigma <b>funcionalista</b> [...] e a ontologia tentaria enquadrar mais como <b>realista</b> , seria uma característica dela e a epistemologia seria mais <b>objetivista</b> , acho que esses são os elementos que de certo modo a minha teoria está enquadrada”.
Estudante 31	“Enquadraria como <b>quantitativa</b> , mas em <b>termos ontológicos não sei dizer</b> porque faz tempo que eu não vejo o tema”.
Estudante 32	“[...] minha tese ela é <b>quantitativa</b> , ela é bem <b>objetiva</b> , tenta-se não colocar nenhum aspecto subjetivo no seu processo, faz parte da premissa metodológica não colocar subjetividades dentro da construção, ela é quantitativa, com teste de hipóteses para eu procurar hipóteses e testar [...]”.
Estudante 33	“[...] a única certeza que tenho é que a minha pesquisa é muito <b>interpretativa</b> [...], se eu não parar para refletir em como isso me afeta, não consigo construir a minha narrativa e quando falo construir a minha narrativa, é construir o meu texto [...] existem pessoas [...] que simplesmente sentam, escrevem, não refletem, mas sou uma pessoa que precisa entender o contexto [...], vejo a minha pesquisa como interpretativa, no sentido de que nada é dado, tudo é uma construção”.
Estudante 34	“[...] a minha tese ela fica dentro de uma perspectiva mais <b>interpretativa</b> , mas a gente costumava falar que ela fica muito ali na beiradinha, muito ali perto da linha normativista, porque a gente parte de pressupostos que estão já estabelecidos na literatura, mas a gente vai a campo tentar identificar novos elementos”.
Estudante 35	“diria que a minha tese hoje é uma pesquisa <b>quantitativa</b> baseada em dados primários [...]”.
Estudante 36	“[...] <b>uma primeira entrega é de um artigo [...] qualitativo</b> [...] a gente vai utilizar a Teoria Fundamentada [...] vai seguir a linha de entrevistas [...], <b>o segundo é quantitativo pelas equações estruturais</b> [...] a gente vai partir de um processo de hipóteses que serão testadas e o terceiro é um artigo tecnológico [...]”.
Estudante 37	“[...] positivista, em um primeiro momento a ideia era ser interpretativista, mas a gente, durante a banca de qualificação a gente viu que é interessante não sair do positivismo e a ideia da gente trazer uma parte interpretativista, mas o foco maior vai ser abordagem <b>funcionalista positivista</b> , e a gente vai aplicar uma <i>survey</i> [...] com dois públicos diferentes, porque a gente entende que esse caminho é o caminho mais fácil para a gente fazer o desenvolvimento da tese”.
Estudante 38	“[...] a minha pesquisa é uma pesquisa <b>positivista</b> [...]”
Estudante 39	“[...] a minha tese ela tem três artigos independentes e bem diferentes ontologicamente e epistemologicamente, eu tenho <b>um artigo de revisão sistemática</b> , tenho <b>um artigo quantitativo</b> que é um experimento e tem <b>um artigo qualitativo interpretativista</b> [...]”.
Estudante 40	“[...] <b>qualitativo com análise de conteúdo e regressão</b> [...]”.
Estudante 41*	

Estudante 42	“Meu Deus! eu nem lembro mais, tem que dar uma olhada aqui na tese de novo, [...] foi posição ontológica <b>realista</b> [...] o direcionamento epistemológico acabou sendo <b>positivista</b> [...]”.
Estudante 43	“[...] minha tese está dentro de uma questão dedutiva, questão voltada para a área <b>quantitativa</b> [...]”.
Estudante 44	“[...] uso um pouco mais a questão de <b>regressão</b> [...]”.
Estudante 45	“[...] do ponto de vista ontológico ela busca explicar fenômenos que são observáveis e também busca compreender a natureza de determinada realidade [...] a partir desse determinado fenômeno [...] vou procurar <b>construir um modelo teórico</b> [...] do ponto de vista epistemológico [...] na minha percepção a pesquisa está preocupada com a aquisição de conhecimentos com o intuito de compreender como esses <b>dados serão obtidos</b> , como eles serão <b>validados</b> e como eles serão <b>aplicados</b> [...]”.
Estudante 46	“A minha tese é uma <b>pesquisa mais empírica</b> , [...] ela não é tanto teórica, [...], não entra tanto na parte da epistemologia, da ontologia, de entender profundamente aquele significado, mas é uma tese mais empírica de entender realmente o que a organização está fazendo [...]”.
Estudante 47	“[...] classificação ontológica vejo como <b>objetiva</b> , porque busca [...] elementos objetivos, [...] e epistemológico como um <b>realismo crítico</b> ”.
Estudante 48	“[...] Ela vai mais no <b>positivismo</b> [...]”.
Estudante 49	“[...] <b>tive que criar uma métrica para coletar os dados</b> [...]”.
Estudante 50	“[...] considero ela como <i>uma pesquisa mainstream da área</i> , ela é <b>positivista</b> e <b>quantitativa</b> ”.
Estudante 51	“[...] trabalhando com planilhas e <b>bases secundárias</b> [...]”.
Estudante 52	“Essa é a pergunta mais difícil de ouvir no seu roteiro [...] é <b>positivista</b> . Agora, que ramo [...], se vai ser estruturalista [...] ainda não pensei, [...] é uma pesquisa positivista [...] e bem <b>quantitativa</b> ”.
Estudante 53	“[...] tenho que procurar o que é o ontológico e epistemológico [...], mas ela é <b>qualitativa</b> [...]. Nessa pergunta, realmente fico devendo, tenho que estudar mais a parte ontológica e epistemológica [...]”.
Estudante 54	“[...] <b>interpretativa e crítica</b> [...]”.
Estudante 55	“ <b>Positivista</b> raiz para simplificar [...]”.
Estudante 56	“[...] minha tese é <b>quantitativa</b> e teve um paradigma mais <b>funcionalista</b> e <b>objetivista</b> e nessa perspectiva ontológica pude definir a minha tese com essa ideia de <b>realista</b> e <b>positivista</b> ”.
Estudante 57	“[...] é com <b>base de dados que são publicados pelas empresas</b> [...]”.
Estudante 58	“[...] a minha visão de mundo é um pouco mais <b>objetiva</b> , <b>funcionalista</b> [...] no <i>mainstream</i> , olhando a realidade como algo realmente mais objetivo [...]”.
Estudante 59	“[...] <b>perspectiva crítica dentro de métodos quantitativos</b> [...]”.
Estudante 60	“[...] <b>positivista</b> [...]”.
Estudante 61	“[...] ela está enquadrada dentro do <i>mainstream</i> da pesquisa contábil que é <b>quantitativa</b> , de uma forma geral, estou dentro [...] do contexto da pesquisa <b>positiva</b> , estou utilizando o <i>mainstream</i> da contabilidade, que é a pesquisa positiva e como método, vou utilizar o <b>método hipotético dedutivo</b> para verificar algumas relações [...]”.
Estudante 62	“[...] vejo que há muitos pesquisadores da minha área analisando temas que às vezes são um pouco abstratos ou não tão tangíveis e isso que nós somos uma ciência social aplicada, mas muitas de nossas pesquisas não se aplicam e eu quero que a tese contribua para um contexto real e a uma situação de relações reais, para isso preciso analisar como acontecem essas relações [...] então ela é mais <b>realista</b> ”.
Estudante 63	“Em relação a ontologia ela é uma tese mais para o <b>realismo</b> [...] justamente porque é aquela questão que a gente pretende analisar algo <b>objetivo</b> , algo palpável, algo mensurável, ela vai para parte do realismo e na questão epistemológica, ela é enquadrada enquanto <b>positivista</b> [...]”.
Estudante 64	“[...] epistemologia é mais o objetivismo [...] <b>positivismo</b> [...]”.
Estudante 65	“confesso que quando estava lendo o seu roteiro, estou até com ele aberto aqui, porque [...] <b>tenho dúvidas no que seria essa parte ontológica e epistemológica</b> [...] acho que ela tem um pouquinho de <b>positivismo</b> , porque acaba indo para um caminho mais de buscar uma generalização [...]”.
Estudante 66	“[...] enxergo ela como <b>positivista</b> ”.
Estudante 67	“[...] é uma tese <b>crítica qualitativa</b> [...]”.

Estudante 68	“[...] nós não havíamos pensado na epistemologia da tese, nós não temos até porque essa questão da epistemologia foi uma membra externa da banca que deu a sugestão de nós declararmos qual é a epistemologia da tese, [...] até fiz uma pesquisa [...] nós estamos tendenciando para ser uma epistemologia do <b>positivismo</b> , mas ainda nós não temos certeza, porque nós não temos muitas pesquisas declarando a epistemologia no programa [...]”.
Estudante 69	“[...] acho que está mais voltada para a pesquisa <b>positivista</b> , porque vou usar regressão, vou usar análise estatística [...]”.
Estudante 70	“[...] tive que voltar lá na tese para dar uma olhada, porque não lembro [...] são termos muitos técnicos que a gente vai pegando no decorrer da disciplina e fazendo, ponto de vista ontológico é <b>realista</b> , do ponto de vista epistemológico seria <b>positivista</b> , enquanto a abordagem de natureza [...] determinista [...] e também se enquadra no paradigma <b>funcionalista</b> [...]”.
Estudante 71	“Essa é uma pergunta difícil [...] é <b>qualitativa</b> [...] a realidade vai sendo criada, a cada prática a realidade vai sendo reconstruída [...]”.
Estudante 72	“Ontológico? eu <b>não saberia dizer</b> , acho que depois de passar pela qualificação vou consigo te responder melhor”.
Estudante 73	“Para ser sincero, esses termos eu <b>não estou tão lembrado</b> , significado dos dois termos de forma para aplicar aqui”.
Estudante 74	“Nossa, eu não sei se consigo responder isso de uma forma muito clara, porque, embora tenha estudado epistemologia e ontologia, <b>não consigo enxergar na minha tese</b> ”.
Estudante 75	“Minha tese é um estudo de caso [...] é <b>qualitativo</b> [...]”.
Estudante 76	“[...] é uma boa pergunta, eu <b>teria que pensar um pouco mais</b> nesse sentido [...]”.
Estudante 77	“Ela começou crítica, mas não tenho condições de fazer algo crítico, porque quero também descrever e interpretar um contexto, então, ela pode ter alguns comentários críticos ao final, a depender do que eu me encontrar [...], mas hoje o meu posicionamento é <b>interpretativista</b> [...]”.
Estudante 78	“[...] <b>positivista</b> [...]”.
Estudante 79	“Ela é mais <b>interpretativista</b> do que positivista [...]”.
Estudante 80	“[...] <b>quantitativa</b> e de enquadramento <b>positivista</b> [...]”.
Estudante 81	“[...] dentro do <i>mainstream</i> <b>positivista</b> [...]”.
Estudante 82	“Em termos ontológicos diria que ela é bem objetiva [...] estou tentando quantificar e obter algumas estimativas [...] em termos epistemológicos não diria que sou tão positivista, acho que <b>sou mais um meio termo [...] num escopo do crítico e do positivismo</b> [...] não sou um tipo de pesquisador objetivo que rejeita a subjetividade [...]”.
Estudante 83	“ <b>Eu ainda não pensei</b> muito nisso como que vou fazer esse enquadramento”.
Estudante 84	“[...] uso dados <b>quantitativos</b> [...]”.
Estudante 85	“[...] <b>minha tese, ela é mista</b> [...] majoritariamente subjetiva pela pesquisa qualitativa [...] adotei a fenomenologia hermenêutica [...]”.
Estudante 86	“A minha pesquisa é qualitativa, ela tende a ser um pouco mais <b>interpretativista crítica</b> , ainda não sei se vou ficar no interpretativismo, porque a teoria em si, ela é crítica [...]”.
Estudante 87	“Eu acho que agora <b>não sei como enquadraria</b> ela [...]”.
Estudante 88	“[...] <b>construtivista</b> [...]”.
Estudante 89	“[...] é uma pergunta interessante [...] diria que meu trabalho é mais de cunho <b>normativo</b> , mais teórico [...] e também devo usar a pesquisa <b>positiva</b> [...]”.
Estudante 90	“[...] vou te responder como <b>empírico analítica</b> , eu não sei se essa resposta correta porque <b>não tive tempo de pesquisar um pouco sobre as classificações ontológicas epistemológicas</b> [...] quando vi o seu roteiro de entrevista [...]”.
Estudante 91	“[...] <b>positivista e quantitativa</b> [...]”.
Estudante 92	“Essa é uma pergunta que acho que tenho que colar, porque essas coisas muito filosóficas, lembro que essa parte da ontologia e epistemologia foi um seminário, [...], mas é muito filosófico para a minha pessoa, [...] não consigo, leio e esqueço essa parte, mas sei que ela é <b>funcionalista</b> [...]”.
Estudante 93	“[...] <b>positivista</b> [...]”.
Estudante 94	“[...] gosto da pesquisa crítica [...], mas a minha pesquisa é com dados secundários [...] predominância <b>quantitativa</b> ”.
Estudante 95	“[...] a estrutura é <b>positivista</b> [...]”.
Estudante 96	“[...] dentro da perspectiva <b>ontológica</b> vejo ela mais como <b>realista</b> e do ponto de vista <b>epistemológico</b> estou trazendo ela para uma perspectiva <b>anti-positivista</b> [...]”.

Estudante 97	“[...] o que exatamente você quer dizer com termos ontológicos e epistemológicos? [...] <b>positivista</b> [...]”.
Estudante 98	“ <b>Ainda não me encontrei nesses termos</b> ”.
Estudante 99	“[...] ela vai ter uma abordagem mais indutiva [...], porque vou usar um método <b>qualitativo</b> , a ideia é usar a análise de discurso [...]”.
Estudante 100	“A gente precisa colocar isso na tese que a minha é <b>positivista</b> , mas sinceramente não lembro direitinho [...]”.
Estudante 101	“[...] para responder eu teria que terminar ela hoje, <b>não consigo classificar ela ainda</b> [...]”.
Estudante 102	“[...] <b>não sei te responder</b> isso agora teria que dar uma olhada, uma relembra nas questões epistemológicas das aulas de epistemologia [...] para ver se consigo associar [...]”.
Estudante 103	“ <b>Construtivista</b> ”
Estudante 104	“[...] <b>enquadramento basicamente não-positivista</b> ”.
Estudante 105	“[...] <b>não me lembro</b> mais ontológicos? O que é? [...]”

*Nota.* Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

\*Respondeu 15 perguntas do roteiro, as últimas 10 perguntas não foram respondidas (motivo: queda de energia elétrica no estabelecimento do entrevistado e, posteriormente, não houve disponibilidade do estudante). A pergunta desta tabela encontra-se entre as 10.

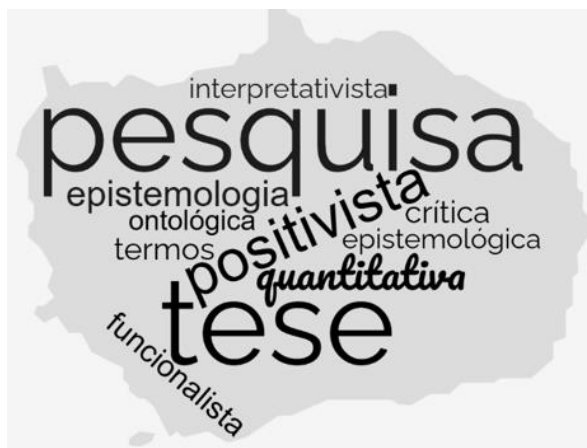
Reconhecer que o decurso de um doutorado e, em particular a construção de uma tese demandam de quaisquer estudantes uma imersão na literatura é básico. Arelada a essa literatura a depender da visão de mundo (ontologia) e das formas de construção do conhecimento (epistemologia) de cada sujeito o desenvolvimento de suas teses terão as suas particularidades em virtude do viés que cada pesquisador atribuir a sua pesquisa.

Nesse contexto de viés tanto ontológico quanto epistemológico a área da contabilidade é conhecida, em um sentido geral, como uma área quantitativa e vinculada ao padrão de pesquisa (*mainstream*) norte-americano, ou seja, paradigma positivista. Infere-se, assim, que para o desenvolvimento de quaisquer pesquisas, minimamente, precisa-se expor a visão de mundo sobre determinado tema, bem como a forma de compreender a construção de conhecimento a partir da exploração do referido tema.

A partir da Tabela 7 houve a construção de uma nuvem de palavras representada pela Figura 10 que expõem as palavras mais citadas quando perguntado aos entrevistados a respeito dos enquadramentos ontológicos e epistemológicos adotados por eles em suas teses de doutorado. Comenta-se que ao inserir as informações contidas na Tabela 7 no *software Worldclouds.com* se fez dois movimentos: o primeiro para a retirada de palavras que não trariam sentido ao contexto da pergunta (que, minha, gente, nossa, essa, vai, vou, acho, estou, lembro e sei) e o segundo pelas palavras que foram citadas mais de dez vezes.

### **Figura 10**

Nuvem de palavras com a predominância nos enquadramentos ontológicos e epistemológicos.



Nota. Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa e com o auxílio do *Worldclouds.com*

Marrais et al. (2018) corroboram com tal inferência e adicionam que muitos dos acadêmicos de doutorado possuem conhecimentos incipientes acerca do desenvolvimento de suas pesquisas, e por conseguinte de outras construções epistemológicas além de sua própria forma de conhecimento. Desse modo, com base nas respostas dos futuros doutores em contabilidade pode-se ratificar que ainda há uma tendência significativa para pesquisas denominadas de ‘*mainstream* da contabilidade’. Acrescenta-se, ainda, que aderente aos argumentos de Fogarty (2018), Fox (2018) e Marrais et al. (2018), pode-se inferir que uma boa parcela dos estudantes entrevistados desconhece tais termos (ontológicos e epistemológicos).

Por outro lado, sinaliza-se um interesse de alguns dos futuros doutores em contabilidade em explorarem outras concepções epistemológicas, e, por vezes, concatená-las como um aporte junto ao paradigma já consolidado na área. Nesse sentido, é importante refletir e reconhecer a existência de outras formações de conhecimento, pois assim, abre-se a possibilidade para que novos componentes críticos sejam experienciados.

#### **4.5 Implicações metodológicas na construção de uma tese**

Ao declinar as argumentações para as questões metodológicas torna-se importante mencionar que uma das premissas que envolvem a construção de quaisquer pesquisas tangencia a forma que os pesquisadores demonstram o percurso e condução de suas pesquisas até o ponto de relatarem as suas descobertas. Tal encadeamento dessas ideias denomina-se rigor metodológico (Delyser et al., 2012; Preissle & Marrais, 2015).

Imbuído em tal rigor encontra-se vinculado o ensino de pesquisa para estudantes de doutorado, pois leva-se em consideração a construção desse profissional pesquisador. Ademais, uma das críticas pontuadas por Jonker e Penink (2010) é não limitar o escopo da metodologia

em uma mera descrição dos instrumentos de pesquisa, como por exemplo, o uso de questionários.

Nesse sentido, há a necessidade de ampliar esse campo de conhecimento intitulado metodologia da pesquisa e explorar as suas diversas frentes para a construção e desenvolvimento de estudos na área contábil. Além disso, ao expor as formas pelas quais pretende-se guiar a pesquisa tornar-se-á compreensível a ratificação do uso ou não de determinadas teorias que possam ancorar os argumentos do pesquisador (Coates, 2020).

Tomando-se como foco a compreensão das implicações metodológicas na construção de uma tese optou-se por refletir a partir de quatro pontos: (i) o que deve ser considerado como mais importante ou mais apropriado; (ii) métodos predominantes nas pesquisas em contabilidade e a intenção por trás das escolhas; (iii) uso de métodos quantitativos e qualitativos em pesquisas da área contábil; e (iv) predomínio na coleta das informações em pesquisas da área.

#### ***4.5.1 Aspectos metodológicos na construção da tese: o que deve ser considerado como mais importante ou mais apropriado?***

Há uma literatura limitada que demonstre como pesquisadores descrevem em detalhes o desenvolvimento de suas teses de doutorado (Roulston et al., 2013). “[...] acho que é uma coisa que a gente precisa [...], de maneira geral, pensar enquanto pesquisador [...]” (Estudante 33).

Neste tópico os futuros doutores em contabilidade foram instigados a refletirem sobre o seguinte questionamento: ‘Quanto aos aspectos metodológicos na construção da tese, o que você considera mais importante ou mais apropriado ser inserido nesse capítulo?’ O(a) Estudante 51 comentou:

**[...]. O método ele te instiga, [...] porque ele constrói toda a metodologia da sua tese e quando você [...] não tem clareza do método, acho que você não tem uma metodologia fundamentada do que você quer pesquisar. [...]** o Professor pediu para eu estudar o método veja se é esse, veja se é aquele, acho que quando eu consegui enxergar literalmente que o tema encaixaria [...] naquele método e a minha proposta estaria dentro daquele método, resolvi melhor a metodologia (Estudante 51).

A partir do termo ‘metodologia’ e dos aspectos necessários para a sua operacionalização, os(as) Estudante 2, Estudante 6, Estudante 10, Estudante 16, Estudante 18, Estudante 48 e Estudante 63 compartilharam suas compreensões a respeito:

[...] **acho que é deixar claro os procedimentos que você está utilizando para operacionalizar a tese**, quando eu comecei a escrever os aspectos metodológicos fico pensando que a pessoa que está lendo [...] e entender como que eu operacionalizei, [...] como que eu consegui delinear, então **os aspectos mais importantes é clareza [...], qual é o tipo de pesquisa que você tem? quais são os caminhos que você escolheu?** explicar o porquê que você escolheu esse caminho, explicar o porquê você não escolheu outro caminho, [...] tento deixar isso tudo muito claro nesse capítulo da metodologia, por exemplo, na minha tese estou usando equações estruturais e tem dois tipos de equações estruturais, e na tese eu falo [...] estou utilizando esse tipo, esse tipo é melhor por conta disso e esse outro não se adequaria bem, [...] quando retorno na tese e entendo o caminho que fiz e as etapas que fiz, **acho que é fundamentalmente importante você colocar as etapas, você esclarecer as etapas**, [...] principalmente na metodologia, por que era uma metodologia que eu não conhecia, uma técnica que não conhecia, tentei explicar os passos [...], **a clareza, a explicação das etapas é o mais importante nesse capítulo** (Estudante 2).

[...] **diria que são três elementos principais que geralmente considero que são fundamentais [...]** explicar qual sua abordagem geral? porque isso acredito que facilita você a organizar e a mostrar para outras pessoas, o que você tá fazendo, [...] acho que isso é importante e [...] **como que os dados são coletados? e como eles são tratados** [...] o mais importante [...] nesse processo é você conseguir explicar para pessoa e [...] que ela consiga entender realmente como a pesquisa foi feita, é claro que essa questão da classificação que [...] acabei de comentar ela é importante, porque ela permite que eventualmente as pessoas [...] possam se identificar um pouco mais com seu trabalho [...] (Estudante 6).

[...] acho que **um dos aspectos mais importantes é a operacionalização da pesquisa, porque isso vai estar ligado com aspectos epistemológicos**, principalmente para a gente conseguir trazer uma validade [...], tenho tido uma dificuldade muito grande de ler tese e artigos, de conseguir enxergar como aquilo foi operacionalizado, como foram

as etapas daquele procedimento metodológico, isso está mais relacionado ao método do que a metodologia em si, a operacionalização [...], **metodologicamente, acredito que criar, defender e justificar, principalmente, essas posições ontológicas, epistemológicas e metodológicas e teóricas, [...] explicar para o leitor e para quem está visualizando como um cenário de construção de conhecimento**, como que aqueles resultados são congruentes, divergentes, ou não, são novidades, são inéditos, ou não, de um ponto de vista de construção do seu trabalho, **a partir da ótica que você tem sobre o problema**, você decidiu tratar o seu problema com essas visões de mundo, de realidade que você optou, selecionou, escolheu, enfim e dentro disso, **qual foi o procedimento que você fez pra chegar naquele resultado?** [...] (Estudante 10).

Quantos aspectos metodológicos? Basicamente, na parte metodológica, tem alguns trabalhos que falam muito sobre a parte epistemológica da tese, mas isso para mim está resumido em um parágrafo, para ser uma coisa mais objetiva, mas **acho que é importante deixar totalmente claro o trabalho em que permita replicabilidade**, por exemplo, **tento deixar muito clara a minha amostra e muito bem claro como fiz a estimação de todos os construtos** do meu trabalho, porque esse triângulo que tenho, cada tipo de medição desses elementos, ela é bem específica e muito difícil de se fazer, porque qualquer dúvida na interpretação, uma outra pessoa não vai conseguir nem fazer o que eu propus na tese, acho que é importante deixar bem claro todos os aspectos ligados à amostra e principalmente a mensuração desses itens está muito claro e também como eu tratei, porque muitas vezes é falar do teste, mas não qual foi a escolha, porque é aquele teste de onde que vem para [...] permitir a replicabilidade (Estudante 16).

[...] **acredito que tanto a parte epistemológica [...], a parte relacionada a amostra da pesquisa. Quais são as pessoas? [...], as organizações? quem você está pesquisando?** isso precisa estar bem definido, [...] como você conduziu a sua pesquisa? os procedimentos são importantes destacar sejam eles procedimentos com dados estruturados ou não, [...] **você precisa definir a base epistemológica na sua pesquisa**, você precisa deixar claro, quem são os indivíduos, as empresas [...] o objeto de estudo que você está estudando e como você conduziu os procedimentos para poderem ser analisados [...] (Estudante 18).



O aspecto da epistemologia da pesquisa é mais como uma regrinha, acho que sempre se inicia pela sua amostra, **como vai ser coletada sua amostra, os indivíduos que você vai trabalhar, isso é fundamental [...]** e **quais são os métodos que você vai utilizar** para analisar esses indivíduos e tentar testar as hipóteses que você propôs para a resolução do problema? **acho que o principal são as hipóteses** que você tem que ter [...] coerente para poder aplicar na tese (Estudante 48).

[...] acho que é uma dificuldade que tenho desde sempre é escrever algumas coisas de forma sucinta, mas venho evoluindo [...], porque justamente para não ficar aquela coisa prolixa, mas acho que da forma mais completa e mais sucinta possível, você precisa **quando a gente lê um capítulo de metodologia, a gente precisa saber como foi feito? onde foi feito? porque foi feito?** e como aquilo foi operacionalizado [...] (Estudante 63).

Torna-se relevante mencionar que os aspectos ontológicos e epistemológicos suscitados anteriormente convergem com o argumento de Coates (2020) que diz: “se os pressupostos filosóficos são negligenciados na escrita, eles também podem ser negligenciados no pensamento” (p. 13). Comenta-se, ainda, que tanto a abordagem quantitativa como qualitativa mesmo sendo, por vezes excludentes, ou seja, há a possibilidade de ambas serem utilizadas isoladamente ou em conjunto, porém há algumas particularidades que são exclusivas quando utiliza-se uma abordagem quantitativa e quando opta-se pela abordagem qualitativa. O(a) Estudante 25 comentou a respeito:

[...] acho que primeiro sendo bem franco é a abordagem [...], **você deve deixar bem claro, se você vai investigar aquele problema a partir de uma abordagem quantitativa ou qualitativa**, acho que isso tem que estar bem claro, porque **são dois caminhos muito diferentes e que vão conduzir a técnicas de pesquisa muito diferentes**, é a partir dessa abordagem que você tem que deixar muito claro na sua metodologia que você vai partir para dentro da abordagem que você escolheu, **quais são as técnicas? quais são os procedimentos? que testes serão realizados?** vejo que é a abordagem que vai me ajudar muito na instrumentalização, na parte metodológica enquanto instrumentalização de como é que vou abordar o problema ou investigar (Estudante 25).

Assim, no quesito de abordagem quantitativa, os(as) Estudante 21, Estudante 23, Estudante 35, Estudante 56 e Estudante 65 compartilharam suas opiniões:

Como a minha pesquisa é totalmente quantitativa considero que meus dados eles têm que estar muito coerentes a minha proposta, se estou analisando empresas, esses dados eles têm que estar padronizados, preciso me preocupar se vou utilizar uma amostragem, qual vai ser o recorte da minha construção, se os meus dados estão consolidados, se eles estão em qual unidade, se é milhões, se é milhares, tudo isso, esses pormenores preciso detalhar na minha tese, se vai ter alguma conversão em moeda, a questão dos meus testes, **preciso verificar todos os pressupostos**, a questão da seleção da amostra, se vai ter alguma discrepância, se vai ter que tirar, essa questão estatística, acredito que tem que estar muito bem especificada por ser uma pesquisa quantitativa (Estudante 21).

Dos aspectos metodológicos [...] para a minha realidade [...] **dentro desse contexto positivista quantitativo é a escolha das variáveis, a escolha primeiro do modelo econométrico, o que você vai utilizar em termos de teste estatístico?** e a escolha das variáveis? no sentido de justificar o porquê dessas variáveis. Quem disse que essa variável é adequada para medir isso? eu diria essas duas coisas primeiro escolher realmente a modelagem econométrica que eu não posso usar um instrumento que não permite atingir o objetivo que quero, [...] **tenho que casar as duas coisas o objetivo com a modelagem e dentro do modelo saber escolher as variáveis** [...] e descrever nessas variáveis o porquê das suas escolhas, acho que isso na metodologia tem que estar muito claro [...] (Estudante 23).

Eu acho que até pensando em como o leitor busca outros trabalhos como referência, a metodologia tem que ser clara e tem que, na grande maioria das vezes, principalmente pesquisas quantitativas, permitir que você reproduza os testes que aquele autor realizou até mesmo para fim de validação daqueles resultados, acho que tem uma questão muito importante na minha área que é uma pesquisa quantitativa, uma boa **definição da base de dados, dos métodos empregados, da validação cruzada, para permitir que outros pesquisadores possam refazer etapas da pesquisa** (Estudante 35).

**Eu diria que é importante primeiro o pesquisador entender quais são as suas visões de mundo** e após isso [...] considero que é necessário ter uma construção da tese que

siga a perspectiva de responder à questão de pesquisa do indivíduo, **qual é a sua questão de pesquisa?** em termos estruturais, diria que primeiro **contextualizar qual é a sua amostra, sua população e depois trazer quais são as variáveis?** o que você está definindo como variáveis que vão te ajudar a responder essa questão de pesquisa? e **a forma como você vai capturar esse fenômeno que você busca responder.** [...] como sou quantitativo tenho uma forma específica de apresentar a metodologia [...] (Estudante 56).

Eu aprendi ao longo do tempo ser bastante chato com metodologia, tento ser o mais minucioso possível, [...] acho que faz sentido, principalmente para uma tese você dizer a tipologia da pesquisa, você explicar muito bem **qual é a sua população,** [...] **sua amostra,** [...] **quais foram seus critérios para a seleção da amostra,** o que você excluiu, o que você considerou, o porquê você excluiu [...] (Estudante 65).

Ao passo que ao tangenciar por uma abordagem qualitativa outros pontos importantes precisam ser levados em consideração, como por exemplo, a construção do protocolo de pesquisa. Tal uso pode minimizar a questão da subjetividade, um dos pontos de maior crítica recebidos por pesquisadores qualitativos (Marras et al., 2018; Rubinstein-Avila & Maranzana, 2015).

Cita-se, como exemplo, “no campo metodológico [...] uma boa entrevista, como a que você está fazendo acho que vai ser fundamental e **escolher as pessoas certas para fazer essa entrevista,** [...] **a escolha das perguntas** que vou utilizar” (Estudante 87). Em adição, os(as) Estudante 34, Estudante 59, Estudante 75 e Estudante 86 expuseram também suas reflexões quanto as construções metodológicas de cunho qualitativo:

**Importante é a parte do protocolo de pesquisa** que vai mostrar qual é o passo a passo que a gente utilizou para desenvolver, porque em teoria na **tese a gente tem que propor alguma coisa nova** e às vezes dependendo do caminho que a gente segue, principalmente o nosso que é um caminho qualitativo a gente precisa desenvolver, explicar muito bem como que foi nossa abordagem, **como que a gente fez todo o processo até para minimizar aquela questão da subjetividade** que a pesquisa qualitativa tem, acho que esse protocolo da pesquisa é uma das etapas mais importantes na nossa abordagem [...] (Estudante 34).

**Mais importante acho que é o processo de reflexão** atrelado ao processo também de uma pesquisa não estativista. Já que ela vai envolver entrevista, vai envolver campo, é pensar nesse processo reflexivo das **pessoas que estão envolvidas [...] e que precisam ser respeitadas**, mas também que seja um processo não estativista e que eu possa, de alguma forma, [...] levar para eles algum tipo de conhecimento, ferramentas que ajude nessa resistência ou ajude em uma dinâmica que possa conseguir, de certa forma, ser um aliado na luta em prol de moradia, por exemplo (Estudante 59).

Eu acho que, por ser uma pesquisa qualitativa, a gente tem que dar informação suficiente para os leitores saberem como a gente chegou nessas informações, **explicar o máximo possível o processo [...] das entrevistas, ter os dados de cada para explicar os procedimentos**, [...] para poder **aumentar um pouco a credibilidade do trabalho qualitativo**, [...] acho que isso é o mais importante é você explicar bem e **ter documentado** quais foram os processos utilizados (Estudante 75).

[...] **acho que é um dos principais capítulos da tese, porque se você não explica e não estabelece os procedimentos metodológicos corretamente [...] você não possibilita que outra pessoa entenda o que você fez**, [...] que o outro entenda como que você chegou naqueles resultados, como que você desenvolveu a pesquisa desde o procedimento a coleta de dados, [...] **como você coletou? foi documento? foi entrevista? foi questionário? e a análise [...] dos dados?**, principalmente para quem é da análise qualitativa, [...] isso também é um fator fundamental para colocar na pesquisa, porque a gente sofre muita crítica de quem usa análise qualitativa que ela não tem qualidade, porque você dificilmente vai chegar em um resultado igual, você não pode generalizar, se você escrever certinho dentro da metodologia como que você analisou aqueles dados que você usou como constructo para discutir se o relatório ele é dialógico ou não, [...] **você possibilita que outro também replique a pesquisa** no momento posterior, acho que a metodologia ela [...] tem que ter o máximo de informações que a gente consiga colocar para possibilitar a compreensão [...] (Estudante 86).

Adicionalmente, para a composição metodológica, o(a) Estudante 42 comentou “[...] acho que vai **seguir o que o problema de pesquisa exige**, tem que partir de um problema e

depois achar a metodologia”. Os(as) Estudante 28, Estudante 31, Estudante 45, Estudante 64 e Estudante 85 também compartilharam suas compreensões:

A partir da metodologia eu descrevi todos os procedimentos, as etapas, a minha tese embora não tenha sido três artigos, ela foi estruturada em três etapas, eu tenho três etapas de resultado e eu descrevi exatamente como ocorreu as três etapas, [...] **trago os conceitos**, a base mesmo, **quais os elementos que compõem aquela pesquisa, como ela é classificada**, [...] descrevi os procedimentos, como também utilizei dois *softwares* para análise bibliométrica e outro para análise de conteúdo, também descrevi a utilização e o porquê desses *softwares*, **como eles foram utilizados**, acho que isso facilita para outra pessoa que queira **replicar a pesquisa** depois de um tempo, ou com outra amostra, ela consegue também seguir aqueles passos e ver que aquela ferramenta também contribui e auxilia para aquela análise (Estudante 28).

Por exemplo, estou tratando a metodologia como um experimento, seria [...] mais importante para um experimento ou para a seção da metodologia em si, para qualquer tese [...], **explicar com bastante detalhes o que você fez? e por que você fez?** no meu caso eu queria testar a causalidade de duas coisas, utilizei um experimento que seria uma visão quantitativa a metodologia mais adequada, mais pura e expliquei em detalhes como fiz, qual foi o processo que levei para chegar até lá, acho que essa **explicação do que você fez, como você fez e por que você fez é o mais relevante na seção da metodologia** [...] (Estudante 31).

**Eu acho que a metodologia é como se fosse uma das partes, [...] principais da pesquisa**, porque uma pesquisa sem uma metodologia, uma metodologia científica, vejo que tem até uma frase que diz que é como um navio sem leme, o marinheiro não sabe para onde ele vai navegar, é justamente esses procedimentos metodológicos que fazem com que a gente alcance os nossos objetivos de pesquisa, [...], vejo como é importante, dentro do capítulo da metodologia, **o plano dos instrumentos de coleta de dados e os sujeitos de pesquisa**, ou seja, **quais instrumentos de dados vou utilizar? qual é a minha população alvo? dentro dessa população alvo a minha amostra, qual é o plano de análise dos dados? de que forma vou analisar esses dados? quais testes vou utilizar para obter inferências, obter resultados a partir desses dados?** [...] (Estudante 45).

Na parte da metodologia vejo que é muito importante o pesquisador **demonstra os critérios de validação**, acho que, para mim, [...] você explicar todos os cuidados que você teve, [...] para você trazer essa **credibilidade para a pesquisa, questões de validade interna, validade de construto, validade externa**, [...] mesmo que o seu perfil seja com um foco mais relativista, mais interpretativista, acho que essa parte é realmente muito importante demonstrar e, [...] os estudos de caso, tem também os critérios e na *survey* também tem um monte de critérios [...], você tem que mostrar que você, [...] verificou, [...], tem que justificar o que você fez, isso é muito importante para dar ao leitor uma **transparência** do que você realmente procurou, realmente ter um cuidado, um **rigor**, uma dedicação, [...] nesses pontos de validação (Estudante 64).

[...] acho que depende da tese, acho que na tese ou na dissertação ou até está na monografia, acho que seria importante você colocar todo o processo que você utilizou [...] acho que o máximo de detalhe possível, é diferente quando você coloca para um artigo ou para um relatório que você precisa sintetizar bem, mais na tese, na dissertação, você pode abrir um pouco mais, você tem essa liberdade de abrir um pouco mais, acho que todo aspecto operacional seja de planejamento em si de **como você adaptou os instrumentos, como montou o questionário, como corrigiu, como fez a validação** [...] tudo isso [...] é importante [...] (Estudante 85).

De forma geral, ao questionar a respeito do que é mais apropriado constar na seção metodológica a menção mais trazida pelos entrevistados diz respeito a necessidade de um ordenamento das ideias quanto ao ‘como’ e o ‘porque’ das escolhas. Assim, o detalhamento e a coerência quanto as escolhas farão com que a pesquisa se torne mais clara não apenas para o pesquisador como para o leitor.

#### ***4.5.2 Método(s) predominante(s) nas pesquisas em contabilidade e a intenção por trás das escolhas***

A reflexão sobre determinadas escolhas traz à tona as influências recebidas ao longo da vida. Nesse viés ao argumentar sobre influências sejam elas profissionais e/ou relacionais um dos cernes é compreender a forma que os contextos, os significados e as construções sociais

são efetivamente desenvolvidos (Dalbem & Dell’Aglío, 2005; Fogarty, 2018), ou seja, depende da visão de mundo que cada sujeito tem sobre algo que é provocado a pensar e/ou solucionar.

Um dos pontos trazidos pela Teoria do Apego na fase adulta é a capacidade de influência que certas pessoas exercem sobre outras (Popper & Mayselles, 2003). Associa-se tal influência aos aspectos relacionados, por exemplo a reconstrução de significados (Charmaz, 2014). Com o foco na perspectiva acadêmica e em particular a futuros doutores pode-se atribuir que determinadas influências podem estar atreladas a professores, orientadores, grupos de pesquisa, programa de pós-graduação, etc.

Para este tópico os futuros doutores em contabilidade foram provocados a refletirem sobre a seguinte questão: ‘Conte-me qual(is) o(s) método(s) predominante(s) na prática de suas pesquisas e principalmente em sua tese? O que levou você a essas escolhas?’ A Tabela 8 sintetiza as falas dos entrevistados.

**Tabela 8**

**Métodos predominantes nas pesquisas em Contabilidade**

Estudante 1	“As minhas pesquisas [...] são todas quantitativas tenho uma ou duas pesquisas qualitativas, porque às vezes me aventuro [...], porque era o meu interesse, mas ultimamente venho estudando bastante pesquisas qualitativas [...], <b>95% das minhas pesquisas são com equações estruturais [...]</b> ”.
Estudante 2	“[...] a minha pesquisa é <b>predominantemente quantitativa</b> e os métodos que fui escolhendo é o que a questão de pesquisa pede [...]”.
Estudante 3	“[...] vou trabalhar numa tese quantitativa com <b>modelagem de equações estruturais</b> e o que levou a sua escolha, [...] a forma com que a minha teoria [...] define como as relações acontecem e como que a gente pode ligar características que afetam certas relações [...]”.
Estudante 4	“Método predominante [...] ela é muito <b>fatorial</b> [...] a primeira coisa será formar indicadores [...]”.
Estudante 5	“É <b>estudo de caso</b> , gosto muito, [...] já fiz levantamento, <i>survey</i> , mas o estudo de caso não sei se foi coincidência ou se acabei escolhendo, mas gosto de pegar algum assunto ou conjunto de assuntos, que eu possa analisar, embora o resultado não possa ser generalizado, mas acho que dá pra tirar muito conhecimento dali [...]”.
Estudante 6	“[...] diria que a minha escolha [...] é por métodos qualitativos, é o tipo de pesquisa que mais me interessa e é aquele tipo de pesquisa que mais leio também, isso em relação ao doutorado, uma escolha que fiz em relação aos métodos mais comuns de coleta de dados diria que a estratégia de <b>estudo de caso</b> também é uma abordagem que trabalho bastante e também a abordagem narrativa [...]”.
Estudante 7	“[...] geralmente é <b>análise de conteúdo</b> [...] sempre trabalho com o qualitativo [...] quando tentei fugir no mestrado acabei caindo no qualitativo então, mas [...] é algo que não existe banco de dados é braçal [...]”.
Estudante 8	“[...] tem toda aquela parte de revisão de literatura, só que como é um <b>estudo de caso</b> , também pretendo fazer entrevistas, conversar com pessoas chaves [...] da instituição [...]”.
Estudante 9	“[...] voltei o estudo para uma <b>análise multivariada</b> convencional, vou usar os mínimos quadrados ordinários e identificar os coeficientes e fazer os testes que foram necessários [...]”.
Estudante 10	“[...] nas minhas pesquisas, ao longo das disciplinas, de mestrado e doutorado, há um aumento do quantitativo com abordagens relacionadas as <b>regressões</b> , quase sempre os trabalhos foram de regressões, seja com <b>dados em painel</b> ou algum tipo de efeito controlado, mas basicamente regressões, [...], por objetividade, as minhas pesquisas, a maior parte das pesquisas são quantitativas e utilizam modelos de regressão, relações entre variáveis, basicamente é isso [...]”.

Estudante 11	“[...] ele é um <b>estudo historiográfico</b> então ele é documental [...]”.
Estudante 12	“ <b>Acho que, de certa forma, a gente carrega muito do pesquisador que nos ensinou a pesquisar, [...], querendo ou não, ele já tem um viés para alguns testes principais e acaba que a gente vai se especializando nesses testes e para ele os principais testes</b> para a gente ter resultados preliminares é a <b>correlação</b> [...] que vai te indicar o que vai fazer daqui pra frente, quais variáveis você vai levar, quais você vai larga [...] essas correlações que a gente encontra agora é o que vai defini daqui pra frente [...] vejo que <b>quando vou orientar os meus alunos de TCC, claro que o nível tem que ser menor, a exigência é menor, mas acaba que ensino para eles aqueles testes que tenho mais facilidade, que faço todo dia</b> , por que o problema dessa parte da abordagem quantitativa e testes estatísticos é que não tem como você fica mudando, quando você acha um que está dando bom resultado você acaba seguindo aquele mesmo, não tem muito variabilidade, <b>sigo a cabeça do meu coorientador quando tenho alguma dúvida mando pra ele e ele fala vamos tentar isso</b> ”.
Estudante 13	“[...] <b>a tendência seria muito mais para o quantitativo</b> [...]”.
Estudante 14	“Basicamente é quantitativo, a pesquisa sempre foi descritiva, os dados [...] são reorganizados, [...] até pensei como é que eu poderia contribuir qualitativamente e não consegui encontrar [...] que se aplicasse no caso da minha pesquisa, então acho que quantitativo sempre vai me ajudar melhor, <b>regressões lineares</b> com relações entre variáveis [...]”.
Estudante 15	“[...] <b>O método predominante na minha pesquisa é o qualitativo</b> , vai ter uma parte quantitativa, mas mais de evidenciação dos resultados, mas a parte essencial que vai responder mesmo a pergunta de pesquisa, ela é qualitativa, vai depender de um <i>checklist</i> , de uma conferência, das empresas terem uma determinada atividade ou uma determinada ação [...] o que levou a escolher esses métodos foi em função para responder o objetivo de pesquisa [...] ir a campo e fazer essa observação e depois disso [...]”.
Estudante 16	“[...] para mim, os métodos mais comuns que faço nas minhas pesquisas são métodos quantitativos [...], principalmente quando tenho que utilizar uma <b>análise de regressão</b> , isso porque <b>os meus problemas que acabo construindo, eles levam a um entendimento de relações</b> [...], a partir de um efeito mediador, no momento da <b>construção da pesquisa, nunca penso no método, mas tenho uma tendência predominantemente quantitativa, penso no problema e na construção dele, e depois venho já construindo as hipóteses</b> [...]”.
Estudante 17	“[...] é uma análise situacional, porque eu tinha que fazer surgir dos dados as informações e a análise situacional está relacionada a Teoria Fundamentada é uma derivação da Teoria Fundamentada, então utilizei a análise situacional para tentar entender as questões de poder, caracterizar a situação e também a <b>análise de discurso</b> foucaultiana, justamente pra tentar entender como se comporta o discurso [...]”.
Estudante 18	“[...] minha pesquisa ela tem uma abordagem quantitativa, mas na verdade [...] <b>estou trabalhando com uma base mista</b> , porque estou utilizando técnicas de coleta qualitativa, tanto na coleta quanto na análise dos dados, na verdade meu estudo ele é misto, tem uma parte qualitativa que converto isso em dados quantitativos para poder aplicar os testes, posso afirmar que estou utilizando uma análise qualitativa com a <b>análise de conteúdo proposta por Bardin</b> e o uso do NVivo para poder rodar os dados. Já a parte quantitativa, estou utilizando a <b>análise envoltória dos dados, o DEA</b> para poder rodar uma variável específica [...]”.
Estudante 19	“[...] <b>equações estruturais</b> [...]”.
Estudante 20	“[...] nas minhas pesquisas <b>até 2020 o que prevalecia era regressão, análise de conglomerados, análise fatorial</b> era a produção positivista dos artigos em contabilidade enfim. Meu TCC na graduação e minha dissertação no mestrado foram pesquisas quantitativas positivistas a respeito de trabalhar questões como transparência e responsabilidade social e etc. <b>No doutorado volto minha pesquisa para uma perspectiva totalmente qualitativa e crítica</b> , passo a aplicar entrevistas, passo a usar a <i>Ground Theory</i> , a usar a própria <b>análise situacional</b> e tem uma virada de chave, porque agora [...] percebo que tenho uma maior capacidade de geração de sentido sobre os fenômenos, porque a pesquisa ela não tá na superficialidade dos indicadores ou do valor que a gente gera lá nas equações e nos modelos estatísticos, [...] passo a entender a realidade [...] com maior profundidade, me aproximo mais do objeto, as entrevistas, a produção da <i>Ground Theory</i> e a produção da análise situacional permitem a geração de sentidos que são mais específicos em relação aos outros e acho que geram sentidos que fazem mais sentido para o pesquisador do que quero desenvolver [...] nesse período [...] a tese é uma pesquisa qualitativa, é uma abordagem indutiva [...]”.



Estudante 21	“[...] vou usar testes de <b>regressão múltipla</b> [...]”.
Estudante 22	“[...] gosto de observar os números [...] utilizo <b>testes de médias, correlação, regressão</b> , não sou muito familiarizado as técnicas estatísticas mais robustas [...] gosto de números é o que trabalho”.
Estudante 23	“[...] o que usei na tese foi <b>regressão múltipla</b> [...]”.
Estudante 24	“[...] abordagem quantitativa com um pouquinho de qualitativo, mas predominantemente quantitativo [...] identifiquei os documentos que são os relatórios das empresas [...] existe uma <b>análise de conteúdo</b> [...] e tem estatística descritiva [...] e depois a <b>regressão</b> [...]”.
Estudante 25	“[...] <b>quantitativa ela foi predominante</b> e os motivos [...], <b>acho que é algo que já surge no mestrado a predominância da abordagem quantitativa dentro da nossa área</b> [...], na aceitabilidade da sua produção tanto em eventos quanto em periódicos, <b>acho que isso já é um primeiro ponto que estabelece um viés de você posicionar a maioria dos trabalhos</b> [...] é um campo que gosto, que aprendi a gostar e que já vinha desde a graduação, [...] <i>software</i> [...], teste de hipótese [...] você fica dentro da sua área de conforto [...] vou trabalhar, porque já tenho o domínio dos conceitos, do ferramental, me sinto mais seguro [...], mas <b>procurei dentro do doutorado, nas disciplinas eletivas, busquei estudar [...] a construção de uma pesquisa qualitativa, de uma entrevista em profundidade, de uma análise de discurso, de uma análise de conteúdo, trabalhar com os softwares NVivo e foi uma experiência positiva, gostei, estou me aventurando [...], mas não teria segurança para desenvolver um trabalho, uma tese acima da metodologia qualitativa</b> ”.
Estudante 26	“É um <b>método predominante quantitativo</b> [...] confesso que sou um pouco fraco na pesquisa qualitativa e apesar de ter estudado a análise de conteúdo da Bardin, nunca entendi muito bem [...] ao mesmo tempo parece para mim muito subjetivo [...], gosto mais de pesquisa quantitativa [...]”.
Estudante 27	“[...] vou trabalhar com <b>análise documental</b> , com entrevistas com atores chaves, [...] estou trabalhando com o atlas.ti [...]”.
Estudante 28	“Eu sou um pesquisador predominante qualitativo [...], tenho acho que dois ou três trabalhos na área quantitativa, mas foram trabalhos desenvolvidos em disciplinas quantitativas, mas as minhas pesquisas elas são qualitativas, minha dissertação foi quali-quant, mas é predominantemente qualitativa e a tese foi realmente muito quali, até os Professores comentaram, a tese dela é muito qualitativa, utilizei a <b>análise de conteúdo</b> , utilizei também a <b>análise bibliométrica</b> [...], uma base para que eu discuta os estudos e o <b>ensaio teórico</b> que também não é tão comum na nossa área as pesquisas a partir de <b>ensaio teórico, isso também foi a contribuição de um Professor da disciplina de seminário de tese</b> [...]”.
Estudante 29	“[...] <b>tenho uma grande paixão por métodos quantitativos</b> e foi algo bem fácil de identificar, a minha escolha foi influenciada por conta dos artigos que faço, todos os meus artigos têm uma abordagem quantitativa e desde que entrei no mestrado tentei aperfeiçoar essas habilidades quantitativas [...], <b>o meu orientador também tem um forte posicionamento quantitativo</b> [...]”.
Estudante 30	“[...] A gente trabalha com essa linha mais positivista e com métodos quantitativos, no entanto a gente tem uma característica bem específica que nós já trabalhamos com grandes populações, grandes amostras e de um certo modo não nos permite o trabalho com métodos paramétricos, basicamente as nossas <b>técnicas são não paramétricas</b> , [...] a gente desenvolve muitos <b>testes de hipóteses</b> [...]”.
Estudante 31	“[...] Foi metodologia quantitativa e utilizei um <b>experimento</b> [...]”.
Estudante 32	“[...] utilizo métodos quantitativos mais precisamente e geralmente modelos de <b>regressão</b> e podem ser de diferentes tipos mais em geral a escolha para ser sincero é, não, teve uma escolha, [...] <b>nos programas em que estive esse tipo de método</b> [...] <b>os Professores que estão lá estão mais alinhados com a maioria deles</b> [...] no meu caso isso foi ótimo, porque casou com o que me interesse [...]”.
Estudante 33	“[...] fiquei com a <b>abordagem mista</b> , porque precisava de uma profundidade [...] é um desafio [...] minha <b>pesquisa é quanti-quali</b> [...] e essa escolha foi diante do objetivo que me propus a investigar [...]”.
Estudante 34	“[...] os dois tipos de pesquisa que a gente praticamente tem é a revisão de literatura e <b>estudo de caso</b> é o que mais predomina [...], <b>principalmente, porque a minha Professora ela trabalha com essa linha</b> , se você chegar para ela e dizer que você quer fazer um estudo quantitativo, ela não vai te orientar, porque ela não gosta de orientar aquilo que ela não sabe [...]”.

Estudante 35	“O que levou as escolhas foi a necessidade [...], porque a minha proposta era voltada as empresas em situação de insolvência e quando a gente olhava as bases de dados secundários no Brasil [...] eu não conseguia formar uma <b>base com significância estatística</b> , porque tinha que ir fora das empresas de capital aberto [...]”.
Estudante 36	“[...] normalmente trabalho com o quantitativo com construtos já validados fazendo <b>testes de hipóteses</b> ”.
Estudante 37	“predominante vai ser <i>survey</i> , por ser mais fácil e rápido analisar os números dos dados coletados, a gente vai fazer <b>análise estatística</b> [...] lá em epistemologia da pesquisa a gente descobriu que a pesquisa interpretativa não é tão simples como muitos dizem ser [...]”.
Estudante 38	“Eu já fiz algumas pesquisas qualitativas, mas os métodos predominantes que fiz até hoje são quantitativas, na minha tese também é quantitativa, com <b>regressão, dados em painel e o que me levou a essas escolhas</b> é mais a questão da não é nem facilidade, porque às vezes é um pouco árduo e a minha inclusive vai ser bem difícil de coletar, mesmo sendo quantitativa, mas é a questão de <b>conseguir aqueles dados com mais facilidade</b> do que quando se trata de uma pesquisa qualitativa. [...] quando é quantitativa e você não depende de terceiros, você mesmo vai lá e baixa os dados, [...] acabo optando por esse lado, pela questão de não depender de terceiros para coletar os meus dados [...]”.
Estudante 39	“[...] sou apaixonada por <b>pesquisa qualitativa</b> , [...] acho que é uma troca de conhecimento tão grande, tão boa, você faz uma [...] entrevista, [...] é como aprender com outra pessoa, acho que é por isso que gosto tanto da pesquisa qualitativa [...] é por isso que a principal pesquisa na minha tese é qualitativa [...] na entrevista as descobertas são mais acentuadas [...]”.
Estudante 40	“[...] <b>análise de conteúdo</b> por conta dos documentos que a gente analisou e a <b>regressão em dados de painel</b> [...]”.
Estudante 41*	
Estudante 42	“Para o problema que tinha que ser resolvido, escolhi uma metodologia mais adequada, foi utilizada uma abordagem qualitativa, por meio de entrevistas, visita a empresa e [...] isso porque o problema exigia [...] os outros dois artigos acabou sendo <b>modelagem de equações estruturais</b> que acabava vendo as relações diretas e indiretas de alguns fatores [...]”.
Estudante 43	“[...] o método <b>predominante é quantitativo</b> [...]”.
Estudante 44	“Eu gosto muito de pesquisa quantitativa, a maioria das publicações, dos trabalhos, a minha tese, sempre quis quantitativa, não tenho nada contra qualitativa, pelo contrário, acho que elas se complementam, acredito que elas não têm um fator de impacto tão grande, mas quando a gente aglutina o quali e o quanti acho que fica a pesquisa perfeita, mas ainda gosto, acho que <b>me sinto mais à vontade com as pesquisas que posso ter uma noção do todo</b> , [...], gosto muito de estudar a relação. [...] acho que o que mais tem na minha tese hoje é <b>regressão</b> , justamente para poder buscar o relacionamento de um fator com outro, o que a gente pode tirar daquilo dali em busca de melhorias, acho que a partir daí a pesquisa quali consegue identificar na raiz dos problemas, mas ainda fico mais à vontade com o todo”.
Estudante 45	“[...] vou utilizar métodos predominantemente qualitativos, mas também quantitativos, a <b>minha pesquisa é quali e quanti</b> . Em relação às técnicas, vou usar a <b>análise de conteúdo</b> [...] e também técnicas multipareadas, como <b>análise fatorial, análise de cluster</b> . O que me levou às escolhas foram os objetivos de pesquisa. [...] foi até uma discussão, [...] em relação a essa questão de como vou analisar os dados, mas já tenho isso muito claro, mas é o que sempre falo, por exemplo, os dados não podem ser apertados e estrangulados para que eles venham a falar aquilo que a gente quer, aquilo que eu pesquisador quero, [...] por exemplo, para aplicar uma técnica multivariada preciso compreender os pressupostos dessa técnica e verificar nos dados se eu posso utilizar essa técnica [...]”.
Estudante 46	“[...] minha tese <b>ela vai ter os quatro elementos, uma pesquisa documental, uma pesquisa qualitativa, uma quantitativa e uma qualitativa positivista</b> ”.
Estudante 47	“O método predominante é hipotético-dedutivo e com uma <b>abordagem quantitativa</b> , justamente para trazer objetividade para pesquisa [...]”.
Estudante 48	“[...] <b>método quantitativo</b> que levou a escolha foi a disponibilidade dos dados para poder utilizar e encontrar os resultados para a tese”.
Estudante 49	“A questão mais <b>predominante foi o qualitativo</b> [...] o quantitativo como eu dependia dos dados da covid precisava de um pouco mais de tempo [...]”.
Estudante 50	“[...] <b>regressão multinível</b> e a gente escolheu ela porque, de acordo com os dados que nós coletamos da base, por serem países diferentes e são dez países no caso, a gente queria que o método de regressão também captasse esse aspecto, a gente utilizou um modelo multinível no caso de dois níveis para que o modelo conseguisse capturar também as

	diferenças entre os países, <b>a definição do método foi por causa dos dados e o que a gente queria de acordo com o nosso objetivo</b> ”.
Estudante 51	“[...] minha base de dados é secundária [...] o método quando eu fui fazer a escolha [...] <b>acho que não a gente que escolhe o método, é o método que nos escolhe</b> , porque você tem uma proposta e tem que encaixar naquele método [...] muitas vezes não é o método correto, mas você acaba encaixando ele [...] vejo nessa perspectiva de que é o método que escolhe a sua pesquisa [...]”.
Estudante 52	“[...] é uma <b>regressão linear múltipla</b> [...] a escolha foi um método mais confortável”.
Estudante 53	“[...] a pesquisa é quali e quanti, a primeira parte qualitativa estou realizando entrevistas com a gravação dos áudios e transcrição desses áudios [...] para que assim eu desenvolva uma escala a partir uma <b>análise fatorial confirmatória</b> e entra a parte quantitativa [...]”.
Estudante 54	“[...] vou usar primeiro uma <b>revisão sistemática</b> , [...] o segundo eu quero <b>analisar a narrativa do ponto de vista de metodologias mais críticas, qualitativas</b> [...] tenho que fazer a conexão desses resultados com a lente teórica que quero aplicar [...]”.
Estudante 55	“[...] <b>regressão</b> com mínimos quadrados ordinários [...]”
Estudante 56	“Eu geralmente uso pesquisas [...] quantitativas, não me considero um pesquisador extremamente quantitativo, mas [...] uso <i>survey</i> [...] na minha metodologia e geralmente uso <b>regressões</b> [...], <b>o que me levou foi um pouco dessa visão metodológica</b> [...] <b>e um pouco do grupo de pesquisa e a forma como a gente</b> [...] <b>costuma trabalhar</b> [...]”.
Estudante 57	“[...] meus métodos são econômicos, são estatísticos eles tratam de pesquisas de dados secundários [...] já existentes, trabalho com <b>ferramentas estatísticas</b> [...]”.
Estudante 58	“[...] na minha tese <b>quero seguir com as entrevistas</b> [...] sei que é possível, gosto do contato com as pessoas, gosto de ser alguém ouvindo uma pessoa, acho que a entrevista é um dos métodos em que você consegue, de fato, colher as informações mais profundas [...] não me vejo muito sentando em frente ao computador e fazendo pesquisa quantitativa [...] me vejo mais indo a campo, aprendendo com as pessoas [...]”.
Estudante 59	“[...] <b>pesquisa qualitativa, entrevistas, observação de campo</b> [...]”.
Estudante 60	“[...] sempre trabalhei muito com a abordagem de <b>análise documental</b> [...] sempre tive receio em fazer pesquisa por questionário e pesquisa por entrevista [...] a minha experiência nisso está sendo agora diretamente na tese [...] vejo como um risco para mim, porque não tive experiência, nesse sentido, ao longo das minhas pesquisas, mas espero conseguir obter o resultado [...] vou fazer uma triangulação, uma boa parcela vou pegar documentos públicos [...] e cruzar com o que vou captar das <b>entrevistas</b> ”.
Estudante 61	“[...] o método predominante é o <b>método quantitativo</b> , não sei se houve alguma influência, porque no mestrado a pegou primeiro o quantitativo, no primeiro semestre e o qualitativo no segundo semestre [...] me apaixonei pelo quanti [...] cheguei no mestrado sem saber o que era uma regressão, uma variável dependente [...]”.
Estudante 62	“[...] Uma pergunta interessante também, porque venho fazendo somente pesquisas com métodos quantitativos, <i>survey</i> , análises de <b>equações estruturais, regressão linear, regressão logística</b> , nunca fiz pesquisa qualitativa, [...] não sabia como estabelecer os protocolos que há nos processos de entrevista, usar <i>software</i> como o Nvivo para transcrição [...]”.
Estudante 63	“Hoje <b>predominantemente trabalho com métodos quantitativos, no primeiro momento foi por causa do orientador</b> , mas hoje é realmente uma coisa que gosto de fazer, gosto de trabalhar com métodos quantitativos, querendo ou não existe uma facilidade muito grande de produção acadêmica, porque a gente coleta, a gente tem acesso a uma base de dados, a gente roda os dados e já consegue analisar [...] tanto é que no meu grupo de pesquisa a gente faz um artigo por semestre com os colegas isso não seria possível com um trabalho qualitativo, por exemplo, elaborei um trabalho qualitativo no mestrado, foi questão de um ano e meio, dois anos porque tem que marcar entrevista, tem que fazer transcrição, tem que analisar é muito trabalho [...]”.
Estudante 64	“[...] o foco da <b>pesquisa é mais quanti</b> [...] fico mais com o estudo de caso e <i>survey</i> [...]”.
Estudante 65	“[...] nas minhas pesquisas, em geral, [...] sou bastante quantitativo e o método que mais costume utilizar são <b>regressões</b> de forma geral, [...] pode variar de acordo com a necessidade, se você vai utilizar dados em painel, [...] uma regressão logística, [...] enfim, as variações possíveis dentro da regressão [...]”.
Estudante 66	“O método que utilizei foi uma <b>regressão</b> [...]”.
Estudante 67	“ <b>É curioso, sou Contador do mercado</b> [...] <b>você sabe quantas vezes eu li um artigo quantitativo na minha vida, antes de entrar na academia? Nenhum. Eu nunca vi um artigo quantitativo, eu não sabia que existia</b> [...] eu tinha uma dificuldade muito grande

	de saber que um artigo quantitativo é contabilidade, ainda tenho graves críticas aos artigos quantitativos, não gosto, acho que os autores ficam muito longe do tema e tenho dificuldade de compreender quem vai usar aquilo de verdade na prática contábil [...] <b>trabalho só na base do qualitativo</b> , não consigo conceber os tipos quantitativos, porque não é da minha natureza. Minha natureza não é uma natureza quantitativa [...], uso estudo de caso, uso análise documental [...] e agora vou trilhar o caminho da entrevista [...].”
Estudante 68	“[...] no doutorado, especificamente, para as pesquisas [...] a gente mais usa são as que levam essa carga econômica, uma <b>análise fatorial</b> , uma <b>análise de regressão</b> , na minha tese, por exemplo [...] nós vamos utilizar uma <b>média</b> [...] <b>ponderada</b> [...]”.
Estudante 69	“Método <b>predominante é o quantitativo</b> [...] é um modelo econômico [...] a escolha é por conta da linha de pesquisa, porque estou na linha de pesquisa quantitativa [...] de ter acesso aos dados que são públicos e na minha opinião é um caminho mais seguro”.
Estudante 70	“Serão métodos quantitativos, [...] o que me levou talvez foi conhecimento e apreço pelos números, <b>métodos estatísticos</b> e como também acho que o modelo e a própria questão de pesquisa, que meio que direcionaram para esses métodos, diria que é adequado o que eu quero responder [...]”.
Estudante 71	“ <b>Pesquisa qualitativa</b> , eu não queria fazer pesquisa quantitativa, [...], desde que comecei o doutorado, queria fazer uma pesquisa qualitativa [...]”.
Estudante 72	“[...] uma coisa que quero aprofundar após o doutorado são os métodos quantitativos [...], mas para o meu tema de tese, ele pede algo mais <b>qualitativo</b> [...]”.
Estudante 73	“[...] pelo menos para mim é mais a parte de estatística que a gente acaba usando [...] é quantitativa a minha pesquisa, sempre foi relacionada a <b>métodos estatísticos</b> [...]”.
Estudante 74	“Para mim <b>as pesquisas que fazem mais sentido são as pesquisas quantitativas, na tese também não é diferente e isso tem muito a ver com o meu jeito</b> . O que levou às escolhas? [...] faço um comparativo com as pesquisas quali que vejo de uma grande valia, mas elas não têm o meu perfil, não consigo, sou uma pessoa muito reservada, muito introvertida, se eu precisar fazer entrevista como você está fazendo para mim não rola, [...], para mim seria um sacrifício muito grande, [...] não me negaria a fazer [...] se fosse preciso, mas uma escolha minha foi evitar pesquisa qualitativa [...]”.
Estudante 75	“Entrevista semiestruturada e <b>análise textual</b> [...]”.
Estudante 76	“[...] <b>gosto de sair um pouco do tradicional</b> [...]”.
Estudante 77	“[...] de forma geral, faço pesquisa qualitativa e <b>me tornei um pesquisador qualitativo, porque à medida que fui andando no mestrado notei que tinha pouca capacidade de compreender a execução da pesquisa quantitativa</b> , leio, entendo, analiso, compreendo, participo com alguns colegas [...], mas [...] não tenho estrutura, porque <b>a minha ontologia é interpretativista</b> , decidi me dedicar ao que sou bom [...] e por conta disso, tendo clareza que a minha estrutura mental é interpretativista e [...] coletei dados usando entrevistas, documentos e observações [...] <b>estudo de caso é a preferência</b> e agora estou embarcando na <b>análise narrativa</b> para fazer pesquisa documental com base nos relatórios contábeis, ainda é novo, mas estou gostando”.
Estudante 78	“[...] <b>análise de conteúdo</b> e <b>análise do discurso</b> [...] tenho uma certa dificuldade com o nosso quantitativo [...]”.
Estudante 79	“[...] utilizei o DEA, <b>análise envoltória dos dados</b> [...] e no outro utilizei a pesquisa qualitativa, desenvolvi um desenho mesmo como um manual [...]”.
Estudante 80	“A predominância é o quantitativo com <b>modelagem de equações estruturais</b> ”.
Estudante 81	“[...] análise de relações com <b>regressões</b> e equações estruturais [...]”.
Estudante 82	“[...] trabalho muito com estatística [...] olhando muito para métodos de economia [...] na minha aplico alguma técnica de <b>diferença de diferença</b> e alguns testes [...]”.
Estudante 83	“[...] a própria questão de pesquisa leva para uma parte quantitativa, não foi uma escolha [...] fazer um trabalho quantitativo, simplesmente [...] a questão de pesquisa acabou levando a um trabalho <b>totalmente quantitativo</b> ”.
Estudante 84	“[...] vou <b>construir um índice</b> [...] usar algumas métricas de estudos internacionais [...]”.
Estudante 85	“[...] o <b>método predominante é a pesquisa qualitativa</b> , prefiro a qualitativa, mas também acho importante ter pesquisa quantitativa, uma complementa a outra não gosto da quantitativa pura, acho que é [...] objetivo [...] falar sobre a questão da significância estatística, [...] às vezes [...] não tem muito significado, acho que a qualitativa ela complementa a quantitativa ou vice-versa também pode acontecer”.
Estudante 86	“[...] de modo geral, pesquisa qualitativa, sempre uso essa abordagem agora que estou orientando alguns tccs [...], alguns são quanti, mas são pouquíssimos a minha

	predominância é qualitativa. [...] ao longo da minha trajetória já fiz <b>análise de conteúdo</b> em documentos e entrevistas, meu mestrado na minha dissertação fiz entrevistas, só que para a tese, especificamente, é qualitativo, <b>análise do discurso</b> e de conteúdo, apliquei as duas técnicas [...]”.
Estudante 87	“[...] ela vai ser uma pesquisa descritiva e vai <b>alinhar tanto o método qualitativo quanto o quantitativo</b> , esse é o meu sonho, [...] através das entrevistas [...]”.
Estudante 88	“[...] é uma abordagem qualitativa e a ideia é que a gente tenha uma observação participante [...] e por fim uma <b>análise de conteúdo</b> [...]”.
Estudante 89	“[...] vou te dizer que o método predominante de <b>pesquisa bibliográfica</b> é a maior parte [...] <b>analisar uma série de autores</b> [...] acho que a pesquisa ainda é de cunho muito teórico [...] <b>utilizar as informações do mercado de capitais, demonstrações financeiras de companhias abertas, tentar sistematizar isso</b> [...]”.
Estudante 90	“[...] métodos quantitativos [...] maior parte com estimação de modelos de <b>regressão linear</b> . O que me levou a essa escolha? foi a questão do problema de pesquisa, [...] o objetivo que tenho que alcançar, [...] a melhor forma de alcançar o resultado, [...], o tratamento dos dados, foi esse o motivo que me fez escolher esse modelo”.
Estudante 91	“[...] uso estatística, <b>regressão</b> [...]”.
Estudante 92	“[...] método predominante [...] <b>equações estruturais</b> [...] <b>não fui eu que escolhi, foi o meu orientador</b> [...] usar aplicação de questionário, vamos utilizar o PLS [...]”.
Estudante 93	“[...] prefiro uma pesquisa mais <b>quantitativa</b> [...], apesar de que acho muito interessante a pesquisa qualitativa, mas prefiro as pesquisas quantitativas mais ligadas à <b>construção de modelo</b> , à área de finanças, a <b>construção de indicadores</b> [...]”.
Estudante 94	“[...] <b>Predominantemente quantitativa</b> e eu não vou dizer para você que não gosto, eu gosto, acho o máximo usar a ferramenta [...] a partir do momento em que a gente colocou o nosso problema, o nosso objetivo ele já vai guiar para o método [...]”.
Estudante 95	“[...] <b>regressão</b> , sou mais da área quantitativa [...]”.
Estudante 96	“ <b>Predominantemente o método quantitativo</b> sendo que sempre coeto o dado manualmente [...] e a escolha é normalmente sempre em torno do desenho da pesquisa [...]”.
Estudante 97	“ <b>Positivista quantitativa</b> [...] é o que faço sempre, [...] eu nem sei fazer uma pesquisa qualitativa, só ouvi falar, mas eu não sei”.
Estudante 98	“ <b>Quantitativo</b> e o que me levou é o objetivo [...]”.
Estudante 99	“[...] na tese acabei indo para a parte mais da <b>pesquisa qualitativa</b> , porque era o que se encaixava para responder o que eu queria [...] utilizando entrevistas [...]”.
Estudante 100	“Como eu já estava bastante acostumada a fazer <b>regressão linear múltipla</b> , então esse foi o principal método que usei na minha tese, mas também fiz alguns testes de normalidade dos resíduos e [...] também de multicolinearidade entre as variáveis [...]”.
Estudante 101	“O nosso é um <b>estudo de caso</b> qualitativo [...]”.
Estudante 102	“O método <b>predominante é quantitativo</b> e o que me levou as escolhas foi uma parceria com meu antigo orientador [...]”.
Estudante 103	“Eu sigo por <b>pesquisas mais qualitativas</b> e o que leva a escolher é o problema de pesquisa, acho que não tem como fugir muito disso, sei que por vezes a gente se sente mais confortável para fazer uma pesquisa quanti, [...], mas sempre paro para pensar que é o problema que vai definir o que é o método e para você entender, para você chegar ali no resultado é a partir do problema [...]”.
Estudante 104	“A principal é <b>correlação e regressão</b> e o motivo é porque foi percebido que era o que mais se encaixava dentro da perspectiva da pesquisa [...]”.
Estudante 105	“[...] <b>quantitativa</b> por conta de tentar entender [...] o que espero medir [...]”.

*Nota.* Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

\*Respondeu 15 perguntas do roteiro, as últimas 10 perguntas não foram respondidas (motivo: queda de energia elétrica no estabelecimento do entrevistado e, posteriormente, não houve disponibilidade do estudante). A pergunta desta tabela encontra-se entre as 10.

Tomando-se como norte as argumentações trazidas pelos doutorandos e expostas na Tabela 8 pode-se perceber que há uma tendência predominante pelo uso de métodos quantitativos em detrimento dos métodos qualitativos. No entanto, houve também a

compreensão de que quando se opta pelo uso de métodos qualitativos há uma diversidade nas escolhas.

Tal diversidade dos métodos citados pelos entrevistados condizem com a análise de conteúdo (predominante), estudo de caso, análise de discurso e análise documental. Houve também, mas com menor ênfase estudos que envolvem, estudos historiográficos, *Grounded Theory*, análise situacional, análise narrativa, análise textual e ensaio teórico.

No tocante aos métodos quantitativos mesmo havendo um predomínio de uso, quanto as opções podem-se compreender que a primazia é pelo uso de regressões. Os doutorandos mencionaram equações estruturais, dados em painel, correlação, análise fatorial, análise envoltória de dados e análise de cluster.

Uma outra constatação diz respeito a algumas menções relacionadas a opção por um método em vez outro. O(a) Estudante 12 comentou: “[...] **a gente carrega muito do pesquisador que nos ensinou a pesquisar** [...] sigo a cabeça do meu coorientador [...]”. Já o(a) Estudante 29 mencionou “[...] **tenho uma grande paixão por métodos quantitativos [...] meu orientador também** tem um forte posicionamento [...]”. O(a) Estudante 63 compartilhou “[...] predominantemente **trabalho com métodos quantitativos, no primeiro momento foi por causa do orientador** [...]”.

O(a) Estudante 25 sinalizou uma construção como pesquisador desde o mestrado e com isso o primeiro contato, por exemplo, com um método e uma abordagem podem encaminhar este estudante a seguir determinada linha, nas palavras do estudante “[...] é algo que já surge no mestrado a predominância da abordagem quantitativa dentro da nossa área [...] é um primeiro ponto que estabelece um viés de você posicionar a maioria dos trabalhos [...]”.

Tais menções acabam por estabelecer que há uma forte possibilidade de que a atuação de seus orientadores como pesquisadores influencia o posicionamento metodológico de seus orientandos e como consequência a visão de mundo deste pesquisador em formação também possa ser moldada e/ou alterada. O(a) Estudante 56 acrescentou “[...] o que me levou foi um pouco dessa visão metodológica [...] e um pouco do grupo de pesquisa e a forma como a gente [...] costuma trabalhar [...]”.

#### **4.5.3 O uso de métodos quantitativos e qualitativos em pesquisas da área contábil**

Existe nas ciências sociais, desde 1960, a denominada ‘guerra de paradigmas’ que envolvia e ainda no século XXI compreende os embates entre o uso por parte dos pesquisadores dos métodos quantitativos em detrimento dos métodos qualitativos (Coates, 2020). No campo

científico contábil brasileiro há o denominado ‘*mainstream*’, que significa um padrão a ser seguido, em outras palavras, uma forte influência norte-americana de pesquisas positivistas com a primazia para o uso de abordagens quantitativas (Fox, 2018; Magrini et al., 2024).

Em vista de tais embates que ainda persistem na academia, os futuros doutores em contabilidade foram instigados a refletirem sobre o seguinte questionamento: ‘Você poderia comentar um pouco sobre o uso/importância/pertinência de métodos quantitativos e qualitativos em pesquisas da área contábil?’

De forma a compreender as argumentações dos estudantes optou-se por seccionar em três tópicos: (i) métodos quantitativos na contabilidade: a formação *mainstream*; (ii) métodos qualitativos na área contábil; e (iii) métodos quantitativos e qualitativos em pesquisas da área contábil.

#### 4.5.3.1 Métodos quantitativos na contabilidade

A partir da prática contábil em explicar e prever determinados fenômenos, o uso dos conhecimentos e de um aparato conceitual com base nos preceitos econômicos norte-americanos e uma compreensão mais realista diante a explicação dos fenômenos (Magrini et al., 2024) acabou influenciando a prática contábil brasileira. Tal prática incutida nos cursos, por exemplo, de graduação em Ciências Contábeis fez com que essas ações conceituais e até mesmo procedimentais, ou seja, de uso de um formato quantitativo para explicar os fenômenos acaba tornando-se um padrão dentro dessa área profissional de conhecimento.

Nesse sentido, a influência desse *mainstream* contábil no Brasil ainda no século XXI torna-se palco de discussões entre os pesquisadores. Discussões estas atreladas a primazia entre quantitativo e o qualitativo e vice-versa. Ao comentar a respeito do uso dos métodos quantitativos em pesquisas da área contábil fortemente impulsionada pela formação *mainstream* o(a) Estudante 7 mencionou: “**minha formação é *mainstream* não por decisão, mas porque os cursos são *mainstream* de graduação [...], conheço eles, mas vejo uma certa banalização em alguns momentos por parte de algumas pesquisas**, esse é o problema, entendo o poder dos métodos, mas nem tudo pode ser relacionado com tudo [...]”.

O(a) Estudante 4 comentou: “[...] **a grande maioria é quantitativa na minha área [...], eles vão mais no sentido de preservar o *status quo*** de alguma medida [...] já que a sua importância é identificar novos indicadores, [...] novas variáveis enfim, o qualitativo por mais que eu não gosto de fazer eu adoro ler artigos qualitativos [...]” (Estudante 4). Ainda relacionada ao aspecto formativo de pesquisadores da área contábil tem-se o fato da

predominância por publicações de cunho quantitativo ao mesmo tempo em que há exigências em torno dessa aplicabilidade como ponderou o(a) Estudante 10.

[...] **acho que a gente tem uma predominância quantitativa muito grande na contabilidade até hoje nas pesquisas, nos artigos, dissertações, teses e tudo mais, isso mudou um pouco**, nos últimos 15 anos, talvez, em função do trabalho que vocês, pesquisadores da educação desenvolvem, isso mudou um pouco, a aceitação sobre o qualitativo ela melhorou um pouco na minha percepção, mas acredito que ainda possa melhorar um pouco mais, principalmente no sentido de análise crítica do qualitativo e também na análise crítica do quantitativo. **Você pode abrir as melhores revistas de contabilidade do nosso país e não vai ser incomum você encontrar artigos que têm as tabelas de regressões e que reportam o que está demonstrado pelo sinal do coeficiente, a relação é positiva, a relação é negativa.** O que essa relação quer dizer? Quer dizer que influencia positivamente, quer dizer que influencia negativamente. [...], não estou dizendo que não é importante dizer isso, é importante dizer, mas, qual análise crítica disso, o que esse número representa? O que essa relação representa? [...], falta crítica, falta estudo, falta retomar a teoria para justificar [...] ela tá lá para cumprir um papel no tópico dois [...], **me insiro dentro dessa crítica que faço, porque a gente precisa produzir, então para produzir, publicar, a gente tem exigência dentro do programa de pós-graduação, a gente tem exigência da CAPES, os Professores têm exigência, então todas essas exigências talvez façam com que isso aconteça**, mas a gente tem uma parcela de responsabilidade nessa qualidade do que está sendo reportado também [...] acredito que o quantitativo é importante, é interessante, é bom, na contabilidade ele nunca vai deixar de ser usado [...], mas o qualitativo, acredito que ele tenha especialmente um viés para a gente aprender dele, que é essa análise crítica, de aprofundar o conhecimento, de tentar entender aquilo que está sendo dito de uma forma mais profunda [...] inclusive para o quantitativo de trazer essas explicações para o fenômeno que a gente está tentando discutir [...] (Estudante 10).

Além das exigências ponderadas pelo(a) Estudante 10, o(a) Estudante 20 mencionou que um dos aspectos dessa influência quantitativa na formação contábil diz respeito ao próprio treinamento, ou seja, o percurso dos Professores que também tiveram essa influência positivista de seus mentores.



[...] **acho que existe uma sobreposição das pesquisas quantitativas em relação às pesquisas qualitativas e acho que isso é um processo que a gente pode observar sobre diversos prismas, acho que os Professores que estão hoje nos programas de pós-graduação, uma parcela significativa desses Professores teve um treinamento muito específico para a pesquisa quantitativa e isso invariavelmente vai influenciar, porque existe uma questão de formação [...]**, o Professor não teve uma base qualitativa forte, conseqüentemente ele não vai ter condições de lecionar disciplinas ou desenvolver discussões que estejam ligadas a pesquisa quali e nisso se sobressai a pesquisa quantitativa, **acho que isso é uma questão pelos currículos dos programas de pós-graduação em contabilidade não são todos os programas que oferecem pesquisa qualitativa, mas a gente tem disciplinas e pesquisas quantitativas que são variadas, [...]** o doutorado possui duas disciplinas de pesquisa qualitativa, só no doutorado e acredito que foi muito em virtude da formação da Professora que leciona a disciplina e talvez senão tivesse essa Professora disponível para dar a disciplina, não sei se tem outros Professores [...] **acho que isso é um problema que abarca outros programas de pós graduação e talvez não tem esse Professor capacitado para dar uma disciplina, acho que os eventos de contabilidade eles vão prevalecer com a pesquisa quantitativa, [...], acho que o nosso campo ele ainda é muito orientado para a produção de pesquisa na perspectiva quantitativa**, mas entendo que existe um esforço, existem pesquisadores, existem Professores, existem programas que estão investindo, estão mais abertos a produção de pesquisas que são mais qualitativas, que são mais críticas, interpretativas e etc., mas o meu entendimento é que há uma sobreposição ainda da pesquisa quantitativa (Estudante 20).

Tal influência recebida é refletida na academia e particularmente entre alguns dos estudantes adeptos apenas a pesquisas de cunho positivista. O(a) Estudante 95 explicitou: “[...] o que vou comentar? **não leio qualitativo de jeito nenhum eu só leio quantitativo**, pesquisa qualitativa eu não leio nada, [...] se eu pegar meus artigos tudo que tenho, a maioria, é artigo do exterior só quantitativo nada de qualitativo [...]” (Estudante 95).

Intrínseco as influências, preferências e exigências encontra-se o fato de que, a nível Brasil, ainda há uma tendência pelas pesquisas quantitativas, ou seja, no intuito de seguir a linha positivista/funcionalista muito em virtude de uma ‘agilidade’ para publicar em revistas sejam

elas nacionais e/ou internacionais ao contrário de pesquisas com viés qualitativo. Os(as) Estudante 28, Estudante 30, Estudante 99 e Estudante 104 comentaram a respeito.

**[...] ainda vejo a nossa área muito atrelada a estudos quanti, a gente olha o periódico, geralmente temos periódicos que quando publicam a maioria dos estudos são quantitativos, e vejo uma dificuldade maior de publicar os artigos quali, [...]** vejo também talvez até um rigor para que a gente se cerque de mais procedimentos metodológicos, [...] para trazer realmente mais robustez, [...] para não ficar algo muito com viés ou muito atrelado a visão do pesquisador, alguns *softwares* são bastante utilizados, a gente tem o NVivo, o Atlas.ti, tem outros que são para a pesquisa quali que também trazem essa possibilidade de fazer uma análise de conteúdo, associar textos, isso facilita muito, **gosto bastante da pesquisa quali, porque [...]** lembro de um Professor que disse isso uma vez, **é como uma piscina, a gente pode ter mil litros de uma piscina, que é extremamente funda, mas ela é menorzinha em termos de comprimento, de largura, mas a gente pode ter mil litros também de uma piscina que é extremamente extensa, mas ela é rasa [...]** (Estudante 28).

**pesquisas quantitativas têm mais vantagem para fins de publicações, de tentativas de periódicos de alto impacto.** Existe um caminho eu diria mais facilitado para isso, principalmente quando a gente olha os periódicos nacionais desde algumas dificuldades até de tamanho mesmo, limitações de páginas, então quem quer qualitativo tem uma dificuldade imensa de publicar, por exemplo todos os procedimentos, os passos necessários [...] vejo que é um caminho que precisa ainda ser melhorado [...] e **no cenário da contabilidade percebo que em outras áreas como administração, por exemplo não se tem esse problema, tem espaço maior de periódico, de congresso [...]** e acho que [...] **na parte contábil vejo que precisa ter um amadurecimento nesse sentido [...]** (Estudante 30).

[...] acho que os dois são importantes, na verdade eles se completam, se a gente for analisar bem friamente [...] a Contabilidade é uma Ciência Social, ela talvez se casaria até mais com os métodos qualitativos do que quanti e a gente vê que é o contrário, [...] **usa-se muito mais métodos quantitativos do que quali, acho que isso [...]** está muito relacionado aquela pressão por publicar e segue outras correntes que **acabam usando muito da pesquisa quanti**, mas acho que as duas têm importância

igual, vai depender do que você quer analisar, acho que nada impede de usar os dois [...] acho que eles têm uma importância igual depende o que você quer responder (Estudante 99).

[...]. Uma coisa que observo muito é que tem poucos estudos qualitativos e acho que isso muito vai pela questão do [...] **quantitativo ser mais aceito e mais publicável** e até certo ponto mais fácil de fazer [...], como muitos fazem pesquisa com o objetivo de publicação eles vão seguir esse caminho, mas sinto falta de pesquisas qualitativas, apesar de não fazer [...] (Estudante 104).

Um aspecto importante mencionado pelos(as) Estudante 9 e Estudante 12 tange as visões de mundo de cada pesquisador. Essa ontologia é que guiará o pesquisador a forma como concebe a construção da realidade a partir do problema identificado. No entanto, a facilidade em encontrar os dados torna essa ontologia a opção mais assertiva. Esta última menção foi complementada pelo(a) Estudante 52.

[...] qualitativo, [...] não posso falar muito, porque não entendo muito, só por cima e do quantitativo, não é que eu entenda tanto, mas **é a área que mais pesquiso, é a área que estou mais familiarizado, é a área que faz sentido para mim, [...] a minha visão positivista tenta encontrar essas relações, [...]** e ver se as hipóteses se confirmam ou não, tentar buscar uma justificativa e discutir com os resultados anteriores [...] (Estudante 9).

[...]. A minha facilidade é com testes estatísticos, com a pesquisa quanti. O meu tema não teria como começar de forma diferente, [...] **a minha pesquisa nasce quantitativa, na minha cabeça ela é quanti**, mas como a maioria das pesquisas que estão sendo feitas com essa perspectiva [...] são pesquisas qualitativas, são pesquisas realizadas, por meio de entrevista eu já pensei para dar robustez ao meu trabalho vou fazer uma base quanti e depois eu trago uma parte quali para reforçar o meu achado, mas tive que voltar atrás por falta de tempo, mas entendo perfeitamente a importância de cada abordagem, entendo que depende do que você quer observar, do seu objeto de pesquisa [...]. **A pesquisa quanti tem limitações? tem, a pesquisa quali tem limitações? tem, [...]** e existe uma briga muito grande entre os pesquisadores quanti e quali em querer desqualificar a outra pesquisa e isso é muito injusto, porque vai ter temas que a gente

só vai ter possibilidade de pesquisar de forma quanti, como vai ter temas que a gente só pesquisa de forma quali, por exemplo vejo que está muito em voga hoje nas pesquisas de contabilidade essa questão das percepções, as questões comportamentais que estão sendo levadas em consideração tanto, por exemplo do Contador, do Professor de contabilidade, do aluno de contabilidade, do cliente de contabilidade, [...] **entendo a riqueza de cada tipo de pesquisa e acho que são extremamente necessários, fico muito feliz da gente realmente estar tendo vários pesquisadores que estão indo mais para uma área crítica, mais interpretativista**, acho extremamente interessante, **mas me sinto muito incomodada quando algumas dessas pessoas tentam desqualificar a nossa pesquisa quantitativa isso me deixa muito triste** (Estudante 12).

Eu **sou muito da área quantitativa**, mas durante a jornada a gente faz algumas pesquisas qualitativas, se você for falar qual time que eu sou eu sou do quanti, mas entendo a necessidade do qualitativo, por isso que na hora que alguém me chama para fazer uma pesquisa, eu topo porquê [...] entendo o trabalho que é, [...] vejo que quando você faz quali, você fica meio que a mercê de encontrar dados, no quantitativo os dados existem, eu prefiro o quantitativo, [...] dados secundários, de fácil obtenção, entendo e reconheço que os dois são extremamente importantes para a contabilidade, mas **uma escolha pessoal minha** é de ir pelo método que já tem dados, a dificuldade de dados ela sempre me incomodou, mas vejo que os dois são fundamentais (Estudante 52).

As argumentações com maior ênfase sinalizadas foram relacionadas a um percurso de formação *mainstream* que se estende desde a graduação, perpassa as revistas tanto nacionais como internacionais, bem com os cursos de pós-graduação. Tais aspectos corroboram com a ideia de que as escolhas metodológicas recebem influências e que sua predominância apenas em uma corrente (no caso positivista) há uma tendência de sua continuidade.

#### 4.5.3.2 Métodos qualitativos em pesquisas da área contábil

Como reflexo da predominância de métodos quantitativos nas pesquisas em contabilidade no Brasil é coerente mencionar a incipiência de estudos qualitativos. Magrini et al. (2024) ponderaram que ainda há uma necessidade de validação de tais estudos na área contábil.

Ademais, em virtude dessa incipiência, um dos aspectos citados pelos entrevistados foi a existência de um certo preconceito dos pesquisadores da área com pesquisas que fogem do *mainstream*. Os(as) Estudante 27, Estudante 30, Estudante 34 e Estudante 49 mencionaram a respeito desse preconceito.

**[...] se quero entender com profundidade algo não vai ser com a pesquisa quantitativa que eu vou conseguir, a pesquisa quali, ela traz essa outra faceta da realidade que é descartada pela pesquisa quanti. [...] acho que se a gente quer entender algo com mais detalhes, com maior profundidade [...] acho que a pesquisa qualitativa tem muito potencial e hoje acho que ainda a gente não aproveita essa potencialidade da maneira como deveria, vejo que o campo tá se abrindo muito mais para a pesquisa qualitativa [...], a gente ainda tem muito para avançar sobre essa questão da pertinência e importância, acho [...] que a pesquisa qualitativa tem muito potencial ainda inexplorado que é o nosso desafio dos novos doutores a gente colocar isso em prática quando nós estivermos em posição de poder (Estudante 27).**

**[...] vejo ambos os métodos extremamente importantes, acredito que não deva existir [...] preconceito entre um método ou outro método. vejo ambos muito importantes, sei que meu trabalho [...] tem um lado do positivismo [...], mas não necessariamente o qualitativo tem que ser construtivista, há outros modos de se desenvolver, existe positivismo também no qualitativo e vejo que independentemente da área o que tem que ser [...] determinante é o seu problema de pesquisa, [...] o seu problema de pesquisa pede o quê? [...] vejo as duas de igual importância por mais que eu reconheça que na nossa área [...] de contabilidade, de fato, existe uma dificuldade muito grande para as pesquisas qualitativas, [...] efetivamente (Estudante 30).**

**[...] acho que embora às vezes a pesquisa qualitativa receba um pouquinho de preconceito, Professores dizendo que não gostam, porque não dá para generalizar, acho que ambas têm a devida importância dentro da área, primeiro porque em termos [...] de dados quantitativos eles são importantes em termos de abrangência, porque a gente consegue olhar uma quantidade maior de regiões, quantidade de dados e a gente consegue fazer certas sinalizações ou certos apontamentos, tirar certas**

conclusões. A partir dessa pesquisa mais generalizada, a pesquisa qualitativa ela entra para especificar alguma coisa, ou seja, para olhar de uma maneira mais específica para algum determinado detalhe [...], **acho que cada uma tem a sua devida importância** (Estudante 34).

[...] **vejo que muitas vezes as pesquisas qualitativas elas geram insegurança não só para quem está avaliando, mas para quem está fazendo por conta dessa validade na área contábil, acho que as revistas também tem que aceitar mais o método que a gente aplica [...]** o qualitativo é o início e **a gente meio que fica com preconceito**, vejo essa questão até nas revistas contábeis, se você colocar quantitativo [...] pode ser até uma regressão simples, está bom (Estudante 49).

Atrelando ao preconceito mencionado, alguns dos futuros doutores em contabilidade compartilharam que tiveram pouco ou nenhum contato com a pesquisa qualitativa no decurso de seus cursos de pós-graduação.

[...] Temos pesquisas no Brasil [...], muita pesquisa quantitativa, mas acho que às vezes [...] acaba que não tem tempo para colocar um método mais robusto nessas análises e **a pesquisa qualitativa tem certo preconceito**, mas acho que é uma vertente que pode estar crescendo nos próximos anos, mas **não tive contato nenhum tanto no mestrado como no doutorado sobre metodologia qualitativa para poder comentar alguma coisa** (Estudante 31).

[...] **na questão do método qualitativo na área contábil, pelo fato da minha linha de pesquisa ser quanti, eu não fiz as matérias de pesquisa qualitativa**, [...] hoje a importância desses métodos quantitativos na minha opinião, no Brasil são fundamentais. Por outro lado, a gente sabe que no Brasil há muito da manipulação dos balanços [...] enfim, [...] os métodos quantitativos [...] é interessante, mas tem que ser meio que avaliado com critério e **na questão dos métodos qualitativos em pesquisa contábil, acho principalmente, eu que vim da Administração, achei muito [...]** superficial ou pouco desenvolvida, não sei se talvez não conheça tanto, as pesquisas que relacionam, [...] **tanto qualitativa quanto quantitativa, acho que são muito importantes**, porém creio que a quantitativa tem que ter algumas ressalvas,

porque a gente sabe que há algumas práticas que não são louváveis no mundo da contabilidade (Estudante 69).

Ao discorrer sobre o uso de métodos qualitativos na área contábil, um dos aspectos mais sinalizados foi a existência de determinado preconceito, ainda no século XXI, tanto na leitura como na produção de pesquisas de cunho mais qualitativo. Além disso, a ponderação de uma baixa predominância em cursos de pós-graduação de disciplinas voltadas a explicar as diversas formas de realizar uma pesquisa qualitativa na contabilidade.

#### 4.5.3.3 Métodos quantitativos e qualitativos em pesquisas da área contábil

Assim como há pesquisadores mais aderentes a estudos quantitativos, tem-se pesquisadores mais voltados às pesquisas qualitativas, de tal forma que os futuros doutores em contabilidade apontam a existência de uma complementaridade entre as duas abordagens. Os(as) Estudante 6, Estudante 21, Estudante 27, Estudante 45 e Estudante 47 acrescentaram acerca das possibilidades de conexões entre ambas:

Acredito que apesar de muitas vezes as pessoas criarem uma certa direção [...], isso não faz muito sentido, porque [...] **os métodos se complementam**, [...] a importância do método quantitativo está em você conseguir encontrar [...] determinados fenômenos [...]. A metodologia qualitativa ela muitas vezes te ajuda a ver com maior abrangência e até com maior profundidade no sentido de conhecer de forma mais completa um determinado fenômeno [...], **acho que elas estão mais para uma relação de complementaridade do que muitas vezes como a gente vê como se elas fossem concorrentes** [...] (Estudante 6).

[...] é uma questão que fiquei pensando bastante, será que elementos, discussões qualitativas enriqueceriam o meu trabalho? [...], acredito que alguns fatores poderiam ser explicados de forma qualitativa [...], **acho que a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa se complementam muito, dependendo de onde quero chegar, o que quero esclarecer ou resolver**, depois que comecei a desenvolver as pesquisas e ver algumas análises prévias fiquei pensando, será que a minha pesquisa fica suficiente, puramente quantitativa? [...] acho que a perspectiva qualitativa ajudaria a resolver ou esclarecer alguns pontos [...] (Estudante 21).

[...] **acho que a Contabilidade não seria o que é hoje sem o método quantitativo, mas também não seria o que é hoje sem o método qualitativo, acho que os dois têm forças e também tem as suas fraquezas**, vejo que é muito pertinente a gente entender mercados, entender grandes cenários usando é claro que dependendo da natureza do fenômeno, mas **os métodos quantitativos eles trazem para nós uma certa robustez, no sentido de simplificar uma realidade que é extremamente complexa** [...], acho que o método quantitativo ele ajuda a gente nesse ponto de criar [...] variáveis específicas e ajuda a gente a fazer análises e interpretações de algo que é extremamente complexo e amplo e dá uma aparência de estabilidade e confiabilidade, mas acho que é muito mais essa percepção de confiabilidade [...] isso traz um certo conforto, o número traz conforto [...] (Estudante 27).

[...] **a gente teve um período de pesquisas positivistas, pesquisas voltadas mais para aspectos quantitativos, mas vejo que isso tem mudado na área contábil** [...], vejo que **as pesquisas qualitativas, elas também são igualmente importantes para a expansão do conhecimento na área contábil**, para o desenvolvimento da literatura na área contábil, entendo que as pesquisas quantitativas precisam estar ancoradas de certa forma em um aspecto qualitativo, porque veja bem, se eu faço um teste estatístico de uma análise de regressão, por exemplo, e verifiquei que existem ali relações entre variáveis, eu preciso explicar essas relações e para isso eu tenho que recorrer à teoria e muitas vezes essa teoria foi desenvolvida com métodos qualitativos, **vejo que uma complementa a outra** [...] (Estudante 45).

[...] acredito que [...] as pesquisas se utilizam de métodos quantitativos por trazer objetividade para a avaliação crítica do que a contabilidade produz, mas certamente a pesquisa qualitativa vem ganhando cada vez mais espaço e relevância e também como um aprofundamento das interações sociais da [...] contabilidade, acho que as duas áreas têm muito a entregar ainda, por mais que o quantitativo seja visto como um *mainstream*, acho um certo saturamento de pesquisas quantitativas, mas acho que entra a percepção do pesquisador em cobrir os gaps ainda existentes, **acho que existe um grande campo de atuação nos dois sentidos, tanto na pesquisa quali como quantitativa e na abordagem mista também, não precisa ser monotemático** [...] (Estudante 47).



Outro ponto comentado pelos(as) Estudante 33, Estudante 76 e Estudante 95 foi acerca do embate entre pesquisadores da área contábil com relação ao uso das abordagens qualitativa e quantitativa.

[...] **é uma pergunta que é sempre tão polêmica**, a gente conversava muito sobre ela na disciplina de métodos quantitativos [...] porque **é como se a gente estivesse em um embate, eu sou melhor enquanto pesquisa qualitativa, sou melhor que você enquanto pesquisa quantitativa** e eu não acho que é bem assim, acho que existem as afinidades, eu sou muito mais afim da pesquisa qualitativa, porque eu preciso entender o contexto daquilo que estou analisando, eu preciso ir para além dos números, [...] eu não vejo que há esse embate ou pelo menos não deveria haver esse embate de pesquisa qualitativa e não ter uma melhor que a outra, **entendo que são perspectivas distintas e complementares** [...] (Estudante 33).

[...] vou ser bem sincero, para mim essa discussão, lógico que ela é importante, mas em algum momento, para mim é uma bobagem, [...] acho que uma coisa complementa a outra, acho que qualquer discussão sobre o que é mais importante, eu já evito ao máximo. Da mesma forma, que às vezes, **algumas pessoas têm [...] o método qualitativo como não sendo uma ciência, porque pode ter alguma interferência dos pesquisadores isso também pode acontecer com os dados, acho que o que mais importa é a ética do pesquisador**, acho que você tem um compromisso com você, com a academia e com a ciência muito forte de que aquilo que você está concluindo e produzindo, ela tem base, tem fundamentos, não é algo que foi inventado, que você tirou da sua cabeça, que você torceu os dados a seu favor, acho que isso para mim é o mais importante [...] (Estudante 76).

O(a) Estudante 56 pontuou a respeito da existência de uma profundidade em pesquisas qualitativas, porém acredita que os estudos na linha positivista ainda serão o norte orientador das pesquisas em contabilidade.

[...] na área contábil a gente usa mais pesquisa quantitativa do que qualitativa [...] acho que ambos os métodos são muito importantes para a área, acho que a nível internacional há uma certa importância elevada para o método quantitativo em comparação ao qualitativo. Entretanto, acho que isso precisa ser equilibrado, inclusive acho que

existem os *top five journals*, *top five* revistas de contabilidade internacional dando mais valor à pesquisa quantitativa do que qualitativa. A gente tem essa discussão, desde Zimmermann dessa ideia positivista e começou essa discussão de contabilidade do mundo empírico e até hoje isso tem alguns resquícios. Em termos de pertinência **diria que, devido à profundidade da pesquisa qualitativa, poderia ser um pouco mais pertinente a aplicação desses métodos em pesquisas na área contábil [...] essa é a minha visão, eu diria, de pertinência, mas acredito que a orientação do futuro da pesquisa, em contabilidade ainda será mais quantitativa do que qualitativa** (Estudante 56).

A ideia de conexão entre ambas as abordagens é predominante nos argumentos dos futuros doutores em contabilidade. No entanto, ainda há uma argumentação de que em virtude do uso de métodos de cunho quantitativo predominarem de forma significativa no cenário nacional e internacional há uma tendência para que elas perdurem por um bom tempo no cenário das pesquisas brasileiras em contabilidade.

Tal inferência pelo fato da maioria das pesquisas realizados pelos entrevistados tendenciaram a pesquisas positivistas/funcionalista. Além de levar em consideração a influência exercida em sala de aula pelos Professores, há, inevitavelmente, uma tendência para o exercício de uma influência quando os futuros doutores atuarem em linhas mestras.

Um outro ponto a ser inserido é o fato de uma abertura maior para discussões, bem como em desvendar novas formas de realidades (ontologia) e construções de conhecimento (epistemologia) por parte dos acadêmicos entrevistados. Tal movimento pode sinalizar mudanças na forma de se fazer pesquisa ao longo dos anos.

#### ***4.5.4 O predomínio na coleta das informações em pesquisas da área contábil***

A forma com que as informações são coletadas é um dos principais movimentos a ser realizado no decorrer do processo metodológico de qualquer pesquisa. Considera-se como instrumento de pesquisa a ser utilizado em um estudo científico, quaisquer extrações de informações que possibilitem a análise das informações coletadas, como por exemplo, questionário, entrevista, informações coletadas de banco de dados, coleta a partir de documentos, observação participante com a utilização de formulários e etc.

Neste tópico, os entrevistados tiveram como incumbência responder ao seguinte questionamento: ‘Levando em consideração os instrumentos de pesquisa para a coleta das

informações qual(is) é(são) de predominância em suas pesquisas?’ A Tabela 9 explicita quais foram as possibilidades de coleta mais citadas.

**Tabela 9**

A coleta das informações em pesquisas da área contábil

Estudante 1	“ <b>Questionários</b> , nas minhas pesquisas questionários sou craque em fazer coleta de dados, horas e horas coletando e enviando e-mails e <i>LinkedIn</i> e levando material e imprimindo [...]”.
Estudante 2	“[...] utilizei <b>questionário</b> , [...] minha pesquisa predominantemente foi um levantamento, por meio de questionário [...]”.
Estudante 3	“Eu tenho predominância totalmente quantitativa, trabalho com modelagem de equações estruturais, a coleta por meio de levantamentos e esses <b>dados primários, questionários</b> [...]”.
Estudante 4	“ <b>Dados secundários</b> [...]”.
Estudante 5	“ <b>Entrevista e questionário</b> foi o que mais utilizei [...]”.
Estudante 6	“[...] predominância que tenho são por coleta de dados, por meio de <b>entrevistas</b> [...]”.
Estudante 7	“Eu geralmente uso a <b>nota explicativa</b> e faço a análise de conteúdo [...]”.
Estudante 8	“[...] vou fazer um instrumento de pesquisa para a coleta das informações, [...] vou fazer <b>entrevista</b> [...]”.
Estudante 9	“[...] <b>uso muito banco de dados</b> disponíveis [...] e quando não tem faço coleta manual [...]”.
Estudante 10	“[...] acho que predominante vai ser uma análise documental que é pegar informação por conta da Econômatica [...] e tudo mais e caracterizar, [...], porém [...] depois que terminei o mestrado, as estratégias são <b>entrevistas, semiestruturadas, observação</b> [...]”.
Estudante 11	“[...] na tese os instrumentos de pesquisa são qualitativos foi mais para essa área <b>documental</b> [...]”.
Estudante 12	“[...] a primeira coisa que olho é a <b>disponibilidade dos dados</b> [...] acho que cada tipo de coleta tem as suas limitações, mas realmente sou moldada por essa facilidade que tenho de obter dados [...]”.
Estudante 13	“Instrumento de pesquisa seria <b>testes e questões discursivas</b> ”.
Estudante 14	“As minhas pesquisas sempre foram com <b>banco de dados públicos</b> [...], sempre trabalhei com banco de <b>dados secundários</b> ”.
Estudante 15	“Nas minhas pesquisas [...] a predominância é <b>documental</b> foi o que mais pesquisei e também <b>questionário</b> [...]”.
Estudante 16	“[...] utilizei essa base para fazer a coleta das informações financeiras das empresas, é basicamente, [...], <b>base de dados</b> ”.
Estudante 17	“[...] basicamente são <b>documentos</b> [...]”.
Estudante 18	“Predominância de <b>dados de terceiros</b> [...] que são divulgados em relatórios de contabilidade das empresas sobretudo [...] empresas da B3, há uma predominância de <b>banco de dados</b> [...]”.
Estudante 19	“[...] dados primários [...] como quero analisar a questão dos indivíduos não existe um banco de dados onde possa pegar [...] então tem que ter um instrumento de coleta de dados [...] são <b>questões que vou tentar mensurar</b> [...] <b>não sei ao certo se será questionário</b> ”.
Estudante 20	“[...] minhas últimas pesquisas foram <b>entrevistas</b> [...]”.
Estudante 21	“Todos <b>os meus dados estão sendo analisados com softwares estatísticos</b> , tudo que vou fazer são testes, regressão, [...] e alinhar a perspectiva teórica, [...] a minha preocupação hoje é, meramente, estatística nessa fase que estou na minha pesquisa, que é a análise dos dados”.
Estudante 22	“[...] <b>Questionário e dados de fontes primárias, fontes secundárias</b> , agora estou trabalhando bastante com dados fornecidos [...]”.
Estudante 23	“[...] leitura de <b>nota explicativa</b> ”.
Estudante 24	“[...] depois de <b>buscar nos relatórios</b> [...] uso <i>software</i> de análise de conteúdo [...], <b>dados secundários</b> que estão nas plataformas [...]”.
Estudante 25	“[...] levantamento de dados [...], <b>base de dados, dados secundários</b> ”.
Estudante 26	“[...] entrevista acho terrível, mas de qualquer forma tenho sofrido com a falta de <b>dados secundários</b> [...]”.
Estudante 27	“[...] para mim seria o roteiro de <b>entrevista</b> , as entrevistas é um dos métodos principais para coletar os dados e outra análise <b>documental</b> [...]”.
Estudante 28	“[...] questionário com um roteiro também de entrevista, mas tenho nas últimas pesquisas trabalhado mais com <b>análise documental</b> ”.

Estudante 29	“[...] um instrumento que utilizo é <b>questionário, coleta de dados primários</b> [...]”.
Estudante 30	“[...] realizei algumas <b>entrevistas</b> remotas com o <i>Google Meet</i> , não é algo que descarto para fins da minha pesquisa como instrumento de coleta [...]”.
Estudante 31	“Geralmente usava bancos de dados [...], mas agora na minha tese, mudei o foco e acabei usando um <b>questionário</b> para coletar os dados [...]”.
Estudante 32	“Nas minhas pesquisas geralmente utilizo <b>dados secundários</b> que são dados compilados muitas vezes de instituições privadas que compilam esses dados e a instituição no caso a universidade [...], geralmente tento utilizar esses dados [...] tenho tentado fazer uso de ferramentas principalmente de programação que me ajude a coletar coisas de forma mais personalizada, porque o problema é que os dados que vem desse tipo de instituição eles não são feitos para o pesquisador ou para a pesquisa que se está se desenvolvendo [...] e por não ser feito para a pesquisa às vezes ela é problemática”.
Estudante 33	“[...] geralmente <b>entrevistas</b> [...] o que tenho utilizado mais, relatos, coletas de relatos, narrativas e entrevistas, basicamente [...]”.
Estudante 34	“[...] a predominância é com <b>entrevistas</b> ”.
Estudante 35	“[...] <b>banco de dados</b> , para mim a principal dificuldade é trabalhar com dados primários no ambiente brasileiro [...]”.
Estudante 36	“Utilizo o <i>Google forms</i> normalmente [...] na tese a gente vai ter um roteiro de <b>entrevista</b> [...] e um <b>questionário</b> fechado para a pesquisa quantitativa”.
Estudante 37	“[...] <b>entrevistas</b> [...] creio que as pessoas vão se interessar em contribuir talvez seja bem reduzida, [...] não sei ainda a quantidade de pessoas que vou ouvir para essa análise interpretativista [...]”.
Estudante 38	“[...] durante o doutorado tem algumas pesquisas de dados [...], agora na minha tese, por exemplo, vai ser tudo manual, vou entrar no site de empresa por empresa, <b>coleta os relatórios de contabilidade, coleta os comunicados de imprensa</b> , vou sair baixando todos os relatórios que elas publicam então ou vai ser coleta manual ou econômica”.
Estudante 39	“[...] sempre me aproximo mais das pesquisas qualitativas, <b>grupo focal</b> [...], mas devido aos meus objetivos da pesquisa, estou com uma pesquisa quanti e uma pesquisa quali [...]”.
Estudante 40	“A coleta de dados, basicamente, toda minha <b>base de dados</b> foi feita com base nas informações do governo federal [...]”.
Estudante 41*	
Estudante 42	“[...] predominantemente <b>questionário</b> , dois artigos eram questionário e uma <b>entrevista</b> [...]”.
Estudante 43	“[...] estou utilizando as <b>bases de dados</b> da CAPES, [...] a maioria das informações das bases [...]”.
Estudante 44	“[...] uso um pouco mais a questão da regressão [...], análise de cluster, análise envoltória de dados”.
Estudante 45	“É <b>questionário</b> ”.
Estudante 46	“A minha pesquisa <b>utilizo mais a parte dos instrumentos de pesquisa que já foram validados</b> , realizo a adaptação aqui para o Brasil, faço a validação [...] com as pessoas que são da área, utilizo também as <b>entrevistas</b> [...] e <b>quando vou analisar dados quantitativos, geralmente pego da B3</b> [...]”.
Estudante 47	“Eu gosto de utilizar sempre, no meu doutorado, <b>coletas de informações públicas</b> de mercado e de empresas [...]”.
Estudante 48	“[...] <b>base de dados</b> [...] coletadas de forma manual”.
Estudante 49	“Eu tive <b>questionários</b> que utilizei na pesquisa [...]”.
Estudante 50	“Foi coleta de <b>dados secundários</b> , [...], não tive que montar nenhum questionário, nada do tipo”.
Estudante 51	“[...] <b>base é secundária</b> [...]”.
Estudante 52	“[...] <b>base de dados secundários</b> [...]”.
Estudante 53	“[...] acho que está meio a meio, [...], porque a metade dela está qualitativa na construção da escala e depois vem a quantitativa para confirmar essa escala [...], <b>questionários, dados secundários</b> , ou a partir das <b>entrevistas</b> [...]”.
Estudante 54	“[...] <b>dados secundários</b> , porque vou usar os relatórios publicados [...]”.
Estudante 55	“[...] <b>base de dados</b> financeiros [...]”.
Estudante 56	“[...] na minha pesquisa eu uso <b>survey</b> [...]”.
Estudante 57	“[...] coleta [...] com base nos <b>bancos de dados</b> que são disponibilizados publicamente pelas empresas [...]”.

Estudante 58	“Na minha dissertação fiz entrevistas, revisei documentos, participei de reuniões, [...] não tem tanto tempo [...] e na tese ainda estou definindo isso, quais vão ser os meus instrumentos além do roteiro de <b>entrevista</b> ”.
Estudante 59	“[...] me valo muito de <b>coleta documental</b> predominantemente”.
Estudante 60	“[...] vou fazer uma <b>entrevista</b> [...]”.
Estudante 61	“[...] vou ter <b>dados</b> que vão vir de plataformas [...] vou ter que coletar manualmente dentro dos comunicados de imprensa [...]”.
Estudante 62	“[...] <b>questionário</b> ”.
Estudante 63	“[...] 100% faço pesquisa documental, geralmente trabalho com <b>base de dados</b> para coleta de dados financeiros [...]”.
Estudante 64	“[...] o principal, são <b>entrevistas</b> , mas também, [...] tive a oportunidade de fazer [...] uma [...] observação direta [...], mas é mais entrevista [...] semiestruturada, como você está fazendo, [...] e <b>questionários</b> com perguntas, escala <i>Likert</i> [...] são os dois que eu mais utilizo”.
Estudante 65	“Nas pesquisas, em geral são <b>banco de dados</b> , [...] na econômica ou a própria demonstração contábil das empresas [...]”.
Estudante 66	“[...] predominância é o <b>questionário</b> [...]”.
Estudante 67	“Eu coletei muita coisa, <b>coleta documental</b> , é uma coisa que faço bastante, gosto, você vai ver que a pesquisa sempre é muito voltada a levantar os documentos [...]”.
Estudante 68	“De predominância nas minhas pesquisas são mesmo <b>dados prontos</b> , dados que a gente pega na Bovespa, dados que pego no Banco Central são dados quantitativos prontos e a gente trabalha esses dados para poder depois ter os resultados [...]”.
Estudante 69	“[...] a coleta de pesquisa, basicamente são os dados do Banco Central [...] a pesquisa é quantitativa, <b>dados secundários</b> , utilização do <i>software R</i> , para poder fazer a montagem, a tabulação, análise estatística [...]”.
Estudante 70	“É pesquisa de levantamento, [...] a coleta de dados sobre os construtos [...] com aplicação de <b>questionários</b> ”.
Estudante 71	“[...] estou trabalhando com os <b>documentos</b> , fatos relevantes, eventos subsequentes, demonstração financeira e formulário de referência e as <b>entrevistas</b> [...]”.
Estudante 72	“[...] essa parte <b>documental</b> é muito delicada para você fazer pesquisas nas empresas [...] como tenho proximidade espero conseguir [...]”.
Estudante 73	“Eu sempre coletei em <b>base de dados</b> , [...] sempre trabalhei com empresas de capital aberto, com dados quantitativos, [...] utilizando a econômica, por exemplo, <b>dados secundários</b> [...]”.
Estudante 74	“[...] <b>coleta manual</b> [...] coletei dados numéricos e também estou fazendo análise de texto [...]”.
Estudante 75	“[...] hoje a gente está fazendo coleta de <b>dados</b> da empresa com algum tipo de <b>documento e as entrevistas</b> [...]”.
Estudante 76	“[...] Para o meu trabalho é a <b>entrevista</b> ”.
Estudante 77	“[...] <b>entrevistas, observações e documentos</b> , quando faço estudo de caso é dessa forma que organizo, <b>fontes primárias e secundárias</b> [...]”.
Estudante 78	“[...] <b>documentos e entrevistas</b> [...]”.
Estudante 79	“[...] <b>base de dados</b> [...]”.
Estudante 80	“[...] <b>questionário</b> [...]”.
Estudante 81	“[...] predominância são <b>questionários</b> [...]”.
Estudante 82	“[...] <b>coleta de dados</b> [...], solicito algum tipo de informação se for necessário [...], informação pública”.
Estudante 83	“Os meus são os <b>relatórios externos</b> [...] que são compilados na bolsa [...] são meus instrumentos principais [...]”.
Estudante 84	“[...] <b>100% dados secundários</b> ”.
Estudante 85	“[...] utilizei tanto <b>entrevistas</b> [...] quanto <b>questionários</b> ”.
Estudante 86	“ <b>Documentos</b> , análise documental é o que predomina nas minhas pesquisas [...]”.
Estudante 87	“[...] <b>Dados secundários</b> são os principais, [...] a gente utiliza <i>sites</i> da área econômica e financeira [...] das empresas [...]”.
Estudante 88	“[...] <b>questões e observação participante</b> [...]”.
Estudante 89	“[...] a maior parte das pesquisas são bibliográficas [...] e <b>dados do governo</b> [...], a questão das <b>entrevistas</b> que é algo que comecei a fazer e achei muito interessante [...] esses são os principais instrumentos que utilizei na minha vida”.
Estudante 90	“[...] fiz bastante utilização de <b>banco de dados</b> durante o meu percurso no doutorado [...]”.

Estudante 91	“[...] <b>base de dados</b> [...]”.
Estudante 92	“[...] <b>aplicação de questionário</b> [...]”.
Estudante 93	“Eu utilizo <b>base de dados</b> , tenho feito pesquisas quantitativas, a predominância faço mais coleta com base de dados ou construo a minha própria base de dados [...]”.
Estudante 94	“As minhas pesquisas, em geral são <b>dados secundários</b> [...]”.
Estudante 95	“[...] <b>banco de dados</b> [...] no mestrado eu usava muito Economática [...]”.
Estudante 96	“[...] <b>coleta manual</b> [...]”.
Estudante 97	“São <b>bases de dados</b> do Banco Central, pego elas, trato e gero várias bases de dados [...]”.
Estudante 98	“ <b>Dados secundários</b> hoje pego os dados das bases do governo [...]”.
Estudante 99	“[...] na minha dissertação foi pesquisa documental, mas na minha tese vai ser um roteiro de <b>entrevista</b> [...]”.
Estudante 100	“[...] instrumentos que já foram validados [...], por exemplo um <b>questionário</b> [...]”.
Estudante 101	“A minha <b>coleta de pesquisa se dá em empresas privadas</b> [...] e <b>entrevistas</b> [...]”.
Estudante 102	“[...] Teve muita <b>coleta manual</b> [...], acho que a maioria foi coleta manual [...]”.
Estudante 103	“ <b>Entrevista e documental</b> ”.
Estudante 104	“A maioria das minhas pesquisas são <b>banco de dados</b> , Economática [...]”.
Estudante 105	“[...] <b>questionário</b> , <i>survey</i> e rodando principalmente regressão”.

*Nota.* Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

\*Respondeu 15 perguntas do roteiro, as últimas 10 perguntas não foram respondidas (motivo: queda de energia elétrica no estabelecimento do entrevistado e, posteriormente, não houve disponibilidade do estudante). A pergunta desta tabela encontra-se entre as 10.

A partir das falas dos entrevistados expostas na Tabela 9, menciona-se que há uma parcela significativa de pesquisadores que optam pela coleta de dados por meio do uso de dados secundários, ou seja, a partir de informações disponibilizadas pelos meios digitais, como por exemplo, demonstrações contábeis, notas explicativas, dados do governo, do mercado financeiro. Nesse ínterim, a Figura 11 auxilia na visualização das palavras mais citadas pelos entrevistados. Comenta-se que foram retiradas as palavras mais citadas, porém que não faziam sentido com o contexto da pergunta, sendo elas: que, minha, vou e nas. Além disso, foram consideradas palavras que haviam sido citadas mais de dez vezes.

### Figura 11

Nuvem de palavras contendo as formas predominantes na coleta das informações.



*Nota.* Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa e com o auxílio do *Worldclouds.com*

Com relação a coleta de dados primários há uma predominância pelo uso de questionários seguidos do uso de entrevistas. Com menor ênfase foram mencionados a observação participante e grupo focal.

Uma das constatações que podem ser sinalizadas é o uso significativo de coleta de dados secundários, no entanto alguns dos futuros doutores explicitaram uma certa fragilidade em torno da necessidade em encontrar os dados com facilidade. Assim, as informações, por vezes encontram-se esparsas ou ainda não são localizadas.

Outro ponto que se torna positivo comentar é a respeito da busca de informações por meio de entrevistas. Estas apresentaram uma aderência por parte dos doutorandos, isso provavelmente pelo decurso do doutorado ser de quatro anos e possibilitar tempo hábil para uma busca com mais profundidade do que se deseja pesquisar.

#### **4.6 Implicações pedagógicas do ser profissional na ambiência de um doutoramento em contabilidade**

Ao direcionar para as implicações pedagógicas, particularmente no tocante a formação de profissionais contábeis no seio acadêmico de um doutoramento, torna-se importante delinear as dimensões a ser discutidas (Laffin & Gomes, 2014). Tais dimensões configuram-se como um norte para a formação docente de quaisquer áreas de conhecimento e principalmente para futuros docentes em contabilidade, pois leva-se em consideração a necessidade dessa formação pedagógica em virtude da construção inicial (graduação) não ser direcionada à docência, mas ao mercado.

Nesse sentido, as dimensões adotadas e denominadas como implicações pedagógicas são com base nas demarcações realizados por Laffin e Gomes (2014). Sendo elas: educação, ensino aprendizagem, currículo, docência, projetos e treinamento. Assim, optou-se por compreender as referidas implicações com base em quatro pontos: (i) a promoção de discussões sobre as implicações pedagógicas no cerne de um doutoramento em contabilidade; (ii) experiências e intenções quanto ao mercado de trabalho; (iii) o ‘poder de voz’ de um doutor em contabilidade: uma compreensão quanto profissional e ser social; e (iv) perspectivas futuras e recomendações para os novos ingressantes.

##### **4.6.1 A promoção de discussões sobre as implicações pedagógicas no cerne de um doutoramento em contabilidade**

Preparar-se pedagogicamente para determinada área de conhecimento refere-se buscar subsídios que auxiliam em uma melhor dinâmica tanto com relação a didática quanto nas proximidades criadas em sala de aula. Nóvoa (1991) já mencionava que um dos principais entraves na academia é não compreender as implicações inerentes a tal entendimento.

Ademais, preparar-se pedagogicamente é “situar a nossa reflexão para além das clivagens tradicionais” (Nóvoa, 1991, p. 11). Nesse sentido, o intuito é compreender a existência ou não desse conhecimento e preparo no seio de um doutoramento em contabilidade.

Além disso, levando-se em consideração que quaisquer programas de pós-graduação atuam como fomento para o aprimoramento da carreira profissional (docente contábil e Contador) torna-se salutar refletir sobre esse encadeamento das implicações pedagógicas em conexão com futuros doutores em contabilidade.

Assim, os estudantes foram provocados a refletirem sobre a seguinte pergunta: ‘Quando se comenta sobre implicações pedagógicas nos referimos a educação, ensino aprendizagem, currículo, docência, projetos e treinamento. Para você, caso sua intenção seja à docência houveram discussões sobre esses pontos até o momento de seu doutorado?’ Nesse contexto, o(a) Estudante 13 comentou:

[...] acho que tem obrigatórias e tem optativas, mas **pensando nesse propósito final que seria a formação docente, acho que é pouco pensado no que a gente precisaria, é pouco e acho que é mais protocolar, acho que é mais para cumprir o protocolo não me parece realmente ter um peso formativo muito relevante** (Estudante 13).

A menção feita pelo(a) Estudante 13 corrobora com as compreensões fornecidas nos estudos de Abdullah et al. (2016) e Cao et al. (2024) acerca de algumas lacunas de cunho pedagógico percebidas em um doutoramento em contabilidade, como por exemplo, a preparação efetiva desses futuros profissionais docentes. Nesse sentido, os entrevistados quando questionados trouxeram alguns de seus entendimentos de construção docente dentro de um doutorado em contabilidade.

[...] essa pergunta é muito interessante, porque **estou forçando aqui minha mente para lembrar e a única pessoa que está vindo na mente é a minha orientadora [...]. Sempre no meio das nossas conversas ela acaba falando muito sobre isso, sobre essa questão pedagógica**, porque ela é muito didática, ela tem uma didática incrível, **ela é uma das pessoas que me espelho quando estou dando as minhas**



**aulas**, [...], quando ela está dando aula, quando ela está me orientando, ela fala sobre essa importância de nós enquanto doutorandos que estaremos futuramente na sala de aula e ela já chegou a falar que até a questão da humildade que o título doutor jamais vai deixar você em uma posição maior do que os alunos, apenas os alunos estão no processo que você já esteve um dia, enfim, ela sempre fala sobre isso, da questão pedagógica, da questão didática [...] (Estudante 38).

[...] no doutorado nós tivemos uma disciplina específica voltada para a docência, [...] os anseios do docente, **a gente teve uma disciplina muito bem estruturada, muito bem conduzida, para esse interesse de quem quer ser docente ou melhorar como**, a minha ideia era ter novos recursos enquanto Professor. Entrevistadora: Essa disciplina que você comentou, ela é obrigatória no programa? Ela era optativa [...] (Estudante 52).

Houveram algumas disciplinas que tratavam dessa parte um pouco mais pedagógica, de ensino-aprendizagem, apesar que acho que talvez não tenha sido suficiente, **acho que são disciplinas que deveriam estar na grade desde a graduação [...]**. Entrevistadora: Essas disciplinas que você comentou elas são obrigatórias? Não [...] **era de livre escolha, optativas [...], busquei uma disciplina em outro departamento de outro curso na pós-graduação que tratava de didática [...]**, busquei fora pra ter justamente essa questão colocada aqui na pergunta [...], acho que apesar de ter essa disciplina optativa oferecida também tem outras formas que você pode buscar, **acho que ainda falta um pouco mais de engajamento para que mais disciplinas estejam no currículo, até de forma obrigatória também [...]** (Estudante 90).

Além disso, um dos primeiros pontos inseridos pelos pós-graduandos foi com relação a disciplina de ‘Metodologia do Ensino Superior’ como fonte principal para a formação pedagógica contábil. Os(as) Estudante 2, Estudante 10, Estudante 11, Estudante 14, Estudante 16, Estudante 20, Estudante 29, Estudante 33, Estudante 86, Estudante 87 e Estudante 99 compartilharam suas compreensões a respeito:

**A gente tem uma disciplina de Metodologia do Ensino [...]** **é uma disciplina que não é obrigatória, uma disciplina optativa** e ela acontece [...] acho que a cada um ano e meio, [...], depende muito da grade [...]. **A gente não tem Professores, [...], pelo menos**

até agora desenvolvendo nenhuma disciplina, [...] voltada para esse desenvolvimento pedagógico que é tão necessário [...], mas que também é muito carente [...] (Estudante 2).

[...] houve discussão, considero que elas não foram conscientes, na maioria das vezes elas perpassavam por outras disciplinas e a gente tem uma única disciplina que discute práticas pedagógicas, que é uma disciplina chamada de Metodologia de Ensino, mas ela não é uma disciplina especificamente sobre docência e sobre estratégias pedagógicas, a gente não discute quase nada de pedagogia não tem um capítulo de Paulo Freire, não tem nada disso, não tem um formador crítico no roteiro da disciplina, falta muito e principalmente essa parte pedagógica [...] ela é optativa, disciplina obrigatória de práticas pedagógicas, de metodologia de ensino, de docência, de forma geral, não existe nenhuma disciplina obrigatória no curso e optativa é somente essa de Metodologia de Ensino, [...], aliás para não ser injusto tem uma disciplina [...] em que um dos doze assuntos da disciplina é docência no ensino superior, mas é uma disciplina também optativa que poucas pessoas fazem e não é o foco da disciplina [...] (Estudante 10).

[...] a gente teve uma disciplina que eu fiz, ela era optativa, de Metodologia do Ensino, teve muita discussão sobre isso nessa disciplina [...], eu já tinha experiência de sala de aula, mas contribuiu bastante [...], tinham vários que fizeram a disciplina e não tinham experiência (Estudante 11).

[...] a gente trabalhou com uma disciplina de Metodologia do Ensino Superior que trabalhou com diversas modalidades de ensino híbrido, metodologias ativas, acho que nessa disciplina de Metodologia do Ensino Superior foi tratado bastante sobre isso sim [...], era optativa, não era obrigatória, optei por fazer ela em função da minha vontade em seguir a carreira docente [...] (Estudante 14).

[...] tinha uma disciplina que acabei fazendo [...] era Metodologia do Ensino [...] era bem presente essa discussão sobre os métodos de ensino, a parte pedagógica, para que a gente também utilizasse isso na sala de aula, como é que a gente poderia ser melhor quanto à docência [...] tem essa disciplina de métodos de ensino, mas ela não é obrigatória, ela é eletiva [...] devido a grade de horário,

disponibilidade do Professor, ela acaba não sendo possível de ser ofertada todos os anos, geralmente ela acaba sendo ofertada a cada dois anos [...] (Estudante 16).

[...] **não tive discussões sobre currículo, sobre desenvolvimento de programa** e essa coisa mais burocrática e mais formal da coisa [...]. **No meu programa existe uma disciplina que é Metodologia do Ensino [...] que é uma disciplina que tenta focar um pouco mais nessas questões, mas não cursei ela nesse período, então eu não tive muito contato** (Estudante 20).

[...] **tive uma disciplina de Metodologia do Ensino Superior em que esses pontos geram uma discussão, nós tivemos aulas de aprendizagem e reflexões sobre alguns pontos de ensino, pesquisa, extensão, currículo, treinamento são pontos que foram discutidos na disciplina de Metodologia do Ensino Superior [...] é uma disciplina que só fui fazer, porque o meu orientador [...] sugeriu**, mas muita gente não faz, só faz o pessoal que está na área de educação, mas o pessoal que está na área de finanças, de gerencial acabam por não optarem [...] e depois quando a gente teve a discussão de comentar no final da aula, seria tão legal que a disciplina fosse obrigatória, [...] **objetivo é formar Professores. Como vamos formar Professores que não tenham nenhum contato com uma disciplina de Metodologia de Ensino Superior? Como que vai pra sala de aula? Como que vai organizar um plano de aula? [...], tem doutorandos que nunca tiveram contato com isso [...]** foram bem interessantes as discussões de trazer uma vivência de sala de aula para mostrar para os doutorandos como é que se faz isso [...] (Estudante 29).

[...] **tive um contato maior na disciplina de Metodologia do Ensino Superior no mestrado** e também Estágio Docência tanto no mestrado quanto no doutorado, mas isso é nada perto da carga horária que a gente tem e de créditos que a gente tem que cumprir [...], **acho que poucos Professores se dispõem a falar sobre isso [...]** (Estudante 33).

[...] **não fiz nem no mestrado, nem no doutorado, por exemplo didática [...]** são mais voltadas quando nós temos discussões das metodologias, por exemplo na disciplina de metodologia [...] dentro dela a gente discuti métodos, mas superficialmente sem profundidade, acho que particularmente isso eu vi muito mais na prática do que

no doutorado e **acho que ela é muito importante**, porque essa é uma das críticas que faço com relação ao programa de mestrado que fiz. Quanto ao doutorado que estou agora, **a gente não discute a docência, isso acaba ficando para você aprender no dia a dia**, na prática mesmo e a gente tem muito público jovem hoje em dia que tá ingressando no mercado de trabalho, é claro que tem alguns que já são Professores, que já exercem a função, que já trabalham a anos com a docência, mas em contrapartida tem outros que estão ingressando agora, então **acho que tinha que ter um espaço para esse tipo de discussão** (Estudante 86).

[...] **existe sim uma disciplina que é Metodologia do Ensino Superior, nessa disciplina que eu cursei que não foi obrigatória teve toda essa parte pedagógica, a parte de você montar um conteúdo programático [...], achei válido, mas pena que não é uma disciplina obrigatória [...], acho que tem a questão da Universidade que não coloca esse tipo de disciplina como uma disciplina obrigatória e também parte do corpo docente que também não se interessa em fazer uma disciplina [...], acho super válido se você quer ser um bom docente, acho que no mínimo você tem que ter sim essa parte de pedagogia, saber elaborar um plano de ensino, saber o que faz parte de um conteúdo programático, como você pode elaborar questões de uma prova [...], tudo isso que não é falado, e se você não se interessar por essa disciplina que é eletiva, ela não é ministrada no doutorado e **você sai doutor amplamente voltado para a pesquisa, mas para sala de aula às vezes não são tão bons, porque não tiveram essa possibilidade de ter essa parte pedagógica e se atentar que o aluno é o nosso elemento [...]** (Estudante 87).**

[...] **tive mais essa discussão no mestrado do que no doutorado, no doutorado essa discussão em sala de aula, ela foi bem pequena [...]** muito mais voltado para a pesquisa com o meu orientador [...], no grupo de pesquisa a gente tem às vezes essas discussões [...], mas em disciplinas do doutorado muito pouco, **a gente teve uma disciplina lá no mestrado que era Metodologia do Ensino Superior [...].**  
 Entrevistadora: Não tem disciplinas nem obrigatórias nem optativas? Não o mais próximo disso é optativa pra fazer essa de Metodologia do Ensino Superior [...], tenho colegas meus que tão terminando o doutorado ou já terminaram e nunca pisaram numa sala de aula [...], no caso de bolsistas é obrigatório e talvez vão ser aquelas pessoas que não vão saber tão bem passar o conhecimento lá na frente ou vão sofrer no

início pra conseguir passar essa experiência, porque **é bem diferente pesquisar e tá dentro de uma sala de aula** (Estudante 99).

Outra compreensão destacada pelos futuros doutores como fonte para a preparação docente foi a realização do Estágio de Docência, porém alguns salientaram algumas deficiências quando se aborda a respeito de discussões sobre a formação docente intrínseca ao ‘Estágio de Docência’. “Essas discussões, acho que elas têm mais a ver e por isso a importância do Estágio, a gente discute mais no Estágio [...] é obrigatório” (Estudante 7).

“Quando fiz o Estágio Docência, conversei com o Professor e a gente combinou [...] outros tipos de trabalho, além de dar aula, ajudei em outras questões como a formulação de questões de [...] prova [...]” (Estudante 26); “[...] **para falar a verdade, não. É uma discussão que a gente tem, a gente tem poucas disciplinas, efetivamente, nos programas de pós-graduação que trabalham a parte pedagógica, acaba ficando muito por conta do Estágio de Docência [...]**” (Estudante 65); “Sim, principalmente na disciplina de Metodologia de Ensino em contabilidade [...]” (Estudante 66).

Em adição, os(as) Estudante 18, Estudante 21, Estudante 28, Estudante 31, Estudante 33, Estudante 46, Estudante 48, Estudante 49, Estudante 56, Estudante 60, Estudante 75, Estudante 83 e Estudante 103 também comentaram:

[...] nós não temos uma disciplina que foque essencialmente nesses pontos, **no mestrado eu tive uma disciplina que falava justamente nesse sentido, pra que você tivesse uma dimensão maior sobre o processo de ensino-aprendizagem no ensino superior**. No doutorado nós não temos uma disciplina específica para isso, porém **dentro das disciplinas nós sempre acabamos abordando algum tópico relacionado à educação e ao ensino aprendizagem, ao currículo nem tanto, mas temos uma disciplina de Estágio Docência [...]** (Estudante 18).

[...] a questão pedagógica foi muito durante o processo das disciplinas, é montar seminários, discutir artigos, a questão de leitura, resumos, resenhas críticas, acho que é um momento que a gente aprende bastante e que eu uso muito isso hoje na **docência [...]**. Entrevistadora: Vocês têm alguma disciplina obrigatória no programa que trabalhe essa formação docente? A gente tem Estágio de Docência [...] que trata a parte didática [...] (Estudante 21).

**No doutorado, não, tive algumas discussões dentro de algumas disciplinas, mas eu não cheguei a cursar uma disciplina específica, voltado para a docência, isso eu fiz durante o mestrado, mas no mestrado eu era bolsista, eu fazia disciplina e também foi obrigatório que eu fizesse o Estágio Docência, eu fiz dois semestres de Estágio de Docência, mas no doutorado eu não cheguei a ter uma disciplina específica, ela é eletiva, para os doutorandos ela é eletiva, como eu já tinha feito no mestrado, acabei não fazendo de novo, mas tem colegas que fizeram, inclusive o Estágio ele é voluntário, quem está também no doutorado, se quiser, fazer o Estágio de Docência também pode se voluntariar. Como eu já estava atuando, acabei não fazendo durante o doutorado, mas tive algumas disciplinas que tiveram alguns textos voltados para a epistemologia, outras discussões que trouxeram um pouco disso da prática também em sala de aula (Estudante 28).**

**[...] lembro que no mestrado a gente teve uma disciplina voltada para a docência, mas no doutorado em si não. Algumas pessoas que eram bolsistas tinham que fazer o Estágio de Docência, mas eram só para essas pessoas para o restante não teve nenhuma disciplina focada na parte de docência durante o doutorado (Estudante 31).**

**[...] os cursos de pós-graduação, de maneira geral, tanto os que ofertam somente curso de mestrado quanto os que ofertam cursos de mestrado e doutorado, as disciplinas são majoritariamente para a pesquisa e isso me entristece, porque nem todo mundo ali está somente com esse foco, no meu caso, que quero atuar como docente [...], o Estágio de Docência pra mim foi um enorme aprendizado foi um ambiente, um espaço formativo literalmente e eu não vejo que tem sido trabalhado esses pontos que você apresentou [...] o processo de ensino aprendizagem acho que são pouquíssimas as disciplinas que tratam disso [...], estive refletindo sobre isso, em algum momento do curso de doutorado eu estava no segundo semestre na época algum Professor tinha conversado com a gente sobre [...] a acessibilidade, por exemplo há alunos que têm alguma deficiência visual, auditiva, como que a gente estava trabalhando enquanto profissionais formadores para lidar com esses alunos? [...] fiquei horrorizada comigo, porque os colegas também não tinham nenhum contato com os outros Professores nem todos fazem as mesmas disciplinas e eles também falaram que não tinham sido alertados sobre isso [...] é uma realidade com a qual a gente não sabe lidar, não está sendo formado**

**para lidar e ninguém nem está perguntando sobre isso, [...] é triste, é desolador [...], isso me preocupa [...]** (Estudante 33).

[...] discussão sempre acontece em algum momento, [...] **a gente teve algumas disciplinas que os Professores forçaram um pouquinho, falando um pouco mais dessa questão abrangente, mas eu tive mais disso no mestrado. A gente teve uma disciplina que chamava Estágio Docente, [...] ele era totalmente focado na união dos três pilares, de ensino, pesquisa e de desenvolvimento na instituição, tive muito mais contato com isso no mestrado, no doutorado não [...]** (Estudante 44).

**No doutorado foi fraco, não teve essa parte, no mestrado a gente tinha disciplina voltada para a área de educação, metodologias ativas e tudo mais foi bem mais enriquecedor no mestrado. No doutorado não tive essa disciplina, o conhecimento que eu tenho é por conta, [...] participei, gosto dessa temática, olho os vídeos no YouTube, quando vou para evento eu gosto de assistir esse tipo de artigo também, agora no doutorado não, nenhuma disciplina focada sobre educação, bem fraco, [...], acho que nem tem disciplina optativa voltada para a área da educação [...]. Como que você vai aprender ser Professor lendo dois artigos? Não, a parte do Estágio de Docência também, mas o Estágio de Docência ajuda? eles te jogam lá na sala e te vira, não tem essa parte de vamos olhar técnicas de pesquisa, como é que você pode apresentar? [...], a gente aprende um pouco, com base no conhecimento que eu tive lá no mestrado [...]** (Estudante 46).

[...]. Teve discussões sim da docência, na postura do Professor, no domínio que ele tem que ter entre outros pontos. Entrevistadora: Vocês têm uma disciplina obrigatória que trata disso? Não, eu não tenho, mas os Professores, eles comentavam [...]. Eu não tinha uma disciplina específica para a docência do ensino superior, mas em cada disciplina o Professor comentava da questão. A gente teve o Estágio de Docência [...] é para o orientando ministrar uma disciplina na graduação [...], fui liberado desse Estágio, porque já sou Professor [...] (Estudante 48).

**Não houveram discussões [...]. O Estágio de Docência ele é aplicado para alunos de mestrado obrigatoriamente, mas para os alunos do doutorado somente aqueles que tem bolsa, o que acontece digo por experiência própria, quando entrei na**

Instituição Federal, confesso para você que eu me vi boiando, boiando no sentido de que teria que fazer extensão e não sabia para onde, quando e o que fazer, projetos muito menos principalmente pesquisa e extensão [...]. **Quando chego no doutorado o que eu senti [...], falo do sentimento que tive, que vejo que o Estágio de Docência era para você também ter ciência de pesquisa, de extensão, projeto de pesquisa e aprender, não é somente sala de aula [...],** acho que ela é necessária para todo mundo, porque a gente não precisa cair de paraquedas [...]. Na Federal tá sendo cobrada à docência, tá sendo cobrada a extensão, pesquisa e administração que você não sabe como você vai creditar essas horas, mas você tem que ter essas horas para você colocar na sua progressão [...] (Estudante 49).

[...] **Houveram discussões, mas não discussões aprofundadas sobre isso.**  
Entrevistadora: Vocês têm uma disciplina obrigatória que trate de alguns desses pontos?  
 [...] **a gente teve disciplinas de metodologia que na teoria essas disciplinas poderiam nos trazer uma visão, por exemplo, de método na área e como se aprende, mas acho que talvez seja algo que os programas pudessem pensar um pouco mais, se o processo de avaliação da CAPES mudasse para essa ideia da importância um pouco maior dessa ideia de implicações pedagógicas [...] adicionaria também [...], o que ajuda os doutorandos é o Estágio Docente [...]** (Estudante 56).

[...] é algo que acho interessante, porque hoje nós temos uma separação dupla nos programas de pós-graduação no país a gente tem programas profissionais e os programas acadêmicos, diria que o programa que eu faço, um programa acadêmico científico, **lembro que tive uma cadeira no programa voltada à docência e a outra parcela que vejo que fecha são os Estágios que os bolsistas ou quem não bolsista pode optar para fazer junto com o docente, [...]** optei por não fazer o Estágio não obrigatório, dei aula por um período antes do doutorado, [...] **para mim hoje eu teria que resgatar alguma coisa para poder [...] trazer ferramentas, técnicas, para poder aprimorar numa sala de aula e [...]** até pensei nisso [...], vejo que **a maioria dos doutorandos eles vão seguir, vão tentar entrar numa Instituição Federal de Ensino ou uma Instituição Estadual de Ensino, porque são nelas que estão a maioria [...]** da pesquisa no país. Nessas instituições de ensino **se você faz doutorado, a tendência é que você vá para uma dessas instituições [...]** (Estudante 60).



[...] **acho que a questão de discussão da parte de docência veio mais dentro do meu Estágio de Docência e também nos congressos que participo**, sempre gosto de participar das áreas de ensino, porque é uma coisa que tenho interesse, mas, de maneira geral, ele não se aplica muito na minha pesquisa diretamente. [...], na verdade, foi uma falha que achei no programa, **acredito que em todos os programas, porque fui a única da minha turma que teve que fazer Estágio de Docência, porque eu era a única que não estava dando aula, as pessoas comprovavam que davam aula em outras universidades, elas estavam isentas de fazer o Estágio de Docência**, mas, na minha opinião, o fato de você dar aula, não quer dizer que você sabe fazer isso, fazer da melhor maneira possível [...], **acho que deveria ser obrigatório para todos, independente de comprovação ou não** [...] (Estudante 75).

**Não houve nenhuma discussão, nem no mestrado, nem no doutorado isso é algo que eu sempre critiquei, que eu disse que ninguém nos prepara para dar aula, nos preparam para fazer artigo só. Para chegar numa sala de aula, para enfrentar uma turma de 30, 40 alunos ninguém nos prepara, ninguém nos mostra como que você pega a contabilidade e monta [...] uma aula [...], isso a gente vai aprender quando você cai lá na área privada, que você chega lá e a faculdade começa, Professor você tem que dar uma aula melhor [...], você tem que ser mais divertido, você tem que ser mais dinâmico.** [...], na pós-graduação, eles deveriam chegar e mostrar existem esses métodos, essas metodologias ativas que vocês podem utilizar, até porque a gente tá caindo de paraquedas, ninguém entrou ali sabendo da aula, ninguém entrou sabendo o que é uma metodologia ativa. A primeira vez que eu ouvi a palavra metodologia ativa foi uma amiga que foi dar aula no Senac [...]. Eu mesmo durante o mestrado dei aula durante dois anos [...] de matemática financeira e mercado de capitais, saí da graduação, no primeiro semestre de mestrado, eu estava em sala de aula dando matemática financeira, porque **era obrigatório quem tinha bolsa era obrigado a fazer Estágio Docência durante o processo da bolsa [...]** e a gente **não é preparado** (Estudante 83).

**Implicações pedagógicas [...] houve sim, a gente tem que fazer Estágio de Docência e discutir sobre abordagens pedagógicas que funcionam na graduação, houve conversa sobre futuro, sobre docência, sobre ser Professor fazendo concurso para**

**ser um Professor efetivo que também é algo que foi incentivado, inclusive muito incentivado pelo orientador [...]** (Estudante 103).

A preparação desses futuros profissionais no cerne de um doutoramento em contabilidade é de fundamental importância para a experiência e desenvolvimento ao entrarem no mercado de trabalho. Cita-se, por exemplo, a compreensão das responsabilidades inerentes ao ser docente (Abdullah et al., 2016), assim como o processo de amadurecimento quanto a elaboração da tese (Baker & Pifer, 2011; Fogarty, 2018).

O(a) Estudante 2 compartilhou a ideia de que as discussões em torno da formação docente ocorrem em virtude da proximidade e, por vezes, se restringe aqueles que tem como foco esse tipo de pesquisa, ou seja, o interesse em conhecer e pesquisar sobre o campo da educação contábil.

**[...] em termos de programa, a gente não tem tantas discussões nas disciplinas [...] são discussões que deveriam ter para todos os alunos, além do doutorado, mas, como estou em um grupo de pesquisa da área da educação, a gente discute muito sobre isso, a gente discute muito sobre essas implicações,** a gente tenta desenvolver muitas pesquisas voltadas para isso, para o ensino aprendizagem, para a motivação, para o desenvolvimento de práticas, de melhores práticas, para o entendimento do comportamento do aluno, do Professor, para que a gente se insira nesse cenário e saiba como lidar com ele, [...], mas isso acontece porque eu estou em volta dessa temática, **não vejo isso acontecendo, por exemplo, em quem é da linha financeira ou da linha gerencial [...]** (Estudante 2).

Os(as) Estudante 23, Estudante 37, Estudante 40, Estudante 93 e Estudante 100 comentaram, respectivamente, que houveram discussões “**mas muito a quem do que deveria ter tido na minha percepção [...]**”; “[...] **a gente tinha esse debate em termos de currículo, docência, sobre outras perspectivas, mas a questão das implicações pedagógicas no doutorado, ela foi bem incipiente, não foi suficiente**”; “acho que teve mais discussões [...], mas não teve treinamento voltado para isso [...]”.

“[...] Não tem muita discussão na minha percepção acerca da docência [...], percebo que não há uma preocupação, na minha opinião **deveria ter em relação à docência, aspectos acadêmicos, por ser um doutorado acadêmico eu esperava um pouco mais [...]**” (Estudante 93); “[...] **no meu doutorado nunca teve uma discussão tanto com**

**orientador como com os colegas e os Professores em geral no sentido do que você vai fazer depois do doutorado [...]** (Estudante100).

Os(as) Estudante 69, Estudante 71, Estudante 76 e Estudante 79 também reforçaram a inexistência de discussões pedagógicas no doutorado acadêmico em contabilidade: **“Não tivemos esse tipo de discussão [...]; “Não, nem no mestrado e nem no doutorado, [...] discussão pedagógica [...], isso a gente não tem [...]; “[...] acho que é uma coisa que falta realmente no doutorado, não vi dentro da grade, [...], especialmente só pra docência, a gente tem um ponto, mas nada muito focado [...]**” (Estudante 79).

**Eu não me lembro de nenhuma discussão significativa** a respeito disso, existe discussões esparsas sobre qual é a contribuição que a gente pode dar, produzindo pesquisa ou fazendo um doutorado, mas **não me lembro de nada que tenha sido algo que mereceu uma reflexão mais procedimental [...]**, não me recordo [...] (Estudante 76).

Tais menções inferem pouca ou nenhuma discussão pedagógica para a formação docente. Ademais, por haver incipiência de disciplinas focadas na formação docente, resta aos futuros doutores em contabilidade inspirarem-se nas práticas de seus próprios Professores e/ou orientadores, como comentado pelos(as) Estudante 58 e Estudante 68.

**[...] a gente tem basicamente as aulas e a gente têm os nossos modelos de Professores que a gente acaba levando a prática deles para a nossa própria prática, a gente acaba vendo a atividade deles como inspiração, mas algo formal, como um treinamento ou discussões ainda aplicadas não tivemos e é uma coisa que de fato faz falta [...]** (Estudante 58).

**[...] houveram mais entre eu e o meu orientador, [...] nas disciplinas de contábeis não houveram não [...]**, a gente ainda tem muitas questões da contabilidade de se resolver com educação, porque **nós somos um curso de bacharelado e quando estamos em um doutorado é que nós temos a oportunidade de ir para a sala de aula, [...]. Questão pedagógica, questão de como lidar com alunos, de habilidades e competências, para fazer com que o aluno de fato aprenda o seu conteúdo é o que mais a gente trabalha e o que menos a gente sabe. Sendo um curso de pós-graduação que prepara para a sala de aula, não vejo que o curso de contabilidade,**

**de uma forma geral, ainda nos prepare para a sala de aula [...]**, percebo do doutorando de fazer com que essas disciplinas aconteçam com mais efetividade no programa, porque **até mesmo esses outros colegas que não vão estar na linha da educação, provavelmente estarão dentro de sala de aula, porque a tendência do doutorando acadêmico é que esse se direcione à docência [...]** (Estudante 68).

Outro ponto trazido à tona pelos futuros doutores em contabilidade faz menção a predominância da formação para pesquisador em comparação ao fomento para a formação docente. “No doutorado em relação a atividade predominante 90% foi em relação à pesquisa, [...] **a gente não tem prática é um viés muito mais direcionado a pesquisa**” (Estudante 25); “[...] é frágil é voltado muito mais a pesquisa em si [...]” (Estudante 88). Os(as) Estudante 30, Estudante 32, Estudante 34, Estudante 45 e Estudante 63 também compartilharam suas compreensões a respeito:

[...] **diria que foram discussões rasas [...]**, porque nós não tínhamos, por exemplo disciplinas voltadas para essa temática, [...] a gente tinha uma reflexão sobre o nosso papel profissional do que nós deveríamos ou poderíamos fazer após a conclusão do nosso doutorado, [...]. **Qual o nosso papel sendo Professores?** Pesquisadores ou de fato a gente também poderia ter contribuições práticas enquanto profissionais qualificados [...] para a sociedade no sentido profissional? mas vejo que é um ponto a melhorar no sentido dessa minha formação [...], sobre as possibilidades de ensino, metodologias ativas [...] **o foco ainda é muito grande no profissional pesquisador e não no profissional docente**, muitas vezes a gente sai Doutor e no outro dia se torna Professor sem ter uma experiência prática ou preparo para tal função de fato. [...] existe uma desconexão muito clara [...] (Estudante 30).

[...] **o doutorado é muito focado na pesquisa**, porém a instituição que estou oferece uma série de discussões pedagógicas [...], a gente consegue ter essa perspectiva, além de ver coisas mais recentes, mais inovadoras sobre estratégias pedagógicas. Entrevistadora: O programa oferece uma disciplina obrigatória para todos dentro dessa perspectiva de formação docente? não o programa ele não tem nenhuma disciplina [...], os programas eles têm ou deveriam ter, pelo menos uma disciplina voltada para [...] uma preparação pedagógica [...] (Estudante 32).

[...] acho que o foco fica tão vidrado no aspecto da pesquisa que o aspecto da docência acaba sendo deixado um pouquinho de lado, claro que durante as disciplinas a gente tem os seminários [...] que a gente vai desenvolvendo, mas acho que essas discussões sobre como é que vai ser esse processo de docência, passa um pouco batido, [...] acho que poderia ser um pouquinho melhor trabalhado, [...] acho que tem uma preocupação muito forte em publicar e querendo ou não na área contábil ser só pesquisador é um pouco mais complexo [...]. A gente não tem nenhuma disciplina optativa, [...] acho que seria uma contribuição bem grande, porque [...] desenvolvi muito a minha didática durante o mestrado e no doutorado eu já tinha uma facilidade, [...], mas tem pessoas que saem sem didática nenhuma e isso dá muita diferença depois quando a gente vai para sala de aula, acho que seria bem interessante (Estudante 34).

[...] vejo o doutorado muito voltado para a pesquisa, para a formação de pesquisadores. Tudo bem que a gente teve [...] o Estágio Docente, mas achei que não é suficiente para formar um Professor, acho que são necessárias mais disciplinas pedagógicas, porque a sala de aula é complexa, vejo que a percepção que eu tenho hoje é que os cursos de pós-graduação *stricto sensu*, eles formam pesquisadores, só que dentro da sala de aula não basta ser um excelente pesquisador, ele tem que ter habilidades pedagógicas, capacidade de liderança. Hoje não vejo nos programas de pós-graduação, pelo menos os que tenho acesso, disciplinas voltadas para a gestão de pessoas, para a liderança e de certa forma [...], acho que poderia, dentro da minha percepção, preparar melhor os Professores para aqueles que querem atuar, [...] caso seja do interesse, mais disciplinas voltadas para os aspectos pedagógicos, levando em consideração as complexidades que existem dentro da sala de aula [...] (Estudante 45).

[...] quando li essa pergunta, achei ela muito pertinente isso realmente deve ser explorado, porque a minha intenção sempre foi à docência. Quando entrei no mestrado, percebi que eu gosto mais da pesquisa do que da docência, mas mesmo assim tenho vontade de ir para a sala de aula, justamente porque é onde acho que a troca acontece [...], mas para dizer que eu não tive nenhum contato com prática pedagógica, tive uma disciplina no mestrado [...], ano que vem vou tentar alguma coisa para ir para sala de aula justamente, porque [...] eu não sei se eu

**estou preparada para ser Professora, porque eu nunca fui [...], a gente tem Estágio obrigatório [...], mas tirando essa questão do Estágio [...] majoritariamente as pessoas terminam o processo de doutorado sem nunca ter pisado, sem nunca ter estado na frente de um aluno para dar uma aula e acho que é realmente muito necessário ter essa conversa de como é que não tem uma disciplina. [...] nos programas a gente está formando pesquisador, quando chegar lá na frente vai ser você [...] e um processo seletivo [...], a gente tem seminário, a gente apresenta a tese, a gente apresenta trabalho, mas não é a mesma coisa de dar uma aula para a graduação, a dinâmica é diferente, a fala é diferente, a forma de se apresentar, isso é tudo diferente e é algo que os alunos não são preparados para fazer [...], acho que é necessário incentivo, é necessário um olhar dos programas [...]. Não entra na minha cabeça, quem vai para um doutorado sem ter a visão da academia [...], acho que é uma coisa muito difícil para você engavetar um diploma, acho que precisa ter essa reflexão do porque o doutorado e porque a gente não está preparando Professores que deveriam estar sendo preparados [...]** (Estudante 63).

Além do exposto, os(as) Estudante 4 e Estudante 27 expuseram suas opiniões, bem como o(a) Estudante 42 sinalizou a importância, em conjunto com o Estágio de Docência, compreender, minimamente, a respeito de projetos de extensão pelo fato de boa parte dos futuros doutores almejavam carreiras em universidades federais.

**[...] tive uma disciplina obrigatória, mas não vejo que a galera se importa muito com isso, o que acho uma pena [...], porque eu não sou um cara muito de escrever artigo, adoro escrever por mais que seja um processo penoso para mim, mas não gosto de publicar não sei porque é um processo muito chato. Os artigos que tenho publicado, é porque algum colega publicou me encheu o saco para fazer ou porque fui obrigado, mas gosto muito de divulgar isso de uma maneira estranha, talvez escrever um livro [...], fazer um *podcast* [...], tenho um projeto de fazer um jogo, adoro jogo de tabuleiro, tem vários livros que explicam sobre isso e é uma forma de divulgar a ciência também e isso a gente não tem no doutorado, a gente fica preso nessas amarras obrigatórias e a gente não pensa maneiras diferentes de aproximar pessoas diferentes, [...] isso mudou a maneira como eu enxergo o doutorado e a maneira da minha docência [...]** (Estudante 4).

**Eu fiz uma disciplina, ela era uma disciplina optativa [...] e foi muito bom, a gente teve muitas discussões [...], acho que é uma construção necessária, só que é curioso, ela é eletiva, eu fiz porque eu tinha interesse de entender melhor, de aprender essa parte [...] talvez deveria ter sido obrigatória essa disciplina para todos cursarem, porque todos, potencialmente, seremos Professores [...] para mim houve essa discussão, mas porque eu fiz a disciplina, se eu não tivesse feito eu não teria (Estudante 27).**

**[...] meu olhar, acho que o mestrado e doutorado está muito voltado para pesquisa e se esqueceu um pouco sobre os outros pilares do que é uma universidade, do que é o profissional Professor, ensino tem, não tanto quanto acho que deveria ter, mas tem, faz lá o Estágio de Docência, que não é a mesma coisa que dá uma aula, vê como é que é a dinâmica das aulas, teoricamente tem, acho que poderia ser mais abordado [...], metodologias ativas, como é que faz uma aula? quais são os problemas de uma aula? acho que teria que ter aulas mesmo para entender como é que é aprender com os demais, ver como é que faz. [...], no doutorado, pelo menos, a minha experiência não teve nada [...], cheguei como Professor efetivo [...] e agora que entrei na extensão, [...], como é que faz extensão? [...], acho que é o mais precário e talvez seja o que a gente mais subestima e talvez seja o que mais daria retorno para uma comunidade, [...] ver o problema real de uma empresa, como ela está, o que ela está precisando, como é que a contabilidade pode executar isso [...], talvez a extensão pode ver como fazer isso, como implantar isso na empresa, como executar melhor, talvez a extensão seja mais útil do que a própria pesquisa para a nossa área, especificamente, não somente para a empresa, mas pessoas, quantas pessoas têm problemas financeiros? Quantas pessoas estão endividadas? [...], se a pessoa tem uma consciência financeira, se ela tem uma educação financeira, ela consegue ter melhores resultados, porque não estou ensinando pessoas da comunidade a saber lidar com o dinheiro? [...], não que a pesquisa não seja importante, mas talvez outros elementos sejam mais essenciais no dia a dia [...] (Estudante 42).**

A partir das reflexões trazidas pelos doutorandos observam-se algumas lacunas percebidas e externadas pelos mesmos. Primeiro a falta de uma formação pedagógica. Segundo o entendimento por parte dos futuros doutores de que a única disciplina que comporta, de forma superficial, as discussões pedagógicas concentram-se na ‘Metodologia do Ensino Superior’

com a ressalva de que em alguns programas ela é ofertada de maneira eletiva e, por vezes o seu oferecimento é no mestrado e não a nível doutorado.

Um terceiro argumento trazido como referência para a promoção de discussões pedagógicas é compreendido pelo ‘Estágio Docência’, sinalizado pelos entrevistados como uma oportunidade de aprimorar os conhecimentos acadêmicos e profissionais. No entanto, além de sua oferta ser de forma obrigatória apenas aos bolsistas, alguns dos estudantes mencionaram que ainda há algumas deficiências a serem sanadas, como a preparação desse futuro profissional quanto aspectos básicos, a realização de plano de aula, a compreensão das responsabilidades do ser docente e profissional, discussões sobre como lidar em um curso de graduação com distintas pessoas em formação, etc.

Observa-se, ainda, que intrínseca a promoção de discussões pedagógicas no cerne de um doutoramento em contabilidade, os estudantes sinalizaram um esforço por parte de alguns docentes em trazer tais discussões em outras disciplinas tendo em vista dois motivos: o caráter interdisciplinar incutido das questões pedagógicas e a falta de uma disciplina específica que trata de tais questões. Por fim, foi externado por alguns dos futuros doutores em contabilidade a primazia pela formação de pesquisador em comparação a formação docente. Ponto este, suscitado pelos acadêmicos como um dos principais sinalizadores de reflexão.

#### ***4.6.2 Experiências e intenções quanto ao mercado de trabalho***

Compreender as experiências e as intenções profissionais de futuros doutores da área de negócios, especificamente, da área contábil pode atuar como sinalizador de quais caminhos tais profissionais estão direcionando suas expectativas. Além disso, a possibilidade de sinalizar assim como no estudo de Furness (2020) os motivos e as intenções que promovem a adaptabilidade para ingresso em uma carreira.

Neste tópico, os entrevistados foram instigados a refletirem a respeito de dois pontos: ‘Quais suas intenções profissionais após o término do doutorado? Há ou houve algum contato/experiência profissional (mercado de trabalho) durante o doutorado?’ A Tabela 10 reúne os principais pontos mencionados pelos futuros doutores em contabilidade.

**Tabela 10**

Experiências e intenções quanto ao mercado de trabalho

	<b>Experiências profissionais</b>	<b>Intenções Profissionais</b>
Estudante 1	“[...] durante o doutorado tive algumas experiências, sou Professora, trabalhei fazendo análises de processos de	“[...] imagino trabalhar em uma instituição pública e tendo uma condição



	controladoria [...], fiz algumas consultorias [...].”	<b>boa para fazer as minhas pesquisas, fazer um pós-doc. [...].”</b>
Estudante 2	“[...] <b>tive experiência sim durante o doutorado</b> , porque atuei um ano e oito meses ensinando em universidades, tive essa experiência profissional e foi uma experiência muito boa, porque também me certificou, acho que consegui trazer uma realidade sobre essa carreira acadêmica, que a gente enquanto não experencia ela, a gente tem um idealismo e você consegue entender melhor como que funciona, quais são as demandas que essa carreira tem, tive essa experiência [...] e pretendo seguir [...]”.	“A minha pretensão é o <b>pós-doutorado</b> e a <b>carreira acadêmica</b> [...]”.
Estudante 3	“[...] a gente, orientando e orientador, sempre tem esse contato junto são características que <b>formalmente não posso comprovar o meu papel como orientador e como Professor, mas que a gente tem essas vivências</b> mesmo que a gente não tenha comprovação profissional disso”.	“[...] quero [...] continuar [...] como <b>Professor e pesquisador</b> essa é a intenção [...]”.
Estudante 4	“[...] <b>adoro ser Professor</b> [...] adoro lecionar [...]”.	“[...] tem dois futuros possíveis, mais <b>provável é ser Professor</b> e menos provável é abrir um negócio [...]”.
Estudante 5	“[...] <b>estava com aulas na graduação</b> e veio essa oportunidade da coordenação [...]”.	“Atuar não só na <b>graduação, penso em dar aula em pós-graduação, fazer palestras</b> ou alguma coisa assim”.
Estudante 6	“[...] <b>durante o doutorado sim</b> , mas não especificamente por conta do doutorado, dado que <b>já dava aula anteriormente.</b> ”	“[...] a expectativa, pelo menos, é dar sequência a esse processo de dar aulas, de <b>ser Professor</b> [...], essa é a perspectiva [...]”.
Estudante 7	“[...] <b>o que tive de experiência foi o Estágio</b> [...]”.	“A minha intenção é a <b>docência</b> [...]”.
Estudante 8	“[...] já tenho minha vida profissional, <b>sou servidora pública</b> [...]”.	“[...] tenho vontade de <b>continuar na área acadêmica</b> , não tenho dúvida [...]”.
Estudante 9	“[...] <b>sou concursado na universidade</b> [...]”.	“[...] desenvolver a <b>extensão, pesquisa, além da docência</b> na universidade.”
Estudante 10	“[...] tive a possibilidade da minha orientadora ser generosa comigo e me repassar os assuntos de iniciação científica para poder orientar, <b>tive a possibilidade de orientar alunos de iniciação científica na outra universidade</b> [...], <b>fiz dois projetos de consultoria</b> , [...] e esses projetos de consultoria são chamados dentro do doutorado [...] de estágios doutorais [...], tive a possibilidade de <b>atuar como Professor, como orientador, como pesquisador</b> [...]”.	“[...] a carreira após é a <b>docência</b> no caso de não dar certo [...], não coincidir pretendo ir para a parte empresarial [...], <b>o meu interesse é trabalhar com o aspecto social</b> [...] seja divulgação de relações financeiras, de sustentabilidade [...] vai ser por aí meu caminho”.
Estudante 11	“[...] <b>trabalhei todo o doutorado e agora estou de licença</b> para adiantar a tese [...]”.	“[...] as intenções após o término, vou tentar <b>concurso para docência.</b> ”
Estudante 12	“[...] <b>vou seguir, gosto da docência</b> , gosto da sala de aula e gosto muito da pesquisa, [...] o resto da minha vida vai ser assim e realmente foi muito importante a experiência que tive anteriormente na faculdade que dei aula, porque foi onde realmente me encontrei [...]”.	“[...] <b>gosto é de dar aula, gosto de ensinar</b> [...], <b>não me vejo fazendo outra coisa</b> , [...] cheguei onde eu queria, hoje estou extremamente realizada.”
Estudante 13	“[...] Se houve algum contato experiência profissional durante o doutorado sim, <b>atuo como docente em instituição privada</b> ”.	“[...] <b>atuar como docente e como pesquisadora, em especial</b> ”.

Estudante 14	“ <b>Não tive experiência nenhuma até agora</b> até porque a CAPES não permitia [...]”.	“[...] desde que entrei no PPG [...] minha intenção sempre foi à <b>docência</b> ”.
Estudante 15	“[...] <b>sou concursada</b> e gosto bastante de onde estou atuando, [...], sempre trabalhei desde o início do doutorado.”	“[...] tenho ainda dúvida em ficar só com a docência ou com os dois, <b>hoje o meu sentimento é de trabalhar com os dois, porque acho que onde estou trabalhando poderia agregar para a docência [...]</b> .”
Estudante 16	“[...] tive um contato profissional no início desse ano, <b>fiquei seis meses numa faculdade privada</b> , eu ia terminar esse ano inteiro nela, mas para ter uma dedicação integral ao doutorado, para terminar [...] preferi abrir mão [...]”.	“[...] meu objetivo basicamente é <b>focar em um concurso para a universidade</b> estaduais ou federais, porque consegui enxergar que para mim é mais realizado profissionalmente, principalmente na área de pesquisa, [...] gosto muito de ensino, mas acho que se eu ficar somente no ensino, acho que falta alguma coisa, também gosto de fazer esse equilíbrio [...]”.
Estudante 17	“[...] <b>quando entrei no doutorado já trabalhava</b> , [...] <b>sou servidor concursado</b> [...]”.	“[...] minha ideia é <b>continuar no serviço público não tenho pretensão de mudar não</b> .”
Estudante 18	“[...] Ainda não sou efetivo, <b>fui Professor substituto e dou aula em instituições privadas</b> , porém na instituição pública ainda não consegui ingressar como efetivo, estou tentando fazer isso agora após o doutorado. Com relação ao mercado de trabalho tive experiência justamente por conta que <b>estou inserido no meio empresarial contábil, por conta do escritório contabilidade</b> acabo me relacionando com empresas e aproveitando a minha experiência obtida dentro do doutorado para poder utilizar dentro do meu leque de cliente e conseqüentemente no mercado de trabalho que estou inserido [...]”.	“[...] minhas pretensões com relação ao doutorado é <b>ingressar numa universidade pública</b> , esse é meu propósito [...]”.
Estudante 19	“[...] vou <b>voltar para a instituição que já trabalho</b> [...]”.	“[...] vou voltar para a instituição, já tenho possibilidade, por exemplo de <b>dar aula no mestrado</b> [...], vou repensar muita coisa para reconstruir talvez as disciplinas que eu ministrava [...], depois quem sabe fazer um pós-doc [...]”.
Estudante 20	“[...] <b>atuo como Professor substituto</b> , tenho contato profissional com a sala de aula, com a docência de maneira geral e <b>participo de projetos de pesquisa e projetos de extensão</b> que estão ligados à prática profissional [...]”.	“[...] minhas intenções ao terminar o doutorado é <b>entrar em uma instituição de ensino superior e me dedicar integralmente à docência e as atividades do ensino, pesquisa e extensão</b> , esse é o meu objetivo quando terminar o doutorado [...]”.
Estudante 21	“Durante o doutorado eu pude lidar na docência, <b>trabalhei um tempo como Professora em universidade particular</b> e eu fiz um concurso que acabei passando [...]”.	“[...] na minha vida sempre foi a <b>docência</b> [...]”.
Estudante 22	“[...] <b>tive oportunidade de dar aula em particular e em pública</b> [...]”.	“[...] <b>continuar na docência</b> é o que gosto de fazer, me renova toda vez que estou em sala de aula [...], gosto de estar em sala de aula [...]”.
Estudante 23	“[...] experiências sim, [...] <b>tive pouca experiência profissional até chegar no doutorado</b> isso começou a me inquietar muito dado que meu objetivo é ir para sala de aula,	“ <b>Ir para sala de aula</b> [...] <b>ser aprovado em concurso</b> [...]”.

	queria muito ter uma experiência profissional, até pra que possa contribuir no meu desempenho enquanto Professor e durante o doutorado, <b>trabalhei, mas de forma autônoma [...] em consultoria [...]</b> ”.	
Estudante 24	“[...] <b>comecei coordenando o curso superior na instituição que estou [...]</b> deixei a coordenação depois de um ano [...] e estou dando aula [...]”.	“[...] <b>fazer o meu melhor para os meus alunos</b> , buscar sempre estudar para fazer o máximo para atualizar eles [...]”.
Estudante 25	“[...] <b>sou Professor, continuo exercendo as minhas atividades normalmente [...]</b> ”.	“[...] <b>intensificar as atividades de pesquisa através da criação de grupos de pesquisa [...]</b> , liderar um grupo de pesquisa [...] dentro da minha área e buscar por editais de pesquisa [...]”.
Estudante 26	“[...] <b>durante o doutorado [...] já estava trabalhando no escritório contábil [...]</b> . Tenho uma afinidade [...] com a pesquisa [...]”.	“[...] seria muito legal <b>dar aula</b> depois, mas se não der vou tentar direcionar a minha carreira para a questão de dados”.
Estudante 27	“[...] continuo trabalhando, [...] não parei depois de entrar no doutorado, já trabalhava antes, pra mim foi só uma continuidade [...] <b>sou Professor desde 2015 [...]</b> ”.	“[...] <b>ser Professor concursado [...]</b> ”.
Estudante 28	“[...] ingressei na docência logo próximo à minha defesa da dissertação, <b>trabalho desde 2019 na docência</b> , [...] precisei me adaptar, porque no mestrado estava <i>full time</i> , mas no doutorado tinha que conciliar [...]”.	“[...] me vejo na <b>docência</b> , não me vejo fazendo outra coisa [...]”.
Estudante 29	“[...] <b>Durante o doutorado estou trabalhando, dou aula</b> , mas além disso <b>tive contato com o trabalho de consultoria [...]</b> ”.	“[...] penso em ser Professor, <b>depois de ter contato com a sala de aula descobri que é isso que quero para minha vida</b> , quero ser Professor, quero entrar na carreira docente [...]”.
Estudante 30	“[...] <b>durante o doutorado [...] foquei 100%, busquei o afastamento [...] do meu trabalho [...]</b> as atividades foram momentaneamente paradas [...]”.	“[...] <b>ir para o ensino superior</b> , dar uma contribuição na <b>graduação</b> , mas com pretensões de contribuições também na <b>pós-graduação [...]</b> ”.
Estudante 31	“[...] <b>fui Professor substituto [...]</b> ”.	“[...] <b>prestar algum concurso [...]</b> ”.
Estudante 32	“[...] <b>o único contato, [...] que tive foi com orientações, dei algumas orientações para curso de MBA [...]</b> , mas é uma atuação bem limitada <b>em geral diria que não tive propriamente uma atuação no mercado de trabalho durante o doutorado [...]</b> ”.	“[...] minha intenção é a <b>docência 100% [...]</b> ”.
Estudante 33	“[...] <b>atuei como Professora [...]</b> ”.	“[...] <b>me tornar docente de uma universidade federal</b> , [...] tenho muita vontade de conseguir exercer a docência e conseguir continuar pesquisando, desenvolvendo as minhas pesquisas, acho que onde isso é possível são nas universidades federais [...]. A gente deve em termos intelectuais e em termos materiais, a gente deve muito pra universidade, sou muito grata e pretendo continuar essa trajetória no sentido de formar pessoas [...], eu amo [...], a gente tem que saber reconhecer que a gente é bom sei que sou boa enquanto pesquisador, enquanto Professor espero ter essa oportunidade de multiplicar esse conhecimento [...]”.

Estudante 34	“[...] experiência que tenho, <b>comecei no segundo semestre de 2023 a dar aula [...]</b> e <b>exerço atividade de mentoria, consultoria [...]</b> ”.	“A minha expectativa é que eu siga na <b>área acadêmica como Professora [...]</b> ”.
Estudante 35	“[...] hoje <b>tenho uma atividade profissional como gestor no mercado financeiro</b> , mas tenho também a oportunidade dentro do mercado financeiro de exercer muito da minha atividade acadêmica, justamente para fazer uma pesquisa que busca trabalhar com problemas da economia real, estou sempre sendo convidado para falar sobre isso nos mais diversos fóruns, acaba sendo um desdobramento particularmente bem interessante.”	“[...] <b>quero sim ir atrás de uma oportunidade acadêmica ou no Brasil ou no exterior</b> e dedicar mais tempo da minha disponibilidade para isso [...].”
Estudante 36	“Hoje <b>estou no mercado</b> , consigo atrelar bem essa questão do que adquiri de conhecimento dentro do doutorado com a necessidade do mercado onde atuo [...].”	“[...] conseguir de alguma forma usar desse conhecimento adquirido [...] para colocar um pequeno tijolinho [...] como de repente em <b>consultoria, palestra ou conseguindo novas aulas de pós [...]</b> ”.
Estudante 37	“[...] <b>fui Professor voluntário [...]</b> <b>tenho sido convidado para participar em algumas aulas [...]</b> , a gente acaba sendo convidado para participar de eventos [...].”	“[...] estar em <b>sala de aula pesquisando [...]</b> ”.
Estudante 38	“[...] <b>estou de licença do meu trabalho [...]</b> ”.	“[...] <b>passar em um concurso público [...]</b> ”.
Estudante 39	“[...] <b>estou no doutorado de forma exclusiva [...]</b> <b>é o que faço de forma profissional [...]</b> apesar de não ter lei trabalhista, apesar de não ter nada disso é o meu trabalho [...].”	“[...] <b>quero ser Professora de contabilidade</b> saindo do doutorado [...].”.
Estudante 40	“[...] <b>houve contato na docência de instituições privadas, participei de elaboração de livros e capítulos de materiais [...]</b> tenho tido muita oportunidade, mas não há tempo para poder fazer essas atividades, que após o término do doutorado, talvez tenha algumas outras oportunidades que a gente possa abraçar”.	“[...] meu tempo seja mais alocado na <b>docência, em projetos acadêmicos [...]</b> ”.
Estudante 41*		
Estudante 42	“ <b>Durante o doutorado, comecei a dar aula [...]</b> ”.	“[...] penso talvez em fazer outras coisas, <b>talvez empreender ao mesmo tempo que estou lecionando [...]</b> ”.
Estudante 43	“[...] <b>houve sim experiência [...]</b> ”.	“[...] <b>quero focar na docência e tenho uma vontade de ter uma empresa [...]</b> ”.
Estudante 44	“[...] depois que comecei o mestrado, [...] <b>todas as minhas experiências de trabalho foram na academia, como docente</b> , dei aula online, aula presencial, aula em faculdade pública, fui até mesmo Professora substituta [...].”	“[...] <b>pretendo continuar na universidade [...]</b> , tentar fazer um observatório de gestão de riscos [...].”
Estudante 45	“[...] <b>tenho meus projetos empresariais [...]</b> ”.	“[...] <b>não tenho intenção de ser somente Professor, pretendo conciliar o mercado profissional empresarial com a docência [...]</b> , atualmente tenho essa percepção, quando terminar o doutorado, penso em investir mais nos meus projetos empresariais, tenho vários projetos só que muitos deles um pouco de lado, porque o doutorado ele demanda muito tempo [...].”

Estudante 46	“[...] <b>trabalho em escritório de contabilidade e tive experiência docente</b> [...].”	“[...] após o doutorado é <b>focar na graduação</b> que tive essa experiência agora [...], <b>gosto de dar aula, gosto de participar dos eventos</b> [...].”
Estudante 47	“[...] <b>sou funcionário em uma empresa</b> [...].”	“[...] <b>a docência para a ser uma possibilidade</b> , mas não imediatamente ao doutorado.”
Estudante 48	“[...] <b>participo como Professor convidado</b> [...].”	“[...] tentar <b>entrar num programa</b> para tentar transmitir o conhecimento que adquiri [...]”.
Estudante 49	“ <b>Durante o doutorado não teve nenhuma experiência profissional</b> , fiquei mais direto com o doutorado e também porque não tinha mais fôlego [...]”.	“[...] <b>gostaria muito de tentar os editais para Professor pesquisador</b> [...].”
Estudante 50	“[...] <b>tenho trabalhado com a parte de consultoria</b> [...].”	“[...] depois de terminar o doutorado não pretendo prestar concurso para entrar logo em uma universidade [...] <b>pretendo trabalhar com o mercado privado</b> [...] ter uma experiência profissional no mercado.”
Estudante 51	[...] escolhi como carreira e sempre falo: <b>hoje estou como concursada há 10 anos em uma universidade pública</b> , não troco por nada [...]”.	“[...] quero <b>continuar na docência</b> [...].”
Estudante 52	“O doutorado é para o meu aprimoramento profissional [...] <b>estou fazendo mais como um requisito do serviço</b> [...].”	[...] minha perspectiva é a <b>docência e o mercado</b> .”
Estudante 53	“[...] <b>quero manter dentro da instituição que trabalho</b> [...].”	“[...] quero <b>desenvolver mais pesquisas e as disciplinas</b> .”
Estudante 54	“[...] <b>já trabalhava antes do doutorado e continuo trabalhando na empresa</b> .”	“[...] <b>gostaria de continuar dando aula</b> [...]”.
Estudante 55	“ <b>Durante o doutorado consegui uma posição no mercado financeiro</b> [...].”	“A intenção é depois de terminar o doutorado <b>tentar melhorar o meu currículo no mercado, me dedicar exclusivamente a isso</b> , [...], quero muito ir atrás de algumas certificações financeiras.”
Estudante 56	“[...] já tinha contato com a área [...] de ensino, <b>dava aulas em uma outra universidade federal</b> [...]”.	“[...] ser um <b>pesquisador, Professor de uma federal</b> [...]”.
Estudante 57	“[...] <b>trabalhei como Professor substituto</b> [...].”	“[...] meu caminho é <b>continuar na docência, graduação, se possível, pesquisa</b> [...].”
Estudante 58	“[...] <b>atuo na gestão de uma instituição de ensino</b> [...].”	“[...] <b>quero conseguir encaixar mais experiências de aula</b> [...], se possível <b>manter a atividade profissional</b> na gestão de alguma instituição de ensino.”
Estudante 59	“[...] <b>minhas experiências sempre foram voltadas para a docência</b> [...]”.	“[...] me imagino dentro de sala de aula já com um projeto de extensão, <b>ser aprovado como Professor</b> [...]”.
Estudante 60	“[...] <b>sim, atuo profissionalmente</b> [...].”	“[...] <b>fico pensando se vou tentar concurso para docente, porque até então não havia pensado em fazer para docência, porque gosto da área que atuo profissionalmente</b> , não que a carreira docente não seja boa, mas [...] gosto muito de atuar profissionalmente alternando também como um operador da contabilidade [...]”.
Estudante 61	“[...] <b>experiência profissional que tive foi justamente dessa aula durante o doutorado</b> [...]”.	“[...] <b>venho desde o ano passado participando de alguns processos seletivos</b> , efetivos, uns eu consegui

		aprovação, embora não tenha ficado na classificação dentro da vaga [...].”
Estudante 62	“[...] <b>dou aulas presenciais</b> [...].”	“[...] minha intenção é seguir à <b>docência</b> [...] e fazer pesquisa.”
Estudante 63	“ <b>Não em relação a contato profissional</b> [...] financeiramente falando eu não iria receber muito mais estando no mercado de trabalho e iria ser uma carga de trabalho muito cansativo [...] para conciliar com o doutorado [...].”	“[...] minha intenção profissional sempre foi a <b>docência e a pesquisa</b> [...].”
Estudante 64	“[...] durante o mestrado, doutorado <b>tive contato com empresas, com auditores</b> isso foi muito bom [...].”	“[...] manter contato com a área acadêmica, <b>sendo docente</b> [...] <b>também fazer algumas pesquisas e estar em contato com o meu empresarial</b> [...].”
Estudante 65	“[...] <b>sou docente</b> [...].”	“[...] pretendo <b>continuar na instituição que lecionou</b> [...].”
Estudante 66	“[...] <b>não tive muita experiência profissional</b> , só mesmo avaliação de trabalhos de outras instituições [...].”	“[...] intenções seria repassar esse conhecimento para a comunidade acadêmica [...], <b>trabalhar no mercado ou na área pública</b> [...].”
Estudante 67	“[...] já <b>trabalho em uma empresa</b> há muitos anos [...], <b>sou Professor</b> ”	“[...] <b>atuar na docência e na empresa que estou</b> [...].”
Estudante 68	“[...] <b>sou Professor</b> [...].”	“[...] estou buscando [...] <b>participar de mais programas de grupos de pesquisa em outras instituições</b> [...], melhorar o meu currículo e fazer outro concurso [...].”
Estudante 69	“[...] <b>sou funcionário público e dou aula</b> [...].”	“[...] <b>minha ideia profissional é desenvolver alguns aplicativos, desenvolver alguns sistemas</b> [...] ganhar dinheiro com esse movimento de <i>software</i> [...].”
Estudante 70	“[...] <b>tive contato profissional</b> [...] <b>onde fiz estágio</b> [...].”	“[...] após o doutorado se surgir oportunidade, <b>gostaria de iniciar já lecionando</b> [...], minha segunda opção seria seguir já para o pós-doc.”
Estudante 71	“[...] já <b>trabalho há bastante tempo</b> [...], o doutorado só vai me abrir mais portas em outras instituições [...].”	“ <b>A minha expectativa é que eu fique rica</b> [...] é só isso [...] <b>tanto faz o nome da corporação</b> [...].”
Estudante 72	“[...] <b>trabalhei durante todo o doutorado</b> [...].”	“[...] <b>tenho vontade de dar aula no doutorado</b> [...].”
Estudante 73	“[...] <b>voltei a trabalhar em uma empresa, não gostei</b> , [...] e depois entrei em um estágio [...] <b>onde estou atualmente</b> [...].”	“[...] as intenções profissionais é <b>seguir para uma área que valoriza mais as pessoas com doutorado</b> [...] vejo na ciência de dados algo que tem boa perspectiva [...].”
Estudante 74	“[...] <b>tenho tido experiências na docência</b> [...].”	“[...] <b>existe a possibilidade de não atuar mais na docência, na graduação</b> , porque cansei [...], hoje tem um perfil completamente contrário àquilo que é necessário para um bom aprendizado [...], se estou em sala de aula é porque quero ensinar, mas ensinar pra quem? Para a parede, não dá [...].”
Estudante 75	“[...] <b>sim, tenho experiência profissional em escritório de contabilidade</b> [...] e dando aulas [...] já tive muita experiência na minha vida [...].”	“[...] acabei de assumir um concurso na área de <b>docência</b> [...], acabei optando por assumir mesmo achado que não estou pronto [...].”
Estudante 76	“[...] <b>estou trabalhando desde sempre, desde que entrei na faculdade</b> , [...] tudo que fiz do ponto de vista acadêmico foi um equilíbrio entre academia e o lado profissional,	“[...] terminando o doutorado, na minha perspectiva, [...] <b>quero desequilibrar um pouco essa balança</b> [...], <b>estou um pouco cansado do ritmo da academia</b> [...].”

	o que acho, pelo menos para mim, foi muito interessante, porque me ajudou a ter mais maturidade e tentar entender bem como funciona essa influência recíproca de uma coisa em outra [...].”	
Estudante 77	“[...] <b>estou trabalhando</b> [...].”	“[...] chegando no último ano do doutorado, já começo a abrir os olhos para <b>concursos</b> , quero sentir como que é, porque agora é o momento de começar a pensar nisso.”
Estudante 78	“[...] <b>atuo como docente</b> [...]”	“[...] pretendo <b>continuar dando aula</b> [...]”
Estudante 79	“[...] <b>não trabalhei durante o doutorado</b> , só mesmo o Estágio de Docência [...] tive duas disciplinas que ensinei [...].”	“[...] pretendo ingressar na <b>docência</b> e espero que eu consiga [...].”
Estudante 80	“[...] durante do doutorado, <b>estou como Professor</b> de algumas de disciplinas [...].”	“[...] <b>quero alinhar a docência com a parte empresarial</b> , talvez consultoria [...]”.
Estudante 81	“[...] <b>fui Professor substituto</b> [...].”	“[...] <b>ser Professor efetivo</b> [...] <b>tentar um pós-doc.</b> [...].”
Estudante 82	“[...] <b>não tive nenhuma experiência formal durante o doutorado</b> [...], peguei agora a trabalhar como Professor [...].”	“[...] objetivo é <b>seguir a carreira acadêmica</b> [...].”
Estudante 83	“[...] <b>trabalhei durante o doutorado quase todo em sala de aula</b> , fui Professor substituto no Instituto Federal <b>e também no mercado fui coordenador de curso técnico</b> , estou dentro da sala [...].”	“[...] <b>meu objetivo é um concurso na área administrativa, mas também dar aulas</b> , queria trabalhar durante o dia numa área administrativa e dar aula durante a noite, não queria ficar [...] só na sala de aula.”
Estudante 84	“[...] <b>durante o doutorado eu trabalhei em escritório de contabilidade</b> que já fazia antes <b>e comecei a docência</b> ”.	“[...] pretendo passar no concurso para <b>Professor efetivo</b> [...]”.
Estudante 85	“[...] <b>tive uma experiência no mercado</b> [...].”	“[...] vou continuar na <b>docência</b> [...].”
Estudante 86	“[...] <b>fiz o doutorado, praticamente, inteiro trabalhando</b> , primeiro com <b>mediação</b> e agora <b>estou no ensino superior</b> [...].”	“[...] pretendo continuar na <b>docência</b> [...] gosto bastante disso, me identifiquei [...].”
Estudante 87	“[...] <b>já estou no mercado de trabalho como Contadora</b> [...] <b>já tive alguma experiência com a docência quando fiz o mestrado que é o Estágio Docência</b> [...].”	“[...] meu objetivo é dar aula [...], mas <b>não quero largar a minha vida profissional, se fosse possível conciliar as duas</b> [...] o <b>meu sonho depois do doutorado é poder me tornar uma Professora.</b> ”
Estudante 88	“[...] <b>não tive contato com a docência</b> efetivamente [...]”.	“[...] uma vontade que tenho [...] <b>pretendo voltar a universidade que me formei</b> é uma forma de agradecimento [...]”.
Estudante 89	“[...] sim acabei conseguindo conciliar tanto no mestrado quanto doutorado [...] tive essa sorte de conseguir ter essa disponibilidade que nem todo mundo tem para conseguir conciliar e ao mesmo tempo isso ajuda bastante financeiramente e também <b>tive bastante oportunidade de dar aula por causa dessa formação híbrida</b> [...]”.	“[...] acho que a principal intenção [...] é <b>seguir com a carreira acadêmica e eventualmente fazer um pós-doutorado</b> , um concurso de livre docência ou algo do gênero, acho que a ideia é seguir”.
Estudante 90	“[...] <b>durante o doutorado sempre trabalhei, sempre tive contato, experiência profissional</b> desde o começo do mestrado [...].”	“[...] <b>procurar progredir na carreira onde estou como Professor</b> [...].”
Estudante 91	“[...] <b>atuo na docência</b> [...].”	“[...] intenção é <b>continuar na docência</b> [...].”
Estudante 92	“[...] <b>antes do doutorado já estava em sala de aula e continuo</b> ”.	“A minha intenção profissional é <b>continuar</b> [...] <b>dando aula</b> [...]”.
Estudante 93	“[...] <b>não tive experiência ainda no mercado de trabalho, no doutorado, nem</b>	“estou buscando concluir o doutorado para que eu possa <b>fazer concurso para o Professor</b> [...]”.

	atuando como Contador, mas quero ter essa experiência [...]”.	
Estudante 94	“[...] <b>tive sim experiência profissional no mercado</b> e não durante o doutorado [...] <b>no doutorado estou dedicando exclusivamente para minha formação</b> para depois começar [...]”.	“[...] <b>quero dar aula</b> [...]”.
Estudante 95	“[...] <b>trabalhei durante muitos anos</b> , mas no <b>durante o doutorado não</b> [...]”.	“[...] <b>continuar na área de pesquisa</b> [...] e <b>ver se consigo lecionar</b> [...]”.
Estudante 96	“[...] <b>trabalhei durante o doutorado todo</b> , não pedi licença e nada do gênero, a única coisa que aconteceu foi pedir um horário especial para estudante, só que ele tinha que ser compensado, então continuei trabalhando do mesmo jeito e <b>também dei aula no primeiro semestre do doutorado como professor voluntário</b> , só depois fui chamado como <b>professor substituto</b> [...]”.	“[...] a minha expectativa após o doutorado é conseguir uma vaga de Professor efetivo”.
Estudante 97	“[...] <b>durante o doutorado sim</b> , cheguei a <b>dar aula e fiz vários projetos</b> [...]”.	“[...] a princípio <b>quero trabalhar com projetos</b> [...]”.
Estudante 98	“[...] <b>já trabalhei</b> , mas <b>durante o doutorado não</b> [...]”.	“[...] essa questão profissional <b>não estou pensando no momento</b> [...]”.
Estudante 99	“[...] a <b>experiência ela continuou</b> , por que <b>não parei de trabalhar</b> [...]”.	“[...] queria continuar com a <b>docência</b> [...] tentar uma colocação em uma universidade [...]”.
Estudante 100	“[...] <b>durante o doutorado lecionei por um semestre como Professora e orientadora</b> [...] foi a única experiência profissional que tive durante o doutorado [...]”.	“[...] minha intenção depois do término doutorado é continuar na <b>docência</b> [...]”. “[...] participar [...] da pós, mas como Professora no curso de mestrado e depois quando estiver habilitado no doutorado [...]”.
Estudante 101	“[...] <b>tenho uma empresa e já tive contato com a docência</b> [...]”.	“[...] <b>continuar com a minha empresa</b> de desenvolvimento de negócios e outra intenção profissional é a <b>docência obviamente num horário reduzido</b> [...]”.
Estudante 102	“ <b>Experiência não houve</b> [...] dediquei mais ao doutorado [...]”.	“[...] Seguir na minha carreira <b>docente e pesquisadora</b> ”.
Estudante 103	“ <b>Houve sim experiência profissional durante o doutorado</b> [...]”.	“[...] iniciei como <b>docente</b> este ano [...]”.
Estudante 104	“[...] <b>sou Professor</b> [...]”.	“ <b>Permanecer dando aula</b> [...]”.
Estudante 105	“[...] <b>sempre trabalhei desde que ingressei no doutorado</b> [...]”.	“[...] meu grande objetivo futuro é fazer [...] um ponto de <b>conexão entre academia e o mercado para não ser só mercado e não ser só academia</b> ”.

Nota. Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

\*Respondeu 15 perguntas do roteiro, as últimas 10 perguntas não foram respondidas (motivo: queda de energia elétrica no estabelecimento do entrevistado e, posteriormente, não houve disponibilidade do estudante). A pergunta desta tabela encontra-se entre as 10.

Com relação as experiências profissionais exercidas no decurso do doutorado, os entrevistados sinalizaram de forma positiva. Um ponto interessante é que as experiências profissionais foram com predominância na carreira docente, seja em instituições públicas ou privadas. A Figura 12 e a Figura 13 auxiliam na visualização de uma síntese sobre as experiências e intenções profissionais. Comenta-se que foram consideradas palavras citadas



mais de quinze vezes, assim como foram retiradas as palavras que isoladamente não fariam sentido para a contexto das perguntas (que, durante, estou, já, sou, sim, essa e minha).

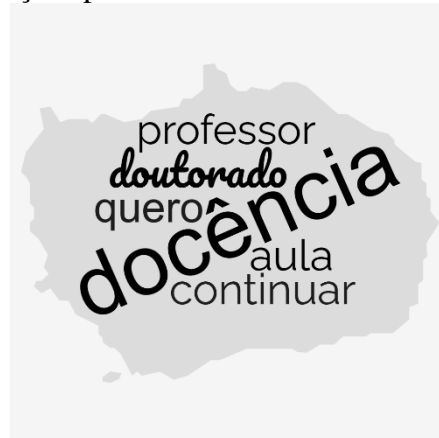
**Figura 12**

Experiências profissionais



**Figura 13**

Intenções profissionais



*Nota.* Fonte: Elaboradas pela autora com base nos dados da pesquisa e com o auxílio do *Worldclouds.com*

É salutar comentar que boa parte dos entrevistados já tiveram alguma experiência na atuação docente e que suas intenções profissionais permanecem direcionadas para a continuidade da carreira docente ou para o ingresso na docência. Outro ponto intrínseco as experiências foi a menção por parte de alguns entrevistados, os quais encontram-se em fase de finalização de seus doutorados, comentaram que não tiveram nenhum tipo de experiência e alguns poucos mencionaram que a única experiência adquirida no decurso do doutorado deve-se ao Estágio Docência.

Já em referência as intenções após o término do doutorado, os apontamentos foram quase que exclusivamente direcionados ao ingresso na carreira docente, com primazia a entrada em Instituições Públicas de Ensino Superior. Alguns doutorandos também sinalizaram suas intenções em conectar a área acadêmica com a empresarial.

Uma das compreensões externadas a partir das respostas dos entrevistados é de que há uma predominância significativa para a atuação como Professores universitários. Em contrapartida entende-se que há uma necessidade em sanar tais intenções. Uma das possibilidades de preenchimento dessa lacuna em nível de doutorado é fomentar esse ‘treinamento’ profissional nos doutorados das áreas de negócios, em particular da contabilidade (Abdullah et al., 2016; Araujo, 2017).

#### ***4.6.3 O ‘poder de voz’ de um doutor em Contabilidade: uma compreensão quanto profissional e ser social***

Um dos cernes para que futuros cientistas se especializem é primeiro a busca por um aprofundamento com relação ao tema que pretende se debruçar. O segundo ponto é a ciência dos reflexos que os estudos realizados precisarão ter seja para uma comunidade, um grupo ou uma sociedade em um sentido geral.

Intrínseco em um processo de doutoramento Hample (2008) e Marrais et al. (2018) corroboram que parte fundamental para que os futuros doutores compreendam a importância de suas pesquisas tange o entendimento das contribuições que esperam alcançar. Ademais, no tocante a construção de um profissional que tem ao final de seu processo de tese o recebimento do título de doutor, Marrais et al. (2018) mencionam que inerente a esse término, impreterivelmente, surge o denominado ‘poder de voz’, pois leva-se em consideração que há neste mais alto grau de titulação acadêmica uma ratificação da credibilidade quanto aos discursos e argumentações proferidas.

Este tópico teve como intuito fazer com que os futuros doutores em contabilidade refletissem sobre o seguinte questionamento: ‘Ao atingir o grau de doutor(a) há algo que a literatura chama de ‘poder de voz’ o que você pode comentar sobre isso e a importância dessa mais alta titulação acadêmica como profissional e ser social?’ Alguns dos entrevistados externaram que atrelado a esse ‘poder de voz’ encontram-se conectados termos como: responsabilidade social, credibilidade, reputação, capacidade de influência e confiança.

**[...] sempre pensei em fazer doutorado, porque quero fazer concurso público e acho que, como venho de escola pública a vida toda, acho que tenho essa responsabilidade social [...], acho que enquanto doutorando e que vim de um sistema público [...] teria muita representatividade eu voltar pra esse local [...] onde eu vou poder pesquisar, onde eu vou poder influenciar outras pessoas, acho que esse poder de voz nós não temos no setor privado, [...] eu gostaria de trabalhar na área de pesquisa, acho que nós enquanto profissionais com um alto grau de graduação precisamos sempre ter mais voz, precisamos ter mais espaço, precisamos sair desse contexto operacional [...], fiz quatro anos de graduação, dois anos de especialização [...], mais dois anos e meio praticamente de mestrado, mais quatro anos e pouco de doutorado e eu não ter voz pra isso acho que é muito recurso jogado fora, é muito investimento, porque não é barato fazer um**

doutorado, nós talvez não vejamos isso, porque nós estamos usando o doutorado, mas se você for pagar pra fazer um doutorado quanto vai custar? [...] (Estudante 1).

[...] **acho que tem esse peso sim, porque você é uma pessoa que concluiu, que passou pelo processo, então nesse ponto acho que você tem um pouco mais de credibilidade** e a gente observa pelo menos, principalmente pelos colegas, [...] aquela pessoa que terminou esse processo de doutorado [...] a gente observa que a pessoa ela acaba tendo um pouco mais de facilidade de ter sua opinião [...], acaba sendo um pouco mais validado em relação ao aspecto mais social [...], ele exigiu uma dedicação muito grande de estudo, não só pelo doutorado especificamente, mas porque ele, implica que você passou [...] pela graduação, pós-graduação, dependendo se a pessoa fez especialização já estudou muito [...] dentro de uma área, **isso acaba tendo [...] um efeito de reputação no aspecto mais social** [...] (Estudante 6).

[...] tenho crítica com esse poder de voz, principalmente com o uso desse poder de voz, porque muito frequentemente a gente visualiza ele como uma carteirada, é muito comum você ver as pessoas usando o doutorado como carteirada, sou doutor em contabilidade [...], por exemplo meu título [...] será de doutor em contabilidade acho que isso apesar de ter esse poder de voz ele não me dá o direito de falar [...] **é complexo esse poder de voz, mas acho que, ainda assim a gente precisa reconhecer que ele existe [...] que a gente tem influência no impacto dessa voz**, ela é usada muitas vezes de autoridade [...]. Esse poder de voz ele vem com essas competências que são adquiridas durante o doutorado, todas essas que a gente comentou análise crítica do conteúdo da contabilidade e tudo mais, acho que essas influências elas são importantes em vários aspectos em termos de contribuição para o conhecimento, da possibilidade que a gente tem de gerar alguma coisa depois disso e por ter esse argumento, esse poder de voz de contribuição e de crescimento, de gerar artigos, de avaliar artigos, de participar de bancas, de trabalhos é uma possibilidade, um aspecto relacionado a isso com relação também à liderança acadêmica para várias coisas, você precisa ter um título de doutor para participar [...] da coordenação de uma pós-graduação, você vai participar de uma disciplina, seja de trabalho de conclusão [...] você precisa ter esse poder de voz em algum momento dentro dessa carreira [...], esse poder de voz ele [...] tem um argumento de autoridade [...] e a contabilidade vamos considerar que a voz dele tem o poder da especialização que ele sofreu durante o processo de

formação [...] as **peessoas tendem a confiar mais em pessoas que são mais especializadas** (Estudante 10).

[...] **obviamente existe um poder de influenciar mais as sociedades com a sua opinião e também existe uma responsabilidade maior com aquilo que é dito e no meu entender é continuar agindo com responsabilidade**, continuar desenvolvendo trabalhos usando esse conhecimento adquirido, mas sempre tentando manter um certo equilíbrio em relação ao que é desenvolvido para não deixar o interesse e sempre usar como instrumento [...] (Estudante 17).

[...] **o título de doutor ele traz esse poder de voz e responsabilidade**, porque tudo que você falar as pessoas vão olhar de uma forma diferente, vão te escutar de forma diferente [...], você não vai poder cometer os mesmos erros que você cometia antes de ser doutor em termos de falar dentro da sua área, [...] **você passa a ser uma pessoa que tem um poder de voz pela extensão do conhecimento que você adquiriu e você pode ser objeto de exemplo, de modelo para outros profissionais, para outras pessoas, a nossa responsabilidade também aumenta com relação a isso** (Estudante 18).

[...] ter consciência de me apropriar sobre aquilo que me proponho a falar [...], a discutir e **a responsabilidade sobre o que se fala, acho que o doutorado parte um pouco sobre isso, parte da responsabilidade e de entender das implicações do que se fala** que a gente não vai falar sobre tudo, a gente vai se apropriar daquilo que a gente tem condições e que a gente pode falar [...] (Estudante 20).

[...] **acredito que a gente tem muita responsabilidade a partir do momento que a gente tem uma titulação**, que a gente escreve, tudo que a gente produz, **as formas como a gente direciona as nossas aulas, acho que tudo diz respeito a nós como pessoas, como profissionais**. Eu na sala de aula até comentei um tempo atrás a gente tem muita responsabilidade nas nossas decisões dentro da sala de aula, diz muito sobre a gente [...], acho que a gente tem agora, além de uma responsabilidade profissional, a gente tem uma responsabilidade como pesquisador, eu preciso devolver para a sociedade algumas respostas, propor algumas soluções no que a gente tem como

experiência e capacidade [...], **acho que a nossa responsabilidade é devolver para a sociedade** (Estudante 21).

[...] acho que esse poder de voz é igual aquele filme do Homem-Aranha [...] **com grandes poderes vem grandes responsabilidades e é isso que eu sinto [...] com relação ao título, hoje penso principalmente na hora de emitir uma opinião,** principalmente quando o assunto é de contabilidade penso mil vezes antes de falar, [...] acho que agora tem um peso maior o que eu falo, [...] se eu falar besteira tem um peso muito maior nessa besteira, então eu sinto que isso [...] **condiciona o comportamento** [...] (Estudante 23).

[...] não conhecia esse termo poder de voz, [...] acho que a gente tem uma expectativa de terminar o processo [...], ser reconhecido como pesquisador, acho que todo mundo espera isso, [...] ao mesmo tempo **esse poder de voz, ele traz também responsabilidades adicionais, [...] você passa a ser mais autônomo, [...] no seu dia a dia, no seu contato com os pares, acho que isso traz ao mesmo tempo que te traz esse poder de voz, ele traz uma responsabilidade também muito maior, porque você vai ter um impacto talvez mais significativo na vida de outras pessoas [...]** (Estudante 27).

[...] fiz uma disciplina [...] que o Professor discutia muito e falava de dar voz [...] à sociedade, a voz às outras pessoas e a gente fala muito do lugar de fala também, **acho que isso traz uma responsabilidade junto com o título, [...] isso traz o seu local de fala [...] você passa a ser visto como uma pessoa não só que é reconhecida pela sua formação, pelo caminho que você percorreu no doutorado, mas também pelo que você fala, [...] não é mais agora só o que você está falando é aquela pessoa doutora [...] que fala, [...] carrega com ele talvez mais legitimidade, [...] também vejo isso no ambiente acadêmico e também vejo no profissional com colegas que também são do mercado e trazem um pouco dessa experiência de como é ser doutor dentro de uma empresa e essa relevância que às vezes aquele título traz em algumas falas** (Estudante 28).

[...] **de modo geral isso dá um certo poder, uma certa influência e claro, ao mesmo tempo uma responsabilidade de não sair falando qualquer coisa [...], pensar**

que embora, de fato, seja doutor em contabilidade a ideia de que um doutor ele sabe tudo de contabilidade é uma grande mentira [...] é importante saber justamente por conta desse poder de voz as suas limitações, até onde você pode ir, o que você pode falar e se sentir confortável em simplesmente dizer, eu não entendo [...], **o poder de influenciar ele vem também com responsabilidade de falar algo que você tem segurança** [...] (Estudante 32).

[...] **consigo sentir o poder de voz no dia a dia é aquela capacidade de você ter o seu lugar de fala reconhecido** pra falar com propriedade de um determinado tema, acho que isso tem uma externalidade positiva tanto no campo acadêmico quanto para mim no campo da minha rotina profissional [...], **às vezes as pessoas param para me ouvir não por conta da minha estratégia como gestor, mas porque eu sou doutorando na Universidade** [...] (Estudante 35).

A ideia é ser referência para estudos futuros, [...], **discutir a contabilidade enquanto questão social primeiro sobre a importância do conhecimento, do protagonismo do profissional de contabilidade** e eu enquanto servidor público acho que tenho que assumir esse protagonismo, ainda mais com nível de educação que é o doutorado, **tenho que dar esse retorno para a sociedade**, [...] tenho que usar esse poder de voz, a partir do que eu vou produzir na tese, que eu possa ser uma referência e levar essa contribuição para a contabilidade, promover impactos na sociedade, é esse o objetivo da minha linha de pesquisa no programa que eu faço parte, promover impactos na sociedade, nas instituições governamentais e acho que é pra isso que estou fazendo doutorado [...] **que a tese possa contribuir para a comunidade acadêmica, profissionais de contabilidade, essa interação e esse compartilhamento no intuito de promover o controle social efetivamente** (Estudante 37).

[...] acho que não dá para sair na rua discutindo sobre Teoria Institucional, Teoria da Contabilidade, mas passar por todas as dificuldades, **esses caminhos que a gente percorreu, que envolvem questões humanas, mais sociais de vida, lições de vida, aprendizado nesse sentido, a gente pode talvez contribuir com a parte social**, ajudando as pessoas a compreenderem que as dificuldades são para todo mundo, **a gente pode dar como exemplo o que a gente viveu, que a gente sofreu para chegar até esse ponto mais alto acadêmico, a gente pode ajudar na parte social** [...] se

mostrando como exemplo que é possível conseguir, desde que você se esforce para conquistar aquilo e que você vai sofrer, que você vai ter dificuldades como todo mundo, o importante é que você consiga se adequar, não prejudicar a sua família, não prejudicar as suas atividades que envolvem as pessoas que estão próximo a você, não se distanciar das pessoas que você ama, **a lição é mais social nesse sentido, que você consegue explicar um pouco [...] o conhecimento teórico, conhecimento vivido [...]** (Estudante 40).

**Vejo que é uma responsabilidade, porque pensando em sala de aula primeiro, quando nós nos tornamos Professores e Professores doutores, [...] nós temos uma trajetória de pesquisadores, provavelmente uma formação docente, [...] nós afetamos a trajetória profissional dos nossos alunos e talvez vamos influenciar na escolha desses alunos para qual especialidade, inclusive alguns desses vão se interessar pela docência e pela pesquisa, [...] acho que é uma responsabilidade dobrada, porque de alguma forma a gente vai influenciar o futuro da profissão. Nesse cenário de mudanças, de diversas dificuldades sociais, econômicas, ambientais, no século muito desafiador, a contabilidade vem resistindo a milênios, a gente está em uma fase de crise que a gente precisa não só sobreviver, mas dar o tom para que os nossos sucessores sigam [...], vejo que esse poder de voz ele é simbólico, ninguém escreve pra gente você tem que fazer isso e aquilo, mas é como se fosse um papel social implícito dos Professores que são Professores doutores e que seguem com os dois pés na academia, ou seja, pesquisa e ensino, a gente tem essa dupla responsabilidade para dar continuidade [...] na profissão contábil, seja da forma como ela vai existir daqui a dez, vinte, trinta anos** (Estudante 77).

[...] poder de voz acho que o fato de ter o título de doutor não é questão de colocar um salto, não é isso, [...] a gente se sente com um mérito, por exemplo, para opinar, se sente mais confortável, mais seguro e na hora de decidir sobre algumas situações, **acho que dá mais credibilidade, dá mais confiança [...] e mais conhecimento para a gente compartilhar também, acho que é isso, é poder de compartilhar o conhecimento** (Estudante 85).

Alguns dos futuros doutores em contabilidade comentaram que percebem esse ‘poder de voz’ apenas no campo acadêmico, ou seja, não o reconhecem o referido poder como percebido, valorizado e/ou próximo da sociedade. Os(as) Estudante 2, Estudante 11, Estudante 22, Estudante 36 e Estudante 42 compartilharam seus entendimentos acerca do termo.

[...] **acho que esse poder de voz fica muito na academia**, a gente no nosso círculo, talvez no nosso círculo de acadêmicos esse poder de voz eu não sei se a sociedade consegue nos dar esse poder de voz. **Na nossa área, principalmente, de verdade, não consigo, pelo menos ainda, enxergar um poder de voz, principalmente pra a gente que é mulher**, acho a nossa voz é forte, a gente tem uma existência marcada até quando eu me olho no meu programa, quando me olho como doutoranda [...] a gente é muito comparada, a gente é muito comparada ao outro que tem mais, que faz mais, que desenvolve mais, [...] **não consigo, na verdade, talvez eu ainda não tenha dimensão disso, talvez eu não consiga ainda ter essa compreensão de até onde o poder de voz vai, porque acho que esse poder de voz, ele só consegue ecoar quando eu estiver em algum lugar, atuando como doutora [...]**, por exemplo, [...] o pensamento que tenho hoje, pode ser que mude com [...] o tempo, mas não acredito que vai ter um poder de voz eu sendo doutora, trabalhando ou abrindo um negócio depois do doutorado. Esse meu poder de voz, ele não ecoa muito, **acredito que esse poder de voz, ele só vai realmente ecoar se eu tiver um posto em algum lugar dentro da academia [...]** como uma Professora efetiva em alguma universidade, [...] que desenvolva pesquisas em tal área, que desenvolva pesquisas em tal temática, [...]. **O meu poder de voz que entendo é nesse sentido, de trazer a luz assuntos que são importantes, eu quero o poder de voz pra isso, não pra exercê-lo sobre algo ou alguém, comandar, não é isso, quero ter um poder de voz pra discutir assuntos que são necessários para o desenvolvimento da minha área**, para a contribuição de algumas temáticas, quero ter o poder de voz pra isso, [...], quero conseguir a carreira acadêmica e estar em alguma universidade e ter o poder de voz para discutir as temáticas que são importantes, que trazem contribuições para o desenvolvimento da área, do meu campo, dos programas, enfim, mas, [...] **por algum motivo, [...], esse meu poder de voz, eu acho que não fica nem dentro da minha casa [...]** (Estudante 2).



**Nossa! é complexa essa pergunta, não sei se esse poder de voz se tem, porque vejo de um tempo para cá tão desqualificada a pesquisa [...], desafio alguém que passou por um doutorado sem sair mais crítico, [...] vejo que isso hoje vai na contramão da sociedade [...], porque [...], vejo essa alta titulação hoje, sinceramente, para uma questão de concurso, porque não vejo [...] respeito da sociedade quanto a isso, vejo muita desvalorização nos últimos anos, não consigo ver isso sinceramente [...]** (Estudante 11).

Nunca tinha parado para pensar nisso. **Na academia, no ambiente acadêmico há um respeito a esse título, principalmente a gente que tá no processo, acho que ainda [...] mais quem passou pelo que a gente está passando, não é fácil, exige uma dedicação imensa, vejo que na academia a um reconhecimento sim [...], acredito que isso não importa muito para o dia a dia [...] para a profissão, por exemplo se for montar um escritório ou se eu for trabalhar em escritório vejo que meu título de doutor não vai valer muita coisa, não vai responder quantas empresas eu consigo fechar a contabilidade no mês, [...] infelizmente e vejo que tem essa questão da distância entre o mundo profissional e o mundo acadêmico, vejo [...] a questão do distanciamento entre a sociedade [...] e a academia, um distanciamento bem grande [...], infelizmente** (Estudante 22).

[...] tenho um certo receio com essas expressões, principalmente por conta que hoje em dia estamos em constante aprendizado, o formato que a gente faz a tese hoje, com certeza vai ser diferente daqui alguns anos. Antigamente me recordo quando ainda tava nos anos iniciais da educação que o doutorado era algo inalcançável dentro da minha escala social do interior [...], não tinha acesso a conhecimento, tive que buscar isso no decorrer do tempo. **Meu pai e [...] minha mãe [...] sempre me ensinaram que o conhecimento poderia me levar onde eu quisesse chegar, mas não entendia esse processo, essa caminhada, fui entender isso depois de entrar na graduação quando sair do interior [...], sei dessa importância dessa qualificação acadêmico profissional, mas ainda vejo na sociedade um certo distanciamento [...]** (Estudante 36).

[...] **no Brasil, acho que não tem muito esse negócio de ah é doutor, a gente vai parar para escutar o doutor**, qualquer um hoje usa, acabou de se formar virou doutor

no Instagram, não vejo que a gente tem tanta voz assim quanto acho que deveria ter [...] (Estudante 42).

Outro ponto considerado diz respeito a não compreensão por parte dos futuros doutores que exista um ‘poder de voz’ após o recebimento do título de doutor (Estudante 13, Estudante 51, Estudante 71 e Estudante 93) ou, ainda, ao invés de ser um ‘poder de voz’ torna-se um ‘poder de pesquisa’ (Estudante 49 e Estudante 50).

[...] acho que na literatura esse poder de voz [...] **na minha percepção é que a sociedade não valoriza, [...] acho que no mercado de trabalho, no mundo corporativo como a gente é uma área de ciência social aplicada [...] acho que valoriza menos ainda**, quem é doutor em economia, administração, contabilidade é menos valorizado no mundo corporativo e na sociedade geral [...] **acho que isso é uma ilusão** (Estudante 13).

[...] não enxergo nessa perspectiva, **acho que o título de doutor ele não te dá o poder de voz como muitos enxergam**, acho que você tem muito mais um dever com a comunidade do que o poder de voz na comunidade, porque ele é um título acadêmico, ele não pode ser acima de nada [...] (Estudante 51).

[...] a gente não pensa sobre isso na nossa área, **talvez isso não seja muito valorizado é a visão que tenho [...] hoje**, eles colocam isso como se fosse uma corrida de barreiras, você que está na área acadêmica, eu que estou na área acadêmica, a gente vive em uma maratona, mas é uma maratona cheia de barreiras, a primeira barreira é terminar a graduação e depois você tem outra barreira no mestrado e depois você tem a barreira do doutorado, mas você não é visto como uma doutora, você é vista como aquela que ultrapassou a barreira, é a minha visão [...] (Estudante 71).

[...] é um ponto que eu falo muito com os meus amigos mais próximos, que discuto com a minha mãe, **pra mim ser doutor não vai mudar em nada na minha vida, a única coisa que vai abrir porta é que vou poder fazer um concurso para as universidades, para ser Professor universitário**, [...], somente isso, tenho Professores do nosso curso [...] de contabilidade [...] que falam muito desse poder de voz, do poder de fala, mas pra mim isso é diferente, [...] você só teve um pouco mais de acesso, mas isso

não quer dizer que sou melhor que ninguém [...], **isso que os Professores falam, de poder de voz, de poder de fala, pra mim isso é irrelevante** [...] (Estudante 93).

Se você perguntar em termos de poder de voz, [...] **acho que não seria nem poder de voz, acho que seria poder de pesquisa** que te dá uma autonomia melhor para pesquisar e te dar liberdade para você pesquisar o que você quer por mais que você tem que ter um foco para fazer o seu nome como pesquisadora numa determinada linha, mas isso não te dá o livre arbítrio, por mais que exista uma versão romântica [...] que foi um sonho meu chegar em um patamar de doutora [...] (Estudante 49).

Não tenho certeza como responder a essa pergunta, porque **não enxergo como doutorando hoje, no geral, como ele tem nos tornado cidadãos melhores**, [...] sinto que a gente tem uma capacidade melhor para criticar algumas coisas, [...] no sentido de não aceitar tudo, porque a gente escuta, consegue compreender melhor algumas questões, tanto políticas como econômicas, de funcionamento mesmo da sociedade, **sinto que a gente teria uma capacidade para isso, mas não vejo como os programas de doutorado estão formando pra isso, porque pela minha experiência, a gente é ensinado a fazer pesquisa, e basicamente as pesquisas *mainstream*, pelo menos no nosso programa e não vejo como isso tem nos auxiliado a sermos realmente melhores** [...] (Estudante 50).

Em contrapartida, os(as) Estudante 5 e Estudante 58 adicionaram a respeito do ‘poder de voz’ estar presente na academia como uma forma para determinados profissionais demonstrarem seu poder, por meio do ego.

[...] **a gente nunca deve se deixar elevar-se pelo ego**, porque eu sou doutora, então, o que eu falei [...] está certo, não é bem assim, acho que tem muitas pessoas que, dado a sua experiência, seu conhecimento em determinados assuntos, acho que é muito assim, ah, eu sou doutora, tá, mas **no que você é especialista? o que você conhece dentro da contabilidade?** a gente tem várias áreas, então, se eu sou boa lá na parte tributária ou se eu vou dar aula de contabilidade [...] acho que tem que ter um cuidado grande com esse poder de voz, eu nunca tinha ouvido esse termo, mas entendi o poder de voz [...], acho que tem que ter um cuidado em relação a isso [...] (Estudante 5).

[...] **é engraçado porque a gente tem contato com nossos colegas e vejo que no meio acadêmico tem algo muito de ego, o que para mim não é legal.** Talvez esse poder de voz, **muitas pessoas realmente levam muito a sério, muito mais do que, de fato, o seu impacto social, seu impacto profissional,** o que de fato você contribui para a sociedade, parece que isso fica meio em segundo plano, o que vale é o seu título e é o que esse título eventualmente te dá de poder. [...], esses dias eu estava conversando no trabalho, estava atualizando meu currículo e não estava como doutoranda, estava como mestre e uma pessoa do marketing estava organizando, e eles falaram que ela estava como doutoranda, [...] acho que para o meu trabalho isso era importante, mas na minha cabeça isso faz parte, é só mais um detalhe de algo que eu me propus a fazer. [...] não tenho apego ao título [...], eu não sei se eu deveria ter mais e isso não tem relação com desvalorizar, absolutamente nada disso, mas estou muito mais apegada de fato que eu possa contribuir para a sociedade e devolver para a instituição que eu estou, como eu disse, tenho esse sentimento de retribuição, acho que essa é a minha mais sincera, o meu mais sincero sentimento (Estudante 58).

Os(as) Estudante 38, Estudante 39 e Estudante 102 relacionaram o ‘poder de voz’ ao orgulho e consciência pelo fato de suas trajetórias e por serem os primeiros de suas famílias a receberem o título de doutor:

[...] tenho consciência dessa questão do grau de doutor, esse mais alto grau acadêmico [...] estou no processo e eu já consigo sentir isso, mas quando você pede pra eu comentar sobre isso é algo que tenho muita consciência de que é um título acadêmico, apenas, não diminuindo, porque só eu sei o que estou passando [...], mas talvez **até pela questão da minha experiência com a minha orientadora que é uma mulher extremamente humana, tenho muita consciência disso, de que estou almejando um título, [...]. Na minha vida pessoal, no meio da minha família, que eu vim de uma família de tio, mãe, analfabetos, eu vim de uma família bem humilde, eu tenho plena consciência desse título [...]** (Estudante 38).

[...] **acho que o principal para mim é como ser social, vou ser a primeira doutora da minha família e isso para os meus pais tem muita relevância,** eles ficam muito orgulhosos por que eu estudei em escola pública [...], que estudou muito, que batalhou pra caramba para estar ali e só quem passa sabe quanto é difícil o processo, mas a gente

vai continuar aprendendo, continuar dividindo o conhecimento, aprendendo com alguém, [...] às vezes as pessoas tem umas ideias errôneas de quando a gente escolhe ser Professora, porque a gente acha que sabe tudo e na verdade a gente escolhe ser Professora, porque a gente entende que sempre pode aprender mais [...] (Estudante 39).

[...] acho que o Professor ele tem um poder de voz muito grande dentro da sala de aula, a gente tá ali ajudando a formar profissionais e o que a gente fala é muito escutado, [...] às vezes o Professor não é respeitado, mas tem muita gente que escuta, acho que a gente tem um papel muito importante de incentivo à educação [...], porque você acaba sendo vista como um exemplo, eu não gosto muito disso. [...] tenho um pouco de receio com essa questão de ser exemplo de aula, [...] eu não sou exemplo de nada, mas **as pessoas acabam vendo a gente até dentro da própria família, principalmente dentro da minha família é impressionante, acho que principalmente dentro da minha família esse título, essa importância [...] é onde fala mais alto, acho que é por conta da minha família ter uma escolaridade muito baixa,** [...] acho que para eles essa titulação soa mais no caso profissional e no social [...] (Estudante 102).

Além disso, o(a) Estudante acrescentou que há intrínseco ao ‘poder de voz’ os lados positivo e negativo.

[...] o poder de voz, ele tem o seu lado, na minha percepção, o lado positivo e talvez o lado negativo. O positivo é porque de certa forma, traz aquela satisfação, [...] cheguei no alto nível, [...] o alto nível de titulação [...], tenho conhecimento dentro dessa área, isso **dá mais propriedade para falar, traz um senso de pertencimento, de integração a profissão** e ao mesmo tempo, na minha percepção, traz uma pressão social, porque as pessoas esperam que a gente saiba tudo dentro da nossa área e a contabilidade é uma área imensa, vejo que há essa pressão, essa cobrança, tanto por parte da sociedade, [...] ele é doutor e vai saber resolver [...] tudo. [...] vejo talvez essa pressão como um ponto negativo, [...], muitas vezes a gente não tem todas as respostas, mas a gente sabe o caminho [...], vou pesquisar, vou verificar as fontes se elas são fontes confiáveis e vou chegar em uma conclusão a respeito dessa matéria [...] (Estudante 45).

Os futuros doutores ao refletirem sobre a existência de um ‘poder de voz’ no decurso e principalmente com o recebimento do título de doutor(a) sinalizaram, em sua maioria, a

compreensão de que existe esse ‘poder de voz’. Para alguns dos entrevistados esse poder conecta-se com a ideia de maior responsabilidade social, credibilidade, reputação, confiança e capacidade de influência.

Outra menção alinhada ao ‘poder de voz’ e criticada por alguns dos estudantes é que de esse poder encontra-se apenas na academia, ou seja, não há valorização dessa mais alta titulação acadêmica perante a sociedade. Menciona-se, ainda, que por vezes, esse poder é exercido na academia para demonstração de um poder do ego.

Alguns dos futuros doutores em contabilidade expressaram também que ao invés de um ‘poder de voz’ o concebem mais como um ‘poder de pesquisa’, pelo fato da predominância pelo desenvolvimento de pesquisadores em cursos *stricto sensu*. Por fim, os entrevistados ainda pontuaram a relevância da titulação não apenas a nível profissional, mas em virtude de considerarem uma conquista familiar, pois por vezes foram os primeiros de suas famílias a alcançarem o título de doutor(a).

#### ***4.6.4 Perspectivas futuras e recomendações para os novos ingressantes***

Ao tangenciar sobre algumas questões que permeiam o contexto de um doutorado há inúmeras perguntas que podem ser feitas, como a respeito das questões relacionais, comportamentais, teóricas, metodológicas, pedagógicas e também a respeito das perspectivas futuras que acadêmicos de quaisquer cursos de pós-graduação almejam em curto, médio e longo prazos.

Neste tópico os entrevistados foram instigados a refletirem sobre: ‘Depois de passar por essas experiências onde você se imagina daqui a dois, cinco, dez anos e que conselho você daria a alguém que acaba de descobrir que foi aprovado(a) em um doutorado em contabilidade?’

##### **4.6.4.1 Perspectivas futuras**

De forma inicial o intuito é direcionar para uma prospecção de como os futuros doutores em contabilidade se imaginam. Um dos pontos de maior ênfase foi a perspectiva de atuarem como Professores e especialmente que essa docência seja em uma instituição pública, assim como o(a) Estudante 1 e Estudante 23 comentaram, respectivamente: “**imagino trabalhar numa instituição pública e tendo uma condição boa, ou seja, fazer as minhas pesquisas, fazer um pós-doutorado [...]** acho que é para isso que estou trabalhando [...] esse é o meu objetivo principal [...]”; “[...] quando estava terminando o doutorado imaginava estar

em alguma instituição pública [...] me imagino nessa instituição [...] tocando projetos, enfim dando aula [...].”

“Imagino daqui a dois, três, quatro anos dentro de uma sala de aula já com projeto de extensão consolidado enfim, [...] como Professor [...]” (Estudante 59). Os(as) Estudante 2, Estudante 18, Estudante 22, Estudante 27, Estudante 32, Estudante 34, Estudante 39, Estudante 46, Estudante 68 e Estudante 83 também ratificaram a afirmativa.

[...] **o sonho de ser Professora de uma universidade federal, sempre quis ser Professora de uma universidade federal**, não sei se porque, fiz a graduação na universidade federal, fiz o mestrado na federal, enfim, **sempre tive esse apego com as universidades federais, não pela distinção entre uma universidade federal, uma universidade particular, uma universidade estadual, não por isso. mas porque sempre senti que nessas universidades em que passei, tive um pouco mais de estrutura para desenvolver aquilo que acreditava.** [...] o que me encanta talvez na universidade federal é essa questão de conseguir ter um pouco mais de liberdade para fazer minhas pesquisas, talvez desenvolver projetos. [...] **tenho muito isso de querer seguir fazendo pesquisas e projetos, penso que uma federal vai me dar essa estrutura melhor, por isso que a gente vai sonhando alto**, vou começar a tentar os concursos na federal, [...] **a gente tem que tentar aquilo que a gente quer**, porque não vale nem a pena se a gente está lutando tanto para não tentar, pelo menos, aquilo que você quer [...] (Estudante 2).

[...] acho que daqui a dois anos, no máximo, [...] **espero estar dentro de sala de aula de uma instituição federal** podendo exercitar meus conhecimentos, ajudando outras pessoas, [...] aprender a trocar, essa troca de conhecimento vai ser importante para alcançar meus objetivos [...] (Estudante 18).

[...] **daqui dois anos espero estar estudando para concurso público, tive oportunidade de dar aula em particular e em pública não há que se discutir você se é Professor de uma rede pública é muito mais seguro, é muito mais rentável, é muito mais flexível**, flexível para tudo em sala de aula, para você discutir o que você acha pertinente [...], vejo que há uma liberdade muito maior para o Professor [...], espero daqui dois anos estar estudando, **daqui cinco anos espero estar concursado**, [...] **daqui 10 anos espero tá totalmente estável na vida** [...] (Estudante 22).

**Daqui dois anos, espero já estar concursado [...], estabilizado na carreira** e espero já estar com uma linha de pesquisa bem construída, daqui **cinco anos um espaço onde eu possa ocupar que me dê possibilidade de fazer contribuições para contabilidade brasileira**, para a pesquisa em contabilidade brasileira em um campo específico [...] (Estudante 27).

[...] **espero estar ensinado em uma universidade pública brasileira [...]** de preferência em lugares próximos na minha cidade natal [...], mas, em geral está na docência, em uma universidade pública com alguma estrutura de pesquisa, porque é algo que gosto de atuar [...], **espero ser um bom docente [...], ter habilidades para engajar [...]** (Estudante 32).

[...] **espero que eu esteja aprovado em um concurso [...]**, acho que a questão de você trabalhar numa instituição pública, você acaba tendo um pouquinho mais de liberdade para trabalhar com as disciplinas, [...], porque tem instituições privadas que são sensacionais, mas às vezes acontece [...] que o ensino público a gente tem um pouco mais de liberdade [...] (Estudante 34).

[...] me imagino daqui a dois anos [...] estar lecionando com estabilidade, **queria muito realizar o meu sonho de ser concursada de estar numa universidade ou um instituto federal pra poder trabalhar [...]** com a pesquisa que é algo que gosto muito, [...], **estarei trabalhando e lecionando dando aula de contabilidade [...]** (Estudante 39).

[...]. Daqui dois anos me imagino já doutor em contabilidade, **pretendo fazer meus concursos** e pretendo daqui a cinco anos, me vejo já mãe, adiei essa decisão, [...] **me vejo mãe, doutora em contabilidade, Professora universitária, [...]** **acho que vai dar certo, [...]** **daqui a dez anos acho que vou ser bem mais do que eu sou, quero ser mais**, bem mais, de representar a atividade, se puder dar aula fora também vou, [...] me vejo atuando muito mais forte, ganhando muito mais, não apenas como Professora universitária, mas ganhando muito mais investindo tanto na parte universitária como no mundo dos negócios [...] (Estudante 46).



Escutando você fazer a pergunta estou até pensando aqui, [...] nem havia pensado, mas agora acho que por gostar e talvez ser uma facilidade natural pelo estudo, imagino que depois de terminar o doutorado, eu vá ingressar no programa de pós-doc, mas com uma maturidade [...] e contribuindo para a ciência, [...] **acho que vou tendenciar mais para a área pública [...], porque tem a questão da estabilidade**, enfim, [...] é uma vontade minha também de empreender, mas não abriria mão da estabilidade para empreender [...] (Estudante 68).

[...] **daqui dois anos gostaria, pretendo estar concursado**, esse é um objetivo seja como Professor ou na área administrativa, daqui a cinco anos gostaria de fazer parte de alguns conselhos como alguns Professores fazem [...] e daqui a dez anos gostaria de estar dando palestra pelo mundo [...], tenho vontade de crescer na carreira, mas não tenho vontade de orientar mestrado e orientar doutorado, não me vejo nesse meio [...] (Estudante 83).

É muito interessante a pergunta, **me vejo daqui a um curto, médio prazo [...] como Professor em uma universidade pública**, por que foi onde construí também o meu conhecimento desde a graduação, desde o mestrado também em universidade pública e agora também no doutorado, [...] sou mais da área de concurso público, seja como Professor na minha área de contabilidade e agora também estou focando nessas questões para estudar para concurso da área de Contador, **me vejo como Professor ou como Contador de um município ou do estado de alguma entidade pública [...]** (Estudante 93).

Uma das intenções pelo exercício na carreira pública, em especial na docência foi pelo fato da prerrogativa de proximidade com a pesquisa.

[...] **principal sonho [...] considero ser um Professor [...], me imagino dando continuidade e principalmente ter um envolvimento maior com a pesquisa, [...] estou em uma universidade que ela tem várias deficiências específicas e principalmente no aspecto de apoio institucional para alunos de situação social e econômica de fragilidade e me vejo atuando para tentar [...] na medida do possível [...] melhorar um pouco as condições [...]** (Estudante 6).

[...] me visualizo enquanto Professor da graduação [...] que a minha dedicação vai estar mais voltada pra graduação [...], **daqui a três, quatro anos já possa me dedicar a atuar na pós-graduação [...], influenciar outras construções de conhecimento [...],** espero que daqui a dez anos eu tenha a possibilidade de realizar discussões sobre o que aprendi [...] **que eu esteja nessa mesma posição de Professor pesquisador, de orientador, mas que eu tenha essas possibilidades de já pensar nas transformações que eu gostaria de deixar pra depois da minha geração [...]** (Estudante 10).

[...] **quando você fala de futuro eu falo é difícil para mim [...] é uma incógnita. Em relação as intenções [...] gostaria de atuar como pesquisadora, como docente e ter uma carreira acadêmica, mas não vejo muita perspectiva dessa carreira acadêmica de fato [...] para as pessoas que se formam, que terminam o doutorado [...]** (Estudante 13).

[...] **me imagino [...] estar trabalhando em grupos de pesquisas e também seria uma satisfação profissional pra mim não só estar numa sala de aula, mas que a gente possa ter a possibilidade [...] em grupos de pesquisas e ajudando as pessoas talvez nesse processo [...], daqui a cinco anos [...] quero estar trabalhando efetivamente em sala de aula, dividindo conhecimento, daqui dez anos, no mínimo, [...] estar aproveitando esse conhecimento [...] passando a importância de ensinar, de estudar [...]** (Estudante 15).

[...] **daqui a dois, cinco, dez anos, espero estar no programa de pós-graduação incentivando pessoas que querem gerar sentidos alternativos sobre a contabilidade, quero agregar pra esse grupo de pesquisadores [...] ensinando pesquisa qualitativa nos programas, orientando dissertações e teses [...], quero me aproximar de pessoas que querem gerar outros sentidos sobre o que é e o que representa a contabilidade, quero conseguir acumular capital científico para aproximar essas pessoas e integrar essas pessoas na comunidade da contabilidade [...]** (Estudante 20).

[...] me vejo na sala de aula pelos próximos anos de trabalho, vejo também na pesquisa, acho que agora passando por essa etapa, **me encontrei ainda mais na pesquisa, quero ter mais tempo para poder pesquisar**, acho que isso é um ponto que quero evoluir nessa área [...] (Estudante 28).

[...] **realmente não me vejo voltando ao mercado, ao mercado que eu digo o empresário nacional e multinacional, nesse momento não me vejo**, [...], me vejo combinando sim uma atividade profissional, ainda que numa instituição de ensino, que [...] tem sinergia com as minhas atividades acadêmicas [...], **vejo pesquisando [...] é uma coisa que gosto [...]** (Estudante 58).

Daqui a dois, cinco, dez, quinze anos, **me imagino estar dentro de uma sala de aula com os meus projetos de pesquisa e desenvolvendo também projetos de extensão** [...], não me enxergo fazendo outra coisa. [...], pode ser que a vida depois diga não, você vai seguir outro caminho, mas hoje, 22 de novembro de 2023, não me enxergo daqui a dois, cinco, dez, quinze anos fazendo outra coisa [...], estou planejando e é o que venho traçando já há algum tempo, **estarei feliz e estarei mais feliz ainda, [...] se eu puder, de fato, ajudar as pessoas, as pessoas que eu falo são os alunos e vendo o sucesso deles, [...], acho que é o que vai recompensar o trabalho que a gente sabe que não é fácil [...]** (Estudante 61).

[...] imagino que daqui a alguns anos vou continuar na carreira e **não me vejo hoje fora da carreira acadêmica [...]**, me vejo daqui a cinco, dez, vinte até a aposentadoria como docente, **acredito que o doutorado vai me dar um ponto especial pra parte de pesquisa, porque a maturidade científica que você ganha é enorme [...]** (Estudante 65).

Investir em uma especialização em outro país ou até mesmo na carreira acadêmica fora do Brasil também apareceu presente nas argumentações de alguns dos futuros doutores em contabilidade como foi comentado pelos(as) Estudante 19 e Estudante 26, respectivamente: “[...] daqui dez anos, não sei **talvez fazendo uma outra especialização em outros países**, para fugir um pouquinho da linha brasileira e do que é pensado, a cultura ela influencia muito [...]”]; “[...] **gostaria de estar dando aula no exterior**, me empolguei muito de ter conhecimento que vários brasileiros estão dando aula no exterior [...]”.

Além disso, outros estudantes também corroboraram com a ideia. “[...] tinha planos de [...] terminar meu doutorado, buscar emprego, não [...] só no Brasil, meu plano, na verdade, era **buscar emprego em vários lugares [...]**” (Estudante 75); “[...] daqui dois, cinco, dez anos, espero ter seguido firme na carreira acadêmica, feito pós-doutorado, talvez tenha tido **alguma experiência internacional [...]** algo do gênero, tenho bastante vontade de fazer isso [...], pretendo seguir na carreira acadêmica, acho que esse é o ponto [...]” (Estudante 89); “[...] daqui a dois, cinco, dez anos, **pretendo ter feito o meu pós-doc fora [...]**” (Estudante 100). Os(as) Estudante 35 e Estudante 86 também compartilharam tais perspectivas.

[...] me imagino lecionando, se não em tempo integral, pelo menos, com uma dedicação maior, **principalmente lecionando e escrevendo, meu foco tem sido mais universidade no exterior, principalmente por conta dessa possibilidade de separar mais as atividades de pesquisa e de docência [...]** (Estudante 35).

[...]. **Quem sabe fazer um pós-doutorado, porque gosto muito da pesquisa e se eu tivesse a oportunidade de ir para fora estudar com pesquisadores dessa área, dessa abordagem que estou usando hoje, acho que seria algo bem relevante, bem interessante pra mim como pessoa e como profissional [...]** (Estudante 86).

O(a) Estudante 102 também compartilhou sua perspectiva profissional futura:

[...] me imagino daqui a dez anos como uma boa profissional, uma Professora dedicada, [...] **espero não perder esse encanto pela sala de aula, porque a gente vê muitos Professores ao longo dos anos com um cansaço eminente e espero que eu não me canse e continue acreditando que a educação é o caminho e o futuro vem através da educação, como profissional imagino isso, [...], espero ser uma pessoa melhor [...]** (Estudante 102).

De forma geral, as perspectivas futuras dos entrevistados situam-se na permanência ou ingresso na carreira docente e a perspectiva mais enfatizada por eles é de que o exercício da referida profissão seja por meio de concurso público. Uma das constatações é de que em um futuro próximo praticamente a totalidade dos entrevistados estarão exercendo suas atividades nas universidades e com ênfase nas universidades federais brasileiras.

#### 4.6.4.2 Recomendações para os novos ingressantes

No tocante a segunda pergunta atrelada a esta subseção, os estudantes foram solicitados a compartilharem algumas recomendações que percebem ser importantes para quem pretende ingressar em um curso de pós-graduação, especificamente, em um doutorado em contabilidade.

[...] acho que o conselho que dou, até quando vejo as pessoas que querem fazer um doutorado e me perguntam alguma coisa sobre como é, como tem que ser, tento dar um primeiro conselho [...] **se você se identifica com o que você quer fazer com um doutorado, [...] só porque você quer ter esse título? ou porque [...] quer uma [...] melhora no trabalho?** [...] é um objetivo digno e próprio da pessoa, mas [...] **se você vai fazer um doutorado e pretende seguir a carreira acadêmica o conselho que dou é de você saber que isso é um processo que ele vai demandar muito de você, [...], empenho, dedicação,** porque se você só passar pelo doutorado, vai ser quatro anos sofridos que vai te retornar um título e nada mais, mas **se você quer mergulhar no doutorado pra além desse título, ele te dá um pouco mais, no sentido de experiência, de vivência, de saber lidar com as pessoas e adquirir habilidades,** [...] porque se você passa por um doutorado só pensando nos pontos negativos vai ser muito mais sofrido, [...] o conselho que dou para essas pessoas que estão entrando é **tentar pensar nesse processo e tentar extrair desse processo os pontos positivos** que ele vai te dar, **tentar extrair desse processo como ele vai te tornando uma pessoa melhor, não só um profissional melhor, mas vai te tornando também uma pessoa melhor** [...], saiba tentar administrar isso, de viver bem o seu doutorado, [...], mas também **não se julgar tanto, não se culpar tanto, por não estar lendo um artigo e estar tomando um sorvete** [...] (Estudante 2).

[...] conselho, nunca desistir, não desanime, não desista na primeira dificuldade, acredite no seu potencial, na sua capacidade infinita, [...] você consegue, [...]. A caminhada não é fácil, realmente, existe bastante obstáculos, desafios, mas se você **administrar, [...] principalmente os prazos, [...], cuide seus prazos, [...],** vejo que é uma construção, [...] não adianta querer atropelar as coisas, [...] administrar o tempo [...] é importante [...], me sentia muito perdida no mestrado [...], achava que sabia administrar [...] meu tempo e agora no doutorado, com muito mais atividades, consigo administrar melhor do que no mestrado [...] (Estudante 5).

[...] acho que o conselho pra quem acabou de ser selecionado já que a pessoa decidiu por essa carreira **acho que é calma**, tudo vai dar certo [...] estude e leia [...]. **Um conselho de ordem pessoal [...] não deixe de viver as coisas que precisam ser vividas e de vivenciar os momentos que você precisa vivenciar com as pessoas durante esse tempo [...]** (Estudante 10).

[...] diria para aproveitar o percurso, o processo, porque às vezes a gente foca no final, [...] acho que a gente tem que aproveitar o processo de descoberta, de **explorar, de amadurecer, de estudar**, porque a pressão também é muito grande [...] com calma, curtindo o caminho, curtindo o processo, que é pra se tornar um pouco mais leve (Estudante 13).

[...] para quem acabou de ser aprovado comentaria com eles que não são flores esse processo, vai ter muita coisa boa, muito aprendizado, vai valer a pena, mas é um processo que a gente vai ter que passar por altos e baixos igual na graduação, vai ter que **abdicar do final de semana, vai ter que abdicar as férias do trabalho** [...] infelizmente não tem outro milagre e outra fórmula, mas **a gente tem a tecnologia, tem muita coisa disponível no computador, [...] tem recursos pra ajudar a escrever, mas você precisa defender ela, você tem que saber o que tá escrito [...] é fundamental. Procrastinar não é a fórmula** [...] você não fez em um dia, você volta e recomeça [...] é um processo de descoberta [...] acho que é um momento de conhecer as possibilidades [...], descobrir tudo que é possível, quanto as disciplinas, fazer disciplina de outras universidades, participar de eventos, [...] isso é muito bom, **acho que é tentar compreender tudo que é possível e decidir o que você quer**, como você quer fazer [...] (Estudante 15).

[...] se eu pudesse dar um conselho para quem tá iniciando diria **aproveite, [...] faça de fato [...] uma imersão dentro do curso, viva todos os momentos que são essenciais e aproveite, porque você tá adquirindo um conhecimento pra vida tanto pra vida profissional, mas pra vida social e pessoal [...], você tem uma oportunidade de mudar a sua vida [...], tenha boa vontade de usufruir daquilo que o doutorado oferece** (Estudante 18).

[...] se eu fosse dar uma sugestão a uma pessoa que quer entrar no doutorado hoje, seria pra ela **usar o período do doutorado para se posicionar no mundo, se entender como pesquisador, se entender como alguém que gera, que produz conhecimento e se apropriar daquilo que ela entende sobre o que é contabilidade e o que significa contabilidade no contexto social, se apropriar como alguém pensante que gera conhecimento e que se apropria na sua perspectiva de enxergar o mundo e entender a realidade** (Estudante 20).

[...] se eu tivesse algum conselho acho [...] que faz muita diferença ter um orientador, não só pela minha experiência positiva com a minha orientadora, mas pelas experiências negativas que vejo os meus colegas, [...] acho que **se eu pudesse dar um conselho seja cuidadoso, diligente na hora de procurar um orientador, converse com ele, converse com outras pessoas que foram orientadas** [...] (Estudante 23).

[...] **seja franco com seu orientador**, porque muitas vezes enquanto você não se posiciona, você não fala que algo te incomoda ou que você não conseguiu absorver aquilo que ele falou, [...], você fica guardando isso para você e às vezes é uma coisa muito mais simples do que você imaginava, então fale, se não tá bom, não gostou, fala [...], **você tem que falar as coisas, mas você também precisa dar conta de entregar aquilo que é exigido**, acho que seriam esses os conselhos (Estudante 27).

[...] conselhos que eu daria, **tentar conhecer um pouco de quem vai ser o teu orientador**, porque não só pela minha experiência, mas já vi vários casos de pessoas que tiveram sérios problemas com a orientação, que [...] hoje não conseguem olhar para tese, porque foi um processo muito doloroso, [...] **é importante saber o perfil do teu orientador** [...], por exemplo você quer ir para um doutorado onde o Professor quer que você fique lá, se você quer trabalhar [...] vai dar problema, então **esse alinhamento de perspectiva é bem importante pra melhorar e também escolher um orientador** [...] **que esteja dentro da proposta de textos que você vai desenvolver**, porque como são quatro anos acho que a gente precisa passar esses quatro anos fazendo alguma coisa que a gente [...] tá alinhado [...] é muito mais fácil se ele já pesquisa na linha que a gente gosta, porque daí os ajustes vão ser cirúrgicos e a gente não vai ter que abrir mão de tanta coisa [...] (Estudante 34).

[...] conselho que eu deixaria para alguém que está entrando [...] **aproveite os anos iniciais do doutorado para adquirir repertório de pesquisa, aquilo que está mais em evidência**, apesar de você não ter a certeza de temáticas, esse repertório vai te ajudar no momento de fazer a conexão com a temática que você pretende atuar [...]. Como tem que ser **a escrita é um outro fator também importante**, porque às vezes o que está na minha cabeça não é a forma que vou escrever [...] (Estudante 36).

[...] se eu pudesse dar um conselho pra quem ficou sabendo hoje que vai começar o doutorado [...] **é sempre cuidar da saúde mental sempre, sempre cuidar da saúde mental, porque não adianta pegar um título doente e procurar sempre ajuda**, acho que uma coisa que me fez chegar até aqui, no meu caminho, foi ter procurado pessoas pra me ajudar, nunca tive vergonha, nunca trabalhei com esse método tem como você me ajudar de qualquer forma que você puder, [...], seja um colega, acho muito importante e ter alguém pra desabafar [...] alguém que entenda [...] o processo e que já passou por isso [...] e também a família, **acho que [...] apesar da família nem sempre compreender o contexto [...] uma palavra de conforto, de incentivo [...] tende a dar um resultado bom no final [...]** (Estudante 39).

[...] o conselho que eu dou pra quem acabou de ser aprovado, [...] **ter em mente quais são os objetivos profissionais [...]**, se ele quer ser um funcionário de uma empresa, como Contador, ele precisa avaliar quais são os objetivos, se ele pensa em ser Professor, pesquisador, [...] primeiro ele precisa **ter bem delineado esses objetivos pessoais e profissionais pra que ele não venha ter um desgaste desnecessário [...]**, pra que ele possa olhar pra trás e falar, valeu a pena [...] (Estudante 45).

[...] **foque em cumprir os créditos, se possível no primeiro, segundo ano [...], preste atenção aos créditos que devem cumpridos**, porque muitos simplesmente acham que é só cumprir os créditos das disciplinas [...] e não, porque tem outros créditos como congresso, publicações e várias realizações e aí quando chega o segundo ano quer qualificar [...] (Estudante 62).

[...] conselho que eu daria é buscar acompanhamento psicológico ou um sistema de apoio, porque o doutorado não é fácil, mas é mais na questão de **apoio emocional, porque as suas capacidades de pesquisadores serão testadas [...]** você



**começa a questionar suas próprias visões, opiniões, planos, então, ter um bom sistema de apoio acho que é essencial [...]** (Estudante 75).

[...] acho que os principais conselhos, de fato, são aqueles de você **tentar administrar, planejar muito bem o seu tempo, porque não é fácil conciliar com outras coisas e fazer os deveres do doutorado, a realização da tese [...]**, tem muito trabalho por trás para conquistar um título desses, a gente tem que valorizar que foram muitas horas gastas e tentar aplicar aquilo que você conquistou, principalmente quando a gente está numa universidade pública (Estudante 89).

Além disso, alguns estudantes externaram seus sentimentos com relação a como percebem o percurso de um doutoramento em contabilidade.

[...] pra quem está começando agora eu diria que vale muito a pena não é fácil, **a gente vai passar por muitas angústias, o doutorado ele é muito solitário, [...] você muitas vezes não vai ter com quem conversar, você vai chorar mesmo, não tem como não chorar, porque você vai ter que descarregar essa angústia** em algum lugar, **mas vale muito a pena, porque ele te abre portas, ele te dá visibilidade, ele te dá voz, ele te dá outra postura como ser humano, você se sente mais valorizado, [...] o doutorado não é um título qualquer [...] é um título que você conseguiu depois de muita luta, de muita conquista, de muitas dificuldades [...]** (Estudante 1).

[...] **é difícil dar um conselho porque a gente está descobrindo nossos próprios conselhos no meio do caminho, [...]** existe um velho ditado que diz que se conselho fosse bom, a gente não dava a gente vendia, mas dito isso, acho que o principal conselho que eu daria para mim mesmo, quando comecei **é ter um pouco mais de paciência [...]** **tem coisas que não dá para mudar, tem coisas que é questão de tempo e acho que maturidade [...]**, pelo menos, enquanto desenvolvimento de pesquisa, [...] **surpresas vão acontecer ao longo do caminho, isso é normal [...], aquela ansiedade [...], quero chegar logo na qualificação [...]** e **a gente acaba não aproveitando os momentos [...]** (Estudante 6).

[...] **sou uma pessoa extremamente empolgada, [...]** incentivo muito as pessoas, **porque acho isso importante, acho que a academia precisa de pessoas dedicadas,**

[...], que bom que tem gente assim, porque eu já toda uma história de vida, não conseguia ser assim, então essa pergunta é muito própria pra quem tá com 23 anos de idade e ainda tem toda uma história acadêmica pela frente [...] (Estudante 8).

[...] aconselharia a não ter filho durante esse processo, **não tenha filhos durante o processo, principalmente não por eles, porque a minha filhinha menor ela não entende ainda, mas pela gente, a gente se cobra muito como pai de poder dar o suporte à noite quando chora [...] é com a mãe, infelizmente, porque tenho que estar descansado por outro dia, isso pesa**, meu maior conselho é não tenha filhos. Meu outro conselho é ter uma companheira ou um companheiro ao lado [...] **que não te cobre, que saiba que você vai precisar se dedicar nisso, vai ser muito mais fácil [...] se você tiver uma companhia que entenda, pode não aceitar, mas que entenda você, entenda o seu lado [...]**, graças a Deus tenho um suporte financeiro pela minha esposa, minha família me ajuda também, logicamente estou dando aula durante esse processo [...], **mas tenha um suporte financeiro, porque só com bolsa é difícil [...] e também tenha uma rede de apoio [...]** (Estudante 22).

[...] Como conselho sempre digo [...] **se você ainda não tem alguém que você possa contar, alguém que você já conhece, que entrou com você, tentar encontrar um apoio, alguém que você possa compartilhar, não só as suas conquistas, [...] não só o lado das angústias, [...] alguém que possa compartilhar com você esses dois momentos**, ter alguém pra você comemorar quando você alcançar os seus êxitos, mas também alguém que você possa se apoiar nos momentos mais difíceis, porque realmente levar um doutorado sem esse apoio é mais difícil, [...] **tive apoio [...] isso me ajudou muito e também a família, acho que pra família entender o que é o doutorado, acho que isso também é um processo de construção [...], digo por mim, até mesmo agora quando terminei, vários familiares que souberam, muitos não sabiam o que era doutorado [...] eu também tive que explicar o que é doutorado, isso é realidade**, tive que explicar para várias pessoas o que era, **muitas pessoas realmente não compreendem [...] no dia a dia a sua ausência**, que você precisa de tempo, que precisa de dedicação, acho que ter isso muito claro desde o início, facilita, porque senão acaba sendo um processo que você é cobrado na academia, também você é cobrado na sua família e aí é difícil conciliar todas essas demandas (Estudante 28).

Foi aprovado, **seja resiliente, vontade de desistir não vai faltar**, a pressão será enorme, mas acima de tudo seja resiliente e **tenha foco nos objetivos, acho que esse é um conselho bastante importante que eu queria que me dissessem [...], não deixe que as pressões do doutorado façam que a sua vida pessoal, como pessoa ou como um indivíduo, seja bastante impactada**, porque o que nós vemos, o número [...] de busca por tratamentos psicológicos tem sido elevado para pessoas [...], isso porque não tem como a gente não ser impactado pela pressão do doutorado. [...]. **A nossa vida é mais longa que o doutorado, o doutorado é interessante e traz esse crescimento, mas o doutorado termina e termina enquanto a nossa vida continua [...]. Nós vamos ficar durante o doutorado isolado, distante da família, distante de muita coisa, então, não deixe com que essa distância por conta do doutorado faça com que você perca os laços, [...] não deixe com que o doutorado faça desaparecer a outra parte da sua vida [...]** (Estudante 29).

[...] o que diria pra alguém que vai fazer doutorado, **aproveita, porque é uma oportunidade incrível que você tem, você vai para um universo, você mergulha em um universo jamais imaginado, é muito profundo, é muito denso o amadurecimento que se tem em curto prazo, [...]**, porque quatro anos parecem longos, mas não são [...], é denso, **é muito forte, vai ter um impacto psicológico muito forte e você tem que estar preparado [...]** o que recomendo é **aproveitar a oportunidade [...]** e **vai em frente com muita vontade [...]**, não é fácil, é muito difícil, mas se você chegou e você foi aprovado, então aproveita a oportunidade, porque é uma oportunidade [...], você tem que aproveitar com toda a vontade, com toda a força que você vai ter que utilizar para seguir, não desista (Estudante 37).

[...] um conselho para quem acabou de ser aprovado, **acho que ter calma, não se comparar, a gente se comparar o tempo inteiro com os outros, [...]** e em qualquer situação da vida, em qualquer estágio da vida, realmente seguir o seu propósito, ter o seu propósito muito claro [...], **as dificuldades vão aparecer, não é fácil, mas se a gente tem um propósito, tem algo maior que nos move é mais fácil lidar com o dia a dia** (Estudante 58).

[...] **o doutorado é uma prova de resistência, como o mestrado foi também, acho que você tem que ser muito resiliente [...], é continuar, é dedicar, é ser resiliente e**

**sonhar com um futuro um pouco melhor**, [...] infelizmente no Brasil a carreira docente não é muito valorizada, acho que docente de universidade é um pouco mais [...], financeiramente falando, [...] enfim, a gente tem que sonhar com um futuro um pouco melhor, **a gente vê em outros países que estão à frente da gente que tudo aconteceu por conta da educação, então se hoje a situação está difícil, talvez daqui a dez anos a gente possa ser um pouco mais valorizado, é não esmorecer, continuar e sonhar** [...] (Estudante 65).

[...] **aconselharia que a pessoa tentasse se visualizar daqui 20 anos, por exemplo pra ela saber se aquilo que ela está fazendo agora, faz sentido pra aquilo que ela quer no futuro.** [...] **Quais são os motivos que fazem a gente escolher fazer um doutorado, em especial em contabilidade? Quais são as nossas motivações?** o conselho que eu daria, [...] acho que fazer esse exercício, olhar aquilo que eu quero no futuro pra ver se isso que estou fazendo agora é condizente, porque isso vai conduzir, inclusive, a pesquisa que a pessoa vai fazer (Estudante 74).

[...] o que falo pra quem tá entrando agora, **persistência, acho que é a palavra-chave, porque dificuldade a gente tem, a gente tem limitações como seres humanos, ninguém é perfeito, ninguém sabe tudo, a gente tem que saber compartilhar com os colegas, compartilhar com o orientador, com a família**, enfim no meio social que você está inserido **vai ter pessoas que vão te criticar, você precisa estar aberto ao diálogo, estar aberto a ouvir para poder responder [...] com firmeza, com propriedade** [...], você tem que ter persistência, não desistir, porque **a falta de apoio também desmotiva algumas pessoas**, eu não tive esse problema com relação a falta de apoio, mas sei que é uma realidade de muitos pesquisadores, de muitos colegas que estão no doutorado [...], quatro anos parece muito tempo, mas você piscou passou, **parece que foi esses dias que entrei no doutorado e já estou finalizando [...] as coisas positivas superam qualquer ponto negativo que possa ter tido ao longo dessa trajetória** (Estudante 86).

[...] **na minha concepção o mais difícil é o mestrado [...] o novo é o diferente [...]**, acho que no doutorado você já está mais adaptado e mais acostumado, ele é mais puxado em relação a conteúdo, a quantidade, [...] acho que **a pessoa teria que ter resiliência**, muita resiliência, porque muitas vezes a dificuldade maior está no convívio com as

peessoas, [...] **tente manter o seu psicológico bem, porque se você estiver com seu psicológico bem e tiver com foco, determinação de fazer, você consegue, por mais dificuldade que você tenha durante o processo [...], você consegue concluir [...]** (Estudante 102).

A respeito das perspectivas futuras os futuros doutores em contabilidade sinalizarem que desejam em curto, médio e longo prazos ingresso em instituição de ensino superior, por meio de concurso. Em um segundo momento as perspectivas externadas foram: (i) tornar-se um bom Professor e pesquisador; (ii) conseguir engajar pessoas; (iii) estabilidade financeira; (iv) ser mãe; (v) ser feliz; e (vi) fazer mais pela contabilidade.

Com relação as recomendações elas permearam: (i) buscar identificar qual área dentro da contabilidade há mais aderência com quem você é; (ii) cuidar os prazos; (iii) conhecer o perfil do orientador; (iv) resiliência, dedicação, paciência; (v) aproveitar o processo; (v) buscar apoio; (vi) explorar os novos conhecimentos; (vii) não ter filhos durante o processo; e (viii) administrar o tempo.

#### **4.7 Construção das categorias adjacentes e da centralidade teórica segundo a *Ground Theory***

Nesta subseção constam a construção das categorias adjacentes, bem como a composição para a realização da Categoria Central ou Centralidade Teórica. As categorias adjacentes foram denominadas por Charmaz (2014) para a construção da *Grounded Theory*.

Além de seguir os parâmetros estipulados no método da *Grounded Theory*, comenta-se que se optou pela formulação de três categorias adjacentes concatenando-as aos três prismas referenciados na tese. Assim sendo Prisma Teórico, Prisma Metodológico e Prisma Pedagógico.

Nesse sentido os três tópicos seguintes foram intitulados: (i) Categoria adjacente ao Prisma Teórico; (ii) Categoria adjacente ao Prisma Metodológico; e (iii) Categoria adjacente ao Prisma Pedagógico. Ao final da apresentação das referidas categorias adjacentes, apresenta-se as conexões dos achados dessas categorias para a formulação da Centralidade Teórica.

##### **4.7.1 Categoria adjacente ao Prisma Teórico**

Para a composição de cada categoria adjacente se faz necessário a realização de três codificações, sendo elas: codificação inicial, codificação focada e codificação avançada. Assim

como já mencionadas suas conceituações na seção da metodologia desta tese, comenta-se de forma resumida que a codificação inicial diz respeito ao “processo de fraturamento dos dados, o pesquisador gera indutivamente tantos códigos quanto possível desde o início” (Tie et al., 2019, p. 4).

Assim, para a construção da codificação inicial demonstrada por meio da Tabela 11, optou-se por recortes das falas externadas com maior ênfase pelos futuros doutores em contabilidade. Em virtude de realizar a análise comparativa constante exigida pela *Grounded Theory*, as palavras as quais se encontram na tabela a seguir foram extraídas tendo em vista as mensagens já expostas nas subseções anteriores (seção Análise dos Dados/memorando).

Nesse sentido, as informações expostas na tabela referem-se além da pergunta relacionada ao Prisma Teórico feita a cada estudante também a seleção das palavras que foram abordadas pelos próprios doutorandos(as). Ressalta-se, ainda, que no intuito de seguir o rigor do método da *Ground Theory*, as palavras mencionadas pelos próprios respondentes encontram-se entre aspas no corpo da tabela.

**Tabela 11**

Codificação inicial a partir do recorte das falas predominantes

	Códigos iniciais
Com relação a construção teórica de sua tese, como você a percebe hoje, foi difícil de encontrá-la, construí-la ou foi algo natural/tranquilo tendo em vista o problema que você busca responder?	<p>“Não foi tranquilo” (Estudante 1); “esse processo ele não é tranquilo. Ele é cheio de incerteza” (Estudante 6); “acho que tranquilo é uma palavra que se aplica a muita coisa, mas acho que não a construção de uma tese” (Estudante 10); “achei difícil, porque para mim o meu problema de pesquisa, ele está numa área interdisciplinar.” (Estudante 13); “A construção teórica foi difícil” (Estudante 22); “Foi bastante difícil” (Estudante 27); “para mim tem sido um esforço hercúleo” (Estudante 44); “Foi difícil” (Estudante 45); “Zero tranquilo e ainda estou nessa fase de realmente refinar” (Estudante 58); “comecei a entrar por áreas muito filosóficas, da sociologia e essa leitura ela acaba sendo um pouco mais pesada” (Estudante 86); “Essa parte foi extremamente difícil” (Estudante 87); “tem sido bem complexo” (Estudante 88); “é desafiador” (Estudante 89); “está um pouco difícil” (Estudante 98); “Foi muito difícil, sofri bastante porque depois de ter mudado [...] a minha ideia de tese [...] porque [...] estava pesquisando um tema do meu orientador” (Estudante 100); “Foi muito difícil” (Estudante 103).</p> <p>“foi mais tranquila [...], as pesquisas que eu ia lendo na hora de definir [...] elas foram me levando para a teoria” (Estudante 2); “acho que foi a base de muita leitura, essa construção teórica” (Estudante 15); “a gente fez até uma revisão da literatura” (Estudante 19); “consegui de uma certa forma aproveitar bastante elementos teóricos que já conhecia” (Estudante 30); “Para mim foi muito natural, porque parti de um problema que já vivenciava na minha experiência profissional” (Estudante 35); “não foi muito difícil porque já lidava com uma ideia parecida” (Estudante 41); “foi tranquilo porque me deparei com a teoria em outras leituras de outras disciplinas” (Estudante 42); “tem sido uma teoria fácil de construir” (Estudante 52); “Não foi tão difícil, porque antes de começar a escrever, acho que fiz muita leitura” (Estudante 73); “Foi tranquilo, quando o Professor me passou o que eu poderia estudar e nas leituras já consegui identificar alguma coisa” (Estudante 92); “fiz uma pesquisa, uma revisão sistemática” (Estudante 99).</p>

	<p>“O negócio que me ajudou assim no processo de pesquisa [...] na minha perspectiva em grande medida, então assim a gente tem lá os seminários 1 e 2” (Estudante 4); “adotei a teoria que foi sugerida pela banca” (Estudante 8); “o que ajudou muito foram os eventos que participei, as bancas de consórcio doutoral e também a qualificação para definir qual é o melhor caminho” (Estudante 28); “foi uma sugestão de um dos membros da banca” (Estudante 58); “ela foi definida no seminário de tese” (Estudante 63); “participei de alguns congressos e é uma teoria que está sendo bem trabalhada” (Estudante 75); “Olha foi tranquila, porque foi em conjunto com o meu orientador” (Estudante 102).</p>
Entendendo que a intencionalidade faz parte das escolhas, o que levou você a escolher essa teoria? Você pode comentar um pouco sobre a importância dessa teoria para sua tese?	<p>“Colocar as impressões na tese” (Estudante 1); “a gente já tem alguma forma ou teve uma vivência profissional [...] a gente consegue perceber dentro do mundo dos fatos, dos fenômenos que existe uma possibilidade de problematizar” (Estudante 25).</p> <p>“ela [teoria] deu a capacidade de ligar relações entre as variáveis, porque ela fala muito de fatores contextuais e pessoais” (Estudante 3); “ela é importante para minha tese, porque hoje em dia vejo que não somos só nós os principais atores de uma relação. Essa rede é muito maior, principalmente, mexendo com a inteligência artificial” (Estudante 8); “estou tendo que trazer todo o contexto histórico” (Estudante 22); “entender um contexto num nível amplo, macro” (Estudante 27); “tenho refletido muito sobre isso. Talvez essa teoria não tenha importância só para a minha tese, mas para a minha vida” (Estudante 74).</p> <p>“foi uma questão de adequação” (Estudante 6); “acho que tem a ver um pouco com a visão de mundo que tenho daí a escolha das teorias que estarão na minha tese” (Estudante 13); “não consigo ver minha tese dissociada da teoria” (Estudante 15); “alinhar a essa visão onto-epistemológica” (Estudante 27); “a gente escolheu a teoria por conta das contribuições” (Estudante 49); “a que melhor se adequava ao meu objetivo” (Estudante 50); “essa teoria que escolhi [...] são três fatores que influenciam a adoção [...] fatores tecnológicos, organizacionais e ambientais” (Estudante 64).</p>
Em termos ontológicos e epistemológicos como você enquadra a sua tese?	<p>“Minha tese, ela é positivista” (Estudante 4); “epistemologia mais positivista, pesquisa crítica, [...] não tenho base” (Estudante 7); “é uma visão bem positivista, bem mainstream” (Estudante 9); “totalmente positiva e abordagem quantitativa” (Estudante 12); “gosto de trabalhar com dados econômicos” (Estudante 21); “paradigma positivista” (Estudante 30); “enquadraria como quantitativa” (Estudante 31); “minha tese ela é quantitativa” (Estudante 32); “pesquisa quantitativa baseada em dados primários” (Estudante 35); “É positivista” (Estudante 37); “a minha pesquisa é uma pesquisa positivista” (Estudante 38); “Ela vai mais no positivismo” (Estudante 48); “ela é positivista” (Estudante 50); “é positivista” (Estudante 52); “Positivista raiz para simplificar” (Estudante 55); “ela está enquadrada dentro do mainstream é quantitativa” (Estudante 61); “enquadrada enquanto positivista” (Estudante 63); “enxergo ela como positivista” (Estudante 66); “vamos tender para o positivismo contábil” (Estudante 68); “pesquisa positivista, vou usar regressão, vou usar análise estatística” (Estudante 69); “a minha é positivista” (Estudante 100).</p> <p>“termos ontológicos realista” (Estudante 2); “ontológico, acho que estou mais próximo do realismo e na visão epistemológica acho que me enquadraria como funcionalista” (Estudante 9); “classificação ontológica vejo como objetiva [...] e epistemológico como um realismo crítico” (Estudante 47); “a minha tese com essa ideia de realista e positivista” (Estudante 56); “tenho uma visão de mundo um pouco mais objetiva” (Estudante 58); “ontologia ela é uma tese mais para o realismo [...] justamente porque é aquela questão que a gente pretende analisar algo objetivo” (Estudante 63).</p> <p>“Construtivista” (Estudante 1); “É interpretativa” (Estudante 5); “mais próxima do construtivismo um pouco mais relacionado ao construtivismo social” (Estudante 6); “pesquisa crítica” (Estudante 20); “visão mais interpretativista” (Estudante 27); “A tese é do paradigma construtivista” (Estudante 28); “a minha pesquisa é muito interpretativa” (Estudante 33); “perspectiva mais interpretativa” (Estudante 34); “A minha tese, ela é uma tese crítica qualitativa” (Estudante 67); “hoje o meu posicionamento é interpretativista” (Estudante 77); “Ela é mais interpretativista” (Estudante 79); “A minha pesquisa é</p>

	<p><i>qualitativa ela tende a ser um pouco mais interpretativista crítica</i>” (Estudante 86); <i>“Construtivista”</i> (Estudante 103).</p> <p><i>“não consigo te responder essa pergunta”</i> (Estudante 8); <i>“acho que talvez pessoas decidam não participar da sua entrevista por causa dessa questão”</i> (Estudante 10); <i>“Essa pergunta aqui para mim é mais difícil de todas”</i> (Estudante 13); <i>“Eu tinha que ter pego a cola não estou me lembrando”</i> (Estudante 15); <i>“só não estou lembrando”</i> (Estudante 16); <i>“Essa daí não sei te responder”</i> (Estudante 19); <i>“vou pular essa”</i> (Estudante 22); <i>“não sei se lembro muito bem desses termos”</i> (Estudante 23); <i>“Nossa! será que vou saber responder?”</i> (Estudante 24); <i>“Eu não me lembro [...] se fiz essa cadeira”</i> (Estudante 26); <i>“Meu Deus! eu nem lembro mais”</i> (Estudante 42); <i>“tenho até que procurar o que é o ontológico e epistemológico”</i> (Estudante 53); <i>“tenho dúvidas no que seria essa parte ontológica e epistemológica”</i> (Estudante 65); <i>“tive que voltar lá na tese pra dar uma olhada, porque não lembro”</i> (Estudante 70); <i>“Ontológico? não saberia dizer”</i> (Estudante 72); <i>“Para ser sincero, esses termos não estou tão lembrado”</i> (Estudante 73); <i>“Nossa, não sei se consigo responder”</i> (Estudante 74); <i>“é uma boa pergunta, teria que pensar um pouco mais nesse sentido”</i> (Estudante 76); <i>“Eu ainda não pensei muito nisso”</i> (Estudante 83); <i>“acho que agora não sei como enquadraria ela não”</i> (Estudante 87); <i>“não tive tempo de pesquisar um pouco sobre as classificações ontológicas epistemológicas”</i> (Estudante 90); <i>“essa é uma pergunta que acho que tenho que colar [...] não consigo eu leio e esqueço essa parte, mas sei que ela é funcionalista”</i> (Estudante 92); <i>“Ainda não me encontrei nesses termos”</i> (Estudante 98); <i>“não consigo classificar ela ainda”</i> (Estudante 101); <i>“não sei te responder isso agora teria que dar uma olhada, uma relembração nas questões epistemológicas das aulas”</i> (Estudante 102); <i>“não me lembro mais ontológicos? O que é?”</i> (Estudante 105).</p>
--	---

*Nota.* Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa

Conforme consta na Tabela 11 referente a codificação inicial três perguntas foram realizadas e concatenadas a elas as respectivas respostas dos estudantes. Tie et al. (2019) corroboram que esta parte inicial de fraturamento das informações geram um processo de composição de novos códigos que serão transformados em categorias e tais categorias podem-se tornar códigos que se transformam em categorias. Esse movimento denomina-se processo iterativo das informações.

Em outras palavras, “os códigos futuros são comparados e as categorias são comparadas com outras categorias” (Tie et al., 2019, p. 4). Sob essa exigência, a partir dos códigos iniciais demonstrados na Tabela 11 foram extraídas as informações citadas com mais predominância pelos entrevistados as quais encontram-se sinalizadas em negrito no corpo da Tabela 12.

A Tabela 12, portanto, representa a composição da codificação focada ou também denominada de codificação intermediária. Tie et al. (2019) expõem que “a codificação intermediária se baseia na fase de codificação inicial, ela começa a transformar os dados básicos em conceitos mais abstratos” (p. 5). Os autores ainda complementam que “durante esta fase analítica, ocorre um processo de revisão das categorias, cujas informações desenvolvidas são refinadas” (p. 5).



Conforme já mencionado, para esta codificação foram identificadas em negrito as palavras que predominaram mais na fala dos estudantes. Posteriormente a demarcação das palavras houve a elaboração de uma expressão/frase que contivesse a essência das falas dos futuros doutores em contabilidade intitulada ‘subcategoria formada’.

**Tabela 12**

Codificação focada a partir do recorte das palavras predominantes com base na codificação inicial

	<b>Códigos intermediários</b>	<b>Subcategoria formada</b>
Com relação a construção teórica de sua tese, como você a percebe hoje, foi difícil de encontrá-la, construí-la ou foi algo natural/tranquilo tendo em vista o problema que você busca responder?	<p>“<b>Não foi tranquilo</b>” (Estudante 1); “<i>esse processo ele não é tranquilo. Ele é <b>cheio de incerteza</b></i>” (Estudante 6); “<i>acho que tranquilo é uma palavra que se aplica a muita coisa, mas acho que não a construção de uma tese</i>” (Estudante 10); “<i>achei <b>difícil</b>, porque para mim o meu problema de pesquisa, ele está numa área interdisciplinar.</i>” (Estudante 13); “<i>A construção teórica foi <b>difícil</b></i>” (Estudante 22); “<i>Foi <b>bastante difícil</b></i>” (Estudante 27); “<i>para mim tem sido um <b>esforço hercúleo</b></i>” (Estudante 44); “<i>Foi <b>difícil</b></i>” (Estudante 45); “<i><b>Zero tranquilo</b> e ainda estou nessa fase de realmente refinar</i>” (Estudante 58); “<i>comecei a entrar por áreas muito filosóficas, da sociologia e essa leitura ela acaba sendo um pouco mais pesada</i>” (Estudante 86); “<i>Essa parte foi <b>extremamente difícil</b></i>” (Estudante 87); “<i>tem sido bem <b>complexo</b></i>” (Estudante 88); “<i>é <b>desafiador</b></i>” (Estudante 89); “<i>está um pouco <b>difícil</b></i>” (Estudante 98); “<i>Foi <b>muito difícil</b>, sofri bastante porque depois de ter mudado [...] a minha ideia de tese [...] porque [...] estava pesquisando um tema do meu orientador</i>” (Estudante 100); “<i>Foi <b>muito difícil</b></i>” (Estudante 103).</p>	Predominância de um processo desafiador e complexo.
	<p>“<i>foi mais tranquila [...], as pesquisas que eu ia lendo na hora de definir [...] elas foram <b>me levando para a teoria</b></i>” (Estudante 2); “<i>acho que foi a <b>base de muita leitura</b>, essa construção teórica</i>” (Estudante 15); “<i>a gente fez até uma <b>revisão da literatura</b></i>” (Estudante 19); “<i>consegui de uma certa forma aproveitar bastante <b>elementos teóricos que eu já conhecia</b></i>” (Estudante 30); “<i>Para mim foi muito natural, porque <b>parti de um problema que já vivenciava na minha experiência profissional</b></i>” (Estudante 35); “<i>não foi muito difícil porque <b>já lidava com uma ideia parecida</b></i>” (Estudante 41); “<i>foi tranquilo porque me deparei com a teoria em <b>outras leituras de outras disciplinas</b></i>” (Estudante 42); “<i>tem sido uma teoria fácil de construir</i>” (Estudante 52); “<i>Não foi tão difícil, porque antes de começar a escrever, acho que <b>fiz muita leitura</b></i>” (Estudante 73); “<i>Foi tranquilo, quando o <b>Professor me passou o que poderia estudar e nas leituras já consegui identificar alguma coisa</b></i>” (Estudante 92); “<i>fiz uma pesquisa, uma <b>revisão sistemática</b></i>” (Estudante 99).</p>	Processo mais tranquilo quando amparado por leituras e experiências profissionais.
	<p>“<i>O negócio que <b>me ajudou</b> no processo de pesquisa [...] na minha perspectiva em grande medida a gente tem lá os <b>seminários 1 e 2</b></i>” (Estudante 4); “<i>adotei a <b>teoria que foi sugerida pela banca</b></i>” (Estudante 8); “<i>o que <b>ajudou muito foram</b></i></p>	Abertura para discussão com os pares (Professores, seminários de tese,

	<p><i>os eventos que participei, as bancas de consórcio doutoral e também a <b>qualificação</b> para definir qual é o melhor caminho</i>” (Estudante 28); <i>“foi uma <b>sugestão de um dos membros da banca</b>”</i> (Estudante 58); <i>“ela foi <b>definida no seminário de tese</b>”</i> (Estudante 63); <i>“participei de alguns <b>congressos</b> e é uma teoria que está sendo bem trabalhada”</i> (Estudante 75); <i>“Olha foi tranquila, porque <b>foi em conjunto com o meu orientador</b>”</i> (Estudante 102).</p>	<p>congressos, consórcios, qualificações e o orientador).</p>
<p>Entendendo que a intencionalidade faz parte das escolhas, o que levou você a escolher essa teoria? Você pode comentar um pouco sobre a importância dessa teoria para sua tese?</p>	<p><i>“Colocar as <b>impressões na tese</b>”</i> (Estudante 1); <i>“a gente já tem alguma forma ou teve uma <b>vivência profissional</b> [...] a gente consegue <b>perceber dentro do mundo dos fatos, dos fenômenos que existe uma possibilidade de problematizar</b>”</i> (Estudante 25).</p>	<p>Conexão de fatos e fenômenos, por meio de impressões pessoais e vivência profissional.</p>
	<p><i>“ela [teoria] deu a capacidade de <b>ligar relações entre as variáveis</b>, porque ela fala muito de fatores contextuais e pessoais”</i> (Estudante 3); <i>“ela é importante para minha tese, porque hoje em dia vejo que <b>não somos só nós os principais atores de uma relação</b>. Essa rede é muito maior, principalmente, mexendo com a inteligência artificial”</i> (Estudante 8); <i>“estou tendo que trazer todo o <b>contexto histórico</b>”</i> (Estudante 22); <i>“entender um contexto num nível amplo, macro”</i> (Estudante 27); <i>“tenho refletido muito sobre isso. Talvez essa teoria não tenha importância só para a minha tese, mas para a minha vida”</i> (Estudante 74).</p>	<p>Leva-se em consideração as relações entre variáveis, contextos em nível macro (generalizável) e micro (especificidades), bem como o contexto histórico.</p>
	<p><i>“foi uma questão de <b>adequação</b>”</i> (Estudante 6); <i>“acho que tem a ver um pouco com a <b>visão de mundo</b> que tenho daí a escolha das teorias que estarão na minha tese”</i> (Estudante 13); <i>“<b>não consigo ver minha tese dissociada da teoria</b>”</i> (Estudante 15); <i>“alinhar a essa <b>visão onto-epistemológica</b>”</i> (Estudante 27); <i>“a gente escolheu a teoria por conta das contribuições”</i> (Estudante 49); <i>“a que melhor se <b>adequava ao meu objetivo</b>”</i> (Estudante 50); <i>“essa teoria que escolhi [...] são três fatores que influenciam a adoção [...] <b>fatores tecnológicos, organizacionais e ambientais</b>”</i> (Estudante 64).</p>	<p>Adequação do tema ao problema alinhando-se a partir da visão ontológica (visão de mundo) e epistemológica (construção do conhecimento), levando-se em consideração os fatores tecnológicos, organizacionais e ambientais.</p>
<p>Em termos ontológicos e epistemológicos como você enquadra a sua tese?</p>	<p><i>“Minha tese, ela é <b>positivista</b>”</i> (Estudante 4); <i>“<b>epistemologia mais positivista</b>, pesquisa crítica, [...] não tenho base”</i> (Estudante 7); <i>“é uma <b>visão bem positivista, bem mainstream</b>”</i> (Estudante 9); <i>“totalmente positiva e abordagem <b>quantitativa</b>”</i> (Estudante 12); <i>“gosto de trabalhar com <b>dados econométricos</b>”</i> (Estudante 21); <i>“<b>paradigma positivista</b>”</i> (Estudante 30); <i>“enquadraria como <b>quantitativa</b>”</i> (Estudante 31); <i>“minha tese ela é <b>quantitativa</b>”</i> (Estudante 32); <i>“pesquisa <b>quantitativa</b> baseada em dados primários”</i> (Estudante 35); <i>“É <b>positivista</b>”</i> (Estudante 37); <i>“a minha pesquisa é uma <b>pesquisa positivista</b>”</i> (Estudante 38); <i>“Ela vai mais no <b>positivismo</b>”</i> (Estudante 48); <i>“ela é <b>positivista</b>”</i> (Estudante 50); <i>“é <b>positivista</b>”</i> (Estudante 52); <i>“<b>Positivista raiz para simplificar</b>”</i> (Estudante 55); <i>“ela está enquadrada dentro do <b>mainstream</b> é quantitativa”</i> (Estudante 61); <i>“enquadrada enquanto <b>positivista</b>”</i> (Estudante 63); <i>“<b>enxergo ela como positivista</b>”</i> (Estudante 66); <i>“vamos</i></p>	<p>Predominância de pesquisas <i>mainstream</i> (paradigma positivista e abordagem quantitativa).</p>

<p>tender para o <b>positivismo contábil</b>” (Estudante 68); “<i>pesquisa positivista, vou usar regressão, vou usar análise estatística</i>” (Estudante 69); “<i>a minha é positivista</i>” (Estudante 100).</p>	
<p>“<i>termos ontológicos realista</i>” (Estudante 2); “<i>ontológico, acho que estou mais próximo do realismo e na visão epistemológica acho que me enquadraria como funcionalista</i>” (Estudante 9); “<i>classificação ontológica vejo como objetiva [...] e epistemológico como um realismo crítico</i>” (Estudante 47); “<i>a minha tese com essa ideia de realista e positivista</i>” (Estudante 56); “<i>tenho uma visão de mundo um pouco mais objetiva</i>” (Estudante 58); “<i>ontologia ela é uma tese mais para o realismo [...] justamente porque é aquela questão que a gente pretende analisar algo objetivo</i>” (Estudante 63).</p>	<p>Predominância pela ontologia de cunho realista (realismo).</p>
<p>“<i>Construtivista</i>” (Estudante 1); “<i>É interpretativa</i>” (Estudante 5); “<i>mais próxima do construtivismo um pouco mais relacionado ao construtivismo social</i>” (Estudante 6); “<i>pesquisa crítica</i>” (Estudante 20); “<i>visão mais interpretativista</i>” (Estudante 27); “<i>A tese é do paradigma construtivista</i>” (Estudante 28); “<i>a minha pesquisa é muito interpretativa</i>” (Estudante 33); “<i>perspectiva mais interpretativa</i>” (Estudante 34); “<i>A minha tese, ela é uma tese crítica qualitativa</i>” (Estudante 67); “<i>hoje o meu posicionamento é interpretativista</i>” (Estudante 77); “<i>Ela é mais interpretativista</i>” (Estudante 79); “<i>A minha pesquisa é qualitativa ela tende a ser um pouco mais interpretativista crítica</i>” (Estudante 86); “<i>Construtivista</i>” (Estudante 103).</p>	<p>Tendência à busca por epistemologias interpretativistas.</p>
<p>“<i>não consigo te responder essa pergunta</i>” (Estudante 8); “<i>acho que talvez pessoas decidam não participar da sua entrevista por causa dessa questão</i>” (Estudante 10); “<i>Essa pergunta aqui para mim é mais difícil de todas</i>” (Estudante 13); “<i>Eu tinha que ter pego a cola não estou me lembrando</i>” (Estudante 15); “<i>não estou lembrando</i>” (Estudante 16); “<i>Essa daí não sei te responder</i>” (Estudante 19); “<i>vou pular essa</i>” (Estudante 22); “<i>não sei se lembro muito bem desses termos</i>” (Estudante 23); “<i>Nossa! será que vou saber responder?</i>” (Estudante 24); “<i>não me lembro [...] se fiz essa cadeira</i>” (Estudante 26); “<i>Meu Deus! eu nem lembro mais</i>” (Estudante 42); “<i>tenho até que procurar o que é o ontológico e epistemológico</i>” (Estudante 53); “<i>tenho dúvidas no que seria essa parte ontológica e epistemológica</i>” (Estudante 65); “<i>tive que voltar lá na tese para dar uma olhada, porque não lembro</i>” (Estudante 70); “<i>Ontológico? não saberia dizer</i>” (Estudante 72); “<i>Para ser sincero, esses termos não estou tão lembrado</i>” (Estudante 73); “<i>Nossa, não sei se consigo responder</i>” (Estudante 74); “<i>é uma boa pergunta, eu teria que pensar um pouco mais nesse sentido</i>” (Estudante 76); “<i>ainda não pensei muito nisso</i>” (Estudante 83); “<i>acho que agora não sei como enquadraria ela</i>” (Estudante 87); “<i>não tive tempo de pesquisar um pouco sobre as classificações ontológicas epistemológicas</i>” (Estudante 90); “<i>essa é uma pergunta que acho que tenho que colar [...] não consigo eu leio e esqueço essa parte, mas sei que ela é funcionalista</i>” (Estudante 92); “<i>Ainda não me encontrei nesses termos</i>” (Estudante 98);</p>	<p>Baixo conhecimento a respeito dos termos ontologia e epistemologia e seus enquadramentos na tese.</p>

	<p>“<i>não consigo classificar ela ainda</i>” (Estudante 101); “<i>não sei te responder isso agora teria que dar uma olhada, uma relembração nas questões epistemológicas das aulas</i>” (Estudante 102); “<i>não me lembro mais ontológicos? O que é?</i>” (Estudante 105).</p>	
--	--	--

Nota. Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa

Como observado na Tabela 12 houve a elaboração de subcategorias que expressassem o que foi respondido com maior ênfase pelos acadêmicos. Ressalta-se que a composição das frases se encontra o mais aderente possível com as expressões utilizadas pelos entrevistados.

Adicionalmente, a última codificação denominada de avançada descrita na Tabela 13 tem como incumbência a junção das frases para a composição de uma expressão que exponha a essência do que representou para os estudantes os questionamentos realizados. Tie et al. (2019) mencionam que “a codificação avançada é essencial para produzir uma *Grounded Theory* com poder explicativo” (p. 6).

**Tabela 13**

Codificação avançada a partir da codificação focada encontrada

	<b>Códigos avançados</b>	<b>Subcategoria formada</b>
Com relação a construção teórica de sua tese, como você a percebe hoje, foi difícil de encontrá-la, construí-la ou foi algo natural/tranquilo tendo em vista o problema que você busca responder?	Predominância de um processo desafiador e complexo.	Construção difícil, mas minimizada a partir de leituras, experiências profissionais e abertura para discussão com os pares.
	Processo mais tranquilo quando amparado por leituras e experiências profissionais.	
	Abertura para discussão com os pares (Professores, seminários de tese, congressos, consórcios, qualificações e o orientador).	
Entendendo que a intencionalidade faz parte das escolhas, o que levou você a escolher essa teoria? Você pode comentar um pouco sobre a importância dessa teoria para sua tese?	Conexão de fatos e fenômenos, por meio de impressões pessoais e vivência profissional.	Conectar fatos e fenômenos nos contextos macro e micro, bem como histórico no intuito de fazer sentido a visão ontológica e epistemológico do pesquisador.
	Leva-se em consideração as relações entre variáveis, contextos em nível macro (generalizável) e micro (especificidades), bem como o contexto histórico.	
	Adequação do tema ao problema alinhando-se a partir da visão ontológica (visão de mundo) e epistemológica (construção do conhecimento), levando-se em consideração os fatores tecnológicos, organizacionais e ambientais.	
Em termos ontológicos e epistemológicos como você enquadra a sua tese?	Predominância de pesquisas <i>mainstream</i> (paradigma positivista e abordagem quantitativa).	Compreensão baixa sobre ontologia e epistemologia com predominância da formação <i>mainstream</i> , porém com uma tendência a integração de epistemologias tradicionais interpretativistas.
	Predominância pela ontologia de cunho realista (realismo).	
	Tendência à busca por epistemologias interpretativistas.	

	Baixo conhecimento a respeito dos termos ontologia e epistemologia e seus enquadramentos na tese.	com epistemologias alternativas.
--	---	----------------------------------

*Nota.* Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa

Na Tabela 13 houve a construção de novas subcategorias formadas. Tais subcategorias foram desenvolvidas com base nos códigos avançados construídos (denominados nesta fase de ‘códigos finais’). Tie et al. (2019) comentam que cabe a codificação avançada apresentar um “conjunto de conceitos inter-relacionados” (p. 6).

A Tabela 14 expõe a construção da primeira categoria adjacente, ou seja, a formulação da Categoria Adjacente ao Prisma Teórico.

#### Tabela 14

##### Construção da Categoria Adjacente ao Prisma Teórico

	Código final	Categoria
Com relação a construção teórica de sua tese, como você a percebe hoje, foi difícil de encontrá-la, construí-la ou foi algo natural/tranquilo tendo em vista o problema que você busca responder?	<b>Construção difícil</b> , mas minimizada a partir de leituras, <b>experiências profissionais</b> e abertura para <b>discussão com os pares</b> .	<b>Dimensão de Matriz Conceitual Relacional</b>
Entendendo que a intencionalidade faz parte das escolhas, o que levou você a escolher essa teoria? Você pode comentar um pouco sobre a importância dessa teoria para sua tese?	<b>Conectar fatos e fenômenos nos contextos</b> macro e micro, bem como <b>histórico</b> no intuito de <b>fazer sentido a visão ontológica e epistemológica do pesquisador</b> .	
Em termos ontológicos e epistemológicos como você enquadra a sua tese?	Compreensão baixa sobre ontologia e epistemologia com predominância da <b>formação <i>mainstream</i></b> , porém com uma <b>tendência a integração de epistemologias</b> tradicionais com epistemologias alternativas.	

*Nota.* Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa

Para Tie et al. (2019) é na codificação avançada que “ocorre o estágio culminante final para alcançar uma *Grounded Theory*, ela integra e sintetiza as categorias derivadas da codificação e da análise para agora criar uma teoria” (p. 6). Assim, na Tabela 14 houve a junção dos códigos finais para a composição da Categoria Adjacente ao Prisma Teórico intitulada ‘Dimensão de Matriz Conceitual Relacional’.

O termo Conceitual compreende um “tipo de conteúdo de aprendizagem teórico que engloba conceitos e princípios e que, para aprendê-lo, é necessário plena compreensão” (Zabala & Arnau, 2010, p. 234). Já Funari e Lindemann (2023) expõem que esse termo é composto de

três ideias principais, sendo elas: conceito, fatos e princípios vinculados ao saber científico e ao saber ético.

A primeira (conceito) representa uma “ideia teórica e que explica um conjunto de fenômenos ou fatos”. A segunda (fatos) encontra-se “relacionado aos conteúdos que geralmente são memorizados e reproduzidos”. Já a terceira ideia (princípios) configura-se como “aspectos teóricos que viabilizam explicar, prever e descrever mudanças que se produzem em um fato ou situação em relação a outros fatos e situações” (Funari & Lindemann, 2023, p. 6).

A partir do exposto e com base na Tabela 14 uma das principais constatações relacionadas ao termo Dimensão Conceitual é a compreensão de uma predominância incutida no Prisma Teórico de conectar fatos e fenômenos aos seus respectivos contextos. Além disso, uma tendência para que o uso de argumentações relacionadas aos fatos, fenômenos e contextos façam sentido a visão do pesquisador (ontologia), bem como ao que ele entende relevante e que possibilita um avanço no conhecimento (epistemologia).

Ainda no âmbito Conceitual e nos termos ontológicos e epistemológicos pode-se sinalizar uma predominância para a opção de pesquisas voltadas não somente a uma formação *mainstream* como uma continuidade de pesquisas *mainstream*. Para Carnegie et al. (2021) “em vez de apenas saber como fazer contabilidade, devemos, mais importante ainda, abordar o que a contabilidade faz, bem como, de uma perspectiva moral, o que a contabilidade deve fazer” (p. 5). Em outras palavras, pode-se perceber que mesmo os futuros doutores em contabilidade expondo suas visões de mundo e de construção de conhecimento ainda há uma tendência significativa para a compreensão dos fatos e fenômenos a partir de uma ótica positivista-funcionalista.

No entanto, torna-se importante salientar que mesmo com uma predominância positivista-funcionalista pode-se perceber um esforço ou uma busca pelo entendimento, por parte de uma minoria dos entrevistados, de outras tradições epistemológicas. Tal fato faz com que se possa refletir sobre uma “pertinência epistemológica que tem uma afinidade a priori com os ideais transdisciplinares, por ser uma ciência que nasceu justamente da intersecção entre uma série de outros campos” (Rubin et al., 2015, p. 94).

Para a completude da construção da ‘Dimensão de Matriz Conceitual Relacional’, o uso do termo Relacional refere-se a uma ênfase dada e compreendida pelos entrevistados de que há a necessidade no decurso de um doutoramento de determinadas proximidades. Tais proximidades associadas a construção de aprendizagem sejam elas individuais (questionamentos inerentes ao como fazer, porque fazer, etc.) ou de troca com os pares (Professores, orientadores, grupos de pesquisas, família e redes de apoio de forma geral).

Dalbem e Dell’Aglío (2005) a partir das argumentações utilizadas por Bowlby já comentavam que “a necessidade de figuras de apego que proporcionam uma base segura não se limita absolutamente às crianças” (p. 17).

Sob essa ótica Relacional houve uma tendência por parte dos futuros doutores em contabilidade em sinalizarem que o processo de um doutorado não é fácil, pois é composto de inúmeras exigências (pessoais, acadêmicas e profissionais). Todavia, atrelada a essa construção difícil há dois aspectos que minimizam tal complexidade, quando se tem experiências profissionais e/ou abertura para discussão com os pares. Assim a partir de ambas conceituações e de suas conexões com as falas dos entrevistados tomou-se tais argumentações para a formulação da ‘Dimensão de Matriz Conceitual Relacional’.

#### 4.7.2 Categoria adjacente ao Prisma Metodológico

De forma a seguir o mesmo rigor adotado para a construção da ‘Categoria Adjacente ao Prisma Teórico’, neste tópico denominado ‘Categoria Adjacente ao Prisma Metodológico’ também se fez uso das codificações inicial, focada e avançada. Para tanto, a Tabela 15 tem como incumbência a partir da extração das falas dos entrevistados trazer à tona o que foi externado com maior ênfase.

Comenta-se, ainda, que consta na Tabela 15 as perguntas realizadas aos futuros doutores em contabilidade no tocante a questões que envolvem as escolhas metodológicas dos pesquisadores, bem como as argumentações utilizadas por eles com maior predominância.

**Tabela 15**

Codificação inicial a partir do recorte das falas predominantes

	<b>Códigos iniciais</b>
Quanto aos aspectos metodológicos na construção da tese, o que você considera mais importante ou mais apropriado ser inserido nesse capítulo?	<p>“deixar claro os procedimentos que você está utilizando [...] qual é o tipo de pesquisa que você tem? quais são os caminhos que você escolheu? [...] a clareza, a explicação das etapas” (Estudante 2); “deixar totalmente claro o trabalho em que permita replicabilidade [...]” (Estudante 16); “a utilização e o porquê dos softwares, como eles foram utilizados? acho que isso facilita para a outra pessoa que queira replicar” (Estudante 28); “essa explicação do que você fez, como você fez e por que você fez é o mais relevante na seção da metodologia” (Estudante 31); “permitir que você reproduza os testes que aquele autor realizou até mesmo para a fim de validação daqueles resultados [...] uma boa definição da base de dados, dos métodos empregados, da validação cruzada” (Estudante 35); “Mais importante acho que é o processo de reflexão [...] pensar nesse processo reflexivo das pessoas que [...] precisam ser respeitadas” (Estudante 59); “a gente precisa saber como foi feito? onde foi feito? porque foi feito? e como aquilo ali foi operacionalizado” (Estudante 63); “explicar o máximo possível o processo [...] das entrevistas, [...] para poder aumentar a credibilidade do trabalho qualitativo” (Estudante 75); “o pesquisador demonstra os critérios de validação [...] explicar todos os cuidados que você teve, [...] para você trazer essa credibilidade para a pesquisa, questões de validade interna, validade de construto, validade externa [...] tem que justificar o que você fez, isso é muito importante</p>

	<p><i>para dar ao leitor uma transparência” (Estudante 64); “como você adaptou os instrumentos, como montou o questionário, como corrigiu, como fez a validação” (Estudante 85).</i></p> <p><i>“explicar qual sua abordagem geral [...] como que os dados são coletados? e como eles são tratados? [...] você conseguir explicar para pessoa e [...] que ela consiga entender” (Estudante 6); “Eu acho que primeiro [...] é a abordagem [...], você deve deixar bem claro, se você vai investigar aquele problema a partir de uma abordagem quantitativa ou qualitativa” (Estudante 25); “Importante é a parte do protocolo de pesquisa que vai mostrar qual é o passo a passo [...] explicar muito bem como que foi nossa abordagem, como que a gente fez todo o processo até para minimizar aquela questão da subjetividade que a pesquisa qualitativa tem” (Estudante 34); “acho que é um dos principais capítulos da tese [...] como você coletou?” (Estudante 86).</i></p> <p><i>“a operacionalização da pesquisa, porque isso vai estar ligado com aspectos epistemológicos [...] explicar para o leitor e para quem está visualizando como um cenário de construção de conhecimento” (Estudante 10); “acredito que a parte epistemológica [...]” (Estudante 18); “o pesquisador entender quais são as suas visões de mundo” (Estudante 56).</i></p> <p><i>“deixar muito clara a minha amostra [...] e principalmente a mensuração desses itens” (Estudante 16); “a parte relacionada a amostra da pesquisa. Quais são as pessoas? [...], as organizações? quem você tá pesquisando?” (Estudante 18); “a questão dos testes, preciso verificar todos os pressupostos, a questão da seleção da amostra, se vai ter alguma discrepância” (Estudante 21); “a escolha das variáveis, [...] do modelo econométrico, o que você vai utilizar ali em termos de teste estatístico? [...] justificar o porquê dessas variáveis. Quem disse que essa variável é adequada para medir isso?” (Estudante 23); “quais são as técnicas? quais são os procedimentos? que testes serão realizados?” (Estudante 25); “uma pesquisa sem uma metodologia científica, vejo que [...] é como um navio sem leme, o marinheiro não sabe para onde ele vai navegar [...] quais instrumentos de dados vou utilizar? qual é a minha população alvo? [...] a minha amostra, qual é o plano de análise dos dados? que também é importante, de que forma eu vou analisar esses dados? quais testes vou utilizar para obter inferências?” (Estudante 45); “acho que sempre se inicia pela sua amostra [...] testar as hipóteses que você propôs” (Estudante 48); “diria que primeiro contextualizar qual é a sua amostra, sua população e depois trazer quais são as variáveis?” (Estudante 56); “para uma tese você dizer a tipologia da pesquisa, você explicar muito bem qual é a sua população, [...] quais foram seus critérios para a seleção da amostra, o que você excluiu, o que você considerou, o porquê que você excluiu” (Estudante 65); “uma boa entrevista, [...] é fundamental escolher as pessoas certas para fazer essa entrevista, [...] a escolha das perguntas que vou utilizar” (Estudante 87).</i></p>
<p>Conte-me qual(is) o(s) método(s) predominante(s) na prática de suas pesquisas e principalmente em sua tese? O que levou você a essas escolhas?</p>	<p><i>“vou trabalhar numa tese quantitativa com modelagem de equações estruturais” (Estudante 3); “quantitativo com abordagem relacionadas a regressões” (Estudante 10); “a tendência seria muito mais para o quantitativo” (Estudante 13); “quantitativo sempre vai me ajudar melhor, regressões lineares com relações entre variáveis” (Estudante 14); “os métodos mais comuns que faço nas minhas pesquisas são métodos quantitativos [...], principalmente quando tenho que utilizar uma análise de regressão” (Estudante 16); “até 2020 o que prevalecia era regressão, análise de conglomerados, análise fatorial” (Estudante 20); “números gosto de números é o que trabalho” (Estudante 22); “o que usei na tese foi regressão, regressão múltipla [...]” (Estudante 23); “predominantemente quantitativo [...]” (Estudante 24); “[...] quantitativa ela foi predominante” (Estudante 25); “predominante quantitativo [...]” (Estudante 26); “tenho uma grande paixão por métodos quantitativos” (Estudante 29); “as nossas técnicas são não paramétricas, [...] a gente desenvolve muitos testes de hipóteses” (Estudante 30); “metodologia quantitativa e utilizei um experimento [...]” (Estudante 31); “utilizo métodos quantitativos mais precisamente e geralmente modelos de regressão” (Estudante 32); “quantitativa, com regressão, dados em painel” (Estudante 38); “a regressão em dados de painel” (Estudante 40); “gosto muito de estudar a relação. [...] acho que o que mais tem na minha tese hoje é regressão” (Estudante 44); “O método predominante é hipotético-dedutivo e com uma abordagem quantitativa, justamente para trazer objetividade para pesquisa [...]” (Estudante 47); “método quantitativo” (Estudante 48); “um método específico, é uma regressão multinível” (Estudante 50); “geralmente uso regressões” (Estudante 56); “trabalho</i></p>



	<p><i>com ferramentas estatísticas [...]” (Estudante 57); “pesquisas com métodos quantitativos, survey, análises de equações estruturais, regressão linear, etc. regressão logística” (Estudante 62); “predominantemente trabalho com métodos quantitativos, no primeiro momento foi por causa do orientador” (Estudante 63); “método que mais costume utilizar são regressões de forma geral, [...]uma regressão logística, [...] enfim, as variações possíveis dentro da regressão” (Estudante 65); “é quantitativa a minha pesquisa, sempre foi relacionada a métodos estatísticos [...]” (Estudante 73); “predominância é o quantitativo” (Estudante 80); “métodos quantitativos [...] maior parte com estimação de modelos de regressão linear” (Estudante 90); “Predominantemente quantitativa” (Estudante 94).</i></p>
	<p><i>“ultimamente venho estudando bastante pesquisas qualitativas [...]” (Estudante 1); “estudo de caso” (Estudante 5); “métodos qualitativos [...] estudo de caso” (Estudante 6); “geralmente é análise de conteúdo [...] sempre trabalho com o qualitativo [...]” (Estudante 7); “pretendo fazer entrevistas, conversar com pessoas chaves” (Estudante 8); “método predominante na minha pesquisa é o qualitativo” (Estudante 15); “No doutorado volto minha pesquisa para uma perspectiva totalmente qualitativa e crítica então passo a aplicar entrevistas, passo a usar a Ground Theory” (Estudante 20); “vou trabalhar com análise documental, como falei com entrevistas com atores chaves, esses dados [...] estou trabalhando com o atlas.ti [...]” (Estudante 27); “predominante quali” (Estudante 28); “estudo de caso é o que mais predomina” (Estudante 34); “entrevista, [...] é como aprender com outra pessoa acho que é por isso que gosto tanto da pesquisa quali” (Estudante 39); “análise de conteúdo por conta dos documentos” (Estudante 40); “abordagem qualitativa” (Estudante 42); “métodos predominantemente qualitativos” (Estudante 45); “Pesquisa qualitativa” (Estudante 71); “faço pesquisa qualitativa” (Estudante 77); “o método predominante é a pesquisa qualitativa” (Estudante 85); “pesquisa qualitativa, sempre uso essa abordagem [...] análise do discurso e de conteúdo, apliquei as duas técnicas” (Estudante 86); “estudo de caso quali” (Estudante 101); “sigo por pesquisas mais qualitativas” (Estudante 103).</i></p>
	<p><i>“o que levou a sua escolha, [...] a forma com que a minha teoria [...] define como as relações acontecem” (Estudante 3); “a gente carrega muito do pesquisador que nos ensinou a pesquisar [...] que é Professor de estatística” (Estudante 12); “o que me levou a essas escolhas é a questão da facilidade [...] você não depende de terceiros, você mesmo vai lá e baixa os dados” (Estudante 38); “Para o problema que tinha que ser resolvido, escolhi uma metodologia mais adequada” (Estudante 42); “a escolha foi a disponibilidade dos dados” (Estudante 48); “a definição do método foi por causa dos dados, e o que a gente queria de acordo com o nosso objetivo” (Estudante 50); “o que me levou foi um pouco dessa visão metodológica [...] e o pouco grupo de pesquisa e a forma como a gente [...] costuma trabalhar” (Estudante 56); “o que me levou talvez foi conhecimento e apreço pelos números, métodos estatísticos e como também acho que o modelo e a própria questão de pesquisa” (Estudante 70); “as pesquisas que fazem mais sentido são as pesquisas quantitativas; [...]sou uma pessoa muito reservada, muito introvertida, precisar fazer entrevista [...]para mim seria um sacrifício muito grande” (Estudante 74); “a questão de pesquisa acabou levando a um trabalho totalmente quantitativo” (Estudante 83); “O que me levou a essa escolha? foi a questão do problema de pesquisa” (Estudante 90); “o que me levou é o objetivo” (Estudante 98); “o que leva a escolher é o problema de pesquisa” (Estudante 103).</i></p>
<p>Você poderia comentar um pouco sobre o uso/importância/per tinência de métodos quantitativos e qualitativos em pesquisas da área contábil?</p>	<p><i>“a grande maioria é quantitativa na minha área [...] então, eles vão mais no sentido de preservar o status quo de alguma medida” (Estudante 4); “quantitativo, não é que eu entenda tanto, mas é a área que mais pesquiso, é a área que estou mais familiarizado, é a área que faz sentido para mim” (Estudante 9); “acho que a gente tem uma predominância quantitativa muito grande na Contabilidade até hoje nas pesquisas, nos artigos, dissertações, teses e tudo mais [...] me insiro dentro dessa crítica que faço, porque a gente precisa produzir, então para produzir, publicar, a gente tem exigência dentro do programa de pós-graduação, a gente tem exigência da CAPES, os Professores têm exigência” (Estudante 10); “no método quantitativo é porque a gente [...] tem uma amostragem maior, nós temos um potencial de generalização” (Estudante 18); “acho que existe uma sobreposição das pesquisas quantitativas em relação às pesquisas qualitativas e acho que isso é um processo que a gente pode observar sobre diversos prismas, acho que os Professores que estão hoje nos programas de pós-graduação, uma parcela significativa desses</i></p>

	<p><i>Professores teve um treinamento muito específico para a pesquisa quantitativa” (Estudante 20); “os métodos quantitativos eles trazem para nós uma certa robustez, no sentido de simplificar uma realidade que é extremamente complexa [...] ele ajuda a gente nesse ponto de criar [...] variáveis específicas [...] dá uma aparência de estabilidade e confiabilidade” (Estudante 27); “ainda vejo a nossa área muito atrelada a estudos quanti, a gente olha o periódico, geralmente temos periódicos que quando publicam a maioria dos estudos são quantitativos” (Estudante 28); “acho que ambas têm a devida importância dentro da área, primeiro porque em termos [...] de dados quantitativos eles são importantes em termos de abrangência” (Estudante 34); “as pesquisas se utilizam de métodos quantitativos por trazer objetividade para a avaliação crítica do que a Contabilidade produz” (Estudante 47); “vejo que quando você faz quali, você fica meio que a mercê de encontrar dados, no quantitativo os dados existem, então prefiro o quantitativo” (Estudante 52); “acho que ambos os métodos são muito importantes para a área. Acho que a nível internacional há uma certa importância elevada para o método quantitativo em comparação ao qualitativo” (Estudante 56); “a Contabilidade é uma Ciência Social, ela talvez se casaria até mais com os métodos qualitativos do que quanti e a gente vê que é o contrário, [...] usa-se muito mais métodos quantitativos do que quali, acho que isso vai muito mais além, [...] está muito relacionado aquela pressão por publicar e segue outras correntes que acabam usando muito da pesquisa quanti” (Estudante 99); “quantitativo ser mais aceito e mais publicável” (Estudante 104).</i></p>
	<p><i>“quanto a pesquisa qualitativa [...] não posso falar muito, porque não entendo muito” (Estudante 9); “o qualitativo, acredito que ele tenha especialmente um viés para a gente aprender dele, que é esse da análise crítica, de aprofundar o conhecimento, de tentar entender aquilo que está sendo dito de uma forma mais profunda” (Estudante 10); “a pesquisa qualitativa torna-se um componente importante dentro das pesquisas, porque ela pode dar um aprofundamento maior” (Estudante 18); “a pesquisa quali, ela traz essa outra faceta da realidade que ela é descartada pela pesquisa quanti. [...] acho que se a gente quer entender algo com mais detalhes, com maior profundidade [...] a pesquisa qualitativa tem muito potencial ainda inexplorado que é o nosso desafio dos novos doutores a gente colocar isso em prática” (Estudante 27); “vejo também talvez até um rigor para que a gente se cerque de mais procedimentos metodológicos, [...] para trazer realmente mais robustez, [...] para não ficar algo muito com viés ou muito atrelado a visão do pesquisador” (Estudante 28); “pesquisa qualitativa, porque preciso entender o contexto daquilo que estou analisando, preciso ir para além dos números” (Estudante 33); “pesquisa qualitativa ela entra para especificar alguma coisa, ou seja, para olhar de uma maneira mais específica para algum determinado detalhe” (Estudante 34); “vejo que a gente, às vezes, se distancia da realidade das empresas, então, analisar os dados qualitativos eles são importantes, tanto quanto o quantitativo” (Estudante 46); “Em termos de pertinência, diria que, devido à profundidade da pesquisa qualitativa, poderia ser um pouco mais pertinente a aplicação desses métodos em pesquisas na área contábil [...], mas acredito que a orientação do futuro da pesquisa, em contábil ainda será mais quantitativa do que qualitativa” (Estudante 56).</i></p>
	<p><i>“método quantitativo, qualitativo e eles são muito importantes, porque eles vão operacionalizar a forma de como você vai dar a resposta pra essa questão” (Estudante 2); “acho que [...] os métodos quantitativos e qualitativos eles têm a capacidade de identificar para gente o que influencia os comportamentos” (Estudante 3); “os métodos se complementam, [...] a importância do método quantitativo está em você conseguir encontrar [...] determinados fenômenos [...]. A metodologia qualitativa ela é muitas vezes te ajuda a ver com maior abrangência e até com maior profundidade” (Estudante 6); “gosto dos dois, acredito que os dois métodos são muito relevantes [...]. A minha formação é mainstream não por decisão, mas porque os cursos são mainstream de graduação [...] conheço eles, mas vejo uma certa banalização em alguns momentos por parte de algumas pesquisas, então esse é o problema, entendo o poder dos métodos” (Estudante 7); “entendo perfeitamente a importância de cada abordagem, entendo que depende o que você quer observar, do seu objeto de pesquisa, vai ter uma abordagem que vai te atender melhor, [...]. A pesquisa quanti tem limitações? tem, a pesquisa quali tem limitações? tem, [...] e existe uma briga muito grande entre os pesquisadores quanti e quali em querer desqualificar a outra pesquisa e isso é muito injusto” (Estudante 12); “acho que a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa se</i></p>

	<p><i>complementam muito, dependendo de onde quero chegar” (Estudante 21); “acho que os dois são importantes para o campo, acho que a Contabilidade não seria o que é hoje sem o método quantitativo, mas também não seria o que é hoje sem o método qualitativo” (Estudante 27); “vejo ambos muito importantes, sei que meu trabalho [...] tem um lado do positivismo [...], mas não necessariamente o qualitativo tem que ser construtivista, há outros modos de se desenvolver, existe positivismo também no qualitativo” (Estudante 30); “vejo que as pesquisas qualitativas, elas também são igualmente importantes para a expansão do conhecimento na área contábil, para o desenvolvimento da literatura na área contábil” (Estudante 45); “acho que existe um grande campo de atuação nos dois sentidos, tanto na pesquisa quali como quantitativa e na abordagem mista também, não precisa ser monotemático” (Estudante 47); “as duas pesquisas são importantes na área contábil, [...] hoje não só pelo crescimento da avaliação que a gente tem e discussões que nós temos na contabilidade” (Estudante 49); “a importância do quali e quanti é até essa aliança entre construção de novos conhecimentos e o qualitativo vai lhe dar essa ferramenta para construir novos conhecimentos e o quantitativo vem para validar e confirma se aquele conhecimento que você gerou no qualitativo é válido ou não pra aplica” (Estudante 53); “ambas são importantes, pertinentes e cruciais, por um único motivo, depende da pergunta de pesquisa, depende do que nós queremos fazer, talvez eu possa olhar o mesmo fenômeno sobre prismas diferentes” (Estudante 77).</i></p> <p><i>“não tive contato nenhum tanto no mestrado como no doutorado sobre metodologia qualitativa para poder comentar alguma coisa” (Estudante 31); “vejo que muitas vezes as pesquisas qualitativas elas geram insegurança não só para quem está avaliando, mas para quem está fazendo por conta dessa validade na área contábil” (Estudante 49); “não fiz as matérias de pesquisa qualitativa” (Estudante 69); “não leio qualitativo de jeito nenhum só leio quantitativo, pesquisa qualitativa não leio nada” (Estudante 95).</i></p>
<p>Levando em consideração os instrumentos de pesquisa para a coleta das informações qual(is) é(são) de predominância em suas pesquisas?</p>	<p><i>“nas minhas pesquisas questionários” (Estudante 1); “predominantemente foi um levantamento, por meio de questionário” (Estudante 2); “dados primários, questionários” (Estudante 3); “questionário, coleta de dados primários” (Estudante 29); “questionário para coletar os dados “ (Estudante 31); “questionário” (Estudante 45); “questionários que utilizei na pesquisa” (Estudante 49); “na minha pesquisa uso survey [...]” (Estudante 56); “Survey, questionário” (Estudante 62); “predominância é o questionário [...]” (Estudante 66); “aplicação de questionários” (Estudante 70); “questionário” (Estudante 105).</i></p> <p><i>“predominância que tenho são por coleta de dados, por meio de entrevistas” (Estudante 6); “vou fazer entrevista” (Estudante 8); “minhas últimas pesquisas são entrevistas” (Estudante 20); “geralmente entrevistas” (Estudante 33); “a predominância é com entrevistas” (Estudante 34); “roteiro de entrevista” (Estudante 58); “vou fazer uma entrevista [...]” (Estudante 60); “Para o meu trabalho é a entrevista” (Estudante 76).</i></p> <p><i>“Entrevista e questionário, foi o que mais utilizei [...]” (Estudante 5); “na tese a gente vai ter um roteiro de entrevista [...] e um questionário” (Estudante 36); “predominantemente questionário, dois artigos eram questionário e uma entrevista [...]” (Estudante 42); “instrumentos de pesquisa que já foram validados [...]utilizo também as entrevistas” (Estudante 46); “são entrevistas semiestruturada e questionários com perguntas, escala Likert” (Estudante 64); “utilizei tanto entrevistas com roteiro quanto questionários” (Estudante 85).</i></p> <p><i>“Questionário e dados de fontes primárias, fontes secundárias, agora estou trabalhando bastante com dados fornecidos” (Estudante 22); “as entrevistas é um dos métodos principais para coletar os dados e outra análise documental [...]” (Estudante 27); “questionário com um roteiro também de entrevista, mas tenho nas últimas pesquisas trabalhado mais com análise documental” (Estudante 28); “estou trabalhando com os documentos, fatos relevantes, eventos subsequentes, demonstração financeira e formulário de referência e as entrevistas” (Estudante 71); “coleta de dados da empresa com algum tipo de documento e as entrevistas” (Estudante 75); “entrevistas, observações e documentos” (Estudante 77); “na minha dissertação foi pesquisa documental, mas na minha tese vai ser um roteiro de entrevista [...]” (Estudante 99); “Entrevista e documental” (Estudante 103).</i></p> <p><i>“Dados secundários” (Estudante 4); “geralmente uso a nota explicativa” (Estudante 7); “predominante vai ser uma análise documental” (Estudante 10); “mais para essa área documental [...]” (Estudante 11); “As minhas pesquisas sempre foram com banco</i></p>

	<p><i>de dados públicos</i>” (Estudante 14); <i>“predominância são documentais foi o que mais pesquisei “</i> (Estudante 15); <i>“utilizei essa base para fazer a coleta das informações financeiras das empresas, é basicamente, [...], base de dados”</i> (Estudante 16); <i>“[...] basicamente são documentos [...]”</i> (Estudante 17); <i>“Predominância de dados de terceiros [...] que são divulgados em relatórios de contabilidade das empresas sobretudo trabalhando com empresas da B3, então há uma predominância de banco de dados [...]”</i> (Estudante 18); <i>“[...] leitura de nota explicativa”</i> (Estudante 23); <i>“geralmente utilizo dados secundários”</i> (Estudante 32); <i>“na minha tese, por exemplo, vai ser tudo manual, vou entra no site de empresa por empresa, coleta os relatórios de contabilidade”</i> (Estudante 38); <i>“informações do governo federal”</i> (Estudante 40); <i>“as bases de dados da CAPES”</i> (Estudante 43); <i>“coletas de informações públicas de mercado e de empresas [...]”</i> (Estudante 47); <i>“coleta de dados secundários”</i> (Estudante 50); <i>“base é secundária [...]”</i> (Estudante 51); <i>“base de dados secundários [...]”</i> (Estudante 52); <i>“dados secundários, porque vou usar os relatórios publicados [...]”</i> (Estudante 54); <i>“bancos de dados que são disponibilizados publicamente pelas empresas [...]”</i> (Estudante 57); <i>“coleta documental predominantemente”</i> (Estudante 59); <i>“100% faço pesquisa documental”</i> (Estudante 63); <i>“banco de dados, [...], a própria demonstração contábil das empresas [...]”</i> (Estudante 65); <i>“coleta documental, é uma coisa que faço bastante”</i> (Estudante 67); <i>“predominância nas minhas pesquisas são mesmo dados prontos, dados que a gente pega na Bovespa, dados que pego no Banco Central”</i> (Estudante 68); <i>“basicamente são os dados do Banco Central”</i> (Estudante 69); <i>“sempre coletei em base de dados”</i> (Estudante 73); <i>“Documentos, análise documental é o que predomina nas minhas pesquisas [...]”</i> (Estudante 86); <i>“[...] Dados secundários são os principais”</i> (Estudante 87); <i>“fiz bastante utilização de banco de dados”</i> (Estudante 90); <i>“utilizo base de dados”</i> (Estudante 93); <i>“dados secundários”</i> (Estudante 94); <i>“banco de dados”</i> (Estudante 95); <i>“bases de dados do Banco Central”</i> (Estudante 97); <i>“Pesquisas documental foi o que mais utilizei”</i> (Estudante 99); <i>“Dados secundários hoje pego os dados das bases do governo”</i> (Estudante 98); <i>“coleta manual”</i> (Estudante 102); <i>“A maioria das minhas pesquisas são banco de dados”</i> (Estudante 104).</p>
--	---

*Nota.* Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa

Na Tabela 15 foi realizado novamente o fraturamento das informações, ou seja, foram extraídas das entrevistas as palavras explicitadas pelos doutorandos com maior ênfase. Esse fraturamento se faz necessário para que a codificação focada seja construída.

Nesse sentido, a Tabela 16 explicita a codificação focada ou também denominada de codificação intermediária que “começa a tornar-se evidente à medida que categorias desenvolvidas se formam em torno de um conceito central” (Tie et al., 2019, p. 6). Dessa forma, houve a demarcação de palavras que exprimissem as reflexões dos estudantes, bem como que essas reflexões fossem mencionadas de forma recorrente pelos acadêmicos.

A partir da realização dessa demarcação denominada de códigos intermediários houve a construção de um conceito central intitulada ‘Subcategoria formada’. A referida subcategoria teve como princípio de construção sintetizar a essência das menções trazidas pelos estudantes.

### **Tabela 16**

Codificação focada a partir do recorte das palavras predominantes com base na codificação inicial

	<b>Códigos intermediários</b>	<b>Subcategoria formada</b>
--	-------------------------------	-----------------------------

<p>Quanto aos aspectos metodológicos na construção da tese, o que você considera mais importante ou mais apropriado ser inserido nesse capítulo?</p>	<p>“a <b>clareza</b>, a explicação das etapas” (Estudante 2); “<b>permita replicabilidade</b> [...]” (Estudante 16); “a utilização e o porquê dos softwares, como eles foram utilizados, para a outra pessoa que queira <b>replicar</b>” (Estudante 28); “permitir que você reproduza os testes a fim de <b>validação</b> [...]” (Estudante 35); “saber <b>como foi feito? onde foi feito? porque foi feito? e como aquilo ali foi operacionalizado</b>” (Estudante 63); “explicar [...] as entrevistas, [...] aumenta a <b>credibilidade</b> do trabalho qualitativo” (Estudante 75); “essa explicação <b>do que você fez, como você fez e por que você fez</b>” (Estudante 31); “Mais importante acho que é o <b>processo de reflexão</b> [...] pensar que as <b>peessoas</b> [...] <b>precisam ser respeitadas</b>” (Estudante 59); “o pesquisador demonstra os <b>critérios de validação</b> [...] explicar todos os cuidados, [...] para você trazer essa <b>credibilidade</b>, questões de <b>validade interna, validade de construto, validade externa</b> [...] Item que justificar o que você fez, isso é muito importante para dar ao leitor uma <b>transparência</b>” (Estudante 64); “como você adaptou os instrumentos, como montou o questionário, como corrigiu, <b>como fez a validação</b>” (Estudante 85).</p>	<p>Processo de reflexão que possa exprimir com clareza e credibilidade aspectos como validação e replicabilidade de como, onde e porque todo o percurso da pesquisa foi realizado.</p>
	<p>“explicar a <b>abordagem</b> geral [...] como que os dados são <b>coletados? e como eles são tratados?</b> [...] você conseguir explicar para pessoa e [...] que ela consiga entender” (Estudante 6); “acho que primeiro [...] é a <b>abordagem</b> [...], você deve deixar bem claro se é a partir de uma <b>abordagem quantitativa ou qualitativa</b>” (Estudante 25); “Importante é a parte do <b>protocolo de pesquisa</b> que vai mostrar qual é o passo a passo [...] explicar a <b>abordagem</b>, como que a gente fez todo o processo até para minimizar aquela questão da subjetividade que a pesquisa qualitativa tem” (Estudante 34); “[...] <b>como você coletou?</b>” (Estudante 86).</p>	<p>Uso do protocolo de pesquisa que conste a escolha da abordagem, se quantitativa ou qualitativa, além da forma como as informações foram coletadas e tratadas.</p>
	<p>“a operacionalização da pesquisa, porque isso vai estar ligado com <b>aspectos epistemológicos</b> [...] <b>explicar para o leitor e para quem está visualizando como um cenário de construção de conhecimento</b>” (Estudante 10); “acredito que a <b>parte epistemológica</b> [...]” (Estudante 18); “o pesquisador entender quais são as suas <b>visões de mundo</b>” (Estudante 56).</p>	<p>Explicar ao leitor qual a sua visão de mundo (ontologia), bem como qual sua proposta de construção do conhecimento (epistemologia).</p>
	<p>“deixar muito clara a minha <b>amostra</b> [...] e principalmente a <b>mensuração</b> desses itens” (Estudante 16); “a parte relacionada a <b>amostra</b> da pesquisa. <b>Quais são as pessoas? [...], as organizações?</b>” (Estudante 18); “a questão dos <b>testes</b>, [...], a questão da <b>seleção da amostra</b>, se vai ter alguma discrepância” (Estudante 21); “a escolha das <b>variáveis</b>, [...] do <b>modelo econométrico</b>, o que você vai utilizar ali em termos de <b>teste estatístico?</b> [...] justificar o porquê dessas <b>variáveis</b>.” (Estudante 23); “quais são as técnicas? que <b>testes</b> serão realizados?” (Estudante 25); “inicia pela <b>amostra</b> [...] <b>testar as hipóteses</b> que você propôs” (Estudante 48); “qual é a minha <b>população?</b> [...] a minha <b>amostra</b>, qual é o plano de análise</p>	<p>Escolha da população, da amostra, das variáveis, do modelo econométrico e após a escolha das pessoas e das perguntas certas testar as hipóteses construídas.</p>

	<p><i>dos dados? quais testes vou utilizar para obter inferências?”</i> (Estudante 45); <i>“contextualizar qual é a sua amostra, sua população e depois trazer quais são as variáveis?”</i> (Estudante 56); <i>“explicar muito bem qual é a sua população, [...] quais foram seus critérios para a seleção da amostra”</i> (Estudante 65); <i>“escolher as pessoas certas para fazer essa entrevista, [...] a escolha das perguntas que vou utilizar”</i> (Estudante 87).</p>	
<p>Conte-me qual(is) o(s) método(s) predominante(s) na prática de suas pesquisas e principalmente em sua tese? O que levou você a essas escolhas?</p>	<p><i>“quantitativa com modelagem de equações estruturais”</i> (Estudante 3); <i>“quantitativo com relacionada a regressões”</i> (Estudante 10); <i>“a tendência seria muito mais para o quantitativo”</i> (Estudante 13); <i>“quantitativo sempre vai me ajudar melhor, regressões lineares com relações entre variáveis”</i> (Estudante 14); <i>“as minhas pesquisas são métodos quantitativos [...], principalmente quando tenho que utilizar uma análise de regressão”</i> (Estudante 16); <i>“até 2020 o que prevalecia era regressão, análise de conglomerados, análise fatorial”</i> (Estudante 20); <i>“números gosto de números é o que trabalho”</i> (Estudante 22); <i>“o que usei na tese foi regressão múltipla [...]”</i> (Estudante 23); <i>“predominantemente quantitativo [...]”</i> (Estudante 24); <i>“[...] quantitativa ela foi predominante”</i> (Estudante 25); <i>“predominante quantitativo [...]”</i> (Estudante 26); <i>“tenho uma grande paixão por métodos quantitativos”</i> (Estudante 29); <i>“as nossas técnicas são não paramétricas [...] a gente desenvolve muitos testes de hipóteses”</i> (Estudante 30); <i>“metodologia quantitativa e utilizei um experimento [...]”</i> (Estudante 31); <i>“utilizo métodos quantitativos geralmente modelos de regressão”</i> (Estudante 32); <i>“quantitativa, com regressão, dados em painel”</i> (Estudante 38); <i>“a regressão em dados de painel”</i> (Estudante 40); <i>“gosto muito de estudar a relação, o que mais tem na minha tese hoje é regressão”</i> (Estudante 44); <i>“O método predominante é hipotético-dedutivo e com uma abordagem quantitativa”</i> (Estudante 47); <i>“método quantitativo”</i> (Estudante 48); <i>“uma regressão multinível”</i> (Estudante 50); <i>“geralmente uso regressões”</i> (Estudante 56); <i>“trabalho com ferramentas estatísticas [...]”</i> (Estudante 57); <i>“pesquisas com métodos quantitativos, survey, análises de equações estruturais, regressão linear, regressão logística”</i> (Estudante 62); <i>“predominantemente trabalho com métodos quantitativos, no primeiro momento foi por causa do orientador”</i> (Estudante 63); <i>“método que mais costume utilizar são regressões”</i> (Estudante 65); <i>“é quantitativa a minha pesquisa, sempre foi relacionada a métodos estatísticos [...]”</i> (Estudante 73); <i>“predominância é o quantitativo”</i> (Estudante 80); <i>“métodos quantitativos [...] maior parte com estimação de modelos de regressão linear”</i> (Estudante 90); <i>“Predominantemente quantitativa”</i> (Estudante 94).</p>	<p>Predominância por métodos estatísticos como regressões, modelagem de equações estruturais, análise de conglomerados e análise fatorial.</p>
	<p><i>“pesquisas qualitativas [...]”</i> (Estudante 1); <i>“estudo de caso”</i> (Estudante 5); <i>“métodos qualitativos [...] estudo de caso”</i> (Estudante 6); <i>“geralmente é análise de conteúdo [...] sempre trabalho com o qualitativo [...]”</i> (Estudante 7); <i>“pretendo</i></p>	<p>Uso de estudo de caso, análise de conteúdo e com menor ênfase análise</p>

	<p>fazer entrevistas, conversar com pessoas chaves” (Estudante 8); “minha pesquisa é qualitativa” (Estudante 15); “No doutorado [...] perspectiva totalmente qualitativa passo a usar a <b>Ground Theory</b>” (Estudante 20); “vou trabalhar com análise documental, com entrevistas [...] estou trabalhando com o atlas.ti [...]” (Estudante 27); “predominante quali” (Estudante 28); “<b>estudo de caso</b>” (Estudante 34); “entrevista, [...] pesquisa quali” (Estudante 39); “<b>análise de conteúdo por conta dos documentos</b>” (Estudante 40); “abordagem qualitativa” (Estudante 42); “métodos predominantemente qualitativos” (Estudante 45); “Pesquisa qualitativa” (Estudante 71); “faço pesquisa qualitativa” (Estudante 77); “o método predominante é a pesquisa qualitativa” (Estudante 85); “<b>análise do discurso e de conteúdo apliquei as duas técnicas</b>” (Estudante 86); “<b>estudo de caso quali</b>” (Estudante 101); “pesquisas mais qualitativas” (Estudante 103).</p>	de discurso e <i>ground theory</i> .
	<p>“o que levou a sua escolha, [...] a forma com que a minha teoria [...] define como as relações acontecem” (Estudante 3); “a gente carrega muito do pesquisador que nos ensinou a pesquisar [...] que é Professor de estatística” (Estudante 12); “o que me levou a essas escolhas é a <b>questão da facilidade</b> [...] você não depende de terceiros, você mesmo vai lá e baixa os dados” (Estudante 38); “<b>Para o problema que tinha que ser resolvido, escolhi uma metodologia mais adequada</b>” (Estudante 42); “a escolha foi a <b>disponibilidade dos dados</b>” (Estudante 48); “a <b>definição do método foi por causa dos dados</b>” (Estudante 50); “o que me levou foi um pouco dessa visão metodológica [...] e o pouco <b>grupo de pesquisa</b> e a forma como a gente [...] costuma trabalhar” (Estudante 56); “o que me levou talvez foi <b>conhecimento e apreço pelos números</b>, métodos estatísticos acho que o modelo e a <b>própria questão de pesquisa</b>” (Estudante 70); “as pesquisas que <b>fazem mais sentido</b> são as pesquisas quantitativas; [...]” (Estudante 74); “a <b>questão de pesquisa</b> acabou levando a um trabalho totalmente quantitativo” (Estudante 83); “O que me levou a essa escolha? <b>foi a questão do problema de pesquisa</b>” (Estudante 90); “o que me levou é o <b>objetivo</b>” (Estudante 98); “o que leva a escolher é o <b>problema de pesquisa</b>” (Estudante 103).</p>	Escolha intimamente relacionada a teoria escolhida, a disponibilidade das informações, a questão de pesquisa, bem como a influência de terceiros como orientador e grupos de pesquisa.
Você poderia comentar um pouco sobre o uso/importância/per tinença de métodos quantitativos e qualitativos em pesquisas da área contábil?	<p>“a grande maioria é <b>quantitativa</b> na minha área [...] mais no sentido de <b>preservar o status quo</b>” (Estudante 4); “<b>quantitativo</b> é a área que <b>faz sentido para mim</b>” (Estudante 9); “<b>predominância quantitativa</b> muito grande na Contabilidade até hoje nas pesquisas, nos artigos, dissertações, teses [...] me insiro dentro dessa crítica, porque a gente <b>precisa produzir, publicar, tem exigência dentro do programa de pós-graduação, exigência da CAPES, os Professores têm exigência</b>” (Estudante 10); “no método <b>quantitativo</b> é porque [...] tem uma <b>amostragem maior, potencial de generalização</b>” (Estudante 18); “<b>acho que existe uma sobreposição das pesquisas quantitativas em</b></p>	Predominância e certa sobreposição dos métodos quantitativos em relação aos qualitativos, pressão por produção e exigências para publicação, bem como o uso de métodos quantitativos proporcionar abrangência,

	<p><i>relação às pesquisas qualitativas, acho que os Professores tiveram um treinamento muito específico para a pesquisa quantitativa” (Estudante 20); “os métodos quantitativos eles trazem para nós uma certa robustez, no sentido de simplificar uma realidade que é extremamente complexa [...] dá uma aparência de estabilidade e confiabilidade” (Estudante 27); “ainda vejo a nossa área muito atrelada a estudos quanti, geralmente temos periódicos que quando publicam a maioria dos estudos são quantitativos” (Estudante 28); “dados quantitativos eles são importantes em termos de abrangência” (Estudante 34); “as pesquisas se utilizam de métodos quantitativos por trazer objetividade” (Estudante 47); “no quantitativo os dados existem, então, prefiro o quantitativo” (Estudante 52); “Acho que a nível internacional há uma certa importância elevada para o método quantitativo em comparação ao qualitativo” (Estudante 56); “usa-se muito mais métodos quantitativos do que quali, acho que [...] está muito relacionado aquela pressão por publicar” (Estudante 99); “quantitativo ser mais aceito e mais publicável” (Estudante 104).</i></p>	<p>confiabilidade e objetividade.</p>
	<p><i>“o qualitativo, acredito que ele tenha especialmente um viés para a gente aprender dele, que é esse da análise crítica, de aprofundar o conhecimento” (Estudante 10); “a pesquisa qualitativa ela pode dar um aprofundamento maior” (Estudante 18); “a pesquisa quali, ela traz essa outra faceta da realidade [...] acho que se a gente quer entender algo com mais detalhes, com maior profundidade [...] a pesquisa qualitativa tem muito potencial ainda inexplorado que é o nosso desafio dos novos doutores” (Estudante 27); “vejo também até um rigor para que a gente se cerque de mais procedimentos metodológicos, [...] para trazer realmente mais robustez, [...] para não ficar algo muito com viés ou muito atrelado a visão do pesquisador” (Estudante 28); “pesquisa qualitativa, porque preciso entender o contexto, preciso ir para além dos números” (Estudante 33); “pesquisa qualitativa ela entra para olhar de uma maneira mais específica para algum determinado detalhe” (Estudante 34); “vejo que a gente, às vezes, se distancia da realidade das empresas, então, analisar os dados qualitativos eles são importantes, tanto quanto o quantitativo” (Estudante 46); “devido à profundidade da pesquisa qualitativa, poderia ser um pouco mais pertinente a aplicação desses métodos em pesquisas na área contábil [...]” (Estudante 56).</i></p>	<p>O uso de métodos qualitativos associa-se a um potencial ainda inexplorado, desafio para os futuros doutores, com capacidade de maior detalhamento, profundidade, rigor, bem como a visão do pesquisador de forma explícita para a exposição de um contexto, ou seja, outra faceta da realidade que irá para além dos números.</p>
	<p><i>“método quantitativo, qualitativo e eles são muito importantes, porque eles vão operacionalizar a forma de como você vai dar a resposta para essa questão” (Estudante 2); “acho que [...] os métodos quantitativos e qualitativos eles têm a capacidade de identificar pra gente o que influencia os comportamentos” (Estudante 3); “os métodos se complementam, [...] a importância do método quantitativo está em encontrar [...] determinados fenômenos [...]. A metodologia qualitativa ajuda a ver com maior abrangência e até com</i></p>	<p>A existência de complementariedade de ambos os métodos, a depender de que fenômeno você quer observar, para desenvolvimento da literatura, expansão do conhecimento,</p>



	<p><i>maior profundidade</i>” (Estudante 6); “<i>acredito que os dois métodos são muito relevantes [...], mas vejo uma certa banalização em alguns momentos por parte de algumas pesquisas, então esse é o problema, entendo o poder dos métodos</i>” (Estudante 7); “<i>entendo perfeitamente a importância de cada abordagem, entendo que depende o que você quer observar, do seu objeto de pesquisa, vai ter uma abordagem que vai te atender melhor, [...]. A pesquisa quanti tem limitações? tem, a pesquisa quali tem limitações? tem, [...] e existe uma briga muito grande entre os pesquisadores quanti e quali em querer desqualificar a outra pesquisa e isso é muito injusto</i>” (Estudante 12); “<i>acho que a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa se complementam muito, dependendo de onde quero chegar</i>” (Estudante 21); “<i>acho que a Contabilidade não seria o que é hoje sem o método quantitativo, mas também não seria o que é hoje sem o método qualitativo</i>” (Estudante 27); “<i>vejo ambos muito importantes, [...], não necessariamente o qualitativo tem que ser construtivista, há outros modos de se desenvolver, existe positivismo também no qualitativo</i>” (Estudante 30); “<i>vejo que as pesquisas qualitativas igualmente importantes para a expansão do conhecimento [...], para o desenvolvimento da literatura na área contábil</i>” (Estudante 45); “<i>acho que existe um grande campo de atuação nos dois sentidos, tanto na pesquisa quali como quantitativa e na abordagem mista também, não precisa ser monotemático</i>” (Estudante 47); “<i>as duas pesquisas são importantes na área contábil, [...] hoje não só pelo crescimento da avaliação que a gente tem e discussões que nós temos na contabilidade</i>” (Estudante 49); “<i>a importância do quali e quanti é até essa aliança entre construção de novos conhecimentos</i>” (Estudante 53); “<i>ambas são importantes, pertinentes e cruciais, por um único motivo, depende da pergunta de pesquisa, depende do que nós queiramos fazer, talvez possa olhar o mesmo fenômeno sobre prismas diferentes</i>” (Estudante 77).</p>	<p>crescimento nas avaliações e discussões na contabilidade.</p>
	<p>“<i>quanto a pesquisa qualitativa [...] não posso falar muito, porque não entendo muito</i>” (Estudante 9); “<i>não tive contato nenhum tanto no mestrado como no doutorado sobre metodologia qualitativa para poder comentar alguma coisa</i>” (Estudante 31); “<i>vejo que muitas vezes as pesquisas qualitativas elas geram insegurança não só para quem está avaliando, mas para quem está fazendo por conta dessa validade na área contábil</i>” (Estudante 49); “<i>não fiz as matérias de pesquisa qualitativa</i>” (Estudante 69); “<i>não leio qualitativo de jeito nenhum só leio quantitativo, pesquisa qualitativa não leio nada</i>” (Estudante 95).</p>	<p>Baixa ênfase no uso de métodos qualitativos em virtude do não conhecimento e por vezes a opção pelo não contato.</p>
<p>Levando em consideração os instrumentos de pesquisa para a</p>	<p>“<i>nas minhas pesquisas questionários</i>” (Estudante 1); “<i>predominantemente foi um levantamento, por meio de questionário</i>” (Estudante 2); “<i>dados primários, questionários</i>” (Estudante 3); “<i>questionário, coleta de dados</i></p>	<p>Coleta de dados primários, por meio da aplicação de questionários.</p>

<p>coleta das informações qual(is) é(são) de predominância em suas pesquisas?</p>	<p><i>primários</i>” (Estudante 29); “<b>questionário</b> para coletar os dados “ (Estudante 31); “<b>questionário</b>” (Estudante 45); “<b>questionários</b>” (Estudante 49); “na minha pesquisa uso <b>survey [...]</b>” (Estudante 56); “<b>Survey, questionário</b>” (Estudante 62); “predominância é o <b>questionário [...]</b>” (Estudante 66); “<b>aplicação de questionários</b>” (Estudante 70); “<b>questionário</b>” (Estudante 105).</p>	
	<p>“predominância que tenho são por coleta de dados, por meio de <b>entrevistas</b>” (Estudante 6); “vou fazer <b>entrevista</b>” (Estudante 8); “minhas últimas pesquisas são <b>entrevistas</b>” (Estudante 20); “geralmente <b>entrevistas</b>” (Estudante 33); “a predominância é com <b>entrevistas</b>” (Estudante 34); “roteiro de <b>entrevista</b>” (Estudante 58); “vou fazer uma <b>entrevista [...]</b>” (Estudante 60); “Para o meu trabalho é a <b>entrevista</b>” (Estudante 76).</p>	<p>Aplicação de entrevistas com menor ênfase.</p>
	<p>“<b>Entrevista e questionário, foi o que mais utilizei [...]</b>” (Estudante 5); “na tese a gente vai ter um <b>roteiro de entrevista [...]</b> e um <b>questionário</b>” (Estudante 36); “predominantemente <b>questionário, dois artigos eram questionário e uma entrevista [...]</b>” (Estudante 42); “<b>instrumentos já validados [...]</b>utilizo também as <b>entrevistas</b>” (Estudante 46); “são <b>entrevistas semiestruturada e questionários com perguntas, escala Likert</b>” (Estudante 64); “utilizei tanto <b>entrevistas com roteiro quanto questionários</b>” (Estudante 85).</p>	<p>Poucas menções sobre o uso conjunto de entrevistas semiestruturadas e questionários.</p>
	<p>“<b>Questionário e dados de fontes primárias, fontes secundárias, agora estou trabalhando bastante com dados fornecidos</b>” (Estudante 22); “as <b>entrevistas é um dos métodos principais para coletar os dados e outra análise documental [...]</b>” (Estudante 27); “<b>questionário com um roteiro também de entrevista, mas tenho nas últimas pesquisas trabalhado mais com análise documental</b>” (Estudante 28); “estou trabalhando com os <b>documentos, fatos relevantes, eventos subsequentes, demonstração financeira e formulário de referência e as entrevistas</b>” (Estudante 71); “coleta de dados da empresa com algum tipo de <b>documento e as entrevistas</b>” (Estudante 75); “<b>entrevistas, observações e documentos</b>” (Estudante 77); “na minha dissertação foi <b>pesquisa documental, mas na minha tese vai ser um roteiro de entrevista [...]</b>” (Estudante 99); “<b>Entrevista e documental</b>” (Estudante 103).</p>	<p>Coleta documental em conjunto com entrevistas.</p>
	<p>“<b>Dados secundários</b>” (Estudante 4); “geralmente uso a <b>nota explicativa</b>” (Estudante 7); “predominante vai ser uma <b>análise documental</b>” (Estudante 10); “mais para essa área <b>documental [...]</b>” (Estudante 11); “As minhas pesquisas sempre foram com <b>banco de dados públicos</b>” (Estudante 14); “predominância são <b>documentais</b> foi o que mais pesquisei “ (Estudante 15); “informações financeiras das empresas, é basicamente, [...], <b>base de dados</b>” (Estudante 16); “[...] basicamente são <b>documentos [...]</b>” (Estudante 17); “relatórios de contabilidade das empresas sobretudo trabalhando com empresas da B3, então há uma predominância de <b>banco de dados [...]</b>” (Estudante 18); “[...] <b>leitura de nota explicativa</b>” (Estudante 23); “geralmente utilizo <b>dados secundários</b>”</p>	<p>Predominância significativa pela coleta de informações, por meio de dados secundários, como por exemplo, documentos extraídos de informações públicas.</p>

	(Estudante 32); “ <i>you entra no site de empresa por empresa, coleta os relatórios de contabilidade</i> ” (Estudante 38); “ <i>informações do governo federal</i> ” (Estudante 40); “ <i>as bases de dados da CAPES</i> ” (Estudante 43); “ <i>coletas de informações públicas de mercado e de empresas [...]</i> ” (Estudante 47); “ <i>coleta de dados secundários</i> ” (Estudante 50); “ <i>base é secundária [...]</i> ” (Estudante 51); “ <i>base de dados secundários [...]</i> ” (Estudante 52); “ <i>dados secundários, vou usar os relatórios publicados [...]</i> ” (Estudante 54); “ <i>bancos de dados disponibilizados publicamente pelas empresas [...]</i> ” (Estudante 57); “ <i>coleta documental predominantemente</i> ” (Estudante 59); “ <i>100% faço pesquisa documental</i> ” (Estudante 63); “ <i>banco de dados</i> ” (Estudante 65); “ <i>coleta documental</i> ” (Estudante 67); “ <i>dados prontos, [...] Bovespa, Banco Central</i> ” (Estudante 68); “ <i>basicamente são os dados do Banco Central</i> ” (Estudante 69); “ <i>sempre coletei em base de dados</i> ” (Estudante 73); “ <i>Documentos, análise documental é o que predomina [...]</i> ” (Estudante 86); “ <i>[...] Dados secundários</i> ” (Estudante 87); “ <i>utilização de banco de dados</i> ” (Estudante 90); “ <i>utilizo base de dados</i> ” (Estudante 93); “ <i>dados secundários</i> ” (Estudante 94); “ <i>banco de dados</i> ” (Estudante 95); “ <i>bases de dados do Banco Central</i> ” (Estudante 97); “ <i>Pesquisas documental foi o que mais utilizei</i> ” (Estudante 99); “ <i>Dados secundários hoje pego os dados das bases do governo</i> ” (Estudante 98); “ <i>coleta manual</i> ” (Estudante 102); “ <i>A maioria das minhas pesquisas são banco de dados</i> ” (Estudante 104).	
--	--	--

Nota. Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa

A partir da construção da codificação focada explicitada, por meio da Tabela 16 e consequentemente da subcategoria formada, houve a possibilidade da formação da última codificação, ou seja, a codificação avançada. Tie et al. (2019) argumentam que cabe a esta fase que começa a integração teórica, ou seja, é onde “ocorre o estágio culminante final para alcançar uma *Grounded Theory*”.

Nesse sentido, a Tabela 17 retoma a subcategoria formada na codificação focada tornando-a na codificação avançada com a denominação de ‘códigos avançados’ para fazer com que uma nova subcategoria seja formada.

**Tabela 17**

Codificação avançada a partir da codificação focada encontrada

	Códigos avançados	Subcategoria formada
Quanto aos aspectos metodológicos na construção da tese, o que você considera mais importante ou mais	Processo de reflexão que possa exprimir com clareza e credibilidade aspectos como validação e replicabilidade de como, onde e porque todo o percurso da pesquisa foi realizado.	Processo de reflexão de cunho ontológico e epistemológico que direcionará a construção do protocolo de pesquisa que constará a escolha da
	Uso do protocolo de pesquisa que conste a escolha da abordagem, se quantitativa ou qualitativa, além	

apropriado ser inserido nesse capítulo?	da forma como as informações foram coletadas e tratadas.	abordagem, das pessoas, das variáveis, das hipóteses, das perguntas a serem realizadas para que este conjunto contenha clareza, credibilidade, validação e replicabilidade.
	Explicar ao leitor qual a sua visão de mundo (ontologia), bem como qual sua proposta de construção do conhecimento (epistemologia).	
	Escolha da população, da amostra, das variáveis, do modelo econométrico e após a escolha das pessoas e das perguntas certas testar as hipóteses construídas.	
Conte-me qual(is) o(s) método(s) predominante(s) na prática de suas pesquisas e principalmente em sua tese? O que levou você a essas escolhas?	Predominância por métodos estatísticos como regressões, modelagem de equações estruturais, análise de conglomerados e análise fatorial.	Predominância por métodos estatísticos com menor ênfase a métodos qualitativos e a opção entre um e outro vincula-se a teoria escolhida, a disponibilidade das informações, ao problema da pesquisa além da influência do orientador e grupos de pesquisa.
	Uso de estudo de caso, análise de conteúdo e com menor ênfase análise de discurso e <i>Ground Theory</i> .	
	Escolha intimamente relacionada a teoria escolhida, a disponibilidade das informações, a questão de pesquisa, bem como a influência de terceiros como Professor/orientador e grupos de pesquisa.	
Você poderia comentar um pouco sobre o uso/importância/pertinência de métodos quantitativos e qualitativos em pesquisas da área contábil?	Predominância e certa sobreposição dos métodos quantitativos em relação aos qualitativos, pressão por produção e exigências para publicação, bem como o uso de métodos quantitativos proporcionar abrangência, confiabilidade e objetividade.	A escolha dependerá do fenômeno a ser observado, porém há uma ênfase significativa em métodos quantitativos muito em virtude de exigências por produção e publicação que faz com que os métodos qualitativos sejam pouco explorados por pesquisadores da área contábil.
	O uso de métodos qualitativos associa-se a um potencial ainda inexplorado, desafio para os futuros doutores, com capacidade de maior detalhamento, profundidade, rigor, bem como a visão do pesquisador de forma explícita para a exposição de um contexto, ou seja, outra faceta da realidade que irá para além dos números.	
	A existência de complementariedade de ambos os métodos, a depender de que fenômeno você quer observar, para desenvolvimento da literatura, expansão do conhecimento, crescimento nas avaliações e discussões na contabilidade.	
	Baixa ênfase no uso de métodos qualitativos em virtude do não conhecimento e por vezes a opção pelo não contato.	
Levando em consideração os instrumentos de pesquisa para a coleta das informações qual(is) é(são) de predominância em suas pesquisas?	Coleta de dados primários, por meio da aplicação de questionários.	Ênfase significativa de coleta das informações, por meio de dados secundários, com baixa predominância pelo uso de dados primários.
	Aplicação de entrevistas com menor ênfase.	
	Poucas menções sobre o uso conjunto de entrevistas semiestruturadas e questionários.	
	Coleta documental em conjunto com entrevistas.	
	Predominância significativa pela coleta de informações, por meio de dados secundários, como por exemplo, documentos extraídos de informações públicas.	

Nota. Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa

A Tabela 17 demonstrou a nova subcategoria formada para a construção da Categoria Adjacente ao Prisma Metodológico. Assim, a Tabela 18 a qual corresponde a última codificação teve como incumbência conectar os códigos finais transformando-os em uma nova (e última) categoria adjacente.

**Tabela 18**

Construção da Categoria Adjacente ao Prisma Metodológico

	<b>Código final</b>	<b>Categoria</b>
Quanto aos aspectos metodológicos na construção da tese, o que você considera mais importante ou mais apropriado ser inserido nesse capítulo?	Processo de reflexão de cunho ontológico e epistemológico que direcionará a <b>construção do protocolo de pesquisa que constará a escolha da abordagem, das pessoas, das variáveis, das hipóteses, das perguntas</b> a serem realizadas para que este <b>conjunto contenha clareza, credibilidade, validação e replicabilidade.</b>	<b>Dimensão de Matriz Procedimental Tradicional</b>
Conte-me qual(is) o(s) método(s) predominante(s) na prática de suas pesquisas e principalmente em sua tese? O que levou você a essas escolhas?	<b>Predominância por métodos estatísticos com menor ênfase a métodos qualitativos</b> e a opção entre um e outro <b>vincula-se a teoria escolhida</b> , a disponibilidade das informações, ao problema da pesquisa além da <b>influência do orientador e grupos de pesquisa.</b>	
Você poderia comentar um pouco sobre o uso/importância/pertinência de métodos quantitativos e qualitativos em pesquisas da área contábil?	A escolha dependerá do fenômeno a ser observado, porém há <b>uma ênfase significativa em métodos quantitativos</b> muito em virtude de <b>exigências por produção e publicação</b> que faz com que os <b>métodos qualitativos sejam pouco explorados por pesquisadores da área contábil.</b>	
Levando em consideração os instrumentos de pesquisa para a coleta das informações qual(is) é(são) de predominância em suas pesquisas?	<b>Ênfase</b> significativa de coleta das informações, por meio de <b>dados secundários</b> , com <b>baixa predominância pelo uso de dados primários.</b>	

*Nota.* Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa

Nesta segunda categoria apresentada na Tabela 18 de nome “Dimensão de Matriz Procedimental Tradicional’ houveram algumas reflexões para a composição dessa dimensão. Primeiro, com ênfase ao termo Procedimental o qual refere-se a um “processo que sempre inicia por uma descrição ou uma visualização do modelo a ser seguido” (Zabala & Arnau, 2010, p. 56).

Em segundo lugar, diz respeito ao como fazer ou conforme Zabala e Arnau (2010) mencionam corresponde ao ‘saber fazer’, ou seja, tem como primazia o entendimento de como “aplicar determinados conceitos e teorias em situações práticas” (Funari & Lindemann, 2023,

p. 7). Em outras palavras, é a capacidade de escolher com base em estratégias qual o melhor caminho para atingir determinado objetivo, ou seja, quais serão os procedimentos necessários para a resolução de um problema específico, por exemplo.

Neste viés procedimental, segundo Funari e Lindemann (2023) e Zabala (2010) há três termos inculcados a tal dimensão, sendo eles: métodos, procedimentos e técnicas. O primeiro relaciona-se a “uma ação mais ampla que engloba técnicas e procedimentos para atingir os objetivos”. O segundo refere-se as “ações que norteiam a prática para atingir um objetivo específico baseado em técnicas e métodos consolidados” (Funari & Lindemann, 2023, p. 7). Já o terceiro diz respeito a “ação necessária para a realização de um determinado procedimento” (Funari & Lindemann, 2023, p. 7).

Em síntese, como forma de exemplificação buscou-se mencionar a respeito dos três termos (métodos, procedimentos e técnicas) e do que estes representaram na construção desta tese. Assim, seguem-se, respectivamente: a escolha do método que seja aderente as conceituações e teorias selecionadas para atingimento do objetivo (exemplo: *Grounded Theory*).

O segundo refere-se ao (ii) reconhecimento das etapas do método com foco na resolução do objetivo (exemplo: os desdobramentos, o passo a passo para a realização da *Grounded Theory*). Já o termo ‘técnicas’ (iii) corresponde ao elo entre a escolha do método e o reconhecimento das etapas, ou seja, é a forma pela qual será operacionalizada a ação para, por fim, buscar a resolução do objetivo (exemplo: a construção das codificações inicial, focada e avançada, prerrogativas básicas para a construção de uma *Grounded Theory*) (Funari & Lindemann, 2023; Zabala, 2010).

Ratifica-se, portanto, a denominação Procedimental, pois levou-se em consideração a literatura que trata do significado do termo, bem como as menções trazidas pelos entrevistados os quais externaram a premência para a composição de uma metodologia, a necessidade de um detalhamento do caminho a ser seguido. A Tabela 18 demonstrou, por meio dos ‘códigos finais’ as palavras proferidas com maior ênfase pelos entrevistados e que correspondem a compreensão destes como alguns dos principais aspectos que precisam estar contidos no Prisma Metodológico.

No tocante a escolha pelo termo Tradicional para a composição final da dimensão tem-se como consideração o entendimento das pesquisas na área contábil serem conhecidas por seu perfil *mainstream* pelo fato da influência norte-americana recebida. Em outras palavras há uma predominância de estudos realizados com foco metodológico vinculado a métodos quantitativos, bem como o uso de técnicas estatísticas e modelos de mensuração. Conforme

mencionado por Baker (2011) “é chamado positivista principalmente, porque a sua perspectiva filosófica subjacente é que o empreendimento de investigação deve concentrar-se em dados mensuráveis, ou seja, empíricos” (p. 208).

Não há dúvida de que os métodos quantitativos agregam a resolução de problemas e visualizações a nível macro, porém o uso de métodos alternativos também possui sua usabilidade para a resolução de problemas e/ou situações que requerem uma compreensão a nível micro, isto é, mais específico, mais focado em particularidades. A Tabela 18 trouxe à tona as falas que foram expostas com maior ênfase o que acabou por ratificar o uso predominante no desenvolvimento de estudos utilizando-se, ainda, com primazia o uso já tradicional de abordagens e métodos quantitativos.

Para Carnegie et al. (2021) “as formas tradicionais e a perpetuação do seu estereótipo tecnicista combinado com a concentração contínua no ensino de técnicas, métodos e procedimentos no ensino da contabilidade. Esses fatores estão delimitando e restringindo o seu potencial interpretativo” (p. 3). Com base na triangulação e na aderência das conexões propostas nesta tese, com as reflexões trazidas pelos futuros doutores em contabilidade, bem com as ponderações encontradas na literatura deu-se a essa Categoria Adjacente ao Prisma Metodológico a denominação de ‘Dimensão de Matriz Procedimental Tradicional’.

#### 4.7.3 Categoria adjacente ao Prisma Pedagógico

De mesma forma como as categorias adjacentes sobre o Prisma Teórico e o Prisma Metodológico foram construídas, a ‘Categoria Adjacente ao Prisma Pedagógico’ também sofreu o mesmo percurso. Assim, a Tabela 19 traz os códigos iniciais a partir das quatro questões elaboradas e que foram conectadas as respostas dadas pelos doutorandos partindo-se do memorando e das palavras ou termos externados com maior ênfase.

**Tabela 19**

Codificação inicial a partir do recorte das falas predominantes

	<b>Códigos iniciais</b>
Quando se comenta sobre implicações pedagógicas nos referimos a educação, ensino-aprendizagem, currículo, docência, projetos	“A gente tem uma disciplina, de Metodologia do Ensino [...] é uma disciplina que não é obrigatória” (Estudante 2); “a gente tem uma única disciplina que discute práticas pedagógicas, que é uma disciplina chamada de Metodologia de Ensino” (Estudante 10); “a gente teve uma disciplina que fiz, ela era optativa, de Metodologia do Ensino” (Estudante 11); “a gente trabalhou com uma disciplina de Metodologia do Ensino Superior [...] era optativa” (Estudante 14); “tinha uma disciplina que acabei fazendo [...] era Metodologia do Ensino [...]mas ela não é obrigatória, ela é eletiva” (Estudante 16); “existe uma disciplina que é Metodologia do Ensino [...] que é uma disciplina que tenta focar um pouco mais nessas questões, mas não cursei ela nesse período”

<p>e treinamento. Para você, caso sua intenção seja a docência houveram discussões sobre esses pontos até o momento de seu doutorado? Comente.</p>	<p>(Estudante 20); “acho que é uma construção necessária, só que é curioso, ela é eletiva, fiz porque tinha interesse de entender melhor, de aprender essa parte [...] talvez deveria ter sido obrigatória essa disciplina para todos cursarem” (Estudante 27); “tive uma disciplina de Metodologia do Ensino Superior em que esses pontos geram uma discussão [...] é uma disciplina que só fui fazer porque o meu orientador [...] sugeriu” (Estudante 29); “tive um contato maior na disciplina de Metodologia do Ensino Superior no mestrado” (Estudante 33); “no doutorado nós tivemos uma disciplina específica voltada para a docência, [...] os anseios do docente, então a gente teve uma disciplina muito bem estruturada, muito bem conduzida, para esse interesse de quem quer ser docente ou melhorar como [...]. Ela era optativa” (Estudante 52); “Sim, principalmente na disciplina de Metodologia de Ensino em contabilidade [...]” (Estudante 66); “nós temos as discussões das metodologias, por exemplo na disciplina de metodologias [...] aí dentro dela a gente discuti métodos, mas assim superficialmente sem profundidade” (Estudante 86); “existe sim uma disciplina que é Metodologia do Ensino Superior, nessa disciplina que cursei que não foi obrigatória teve toda essa parte pedagógica, a parte de você montar um conteúdo programático” (Estudante 87); “Houveram algumas disciplinas que tratava dessa parte um pouco mais pedagógica, de ensino-aprendizagem, apesar que acho que talvez não tenha sido suficiente, acho que são disciplinas que deveriam estar na grade desde a graduação [...] era de livre escolha, optativas” (Estudante 90); “a gente teve uma disciplina lá no mestrado que era Metodologia do Ensino Superior [...] é optativa [...] no caso de bolsistas é obrigatória” (Estudante 99).</p> <p>“a gente discute mais no Estágio” (Estudante 7); “A gente tem Estágio de Docência [...] que trata a parte didática” (Estudante 21); “Quando fiz o Estágio Docência, conversei com o Professor” (Estudante 26); “No meu programa você é obrigado a fazer o Estágio Docência [...] até para quem não é bolsista, é obrigatório para todos” (Estudante 33); “a parte do Estágio de Docência também, mas o Estágio de Docência ajuda? eles te jogam lá na sala e te vira, então não tem essa parte de vamos olhar técnicas de pesquisa, como é que você pode apresentar” (Estudante 46); “Houveram discussões, mas não discussões aprofundadas sobre isso [...] adicionaria também [...] que o que ajuda os doutorandos é o Estágio Docente” (Estudante 56); “lembro que tive uma cadeira no programa voltada à docência e a outra parcela que vejo que fecha são os Estágios que os bolsistas ou quem não bolsista pode optar para fazer junto com o docente, [...] optei por não fazer o Estágio não obrigatório” (Estudante 60); “para falar a verdade, não. É uma discussão que a gente tem, a gente tem poucas disciplinas, efetivamente, nos programas de pós-graduação que trabalham a parte pedagógica, acaba ficando muito por conta do Estágio de Docência” (Estudante 65); “acho que a questão de discussão da parte de docência veio mais dentro do meu Estágio de Docência” (Estudante 75); “era obrigatório quem tinha bolsa era obrigada a fazer Estágio Docência durante o processo da bolsa enquanto estivesse com a bolsa tinha que estar fazendo Estágio de Docência e a gente não é preparado” (Estudante 83); “Implicações pedagógicas [...] houve sim, a gente tem que fazer Estágio de Docência e discutir sobre abordagens pedagógicas que funcionam ali na graduação, houve conversa sobre futuro, sobre docência, sobre ser Professor” (Estudante 103).</p> <p>“estou forçando aqui minha mente para lembrar e a única pessoa que está vindo na mente é a minha orientadora [...]. Sempre no meio das nossas conversas ela acaba falando muito sobre isso, sobre essa questão pedagógica, porque ela é muito didática” (Estudante 38); “não tinha uma disciplina específica para a docência do ensino superior, mas em cada disciplina o Professor comentava da questão” (Estudante 48); “a gente tem os nossos modelos de Professores que a gente acaba levando a práticas deles para a nossa própria prática, a gente acaba vendo a atividade deles como inspiração, mas algo formal, como um treinamento ou discussões ainda aplicadas não tivemos” (Estudante 58); “[...] houveram mais entre eu e o meu orientador, [...] nas disciplinas de</p>
--	--



	<p><i>contábeis não houveram não</i>” (Estudante 68); <i>“busquei uma disciplina em outro departamento de outro curso na pós-graduação que tratava de didática</i>” (Estudante 90).</p>
	<p><i>“No doutorado em relação a atividade predominante 90% foi em relação à pesquisa, [...] a gente não tem prática é um viés muito mais direcionado a pesquisa</i>” (Estudante 25); <i>“o foco ainda é muito grande no profissional pesquisador e não no profissional docente</i>” (Estudante 30); <i>“o doutorado, como mencionei é muito focado na pesquisa</i>” (Estudante 32); <i>“acho que o foco fica tão vidrado no aspecto da pesquisa que o aspecto da docência acaba sendo deixado um pouquinho de lado</i>” (Estudante 34); <i>“doutorado está muito voltado para pesquisa e se esqueceu um pouco sobre os outros pilares do que é uma universidade</i>” (Estudante 42); <i>“vejo o doutorado muito voltado para a pesquisa, para a formação de pesquisadores</i>” (Estudante 45); <i>“é frágil é voltado muito mais a pesquisa</i>” (Estudante 88).</p>
	<p><i>“A gente não tem Professores, [...], pelo menos até agora desenvolvendo nenhuma disciplina, [...] voltada para esse desenvolvimento pedagógico, que é tão necessário [...], mas que também é muito carente</i>” (Estudante 2); <i>“disciplina obrigatória de práticas pedagógicas, de metodologia de ensino, de docência, de forma geral, não existe nenhuma</i>” (Estudante 10); <i>“acho que é mais para cumprir o protocolo não me parece realmente ter um peso formativo muito relevante</i>” (Estudante 13); <i>“No doutorado nós não temos uma disciplina específica para isso</i>” (Estudante 18); <i>“muito a quem do que deveria ter tido na minha percepção</i>” (Estudante 23); <i>“No doutorado, não. Eu tive algumas discussões dentro de algumas disciplinas, mas não cheguei a cursar uma disciplina específica, voltado para a docência, isso eu fiz durante o mestrado</i>” (Estudante 28); <i>“diria que foram discussões rasas [...], porque nós não tínhamos, por exemplo disciplinas voltadas para essa temática</i>” (Estudante 30); <i>“lembro que no mestrado a gente teve uma disciplina voltada para a docência, mas no doutorado em si não</i>” (Estudante 31); <i>“o programa ele não tem nenhuma disciplina [...], os programas eles têm deveriam ter, pelo menos uma disciplina voltada para [...] uma preparação pedagógica</i>” (Estudante 32); <i>“acho que poucos Professores se dispõem a falar sobre isso</i>” (Estudante 33); <i>“a questão das implicações pedagógicas no doutorado, ela foi bem incipiente</i>” (Estudante 37); <i>“acho que teve mais discussões [...], mas não teve treinamento voltado para isso</i>” (Estudante 40); <i>“tive muito mais contato com isso no mestrado, no doutorado não</i>” (Estudante 44); <i>“No doutorado foi fraco, não teve muita essa parte, então, no mestrado a gente tinha disciplina voltada para a área de educação</i>” (Estudante 46); <i>“Não houveram discussões [...]. O Estágio de Docência ele é aplicado para alunos de mestrado obrigatoriamente, mas para os alunos do doutorado somente aqueles que tem bolsa</i>” (Estudante 49); <i>“Na verdade não e acho que isso é uma coisa que falta</i>” (Estudante 58); <i>“não tive nenhum contato com prática pedagógica, tive uma disciplina no mestrado</i>” (Estudante 63); <i>“não tivemos esse tipo de discussão</i>” (Estudante 69); <i>“Não, nem no mestrado e nem no doutorado</i>” (Estudante 71); <i>“não me lembro de nenhuma discussão significativa a respeito disso</i>” (Estudante 76); <i>“acho que é uma coisa que falta realmente no doutorado, não vi dentro da grade, [...], especialmente só para a docência</i>” (Estudante 79); <i>“Não houve nenhuma discussão, nem no mestrado, nem no doutorado</i>” (Estudante 83); <i>“no doutorado [...] a gente não discute a docência isso acaba ficando para você aprender no dia a dia, na prática mesmo [...] acho que tinha que ter ali um espaço para esse tipo de discussão</i>” (Estudante 86); <i>“não tem muita discussão na minha percepção acerca da docência</i>” (Estudante 93); <i>“no meu doutorado nunca teve uma discussão</i>” (Estudante 100).</p>
<p>Quais suas intenções profissionais após o término do doutorado? Há ou</p>	<p><i>“A minha pretensão é o pós-doutorado e a carreira acadêmica</i>” (Estudante 2); <i>“quero [...] continuar [...] como Professor e pesquisador</i>” (Estudante 3); <i>“adoro ser professor [...] adoro lecionar</i>” (Estudante 4); <i>“a expectativa é dar sequência a esse processo de dar aulas, de ser Professor</i>” (Estudante 6); <i>“A minha intenção é à docência</i>” (Estudante 7); <i>“tenho vontade de continuar na área acadêmica</i>” (Estudante 8); <i>“vou tentar</i></p>

<p>houve algum contato/experiência profissional (mercado de trabalho) durante o doutorado?</p>	<p><i>concurso para docência</i>” (Estudante 11); “<i>gosto é de dar aula, gosto de ensinar [...] não me vejo fazendo outra coisa</i>” (Estudante 12); “<i>atuar como docente e como pesquisadora</i>” (Estudante 13); “<i>a minha intenção sempre foi à docência</i>” (Estudante 14); “<i>é focar com um concurso para a universidade estaduais e federais</i>” (Estudante 16); “<i>ingressar numa universidade pública</i>” (Estudante 18); “<i>entrar em uma instituição de ensino superior e me dedicar integralmente à docência e as atividades do ensino, pesquisa e extensão</i>” (Estudante 20); “<i>continuar na docência é o que gosto de fazer me renova toda vez que estou em sala de aula</i>” (Estudante 22); “<i>Ir para sala de aula [...] ser aprovado em concurso</i>” (Estudante 23); “<i>minha intenção é a docência 100%</i>” (Estudante 32); “<i>me tornar docente de uma universidade federal</i>” (Estudante 33); “<i>expectativa é que eu siga na área acadêmica como Professora</i>” (Estudante 34); “<i>quero dar aula de Contabilidade</i>” (Estudante 39); “<i>tentar entrar num programa para tentar transmitir o conhecimento que adquiri</i>” (Estudante 48); “<i>quero continuar na docência</i>” (Estudante 51); “<i>gostaria de continuar dando aula</i>” (Estudante 54); “<i>minhas intenções eram voltadas a ser um pesquisador, Professor de uma federal</i>” (Estudante 56); “<i>venho desde o ano passado participando de alguns processos seletivos, efetivos</i>” (Estudante 61); “<i>minha intenção é seguir à docência</i>” (Estudante 62); “<i>gostaria de iniciar já lecionando</i>” (Estudante 70); “<i>tenho vontade de dar aula no doutorado</i>” (Estudante 72); “<i>acabei de assumir um concurso na área de docência</i>” (Estudante 75); “<i>já começo a abrir os olhos para concursos, [...] é o momento de começar a pensar nisso</i>” (Estudante 77); “<i>pretendo ingressar na docência</i>” (Estudante 79); “<i>pretendo passar no concurso para Professor efetivo</i>” (Estudante 84); “<i>pretendo voltar a universidade que me formei é uma forma de agradecimento [...]</i>” (Estudante 88); “<i>seguir com a carreira acadêmica</i>” (Estudante 89); “<i>A minha intenção profissional é continuar [...] dando aula</i>” (Estudante 92); “<i>estou buscando concluir o doutorado para que possa fazer concurso para o Professor</i>” (Estudante 93); “<i>a minha intenção [...] é continuar na docência</i>” (Estudante 100); “<i>Seguir na minha carreira de docente e pesquisadora</i>” (Estudante 102); “<i>Permanecer dando aula</i>” (Estudante 104).</p>
	<p>“<i>Atuar não só na graduação [...], pós-graduação, fazer palestras</i>” (Estudante 5); “<i>dou aula [...] e tenho tido algumas atividades de consultoria</i>” (Estudante 29); “<i>dar aula [...] e exerço atividade de mentoria, consultoria</i>” (Estudante 34); “<i>quero sim ir atrás de uma oportunidade acadêmica ou no Brasil ou no exterior e [...] tenho uma atividade profissional como gestor no mercado financeiro</i>” (Estudante 35); “<i>de repente em consultoria, palestra ou conseguindo novas aulas de pós</i>” (Estudante 36); “<i>não tenho intenção de ser somente Professor, pretendo conciliar o mercado profissional</i>” (Estudante 45); “<i>vou tentar concurso para docente, porque até então não havia pensado em fazer para docência, porque gosto da área que o atuo profissionalmente</i>” (Estudante 60); “<i>queria trabalhar durante o dia numa área administrativa e dar aula durante a noite</i>” (Estudante 83); “<i>trabalhei em escritório de Contabilidade [...] e comecei a docência</i>” (Estudante 84); “<i>continuar com a minha empresa [...] e outra intenção profissional é a docência</i>” (Estudante 101); “<i>meu grande objetivo futuro é fazer [...] um ponto de conexão entre academia e o mercado para não ser só mercado e não ser só academia</i>” (Estudante 105).</p>
	<p>“<i>atuei um ano e oito meses ensinando aula nas universidades, tive essa experiência profissional</i>” (Estudante 2); “<i>tive a possibilidade de orientar alunos de iniciação científica na outra universidade [...], também tive essa oportunidade [...] fiz dois projetos de consultoria</i>” (Estudante 10); “<i>a experiência que tive anteriormente na faculdade que dei aula, porque foi onde realmente me encontrei, gosto de dar aula</i>” (Estudante 12); “<i>atuo como docente em instituição privada</i>” (Estudante 13); “<i>sou concursada e gosto bastante de onde estou atuando, tenho ainda uma dúvida em ficar só com a docência ou com os dois</i>” (Estudante 15); “<i>já trabalhava, porque sou servidor concursado</i>” (Estudante 17); “<i>fui Professor substituto e dou aula em</i></p>

	<p><i>instituições privadas</i>” (Estudante 18); <i>“atuo como Professor substituto</i>” (Estudante 20); <i>“trabalhei um tempo como Professora em universidade particular e fiz um concurso</i>” (Estudante 21); <i>“tive pouca experiência profissional até chegar no doutorado</i>” (Estudante 23); <i>“durante o doutorado [...] já estava trabalhando no escritório contábil [...] e uma ideia seria muito legal dar aula depois</i>” (Estudante 26); <i>“já trabalhava antes então para mim foi só uma continuidade [...] sou Professor</i>” (Estudante 27); <i>“trabalho desde 2019 na docência</i>” (Estudante 28); <i>“[...] durante o doutorado [...] foquei 100%, busquei o afastamento [...] do meu trabalho</i>” (Estudante 30); <i>“estou no mercado</i>” (Estudante 36); <i>“houve contato na docência de instituições privadas, participei de elaboração de livros e capítulos de materiais</i>” (Estudante 40); <i>“Durante o doutorado, eu comecei a dar aula [...]”</i> (Estudante 42); <i>“todas as minhas experiências de trabalho foram na academia</i>” (Estudante 44); <i>“Durante o doutorado consegui uma posição no mercado financeiro “</i> (Estudante 55); <i>“já tinha, contato com a área [...] de ensino, dava aulas em uma outra universidade federal</i> (Estudante 56); <i>“minhas experiências sempre foram voltadas pra docência”</i> (Estudante 59); <i>“estou trabalhando desde sempre, desde que entrei na faculdade”</i> (Estudante 76); <i>“tive bastante oportunidade de dar aula por causa dessa formação híbrida”</i> (Estudante 89); <i>“antes do doutorado já estava em sala de aula e continuo</i> (Estudante 92).</p> <p><i>“o que tive de experiência foi o Estágio”</i> (Estudante 7); <i>“Não tive experiência nenhuma até agora”</i> (Estudante 14); <i>“o único contato, [...] tive foi com orientações, dei algumas orientações para curso de MBA”</i> (Estudante 32); <i>“Durante o doutorado não teve nenhuma experiência profissional”</i> (Estudante 49); <i>“a experiência profissional que tive foi justamente dessa aula durante o doutorado”</i> (Estudante 61); <i>“não tive contato com a docência efetivamente”</i> (Estudante 88); <i>“não tive experiência ainda no mercado de trabalho, no doutorado, nem atuando como contador”</i> (Estudante 93).</p>
<p>Ao atingir o grau de doutor(a) há algo que a literatura chama de ‘poder de voz’ o que você pode comentar sobre isso e a importância dessa mais alta titulação acadêmica como profissional e ser social?</p>	<p><i>“acho que enquanto doutorando e que vim de um sistema público acho que teria muita representatividade voltar para esse local [...] onde vou poder influenciar outras pessoas [...] acho que nós enquanto profissionais com um alto grau de graduação precisamos sempre ter mais voz, precisamos ter mais espaço, precisamos sair desse contexto operacional”</i> (Estudante 1); <i>“acho que tem esse peso sim, porque você é uma pessoa que concluiu, que passou pelo processo, então nesse ponto acho que você tem um pouco mais de credibilidade [...] isso acaba tendo [...] um efeito de reputação no aspecto mais social”</i> (Estudante 6); <i>“complexo esse poder de voz, mas acho que, ainda assim a gente precisa reconhecer que ele existe [...] que a gente tem influência no impacto dessa voz que a gente tem, ela é usada muitas vezes de autoridade [...]. Esse poder de voz ele vem com essas competências que são adquiridas durante o doutorado [...] as pessoas tendem a confiar mais em pessoas que são mais especializadas”</i> (Estudante 10); <i>“existe um poder de influenciar mais as sociedades com a sua opinião e também existe uma responsabilidade maior com aquilo que é dito”</i> (Estudante 17); <i>“o título de doutor ele traz esse poder de voz e responsabilidade, porque tudo que você falar as pessoas vão olhar de uma forma diferente, vão ter escutar de forma diferente”</i> (Estudante 18); <i>“acho que o doutorado parte [...] da responsabilidade e de entender das implicações do que se fala”</i> (Estudante 20); <i>“acredito que a gente tem muita responsabilidade a partir do momento que a gente tem uma titulação”</i> (Estudante 21); <i>“penso principalmente na hora de emitir uma opinião, principalmente quando o assunto é de Contabilidade penso mil vezes antes de falar, [...] acho que agora tem um peso maior o que falo”</i> (Estudante 23); <i>“poder de voz, ele traz uma responsabilidade também muito maior, porque você vai ter um impacto talvez mais significativo na vida de outras pessoas”</i> (Estudante 27); <i>“acho que isso traz uma responsabilidade junto com o título, [...] isso traz o seu local de fala [...] você passa a ser visto como uma pessoa não só que é reconhecida ali pela sua formação, pelo caminho que você percorreu do doutorado, mas também pelo que você fala”</i></p>

(Estudante 28); “isso dá um certo poder, uma certa influência e claro, ao mesmo tempo uma responsabilidade de não sair falando qualquer coisa [...] o poder de influenciar ele vem também com responsabilidade de falar algo que você tem segurança” (Estudante 32); “consigo sentir o poder de voz no dia a dia é aquela capacidade de você ter o seu lugar de fala reconhecido para falar com propriedade de um determinado tema” (Estudante 35); “tenho que usar esse poder de voz, a partir do que vou produzir na tese, que eu possa ser uma referência e levar essa contribuição para a Contabilidade, promover impactos na sociedade” (Estudante 37); “Na minha vida pessoal, no meio da minha família, que eu vim de uma família de tio, mãe, analfabetos, vim de uma família bem humilde, tenho plena consciência desse título” (Estudante 38); “acho que o principal para mim é como ser social mesmo vou ser a primeira doutora da minha família [...] a gente vai continuar aprendendo, continuar dividindo o conhecimento” (Estudante 39); “envolvem questões humanas, mais sociais de vida, lições de vida, aprendizado nesse sentido, a gente pode talvez contribuir com a parte social, ajudando as pessoas a compreenderem que as dificuldades são para todo mundo, a gente pode dar como exemplo do que a gente viveu, que a gente sofreu para chegar até esse ponto mais alto acadêmico, então a gente pode ajudar na parte social” (Estudante 40); “dá mais propriedade para falar, traz um senso de pertencimento, de integração a profissão e ao mesmo tempo, na minha percepção, traz uma pressão social” (Estudante 45); “mas estou muito mais apegada de fato que eu possa contribuir para a sociedade e devolver para a instituição que estou” (Estudante 58); “é uma responsabilidade, porque pensando em sala de aula primeiro, quando nós nos tornamos Professores e Professores doutores, [...] nós temos uma trajetória de pesquisadores, provavelmente uma formação docente, [...] nós afetamos a trajetória profissional dos nossos alunos e talvez vamos influenciar na escolha desses alunos para qual especialidade, inclusive alguns desses vão se interessar pela docência e pela pesquisa [...] esse poder de voz ele é simbólico, ninguém escreve pra gente você tem que fazer isso e aquilo, mas é como se fosse um papel social implícito dos Professores” (Estudante 77); “acho que dá mais credibilidade, dá mais confiança [...] e mais conhecimento para a gente compartilhar” (Estudante 85); “acho que o Professor ele tem um poder de voz muito grande dentro da sala de aula [...] acho que a gente tem um papel muito importante de incentivo à educação” (Estudante 102).

“acho que esse poder de voz fica muito na academia [...] por algum motivo, [...], esse meu poder de voz, acho que não fica nem dentro da minha casa” (Estudante 2); “não vejo [...] respeito da sociedade quanto a isso, vejo muita desvalorização nos últimos anos, não consigo ver isso sinceramente” (Estudante 11); “na minha percepção é que a sociedade não valoriza, [...] acho que no mercado de trabalho, no mundo corporativo como a gente é uma área de Ciência Social Aplicada [...] acho que valoriza menos ainda” (Estudante 13); “vejo que meu título de doutor não vai valer muita coisa, não vai responder quantas empresas consigo fechar a contabilidade no mês, [...] infelizmente e vejo que tem essa questão da distância entre o mundo profissional e o mundo acadêmico” (Estudante 22); “sei dessa importância dessa qualificação acadêmica profissional, mas ainda vejo na sociedade um certo distanciamento” (Estudante 36); “não vejo que a gente tem tanta voz assim quanto acho que deveria ter” (Estudante 42); “acho que não seria nem poder de voz, acho que seria poder de pesquisa” (Estudante 49); “não vejo como os programas de doutorado estão formando para isso, porque pela minha experiência, a gente é ensinado a fazer pesquisa, e basicamente as pesquisas mainstream” (Estudante 50); “acho que o título de doutor ele não te dá o poder de voz como muitos enxergam” (Estudante 51); “talvez isso não seja muito valorizado” (Estudante 71); “isso que os Professores falam, de poder de voz, de poder de fala, para mim isso é irrelevante” (Estudante 93).

<p>Depois de passar por essas experiências onde você se imagina daqui a 2, 5, 10 anos e que conselho você daria a alguém que acaba de descobrir que foi aprovado(a) em um doutorado em contabilidade?</p>	<p><i>“imagino trabalhar numa instituição pública”</i> (Estudante 1); <i>“o sonho de ser Professora de uma universidade federal”</i> (Estudante 2); <i>“considero ser um Professor”</i> (Estudante 6); <i>“me visualizo enquanto Professor da graduação”</i> (Estudante 10); <i>“gostaria de atuar como pesquisadora, como docente e ter uma carreira acadêmica”</i> (Estudante 13); <i>“estar numa sala de aula”</i> (Estudante 15); <i>“espero estar dentro de sala de aula de uma instituição federal”</i> (Estudante 18); <i>“talvez fazendo uma outra especialização em outros países”</i> (Estudante 19); <i>“espero estar no programa de pós-graduação incentivando pessoas”</i> (Estudante 20); <i>“espero estar estudando para concurso público”</i> (Estudante 22); <i>“em alguma instituição pública [...] me imagino”</i> (Estudante 23); <i>“gostaria de estar dando aula no exterior”</i> (Estudante 26); <i>“espero já estar concursado”</i> (Estudante 27); <i>“me vejo na sala de aula, pelos próximos anos de trabalho”</i> (Estudante 28); <i>“espero estar ensinado em uma universidade pública brasileira”</i> (Estudante 32); <i>“espero que esteja aprovado em um concurso”</i> (Estudante 34); <i>“me imagino lecionando”</i> (Estudante 35); <i>“estar lecionando com estabilidade, queria muito realizar o meu sonho de ser concursada de estar numa universidade ou um instituto federal”</i> (Estudante 39); <i>“me imagino já doutor em Contabilidade, pretendo fazer meus concursos, também, e pretendo daqui a cinco anos me vejo já mãe”</i> (Estudante 46); <i>“numa instituição de ensino”</i> (Estudante 58); <i>“dentro de uma sala de aula já com projeto de extensão consolidado”</i> (Estudante 59); <i>“me imagino estar dentro de uma sala de aula com os meus projetos de pesquisa”</i> (Estudante 61); <i>“vou continuar na carreira e não me vejo hoje fora da carreira acadêmica”</i> (Estudante 65); <i>“ingressar no programa de pós doc, [...] acho que vou tendenciar mais para a área pública [...], porque tem a questão da estabilidade”</i> (Estudante 68); <i>“pretendo estar concursado”</i> (Estudante 83); <i>“fazer um pós-doutorado, porque gosto muito da pesquisa e se eu tivesse a oportunidade de ir para fora estudar”</i> (Estudante 86); <i>“espero ter seguido firme na carreira acadêmica, feito pós-doutorado, talvez tenha tido alguma experiência internacional”</i> (Estudante 89); <i>“me vejo daqui a um curto, médio prazo relacionado [...] como Professor em uma universidade pública”</i> (Estudante 93); <i>“pretendo ter feito o meu pós-doc fora”</i> (Estudante 100); <i>“me imagino [...] uma Professora dedicada”</i> (Estudante 102).</p>
	<p><i>“se você se identifica com o que você quer fazer [...] e pretende seguir a carreira acadêmica o conselho que dou é de você saber que isso é um processo que ele vai demandar muito de você, [...], empenho, dedicação [...] não se julgar tanto, não se culpar tanto, sabe? por não estar lendo um artigo e estar tomando um sorvete”</i> (Estudante 2); <i>“nunca desistir, não desanime, não desista na primeira dificuldade, acredite no seu potencial, da sua capacidade infinita, [...] você consegue, [...] A caminhada não é fácil, realmente, existe bastante obstáculos, desafios, mas se você administrar, [...] principalmente os prazos, [...], cuide seus prazos”</i> (Estudante 5); <i>“ter um pouco mais de paciência [...] tem coisas que não dá para mudar, tem coisas que é questão de tempo e acho que maturidade”</i> (Estudante 6); <i>“acho que a academia precisa de pessoas dedicadas”</i> (Estudante 8); <i>“acho que é calma, tudo vai dar certo [...] estude e leia”</i> (Estudante 10); <i>“aproveitar o processo de descoberta, de explorar, de amadurecer, de estudar”</i> (Estudante 13); <i>“vai ter muita coisa boa, muito aprendizado, vai valer a pena, mas é um processo que a gente vai ter que passar por altos e baixos igual na graduação”</i> (Estudante 15); <i>“faça de fato [...] uma imersão dentro do curso, viva todos os momentos que são essenciais e aproveite, porque você está adquirindo um conhecimento pra vida tanto pra vida profissional, mas para vida social e pessoal”</i> (Estudante 18); <i>“se entender como pesquisador, se entender como alguém que gera, que produz conhecimento e se apropriar daquilo que ela entende sobre o que é Contabilidade e o que significa Contabilidade no contexto social”</i> (Estudante 20); <i>“aconselharia a não ter filho durante esse processo, não tenha filhos durante o processo, principalmente não por eles, porque a minha filhinha menor ela não entende ainda sabe ela não entende, mas pela gente, a gente se cobra muito”</i> (Estudante 22); <i>“seja cuidadoso, diligente na</i></p>

hora de procurar um orientador, converse com ele, converse com outras pessoas que foram orientadas” (Estudante 23); “seja franco com seu orientador” (Estudante 27); “tentar encontrar um apoio, alguém que você possa compartilhar, não só as suas conquistas, [...] não só o lado das angústias, [...] alguém que possa compartilhar com você esses dois momentos” (Estudante 28); “seja resiliente, vontade de desistir não vai faltar, a pressão será enorme, mas acima de tudo seja resiliente e tenha foco nos objetivos” (Estudante 29); “conhecer um pouco de quem vai ser o teu orientador [...] esse alinhamento de perspectiva é bem importante” (Estudante 34); “aproveite os anos iniciais do doutorado pra adquirir repertório de pesquisa, aquilo que está mais em evidência” (Estudante 36); “aproveita, porque é uma oportunidade incrível que você tem, você vai para um universo, você mergulha em um universo jamais imaginado, sabe? É muito profundo, é muito denso o amadurecimento que se tem em curto prazo” (Estudante 37); “sempre cuidar da saúde mental, porque não adianta pegar um título doente” (Estudante 39); “ter em mente quais são os objetivos profissionais” (Estudante 45); “acho que ter calma, não se comparar, a gente se comparar o tempo inteiro com os outros” (Estudante 58); “foque em cumprir os créditos, se possível no primeiro, segundo ano, [...], preste atenção aos créditos que devem cumpridos” (Estudante 62); “o doutorado é uma prova de resistência, como o mestrado foi também, acho que você tem que ser muito resiliente [...], então, é continuar, é dedicar, é ser resiliente e sonhar com um futuro um pouco melhor” (Estudante 65); “aconselharia que a pessoa tentasse se visualizar daqui 20 anos, por exemplo pra ela saber se aquilo que ela está fazendo agora, faz sentido para aquilo que ela quer no futuro” (Estudante 74); “buscar acompanhamento psicológico [...] porque as suas capacidades de pesquisadores são testadas [...] você começa a questionar suas próprias visões, opiniões, planos, então, ter um bom sistema de apoio acho que é essencial” (Estudante 75); “persistência, acho que é a palavra-chave, porque dificuldade a gente tem, a gente tem limitações como seres humanos, ninguém é perfeito, ninguém sabe tudo, a gente tem que saber compartilhar com os colegas, compartilhar com o orientador, com a família” (Estudante 86); “tentar administrar, planejar muito bem o seu tempo, porque não é fácil conciliar com outras coisas e fazer os deveres do doutorado” (Estudante 89); “tente manter o seu psicológico bem, porque se você estiver com seu psicológico bem e tiver com foco, determinação de fazer, você consegue, por mais dificuldade que você tenha durante o processo [...], você consegue concluir” (Estudante 102).

Nota. Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa

A partir dos códigos iniciais demonstrados na Tabela 19 foi possível a construção da codificação avançada. Nessa codificação os códigos iniciais foram condensados para que pudessem exprimir ainda mais as palavras ou trechos de frases mais aderentes entre os entrevistados, formando-se, assim, os códigos intermediários expostos na Tabela 20.

## Tabela 20

Codificação focada a partir do recorte das palavras predominantes com base na codificação inicial

	Códigos intermediários	Subcategoria formada
Quando se comenta sobre implicações pedagógicas nos referimos a	“disciplina de <b>Metodologia do Ensino</b> [...] é uma disciplina que <b>não é obrigatória</b> ” (Estudante 2); “tem uma única disciplina que é <b>Metodologia de Ensino</b> ” (Estudante 10); “disciplina que fiz, ela era <b>optativa, de Metodologia do</b>	Poucas discussões envolvendo as implicações pedagógicas, sendo

<p>educação, ensino-aprendizagem, currículo, docência, projetos e treinamento. Para você, caso sua intenção seja a docência houveram discussões sobre esses pontos até o momento de seu doutorado? Comente.</p>	<p><b>Ensino</b>” (Estudante 11); “<i>uma disciplina de Metodologia do Ensino Superior [...] era optativa</i>” (Estudante 14); “<i>uma disciplina que acabei fazendo [...] era Metodologia do Ensino [...], mas ela não é obrigatória, ela é eletiva</i>” (Estudante 16); “<i>existe uma disciplina que é Metodologia do Ensino [...], mas não cursei ela nesse período</i>” (Estudante 20); “<i>ela é eletiva, fiz, porque tinha interesse de entender melhor [...] talvez deveria ter sido obrigatória</i>” (Estudante 27); “<i>uma disciplina de Metodologia do Ensino Superior em que esses pontos geram uma discussão [...] é uma disciplina que só fui fazer porque o meu orientador [...] sugeriu</i>” (Estudante 29); “<i>tive um contato maior na disciplina de Metodologia do Ensino Superior no mestrado</i>” (Estudante 33); “<i>no doutorado nós tivemos uma disciplina específica voltada para a docência, [...] os anseios do docente, [...]. Ela era optativa</i>” (Estudante 52); “<i>na disciplina de Metodologia de Ensino em Contabilidade [...]</i>” (Estudante 66); “<i>nós temos as discussões das metodologias, por exemplo na disciplina de metodologias [...], mas superficialmente sem profundidade</i>” (Estudante 86); “<i>uma disciplina que é Metodologia do Ensino Superior, nessa disciplina que cursei que não foi obrigatória teve toda essa parte pedagógica</i>” (Estudante 87); “<b>Houveram algumas disciplinas</b> que tratava dessa parte um pouco mais pedagógica, de ensino-aprendizagem, apesar que acho que talvez não tenha sido suficiente, [...] era de livre escolha, <b>optativas</b>” (Estudante 90); “<i>a gente teve uma disciplina lá no mestrado que era Metodologia do Ensino Superior [...] é optativa [...] no caso de bolsistas é obrigatória</i>” (Estudante 99).</p>	<p>estas incutidas na disciplina de Metodologia do Ensino Superior, ofertada com maior ênfase de forma optativa.</p>
	<p>“<i>a gente discute mais no Estágio</i>” (Estudante 7); “<i>A gente tem Estágio de Docência [...] que trata a parte didática</i>” (Estudante 21); “<i>Quando fiz o Estágio Docência</i>” (Estudante 26); “<i>No meu programa você é obrigado a fazer o Estágio Docência [...] até para quem não é bolsista, é obrigatório para todos</i>” (Estudante 33); “<i>a parte do Estágio de Docência, mas não tem essa parte de vamos olhar técnicas de pesquisa, como é que você pode apresentar</i>” (Estudante 46); “<i>não discussões aprofundadas [...] o que ajuda os doutorandos é o Estágio Docente</i>” (Estudante 56); “<i>lembro que tive uma cadeira no programa voltada à docência e a outra parcela são os Estágios que os bolsistas ou quem não bolsista pode optar</i>” (Estudante 60); “<i>para falar a verdade não, a gente tem poucas disciplinas, que trabalham a parte pedagógica, acaba ficando muito por conta do Estágio de Docência</i>” (Estudante 65); “<i>acho que a questão de discussão da parte de docência veio mais dentro do meu Estágio de Docência</i>” (Estudante 75); “<i>era obrigatório quem tinha bolsa era obrigada a fazer Estágio Docência durante o processo da bolsa e a gente não é preparado</i>” (Estudante 83); “<i>Implicações pedagógicas [...] houve sim, a gente tem que fazer Estágio de Docência e discutir sobre abordagens pedagógicas que funcionam ali na graduação, houve conversa sobre futuro, sobre docência, sobre ser Professor</i>” (Estudante 103).</p>	<p>Estágio Docência como um elo para as discussões das implicações pedagógicas, porém com a ressalva de discussões incipientes e pelo fato da obrigatoriedade, em alguns casos, apenas para bolsistas.</p>

	<p><i>“estou forçando aqui minha mente para lembrar e a única pessoa que está vindo na mente é a minha orientadora [...] Sempre no meio das nossas conversas ela acaba falando muito sobre isso, sobre essa questão pedagógica, porque ela é muito didática”</i> (Estudante 38); <i>“não tinha uma disciplina específica para a docência do ensino superior, mas em cada disciplina o Professor comentava da questão”</i> (Estudante 48); <i>“a gente tem os nossos modelos de Professores que a gente acaba levando a práticas deles para a nossa própria prática, a gente acaba vendo a atividade deles como inspiração, mas algo formal, como um treinamento ou discussões ainda aplicadas não tivemos”</i> (Estudante 58); <i>“[...] houveram mais entre eu e o meu orientador, [...] nas disciplinas de contábeis não houveram não”</i> (Estudante 68); <i>“busquei uma disciplina em outro departamento de outro curso na pós-graduação que tratava de didática”</i> (Estudante 90).</p>	<p>Pela ausência de disciplinas sobre formação docente, alguns dos futuros doutores buscam informações em outros departamentos, além do predomínio da promoção das discussões, por meio dos Professores/orientadores que acabam tornando-se modelos docentes e inspirações.</p>
	<p><i>“No doutorado em relação a atividade predominante 90% foi em relação à pesquisa, [...] a gente não tem prática é um viés muito mais direcionado a pesquisa”</i> (Estudante 25); <i>“o foco ainda é muito grande no profissional pesquisador e não no profissional docente”</i> (Estudante 30); <i>“o doutorado, como mencionei é muito focado na pesquisa”</i> (Estudante 32); <i>“acho que o foco fica tão vidrado no aspecto da pesquisa que o aspecto da docência acaba sendo deixado um pouquinho de lado”</i> (Estudante 34); <i>“doutorado está muito voltado para pesquisa e se esqueceu um pouco sobre os outros pilares do que é uma universidade”</i> (Estudante 42); <i>“vejo o doutorado muito voltado para a pesquisa, para a formação de pesquisadores”</i> (Estudante 45); <i>“é frágil é voltado muito mais a pesquisa”</i> (Estudante 88).</p>	<p>Ênfase significativa na formação de pesquisadores em comparação a formação docente.</p>
	<p><i>“A gente não tem Professores, [...], pelo menos até agora desenvolvendo nenhuma disciplina, [...] voltada para esse desenvolvimento pedagógico”</i> (Estudante 2); <i>“disciplina obrigatória de práticas pedagógicas, de Metodologia de Ensino, de docência, de forma geral, não existe nenhuma”</i> (Estudante 10); <i>“acho que é mais para cumprir o protocolo não me parece realmente ter um peso formativo muito relevante”</i> (Estudante 13); <i>“No doutorado nós não temos uma disciplina específica para isso”</i> (Estudante 18); <i>“muito a quem do que deveria ter tido na minha percepção”</i> (Estudante 23); <i>“No doutorado, não. Eu tive algumas discussões dentro de algumas disciplinas, mas não cheguei a cursar uma disciplina específica, voltado para a docência, isso eu fiz durante o mestrado”</i> (Estudante 28); <i>“diria que foram discussões rasas [...], porque nós não tínhamos, por exemplo disciplinas voltadas para essa temática”</i> (Estudante 30); <i>“no mestrado a gente teve uma disciplina voltada para a docência, mas no doutorado em si não”</i> (Estudante 31); <i>“o programa ele não tem nenhuma disciplina [...], os programas eles têm deveriam ter”</i> (Estudante 32); <i>“acho que poucos Professores se dispõem a falar sobre isso”</i> (Estudante 33); <i>“a questão das implicações pedagógicas no doutorado, ela foi</i></p>	<p>Baixa e, por vezes, nula a oferta de disciplinas que tratem das discussões sobre as implicações pedagógicas nos doutorados em contabilidade.</p>



	<p><i>bem incipiente</i>” (Estudante 37); “<i>acho que teve mais discussões [...], mas não teve treinamento voltado para isso</i>” (Estudante 40); “<i>tive muito mais contato com isso no mestrado, no doutorado não</i>” (Estudante 44); “<i>No doutorado foi fraco, não teve muita essa parte, então, no mestrado a gente tinha disciplina voltada para a área de educação</i>” (Estudante 46); “<i>Não houveram discussões</i>” (Estudante 49); “<i>Na verdade não e acho que isso é uma coisa que falta</i>” (Estudante 58); “<i>não tive nenhum contato com prática pedagógica, tive uma disciplina no mestrado</i>” (Estudante 63); “<i>não tivemos esse tipo de discussão</i>” (Estudante 69); “<i>Não, nem no mestrado e nem no doutorado</i>” (Estudante 71); “<i>não me lembro de nenhuma discussão significativa a respeito disso</i>” (Estudante 76); “<i>acho que é uma coisa que falta realmente no doutorado, não vi dentro da grade, [...], especialmente só pra docência</i>” (Estudante 79); “<i>Não houve nenhuma discussão, nem no mestrado, nem no doutorado</i>” (Estudante 83); “<i>no doutorado [...] a gente não discute a docência isso acaba ficando para você aprender no dia a dia, na prática mesmo</i>” (Estudante 86); “<i>não tem muita discussão na minha percepção acerca da docência</i>” (Estudante 93); “<i>no meu doutorado nunca teve uma discussão</i>” (Estudante 100).</p>	
<p>Quais suas intenções profissionais após o término do doutorado? Há ou houve algum contato/experiência profissional (mercado de trabalho) durante o doutorado?</p>	<p>“<i>A minha pretensão é o pós-doutorado e a carreira acadêmica</i>” (Estudante 2); “<i>quero [...] continuar [...] como Professora e pesquisadora</i>” (Estudante 3); “<i>adoro ser Professor [...] adoro lecionar</i>” (Estudante 4); “<i>dar sequência a esse processo de dar aulas, de ser Professor</i>” (Estudante 6); “<i>A minha intenção é à docência</i>” (Estudante 7); “<i>tenho vontade de continuar na área acadêmica</i>” (Estudante 8); “<i>concurso para docência</i>” (Estudante 11); “<i>gosto é de dar aula, [...] não me vejo fazendo outra coisa</i>” (Estudante 12); “<i>atuar como docente e pesquisadora</i>” (Estudante 13); “<i>sempre foi à docência</i>” (Estudante 14); “<i>é focar com um concurso para a universidade estaduais e federais</i>” (Estudante 16); “<i>ingressar numa universidade pública</i>” (Estudante 18); “<i>entrar em uma instituição de ensino superior e me dedicar integralmente à docência e as atividades do ensino, pesquisa e extensão</i>” (Estudante 20); “<i>continuar na docência</i>” (Estudante 22); “<i>Ir para sala de aula [...] ser aprovado em concurso</i>” (Estudante 23); “<i>minha intenção é a docência 100%</i>” (Estudante 32); “<i>me tornar docente de uma universidade federal</i>” (Estudante 33); “<i>expectativa é que eu siga na área acadêmica como Professora</i>” (Estudante 34); “<i>quero dar aula de Contabilidade</i>” (Estudante 39); “<i>tentar entrar num programa para tentar transmitir o conhecimento que adquirir</i>” (Estudante 48); “<i>quero continuar na docência</i>” (Estudante 51); “<i>continuar dando aula</i>” (Estudante 54); “<i>minhas intenções eram voltadas a ser um pesquisador, Professor de uma federal</i>” (Estudante 56); “<i>venho desde o ano passado participando de alguns processos seletivos, efetivos</i>” (Estudante 61); “<i>seguir à docência</i>” (Estudante 62); “<i>gostaria de iniciar já lecionando</i>” (Estudante 70); “<i>tenho vontade de</i></p>	<p>Ênfase na intenção para a carreira acadêmica com predomínio para a realização de concursos e atuações em universidades federais.</p>

	<p><i>dar aula no doutorado</i>” (Estudante 72); <i>“acabei de assumir um concurso na área de docência</i>” (Estudante 75); <i>“já começo a abrir os olhos para concursos</i>” (Estudante 77); <i>“pretendo ingressar na docência</i>” (Estudante 79); <i>“pretendo passar no concurso para Professor efetivo</i>” (Estudante 84); <i>“pretendo voltar a universidade que me formei é uma forma de agradecimento [...]”</i> (Estudante 88); <i>“seguir com a carreira acadêmica</i>” (Estudante 89); <i>“continuar [...] dando aula</i>” (Estudante 92); <i>“fazer concurso para Professor</i>” (Estudante 93); <i>“a minha intenção [...] é continuar na docência</i>” (Estudante 100); <i>“Seguir na minha carreira de docente e pesquisadora</i>” (Estudante 102); <i>“Permanecer dando aula</i>” (Estudante 104).</p>	
	<p><i>Atuar não só na graduação [...], pós-graduação, fazer palestras</i>” (Estudante 5); <i>“dou aula [...] e tenho tido algumas atividades de consultoria</i>” (Estudante 29); <i>“dar aula [...] e exerço atividade de mentoria, consultoria</i>” (Estudante 34); <i>“quero sim ir atrás de uma oportunidade acadêmica ou no Brasil ou no exterior e [...] tenho uma atividade profissional como gestor no mercado financeiro</i>” (Estudante 35); <i>“de repente em consultoria, palestra ou conseguindo novas aulas de pós</i>” (Estudante 36); <i>“não tenho intenção de ser somente Professor, pretendo conciliar o mercado profissional</i>” (Estudante 45); <i>“concurso para docente, porque até então não havia pensado em fazer para docência, porque gosto da área que o atuo profissionalmente</i>” (Estudante 60); <i>“queria trabalhar durante o dia numa área administrativa e dar aula durante a noite</i>” (Estudante 83); <i>“trabalhei em escritório de contabilidade [...] e comecei a docência</i>” (Estudante 84); <i>“continuar com a minha empresa [...] e outra intenção profissional é a docência</i>” (Estudante 101); <i>“meu grande objetivo futuro é fazer [...] um ponto de conexão entre academia e o mercado</i>” (Estudante 105).</p>	<p>Intenção com menor ênfase em atuar como docente em conjunto com outras atividades profissionais (consultoria, palestra, escritório de contabilidade e mercado financeiro).</p>
	<p><i>“atuei um ano e oito meses ensinando aula nas universidades, tive essa experiência profissional</i>” (Estudante 2); <i>“tive a possibilidade de orientar alunos de iniciação científica na outra universidade [...], também tive essa oportunidade [...] fiz dois projetos de consultoria</i>” (Estudante 10); <i>“a experiência que tive anteriormente na faculdade que dei aula, porque foi onde realmente me encontrei</i>” (Estudante 12); <i>“atuo como docente em instituição privada</i>” (Estudante 13); <i>“sou concursada e gosto bastante de onde estou atuando tenho ainda uma dúvida em ficar só com a docência ou com os dois</i>” (Estudante 15); <i>“já trabalhava, porque sou servidor concursado</i>” (Estudante 17); <i>“fui Professor substituto e dou aula em instituições privadas</i>” (Estudante 18); <i>“atuo como Professor substituto</i>” (Estudante 20); <i>“trabalhei um tempo como Professora em universidade particular e fiz um concurso</i>” (Estudante 21); <i>“tive pouca experiência profissional até chegar no doutorado</i>” (Estudante 23); <i>“durante o doutorado [...] já estava trabalhando no escritório contábil [...]”</i> (Estudante 26); <i>“já trabalhava</i></p>	<p>Predominância na atuação profissional antes e durante o doutorado voltada com primazia a carreira docente, bem como com menor ênfase a atividades profissionais no decorrer do doutorado, a exemplo, consultoria, escritório contábil e mercado financeiro.</p>

	<p><i>antes [...] sou Professor” (Estudante 27); “trabalho desde 2019 na docência” (Estudante 28); “[...] durante o doutorado [...] foquei 100%, busquei o afastamento [...] do meu trabalho” (Estudante 30); “estou no mercado” (Estudante 36); “houve contato na docência de instituições privadas, participei de elaboração de livros e capítulos de materiais” (Estudante 40); “Durante o doutorado, comecei a dar aula [...]” (Estudante 42); “todas as minhas experiências de trabalho foram na academia” (Estudante 44); “Durante o doutorado consegui uma posição no mercado financeiro “ (Estudante 55); “já tinha contato com a área [...] de ensino, dava aulas em uma outra universidade federal (Estudante 56); “minhas experiências sempre foram voltadas pra docência” (Estudante 59); “estou trabalhando desde sempre, desde que entrei na faculdade” (Estudante 76); “tive bastante oportunidade de dar aula por causa dessa formação híbrida” (Estudante 89); “antes do doutorado já estava em sala de aula e continuo (Estudante 92).</i></p>	
	<p><i>“o que tive de experiência foi o Estágio” (Estudante 7); “Não tive experiência nenhuma até agora” (Estudante 14); “o único contato, [...] tive foi com orientações, dei algumas orientações para curso de MBA” (Estudante 32); “Durante o doutorado não teve nenhuma experiência profissional” (Estudante 49); “a experiência profissional que tive foi justamente dessa aula durante o doutorado” (Estudante 61); “não tive contato com a docência efetivamente” (Estudante 88); “não tive experiência ainda no mercado de trabalho, no doutorado, nem atuando como contador” (Estudante 93).</i></p>	<p>Única atuação profissional, quando houve, foi por meio do Estágio Docência.</p>
<p>Ao atingir o grau de doutor(a) há algo que a literatura chama de ‘poder de voz’ o que você pode comentar sobre isso e a importância dessa mais alta titulação acadêmica como profissional e ser social?</p>	<p><i>“acho que enquanto doutorando e que vim de um sistema público acho que <b>teria muita representatividade</b> voltar para esse local [...] onde <b>vou poder influenciar outras pessoas</b> [...] acho que [...] precisamos sempre ter mais voz, [...], precisamos sair desse contexto operacional” (Estudante 1); “acho que tem esse peso sim, [...] acho que você <b>tem um pouco mais de credibilidade</b> [...] isso acaba tendo [...] um efeito de <b>reputação no aspecto mais social</b>” (Estudante 6); “a gente precisa reconhecer que ele existe [...] que <b>a gente tem influência no impacto dessa voz</b> [...]. Esse poder de voz ele vem com essas competências que são adquiridas durante o doutorado [...] <b>as pessoas tendem a confiar</b> mais em pessoas que são mais especializadas” (Estudante 10); “<b>existe um poder de influenciar mais as sociedades</b> com a sua opinião e também existe <b>uma responsabilidade maior</b> com aquilo que é dito” (Estudante 17); “o título de doutor ele traz esse poder de voz e <b>responsabilidade</b>, porque tudo que você falar as pessoas vão olhar de uma forma diferente, vão ter escutar de forma diferente” (Estudante 18); “acho que o doutorado parte [...] da <b>responsabilidade e de entender das implicações do que se fala</b>” (Estudante 20); “<b>acredito que a gente tem muita responsabilidade</b> a partir do momento que a gente tem uma titulação” (Estudante 21); “<b>penso principalmente na</b></i></p>	<p>Ênfase significativa na compreensão de representatividade, credibilidade, confiança, responsabilidade, bem como a consciência do papel social em poder influenciar outras pessoas.</p>

<p><i>hora de emitir uma opinião, principalmente quando o assunto é de Contabilidade penso mil vezes antes de falar, [...] acho que agora tem um <b>peso maior no que eu falo</b>” (Estudante 23); “<b>poder de voz, ele traz uma responsabilidade também muito maior, porque você vai ter um impacto talvez mais significativo na vida de outras pessoas</b>” (Estudante 27); “<b>acho que isso traz uma responsabilidade junto com o título, [...] isso traz o seu local de fala [...] você passa a ser visto como uma pessoa [...] pelo caminho que você percorreu no doutorado, mas também pelo que você fala</b>” (Estudante 28); “<b>isso dá um certo poder, uma certa influência e claro, ao mesmo tempo uma responsabilidade de não sair falando qualquer coisa [...] o poder de influenciar ele vem também com responsabilidade de falar algo que você tem segurança</b>” (Estudante 32); “<b>consigo sentir o poder de voz no dia a dia é aquela capacidade de você ter o seu lugar de fala reconhecido para falar com propriedade de um determinado tema</b>” (Estudante 35); “<b>tenho que usar esse poder de voz, a partir do que vou produzir na tese, que eu possa ser uma referência e levar essa contribuição para a Contabilidade, promover impactos na sociedade</b>” (Estudante 37); “<b>Na minha vida pessoal, no meio da minha família, que eu vim de uma família de tio, mãe, analfabetos, vim de uma família bem humilde, tenho plena consciência desse título</b>” (Estudante 38); “<b>acho que o principal para mim é como ser social mesmo vou ser a primeira doutora da minha família [...] a gente vai continuar aprendendo, continuar dividindo o conhecimento</b>” (Estudante 39); “<b>envolvem questões humanas, mais sociais de vida, lições de vida, aprendizado nesse sentido, a gente pode talvez contribuir com a parte social, [...], a gente pode dar como exemplo do que a gente viveu</b>” (Estudante 40); “<b>dá mais propriedade para falar, traz um senso de pertencimento, de integração a profissão e ao mesmo tempo, na minha percepção, traz uma pressão social</b>” (Estudante 45); “<b>que eu possa contribuir para a sociedade e devolver para a instituição que estou</b>” (Estudante 58); “<b>é uma responsabilidade, porque [...] quando nós nos tornamos Professores [...] doutores, [...] nós afetamos a trajetória profissional dos nossos alunos e talvez vamos influenciar na escolha desses alunos [...] esse poder de voz ele é simbólico, ninguém escreve pra gente você tem que fazer isso e aquilo, mas é como se fosse um papel social implícito dos Professores</b>” (Estudante 77); “<b>acho que dá mais credibilidade, dá mais confiança [...] e mais conhecimento para a gente compartilhar</b>” (Estudante 85); “<b>acho que o Professor ele tem um poder de voz muito grande dentro da sala de aula [...] acho que a gente tem um papel muito importante de incentivo à educação</b>” (Estudante 102).</i></p>	
<p>“<b>acho que esse poder de voz fica muito na academia [...] por algum motivo, [...], esse meu poder de voz, acho que não fica nem dentro da minha casa</b>” (Estudante 2); “<b>não vejo [...] respeito da sociedade quanto a isso, vejo muita desvalorização</b>”</p>	<p>Não compreensão da existência do ‘poder de voz’ em virtude da desvalorização da</p>

	<p><i>nos últimos anos</i>” (Estudante 11); <i>“na minha percepção é que a sociedade não valoriza, [...] acho que no mercado de trabalho, no mundo corporativo [...] valoriza menos ainda”</i> (Estudante 13); <i>“vejo que tem essa questão da distância entre o mundo profissional e o mundo acadêmico”</i> (Estudante 22); <i>“sei dessa importância dessa qualificação acadêmico profissional, mas ainda vejo na sociedade um certo distanciamento”</i> (Estudante 36); <i>“não vejo que a gente tem tanta voz assim quanto acho que deveria ter”</i> (Estudante 42); <i>“acho que não seria nem poder de voz, acho que seria poder de pesquisa”</i> (Estudante 49); <i>“não vejo [...], a gente é ensinado a fazer pesquisa, e basicamente as pesquisas mainstream”</i> (Estudante 50); <i>“acho que o título de doutor ele não te dá o poder de voz como muitos enxergam”</i> (Estudante 51); <i>“talvez isso não seja muito valorizado”</i> (Estudante 71); <i>“isso que os Professores falam, de poder de voz, de poder de fala, pra mim isso é irrelevante”</i> (Estudante 93).</p>	<p>carreira docente atrelado ao distanciamento entre o mundo acadêmico e o profissional.</p>
<p>Depois de passar por essas experiências onde você se imagina daqui a 2, 5, 10 anos e que conselho você daria a alguém que acaba de descobrir que foi aprovado(a) em um doutorado em contabilidade?</p>	<p><i>“imagino trabalhar numa instituição pública”</i> (Estudante 1); <i>“o sonho de ser Professora de uma universidade federal”</i> (Estudante 2); <i>“considero ser um Professor”</i> (Estudante 6); <i>“me visualizo enquanto Professor da graduação”</i> (Estudante 10); <i>“gostaria de atuar como pesquisadora, como docente e ter uma carreira acadêmica”</i> (Estudante 13); <i>“estar numa sala de aula”</i> (Estudante 15); <i>“espero estar dentro de sala de aula de uma instituição federal”</i> (Estudante 18); <i>“talvez fazendo uma outra especialização em outros países”</i> (Estudante 19); <i>“espero estar no programa de pós-graduação incentivando pessoas”</i> (Estudante 20); <i>“espero estar estudando para concurso público”</i> (Estudante 22); <i>“em alguma instituição pública”</i> (Estudante 23); <i>“gostaria de estar dando aula no exterior”</i> (Estudante 26); <i>“espero já estar concursado”</i> (Estudante 27); <i>“me vejo na sala de aula, pelos próximos anos de trabalho”</i> (Estudante 28); <i>“espero estar ensinado em uma universidade pública brasileira”</i> (Estudante 32); <i>“espero que eu esteja aprovado em um concurso”</i> (Estudante 34); <i>“me imagino lecionando”</i> (Estudante 35); <i>“estar lecionando com estabilidade, queria muito realizar o meu sonho de ser concursada de estar numa universidade ou um instituto federal”</i> (Estudante 39); <i>“me imagino já doutor em Contabilidade, pretendo fazer meus concursos, também, e pretendo daqui a cinco anos me vejo já mãe”</i> (Estudante 46); <i>“numa instituição de ensino”</i> (Estudante 58); <i>“dentro de uma sala de aula já com projeto de extensão consolidado”</i> (Estudante 59); <i>“me imagino estar dentro de uma sala de aula com os meus projetos de pesquisa”</i> (Estudante 61); <i>“vou continuar na carreira e não me vejo hoje fora da carreira acadêmica”</i> (Estudante 65); <i>“ingressar no programa de pós doc,”</i> (Estudante 68); <i>“pretendo estar concursado”</i> (Estudante 83); <i>“fazer um pós-doutorado, porque gosto muito da pesquisa e se eu tivesse a oportunidade de ir para fora estudar”</i> (Estudante 86); <i>“espero ter seguido firme na carreira acadêmica, feito pós-doutorado”</i> (Estudante 89);</p>	<p>Em uma compreensão futura a primazia foi para a atuação na carreira docente (pesquisador e Professor) em universidades federais com menor ênfase a realização de um pós-doutorado.</p>

	<p>“<b>como Professor em uma universidade pública</b>” (Estudante 93); “<b>pretendo ter feito o meu pós-doc fora</b>” (Estudante 100); “<b>me imagino [...] uma Professora dedicada</b>” (Estudante 102).</p> <p>“<b>se você se identifica com o que você quer fazer [...] empenho, dedicação [...] não se culpar tanto por não estar lendo um artigo e estar tomando um sorvete</b>” (Estudante 2); “<b>nunca desistir, não desanime, não desista na primeira dificuldade, acredite no seu potencial, da sua capacidade infinita, [...] você consegue, [...], existe bastante obstáculos, desafios, mas se você administrar, [...] principalmente os prazos</b>” (Estudante 5); “<b>ter um pouco mais de paciência [...] tem coisas que não dá para mudar, tem coisas que é questão de tempo e acho que maturidade</b>” (Estudante 6); “<b>acho que a academia precisa de pessoas dedicadas</b>” (Estudante 8); “<b>acho que é calma, tudo vai dar certo [...] estude e leia</b>” (Estudante 10); “<b>aproveitar o processo de descoberta, de explorar, de amadurecer, de estudar</b>” (Estudante 13); “<b>vai valer a pena, mas é um processo que a gente vai ter que passar por altos e baixos igual na graduação</b>” (Estudante 15); “<b>faça de fato [...] você está adquirindo um conhecimento para vida profissional, para vida social e pessoal</b>” (Estudante 18); “<b>se entender como pesquisador, se entender como alguém que gera, que produz conhecimento e se apropriar daquilo que ela entende sobre o que é Contabilidade e o que significa Contabilidade no contexto social</b>” (Estudante 20); “<b>aconselharia a não ter filho durante esse processo, não tenha filhos durante o processo, principalmente não por eles, porque a minha filhinha menor ela não entende ainda sabe ela não entende, mas pela gente, a gente se cobra muito</b>” (Estudante 22); “<b>seja cuidadoso, diligente na hora de procurar um orientador, converse com ele, converse com outras pessoas que foram orientadas</b>” (Estudante 23); “<b>seja franco com seu orientador</b>” (Estudante 27); “<b>tentar encontrar um apoio, alguém que você possa compartilhar, não só as suas conquistas, [...] não só o lado das angústias</b>” (Estudante 28); “<b>seja resiliente, vontade de desistir não vai faltar, a pressão será enorme, mas acima de tudo seja resiliente e tenha focos objetivos</b>” (Estudante 29); “<b>conhecer um pouco de quem vai ser o teu orientador [...] esse alinhamento de perspectiva é bem importante</b>” (Estudante 34); “<b>aproveite os anos iniciais do doutorado pra adquirir repertório de pesquisa, aquilo que está mais em evidência</b>” (Estudante 36); “<b>aproveita, porque é uma oportunidade incrível que você tem, você vai para um universo, você mergulha em um universo jamais imaginado, sabe? É muito profundo, é muito denso o amadurecimento que se tem em curto prazo</b>” (Estudante 37); “<b>sempre cuidar da saúde mental, porque não adianta pegar um título doente</b>” (Estudante 39); “<b>ter em mente quais são os objetivos profissionais</b>” (Estudante 45); “<b>acho que ter calma, não se comparar, a gente se comparar o tempo inteiro com os outros</b>” (Estudante 58); “<b>foque em cumprir os créditos, se possível no primeiro, segundo ano</b>” (Estudante 62); “<b>o doutorado é uma</b></p>	<p>Como forma de aconselhamento alguns pontos foram mencionados: atenção quanto a escolha do tema e do orientador, estudar com dedicação, persistência, resiliência, administração do tempo, cuidado com os prazos, acreditar no potencial, cuidar da saúde mental e ser franco com o orientador.</p>
--	---	---

	<p><i>prova de resistência, [...], então, é continuar, é dedicar, é ser resiliente” (Estudante 65); “aconselharia que a pessoa tentasse se <b>visualizar daqui 20 anos, por exemplo pra ela saber se aquilo que ela está fazendo agora, faz sentido pra aquilo que ela quer no futuro</b>” (Estudante 74); “<b>buscar acompanhamento psicológico [...]</b> porque as suas capacidades de pesquisadores são testadas [...] você começa a questionar suas próprias visões, opiniões, planos, então, <b>ter um bom sistema de apoio</b> acho que é essencial” (Estudante 75); “<b>persistência</b>, acho que é a palavra-chave, porque dificuldade a gente tem, a gente tem limitações como seres humanos, ninguém é perfeito, ninguém sabe tudo” (Estudante 86); “<b>tentar administrar, planejar muito bem o seu tempo</b>, porque não é fácil conciliar com outras coisas e fazer os deveres do doutorado” (Estudante 89); “<b>tente manter o seu psicológico bem, porque se você estiver com seu psicológico bem e tiver com foco, determinação de fazer, você consegue, por mais dificuldade que você tenha durante o processo [...], você consegue concluir</b>” (Estudante 102).</i></p>	
--	--	--

Nota. Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa

Conforme exposto na Tabela 20 os argumentos suscitados com maior ênfase pelos futuros doutores transformaram-se em códigos intermediários e a partir destes houve a possibilidade de construção das subcategorias formadas. Tais subcategorias transformam-se, na codificação avançada em ‘códigos avançados’ (Tabela 21), os quais auxiliaram na formação de novas subcategorias.

**Tabela 21**

Codificação avançada a partir da codificação focada encontrada

	<b>Códigos avançados</b>	<b>Subcategoria formada</b>
Quando se comenta sobre implicações pedagógicas nos referimos a educação, ensino-aprendizagem, currículo, docência, projetos e treinamento. Para você, caso sua intenção seja à docência houveram discussões sobre esses pontos até o momento de seu doutorado? Comente.	Poucas discussões envolvendo as implicações pedagógicas, sendo estas inculcadas na disciplina de Metodologia do Ensino Superior, ofertada com maior ênfase de forma optativa.	Ênfase na formação de pesquisadores em comparação a formação docente, bem como discussões incipientes em grande parte inculcadas na disciplina de Metodologia do Ensino Superior, no Estágio Docência e promovidas pelos Professores/orientadores que acabam sendo reconhecidos como docentes modelos.
	Estágio Docência como um elo para as discussões das implicações pedagógicas, porém com a ressalva de discussões incipientes e pelo fato da obrigatoriedade, em alguns casos, apenas para bolsistas.	
	Pela ausência de disciplinas sobre formação docente, alguns dos futuros doutores buscam informações em outros departamentos, além do predomínio da promoção das discussões, por meio dos Professores/orientadores que acabam tornando-se modelos docentes e inspirações.	
	Ênfase significativa na formação de pesquisadores em comparação a formação docente.	

	Baixa e, por vezes, nula a oferta de disciplinas que tratem das discussões sobre as implicações pedagógicas nos doutorados em contabilidade.	
Quais suas intenções profissionais após o término do doutorado? Há ou houve algum contato/experiência profissional (mercado de trabalho) durante o doutorado?	Ênfase na intenção para a carreira acadêmica com predomínio para a realização de concursos e atuações em universidades federais.	Predomínio pela intenção de entrada e/ou continuidade na carreira docente em universidades federais com menor ênfase para atuação em outras atividades profissionais contábeis.
	Intenção com menor ênfase em atuar como docente em conjunto com outras atividades profissionais (consultoria, palestra, escritório de contabilidade e mercado financeiro).	
	Predominância na atuação profissional antes e durante o doutorado voltada com primazia a carreira docente, bem como com menor ênfase a atividades profissionais no decorrer do doutorado, a exemplo, consultoria, escritório contábil e mercado financeiro.	
	Única atuação profissional, quando houve, foi por meio do Estágio Docência.	
Ao atingir o grau de doutor(a) há algo que a literatura chama de ‘poder de voz’ o que você pode comentar sobre isso e a importância dessa mais alta titulação acadêmica como profissional e ser social?	Ênfase significativa na compreensão de representatividade, credibilidade, senso de pertencimento, confiança, responsabilidade, bem como a consciência do papel social em poder influenciar outras pessoas.	A existência de uma consciência do poder de voz com foco na representatividade, credibilidade, responsabilidade e ciência do papel social, porém com ênfase similar a discordância desse poder de voz pelo fato da desvalorização docente e baixa conexão entre o mundo acadêmico e profissional.
	Não compreensão da existência do ‘poder de voz’ em virtude da desvalorização da carreira docente atrelado ao distanciamento entre o mundo acadêmico e o profissional.	
Depois de passar por essas experiências onde você se imagina daqui a 2, 5, 10 anos e que conselho você daria a alguém que acaba de descobrir que foi aprovado(a) em um doutorado em contabilidade?	Em uma compreensão futura a primazia foi para a atuação na carreira docente (pesquisador e Professor) em universidades federais com menor ênfase a realização de um pós-doutorado.	Visualização futura com ênfase a atuação docente e para tal questões relacionadas a estudar com dedicação, persistência, resiliência, administração do tempo, cuidado com os prazos, acreditar no potencial, cuidar da saúde mental e ser franco com o orientador precisam coexistir para a concretude de um doutorado.
	Como forma de aconselhamento alguns pontos foram mencionados: atenção quanto a escolha do tema e do orientador, estudar com dedicação, persistência, resiliência, administração do tempo, cuidado com os prazos, acreditar no potencial, cuidar da saúde mental e ser franco com o orientador.	

*Nota.* Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa

A última codificação formulada apresentada na Tabela 21 traz a construção das últimas subcategorias, as quais são expostas na Tabela 22 com a denominação de ‘código final’. Tal código é responsável pela formulação e denominação da ‘Categoria Adjacente ao Prisma Pedagógico’.



**Tabela 22****Construção da Categoria Adjacente ao Prisma Pedagógico**

	<b>Código final</b>	<b>Categoria</b>
Quando se comenta sobre implicações pedagógicas nos referimos a educação, ensino-aprendizagem, currículo, docência, projetos e treinamento. Para você, caso sua intenção seja a docência houveram discussões sobre esses pontos até o momento de seu doutorado? Comente.	<b>Ênfase na formação de pesquisadores em comparação a formação docente</b> , bem como <b>discussões incipientes sobre o ser docente e suas implicações adjacentes</b> que em grande parte são discutidas (por vezes superficialmente) na disciplina de Metodologia do Ensino Superior, no Estágio Docência e promovidas por alguns Professores/orientadores que acabam sendo reconhecidos como docentes modelos.	<b>Dimensão de Matriz Atitudinal Comportamental</b>
Quais suas intenções profissionais após o término do doutorado? Há ou houve algum contato/experiência profissional (mercado de trabalho) durante o doutorado?	<b>Predomínio pela intenção de entrada e/ou continuidade na carreira docente</b> em universidades federais com menor ênfase para atuação em outras atividades profissionais contábeis.	
Ao atingir o grau de doutor(a) há algo que a literatura chama de ‘poder de voz’ o que você pode comentar sobre isso e a importância dessa mais alta titulação acadêmica como profissional e ser social?	A existência de uma <b>consciência do poder de voz com foco na representatividade, credibilidade, responsabilidade e ciência do papel social</b> , porém com ênfase similar a discordância desse poder de voz pelo fato da <b>desvalorização docente e baixa conexão entre o mundo acadêmico e profissional</b> .	
Depois de passar por essas experiências onde você se imagina daqui a 2, 5, 10 anos e que conselho você daria a alguém que acaba de descobrir que foi aprovado(a) em um doutorado em contabilidade?	Visualização futura com <b>ênfase a atuação docente e para tal questões relacionadas a estudar com dedicação, persistência, resiliência, administração do tempo, cuidado com os prazos, acreditar no potencial, cuidar da saúde mental e ser franco com o orientador</b> precisam coexistir para a concretude de um doutorado.	

*Nota.* Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa

A Tabela 22 expõe que a partir dos ‘códigos finais’ a Categoria Adjacente ao Prisma Pedagógico recebeu como denominação o título de ‘Dimensão de Matriz Atitudinal Comportamental’. Importante salientar que mesmo o nome atribuído a esta última categoria adjacente é pertinente expor a contextualização do que cada termo representa tanto na literatura quanto na exposição das palavras pelos entrevistados.

Na concepção de Funari e Lindemann (2023) “a dimensão atitudinal apresenta uma grande oportunidade para pensar sobre ‘quem você é’, pois é a fase em que os estudantes são capazes de mobilizar seus valores, atitudes e normas” (p. 7). Tal mobilização que de forma crítica traz à tona, por exemplo concepções éticas, sociais e políticas.

Cabe a palavra Atitudinal a ramificação em três componentes cognitivos: valores, normas e atitudes. A primeira refere-se “aos princípios assumidos para construção de juízo moral”. A segunda diz respeito “aos padrões assumidos por determinados grupos sociais e que ditam como estes se manifestam”. Ao passo que o terceiro termo condiz com “a materialização do conjunto de normas e valores” (Funari & Lindemann, 2023, p. 7).

Sendo assim, atitudinal representa o ‘ser’, ou seja, é caracterizado pela identidade, pelas influências recebidas ao longo da vida, pela adaptabilidade, pelas relações, pela responsabilidade, pela autonomia etc. (Zabala & Arnau, 2010). Além disso, os autores ainda inferem que incutida na dimensão atitudinal encontram-se “as ações e declarações de intenção” (p. 121).

A partir das menções expostas pelos doutorandos com mais representativas e expostas na Tabela 22 infere-se a sua associação a dimensão atitudinal. Nas palavras de Zabala e Arnau (2010) “as atitudes são aprendidas, por meio de participação de múltiplas experiências nas quais são chave o exemplo, exercido pela pessoa admirada, as vivências em grupo, o compromisso para com o próprio grupo, a reflexão e o compromisso pessoal” (p. 159).

Em referência a inserção da palavra Comportamental atribui-se ao fato de que há uma sinalização por parte dos futuros doutores em contabilidade sobre a ciência de responsabilidade e do papel social a ser exercido diante seus pares e sociedade. Ademais, a compreensão de que tais entendimentos podem atuar como influenciadores de outros que desejam seguir o mesmo percurso.

Para Carnegie et al. (2021) “a contabilidade também é cada vez mais reconhecida em todo o mundo pelos seus efeitos sobre (e reflexos) dos comportamentos das pessoas e das suas ações nas organizações e na sociedade” (p. 4). Nesse viés, infere-se que quaisquer ações ou comportamentos não ocorrem de forma repentina e automática, ou seja, há a necessidade de refletir a respeito não apenas das escolhas como também da forma pela qual tais escolhas estão sendo influenciadas.

Sukoharsono (2022) argumenta que “o comportamento humano é criado na interação com os grupos sociais” (p. 174). Os autores, ainda, argumentam que:

A perspectiva da interação simbólica busca compreender o comportamento humano do ponto de vista do sujeito. Esta perspectiva sugere que o comportamento humano deve ser visto como um processo que permite aos humanos moldar e regular seu comportamento, considerando as expectativas de outras pessoas que são a sua interação (Sukoharsono, 2022, p. 174).

Libâneo (2003) complementa que “é na sala de aula que os Professores exercem sua influência direta sobre a formação e o comportamento dos alunos a partir de sua postura ao conhecimento específico, o relacionamento Professor-aluno e aluno-aluno, além de sua atitude e de seus valores” (p. 2). Em síntese, a formação da ‘Dimensão de Matriz Atitudinal Comportamental’ condiz com a articulação entre as alegações fornecidas pela literatura, assim como as reflexões externadas pelos futuros doutores em contabilidade.

#### ***4.7.4 Formulação da centralidade teórica: conexão entre os Prismas Teóricos, Metodológicos e Pedagógicos***

A partir do preceito de sensibilidade teórica trazida pela *Grounded Theory*, há a identificação de informações que condizem com as categorias formuladas, ou seja, visualiza-se um processo iterativo no qual fatores como qualidade, credibilidade, ressonância, rigor e coerência são prerrogativas básicas para a construção da *Grounded Theory* (Charmaz & Thornberg, 2021; Tie et al., 2019). Assim, Charmaz e Thornberg (2021) mencionam que sob o viés da *Grounded Theory* construtivista há a necessidade de uma “forte reflexividade durante todo o processo de pesquisa. Isto significa que os investigadores devem explicar os seus pressupostos tidos como certos, o que requer ganhar uma autoconsciência metodológica” (p. 315).

A partir das argumentações expostas e levando-se em consideração o pressuposto de ressonância, “os pesquisadores construíram conceitos que não apenas representam a experiência dos participantes da pesquisa, mas também fornecem novos insights.” (Charmaz & Thornberg, 2021, p. 316). Nesse sentido, a construção da centralidade teórica, nessa tese, parte-se das composições das dimensões formuladas pelas categorias adjacentes aos três Prismas (Teóricos, Metodológicos e Pedagógicos) conforme se apresenta na Tabela 23.

**Tabela 23**

Construção da Categoria de Centralidade Teórica

	<b>Categorias</b>	<b>Dimensões</b>	<b>Centralidade Teórica</b>
<b>Prisma Teórico</b>	Construção difícil, mas minimizada a partir de leituras, experiências profissionais e abertura para discussão com os pares.	Dimensão de Matriz Conceitual Relacional	
	Conectar fatos e fenômenos nos contextos macro e micro, bem como histórico no intuito de fazer sentido a visão ontológica e epistemológica do pesquisador.		

	Compreensão baixa sobre ontologia e epistemologia com predominância da formação <i>mainstream</i> , porém com uma tendência a integração de epistemologias tradicionais com epistemologias alternativas.		<b>Dimensão de Matriz Direcional Transacional</b>
<b>Prisma Metodológico</b>	Processo de reflexão de cunho ontológico e epistemológico que direcionará a construção do protocolo de pesquisa que constará a escolha da abordagem, das pessoas, das variáveis, das hipóteses, das perguntas a serem realizadas para que este conjunto contenha clareza, credibilidade, validação e replicabilidade.	Dimensão de Matriz Procedimental Tradicional	
	Predominância por métodos estatísticos com menor ênfase a métodos qualitativos e a opção entre um e outro vincula-se a teoria escolhida, a disponibilidade das informações, ao problema da pesquisa além da influência do orientador e grupos de pesquisa.		
	A escolha dependerá do fenômeno a ser observado, porém há uma ênfase significativa em métodos quantitativos muito em virtude de exigências por produção e publicação que faz com que os métodos qualitativos sejam pouco explorados por pesquisadores da área contábil.		
	Ênfase significativa de coleta das informações, por meio de dados secundários, com baixa predominância pelo uso de dados primários.		
<b>Prisma Pedagógico</b>	Ênfase na formação de pesquisadores em comparação a formação docente, bem como discussões incipientes em grande parte incutidas na disciplina de Metodologia do Ensino Superior, no Estágio Docência e promovidas pelos Professores/orientadores que acabam sendo reconhecidos como docentes modelos.	Dimensão de Matriz Atitudinal Comportamental	
	Predomínio pela intenção de entrada e/ou continuidade na carreira docente em universidades federais com menor ênfase para atuação em outras atividades profissionais contábeis.		
	A existência de uma consciência do ‘poder de voz’ com foco na representatividade, credibilidade, responsabilidade e ciência do papel social, porém com ênfase similar a discordância desse ‘poder de voz’ pelo fato da desvalorização docente e baixa conexão entre o mundo acadêmico e profissional.		
	Visualização futura com ênfase na atuação docente e para tal questões relacionadas a estudar com dedicação, persistência, resiliência, administração do tempo, cuidado com os prazos, acreditar no potencial, cuidar da saúde mental e ser franco com o orientador precisam coexistir para a concretude de um doutorado.		

*Nota.* Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

Diante do exposto na Tabela 23 e da exposição da conexão entre as três dimensões, houve um alicerce para a formulação da centralidade teórica intitulada ‘Dimensão de Matriz

Direcional Transacional’. Tal denominação foi atribuída com base nos preceitos estabelecidos da *Grounded Theory*, como coerência, credibilidade e originalidade, por exemplo.

De forma a ratificar a *Grounded Theory* construída, nesta tese, há a necessidade de esclarecer três pontos principais. Primeiro a respeito da ‘Dimensão de Matriz Conceitual Relacional’. Tal denominação originada a partir da compreensão de que há uma predominância por ontologias e epistemologias de cunho positivista-funcionalista que tangencia um reflexo de uma formação *mainstream* intrínseca a área e as pesquisas que envolvem a contabilidade. Nesse caso, a compreensão trazida foi de uma continuidade de pesquisas futuras ainda serem realizadas tendo como direcionamento abordagens de cunho positivista.

Em consonância a essa perspectiva de continuidade das pesquisas na área contábil, também se vincula o fato de haver, mesmo de forma mínima, algumas sinalizações para a entrada de epistemologias alternativas no intuito de proporcionar compreensões mais profundas para determinados fatos e fenômenos observáveis. Essa constatação traz à tona que há possibilidades, mesmo que futuras, de que as interconexões propiciadas por tais pesquisadores e Professores transacionem para além de esquemas positivistas.

Posteriormente, em referência a ‘Dimensão de Matriz Procedimental Tradicional’ a reflexão foi de que há uma ciência do percurso a ser realizado para a realização de pesquisas, bem como o entendimento por parte dos entrevistados das escolhas, em sua maioria, tendenciarem ao uso de métodos quantitativos. Nesse sentido, há uma consciência de que as influências recebidas, por exemplo de Professores e grupos de pesquisa atuam como norte para que determinadas escolhas sejam feitas.

Tais escolhas que permearam o uso significativo de métodos já consolidados (tradicionais) na contabilidade no qual sua usabilidade encontra-se, em sua maioria, atrelada as exigências de produção e publicação. Ademais, outro uso significativo e tradicional tendo em vista as últimas duas décadas de pesquisas desenvolvidas foi a averiguação por respostas (problemas propostos) a partir de dados secundários.

A partir da segunda dimensão formulada pode-se compreender que mesmo com o entendimento dos procedimentos necessários para a composição de uma pesquisa científica ainda há uma tendência significativa pela opção por métodos tradicionais intrínsecos a pesquisa contábil. Ademais, a sinalização de que diante do percurso de um doutorado em contabilidade, bem como de quaisquer construções de tese também a uma tendência de tais escolhas sejam, por vezes, influenciadas por pesquisadores (Professores e orientadores) que tiveram em seu decurso acadêmico ensinamentos vinculados a uma linha mais tradicional de ‘como fazer pesquisas’.

Já o terceiro ponto vinculado a construção da ‘Dimensão de Matriz Atitudinal Comportamental’ suas reflexões tangenciaram: (i) baixa ênfase na promoção de discussões acerca da formação docente nos programas de doutorado em contabilidade no Brasil; ao mesmo tempo (ii) os entrevistados sinalizaram uma aderência para o exercício da profissão docente após a conclusão de seus doutorados. Aliás, conectada a tais reflexões também pode-se comentar sobre algumas atitudes e comportamentos necessários quando opta-se pelo ingresso em uma pós-graduação, como por exemplo, saber administrar o tempo, ser resiliente, ter dedicação, cuidar da saúde física e mental, conhecer o perfil dos orientadores, etc.

A partir da conjuntura composta pelas três dimensões dois termos vieram à tona: aspecto direcional e o aspecto transacional. Abib (2001) traz que o “aspecto direcional no desenvolvimento humano é um princípio predeterminado de uma sequência fixa de estruturas” (p. 111). O autor ainda expõe que “contribuir para esse esforço ou para esse autocontrole a direcionalidade do desenvolvimento humano que, como defendeu Skinner, tem acentuado a progressiva sensibilidade das pessoas às consequências de suas ações” (p. 115).

Germano e Castro (2010) também comentam que intrínseco ao “eixo direcional conforme menor ou maior densidade é atribuída à dimensão pessoal/individual ou à relacional/social como determinante ou origem da identidade narrativa” (p. 19). Nesse sentido, as escolhas pessoais em virtude das interações e influências recebidas formam ao longo do tempo a identidade de cada sujeito.

Ainda em relação ao termo direcional, menciona-se sua intenção em virtude das ações conscientes realizadas pelos entrevistados quanto o direcionamento de suas pesquisas, ou seja, há uma ciência das alternativas disponíveis para a compreensão dos fatos e fenômenos, porém por escolha própria e prioritariamente pela influência oriunda de uma formação *mainstream* a uma tendência significativa para sua continuidade.

Ao passo que a escolha pelo segundo termo, o aspecto transacional compreende as interações com os pares, bem como intenções, expectativas e construções de novos significados. Para Bairrão (1995, p. 10):

A perspectiva transacional estuda as relações em mudança de aspectos psicológicos e do meio circundante, enquanto unidades holísticas. As unidades holísticas não são encaradas como constituídas por elementos separados, mas sim, como a confluência de fatores inseparáveis e interdependentes. Deste modo, as relações de mudança constituem-se como um instrumento que permite a compreensão dos fenômenos, sendo os processos temporais uma característica integral da unidade pessoa-ambiente. Pessoa,

processo e contexto coexistem e definem-se mutuamente, contribuindo, assim, para o significado e natureza de um evento holístico. Como exemplo deste tipo de abordagem, temos os conceitos de normas, regras e papéis, enquanto qualidades que definem e dirigem o funcionamento dos atores em contextos físicos e sociais, ambos envolvidos em processos psicológicos dinâmicos (Bairrão, 1995, p. 10).

Assim sendo, a construção da centralidade teórica intitulada ‘Dimensão de Matriz Direcional Transacional’ surge a partir da conjugação das evidências (triangulação) entre a literatura, as reflexões nas perspectivas dos entrevistados, bem como das reflexões da pesquisadora da tese as quais foram promovidas a partir da propositura desta tese que diz:

---

Elos como trajetória profissional, relações de proximidade entre orientando/orientador e as construções teóricas, metodológicas e pedagógicas incutidas em um processo de doutoramento são eixos convergentes para a compreensão de como doutorandos em contabilidade interpretam, ressignificam e tornam-se capazes de ser profissionais independentes e influenciadores de outros sujeitos, quando já doutores.

---

Desse modo, a conceituação proposta para a ‘Dimensão de Matriz Direcional Transacional’ com foco para a área contábil é que o campo dessa ciência social aplicada e particularmente as pesquisas realizadas neste são atribuídas desde a formação inicial profissional aspectos de instrução normativa e positivista-funcionalista, porém a partir de novas construções de significados haverá um movimento que transacione e conecte epistemologias consideradas predominantes com outros níveis de interpretação e criticidade que conjuguem entre si avanços para a Contabilidade.

#### **4.8 Discussões adicionais: uma agenda de pesquisa**

No decorrer dos questionamentos realizados aos futuros doutores em contabilidade a última pergunta destinou-se a seguinte reflexão: ‘Existe algo mais que você acha importante acrescentar nessa entrevista, cujo foco é compreender como se encontram os futuros doutores em contabilidade e em particular quanto aos Prismas Teóricos, Metodológicos e Pedagógicos?’

Levando-se em consideração as diversas perspectivas levantadas pelos doutorandos(as) optou-se por transformar a pergunta em uma agenda de pesquisa. Nesse sentido, os tópicos seguintes tem como incumbência demonstrar as sugestões realizadas pelos estudantes quanto aos três prismas abordados nesta tese, ou seja, (i) agenda pesquisa associada ao Prisma Teórico;

(ii) agenda de pesquisa associada ao Prisma Metodológico; e (iii) agenda de pesquisa associada ao Prisma Pedagógico, respectivamente.

#### ***4.8.1 Agenda de pesquisa associada ao Prisma Teórico***

Neste tópico denominado de ‘Agenda de Pesquisa Associada ao Prisma Teórico, os entrevistados trouxeram à tona algumas reflexões a respeito de lacunas percebidas, como por exemplo: (i) necessidade (ou não) de uma teoria na construção de uma tese de doutorado; (ii) o alinhamento entre grupos; e (iii) as vertentes ontológicas e epistemológicas e seus usos na contabilidade.

##### (i) Necessidade (ou não) de uma teoria na construção de uma tese de doutorado

Uma das lacunas apresentadas por alguns dos entrevistados tangenciou a reflexão sobre os motivos pelos quais há exigências pelo uso de uma teoria para a construção de uma fundamentação teórica de uma tese. Tal lacuna sugerida em virtude da contabilidade não ter uma teoria própria. Nesse sentido, o Estudante 29 comentou:

[...] penso que tem algumas questões, por exemplo, de base teórica, [...] aqui [...] não é exigida uma teoria de base, quando saí do mestrado, o que colocaram na mente [...] é obrigatório ter uma teoria de base, mas aqui a gente vê vários estudos que são de uma abordagem teórica [...] para o desenvolvimento das hipóteses, mas sem ter uma teoria de base que vai sustentar toda a pesquisa [...], **penso que seria interessante começar essa discussão entendendo sobre a construção ou a utilização de uma teoria de base** [...] (Estudante 29).

Outro ponto vinculado ao uso ou a descoberta de novas teorias tange a multiplicidade de possibilidades intrínsecas ao campo contábil. O Estudante 62 compartilhou:

[...] poderia ajudar a **melhorar os Prismas Teóricos de nossa área é abordar a multidisciplinaridade que a nossa área tem**, outras teorias que também podem contribuir, mas que nós teoricamente não abordamos ou não analisamos, porque desconhecemos [...], por exemplo, custos logísticos são temas interessantes da área da contabilidade [...], mas nós não pesquisamos, porque deixamos



para os engenheiros de produção [...], **conseguir ampliar um pouco as ideias em outras áreas que sabemos que nos afetam e que poderíamos desenvolver [...]** (Estudante 62).

(ii) O alinhamento entre grupos de pesquisa

Alguns dos entrevistados expuseram lacunas existentes a respeito da existência (ou não) de um alinhamento entre grupos de pesquisa. Tal alinhamento pelo fato de servir como um direcionador para a formulação mais robusta de problemas de pesquisa e conseqüentemente uma exploração com mais profundidade do tema escolhido. Nesse sentido, o Estudante 62 comentou:

**[...] o que acontece? O que vejo é que um orientador [...] pega um grupo e começam a pesquisar qualquer tema [...] não há essa consolidação teórica que poderia dar-se ao longo do tempo com diferentes doutorandos desenvolvendo um Prisma Teórico mais robusto** nas áreas [...], por exemplo, sou Professora de uma universidade [...], tenho que dizer aos meus futuros orientados desde o primeiro dia que desenvolvo pesquisa [...], quero fazer isto, você considera que quer ir nessa linha? e ir agregando [...] isso também afeta a parte metodológica, porque não se trabalha como em uma ciência exata se existe um tema base que vai ramificando e o pesquisador [...] vai gerando essas interrelações também com os pesquisadores de outras áreas [...] é um método de ir **vinculando os pesquisadores conforme a temática que a Professora ou o orientador tem e ir acrescentando mais e mais pesquisas a essa mesma linha [...]** todo mundo começa a pesquisar o que quiser, **não existe método, não existe um processo pedagógico coerente e afeta o desenvolvimento teórico [...]** (Estudante 62).

(iii) As vertentes ontológicas e epistemológicas e seus usos na contabilidade

O Estudante 37 trouxe à tona a reflexão dos motivos pelos quais o estudo da epistemologia não é explorado como disciplina nos doutorados em contabilidade.

[...] queria contribuir, queria falar de uma coisa que é muito difícil no doutorado, porque a gente vê as cabeças [...] pensantes [...], principalmente em contabilidade, esse pensamento dominante do *mainstream*, [...] posso dizer enquanto futuro doutor em

contabilidade, enquanto aos Prismas Teóricos, que vocês possam **estudar epistemologia da pesquisa**, que vocês aproveitem, em alguns programas [...], a disciplina não é obrigatória, mas recomendo que vocês possam fazer, porque a gente discute muito em contabilidade, mercados de capitais, que é discutido por uma parcela reduzida da população e da sociedade, principalmente nos Estados Unidos, nas grandes empresas, no norte global que a contabilidade é além de números, **a contabilidade é uma disciplina, é uma ciência social aplicada e a gente tem que ter foco também, que o nosso futuro não é somente mercado capital, pelo contrário, ele está, de certa forma, em um cenário global de conflito geopolítico, de impactos econômicos, tanto da pandemia, como das guerras que têm acontecido e a gente tem que pensar na contabilidade para além dos números, para as pessoas, para a sociedade enquanto ciência social** e a gente tem uma oportunidade, nesse momento, não digo uma ruptura, **não é uma ruptura**, [...], **mas uma contabilidade mais humana, mais social**, essa oportunidade a gente está tendo nos últimos anos, acho que o futuro da contabilidade vai ser muito diferente de uma contabilidade dos últimos 50 anos, dessa questão dominante, dessa questão de poder, de ego, [...], de opressão, a gente viu na contabilidade que há as questões de opressão, de exploração e a gente tem que pensar em uma contabilidade mais humana, mais social do que propriamente números [...]. São muitas as teorias, são amplas as possibilidades metodológicas, essa pedagogia da opressão, a gente tem que repensar a contabilidade, a gente tem que ensinar a contabilidade menos mecânica, a contabilidade não pode ser pensada totalmente mecânica, totalmente máquina, acho que em particular em relação aos Prismas Teóricos, [...] e que você possa **desfrutar dessa experiência de uma contabilidade com mais possibilidades**, é isso (Estudante 37).

#### ***4.8.2 Agenda de pesquisa associada ao Prisma Metodológico***

Neste tópico intitulado de ‘Agenda de Pesquisa Associada ao Prisma Metodológico’, as lacunas propiciadas pelos estudantes como fonte de reflexões foram: (i) a necessidade de ampliação das discussões metodológicas em sala de aula e congressos; e (ii) as escolhas metodológicas em pesquisas da área contábil.

- (i) A necessidade de ampliação das discussões metodológicas em sala de aula e congressos

O(a) Estudante 6 propõe a reflexão a respeito das dificuldades encontradas para a publicação em periódicos e até mesmo em congressos na área da contabilidade quando a metodologia escolhida não se enquadra dentro da composição conhecida como *mainstream*.

[...] acho que [...] **as principais dificuldades que a gente vê na literatura sobre algum aspecto metodológico que não é muito bem visto ou que geralmente a gente tem pouco mais dificuldade de desenvolver [...] é em questão de periódicos**, isso é levado muito em consideração [...] **como eles limitam os interesses de pesquisa que nós temos e muitas vezes uma coisa que a gente acaba não comentando muito é como que nós dentro da própria área, os colegas dentro da própria área, acabam forçando algumas escolhas [...] metodológicas**, mas acaba que você é direcionado para algumas escolhas metodológicas [...], ela utiliza algum tipo de metodologia de associação, de relação isso é mais fácil das bancas avaliarem do que você utilizar uma **metodologia qualitativa [...] é mais difícil de ter alguns trabalhos aprovados em congressos** que são puramente de contabilidade, enquanto que muitas das vezes a gente acaba tendo que caminhar para algum congresso de uma área parecida [...], como disse trabalho [...] com pesquisa quantitativa por opção [...], tenho geralmente muito mais sucesso e muito mais abertura de participar de congressos na área de administração do que na área de contabilidade, [...], você vai passar seu tempo mais defendendo que de fato melhorando seu trabalho e no final das contas, você ganhou mesmo foi uma linha a mais noattes e é isso, mas contribuição mesmo para o trabalho não teve [...]  
(Estudante 6).

O(a) Estudante 34 também compartilhou a necessidade em conhecer outras vias de análise e que podem propiciar um avanço na área contábil a depender do problema a ser suscitado e/ou resolvido.

[...] acho que antigamente a contabilidade se limitava a questão numérica, lucro, hoje a gente já tem um aspecto muito mais abrangente, a gente envolve um monte de coisas que vão [...] indiretamente impactar nesse aspecto econômico que seria o nosso foco de contabilidade e vi vários métodos de pesquisa que são um pouquinho diferentes do que a gente utiliza normalmente, porque na contabilidade o que a gente vai achar [...] **predominantemente, a entrevista e o questionário, survey e uma observação. É difícil a gente encontrar outros métodos de pesquisa** e vi algumas outras maneiras de

coletar dados, por exemplo [...], **teve um estudo em que o público alvo era a mulher pesquisadora e eram tatuadoras e a maneira que ela fez pra coletar dados foi a partir de desenhos, ela pediu pra essas tatuadoras descreverem a situação a partir de um desenho [...]**, achei sensacional, incrível, porque às vezes é a maneira como a pessoa se senti confortável em descrever alguma situação, **acho que se a gente conseguisse inserir esses métodos um pouquinho diferentes na nossa área acho que seria bem interessante, a gente teria resultados bem bacanas pra incorporar nas pesquisas** (Estudante 34).

Outra lacuna a ser considerada diz respeito as informalidades possibilidades que acabam por trazer à tona novos insights, como por exemplo, estímulos como a promoção de conversas acadêmicas para fora da sala de aula. Reflexão esta propiciada pelo(a) Estudante 44.

[...]. **A questão metodológica, as métricas de ensino no doutorado, acho que tem dois tipos de ensino, o ensino dentro da sala de aula e o ensino da porta pra fora [...]**, da mesma maneira que aproximou as pessoas, o ensino remoto ele afastou muito as pessoas, sou um pouco contra essa modalidade remota, porque acho que você tem uma perda muito maior do que um ganho. Não estou dizendo [...] que não faria [...], não é isso, é que dentro da academia, pra uma pessoa que está no mestrado, no doutorado, **acho que faz falta o contato próximo, porque, às vezes, por exemplo, o *insight* que eu tive da questão metodológica, talvez com um café, com uma pessoa dez minutos depois de uma aula, talvez eu tivesse tido, mas levei um ano pra pensar nisso sozinho [...]**, acho que a gente perdeu muito com a pandemia e eu, pelo menos, sinto que no meu programa isso continuou perdido, porque, [...] **falta um pouco de estímulo [...], às vezes, acho que a informalidade ela é muito necessária dentro da academia [...]** (Estudante 44).

- (ii) As escolhas metodológicas em pesquisas da área contábil

Uma reflexão trazida pelo(a) Estudante 56 suscitou a ideia das conexões criadas ao longo de um doutorado com ênfase a busca por maturidade, por exemplo das escolhas e bases metodológicas existentes.

[...] a gente corre atrás, **criando conexões, visitando outros programas, ter amigos em diferentes programas [...], acho que isso é um ponto importante** e ter um movimento [...] **em termos metodológicos, a gente precisa se definir**, vou estudar e dizer que como indivíduos a gente já tem uma tendência a ser mais objetivo ou mais subjetivo, **acho que isso já nos leva a algumas bases metodológicas [...]** e a gente precisa começar a se posicionar em termos metodológicos [...], mas quando [...] não tem essa perspectiva metodológica clara, que não sabe se é um ou outro, acho que fica difícil a construção da tese, a construção dos artigos [...] (Estudante 56).

Já o(a) Estudante 74 pontuou sobre o quanto o uso de métodos quantitativos está sendo utilizado pelo mercado ou na visão dos profissionais do mercado quais as respostas fornecidas por tais métodos agregam em âmbito empresarial (social, econômico, etc.).

[...] acredito que se é para pensar nos futuros doutores se não está na hora, de fato, a gente saí do discurso e começar a aproximar, isso talvez possa dar para o doutorando em contabilidade um espaço de mercado melhor e **talvez a gente seja mais acessível no sentido de que esses métodos tão sofisticados que são usados nas pesquisas, em especial, na quanti, podem muitas vezes afastar o mercado da academia, [...]** acho que olhar pra isso, **acho que seria entender se estou fazendo doutorado, para que estou fazendo, se é para a minha satisfação pessoal ou se é realmente para acrescentar algo, porque se é pra acrescentar algo, talvez a gente precise pensar nessa aproximação e [...]** as pesquisas do jeito que elas são feitas hoje não ajudam muito, **acho que isso acaba pegando na questão, principalmente do Prisma Metodológico, [...]** que fica um pouco deslocado [...] (Estudante 74).

#### ***4.8.3 Agenda de pesquisa associada ao Prisma Pedagógico***

Para este tópico denominado ‘Agenda de Pesquisa Associada ao Prisma Pedagógico’ as reflexões e lacunas percebidas tangenciaram: (i) a cultura de cada instituição; (ii) o papel de cada doutorando em contabilidade; (iii) ansiedade no ambiente acadêmico e a atuação profissional após o doutorado; (iv) apoio institucional na figura do orientador (questões institucionais); (v) disciplinas didático-pedagógicas como fomento para a construção docente; (vi) a docência como profissão; (vii) a conexão entre a teoria e a prática; (viii) a pandemia: o

reflexo nas aulas e nas pesquisas em contabilidade; e (ix) os egressos da pós-graduação em contabilidade.

(i) A cultura de cada instituição

O(a) Estudante 1 mencionou a respeito da estrutura de direcionamento de cada curso de pós-graduação, *stricto sensu* em particular, encontra-se convergente a cultura de cada instituição e assim ele(a) disse:

[...] vejo dessa trajetória de mestrado, doutorado [...] que **cada instituição tem a sua cultura, tem a sua forma de trabalhar, por exemplo [...] tem estruturas que são mais conservadoras, outras [...] um pouco mais abertas, mas que [...] cobra muito mais em relação à pesquisa, cada instituição tem seu discurso em relação a isso**, vejo que os meus colegas estão indo bem, por exemplo, a maioria deles que terminaram o doutorado já estão passando em concursos, isso [...] é positivo, acho que poderiam ser revistas algumas [...] questões entre o orientador e orientando, quais são os limites do orientador? quais são os limites que uma instituição impõe? a gente tem um colega [...] que desistiu, porque teve dificuldade [...], porque o orientador fez tanto bullying que a pessoa não aguentou [...] daí você vê a pessoa sofrendo [...], acho que essa é a única coisa negativa que vejo do doutorado essa questão mais hostil [...], espero que no futuro nós possamos [...] não repetir as mesmas práticas e vamos melhorar [...] para sermos mais receptivos no processo (Estudante 1).

O(a) Estudante 44 acrescentou a respeito da necessidade de fomento de um intercâmbio entre os programas.

[...] em relação ao meu programa de doutorado [...] tem a matriz de quando ele foi construído, então a ideia, os conceitos, as matérias, ainda são basicamente as mesmas, acho que uma coisa que **sinto falta, não só no doutorado [...], mas no mestrado [...]** é, às vezes, **os próprios coordenadores [...] revisarem um pouco mais [...] o modelo, o currículo e acredito que a pandemia foi um divisor de águas, em todos os sentidos, para tudo, tanto porque hoje em dia a gente tem muito mais proximidade com as pessoas, independente da distância física que elas estejam [...] buscar disciplinas novas, talvez um intercâmbio maior entre os programas**, porque isso começou, mas sinto que isso deu uma diminuída nesse ano [...] voltando tudo para o presencial. [...]

não é porque voltou o presencial que a gente não pode ter mais contato com as pessoas ou outros cursos [...], sinto que veio como um aprendizado e a gente não aprendeu, senti isso na questão pedagógica. [...] (Estudante 44).

Em adição, o Estudante 50 corroborou a respeito da promoção de discussões por parte dos programas de pós-graduação sobre o ensino e o fortalecimento de algumas disciplinas na área contábil.

[...] **acredito que essa parte que a gente discutiu sobre as questões de ensino e aprendizagem e o que é passado nos programas de pós, principalmente no doutorado, [...] a gente não tem uma formação para isso**, acho que hoje, se um doutorando sabe que ele quer ingressar numa universidade, ele deveria buscar esse conhecimento para ser um docente realmente que agregue na vida dos alunos e não apenas um docente que está ali com uma carreira de pesquisador, mas acho que o ensino é uma grande parte disso, acho que os programas, quando a gente pensa na área da pesquisa, **os programas ainda estão mais nos trabalhos quantitativos, hoje a gente tem alguns Professores que já são focados mais na parte do qualitativo, mas o que acho é que nossa formação enquanto doutorando para as pesquisas qualitativas, principalmente nos programas que tive contato, ainda é muito escassa, a gente tem poucas disciplinas que realmente buscam essa formação** e acho que falta isso, seria uma questão que acho importante ser discutida (Estudante 50).

(ii) O papel de cada doutorando em contabilidade

Uma das discussões trazidas à tona pelo(a) Estudante 2 norteou a ciência do papel que cada doutorando assume ao adentrar um programa de pós-graduação em contabilidade.

Eu gostei muito desse termo que você utilizou de **contribuição pedagógica, porque é uma coisa que a gente não discute, que a gente não fala muito nas pesquisas [...]**, acho que a gente tem que começar a pensar sobre isso durante o doutorado, [...] **qual é o papel que a gente está assumindo como doutorando? [...], qual é o meu papel nisso? qual é o tipo de contribuição que eu trago? [...]**, o que se espera de mim como um estudante de doutorado [...] é que, principalmente, trago alguma contribuição em termos do desenvolvimento de pesquisas nessa área, [...] **não preciso**

**descobrir e resolver os problemas do mundo com a minha tese, mas se eu consigo trazer uma discussão, se eu consigo lançar luz sobre uma temática que não é tão discutida e que é importante no desenvolvimento da minha área, isso provavelmente vai plantando sementes [...].** A gente fala muito de contribuição teórica, por exemplo, qual é a contribuição teórica da tua tese? estou trazendo uma teoria que ainda não tinha sido discutida nessas relações, [...] a gente sempre tem contribuição teórica, mas a gente tem pouca contribuição pedagógica com as nossas pesquisas [...] e não estou falando de só fazer pesquisa na área de educação para ter uma contribuição pedagógica não [...], é bom a gente pensar nisso. [...] a forma como você leva, a forma [...] de relação, **a gente está falando de formação de pessoas tanto na graduação, como na pós, está falando de desenvolver de pessoas, de ajudar a desenvolver essas pessoas para uma sociedade,** [...], não só como profissional, mas até mesmo no âmbito pessoal. [...] discutir essas contribuições pedagógicas, acho que são essencialmente importantes e espero que nos ajude a desenvolver mais pessoas nessa área (Estudante 2).

O(a) Estudante 3 corroborou com sua reflexão sobre a vivência diária em um programa de pós-graduação referindo-se a questões relacionadas a parte mental e emocional.

[...] **acho que a gente precisa trazer um pouco mais essas questões de como nós, como indivíduos temos uma saúde mental e emocional, como isso afeta a nossa vivência diária** [...], acho que isso são características que a gente precisa trazer um pouco mais para a discussão e por isso acho que é tão importante [...] a pesquisa na contabilidade que aborde essas características [...]. Estava vendo um congresso falando sobre o burnout em alunos [...] e justamente para entender o perfil das pessoas [...], as suas capacidades, as dificuldades, [...], porque quem quer fazer doutorado [...] querendo ou não, isso tudo vai influenciar na saúde mental [...], como eu falei, às vezes trabalho de segunda a domingo, 14 horas por dia, [...] e isso não é normal, em setembro eu paguei o preço, fiquei doente, [...], vejo que isso já tem alguns anos que já está melhorando até porque na área da administração [...] e na contabilidade vejo que esse tema [...] está numa fase meio superficial ainda [...], acho que a gente tem que considerar como ser humano, a gente tem que descansar, não é preguiça [...], é autocuidado, [...], acho que essa falta de visão do ser humano é que está faltando por um momento (Estudante 3).



Posteriormente o(a) Estudante 9 acrescentou a respeito da lacuna sobre discussões em torno do papel e da avaliação do conhecimento, com ênfase aos avaliadores de artigos de congressos.

[...] a gente conversou aqui nessa entrevista, entre outras perguntas, por exemplo, quando fala de poder de voz [...], porque a gente vê sobre a ciência, a gente **quando atinge o grau de doutor, a gente vai estar com um carimbo de que você é alguém que tem conhecimento** [...], você vai poder contribuir com avaliações de congressos, [...] **é importante discutir também o papel e a avaliação do conhecimento** [...] muitas vezes eles são esquecidos ou menos valorizados, porque não tem uma remuneração, porque dá muito trabalho, parece quase um trabalho voluntário, mas tem importância [...] com certeza esse crivo de avaliação [...] é importante [...] (Estudante 9).

Já o(a) Estudante 11 comentou a respeito de um olhar dos programas de pós-graduação para o mercado de trabalho, bem como o(a) Estudante 13 pontuou sobre a falta de proximidade entre os programas de pós-graduação brasileiros.

[...] **talvez os programas eles têm que olhar um pouco também para o mercado de trabalho** [...], **vejo que tem muitos colegas que não entraram para ser docentes e sim porque precisam do título para progressão de carreira em área administrativa, acho que esses futuros doutores eles estão saindo um pouco frustrados, porque o mercado não está conseguindo absorver tudo, às vezes tem que repensar isso** [...], **será que as universidades vão conseguir absorver todos esses doutores?** será que é interessante a gente formar também para o mercado? [...], acho que no doutorado e até no congresso a gente discute, **a contabilidade virá um pouco mais ciência social, analisar mais as pessoas, na pós-graduação ser um pouco mais humano** [...], acho que o programa tem que começar a ver isso, tem que começar a discutir isso, tem que levar na sala de aula para os alunos entenderem [...] que a contabilidade [...] tem o lado humano, o mundo está mudando e precisa de pessoas que sabem enfrentar problemas e não só números (Estudante 11).

[...] acho que o conhecimento contábil no Brasil ele ainda tem muito para desenvolver, [...] **a gente tem muita pesquisa boa, muito curso bom, muita**

universidade boa, falta os Professores serem um pouco mais valorizados no Brasil, mas acho que a gente tinha que perder um pouco essa sensação de que a gente é menor do que a pesquisa europeia, do que a pesquisa norte-americana, acho que a gente é muito rico, a gente tem muito conhecimento, o que acho que falta ainda é uma união, acho que nós do curso, dos programas de pós-graduação, a gente tem que ser mais unido, a gente tem que se ajudar mais [...], vamos entender a sua realidade, a minha realidade pra gente avançar, **acho que as universidades precisam se unir mais e outra coisa, a gente precisava criar uma maior aproximação também da prática contábil**, sinto que a gente faz grandes pesquisas que só a gente lê [...] só o pesquisador está lendo a pesquisa de outro pesquisador, as grandes empresas, elas não estão buscando na universidade as mudanças que eles poderiam ter, a gente precisa reduzir essa distância que tem entre a universidade e as empresas, acho que isso também seria muito pertinente. [...], acho que a gente tem muito a crescer aqui no Brasil [...] não gosto quando dão tanta relevância para os pesquisadores internacionais e deixam a gente de fora, porque acho que **a gente tem muito a ensinar e acho que o pesquisador brasileiro não recebe o devido valor, porque a gente teria tudo para desistir, a gente não tem recurso, a gente não tem incentivo**, [...], sonho com um dia que o pesquisador vai ter o devido valor, a gente vai realmente ser tratado como a gente merece, porque a gente tem muito a ensinar e a gente realmente tem muito a cuidar, a gente cuida do conhecimento pra mim isso é o mais importante (Estudante 13).

Os(as) Estudante 16, Estudante 18 e Estudante 30 pontuaram sobre as influências recebidas e que, por vezes, são replicadas.

[...] acho que em termos pedagógicos, o que me chama a atenção no doutorado é [...] sobre **as partes pedagógicas de ser docente na sala de aula**, acho que é muito importante a gente **aprender algumas metodologias diferentes** pra que a gente possa aplicar para os nossos alunos, que é uma coisa que, por exemplo, quando eu estava no mestrado não vi, [...], **tenho preocupação com alguns doutorandos, de querer replicar [...], tenho muito medo e me incomodo quando tem doutorando que quer fazer o que fizeram com ele de ruim [...]** (Estudante 16).

[...] em termos pedagógicos como nós não tivemos uma disciplina pra isso, nós tivemos que buscar esse aperfeiçoamento com base nas experiências do Estágio Docência e a experiência dos Professores [...] é tipo um efeito mimético, você analisa, observa a troca de experiência com colegas, com os Professores e vai analisando como eles se comportam [...] em determinadas situações para poder formar uma base de conhecimento (Estudante 18).

[...] acho que poderia ter uma discussão [...] sobre **que avanços a nossa área poderia ter? Que contribuições os doutores poderiam dar para, de fato, melhorar a nossa área quanto à docência?** que até então é bastante criticada, porque **muitas vezes nós perpetuamos essas formas de ensino mecanicista na qual a gente aprende** e que é baseado em muitos aspectos até de perseguições, entre aspas, com relação aos alunos, vejo que a gente não pode replicar muitas vezes esse tipo de pressão que nós tivemos, acredito que não necessariamente é o melhor caminho que a gente pode ter [...]. Quanto a uma melhora dos programas de pós-graduação que, de fato, não devem ser voltados só para a pesquisa contábil [...], para fins de metas que nós devemos ter acho que tem que ser olhado um pouco também [...] sobre a realidade que esses doutores terão quando começarem a atuar na docência do ensino superior, bem como no tocante a pesquisa para de fato ter essa promoção de avanços, de maior maturidade científica para nossa área que realmente tem uma característica muito positivista, um olhar muito voltado pra métodos quantitativos, para fins de grandes coleta de dados e etc. [...], acho também importante [...] que os estudantes, os profissionais de contabilidade precisam [...] promover pesquisa com impacto social, não só impactos científicos, mas olhar realmente para os problemas reais da nossa sociedade. [...] (Estudante 30).

O(a) Estudante 56 também compartilhou suas reflexões:

[...] acho que em termos pedagógicos [...] **a gente precisa como profissionais [...]** ter a responsabilidade de **formar indivíduos pensantes, a partir da graduação e para a gente conseguiu transmitir conhecimento pedagógico, que de certo modo é também contribui para a formação [...], a gente precisa ser humano, [...], acho que esse é um ponto que precisa ser melhorado [...]**, porque a gente acaba muitas vezes focando muito na pesquisa e deixa de lado o ensino [...] você vai encontrar profissionais que focam muito na pesquisa e esquecem o ensino, ou vai encontrar profissionais que só

querem saber de ensino e deixam de focar na pesquisa e você, na verdade, precisa da união dos dois para ter profissionais que estão sempre se atualizando [...], porque a pesquisa permite isso, atualizar o conhecimento [...] (Estudante 56).

(iii) Ansiedade no ambiente acadêmico e a atuação profissional após o doutorado

Os(as) Estudantes 23 e Estudante 25 sinalizaram a respeito de uma compreensão mais atenta sobre questões voltadas aos reflexos decorridos da pandemia na pós-graduação em contabilidade, bem como aspectos relacionados, por exemplo a saúde como a ansiedade no decurso e após um doutoramento que, por vezes, pode levar o acadêmico a abandonar o curso.

[...] **tentar entender um pouco como a pandemia afetou** [...], porque conversando com os colegas [...] queria muito essa questão de contatos, de conversar com outras pessoas, conhecer gente diferente [...] e ainda não [...] fiz amizade, isso **me afetou bastante, mas acho que tem colegas que isso afetou muito**, [...] **questão principalmente de condução de pesquisa** [...] e se eu pudesse também [...] fazer um **outro comentário seria em relação a** [...] **essa ansiedade após o doutorado** [...], você chega numa situação que muitas empresas já não te querem mais, porque você tá muito qualificado pra vaga que ela está oferecendo e você fica meu Deus **será que eu vou conseguir alguma coisa? Será alguma coisa na área? Será que você não consegue passar no concurso?** acho que isso afetou muito meu doutorado, acho que se não fosse isso eu teria deslanchado, [...] acho que perdi muito tempo com crises de ansiedade sem saber o que iria fazer depois, se eu teria espaço em alguma faculdade [...], se iria demorar muito para uma posição mais confortável profissionalmente, acho que isso me afetou (Estudante 23).

[...] **às vezes tem coisas que a gente não externaliza até ser efetivamente questionado**, [...] existe algo que é mais sensível que acho que você deve ter considerado mais por razões de pesquisa, não foi meu caso, mas tive colegas [...] que eventualmente **o fator emocional do ambiente acadêmico e da cobrança foi algo que causou dificuldades não na disciplina em si, mas a gente sabe todo o volume de pressões estabelecidas dentro de um programa de pós-graduação, principalmente para quem é mais novo**, porque [...] vejo colegas bem mais jovens que não tem nem [...] trinta [...] que sentiram esse choque da cobrança ou do ambiente acadêmico, acho

que é [...] uma variável relevante, porque **isso interfere no seu desempenho, nas suas perspectivas, isso é até motivo de abandono de programa é uma questão delicada de se abordar**, [...] a gente sabe que tem colegas que adoecem durante o programa [...] (Estudante 25).

(iv) Apoio institucional na figura do orientador (questões institucionais)

O(a) Estudante 10 abordou sobre uma ênfase nas abordagens de ensino e aprendizagem no cerne de um doutorado, bem como o estímulo e apoio institucional que oportunizem os pós-graduandos a aprimorarem seus conhecimentos. Já o(a) Estudante 55 suscitou a importância do orientador em termos de direcionar o doutorando.

**[...] talvez as abordagens de ensino e de aprendizagem como elas estão sendo discutidas? Que formação é essa que a gente está dando para esses futuros profissionais de contabilidade? ou se não vão ser Professores de contabilidade terão essa atuação em algum momento dá vida de terem que ensinar de alguma forma?** [...] esse tipo de trabalho pode colaborar e contribuir para as mudanças no campo da contabilidade no futuro [...] e **outro ponto** [...] que é muito importante é **o apoio institucional que [...], ele está resumido na figura do orientador, mas existe o apoio institucional tanto em termos de recursos que a gente sente falta se a gente tiver que participar em um congresso, fazer uma viagem [...]** e tudo mais e o apoio institucional em termos de oportunidade de pesquisa [...], acho que vale a pena criticar que o incentivo institucional que a gente tem pra aprimorar as habilidades pedagógicas, que a gente precisa desenvolver, porque **tem muito Professor Contador [...]** sendo formado sem **habilidade pedagógica nenhuma, sem saber como acontece a construção de conhecimento na cabeça de um ser humano [...]** (Estudante 10).

**[...] queria ressaltar essa importância dos orientadores [...]** acho que **o orientador dentro de um programa de doutorado ele tem um papel relevante**, às vezes [...] o orientador está além de ajudar numa pesquisa, mas **ele está ali [...]** como **uma espécie de porto seguro**, esse é **um ponto sobre o orientador e orientando [...]** sei que todos sabem que o orientador é importante, mas **ele é muito importante [...]** para **dar segurança, para que você fique no caminho certo [...]** (Estudante 55).

Além disso, questões sobre as exigências para a seleção em um doutorado em contabilidade, como mencionado pelos(as) Estudante 17 e Estudante 71.

[...] acho um processo muito burocrático e muitas vezes não agrega tanto valor [...], por exemplo, método de seleção, [...] muita burocracia no doutorado que acaba desestimulando a pessoa e que não tem uma contribuição concreta [...], **principalmente sobre essa questão do processo seletivo onde já temos poucos interessados em seguir seus estudos e aqueles que têm interesse encontram [...] obstáculos** [...] a gente teve vários que desistiram durante o trajeto e nesse ponto acho que [...] tive sorte eu peguei um Professor que não pensava muito dessa forma, mas ele [...] quer ajudar e é bom pra mim, mas a grande maioria tem dificuldade [...] **as pessoas olham e dizem vamos inscrever em tais e tais instituições, universidades e tem aquele rol de exigências [...] às vezes até mudando de Estado, saindo e ficando longe da família, das pessoas mais próximas, mas em virtude disso, dessa burocracia que alguns programas exigem [...], essa questão da burocracia que precisa ser revista** (Estudante 17).

[...] acho que os programas de doutorado e de mestrado, eles precisam ter uma **outra forma de colocar as pessoas para dentro, essa é a minha primeira reflexão** [...] **conheço muitas pessoas, muito boas, que são excluídas, porque não conseguem passar no teste inicial**, porque aquele teste inicial, na minha visão, ele não mede nada, ele é uma confusão de coisas que nunca foram vistas [...] deu o que fazer pra eu passar nesse teste [...] (Estudante 71).

O(a) Estudante 27 sinalizou sobre as questões institucionais mais vinculadas a inserção de aspectos pedagógicos em cursos de pós-graduação em contabilidade no tocante a entrada de aspectos pedagógicos, em disciplinas, de forma obrigatória.

[...] **essa questão de ter contato com essas questões didáticas acho que isso deveria ser mudado para obrigatório e não opcional, porque talvez muitos comportamentos que nós vemos hoje, eles são produto dessa desconsideração de aspectos pedagógicos que nós tivemos ao longo da formação anterior, dessa geração de doutores que veio antes. Eles não foram**

**preparados para ser Professores e às vezes isso tem impactos até nos profissionais que a gente está entregando para o mercado, [...]** a forma como essas pessoas pensam, às vezes essa visão preto no branco que a gente fala, será que isso não é produto dessa visão mais mecanicista que a gente trouxe? [...] acho que ter essa preparação com essa visão mais ampla, mais aberta é algo muito importante, talvez poderia ser mudado **e também a gente colocar de uma forma mais explícita as potencialidades das perspectivas onto-epistemológicas, porque há um certo medo de muitos doutorandos migrar para áreas mais qualitativas como críticas e interpretativistas [...]**, acho que nós estamos saindo com uma visão um pouco diferente, acho que esse futuro vai acontecer, mas ele vai acontecer lentamente, vai depender muito de nós, **será que a gente vai ter fôlego e força pra manter isso ou a gente vai acabar se rendendo a praticidade?** [...] e o papel do doutorado ele tem um [...] impacto muito grande nisso, porque se a gente não fomenta esse tipo de discussão, se a gente não abre espaço para reflexões diferentes, a gente nunca vai mudar, mas vejo que, pelo menos, [...] que a gente está tendo essa mudança de uma forma, talvez ainda um pouco sutil, mas acho que ela tá acontecendo, espero que isso mude e espero fazer parte dessa mudança e acho que você também deve promover essa mudança com seu trabalho que é um trabalho diferente para o campo [...] (Estudante 27).

- (v) Disciplinas didático-pedagógicas como fomento para a construção docente

Os(as) Estudante 28 e Estudante 32 pontuaram a respeito da inserção de disciplinas didático-pedagógicas como fomento para a construção docente.

[...] **o quanto que as disciplinas refletem nas pesquisas, o quanto as pesquisas são alinhadas às disciplinas e contribuem, por exemplo, o meu caso, a minha tese nasce numa disciplina, vi a importância de se discutir, talvez se eu não tivesse discutido aquele tema naquela disciplina, a minha tese não tinha se desenvolvido nessa área,** também as contribuições das disciplinas com os temas de pesquisa acho interessante, porque às vezes a gente faz algumas disciplinas que elas estão alinhadas à nossa pesquisa e às vezes a gente não tem um programa de disciplina alinhada e a gente tem que buscar um programa que tem aquela disciplina, isso também é um ponto bem interessante [...], talvez uma disciplina obrigatória ou seminários obrigatórios voltados para questão da docência, [...], vejo porque **tem colegas da minha turma que nunca**

**deram aula e já estão para terminar o doutorado**, [...] acaba às vezes indo pra uma experiência de sala de aula após o doutorado sem nunca ter passado por uma aula de fato ou ter feito o Estágio de Docência [...] (Estudante 28).

[...] **acho que a docência não sei se talvez me cobre muito, mas pelo menos parece a perspectiva de outros colegas também, à docência ela requer sempre [...] muitas habilidades do docente, uma das discussões que sempre esteve é essa questão do pesquisador Professor**, mas isso é só um pedacinho tem várias outras habilidades e fico discutindo sobre a docência, principalmente sobre a parte pedagógica, [...] as diversas habilidades que a gente precisa ter, por exemplo [...] ser um bom comunicador, você tem que ser um bom idealizador, planejador de disciplina e **toda essa questão você tem que estar antenado em metodologias novas, você tem que entender a metodologia, você requer outros tipos de habilidades que não envolve diretamente comunicar, mas engajar [...] você precisa estar antenado na parte profissional [...]** (Estudante 32).

Os(as) Estudante 60 e Estudante 71 mencionam acerca de uma compreensão das possibilidades de melhoria nos programas de pós-graduação com foco nos modelos atuais adotados de ensino e aprendizagem para a formação da carreira docente.

[...] a única coisa que acho que seria interessante [...] seria **pegar os modelos que nós temos, exemplo laboratórios e fazer isso tornar um padrão**, [...], porque às vezes [...] a alma do laboratório é um determinado docente e nem todos têm a mesma alma [...] **uns são mais introspectivos outros mais extrovertidos e a ideia é de avaliar realmente essa grade de transformação dos programas [...] para a docência**, [...] é um pensamento que tenho não sei se ajudaria o nosso modelo atual, [...] às vezes podem não avançar na carreira da docência, mas podem continuar na pesquisa [...] (Estudante 60).

[...] **acho também que dentro do doutorado e do mestrado também deveriam ter inserções de sala de aula** [...] para quem está começando, para quem tem interesse [...], tem que levar a pessoa para a sala de aula, para ela aprender, [...] **se é realmente aquilo que ela quer fazer, acho que falta essa reflexão sobre a entrada e essa situação do pedagógico, a gente não tem instruções pedagógicas, não sei nada de**



**pedagogia, nada**, dou aula faz dez anos eu não sei nada de pedagogia, **tudo que sei aprendi na sala de aula reproduzindo coisas que acho legal**, tentando limitar coisas que não acho legal, [...] acho que a gente tem que dá essa oportunidade para as pessoas que estão fazendo esses programas verem se é isso, porque afinal, a responsabilidade é muito grande, nós estamos usando dinheiro público, esse dinheiro não é de graça. [...]. O que essas pessoas [doutores] vão poder contribuir com a nossa sociedade? Porque ela que está pagando isso, acho que a gente tem que ter essa consciência e não vejo essa consciência [...], estou falando da minha realidade. [...], porque a gente se esforçou, trabalhou e a gente vai formar opinião, por mais simples que seja a minha atuação na sala de aula, estou lá a 10 anos, tenho meu discurso, tenho as minhas creditações, tenho os meus valores e a gente vai passando isso [...], **you mostra as coisas e you impacta a vida das pessoas** [...] (Estudante 71).

Os(as) Estudante 79, Estudante 102 e Estudante 104 também corroboram com a promoção de mais discussões em torno da formação docente no cerne dos doutorados em contabilidade.

[...] **sinto falta no meu currículo dessa questão docente, acho também que os Professores** [...] **precisam ter um tratamento mais acolhedor com o aluno que entra como aluno especial**, aluno não regular [...], ele não está pronto [...] tem que tomar muito cuidado com eles, porque tive a ponto de desistir [...], não tinha condições nenhuma, [...] **a academia, ela tem que se preocupar com isso, olhar melhor esse pessoal que está entrando, os alunos especiais, ter cuidado com eles e realmente se preocupar** [...], **para quem tem essa intenção de se tornar Professor**, [...] **a formação do docente não é apenas para compreender as técnicas, acho que também vai um pouco além disso, vai construir uma compreensão de uma sensibilidade que a gente tem que ter em sala de aula**, porque quando a gente fala para o público da graduação é uma coisa, do mestrado e doutorado é outra [...], a formação do docente, ela vai um pouco **além das técnicas que são tão importantes também, mas passa muito pela sensibilidade enquanto ser humano** (Estudante 79).

[...] **o que acrescentaria é aquilo que a gente conversou sinto muita falta de um conteúdo mais docente dentro do doutorado**, se eu pudesse [...] ter esse poder, acho que incluiria disciplinas voltadas para a Metodologia do Ensino Superior, **a gente sente**

**isso enquanto aluno que dentro da sala de aula os Professores não estão ou não foram preparados para serem Professores, foram preparados para serem pesquisadores**, essa seria a primeira coisa que eu falaria, acho que dá para dividir essa questão é pesquisa e docência e não só pesquisa [...] (Estudante 102).

[...] **consigo pensar só nas críticas que faço na forma como o ensino em contabilidade é feito [...], por exemplo sempre critiquei a falta de disciplinas voltadas para o ensino e para a docência, porque por exemplo agora na universidade onde atuo estão cobrando da gente metodologias ativas e isso é uma coisa que poderia ser encaixada durante o doutorado e a gente tem que se virar para aprender [...], não desenvolvem a gente para isso e acho que isso gera essa consequência negativa de muitos Professores ruins na graduação, [...]** existem pessoas que são excelentes pesquisadores e péssimos Professores, então gera uma cadeia muito grande de dificuldade e essa deficiência do Professor vai passar para o aluno, [...] vai ser refletida no mercado de trabalho e vai gerando uma cascata, acho que isso poderia mudar [...] (Estudante 104).

(vi) A docência como profissão

Algumas lacunas foram explicitadas pelos estudantes, no sentido de abordar a docência como profissão em programas de pós-graduação em contabilidade, além de elevar a profissão que ainda sofre desvalorização.

[...] **hoje realmente fico bem reflexiva sobre o que leva uma pessoa buscar pós-graduação e como comentei ao longo da entrevista são diversas as razões cada um tem a sua, a progressão na carreira, busca pelo conhecimento, qualificação pensando em exercer a docência como profissão**, ingressar no serviço público, mas é uma carreira que acho [...] hoje no terceiro ano fico bem reflexiva, será que tudo isso está valendo a pena? espero que valha, porque realmente o que me levou foram as oportunidades [...], mas acho que **é uma carreira que envolve muita incerteza, envolve muita falta de reconhecimento no nosso país**, depois de muito tempo as bolsas foram aumentadas, falo de um lugar de muito privilégio, porque ainda não tenho filhos, mas fico pensando se eu tivesse que viver só com a bolsa se eu manteria uma família [...] é muito difícil, talvez tudo isso, todas as sobrecargas que

existe na pós-graduação em termos de demandas, de disciplinas [...] tudo isso justifique o que comentei anteriormente sobre **a queda da demanda [...] na pós-graduação e acho que de alguma forma precisa ser revisitado no sentido do que [...] vai ser o futuro da pós-graduação, não sei, as perspectivas não são muito animadoras, mas essa é a reflexão que deixo** (Estudante 33).

[...] **o que motivou a entrar no doutorado, ou se entrou no doutorado com a perspectiva da carreira acadêmica, se, de fato, teve algum fator que influenciou a questão da escolha da academia [...]**, porque um dos aspectos que às vezes fico discutindo com uma colega que está no mestrado é que às vezes fico triste com alguns colegas, com o posicionamento de alguns colegas em relação ao exercício, de fato, da docência, se você for só pelo dinheiro, não tem problema nenhum, mas que não esconda que existe essa motivação, tudo bem, não tem nada de errado, você diz que está trabalhando pelo dinheiro, inclusive todo mundo precisa, mas vejo às vezes uns discursos que, na prática, é totalmente diferente, enfim, tentei fazer o meu da forma como acho que deve ser feito, respeitando o que, de fato, é ser docente, se os outros não fazem, infelizmente [...] (Estudante 61).

[...] **acho que é importante, [...] essa visão de que a gente está formando docentes e que esses docentes vão influenciar, [...]** acho que isso é um ponto, não sei se essas pessoas têm noção da importância desse processo, até falando dessa questão do poder de voz, no sentido de que nós seremos os responsáveis que formaremos uma quantidade enorme de pessoas e a gente tem o poder de influenciar positivamente essas pessoas, não sei se isso é levado em conta sinceramente, **não sei se uma pessoa que vai fazer mestrado e doutorado se ela está pensando nesse aspecto, acho que isso é importante, que a gente tenha um olhar um pouco mais crítico nesse sentido [...]** (Estudante 76).

[...] **acho que quem chega num degrau de doutor, acho que a maior parte pretende seguir carreira como Professor, pelo menos, na contabilidade isso pra mim é muito forte**, acho que o importante é a pessoa ter noção de que ela tem que continuar pesquisando, não pode desistir, porque infelizmente as vagas são poucas [...], acho que cada um tem que tentar buscar o seu lugar ao sol e isso vale para não só ser Professor como tentar ir pra algum cargo público [...], acho que são alguns pontos que

são importantes e no que diz respeito aos prismas [...] no aspecto pedagógico também tentar inovar não ficar só naquele modelo de aula expositiva do Professor, **tentar trazer o aluno pra dentro da atividade acadêmica pra não ficar só de forma passiva [...]**, acho que cada vez mais existe metodologias que fazem o aluno mais proativo [...] (Estudante 89).

(vii) A (des)conexão entre teoria e prática

Alguns dos futuros doutores em contabilidade propiciaram reflexões sobre as des(conexão) entre a teoria e a prática nos cursos *stricto sensu* em contabilidade no Brasil.

[...] **acho que falta muito a questão prática [...], vivenciar as questões operacionais e técnicas para que possa levar uma discussão de mais qualidade dentro de sala de aula**, tive o prazer de fazer uma disciplina mais ou menos nesse sentido, [...] essa atividade prática e teórica era muito interessante, [...], a gente tem muita dificuldade de trazer esse conhecimento prático para os alunos [...] (Estudante 40).

[...] **não tive nenhuma cadeira que trabalhou com exercícios, com a prática contábil**, isso é um ponto dentro do doutorado você vai dar aula na graduação, tem que rever todo o conteúdo, porque você já nem sabe mais como é que faz uma DFC, uma DVA, uma DMPL, isso tem que ser trabalhado, tem que ter exercícios, tem que ter prática, tem que saber os CPC's [...]. Hoje em dia é tudo [...] digital [...]. **Como que a gente faz o processo de ensino ser mais automatizado? como é que o aluno pode aprender mais nesses aspectos no doutorado?** [...] o foco está mais na estatística do que no problema de fato, rejeitar uma hipótese parece ser um crime [...] (Estudante 42).

[...] **acredito que [...] futuros doutores em contabilidade têm que olhar as relações das organizações na área contábil, [...] as empresas precisam muito ter esse conhecimento teórico e científico mais aprofundado pra desenvolver melhores práticas de mercado e os pesquisadores têm que entender que essas pesquisas não podem estar somente com um teor, elas têm que trazer as práticas de mercado e**, aliás, a metodologia de métodos quantitativos e métodos qualitativos ligados à prática que você vai desenvolver na empresa é fundamental, por exemplo, a gente vê a pesquisa que está desenvolvendo na área contábil, setores, escritórios de contabilidade que não

tem noção da percepção de qualidade [...], o que é a marca, a percepção de marca, tem escritório de contabilidade que às vezes não cresce, não tem desenvolvimento por falta de conhecimentos teóricos [...] e até mesmo na parte mais contábil, [...] desenvolvimento de posicionamento de contas, de abordagem de contas que também são fundamentais e trazem redução do custo para as empresas são fundamentais para que exista essa [...] compreensão [...], **tem essa carência ainda muito forte de trazer a pesquisa para o mercado e o mercado entender que a pesquisa pode implementar melhorias** (Estudante 53).

[...] **acho que há três aspectos [...] primeiro quando a gente se joga nessa realidade nova que é a vida acadêmica**, [...], experimentar métodos, epistemologias pra gente se achar, [...]. **A segunda é ser Professor**, acho que é [...] buscar experiências que agreguem a formação docente é muito importante [...], para mim deveria ser obrigatório, porque consequentemente você vai dar aula, a gente não recebe essa formação na graduação, buscar alguma experiência de sala de aula, tem que começar de algum lugar, [...] geralmente a gente é jogado [...], de que jeito irá formar melhores Professores pesquisadores mais conscientes que vão orientar também adequadamente os alunos? [...]. **A terceira acho que [...] é para a contabilidade, a gente não pode esquecer das organizações nem sempre a gente vai conseguir colocar uma contribuição prática a depender do problema da pesquisa, mas a gente precisa pelo menos, de uma contextualização, saber como colocar essa pesquisa para poder dar mais relevância na questão teórica, porque pode inspirar uma política pública, ter uma implicação prática mais direta, tanto na área financeira quanto gerencial [...]**, acho que esse aspecto é importante. porque **a contabilidade é uma prática baseada em evidências, mas também é uma prática social** e que tem comportamentos e aspectos econômicos, acho que tudo que a gente discute tem como acoplar um contexto social, por mais geral que seja [...], enfim nunca perder de vista o contexto, por que a gente corre o risco de perder até a relevância teórica [...], porque **às vezes a literatura está saturada, mas é porque a gente não está tocando em aspectos da realidade [...]** (Estudante 77).

[...] **acho que para os futuros doutores [...] focar na questão de desenvolver teses que tenham uma utilidade para o mercado**, acho que isso é o primeiro ponto, o segundo ponto **vejo a necessidade de que essas teses tenham reflexões cada vez**

**mais sócio ambientais ou de um prisma maior**, [...] acho que mesmo que o foco [...] seja à docência ou que o foco seja o mercado ou a consultoria que o futuro doutor, pelo menos, parte do tempo dele, ele se preocupe em fazer o intercâmbio se ele quer ser Professor que ele participa de algumas consultorias ou se ele quer ser um profissional do mercado que ele participe, pelo menos, de uma aula [...] em alguma universidade **para poder fluir, poder transacionar o conhecimento dele para a academia** (Estudante 101).

[...] **acho que falta muito um cruzamento de informações entre o mercado e a contabilidade dentro da academia**, acho que hoje [...] as pessoas não querem passar dados e isso influencia muito [...] nossas pesquisas, a gente faz pesquisas quantitativas e as pesquisas quantitativas que nós fazemos são das companhias abertas, porque nós só temos acessos a elas, [...] os empresários brasileiros têm muito medo de passar as informações, mas seria conseguir ter acesso às informações dessas empresas para que a gente pudesse ter pesquisas mais consistentes [...], acho que as nossas pesquisas estão muito mais do mesmo [...] e **só os pesquisadores leem as pesquisas, as pessoas de fora não leem as pesquisas, os alunos da graduação não leem nossas pesquisas, os empresários não leem nossas pesquisas**, isso tem que mudar [...] parto do princípio que os futuros doutores serão os futuros coordenadores, serão os futuros orientadores, estou partindo dessa premissa, acho que hoje para mim são essas questões pedagógicas e metodológicas que mais me incomodam e **acho que melhoraria tudo se a gente tivesse essa conversa do mercado com a academia** [...] (Estudante 102).

(viii) A pandemia: o reflexo nas aulas e nas pesquisas em contabilidade

Algumas reflexões promovidas tangenciaram o reflexo da pandemia nas aulas e nas pesquisas em contabilidade. Os(as) Estudante 49, Estudante 50 e Estudante 75 compartilharam suas acepções:

[...] **vejo que a pandemia por mais que ela tenha sido um período difícil, ela também ensinou muito a gente, de sensibilidade com as coisas, principalmente no campo pedagógico, ser mais simpático com as pessoas** [...], teve o seu lado ruim que o imediatismo ficou mais forte, tudo a gente quer pra ontem, [...], mas **vejo em termos de pesquisa ficou mais fácil o contato com as pessoas, trocar informações, ter**

**nossas reuniões [...], reduziu muita as distâncias [...]**, vejo que muitos já estão saindo um pouco mais empáticos do que [...] um contexto mais antigo, mais fechado, [...] mais rígido [...], acho que cada um vai ter uma experiência diferente, vai ter uma visão diferente, [...], a gente tem um grupo de WhatsApp dos colegas do doutorado, tudo que acontece [...], se teve aula a gente se reunia, [...] se apoiava [...], porque um escutava o outro, **a rede de apoio às vezes não está em casa está nos próprios colegas [...]** (Estudante 49).

[...] **a participação dos alunos depois da pandemia a gente vê que realmente tem diminuído muito**, [...] nesse período mesmo conversando com uns Professores, eles têm sentido essa diminuição do interesse e com as regras da CAPES agora de que você não precisa mais residir na cidade para ser bolsista, você pode trabalhar, não sei quanto isso vai ser prejudicial para a experiência da pós-graduação, sinto que cada vez a gente fica mais afastado e mais isolado e isso não é bom por experiência própria, porque a cobrança é muito grande, **a cobrança pessoal é muito grande e os desafios de lidar com isso tudo sozinho é complicado, não sei como isso vai ficar nesses próximos anos**, acho que é mais essa reflexão que teria [...] é uma preocupação que tenho (Estudante 50).

[...] acho que hoje em dia a gente tem [...] processos rígidos, que principalmente na atual realidade não cabem, [...] **a gente teve uma pandemia [...], acho que a gente deveria ter um pouco mais de cuidado com as pessoas que estão fazendo e entrando na academia**, porque, claro, as regras têm que ser bem aplicadas, por exemplo, tem muitas situações que fogem das regras e acho que deveria ter um pouco mais de compreensão com a situação [...] (Estudante 75).

(ix) Os egressos da pós-graduação em contabilidade

O(a) Estudante 82 mencionou acerca de uma divulgação mais qualitativa em torno dos programas de pós-graduação em contabilidade. Uma das justificativas utilizadas foi de que a partir do momento em que há informações mais transparentes, pode ser um sinalizador para que o estudante ao ingressar não desista pelo fato de não conseguir cumprir alguma exigência.

Possivelmente não tem muita relação com o objetivo de pesquisa, mas uma coisa que senti muita falta, quando estava no mestrado a gente está um pouco mais crua, nem pensaria nisso na época, mas uma coisa que senti muita falta, é ter **acesso às informações dos egressos dos programas**, sei que a CAPES faz as avaliações periodicamente, mas não sei a região, não sei se é por ignorância minha se esse tipo de informação não é tão socializada com a sociedade pra gente ter acesso, mas **as informações mais qualitativas em relação aos programas que a gente vai entra, por exemplo, entrei no programa de pós-graduação [...] só descobri os prós e contras do programa depois que eu já estava lá, [...]**, acho que pra gente entender um pouco mais **seria interessante uma forma de divulgação desse tipo de informação** por parte da CAPES, **em relação as informações qualitativas dos programas [...]**, porque, por exemplo falando a nível de mestrado a minha expectativa do que encontrar ali dentro quando entrasse no programa fui descobrir lá dentro, sei que tem muita gente que acaba desistindo do curso, [...], enfim, acho esse tipo de informação seria interessante [...] (Estudante 82).

Os nove pontos trazidos pelos futuros doutorandos em contabilidade como forma de contribuir para além das perguntas da pesquisa desta tese atuaram como promotoras para novos *insights* e lacunas a serem discutidas. Ademais, tais reflexões atuaram para a composição de uma agenda de pesquisa que pode auxiliar futuros e atuais pesquisadores a explorarem outros fatos e fenômenos inerentes a área contábil.



## 5 CONCLUSÃO

A intenção desse capítulo final é trazer à tona, a partir da questão norteadora da tese, os pontos compreendidos como contributos para reflexões em torno dos futuros doutores em contabilidade quanto aos Prismas Teóricos, Metodológicos e Pedagógicos. Assim, optou-se por dividir este capítulo em subseções, cada uma com o objetivo de elucidar as principais informações propiciadas por meio do estudo.

Tais subseções compreendem: (i) as principais descobertas e suas conexões com a fundamentação teórica; (ii) implicações práticas; (iii) reflexão pessoal; (iv) limitações e recomendações para pesquisas futuras.

### 5.1 As principais descobertas e suas conexões com a fundamentação teórica

De forma a trazer à tona as principais descobertas e conectá-las, quando possível, a fundamentação teórica utilizada, optou-se por tal explanação a partir dos objetivos específicos norteadores desta tese, dado o objetivo geral que foi analisar os futuros doutores em contabilidade quanto aos Prismas Teóricos, Metodológicos e Pedagógicos para a construção profissional, bem como do ser social, a primeira indagação, que corresponde ao primeiro objetivo específico visou conhecer a trajetória de vida profissional do sujeito que escolheu ser doutor em contabilidade.

Uma das principais compreensões trazidas a partir do entendimento de tais trajetórias foi devido a algumas habilidades reconhecidas desde a infância, como por exemplo gostar de números, de se comunicar com as pessoas, além de influências recebidas, seja pelo fato do primeiro trabalho ter sido em escritório e particularmente na área contábil. Ademais, para entrada na graduação a influência recebida de familiares que trabalham na área e o ingresso na pós-graduação pela influência por parte de alguns docentes que eram vistos como ‘Professores modelos’.

Os estudos propiciados por Bowlby (1977), Hazen e Shaver (1987) e Popper e Maysless (2003) possibilitaram o entendimento de que as proximidades ao longo da vida são condutoras no sentido de influenciar, muitas vezes, as escolhas e as ações das pessoas. Assim, com base nas 105 entrevistas realizadas tem-se um sinalizador de que as escolhas são pessoais, porém há fatores que podem influenciar tais escolhas, sendo um desses fatores os estímulos recebidos desde a infância (familiares) e os exemplos reconhecidos (Professores).

Ainda em relação a trajetória e a escolha pela profissão contábil foi a experiência concomitante ou após a realização do ensino médio em virtude da existência de cursos técnicos profissionalizantes na área contábil. Outro ponto diz respeito a escolha pela área das Ciências Contábeis que se deu a partir do conhecimento de uma área anterior, como por exemplo, e prioritariamente, Administração, Economia e Direito.

Um último ponto percebido foi que o aspecto remuneratório não foi um fator exposto nos argumentos dos futuros doutores em contabilidade no que diz respeito a escolha pela profissão. Bowlby (1977) reitera que “na fase da educação para o doutorado um dos primeiros passos para o desenvolvimento de uma identidade acadêmica profissional é considerar que as conexões (vínculos) são relevantes e que merecem ser conhecidas e estudadas” (p. 201).

O segundo objetivo específico presente nessa tese foi entender o processo de proximidade imbricado nas relações orientador/doutorando. Nesse viés, algumas reflexões foram propiciadas, por exemplo em virtude de algumas afinidades como o estudante ter realizado a graduação e/ou o mestrado na mesma instituição, interesses de estudos similares a partir de leitura do *Lattes* e também a admiração ao Professor/orientador pelo fato de conhecer sua trajetória de orientação, por meio de colegas da academia.

Adiciona-se a este processo de proximidade que essa continuidade com determinado Professor é, por vezes, em virtude de perceber que há vínculos seguros, ou seja, há uma compreensão por parte do estudante de que o orientador irá suprir determinadas necessidades, como, por exemplo, sugerir novas ideias, ser solícito, propiciar abertura para discussões, exigente, etc. Nesse sentido, Davidovitz et al. (2007) comentam que esse movimento de continuidade é denominado de “manutenção da proximidade”, ou seja, as pessoas optam por estarem perto dessa ‘figura de apego’, por que veem nela um porto seguro, alguém em que podem confiar, “principalmente em momentos de estresse ou necessidade” (p. 632).

Torna-se relevante comentar que há, por vezes, um certo ruído de comunicação quando esses vínculos de proximidade não são percebidos e/ou construídos. Tal ruído no sentido de que, geralmente, cabe aos programas de pós-graduação os encaminhamentos que estipulam os orientadores e seus orientandos. Com base nas respostas dos entrevistados, na sua maioria, os vínculos construídos foram positivos. Carter e Fuller (2016) arguem sobre a relevância das trocas sociais para a formação de vínculos.

As referidas trocas sociais foram externadas pelos entrevistados no sentido de buscar informações prévias acerca dos prováveis orientadores, bem como entrar em contato com o Professor no intuito de demonstrar as intenções de estudos e profissionais. Além disso, uma autorreflexão das demandas acadêmicas/profissionais (seja de prazos, créditos, produção, etc.),

assim como das demandas pessoais (escrita, prioridades, cuidado com a saúde física e mental, etc.) para a inserção em um curso de pós-graduação.

Em relação ao terceiro objetivo específico de investigar as implicações teóricas na construção da tese, os 105 futuros doutores em contabilidade entrevistados contribuíram com algumas reflexões, como por exemplo, os vínculos entre a teoria, problema proposto e a prática. Menciona-se que um dos pontos a serem compreendidos parte do princípio de uma atenção na fase de construção da tese se, efetivamente, os estudantes construíram sua visão de ciência, além da compreensão sobre a ótica de visão de mundo que ele quer tratar o problema.

Adicionalmente, a essa visão de mundo o que ficou explícito a partir das entrevistas realizadas foi a predominância de pesquisas positivistas-funcionalistas, decorrentes de influências recebidas desde a formação inicial. Baker e Pifer (2011) e Khosa et al. (2020) comentam que essa predominância sinaliza um reflexo das tradições epistemológicas que guiaram o percurso acadêmico dos orientadores.

Ademais, mesmo que de forma módica há um esforço por parte de alguns docentes em expandirem discussões sobre outras alternativas epistemológicas. Importante comentar que a ideia propiciada pelos entrevistados que optam por abordagens e métodos de pesquisa fora do escopo *mainstream* não ignoram a relevância de estudos quantitativos, porém trazem à tona as possibilidades de contribuições para a área contábil quando se observa fatos e fenômenos por outros primas (sejam eles ontológicos, epistemológicos e metodológicos).

Além disso, uma premissa fundamental para uma tese é a forma como a composição final impacta seja para melhoramentos na área pública, privada e /ou do terceiro setor. Desse modo, uma das reflexões promovidas é o instrumental de informações necessárias para que efetivamente a escolha pelo uso de uma teoria proporcione um aporte para o campo acadêmico e profissional.

Essas menções a respeito do incremento das pesquisas em contabilidade conceberem outras epistemologias, surge com a intenção de que há a necessidade em compreender a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade que envolve as áreas. Cita-se a exemplo, as áreas da Psicologia, da Sociologia, da História, da Educação, da Pedagogia as quais são áreas de conhecimento que podem agregar para a área da Contabilidade como as áreas da Administração, da Economia e do Direito já agregam.

Outro ponto atrelado ao âmbito teórico diz respeito a importância sinalizada por boa parte dos entrevistados para a construção de suas fundamentações teóricas da realização de seminários, conversas com os grupos de pesquisa, trocas com o orientador e etc. Essas trocas configuram-se como artifícios relevantes para essa consolidação do problema da pesquisa e da

escolha ou não pelo uso de uma teoria e se ela realmente encontra-se aderente ao estudo proposto. Baker e Pifer (2011) expõem que um dos pré-requisitos para a educação do doutorado é o fomento para a socialização com os pares.

No tocante ao quarto objetivo específico que visou investigar as implicações metodológicas na construção da tese, os 105 futuros doutores em Contabilidade trouxeram à tona algumas contribuições, entre elas: a necessidade de ter bem estruturado o desenho metodológico e que este esteja aderente ao problema que se deseja responder. Ademais, a ciência de que cabe a esta etapa considerar que a abordagem escolhida é adequada para compreender o fenômeno observado.

Em adição, torna-se importante mencionar como os programas de pós-graduação em contabilidade, na sua maioria, não exploram outras epistemologias existentes além do viés positivista, há uma tendência para que os estudantes não consigam, por vezes, definir a sua base epistemológica. Este ponto revela que, mesmo de forma não intencional, há uma ‘guerra de paradigma’ ou ainda de aceitação e aprendizagem de outros paradigmas existentes.

Coates (2020) e Magrini et al. (2024) fornecem subsídios que corroboram com essa ‘guerra de paradigmas’ e mencionam que às vezes a opção por determinados métodos sobrepõem até mesmo os problemas que precisam de resoluções. Outrossim, há a necessidade de uma composição, neste capítulo, que traga de forma explícita como o estudo foi feito, onde foi feito e porque foi feito. Tais demarcações são importantes, pois além de fornecer transparência ao leitor o próprio pesquisador entende o percurso que adotou.

Um outro ponto em consonância com as descobertas intrínsecas ao campo metodológico tange a primazia pela coleta de dados utilizando-se de informações disponibilizadas em meio digital pelas empresas. Primeiro ponto a ser considerado é o baixo uso de outras formas de coleta, como por exemplo, questionários e entrevistas. Segundo pelo fato de as referidas informações disponibilizadas serem apenas das empresas de capital aberto, ou seja, a busca por informações, resoluções e lacunas a serem descobertas e preenchidas de outras companhias são, em sua maioria, desconsideradas.

O último objetivo específico foi compreender as implicações pedagógicas do ser profissional na ambiência de um doutoramento em contabilidade. Neste ponto algumas reflexões importantes foram externadas como, por exemplo, a sinalização por parte dos entrevistados de que os programas de pós-graduação estão formando pesquisadores e não Professores. Além disso, cabe o entendimento de que para boa parte dos futuros doutores em contabilidade a intenção profissional é para a entrada ou continuidade na carreira docente em Instituições de Ensino Superior Públicas.

Outra compreensão trazida à tona diz respeito a não oferta de disciplinas direcionadas a preparação docente. Menciona-se que atrelada a tal preparação encontram-se a disciplina de Metodologia do Ensino Superior (que em algumas instituições é ofertada de forma eletiva) e o Estágio Docência. Este último sinalizado por alguns dos entrevistados como uma lacuna no sentido de explorar desde a elaboração de um plano de aula até o uso de aparatos (didáticos e metodológicos) que possibilitem o futuro doutor aprender a ensinar.

Nóvoa (1991) argumenta que “a desvalorização da dimensão pedagógica é um dos entraves a serem resolvidos na academia” (p. 11). Acrescenta-se, assim, como uma das menções abordados pelos entrevistados a fala do(a) Estudante 46: “Como você vai aprender ser Professor lendo artigos?”, ou ainda, o Estudante 42: “Como que faz uma aula? Quais são os problemas de aula? Como que faz extensão?”.

Tais reflexões são direcionadores importantes a serem considerados no cerne de um doutoramento em contabilidade. Ademais, conforme também explicitado por alguns dos entrevistados, às vezes, por escolha, o acadêmico percorreu desde a graduação ao doutorado sem ter contato com uma sala de aula e esperam ou esperavam que essa formação fosse, minimamente, conduzida pelos doutorados, principalmente por aqueles denominados doutorados acadêmicos.

## **5.2 Recomendações práticas**

Na oportunidade de escutar 105 futuros doutores em contabilidade é inevitável que algumas recomendações de ajustes e/ou melhorias venham à tona. De forma a explicitar tais recomendações optou-se por dividi-las em reflexões e sugestões direcionadas aos acadêmicos que optam pelo ingresso em um programa de doutorado, aos docentes, aos programas de pós-graduação e as agências de fomento.

A primeira recomendação de cunho prático aos estudantes que decidem construir sua trajetória profissional tendo um doutorado em seus currículos é elaborar um planejamento e organização prévios com relação a instituição em que deseja ingressar, uma busca e pesquisa a respeito dos possíveis orientadores e, se possível, conversar previamente. Além disso, ter a ciência, devido a maturidade de pesquisador construída no mestrado, sobre o tema de interesse.

Tais recomendações farão com que este acadêmico, minimamente, visualize as melhores condições para o seu decurso. Outra visão atrelada a isso norteia a possibilidade de residir em outro Estado, condições para o distanciamento da família, amigos, etc.

Todo esse planejamento pode não ser suficiente quando há situações não controláveis, a exemplo, a pandemia vivenciada com intensidade nos anos de 2020 e 2021. No entanto, tais planos se fazem necessários para que a entrada, bem como permanência em um programa de doutorado ocorra de forma mais organizada possível e com menos frustrações, pois demandas, cobranças, renúncias e desafios são inerentes a quaisquer decisões inclusive a escolha pelo ingresso em um doutorado.

A segunda recomendação é direcionada aos docentes, pois uma das inquietações percebidas com maior ênfase foi com relação a promoção de diálogos entre orientador/orientando. O direcionamento para o ponto de diálogo leva em conta o fato de que nem sempre há possibilidade de uma formação de vínculo, porém a menção para a abertura de diálogo é pelo fato de que se leva em consideração que o Professor é o mentor daquele estudante, mesmo que o doutorando tenha ideia quanto ao percurso que deseja fazer, a figura do orientador é auxiliar para que esse caminho seja trilhado da melhor forma possível.

Assim, o Professor/orientador é o elo para a decisão quanto a construção efetiva da tese no sentido de fazer com que o seu orientando veja sentido naquilo em que está pesquisando. Essa recomendação vem ao encontro de algumas inquietações expostas pelos entrevistados, como por exemplo, a escolha do tema não partir do doutorando e sim como uma imposição do orientador, por vezes o doutorando não tendo uma abertura suficiente para o diálogo acaba experienciando angústias para além do que é ‘comum’ em um doutorado.

Vinculado a isso pode-se perceber que os entrevistados se direcionaram para os aspectos mais negativos do que positivos nesse ingresso, mesmo o curso de pós-graduação como o doutorado sendo uma escolha de cada um. Conforme mencionado por muitos dos acadêmicos há um confronto com diversas renúncias, as quais acabam por gerar questões pessoais como emocionais e financeiras e em virtude disso chega-se ao ponto de que os aspectos negativos têm uma maior ênfase em relação aos aspectos positivos.

Por outro lado, comenta-se que na fala dos orientandos mesmo com as diversas renúncias que existem e os desafios inerentes também existe uma fala de que hoje sou muito mais resiliente, capacitado e qualificado para fazer uma apresentação, estar no centro de uma reunião ou promover uma aula. Em suma, existe esse contraponto entre as renúncias e a ruptura que existe nesse processo de desenvolvimento, como por exemplo o crescimento que se percebe não apenas quanto a maturidade, mas também com relação a autonomia de desenvolvimento.

Assim, essa relação orientador/orientando ela permeou as falas dos estudantes, pois por mais que as perguntas, muitas delas, não estivessem direcionadas a essa relação, essa questão do orientador e do orientando se fez presente, convergindo, assim, com o que a Teoria do Apego

diz e alguns pontos no Interacionismo Simbólico também fornece. Importante comentar que às vezes se tem uma ideia que quando alguém ingressa em um programa de doutorado, a pessoa já é um profissional, já passou por uma graduação, por um mestrado, muitos deles, e assim, praticamente já sabe o que fazer e como fazer.

No entanto, pode-se compreender com as entrevistas que nem sempre é assim. Torna-se relevante refletir que este estudante por estar ingresso em um programa de doutorado encontra-se em um processo de desenvolvimento e para que esse processo se cumpra há que se ter alguém próximo que minimamente transmita segurança, ou seja, os vínculos seguros de proximidades preconizados pela Mary Ainsworth que façam com que se consiga uma maturidade e chegue ao final com um trabalho bem construído e isso depende (muito) do apoio e suporte do orientador, por mais que já se tenha uma clareza do que irá ser trabalhado, mas esse suporte se faz fundamental.

Uma terceira sugestão sinalizada aos programas de pós-graduação em contabilidade é direcionar um olhar para a formação que desejam para os futuros doutores na área. Uma das sinalizações percebidas é a tendência para a formação de pesquisador e uma atenção incipiente para a formação docente. Na elaboração dessa tese houve a compreensão de que praticamente a totalidade dos entrevistados atuam ou pretendem atuar na docência, por este motivo fica explícita a necessidade de que subsídios reforcem essa construção do ser Professor no cerne dos doutorados em contabilidade no Brasil.

Ademais, foi percebido um esforço por parte de alguns Professores em inserirem em suas disciplinas pontos concernentes a construção didático-pedagógica. No entanto, pode-se perceber que há lacunas a serem preenchidas, como por exemplo, disciplinas específicas e obrigatórias que tratem dessa formação docente, do saber didático, metodologias de ensino, elaboração de planos de aula, saberes sobre acessibilidade, diversidade, etc.

No tocante a recomendação voltada as agências de fomento, percebeu-se com base nas entrevistas realizadas a necessidade de uma maior aderência dessas agências no sentido de compreenderem até que ponto determinadas exigências agregam para o futuro doutor. Cita-se a exemplo, as exigências em torno de publicações, ou seja, até que ponto essas publicações são efetivamente percebidas como válidas e seus resultados reverberados para os programas, para a área de conhecimento, para as agências, para o mercado e para a sociedade.

As recomendações pontuadas são apenas algumas reflexões de lacunas percebidas a partir das falas dos entrevistados e que merecem ser (re)visitadas, pois o intuito de todo o conjunto (discentes, docentes, programas e agências) é fazer com que os resultantes desse

processo (doutores) prosperem e contribuam de forma qualitativa para as suas áreas de conhecimento e principalmente para a sociedade.

### 5.3 Reflexão pessoal

As 1.254 páginas transcritas oriundas de 105 entrevistas realizadas me fizeram refletir sobre a importância em escutar as alegrias, angústias, frustrações e conquistas que se opta por passar quando escolhemos ser doutores e doutoras em contabilidade. Escutar as trajetórias profissionais e acadêmicas possibilitou refletir sobre a minha própria trajetória e todos os sonhos atrelados a ela.

Neste tópico que intitulo ‘reflexão pessoal’ faço um recorte do que foi experimentar realizar tantas entrevistas, com muitas das quais me identifiquei de alguma forma, como por exemplo, pelo ganho de amadurecimento em um curto espaço de tempo. Além disso, a ruptura que um curso *stricto sensu* e particularmente a entrada em um doutorado proporciona, ficamos mais cautelosos, criteriosos e abertos a novas aprendizagens que são constantes desde a troca de um e-mail com um novo colega a um convite para efetivar a tão esperada defesa ao final do curso.

O nível de profundidade que aprendemos quando estamos escrevendo ultrapassa as fronteiras da ciência e chega ao cotidiano quando optamos por determinados caminhos ao invés de outros, quando realizamos uma crítica fundamentada em argumentos e não em suposições infundadas. Claro que nem sempre as mudanças são positivas, também existem os desafios e não são poucos, desde a interpretação de artigos até a necessidade de ficarmos isolados na tentativa de buscar inspiração para ler e escrever nossa tese, porém nem sempre essas tentativas acontecem, como mencionado por alguns dos colegas temos família, marido, esposa, filhos que nem sempre entendem as nossas escolhas, mas demonstram, por meio de apoio, aconselhamento e abraços o quanto torcem por nós.

Aos meus queridos colegas que aceitaram o tema de minha tese e participaram da entrevista saibam que escutei atentamente o que cada um argumentou. Foram falas firmes, que transpareceram verdades e sei que eram, agradeço a cada um por ter proporcionado a concretude desse trabalho e espero que ele, minimamente, espelhe o que é cursar um doutorado em contabilidade no Brasil.

Além dos agradecimentos também insiro como reflexão a importância da realização de entrevistas, pois pode-se perceber que ao realizá-las as pessoas externaram não apenas os pontos perguntados, mas também suas emoções e sentimentos. A partir dos relatos houve a



possibilidade de compreender, de forma mais profunda, algumas expectativas, frustrações além de sonhos pessoais e profissionais.

Por fim, para a composição final dessa ‘reflexão pessoal’ acrescento que experimentar realizar mais de 100 entrevistas transcendeu o próprio objetivo e escrita dessa tese. Reitero a importância desse feito não apenas para meu crescimento profissional, mas também e principalmente pessoal. Encontro-me no início da carreira docente e escutar tantas trajetórias fez com que intensificasse meu respeito pelo sonho de cada um.

Respeito esse que externo a minha orientadora (**Prof.<sup>a</sup> Adriana\***) por sua trajetória e a qual em momento oposto ao meu encontra-se na conclusão de sua carreira docente. Dessa forma, optei por deixar registrado, **nas palavras dela\***, um pequeno recorte de suas experiências e de seu respeito as pessoas e a profissão que escolheu.

---

\*Administradora e Contadora, iniciei minha carreira na docência em 1994 como auxiliar de ensino na Universidade de São Paulo. Precisamente na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto. Mesmo tendo várias pessoas que me ajudaram durante toda minha trajetória, tem um que é especial e este mentor é o Prof. Dr. Alexandre Assaf Neto a quem eu agradeço por ter me ensinado.

Em 1992 ministrei um ano letivo das disciplinas de contabilidade em um curso Técnico em Contabilidade. Foi uma experiência incrível! Me lembro que na primeira semana de aula eu preparei material para o ano letivo inteiro! Tanto era minha preocupação em ter material suficiente para ‘dar aulas’.

A aula era puramente no modelo tradicional com lousa e giz. Em 1997 defendi o meu mestrado e já ingressei no programa de doutorado. Anos de dedicação, luta pessoal, profissional e busca por competência. Hoje prezo pelas escolhas. Sim, escolhas. O que pode me fazer feliz será o que certamente eu farei, pois sei que o resultado será sempre o melhor. O melhor de tudo é entender que a educação transforma a vida das pessoas e com ela o mundo se abre e as perspectivas e sonhos se multiplicam. Foi exatamente isso que aconteceu comigo.

Fica passando um filme na cabeça e se eu pudesse sintetizar em uma palavra seria respeito. A palavra respeito acho que ela tem que ser resgatada na academia, respeito pela capacidade do aluno, respeito pela nossa capacidade como docente em atender, respeito pela quantidade e volume de coisas que a gente tem hoje em dia que lidar. O mundo mudou em todas as vertentes e vejo que cada vez mais a educação de uma maneira geral está perdendo essa função que é o respeito. Respeito em todos os sentidos, de limite, de superação, de organização, de resultado.

Hoje talvez se perdeu esse respeito de um ajudar o outro, antes havia muita ajuda mútua. Não podemos deixar que a essência se perca, por que isso muda a perspectiva para essa reflexão do que é realmente a formação, porque o diploma ou o título, eles são consequências do processo, mas a essência e faço novamente o resgate da palavra respeito ele permeia todas as situações, a gente pode ter opinião diferente, formas diferentes de interpretar um assunto e deve, pois, é preciso e salutar, mas o respeito precisa ser prioridade em tudo.

---

Finalizo esse tópico com a certeza de que formar pessoas é uma responsabilidade e que sempre será válido lembrar que cada trajetória é única e particular, porém a aprendizagem se faz, em sua maioria, no coletivo e na interação com as pessoas, por isso reitero a ênfase da palavra respeito preconizada por minha orientadora.

#### **5.4 Limitações e Recomendações para pesquisas futuras**

Quaisquer estudos científicos têm suas limitações e esse não seria diferente. Uma das limitações a serem pontuadas é com relação a limitação do método da *Grounded Theory*. Primeiro pelo fato de que há divergências de aplicabilidade a depender do autor base, como por exemplo, “Glasser e Strauss defendem começar com uma área substantiva”, ou seja, leva-se em consideração, por exemplo, a relevância de uma realidade local. Já “Corbin e Strauss defendem a identificação de um problema e questão de investigação específicos” (Cullen & Brennan, 2021, p. 3).

Nesta tese optou-se pelo uso da *Grounded Theory* a partir dos pressupostos de Charmaz (2014) com base nos três requisitos: interpretação, ressignificação e ação. A outra limitação reside no fato de que quaisquer estudos qualitativos podem conter algum nível de subjetividade, porém há a necessidade de ressaltar o cuidado e rigor tomados a partir do momento em que se optou pela construção da *Grounded Theory* a partir das prerrogativas demandadas por Charmaz.

Em referência as recomendações para pesquisas futuras mencionam-se, pelo menos, duas. A primeira diz respeito a ‘discussões adicionais: uma agenda de pesquisa’ (subseção 4.8) as quais foram propostas e reflexões promovidas pelos entrevistados. Já a segunda sugestão de pesquisa refere-se a compreensão a respeito do Prisma Técnico.

Nesta tese os três Prismas em foco foram o Teórico, o Metodológico e o Pedagógico. No entanto, uma lacuna a ser compreendida é quanto aos conhecimentos dos futuros docentes em contabilidade quanto aos seus campos de atuação: educação, tributário, ambiental, societário e etc.

## REFERÊNCIAS

- Abdullah, I., Brink, A. G., Eller, C. K., & Gouldman, A. (2016). Pedagogical training in Ph. D. programs: How does accounting compare to similar disciplines?. In *Advances in accounting education: Teaching and curriculum innovations*, 18, 111-145. doi.org/10.1108/S1085-462220160000018005
- Abib, J. A. D. (2001). Teoria moral de Skinner e desenvolvimento humano. *Psicologia: reflexão e crítica*, 14(1), 107-117.
- Ahrens, T. (2009). Everyday accounting practices and intentionality. *Accounting, Organizations, and Institutions, Oxford University Press, Oxford*, 30-47.
- Alver, F., & Caglar, S. (2015). The impact of symbolic interactionism on research studies about communication science. *International Journal of Arts & Sciences*, 8(7), 479-484.
- Araujo, A. M. P. (2017). Formação do Professor de Contabilidade: uma proposta pedagógica Professor Training for Accounting: a pedagogical proposal. *Revista De Estudios e Investigación En Psicología y Educación, Extr.(6)*, p. 49-054. doi.org/10.17979/reipe.2017.0.06.2222
- Ardini, L., & Dewi, N. H. U. (2016). Understanding Budget Reality in The Perspective of Symbolic Interactionism. *International Research Journal of Business Studies*, 9(2), 105-118. doi.org/10.21632/irjbs.9.2.105-118
- Baker, V. L., & Pifer, M. J. (2011). The role of relationships in the transition from doctoral student to independent scholar. *Studies in Continuing Education*, 33(1), 5-17. doi.org/10.1080/0158037X.2010.515569
- Bairrão, J. (1995). A perspectiva ecológica em psicologia da educação. *Psicologia*, 10(3), 7-30.
- Bastalich, W. (2015). Content and context in knowledge production: A critical review of doctoral supervision literature. *Studies in Higher Education*, 42(7), 1145-1157. doi.org/10.1080/03075079.2015.1079702

- Bazeley, P. (2018). Mixed methods in my bones”: Transcending the qualitative-quantitative divide. *International Journal of Multiple Research Approaches*, 10(1), 334-341. doi.org/10.29034/ijmra.v10n1a22
- Blumer, H. (1986). *Symbolic interactionism: Perspective and method*. Univ of California Press.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol. 1. Attachment*. New York, NY: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Vol. 2. Separation*. New York, NY: Basic Books.
- Bowlby, J. (1977). The making and breaking of affectional bonds: I. Aetiology and psychopathology in the light of attachment theory. *The British journal of psychiatry*. *The British Journal of Psychiatry*, 130(3), 201-210.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Vol. 3. Loss: Sadness and depression*. New York, NY: Basic Books.
- Brasil. Ministério da Educação e Cultura. (2022). *Resolução nº 5*, de 10 de março de 1983, atualizada em junho de 2022. Fixa normas de funcionamento e credenciamento dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*. Disponível em [CAPES - Catálogo de Atos Administrativos](#) acesso em 9 de abr. 2024.
- Bretherton, I. (1992). The Origins of Attachment Theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28(5), 759-775.
- Bryman, A. (2016). *Social Research Methods*. Oxford University press.
- Cabanas, E. (2020). Experiencing Designs and Designing Experiences: Emotions and theme parks from a symbolic interactionist perspective. *Journal of Destination Marketing & Management*, 16, 1-9. doi.org/10.1016/j.jdmm.2018.12.004
- Carnegie, G., Parker, L. and Tsahuridu, E. (2021) It’s 2020: what is accounting today? *Australian Accounting Review*, 31(1), pp. 65- 73. doi: 10.1111/auar.12325

- Cao, J., Kristanto, A. B., & Gu, Z. (2024). Evolution of Research Streams and Future Research Directions in Accounting Education: Quantitative Systematic Literature Review. *Issues in Accounting Education*, 1-35. doi: 10.2308/ISSUES-2023-09
- Carter, M. J., & Fuller, C. (2016). Symbols, Meaning, and Action: The past, present, and future of symbolic interactionism. *Current sociology*, 64(6), 931-961. doi.org/10.1177/0011392116638396
- Carvalho, V. D. D., Borges, L. D. O., & Rêgo, D. P. D. (2010). Interacionismo Simbólico: origens, pressupostos e contribuições aos estudos em Psicologia Social. *Psicologia: ciência e profissão*, 30(1), 146-161. doi.org/10.1590/S1414-98932010000100011
- Charmaz, K. (2008). A future for symbolic interactionism. In: *Studies in Symbolic Interaction*. Emerald Group Publishing Limited.
- Charmaz, K. (2014). *Constructing Grounded Theory*. 2nd Edition. Sage Publications.
- Charmaz, K., & Thornberg, R. (2021). The Pursuit of Quality in Grounded Theory. *Qualitative Research in Psychology*, 18(3), 305-327. doi.org/10.1080/14780887.2020.1780357
- Coates, A. (2020). The prevalence of philosophical assumptions described in mixed methods research in education. *Journal of Mixed Methods Research*, 15(2), 171-189. doi.org/10.1177/1558689820958210
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. (2022). Número de programas de doutorado em contabilidade (acadêmico e profissional). Disponível em <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoPrograma.jsf?areaAvaliacao=27&areaConhecimento=60200006> acesso em 12 abr. 2024.
- Correa, A. S. (2017). Interacionismo Simbólico: Raízes, críticas e perspectivas atuais. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, 9(17), 176-200.
- Creswell, J. W. (2007). *Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches*. 2 ed. California: SAGE Publications.

- Cullen, M. M., & Brennan, N. M. (2021). Grounded theory: Description, divergences and application. *Accounting, Finance & Governance Review*, 27. doi.org/10.52399/001c.22173
- Cypress, B. S. (2019). Qualitative Research: Challenges and dilemmas. *Dimensions of critical care nursing*, 38(5), 264-270. doi.org/10.1097/DCC.0000000000000374.
- Dalbem, J. X., & Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do Apego: Bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 12-24.
- Davidovitz, R., Mikulincer, M., Shaver, P. R., Izsak, R., & Popper, M. (2007). Leaders as Attachment Figures: leaders' attachment orientations predict leadership-related mental representations and followers' performance and mental health. *Journal of Personality and Social Psychology*, 93(4), 632-650. doi.org/10.1037/0022-3514.93.4.632
- DeLyser, D., Potter, A. E., Chaney, J., Crider, S., Debnam, I., Hanks, G., & Seemann, J. (2012). Teaching Qualitative Research: Experiential learning in group-based interviews and coding assignments. *Journal of Geography*, 112(1), 18-28. doi.org/10.1080/00221341.2012.674546
- Fogarty, T. J. (2018). The Narrowing of Academic Accounting: The Diminishing Range of Doctoral Student Interest. *The North American Accounting Studies*, 1(1), 37-54.
- Fox, K. A. (2018). The Manufacture of the Academic Accountant. *Critical Perspectives on Accounting*, 57, 1-20. doi.org/10.1016/j.cpa.2018.01.005
- Funari, C. A., & Lindemann, R. H. (2023). Questões socio científicas balizadas por dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais na formação inicial de professores. *Periferia*, 15. doi: 10.12957/periferia.2023.74931
- Furness, M. P. (2020). What predicts career adaptability?: an application of achievement goal theory and adult attachment theory. *Journal of Career Development*, 47(6), 671-685. doi.org/10.1177/0894845318815610

- Germano, I., & de Castro, C. A. (2010). Pesquisa em saúde: perspectivas narrativistas, métodos e níveis de análise. *Psicologia argumento*, 28(60), 17-29.
- Guntari, I. S., & Jatmika, S. (2023). Application of TPACK (Technological Pedagogical Content Knowledge) in accounting subjects at vocational high school (SMK) Batik 1 Surakarta. *Cetta: Jurnal Ilmu Pendidikan*, 6(4), 843-853. ISSN: 2615-0891
- Hample, D. (2008). Issue Forum: Breadth and Depth Of Knowledge In Communication: Introduction: What Should a New PhD Know?. *Communication Monographs*, 75(2), 111-135. doi.org/10.1080/03637750802088323
- Haynes, K. (2010). Other Lives in Accounting: Critical reflections on oral history methodology in action. *Critical Perspectives on Accounting*, 21(3), 221-231. doi.org/10.1016/j.cpa.2009.11.002
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524.
- Hinson, R., Boateng, H., Renner, A., & Kosiba, J. P. B. (2019). Antecedents and Consequences of Customer Engagement on Facebook: An attachment theory perspective. *Journal of Research in Interactive Marketing*, 13(2), 204-226. doi.org/10.1108/JRIM-04-2018-0059
- Hodge, P. A., & Costa, A. D. S. M. D. (2021). História Oral e Pesquisa Organizacional: Desafios da construção de conhecimento sobre o passado. *Revista Organizações & Sociedade*, 28(99), 721-756. doi.org/ 10.1590/1984-92302021v28n9901PT
- Hudson, D. L. (2013). Attachment Theory and Leader-follower Relationships. *The Psychologist-Manager Journal*, 16(3), 147-159. doi.org/10.1037/mgr0000003
- Jack, L., & Saulpic, O. (2019). How Qualitative Research can Infuse Teaching in Accounting. *Qualitative Research in Accounting & Management*, 16(4), 457-462. doi.org/10.1108/QRAM-05-2019-0109

- Jaime, P., Godoy, A. S., & Antonello, C. S. (2007). História de vida: origens, debates contemporâneos e possibilidades no campo da administração. Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade.
- Jonker, J., & Pennink, B. (2010). The essence of research methodology: A concise guide for master and PhD students in management science. Springer Science & Business Media.
- Khosa, A., Burch, S., Ozdil, E., & Wilkin, C. (2020). Current Issues in PhD Supervision of Accounting and Finance Students: Evidence from Australia and New Zealand. *The British Accounting Review*, 52(5), 100874. doi.org/10.1016/j.bar.2019.100874
- Laffin, M., & Gomes, S. M. D. S. (2014). The pedagogical training of teachers in stricto sensu programs in Accounting Sciences. *Australian Journal of Basic and Applied Sciences*, 8(18), 255-265.
- Lee, M. (2014). Bringing the Best of Two Worlds Together for Social Capital Research in Education: Social network analysis and symbolic interactionism. *Educational Researcher*, 43(9), 454-464. doi.org/10.3102/0013189X14557889
- Libâneo, J. C. (2003). O Ensino de Graduação na Universidade: a aula universitária. Goiânia: UCG.
- Lye, J., Perera, H., & Rahman, A. (2006). Grounded theory: A theory discovery method for accounting research. In: *Methodological Issues in Accounting Research: Theories, Methods and Issues*. Spiramus, 129-159.
- Magrini, V. de O., Silva, M. A. da, Silva, S. M. C. da, & Soares, E. C. (2024). Barreiras e tensões paradigmáticas na contabilidade: relatos de um pesquisador não convencional. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 17(1), 098–111/112. <https://doi.org/10.14392/asaa.2024170105>
- Markham, A. N., & Lindgren, S. (2014). From Object to Flow: Network sensibility, symbolic interactionism, and social media. *Symbolic Interaction and New Social Media*, 43, 7-41. doi.org/10.1108/S0163-239620140000043012



- Marraais, K., Moret, L., & Pope, E. (2018). I Found a Fit': Doctoral student narratives of coming to a theoretical home in a qualitative research class. *International Research in Higher Education*, 3(2), 83-98. doi.org/10.5430/irhe.v3n2p83
- Martins, E. A. (2012). *Pesquisa contábil brasileira: uma análise filosófica* [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo. Pesquisa contábil brasileira: uma análise filosófica (usp.br)
- Mathes, B. M., Timpano, K. R., Raines, A. M., & Schmidt, N. B. (2020). Attachment Theory and Hoarding Disorder: A review and theoretical integration. *Behaviour Research and Therapy*, 125, 103549. https://doi.org/10.1016/j.brat.2019.103549
- Molinari, M., & de Villiers, C. (2021). Qualitative Accounting Research in the Time of COVID-19 – Changes, Challenges and Opportunities. *Pacific Accounting Review*, 33(5), 568-577. doi.org/10.1108/PAR-09-2020-0176.
- Muhamad, R., Yahya, Y., Shahimi, S., & Mahzan, N. (2009). Undergraduate Internship Attachment in Accounting: The interns perspective. *International Education studies*, 2(4), 49-55.
- Ngozwana, N. (2018). Ethical Dilemmas in Qualitative Research Methodology: Researcher's reflections. *International Journal of Educational Methodology*, 4(1), 19-28. doi: 10.12973/ijem.4.1.19
- Nóvoa, A. (1991). *Formação de Professores e Profissão Docente*. Comunicação apresentada no 1º Congresso Nacional da Formação Contínua de Professores In. Formação Contínua de Professores: Realidades e Perspectivas. Aveiro: Universidade de Aveiro. (citei apenas uma vez no corpo do texto).
- Oliver, C. (2011). The Relationship between Symbolic Interactionism and Interpretive Description. *Qualitative health research*, 22(3), 409-415. doi.org/10.1177/1049732311421177
- Panicker, A., Basu, K., & Chung, C. F. (2020). Changing Roles and Contexts: Symbolic interactionism in the sharing of food and eating practices between remote,

- intergenerational family members. *Proceedings of the ACM on Human-Computer Interaction*, 4(CSCW1), 1-19. doi.org/10.1145/3392848
- Parker, L. (2014). Qualitative Perspectives: Through a methodological lens. *Qualitative Research in Accounting & Management*, 11(1), 13-28. doi.org/10.1108/QRAM-02-2014-0013
- Pelger, C., & Grottko, M. (2015). What about the future of the academy?—Some remarks on the looming colonisation of doctoral education. *Critical Perspectives on Accounting*, 26, 117-129. doi.org/10.1016/j.cpa.2014.09.007
- Popper, M., & Maysel, O. (2003). Back to Basics: Applying a parenting perspective to transformational leadership. *The Leadership Quarterly*, 14(1), 41-65. doi.org/10.1016/S1048-9843(02)00183-2
- Preissle, J., & Marrais, K. (2015). Teaching reflexivity in qualitative research: Fostering a research life style. In *Qualitative inquiry and the politics of research*, 189-196.
- Raineri, N. (2015). Business Doctoral Education as a Liminal Period of Transition: Comparing theory and practice. *Critical Perspectives on Accounting*, 26, 99-107. doi.org/10.1016/j.cpa.2013.11.003
- Ralph, N., Birks, M., & Chapman, Y. (2015). The Methodological Dynamism of Grounded Theory. *International Journal of Qualitative Methods*, 14(4), 1-6. doi.org/10.1177/1609406915611576
- Ramsarghey, K. (2020). What Educator Capabilities are Necessary for Reflective Learning in Accounting Students?. *South African Journal of Higher Education*, 34(2), 230-247. https://dx.doi.org/10.20853/34-2-3336
- Riley, P. (2013). Attachment Theory, Teacher Motivation & Pastoral Care: A challenge for teachers and academics. *Pastoral Care in Education*, 31(2), 112-129. doi.org/10.1080/02643944.2013.774043

- Roach, A., Christensen, B. K., & Rieger, E. (2019). The Essential Ingredients of Research Supervision: A discrete-choice experiment. *Journal of Educational Psychology, 111*(7), 1243-1260. doi.org/10.1037/edu0000322
- Roulston, K., Preissle, J., & Freeman, M. (2013). Becoming Researchers: Doctoral students' developmental processes. *International Journal of Research & Method in Education, 36*(3), 252-267. doi.org/10.1080/1743727X.2013.806469
- Rubin, A. L., Redressa, A., Medeiros, G., Bechara, L., Carvalho, P., & Cheng, R. (2015). Didática no ensino superior: Um modelo integrativo articulado ao ensino de Psicologia. *Revista Gestão & Políticas Públicas, 6*(1), 79-97.
- Rubinstein-Avila, E., & Maranzana, S. (2015). Dual Reflections on Teaching and Learning of Autoethnography: Preparing doctoral students authentically for a career in the academy. *Qualitative Research in Education, 4*(3), 243-268. doi.org/10.17583/qre.2015.1328
- Sayed, S., Kussaba, C., & Duarte, S. L. (2017). A Lei das Sociedades Anônimas e o Processo de Convergência para os Padrões Internacionais Contados pela História Oral e de Vida. *Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade, 7*(1), 252-270. doi.org/10.18028/2238-5320/rgfc.v7n1p252-270
- Sekaran, U., & Bougie, R. (2016). *Research methods for business: A skill building approach*. John Wiley & Sons.
- Serpe, R. T., & Stryker, S. (2011). The symbolic interactionist perspective and identity theory. In: *Handbook of Identity Theory and Research*. Springer, New York, NY, 225-248.
- Simpson, J. A., & Rholes, W. S. (Ed.). (2015). *Attachment theory and research: New directions and emerging themes*. Guilford Publications,
- Singh, S., & Estefan, A. (2018). Selecting a Grounded Theory Approach for Nursing Research. *Global Qualitative Nursing Research, 5*, 1-9. doi.org/10.11772333393618799571

- Slomski, V. G., Anastácio, J. B., de Araujo, A. M. P., Slomski, V., & de Carvalho, R. F. (2020). Casos da Prática Educativa na Aprendizagem da Docência Universitária. *Education Policy Analysis Archives*, 28, 33-33. doi.org/10.14507/epaa.28.5041
- Smith, G. S. (2007). Maurice Stans'views on Social Responsibility in the Accounting Profession. *Accounting Historians Journal*, 34(1), 147-172. doi.org/10.2308/0148-4184.34.1.147
- Smith, G. S. (2019). Using Oral History Interviews in Accounting Research. *Journal of Accounting and Finance*, 19(5), 151-159.
- Sorenson, R. L. (1997). Doctoral students' integration of psychology and Christianity: Perspectives via attachment theory and multidimensional scaling. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 36(4), 530-548.
- Stevenson, L., Power, D., Ferguson, J., & Collison, D. (2018). The Development of Accounting in UK Universities: An oral history. *Accounting History*, 23(1-2), 117-137. doi.org/10.1177/1032373217733112
- Sukoharsono, E. G. (2022). Constructing the understanding of non-positivist research paradigm and method. *The International Journal of Accounting and Business Society*, 30(1), 167-186.
- Tie, Y. C., Birks, M., & Francis, K. (2019). Grounded Theory Research: A design framework for novice researchers. *SAGE Open Medicine*, 7, 1-8. doi.org/10.1177/2050312118822927.
- Verschoore. (2021). When Rigor Meet Reality: Reflections on graduate programs in accounting in Brazil. *Revista Catarinense da Ciência Contábil*, 20, 1-5. doi.org/10.169302237-7662202131562.
- Yip, J., Ehrhardt, K., Black, H., & Walker, D. O. (2017). Attachment Theory at Work: A review and directions for future research. *Journal of Organizational Behavior*, 39(2), 185-198. doi.org/10.1002/job.2204

- Wahyuni, D. (2012). The research design maze: Understanding Paradigms, Cases, Methods and Methodologies. *Journal of Applied Management Accounting Research*, 10(1), 69-80.
- Wichmann-Hansen, G., & Herrmann, K. J. (2017). Does External Funding Push Doctoral Supervisors to be More Directive? A large-scale Danish study. *Higher Education*, 74, 357-376. doi.org/10.1007/s10734-016-0052-6
- Wu, C. H., & Parker, S. K. (2017). The Role of Leader Support in Facilitating Proactive Work Behavior: A perspective from attachment theory. *Journal of Management*, 43(4), 1025-1049. doi.org/10.1177/0149206314544745
- Zabala, A., & Arnau, L. (2010). Como aprender e ensinar competências. Porto Alegre: Penso.

## **APÊNDICE A**

### **Roteiro de Entrevista**

A elaboração das questões foi feita com base em Bowlby (1977), Charmaz (2014), Nóvoa (1991) e Slomski et al. (2020).

#### **Questões de Abertura**

- A) Qual o trimestre/semestre/ano do doutorado em que você se encontra?
- B) Qual seu ano de ingresso no doutorado?
- C) Você cursou o mestrado e doutorado na mesma instituição? Se sim, foi com o mesmo orientador(a)?
- D) Em que fase, caso já tenha iniciado, da construção da tese você se encontra?

#### **Perguntas iniciais**

1. Conte-me sua trajetória profissional e acadêmica até o momento de decidir cursar o doutorado em contabilidade.
2. Que mudanças positivas e negativas, se houverem, ocorreram em sua vida desde sua aprovação?
3. O que levou você a escolher seu(sua) orientador(a), bem como a escolha de seu tema de pesquisa?
4. Quais são as demandas que um doutorado exige e como você faz para lidar com elas na sua rotina diária?
5. Enquanto doutorando(a), você poderia dizer como descreveria a pessoa que você é hoje? E como você se enxerga no mercado de trabalho após o término do doutorado?

#### **Perguntas intermediárias**

1. Poderia descrever as lições mais importantes que você aprendeu com a experiência do doutorado e principalmente na construção de sua tese? O que ou quem te ajuda a administrar os desafios impostos nessa construção?
2. Conte-me sobre o primeiro contato com seu/sua orientador(a) e como é a relação (dinâmica dos encontros, as trocas de conhecimentos, etc.) de vocês.
3. Vocês pesquisam na mesma linha ou houve alguma adaptação de sua parte ou da dele(a)?
4. Houve algum momento de incerteza, medo ou angústia após a entrada no doutorado? Qual foi o papel de seu/sua orientador(a) nesse momento? Há algum tipo de proximidade entre vocês que tenha abertura quando tais sentimentos e preocupações surgem?
5. Com relação a construção teórica de sua tese, como você a percebe hoje, foi difícil de encontrá-la, construí-la ou foi algo natural/tranquilo tendo em vista o problema que você busca responder?
6. Entendendo que a intencionalidade faz parte das escolhas, o que levou você a escolher essa teoria? Você pode comentar um pouco sobre a importância dessa teoria para sua tese?
7. Em termos ontológicos e epistemológicos como você enquadra a sua tese?

8. Quanto aos aspectos metodológicos na construção da tese, o que você considera mais importante ou mais apropriado ser inserido nesse capítulo?
9. Conte-me qual(is) o(s) método(s) predominante(s) na prática de suas pesquisas e principalmente em sua tese? O que levou você a essas escolhas?
10. Você poderia comentar um pouco sobre o uso/importância/pertinência de métodos quantitativos e qualitativos em pesquisas da área contábil?
11. Levando em consideração os instrumentos de pesquisa para a coleta das informações qual(is) é(são) de predominância em suas pesquisas?

### **Perguntas finais**

1. Quando se comenta sobre implicações pedagógicas nos referimos a educação, ensino-aprendizagem, currículo, docência, projetos e treinamento. Para você, caso sua intenção seja à docência houveram discussões sobre esses pontos até o momento de seu doutorado? Comente.
2. Quais suas intenções profissionais após o término do doutorado? Há ou houve algum contato/experiência profissional (mercado de trabalho) durante o doutorado?
3. Ao atingir o grau de doutor(a) há algo que a literatura chama de ‘poder de voz’ o que você pode comentar sobre isso e a importância dessa mais alta titulação acadêmica como profissional e ser social?
4. Depois de passar por essas experiências onde você se imagina daqui a dois, cinco, dez anos e que conselho você daria a alguém que acaba de descobrir que foi aprovado(a) em um doutorado em contabilidade?
5. Existe algo mais que você acha importante acrescentar nessa entrevista, cujo foco é compreender como se encontram os futuros doutores em contabilidade e em particular quanto aos Prismas Teóricos, Metodológicos e Pedagógicos?

## APÊNDICE B

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Nós, Carla Milena Gonçalves Fernandes e Profa. Dra. Adriana Maria Procópio de Araujo, pesquisadoras na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto São Paulo – FEA-RP/USP, estamos convidando você, a participar da pesquisa intitulada “Entre Prismas Teóricos, Metodológicos e pedagógicos: reflexões sobre os futuros doutores em contabilidade”.

a) O objetivo desta pesquisa é de analisar os Prismas Teóricos, Metodológicos e Pedagógicos de doutorandos em contabilidade na construção da tese bem como do ser profissional.

b) Caso você participe da pesquisa, será necessário executar uma tarefa, a qual consiste em participar de uma entrevista semi-estruturada. O participante de pesquisa terá acesso as perguntas somente depois que tenha dado o seu consentimento.

c) Para tanto, você deverá acessar o link enviado por e-mail. A entrevista terá duração aproximada de 1 hora. Enfatiza-se que em virtude de a pesquisa ser em formato remoto (online) há como prerrogativa importante que o participante possa guardar uma cópia do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) eletrônico. Ofício Circular Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS em <https://sistemas.ffclrp.usp.br/down.php?id=4777&d>

d) É possível que você experimente algum desconforto, principalmente relacionado a cansaço, em função da atenção exigida no que tange o roteiro da entrevista da pesquisa e em função de alguma questão que possa causar tal inconveniente. No entanto, se isso acontecer você estará livre para desistir da pesquisa em qualquer etapa dela. Diante dessa desistência esse Termo de Consentimento será devolvido imediatamente a você.

e) Os riscos previstos dessa pesquisa são mínimos, como o desconforto emocional, frente a estes riscos o pesquisador se compromete em garantir assistência imediata, integral e gratuita. Além disso, é possível que o participante se sinta inseguro e de algum modo alguma pergunta represente um gatilho que se interseccione com a sua história de vida. Tal fato é pertinente a esta tipologia de pesquisa. Posto isso, o respondente pode interromper a entrevista sem qualquer ônus ao mesmo.

f) Os benefícios esperados com essa pesquisa são decorrentes das compreensões que podem ser estabelecidas a partir das reflexões sobre como se encontram os futuros doutores em contabilidade na construção da tese, bem como do ser profissional. Os benefícios da pesquisa estão voltados para a possibilidade de os participantes refletirem e ampliem seus conhecimentos sobre o tema citado.

g) As pesquisadoras, Carla Milena Gonçalves Fernandes e Adriana Maria Procópio de Araujo, responsáveis por esta pesquisa, poderão ser localizadas nos endereços eletrônicos: “[carlamilena@usp.br](mailto:carlamilena@usp.br)” e “[amprocop@usp.br](mailto:amprocop@usp.br)”, para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrada a pesquisa. O participante também poderá entrar em contato com o Comitê de ética em Pesquisa (CEP) para eventuais dúvidas sobre questões éticas do Projeto. Comitê de ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Rua Clóvis Vieira, casa 40.



CEP: 14040-901 – Ribeirão Preto – SP – Brasil. Telefone: (16)33154811 – Atendimento de segunda a sexta-feira, das 13h30 às 17h30. E-mail: coetp@listas.ffclrp.usp.br

h) Após a aprovação do Comitê de Ética, iniciará a coleta das informações, no qual será enviado aos respondentes, a Carta Convite, formalizando o processo de assentimento. Na sequência, será enviado o roteiro de entrevista, bem como o recebimento de uma via do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). O TCLE poderá ser impresso pelo participante ou salvo por meio de um print da tela. O participante terá acesso ao conteúdo/teor do roteiro de entrevista antes de “assinar” o TCLE, podendo visualizar os tópicos a serem questionados e após definir o seu consentimento.

i) Referente ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), dispensou-se também, o campo de assinatura dos participantes dado que os mesmos vão receber o roteiro de entrevista de forma eletrônica e podem aceitar ou não participar da pesquisa, fato que corresponde a assinatura.

j) A sua participação nesta pesquisa é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado. Ainda é garantido do direito do participante de não responder a qualquer questão, mesmo sendo obrigatória, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, podendo também se retirar da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo algum.

k) O material obtido a partir das respostas dos participantes será utilizado unicamente para essa pesquisa e será destruído/descartado por meio de formatação ao término da pesquisa, dentro de cinco anos contados da data de encerramento formal da pesquisa.

l) As informações relacionadas a pesquisa poderão ser conhecidas por pessoas autorizadas. Os pesquisadores que terão acesso aos dados e informações coletadas são aqueles acima mencionados, Carla Milena Gonçalves Fernandes e Adriana Maria Procópio de Araujo. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a sua identidade seja preservada e mantida sua confidencialidade.

m) As despesas necessárias para a realização da pesquisa, como a assinatura de plataformas *on-line* para incursão do instrumento de pesquisa e *software* estatísticos e de organização de dados, não são de sua responsabilidade e você não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação, ou seja, não haverá despesas nem compensações financeiras para o participante (Resolução CNS N° 510 DE 2016, art.17, item VII). Ainda é garantida ao participante o ressarcimento de despesas decorrentes de sua participação na pesquisa, pois caso essas despesas ocorram, elas serão absorvidas pelo orçamento da pesquisa. Observa-se ainda que o participante tem direito à indenização pelo dano decorrido da pesquisa, nos termos da lei (Resolução CNS N° 466 de 2012, item IV.3.h e Resolução CNS N° 510 de 2016, item 17.VII).

n) Quando os resultados da pesquisa forem publicados, não aparecerá seu nome, uma vez que há o compromisso com o seu anonimato e os dados serão tratados de modo conjunto. Além disso, os pesquisadores garantem que os resultados do estudo serão encaminhados para publicação com os devidos créditos aos pesquisadores associados do projeto; e serão também divulgados para os participantes da pesquisa e para as instituições onde os dados foram obtidos.

o) Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética que é um órgão colegiado multi e transdisciplinar, independente,

que existe nas instituições que realizam pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil e foi criado com o objetivo de proteger os participantes de pesquisa, em sua integridade e dignidade, e assegurar que as pesquisas sejam desenvolvidas dentro de padrões éticos (Resolução nº 466/12 Conselho Nacional de Saúde).

p) Esse termo poderá ser baixado do google drive, a qualquer momento que você desejar usando o link fornecido no momento do envio do questionário, assim, permitido que você tenha posse de todo o conteúdo presente nesse documento. Ressalta-se a importância de você guardar em seus arquivos uma cópia desse documento eletrônico de anuência.

Li e concordo em participar

Ribeirão Preto, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

[Assinatura do Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE]